
ESTRELA
Anjos de Elysium - livro 3
olivia wildenstein

ESTRELA

Anjos de Elysium - livro 3

olivia wildenstein



contents

Sinopse
Hierarquia dos anjos
Glossário Angélico
Aviso

Prólogo
Chapter 1
Chapter 2
Chapter 3
Chapter 4
Chapter 5
Chapter 6
Chapter 7
Chapter 8
Chapter 9
Chapter 10
Chapter 11
Chapter 12
Chapter 13
Chapter 14
Chapter 15
Chapter 16
Chapter 17
Chapter 18
Chapter 19
Chapter 20
Chapter 21
Chapter 22
Chapter 23
Chapter 24
Chapter 25
Chapter 26
Chapter 27
Chapter 28
Chapter 29
Chapter 30
Chapter 31
Chapter 32

Chapter 33
Chapter 34
Chapter 35
Chapter 36
Chapter 37
Chapter 38
Chapter 39
Chapter 40
Chapter 41
Chapter 42
Chapter 43
Chapter 44
Chapter 45
Chapter 46
Chapter 47
Chapter 48
Chapter 49
Chapter 50
Chapter 51
Chapter 52
Chapter 53
Chapter 54
Chapter 55
Chapter 56
Chapter 57
Chapter 58
Chapter 59
Chapter 60
Chapter 61
Chapter 62
Chapter 63
Chapter 64
Chapter 65
Chapter 66
Chapter 67
Chapter 68
Chapter 69
Chapter 70
Chapter 71
Chapter 72
Chapter 73
Chapter 74
Chapter 75

Chapter 76
Chapter 77
Chapter 78
Chapter 79
Chapter 80
Chapter 81
Chapter 82
Epílogo

NEWSLETTER
Agradecimentos
Outros livros da autora
Sobre a autora

sinopse

“Cinco estrelas gloriosas. Estrela é enemies to lovers puro, perfeição sensual e paranormal.” DANA ISALY, autora de Games We Play

FATO ANGÉLICO NÚMERO 100: Ter asas não torna ninguém nobre. Simplesmente faz voar.

Naya e Adam não têm nada em comum. Além das asas negras. A mesma data de aniversário. E pais tão próximos como irmãos.

Mas nada mais.

A doce e diligente Naya sempre obedeceu às regras. O arrogante e rude Adam tornou como missão de vida quebrar cada uma.

Ela é a filha amada de um arcanjo. Ele é o *bad boy* residente da associação… bem um bad pluma.

Quando Naya se lança na vida de Adam para solicitar um lugar em sua equipe clandestina de tutores, ele a rejeita. A última coisa que seu esquadrão não sancionado de guardiões precisa é da atenção de um arcanjo, e a última coisa de que *ele* precisa é de uma distração loira e alegre, com uma voz pecaminosa e olhos comoventes.

O problema é que Naya, de repente e inexplicavelmente, se torna a única coisa que ele deseja.

hierarquia dos anjos

SERAPHIM
Também conhecidos como Arcanjos. Existem sete deles. Ser celestial de mais alta classificação.
Verities (anjos de sangue puro).

MALAKIM
Coletores de almas.
Verities.

ISHIM
Responsáveis pelos rankings. Eles estabelecem as pontuações do pecador.
Verities.

ERELIM
Sentinelas celestiais.
Verities e híbridos.

OPHANIM
Trabalhadores da sociedade celestial: professores e supervisores.
Principalmente híbridos, mas abertos a Verities.

PLUMAS
Jovens anjos que ainda não completaram suas asas.
Verities e híbridos.

NEPHILIM
Anjos caídos. Desonrados. Sem asas. Mortais.

SHORHIM
Anjos da guarda.
Verities e híbridos.

glossário angélico

aheevaleh – meu amor
ayim – água celestial
haccoul – gato selvagem elíseo colorido
kalkohav – luz das estrelas
kaskaseem tobahat – caspa retal
leh – meu
lehatsamehot – mostrem-se
levsheh – amada
motasheh – bonequinha
naida – primoroso
neshahadza – alma metade
ni aheeva ta – eu te amo
shorhim – guardiões
vehnleh – meu filho

aviso

Estrela ocorre 18 anos após *Pluma*. Tomei a liberdade histórica de transformar uma república presidencial em uma monarquia para fins da história. Lembre-se de que esta continua sendo uma obra de ficção e, embora não seja distópica, é paranormal.


Para o meu Adam,
um dos meus três anjos.

prólogo

dois anos antes



adam

FATO ANGÉLICO #1000:
O tamanho e o brilho das asas não são medidas do valor de ninguém.

— NÃO É FÃ DE FESTAS?

Olhei para o anjo que se aproximou de mim em um canto do átrio iluminado pelas estrelas. Cabelo loiro escuro bem penteado para cima e para o lado, barba aparada, olhos cinza e asas douradas. Embora ele as mantivesse dobradas, não deixei de ver como elas não tinham apenas as pontas metalizadas, mas eram inteiramente metálicas, como se ele as tivesse mergulhado dentro de uma cuba de metal fundido. Também não deixei de notar o quanto eram cheias.

Voltei o olhar para a multidão pavoneante.

— Não sou fã de festas da *associação*. Mas imagino que você sim, já que está participando de uma.

O ascendido sorriu.

— Eu não vim de Elysium para as festividades.

— Então por que veio? Para exibir sua herança pura de *verity*? — Os ossos das minhas asas vibraram com a provocação, mas surpreendentemente, nenhuma pena me abandonou.

Dois anos crescendo e perdendo as farpas felpudas pretas nas minhas costas, e eu ainda não havia entendido o limite de tolerância do ishim.

O sorriso do anjo loiro se ampliou.

— Acredite ou não, fiz a viagem para conhecê-lo, Adam.

Ele tinha minha atenção parcial, mas agora, era completa. Esvaziei o copo de suco de abacaxi batizado que a peguete atual de Noah havia contrabandeado para a festa na associação de Londres e me afastei do quartzo coberto de hera para enfrentar o visitante.

Eu gostava de surpresas tanto quanto gostava de estranhos, o que significava nem por uma *pluma*. Um cidadão do Elysium me procurando fez minhas penas eriçarem.

Cruzei os braços, feliz que aos dezesseis anos, eu já era tão alto quanto este ascendido.

— Quem é você e o que quer?

— Meu nome é Dov e quero recrutá-lo.

— Como o sabonete? — Eu ainda estava processando a segunda parte de sua resposta.

— Sem o *e*. — Ele estendeu o braço para o pardal com asas de arco-íris. Normalmente arredio, o mascote da associação pousou e bicou os nós dos dedos de Dov. Sem encontrar comida, saltou e retomou o concerto.

— Me recrutar para que, Dov sem *e*?

— Para um projeto clandestino que estou liderando.

Minhas penas ainda não estavam calmas. Olhei para Noah, mas meu amigo estava ocupado testando a distância que sua língua poderia alcançar a garganta da sua garota para prestar atenção a mim e ao meu visitante elísio.

Dov se afastou da parede de quartzo brilhante.

— Nosso sistema tem malakim, ishim, erelim, ophanim, mas não shorhim. Você nunca achou isso estranho?

Embora eu quisesse fingir que ele não tinha me perdido com o jargão angelical, fui vencido pela curiosidade e cedi.

— Shorhim?

— Guardiões.

Meu pulso acelerou.

— Os humanos falam de anjos da guarda o tempo todo e, ainda assim, proteger os humanos não é uma de nossas prerrogativas. — Dov olhou ao redor da vasta sala, parando de vez em quando em um dos cerca de cem plumas adolescentes abarrotados ao redor das sete fontes. — Acredito que os humanos se beneficiariam com a proteção. — Ele voltou sua atenção para mim. — Minha proposta, no entanto, não ganhou força em Elysium, e é a razão de minha viagem até as associações. Depois de estudar milhares de perfis, descobri que você se encaixa em todos os critérios que um guardião deve possuir.

Não pude evitar o bufo que me escapou.

— Guardiões não precisam ser altruístas?

— E você não é?

Usava meu holo-classificador para encontrar minha próxima ficante. E sim, por fim reformava as pecadoras para as quais me vinculava, mas minha intenção principal era totalmente egoísta.

— Estudei você, Adam. Você ajuda muitos de seus colegas em suas missões, sem que isso o beneficie de forma alguma.

— A experiência beneficia a todos.

— O que eu quis dizer foi… você é consciente e se preocupa. Essas são as

qualidades que procuro para meus guardiões. — Dov endireitou os ombros, se fazendo parecer mais corpulento em seu uniforme cinza tipo uma toga que estava tão em desacordo com os trajes jeans e camiseta da minha geração. — Eu sou um ishim, Adam. Sei *tudo* o que acontece com nossos plumas. *Tudo*.

Parecia mais uma ameaça do que um encorajamento, mesmo assim eu perguntei:

— Você disse guardiões. Há outros?

— Você seria o primeiro.

— Por quanto tempo?

— Até que decidamos trazer novos candidatos.

— Você faria a seleção deles uma decisão *compartilhada*?

— Faria. A menos que você prefira que eu…

— Eu gostaria de ter poder de decisão sobre isso.

Um sorriso satisfeito curvou os cantos da boca de Dov.

— Eu ainda precisaria ir em missões para reformar humanos ou você apenas estalaria os dedos e faria minhas penas crescerem?

Ele gargalhou.

— Gosto de você. Eu gosto mesmo de você.

Isso fazia um de nós.

— Nem mesmo os seraphins possuem esse tipo de magia, então você ainda terá que se vincular para missões. Você só vai demorar mais tempo nelas. E quando terminar, continuará conectado por mais algumas semanas. Meses, seria ainda melhor.

— Se você sabe *tudo* sobre mim, então sabe *tudo* sobre meus pais. Semanas podem colar com eles, mas meses… sem chance, Ish.

— Então semanas, que seja. De qualquer forma, espero que você esteja protegendo humanos ao mesmo tempo que suas missões. Vou trazer arquivos sobre pecadores mal-intencionados, e tudo o que você terá que fazer é ficar de olho neles para se certificar de que não prejudiquem outros seres.

Meu coração palpitou, minhas extremidades formigaram e meu estômago embrulhou. A última vez que senti tanta empolgação foi quando os ossos das minhas asas finalmente perfuraram a carne ao longo da minha espinha, dois anos atrás.

— Me conte mais.

— Vou te contar tudo, mas só se você estiver dentro. — Ele estendeu a mão.

Fiquei olhando para a mão, para ele, para suas asas de ouro maciço.

— Alguma pegadinha?

— Que isso fique entre você e eu até que eu construa meu argumento de que os shorhim deve ter um lugar em nossos mundos.

Eu poderia trabalhar com isso.

— Última pergunta. Eu estaria quebrando alguma regra?

— Isso alguma vez te impediu?

Um sorriso lento se espalhou pela minha boca.

— Acho que não.

Dov acenou para sua mão esticada.

Eu a apertei, marcando meu último dia como um pluma com asas de morcego e o primeiro como um salvador de asas negras.

um

dias atuais



adam

FATO ANGÉLICO #34:
Todos os plumas devem merecer suas asas.

A ESQUIVA herdeira de Elysium estava aqui em Londres, em frente a humana com a qual eu estava prestes a terminar com cortesia.

Naya Moreau.

Os anjos não tinham sobrenomes, mas a filha de Seraph Asher tinha. Bufei, o que atraiu a atenção das duas garotas para mim.

— Moreau, é? — O nome soou familiar. Eu provavelmente já tinha visto em um holo-classificador. Não era um nome totalmente incomum. — É por parte de pai ou de mãe? — provoquei a loira com as asas negras brilhantes.

Claro, foi um pouco baixo. Mesmo para mim, mas como em Abaddon ela escapou de mentir sem perder uma pena? Eles tinham uma escala especial no Elysium para a progênie dos Sete? Isso explicaria a densidade de suas asas. Não duvidava de que ela tivesse saído em missões – eu tinha ouvido *tudo* sobre elas, e não apenas de meus pais, mas também de meus companheiros plumas –, mas acumular mais de novecentas penas em cinco anos era uma façanha que ninguém antes de Naya jamais havia realizado.

— Minha mãe. — Sombreados por uma franja de cílios, seus olhos brilhavam como suas asas.

Fiquei tão distraído examinando a garota diante de mim que minha cabeça precisou de alguns segundos para se recuperar e lembrar qual pergunta ela respondeu.

Certo. O sobrenome dela.

Olhei para o chão com olhos semicerrados, presumindo que encontraria uma pena solitária lá. Afinal, sua mãe Celeste era um anjo. O pavimento não brilhava com penugem preta. Me ocorreu que ela devia estar se referindo à mãe biológica.

— Por que tanto interesse pelo sobrenome da minha família, Adam? — Naya ergueu o rosto, o que afastou a cortina de cabelos loiros. O filete de luz que fluía do pub prendia-se na curva suave de seu nariz, na forma de arco de seus lábios e na ponta graciosa de seu queixo. — Você não tem um? — ela perguntou

de um jeito agradável, embora não houvesse nada de agradável em seu tom.

No mínimo, parecia um desafio e, embora eu não fosse do tipo que evita desafios, estava farto de perder penas nesse dia. No ritmo em que as estava ganhando, tentava me limitar a uma perda por semana.

O ar agitou-se quando Emmy deu um passo em minha direção e pegou meu antebraço.

— O sobrenome de Adam é Tobiasson.

Naya estudou minha expressão.

— Não me diga…

Emmy segurou meu braço com mais força, dando mais uma olhada em Naya.

— Então, estávamos indo para casa.

— Que sorte a minha. — Naya sorriu, entreabrindo os lábios para revelar dentes brancos e perfeitos.

Claro que seus dentes eram perfeitos. Afinal, a garota não era humana. No entanto, seu cabelo… era volumoso, meio ondulado, meio reto, como se ela tivesse passado a tarde rolando entre os lençóis.

Minha pele se endureceu com a imagem que esse pensamento provocou. Tirei as mãos de Emmy do meu braço, escondi as asas e comecei a andar rápido pela rua. Eu estava planejando deixar Londres pela manhã, mas mudaria para hoje à noite.

Quando cheguei às estrebarias brancas com a porta preta encerada e colunas gregas brancas, presas entre casas brancas estreitas idênticas com portas pretas e colunas brancas, a música do celular soou. Peguei o telefone do bolso de trás da calça jeans, me recostei confortavelmente contra um pilar e abri a mensagem.

GALINA: *Viu as notícias, querido? Um assassino em série está pintando Chicago de vermelho. Me encontra na Cidade dos Ventos?*

Um link para um artigo apareceu na tela. Cliquei nele e passei pelos parágrafos. Ah, me depene.

GALINA: *Big D acha que você deveria ficar em Londres para ficar de olho na Família, mas acho que seria bom reunir a turma novamente. Já se passou muito tempo.*

EU*: Acho que poderia fazer um bate-volta.*

Um GIF de uma dançarina dando socos no ar iluminou a tela.

GALINA: *Sensacional. Todo mundo já está a caminho. Consegui uma casa bem bonita que podemos usar como base.*

Não perguntei como ela tinha encontrado a casa. Galina tinha um jeito com

as pessoas, humanos e anjos, e esse jeito dava a ela acesso a uma infinidade de vantagens.

GALINA: *A menos que você prefira dormir na casa da Emmy. Ou na sua próxima pecadora…*

EU: *Preciso me mudar ou meus pais vão suspeitar. Me envie o endereço. Te encontro lá em algumas horas.*

Depois de guardar o telefone no bolso, bati o pé com impaciência. Eu podia ouvir Papa me repreendendo sobre como a impaciência tirava a doçura da vida. Como um ascendido de dois séculos, ele tinha o luxo da paciência. Uma vez que eu estivesse confinado ao mundo angelical sem nada melhor para fazer e muito tempo livre, eu aprenderia a sentar e sorrir para as pessoas vagando.

Emmy e Naya se aproximaram a passos de lesma, conversando sobre só os anjos sabiam o quê. Possivelmente o clima de Londres – sempre ruim – ou talvez Emmy estivesse listando as amenidades que vinham com o apartamento – nenhuma.

— Você não é uma fugitiva, é? — Emmy perguntou quando elas finalmente alcançaram o número 9 da Queen's Gate.

Naya puxou a bolsa ainda mais para cima no ombro sem asas, afastando o cabelo bagunçado do caminho, e colocou a pequena mala sobre as rodas.

— Por que você acharia isso?

Maldito Abaddon, a voz dela… rouca como um ronronar. Se ascender não funcionasse para a herdeira, ela poderia conseguir emprego em um *call center* adulto. O pensamento torceu meus lábios em um sorriso. O papai querido adoraria isso.

Emmy gesticulou para ela.

— Só estou perguntando. Não quero ter problemas com as autoridades.

— Sou uma turista em uma missão de conhecer sua cidade e seu povo. — Ela gesticulou para a vizinhança colorida com tanta empolgação que *eu* quase cai, mas todos os residentes das associações sabiam que Naya estava atrás de uma coisa, e só uma: chegar a Elysium rapidamente. Uma caçadora de penas, não turista. — Talvez você possa me mostrar seus lugares favoritos na cidade. A menos que esteja ocupada com seu estágio.

Passar um tempo com Emmy provavelmente fazia parte da tática de reforma de Naya. Apesar de todo o trabalho que fiz na garota entre minhas missões de shorhim, a humana ainda não conseguia se impedir de afanar coisas que não eram dela.

Os olhos azuis de Emmy brilharam quando ela pisou na varanda da casa da

família.

— Normalmente, estou ocupada com Adam.

Sua programação está prestes a ficar bem *livre, querida.*

Eu queria me sentir mal, mas tudo o que senti foi alívio. Enquanto meu melhor amigo Noah se apegava a tudo que se movia – fosse animal, humano ou anjo – eu não me apegava a nada. Principalmente humanos. Qual era o objetivo? Eu iria para Elysium e, embora alguns deles eventualmente encontrassem o caminho até lá, eu não estava esperando que suas almas fossem coletadas por um malakim e carregadas por um canal.

Enquanto Emmy girava a chave na fechadura, ela olhou para onde eu estava parado com os braços firmemente cruzados.

— Você ainda tem pertences no apartamento, Adam, ou trouxe tudo para o meu?

Desejei que a trava abrisse para que eu pudesse entrar e sair, mas a antiga fechadura vermelha era mais temperamental do que Dov quando pedíamos sua ajuda. Mesmo que proteger fosse ideia dele, o homem não sujava as mãos.

— A fechadura pode ser chata — Emmy explicou antes de acrescentar com orgulho: — É vintage.

Considerando a direção dos olhos de Naya – voltados para mim – ela não parecia muito preocupada com o mecanismo defeituoso.

A trava *finalmente* abriu. Me afastei da coluna e abri a porta, segurando-a para as mulheres.

— Adam? — O rabo de cavalo de Emmy caiu sobre seu ombro.

— O que foi? — Meu tom rude a fez arregalar os olhos. — Desculpe. O quê? — Mantive meu tom plácido desta vez. Eu era muitas coisas, mas não um idiota com as mulheres. Pelo menos, não normalmente. Por que a presença de Naya estava me transformando em um estava além de mim.

— Perguntei se você tinha deixado alguma coisa no apartamento que a Naya está sublocando. — Emmy brincou com a ponta do rabo de cavalo castanho. Um tique nervoso dela.

Eu estava prestes a dizer que o apartamento estava vazio, há uma eternidade, já que só o usei como um pretexto para me aproximar dela, mas mudei de ideia.

— É melhor eu ir verificar. Não quero que Naya Moreau tropece em qualquer coisa que a faça corar.

— Não há necessidade de abusar do meu sobrenome, Adam. Naya está bom o bastante.

Eu sorri.

— Vou pegar a chave. — Emmy subiu correndo as escadas até o primeiro andar.

Quando as dobradiças rangeram, inclinei a cabeça para o lado e observei mais atentamente a pluma loira na luz amarela da escada. Eu me lembrava de ouvir alguns dos meus companheiros de associação discutindo sua aparência depois de conhecê-la durante um baile entre associações que falhei em comparecer. Achei que eles estavam exagerando como ela era bem torneada – afinal, a maioria das plumas femininas eram sacos de ossos –, mas Naya era cheia de curvas e vales afilados.

— Me diga, Naya, é coincidência você ter escolhido Emmy Rogers?

Com os olhos fixos nos meus, ela respondeu com uma única sílaba:

— Não.

dois



naya

ENDIREITEI os ombros enquanto Adam semicerrava um pouco mais os olhos verdes.

Se Apa descobrisse por que procurei o filho de seu melhor amigo, ele me mataria. Não literalmente, é claro. Enquanto tivesse os ossos das asas, eu era imatável. Além disso, meu pai não era do tipo assassino. Ele apenas me diria o quanto estava decepcionado comigo e que me educou para não quebrar regras, então me lembraria de como eu estava perto do meu objetivo de mil penas.

Desde o meu nascimento, obedeci a *todas* as regras dos meus pais e do mundo, e ganhei pena após pena para provar meu valor. Não que eu tivesse deixado de ser uma boa garota, eu só estava pronta para ser uma garota melhor.

— Você não está aqui pela Emmy, está? — A respiração de Adam atravessou o fino espaço entre nossos corpos.

— Eu me vinculei a ela, mas você está certo, não estou aqui pela Emmy. Estou aqui por você.

Suas pupilas se dilataram, engolindo suas írises coloridas até restar apenas um delgado anel de esmeralda.

— Ha. Eu sabia.

O pluma que encurralei a respeito de Adam me avisou que ele não aceitaria bem a minha visita; ele falhou em mencionar o tamanho do ego do garoto.

— Convencido, não?

Adam sorriu, me mostrando uma única covinha e ainda mais uma asa cheia de arrogância.

— Vamos parar com os agrados.

— Pouco da nossa interação foi agradável — interrompi com doçura, o que aumentou a curvatura de seus lábios e aprofundou sua covinha.

— O que você quer de mim, Naya Moreau?

— Entrar. Eu quero *entrar*.

— *Entrar*? — Ele pareceu ficar mais quieto, mais alto. — Você vai ter que explicar melhor. No meu antigo apartamento? No meu círculo de conhecidos? Na minha cama?

Não pude deixar de revirar os olhos. Quero dizer… sério? Ele achou que eu viria até aqui por uma transa? Sem falar que ele tinha uma namorada, que, pelo

rangido do patamar do primeiro andar e o tilintar do metal, estava voltando com as chaves do apartamento que paguei mais do que vale para morar por um mês.

Dei um passo para trás, me afastando do homem alto.

— O Noah me encaminhou para o Dov, que me encaminhou para você.

Soltar o nome de seu melhor amigo e do ascendido no comando teve o efeito pretendido: a presunção de Adam murchou.

— Você conheceu o Dov?

— Conheci.

Ele baixou a voz para um sussurro rouco.

— E ele está de acordo em deixar a filha de um Seraphim se juntar ao rebanho?

— Estou aqui, não estou?

— Está tudo bem? — Emmy me olhou com sobrancelhas inclinadas.

— Sim. — Eu sorri. — Eu estava apenas dizendo ao Adam que encontrei seu melhor amigo em Estocolmo, e ele mandou um oi. Ou melhor, *hej*.

A veia na têmpora de Adam estava pulsando forte.

— Então vocês dois se conhecem? — Emmy passou o braço em volta da cintura de Adam como se quisesse me lembrar de que ele era seu.

— Não, mas nossos pais são melhores amigos. — Peguei uma mecha de cabelo que tinha ficado presa entre a seda da minha jaqueta e as alças da bolsa e a soltei.

— Seus pais são melhores amigos, mas vocês nunca se encontraram?

Os tendões de Adam flexionaram ao longo de seu pescoço.

— Não tivemos o prazer.

Emmy piscou. Na verdade, eu também achava estranho que nunca tivéssemos nos cruzado. Ainda mais porque eu conhecia bem Tobias e Gabriel. Principalmente Tobias.

Há dois anos, perguntei a Ama sobre Adam e por que ele nunca aparecia nos eventos da associação da família. No estilo usual de Celeste, ela sorriu e respondeu: *Estrela, considere-se sortuda por ter conhecido algum garoto. Se dependesse do seu pai, ele a manteria escondida até que você tivesse pelo menos um século de idade.*

Na época, suspirei e ainda suspirava agora, porque meu pai era extremamente protetor e fazia o melhor para afastar potenciais pretendentes de mim. Como ele era um dos Sete, seu melhor era muito eficaz. Os garotos me olhavam, mas nenhum jamais ousou se aproximar. Minha melhor amiga, Raven, me disse que havia até um boato circulando pelas associações e Elysium de que

se alguém colocasse um dedo em mim, seria designado para Abaddon no segundo em que ascendesse. Como alguém acreditava nisso estava além de mim, mas meu pai podia agir de um jeito bem assustador às vezes.

Desviei do casal parado e tenso diante de mim e caminhei até a única porta neste andar.

— O apartamento fica um andar abaixo. — Emmy acenou para a escada.

Franzi o cenho.

— Achei que tinha um jardim e muita luz natural… — Só porque eu estava planejando usar o apartamento alugado como base operacional não significava que eu queria morar em um porão úmido.

Adam fez um som que me irritou.

— É melhor você ir para casa, princesa.

Ir para casa não era uma possibilidade, já que estava cheio de intrometidos com olhos de águia, e esse meu novo empreendimento iria desmoronar e queimar antes mesmo de começar se alguém tomasse conhecimento dele.

Emmy levantou uma sobrancelha.

— Princesa? Você é da realeza?

Olhei feio para Adam.

— Não.

Ao longo dos anos, ouvi o filho de Tobias ser descrito por muitos anjos de várias maneiras. Os três adjetivos mais prevalentes foram: convencido, alto e rude. Algumas pessoas eram generosas o suficiente para chamá-lo de bonito. Na minha opinião, suas feições eram muito grandes e sombrias. Exceto seus olhos. Eles eram vibrantes, mas tão calculistas que podiam ser negros como suas asas.

— Me siga. — Emmy desceu as escadas à minha frente. Havia duas portas neste andar inferior. Ela acenou com a cabeça para a que era pintada em laranja brilhante que estava descascando em alguns lugares, então inseriu uma chave enorme e girou. A porta se abriu rapidamente, mas considerando sua finura, provavelmente teria aberto com uma cotovelada.

Ela acendeu as luzes e uma lâmpada no teto de papel machê ganhou vida.

— Aqui fica a cozinha. — Emmy apontou para uma despensa de azulejos ocre com uma pequena geladeira branca, torradeira e pia. — O banheiro é deste lado. — Ela acenou com a cabeça para a porta em frente à cozinha antes de entrar em um espaço quadrado com portas de vidro deslizantes, uma cômoda branca laminada, cama queen-size e um cabideiro de rodízio com cabides vazios. — Você trouxe o pagamento inicial em dinheiro como eu pedi?

Tirei o envelope contendo a mesada mensal da associação do bolso da

jaqueta e coloquei na mão dela.

Ela espiou, contou as notas de cem libras, depois enfiou o envelope no bolso de trás de seu jeans branco.

— Tem lençóis limpos na cômoda. Toalhas também. Tem uma área de serviço com lavadora e secadora no corredor. Você terá que comprar seu próprio sabão. O Wi-Fi é gratuito. A senha é *emmyrogers111*, tudo em minúsculas. — Ela começou a voltar para a porta, mas parou quando percebeu que Adam não a estava seguindo. — Vamos?

— Só vou dar uma olhada ao redor.

— Eu posso esperar.

Ele contraiu a mandíbula.

— Já vou subir.

A expressão de Emmy endureceu. Ela olhou para Adam, depois para mim, depois de volta para ele e se virou, seu rabo de cavalo balançando. Como ela não havia fechado a porta, o rangido da escada penetrou bem dentro do espaço do tamanho de uma boneca.

Um minuto depois, uma porta se fechou. Adam caminhou até a cômoda e metodicamente enganchou seus longos dedos nas maçanetas, abriu as gavetas, fechou-as, sem tirar o olhar do meu rosto.

Claramente, revistar o apartamento era uma desculpa para conversar, e ele estava tentando evitar perder uma pena.

— O que exatamente Noah e Dov lhe contaram?

— Eles explicaram o que você faz durante todo esse tempo extra que gasta nas missões.

— Você quer dizer… seduzir mulheres, conhecer restaurantes e frequentar bares?

— Tenho certeza de que você faz todas essas coisas e muito mais, mas não era isso que eu estava insinuando, Adam.

Ele fechou a gaveta de forma brusca e se aproximou de mim, a ponta dos tênis brancos dele encostando nas minhas botinhas de couro.

— Você. Não. Sabe. De. Nada.

Inclinei a cabeça, relutante em ser intimidada por este macho rosnando.

— Na Suécia, me vinculei a uma mulher que sequestrou uma criança. Adivinha quem entrou na casa logo depois que ela prometeu devolver a criança à mãe? O detetive do caso *e* Noah. — Respirei fundo e soltei o ar. — Eu o encurralei após a prisão, e ele disse que estava vinculado no cara, e que era uma coincidência engraçada que estivéssemos “trabalhando” no mesmo caso, mas aí

ele perdeu uma pena. — Larguei a bolsa na cama e coloquei a outra ao lado da cômoda.

Achei que Adam havia murmurado a palavra *fraco*, mas seus lábios estavam tão apertados que eu provavelmente imaginei o som.

— Durante nossa longa jornada de duas horas de volta às associações, tirei tudo dele. — Tirei o carregador da bolsa e cacei uma tomada. Quando encontrei uma, me agachei e liguei meu aparelho que estava acabando a bateria. Quando me levantei, afastei o cabelo do rosto e retribuí o olhar firme de Adam. — Admiro o que vocês fazem, e é por isso que estou aqui. Eu quero entrar. Também quero ser shorhim.

— Não.

Eu pisquei.

— Não posso acreditar que o Dov sequer te deu atenção. A filha da porcaria de um seraphim! — Adam enfiou a mão em seus cachos cor de mogno com gel. — Você percebe o que aconteceria com nossa equipe se alguém em Elysium ouvisse sobre isso? Eles acabariam com ela, e possivelmente conosco.

— Eu nunca deduraria.

— Você tem um pai *muito* atencioso.

— É por isso que me mudei das associações.

Adam soltou um grunhido frustrado.

— Esse foi o erro número um!

Fiz uma careta.

— Como isso foi um erro?

— Você já viveu fora de uma associação?

— Não.

Ele balançou a cabeça.

— Então seu pai provavelmente já está suspeitando de você. O que significa que ele irá suspeitar de mim e de Dov em pouco tempo. — Ele caminhou até a parede, arrancou o carregador da tomada e o jogou na minha bolsa. — Vá para casa. Vou pegar seu dinheiro de volta. — Ele foi para a porta.

— E depois vai me deixar ajudar?

Ele se virou e voltou para mim pisando firme, me afastando até chegar na cama, meus joelhos dobrarem e eu ser forçada a sentar.

— Você não entende *pluma* nenhuma, Naya? Sua ajuda só vai fazer o resto de nós se machucar.

— Está me rejeitando por causa da minha família?

— Ah… você finalmente está entendendo.

Sua rejeição e tom esvaziaram meus pulmões.

— O Dov disse que eu…

— Como líder da equipe, tenho o direito de vetar suas sugestões.

Apertei os lábios.

— Você sabe quantas penas eu…

— Mais de novecentas. *Todo mundo* sabe. Seus pais estão ah-tão-orgulhosos de sua filhinha.

— Novecentas e quarenta e sete para ser exata, então…

— Bravo, Estrela. — Ele bateu palmas lentamente.

— Não me chame assim — rebati.

— Não se preocupe. Depois desta noite, não vou te chamar de nada, já que nossos caminhos não se cruzarão novamente. Não até Elysium, mas isso só acontecerá em alguns anos para mim. Antes do final deste ano para você. Talvez antes do final do verão?

— Você simplesmente ama o som da sua própria voz? É por isso que você não me deixa terminar uma única frase?

Minha repreensão o fez ficar em um silêncio aturdido. *Finalmente*.

— Não compartilhei meu número de penas com você para receber aplausos. Compartilhei para te fazer entender que meus pais não se intrometem em minhas missões porque estou dentro do cronograma. Eles *confiam* em mim.

— Você seria um risco.

— O Dov não pensa assim.

— Bem, eu penso. — Seu olhar se fixou na janela, que, de fato, dava para um jardim privado. Mas poderia ser chamado assim quando não era maior do que a cozinha despensa perto da porta? — Você já é. — Ele alcançou a porta desta vez. — Boa benfeitoria, *Naya*.

A maneira como ele disse meu nome, arrastando-o como se o som fosse desagradável, fez minhas penas invisíveis se arrepiarem.

— Eu fui avisada que você era um idiota, mas é pior que isso.

Os cantos de sua boca se elevaram enquanto ele se afastava.

— Foi bom te conhecer também.

No lugar do dedo médio, eu mostrei para ele meu indicador, que era à prova de ishim e igualmente evocativo. Minha advertência silenciosa apenas aumentou sua diversão.

Depois que ele se foi, eu marinei em raiva silenciosa, mas então me levantei da cama, peguei o carregador e o enfiei de volta na tomada. Eu não precisava da aprovação de Adam ou da proteção de Dov para proteger humanos desavisados.

Tudo que eu precisava era de internet de alta velocidade e holo-classificadores, e eu tinha acesso aos dois.

três



adam

FATO ANGÉLICO #6:
Embora as palavras sejam preferíveis, socos são permitidos.

QUANDO CHEGUEI à porta do apartamento de Emmy, meu sangue estava mais pressurizado do que a água em um show de fontes.

Meu plano para a noite era desfrutar de Emmy uma última vez e trabalhar em um discurso de separação compassivo. Não me preocupar se os ossos das asas dos meus companheiros plumas estavam em perigo de serem queimadas por serafins, porque se minha equipe fosse descoberta, todos os envolvidos sofreriam, incluindo Dov.

O ranqueador era tão cauteloso que não consegui descobrir por que ele correu o risco de enviar uma das filhas dos Sete na minha direção. Será que era porque Noah tinha tagarelado e Dov se sentiu encurralado para confessar?

Passei as mãos pelo rosto, um rosnado preso na minha garganta. Por fim, peguei o telefone e mandei uma mensagem para Noah:

Quando você planejava me contar sobre a companhia que teve em Estocolmo?

Ao mesmo tempo que apertei enviar, apareceu uma mensagem dele.

NOAH: *Galina acabou de ligar. Ela disse que vamos nos mudar para Chicago.*

— Baby? — Emmy chamou.

— O que foi? — grunhi, poucas palavras me irritavam mais do que *baby*. De acordo com meus pais, eu nunca gostei de ser referido como uma criança, nem mesmo quando *era* uma criança.

Ela saiu do banheiro apenas de calcinha e uma carranca. Enquanto ela se aproximava, remexendo os quadris, desliguei o telefone e o enfiei no bolso de trás da calça jeans.

Uma confusão de cada vez.

Emmy segurou minha nuca.

— Ei… o que houve? Aconteceu alguma coisa lá embaixo?

Hã? Ah, certo… Naya. Olhei feio para as tábuas do piso, esperando que a

pluma pudesse sentir minha irritação através da madeira velha e do gesso pintado, então levantei o olhar de volta para Emmy, tentando banir a herdeira do seraphim da minha cabeça, mas seu rosto sobrepujou o da minha futura ex. Fechei os olhos e apertei a ponte do nariz, sentindo o pulso queimar nas minhas têmporas.

Lábios macios pressionaram contra os meus duros, tentando persuadi-los a se abrirem, mas meu pensamento continuava a correr para qual deveria ser meu próximo passo.

Deveria voltar lá para baixo, dizer a Naya que mudei de ideia e dar a ela algo para fazer para que acredite que está dentro e mantenha a organização em segredo?

Não. Seu pai descobriria. Ele estaria na nossa cola antes mesmo que eu pudesse formular uma mentira ambígua o suficiente para não me desplumar das trezentas e sessenta e três penas que tinha.

Emmy fez um som, uma espécie de murmúrio entalado que me tirou dos meus pensamentos e me jogou de volta no apartamento da humana. O que é que eu estava fazendo? Eu precisava terminar com ela e ir embora para Chicago me encontrar com os outros. Não só tínhamos um *assassino em série* para impedir, mas também tinha que avisá-los que Naya sabia de nossas atividades na surdina do holo-classificador e que as chances de sermos pegos pelos manda-chuvas tinham acabado de disparar.

Eu me afastei da boca de Emmy e dei um passo para trás.

— Não posso mais fazer isso, Em. Sinto muito.

No que dizia respeito aos discursos de separação, eu precisava admitir que já havia feito melhor.

Seu queixo caiu, depois caiu mais um pouco

— Você está terminando comigo?

Fiz uma careta. Meu discurso foi medíocre, mas conciso, não?

— Aconteceu uma coisa e eu tenho que ir para casa. — Olhei ao redor da sala, tentando me lembrar se trouxe algo além de roupas para a casa de Emmy.

Meus olhos grudaram no vaso de cerâmica em forma de tronco que enchi de rosas amarelas no dia em que ela devolveu os brincos de diamante que havia roubado de sua madrasta. Ela nunca confessou o roubo e não sabia que o buquê era minha maneira de parabenizá-la por ter desenvolvido consciência.

Aquele dia coincidiu com o crescimento das minhas penas e o dia em que me desvinculei dela. Há exatamente um mês. Fiquei por perto, porque Dov me entregou um arquivo incômodo sobre uma família de supostos filantropos com

notas variando de 47 a 100.

— Quando você estará de volta? — A voz de Emmy me afastou dos meus pensamentos.

— Aqui? Nunca mais. — Fechei os dedos, esticando a pele com crostas sobre os nós dos dedos.

— Não entendo…

Eu estava falando alemão vienense de novo? Às vezes, eu me desviava para minha língua materna. Ou francês, embora eu não soubesse ao certo por que preferia tanto esse idioma. Eu tinha uma teoria de que minha mãe biológica era francesa, mas Apa a desmantelou rapidamente.

Como Apa ainda tinha vergonha de ter traído Papa, com uma mulher ainda por cima, eu parei de questionar.

A importância não era como se entrava no mundo, mas o que se fazia quando se estava nele. O mantra dos meus pais, e agora o meu.

Se minha facção de guardiões viesse com um lema, seria esse.

— Sabe de uma coisa? Que se dane o meu estágio. Eu vou com você. — Emmy se virou e foi para o quarto separado da sala de estar por uma grossa cortina bege. — O que devo levar?

Por um minuto estupefato, eu a encarei e então me arrastei em direção ao quarto.

— Desculpe, mas não vou te levar comigo, Em.

— Por que não? Porque não sou da realeza como a minha nova inquilina?

Eu bufei. Ela achava que Naya era uma princesa de verdade?

— Eu não poderia levar nem o rei da Inglaterra para casa se quisesse.

O rei não tinha ossos das asas, então presumi que ele fosse inteiramente humano. A menos, e isso era muito lamentável quando acontecia, seu pai com sangue de anjo não o tivesse deixado dentro de uma associação antes da puberdade, aquela idade mágica em que nossos ossos curvos se materializaram.

— Por que não? — ela choramingou.

— Porque meus pais são peculiares com quem faço amizade e levo para casa.— Pronto. Não era mentira.

— E daí? Não sou boa o suficiente?

— Você é uma garota muito doce, e isso, *nós,* foi divertido, mas tenho dezoito anos e não estou procurando nada sério ou de longo prazo. Desculpe se te enganei. — Vi o meu suéter verde-floresta favorito nas costas da cadeira da escrivaninha, me aproximei e o peguei, depois comecei a colocar todas as outras peças de roupa que eu tinha deixado na casa dela na mochila solitária perto da

janela.

Depois que fechei o zíper, me virei e *paft*! Minha bochecha encontrou uma palma aberta.

Só levei um tapa de outra pessoa em toda a minha vida: um garoto de fraternidade que afastei de uma garota em uma festa e depois o espanquei até quase acabar com ele.

Graças à lei de autodefesa que os Sete implementaram, que aparentemente foi ideia de Seraph Asher, plumas não eram mais penalizados ao usar a força para se defender, desde que essa força não resultasse na morte de ninguém.

Embora eu achasse o papai de Naya detestável e hostil, especialmente comigo, só os anjos sabiam o porquê já que ele era amiguinho de Apa, eu o prezava por conseguir aprovar tal lei.

De qualquer forma, no dia em que levei o tapa, me matriculei em aulas extras de autodefesa na associação, e então, depois que Dov veio até mim com sua ideia de guardião, comecei a traçar perfis e ir atrás do furico de pecadores como o garoto da fraternidade, que não entendiam a palavra *não*. Em suma, aquele tapa tinha feito muito bem a *mim* e ao mundo humano.

Com a bochecha ardendo, coloquei a mochila no ombro, me perguntando quantos pontos o cartão de pontuação de pecador de Emmy tinha recebido. Ferir anjos era um grande não-não.

— Nunca levante a mão para alguém, a menos que estejam tentando te machucar.

— Você *está* me machucando.

— Não. Estou te deixando. E agora, estou fazendo isso sem arrependimentos. Ou melhor, um. Ter ficado tanto tempo.

Lágrimas escorreram por seu rosto.

— Saia da minha casa! Saia!

— Estou saindo. — Parei na porta da frente e olhei para a escada, dando à filha do seraphim um último pensamento antes de sair.

Envolvê-la envolveria o pai dela, e não podíamos pagar por isso.

quatro



naya

ACORDEI COM BATIDAS FORTES. Verifiquei a hora no telefone e gemi: três da manhã. Afastei o cabelo do rosto, meus fios ondulados fora de controle. Não que em algum dia estiveram *sob* controle. Ao contrário da maioria dos cabelos dos plumas, o meu sempre ficava uma bagunça, mas fazer penteados levava tempo e me fazia parecer uma mulher que eu ainda não me sentia.

Talvez assim que chegasse em Elysium, eu conseguisse arrumá-los. Eu teria pouco para fazer lá em cima. O que era outra razão pela qual eu estava freando minha ascensão. Eu ainda planejava chegar lá no próximo ano ou dois, mas, ao contrário do que Apa esperava, provavelmente não seria antes do final do verão.

Caminhei até a porta e a abri antes de me lembrar de duas coisas importantes: uma, eu não estava em uma associação, e dois, eu estava só de calcinha e camiseta, uma das antigas de Ama. Herdei sua coleção completa aos quatorze anos e, embora amasse todas, a dos Eagles era de longe a minha favorita.

Emmy tropeçou, mas se segurou no batente da porta.

— Ele me deixou, porra — ela balbuciou. Seu rímel estava borrado, o cabelo castanho solto e balançando em torno de uma jaqueta jeans adornada com uma dúzia de alfinetes coloridos. — Disse que não podia me levar para casa. Que eu não era boa o suficiente para conhecer os pais dele.

Fiz uma careta, tentando entender quem *ele* poderia ser. Eu geralmente era mais esperta, mas era madrugada.

— Adam?

— Quem diabos mais?

Esfreguei a têmpora.

— Sinto muito.

— Sente mesmo?

Meus dedos pararam.

— Por que eu não sentiria?

— Deixe-me ver. — Ela deu um passo vacilante para frente e bateu na porta do banheiro.

Segurei seu antebraço para impedi-la de cair de cara nos azulejos verdes-garrafa.

— Você aparece em Londres e ele me deixou. O que você disse a ele quando vocês dois… — ela soluçou — conversaram?

Quase soltei o braço dela, mas ophanim me ensinaram a segurar os humanos. Embora se referissem metafisicamente, muitas vezes eu o aplicava literalmente.

— Não falamos sobre você.

— Então por que ele me deixou? — ela meio que choramingou, meio que soluçou.

— Não sei.

— Você nem é bonita.

Meu aperto vacilou. Eu estava bem ciente de que não era um paradigma de beleza, mas mesmo assim doía ouvir isso. De uma completa estranha, ainda por cima.

Não percebi que minhas asas apareceram magicamente até que as penas roçaram a parte de trás das minhas coxas.

Emmy se livrou do meu aperto, então cambaleou por mim, apoiando uma mão na parede e apertando os olhos na escuridão do meu quarto.

— Ele está aqui?

Eu cruzei os braços.

— Não.

Uma porta bateu no andar de cima, e então uma voz masculina com forte sotaque gritou:

— Emmeline Rogers? Onde é que você está? Não pode me ligar no meio da noite e depois desligar.

Emmy cambaleou atrás de mim.

— Andar de baixo! Estou aqui embaixo — ela bateu a palma da mão contra a garganta e soltou um arroto de cheiro forte — com a nova garota. — Ela bateu na parede com tanta força que me preocupei que ela pudesse ter deslocado o ombro, mas então ela se virou, apoiou as palmas das mãos na parede e a repintou com o conteúdo de seu estômago.

Esta ia ser uma *longa* noite…

— Porra. — Passos ressoaram na escada e então um cara loiro vestido com roupas esportivas apareceu. Ele caminhou até Emmy e enganchou sua cintura para evitar que ela caísse no vômito. — Quanto você bebeu? — Mesmo que eu não tivesse falado nada e estivesse mergulhada nas sombras, seu olhar caiu para o feixe de luz do corredor que iluminava uma das minhas pernas. Lentamente, seu olhar subiu por ela até o meu rosto. — Estou supondo que você é a nova

inquilina. — Como era óbvio, não respondi. — Você não saberia o que ela ingeriu, não é?

— Infelizmente, não.

Emmy arfou novamente, mais vômito espirrando no rodapé fino.

Entrei na cozinha.

— Vou pegar um copo de água para ela.

— Acho que seria sábio. — Ele sorriu e, embora a maioria de seus dentes fossem tortos, gostei de seu sorriso, porque parecia genuíno.

Abri a torneira por alguns segundos até que a água esfriasse, então remexi no armário de madeira em busca de um copo. Peguei o primeiro que encontrei e o enchi, depois o levei de volta para o minúsculo vestíbulo e o entreguei ao amigo de Emmy.

Ele o pegou de mim com um rápido agradecimento, então encaixou a borda de plástico na boca da garota e o inclinou. A água escorreu por seu queixo e pescoço, molhando a jaqueta jeans e regata.

— Eu não quero água, Gray.

— Azar, porque você vai precisar de uma jarra disso.

Ela empurrou o pulso dele e, embora o braço de Gray tivesse se afastado, no segundo em que os soltou, ele levou o copo de volta à sua boca. Ela bebeu um gole com relutância, então tossiu. Felizmente, não vomitou mais.

— Vou levá-la para a cama e voltar para te ajudar. — O cara que ela chamou pela cor de seu moletom olhou para mim com expectativa, eu não tinha certeza do porquê. — Você tem um nome, garota nova?

— Oh… é Naya.

— Naya. — Ao contrário de Adam, ele fez as duas sílabas soarem bonitas.

— Não precisa voltar.

Seu olhar foi para Emmy, depois de volta para mim, abaixando de leve para minha camiseta antes de voltar rápido para o meu rosto.

— Cinco minutos. — Ele estendeu o copo vazio. — Eu sou Grayson, a propósito.

Depois que peguei o copo, ele pegou Emmy em seus braços, saiu pela porta e subiu as escadas antes que eu pudesse dizer a ele para não se preocupar. Eu a ouvi gemer e murmurar alguma coisa, o ouvi responder baixinho. Quem quer que fosse, foi bom que ela o tivesse chamado.

Suspirei, desejando possuir fogo de anjo. Teria tornado a limpeza mais fácil. Como não tinha, fui procurar material de limpeza e encontrei um saco de lixo solitário e um rolo de papel toalha pela metade embaixo da pia da cozinha.

Abri o pequeno saco plástico, molhei a toalha de papel e esfreguei a barra de sabão contra ela.

Limpei o melhor que pude e havia me livrado dos pedaços maiores do jantar de Emmy quando Grayson voltou. Eu provavelmente deveria ter colocado calças, mas aparentemente meu cérebro não era prático às três da manhã. Sem mencionar que Grayson já tinha visto a minha calcinha shortinho , e como Emmy havia mencionado, eu não era exatamente uma visão digna de ser contemplada.

Ele arrancou algumas folhas de papel toalha.

— Tem alguma coisa além desta barra de sabão?

— Não neste momento. Eu estava planejando ir ao Tesco pela manhã. Provavelmente deveria ter ido hoje à noite. — Joguei outra bola de papel suja no saco de lixo. — Ela está bem?

— Está dormindo. — Enquanto se agachava ao lado do rodapé, ele disse: — Por acaso você saberia por que ela mergulhou de cabeça em uma garrafa de gim?

— Parece que o Adam terminou com ela.

Ele olhou fixamente para mim, com a expressão tão suave que era impossível de ler, mas então suspirou.

— Ela estava muito apegada.

Enrolei os dois últimos lenços, encharquei-os e esfreguei-os com sabão.

— E ele não estava?

— Adam? — Grayson virou a cabeça para trás. — Ele claramente estava com a minha irmã pelo dinheiro dela. Saía o tempo todo e era muito vago sobre por que estava em Londres e de onde veio.

Um *interesseiro*? O diagnóstico de Grayson poderia ter me divertido se eu não estivesse ressentida com meu companheiro de penas que me olhava como se eu fosse um piolho de planta.

Apertei os dentes enquanto me inclinava para limpar as últimas manchas da festança de gin de Emmy.

— Então, a Emmy é sua irmã?

— Meia-irmã. Minha mãe se casou com o pai dela.

Ah.

— E você mora aqui também?

— Não. Eu moro em Camden. Você sabe, por Primrose Hill.

Eu não tinha ideia de onde era.

— Sou nova na cidade, lembra?

— Verdade. — Ele se endireitou e jogou o papel sujo no saco de lixo. Ele não era muito alto, mas era mais alto que meus 1,67m.

— Você acha que é seguro para ela dormir sozinha esta noite? — perguntei, porque secá-lo em silêncio estava ficando um pouco estranho. Não que ele parecesse se incomodar, já que estava relaxado e sorridente.

— Estava pensando em passar a noite com ela.

— Você é um bom irmão.

— Eu tento. — Ele esfregou um pedaço do cabelo raspado na lateral de sua cabeça. — Então, o que te traz a Londres?

Desviei o olhar para a parede e para a tinta encharcada, tentando decidir como explicar minha viagem sem mentir.

— Vim para um trabalho, mas não consegui.

— Um trabalho? E eu que assumi que você estava aqui para aulas de verão na universidade. Quantos anos você tem? Se não se importa que eu pergunte…

— Dezoito. — Olhei para os cabideiros de rodinhas e para o jeans que havia pendurado, me sentindo malvestida para uma conversa prolongada.

— Acho que eu deveria te deixar dormir um pouco. E verificar a bela roncando lá em cima. — Ele revirou os olhos, que eram de um tom límpido de azul, em direção ao teto, então passou os dedos pela franja e recuou, mas parou na soleira. — Vejo você de manhã, Naya?

Assenti.

Ele se inclinou e pegou o saco de lixo, amarrando-o.

— Vou me livrar disso.

Enquanto ele caminhava em direção à outra porta, que eu achava que levava à despensa, me encostei no batente.

— Obrigada.

Caminhando de volta na minha direção, ele limpou as mãos nas calças.

— Disponha. — Ele colocou um pé calçado de tênis na escada, então se virou. — Grande banda, por sinal. — Com a minha expressão confusa, ele apontou para a minha camiseta. — Eagles.

— Ah — olhei para mim mesma — sim.

— Pena que se separaram.

Brinquei com a bainha, tentando estendê-la para cobrir a calcinha shortinho.

— Três deles meio que… faleceram. — De acordo com Ama, um deles estava se aquecendo ao sol de Elysium, dando concertos esporádicos para quem voava por perto enquanto os outros dois expiavam seus pecados terrenos em Abaddon.

— Meio?

Sorri timidamente.

— Certo… morreram *mesmo*.

Sua boca inclinou para o lado em um meio sorriso.

— Boa noite, Naya. Fiquei feliz em conhecê-la. Apesar das circunstâncias.

Apoiei a cabeça na lateral da porta.

— Boa noite, Grayson.

Sua mandíbula ficou rosada. Ele a apertou, me deu um último sorriso agradável, então se virou e subiu as escadas.

Por que meu encontro com Adam não podia ter sido nem em parte quanto esse?

cinco



naya

HOUVE momentos em que desejei poder voar.

Agora era um deles.

Sob a chuva ruidosa de verão, as asas dobradas ao redor do meu corpo encharcado e os braços ocupados com duas sacolas marrons encharcadas cheias de itens essenciais, corri para o número nove da Queen's Gate. Levei cerca de três minutos revirando a chave dentro da fechadura para abrir a porta e, no final, não foi nem ela que fez o trabalho, mas o meio-irmão de Emmy.

A água escorria das minhas penas pretas e caía no chão atrás de mim. Seria preciso um olho bem treinado para detectar o estranho respingo de chuva, mas mesmo assim escondi as asas. Especialmente por que Grayson estava bem ali. Mesmo que os humanos não pudessem ver nem tocar nossas asas, eu não gostava da sensação estática de braços passando por elas.

— Deixe-me pegar isso para você. — Grayson estendeu a mão para pegar uma das sacolas.

— Fico feliz em ver que o cavalheirismo não está morto.

— Como metade dos membros do Eagles?

Eu ri.

— Sim. Exatamente.

Seus olhos azuis faiscaram na luz do sol que cortava seu rosto.

— Como a Emmy está se sentindo? — perguntei enquanto ele fechava a porta atrás de mim.

— Como aqueles companheiros de banda. Os mortos.

A morte não era uma grande coisa para nós anjos, mas para os humanos era, então achava o humor mórbido algo peculiar.

Com os braços presos ao redor da outra bolsa, que pesava tanto quanto minha irmã Lyla de cinco anos, desci as escadas antes de Crayon, com as chaves de casa tilintando em meus dedos, ecoando pelo espaço estreito.

— Era de se pensar que com direção totalmente autônoma em grandes metrópoles e internet à velocidade da luz, as pessoas acabariam com chaves e cadeados.

— Chaves não podem ser hackeadas.

Coloquei a bolsa na frente da porta.

— Ah, então você é um daqueles…

Ele ergueu uma sobrancelha.

— Um daqueles?

— RVS. Revivalista da Virada do Século. — Era um grupo mundial avesso à tecnologia e à mudança. Alguns resistiam em nome de qualquer deus que venerassem; outros por princípio, porque não confiavam em grandes corporações ou tinham preocupações éticas sobre como a tecnologia afetava sua raça.

Ele bufou e sorriu.

— Com certeza, não sou um RVS. Sou super a favor do progresso e da tecnologia. Quanto às chaves — ele acenou para a que eu estava enfiando na fechadura — estava insistindo com Emmy para se livrar delas, mas desde que seu pai a renegou, ela está tentando economizar, mesmo afirmando que as mantém porque são decorativas.

— Ele a renegou?

— A Emmy era uma garota festeira. Ela começou a mudar há alguns meses. — Seus dentes afundaram no lábio inferior enquanto ele me seguia até a cozinha e colocava a sacola na bancada apertada. — Estou rezando para que a bebedeira na noite passada tenha sido única e não uma recaída.

Eu me perguntei rapidamente se Adam tinha uma mão nisso, mas então o afastei dos meus pensamentos, não querendo deixá-lo estragar meu humor.

— Vou ficar por alguns dias para ter certeza. — Ele caminhou para o corredor estreito que ainda cheirava à visita noturna de Emmy. — Você provavelmente deveria arejar o lugar.

— Esse era o meu próximo passo. — Enquanto eu vasculhava as sacolas de compras em busca dos produtos de limpeza, Grayson caminhou até a porta do pátio e a abriu.

Eu me agachei e pulverizei, então limpei a parede e as tábuas do piso, provavelmente danificando os dois. Como é que eu ia saber? Se o pior acontecesse, eu compraria tinta. Eu podia não saber muito sobre as tarefas humanas, mas era bem versada em arte, graças a Ama, que dirigia o departamento de arte da minha associação de origem.

Eu não tinha o talento dela, no entanto tinha o conhecimento e a prática. Lyla, por outro lado, tinha puxado nossa mãe. Com cinco anos de idade, já estava criando pequenas obras-primas. A parede do meu quarto da associação estava cheia delas.

Minhas narinas formigavam com o cheiro químico dos produtos de limpeza e meus olhos lacrimejaram. Tirei as luvas e lavei as mãos repetidamente, ainda

assim, não consegui me livrar do cheiro.

Grayson encostou-se no batente da porta.

— Que almoçar lá em cima? Eu faço uma omelete incrível.

Meu estômago roncou.

Ele abaixou o olhar e sorriu.

— Estou levando isso como um sim.

Se ao menos todos os humanos pudessem ser tão agradáveis quanto Grayson. Mas até aí, se fossem, plumas não teriam mais um propósito. Fiz uma anotação mental para verificar sua pontuação na próxima vez que visitasse uma associação. Mais por curiosidade do que por acreditar que ele estava escondendo esqueletos em seu armário.

— Tem certeza de que a Emmy vai ficar bem com a minha presença?

— Claro

Já que eu deveria estar reformando-a, e eu gostaria de uma comida quentinha, pensei *por que não*?

— Você não estava saindo?

— Na verdade, eu estava indo comprar material de limpeza para você. — Ele esfregou a nuca até a pele ficar vermelha. — Você foi mais rápida.

— Isso é muito atencioso da sua parte. — Antes de fechar a porta do apartamento, olhei para a janela. Eu não tinha nada para ser roubado, mas estava chovendo. — Devo fechar a janela?

— Seu pátio — até Grayson reconheceu que estava muito longe de um jardim — só é acessível através do jardim dos inquilinos do térreo, então não há problema.

Assim que fechei a porta, sem me preocupar em trancá-la, perguntei:

— Quem mora lá em cima?

— Um casal de aposentados. Os dois são romancistas policiais. Ela é muito famosa.

A menção de romancistas policiais acendeu minhas sinapses. Como era útil ter pessoas fluentes em criminologia morando no andar de cima. Claro, romancistas significavam ficção, mas a ficção sempre estava impregnada da realidade.

— A senhora do terceiro andar é uma harpista com *muitos* gatos.

— De quantos estamos falando?

— Mais de uma dúzia. Ela tem um carrinho para eles e tudo mais. Na primavera passada, quando quebrou o quadril, ela tentou fazer com que Emmy levasse seu orgulho e alegria para tomar um ar. Emmy não quis, então a tarefa

veio para mim.

Este homem era a bondade personificada. Se ele tivesse um ponto em seu perfil de pecador, eu ficaria surpresa.

Ele olhou para mim quando começamos a subir o segundo lance de escadas.

— Recebi uma quantidade surpreendente de números de telefone durante a minha caminhada com os gatos.

Eu me peguei rindo.

— Minha melhor amiga ama animais. Ela com certeza teria te dado o número de telefone dela. — Mesmo que fôssemos desencorajados de ter encontros, especialmente com humanos, a maioria de nós ainda o fazia.

Podíamos ser anjos, mas estávamos longe de ser angelicais.

— E você? Teria me dado o seu?

Desviei minha atenção para seu rosto, pegando o menor indício de rubor nas maçãs do rosto e nariz.

— Para marcar um encontro com seus gatos?

Ele passou a mão pela franja, seu rubor se aprofundando.

— Ou comigo?

Meu coração disparou quando chegamos ao andar de Emmy, e não pelo esforço físico.

— Honestamente? Não. Eu não teria te dado meu número.

Seu rubor se dissipou, e o brilho em seus olhos embotou.

— Mas só porque não dou meu número de telefone para estranhos, nem mesmo para os bonitos com propensão a passear com gatos.

O brilho estava de volta.

— Inteligente.

— Você acabou ligando para alguma das garotas?

Ele empurrou a porta e fez um gesto para eu entrar na frente dele.

— Eu tinha namorada naquela época, então não. Mas guardei todos.

Ao contrário da caixa de sapatos escura que eu estava alugando, o apartamento de Emmy era um retângulo brilhante com tetos altos, sancas, parede de tijolos expostos pintada de branco e embutida com uma cozinha moderna, toda laminada de vidro e aço inoxidável. De um lado, duas grandes janelas davam para uma sacada, da outra pendia uma pesada cortina de veludo creme, que ia de uma parede à outra.

Me virei, observando as luzes do teto embutidas, a fileira de pequenos lustres de vidro sobre a ilha estreita, porém longa, da cozinha, a TV de tela plana emoldurada exibindo pinturas lendárias e o sofá em forma de U cor de vinho.

— Este lugar é deslumbrante.

— A Emmy decorou. Ela está estudando design de interiores. — Ele colocou a jaqueta de couro marrom em um gancho de parede em forma de chifres de veado.

— Ela tem talento para isso.

— O que *você* está estudando?

— Esse lugar. — Eu me virei para ele. — E agora, você.

Ele deu uma risadinha.

— Eu quis dizer na faculdade. — Ele voltou a esfregar a lateral do pescoço, parecia que meu olhar o estava deixando nervoso.

— Estudei um pouco de tudo, mas sociologia e artes marciais eram minhas favoritas.

Ele me olhou, provavelmente em busca de músculos salientes, dos quais eu não tinha nenhum. Pelo menos, não protuberantes.

— Eu sou enganosamente forte. — Coloquei a bolsa na ilha e flexionei os bíceps.

Outro sorriso iluminou seus olhos enquanto se dirigia à geladeira de aço inoxidável.

— Uma coisa boa para ser neste mundo. Principalmente como mulher.

Embora a violência não estivesse aumentando, também não estava diminuindo. E era por isso que eu planejava fazer algo sobre isso enquanto ainda podia. Quem sabia como seria o mundo em um século? Eu só podia esperar que fosse melhor, mais seguro, mas enquanto os humanos fossem governados pela ganância e inveja, a violência perduraria.

— Já fez aulas de autodefesa, Grayson?

Ele colocou uma caixa de ovos e uma braçada de vegetais coloridos na ilha.

— Não, mas eu malho muito.

Presumi que levantava pesos e, após uma rápida leitura de seus bíceps, deduzi que minha suposição estava correta.

— Muito chato.

— Não se você ouvir o que eu escuto.

— O que você ouve?

— Podcasts sobre crimes reais. Alguns são assustadores.

Com o interesse despertado, eu me sentei em um dos bancos do bar.

— Eu estava pensando em ouvir um. Algum deles relata crimes locais?

— Alguns. O *Big Ben Bang* é ótimo. — As protuberâncias de sua espinha pressionaram sua camiseta enquanto ele vasculhava a geladeira em busca de

mais ingredientes. — Você também pode conferir o *High Tea Ladies*. É um grupo divertido.

Enquanto eu procurava os dois no telefone e percorria os episódios, Grayson selecionou uma faca de chef de uma tira magnética na parede e começou a cortar todos os vegetais em pedaços pequenos, o baque firme era o único som no apartamento. Ele raspou os vegetais em uma tigela grande de metal, depois jogou três dentes de alho na tábua e os esmagou com o lado plano da lâmina antes de quebrar os ovos em outra tigela e bater, o que fez coisas muito boas para os braços dele.

Apoiei os cotovelos na ilha e embalei meu queixo.

— Onde você aprendeu a cozinhar?

— Autodidata. Minha mãe era enfermeira pediátrica em uma ala de câncer até conhecer o pai de Emmy. Ela trabalhava a todas as horas, então era comer torradas com pasta Marmite em todas as refeições, ou ser criativo. Escolhi a opção dois. — Ele acendeu uma boca do fogão embaixo de uma panela com azeite, em seguida jogou o alho, seguido pelo resto dos vegetais. Uma vez que tudo estava dourado e com um cheiro delicioso de dar água na boca, ele temperou os vegetais com pimenta moída e despejou os ovos batidos que estalaram e chiaram enquanto se acomodavam em torno dos cubos coloridos em uma teia pálida. — Você não imaginaria como ela ficava feliz em voltar para casa e encontrar uma comida quentinha.

Meu coração deu um pequeno tamborilar.

— Você tem algum defeito?

A espátula de madeira que ele estava usando para levantar as bordas da omelete bateu na panela. Ele a pegou antes que caísse da bancada.

— Todo mundo não tem?

— Todos os dentes dele são tortos, porque ele sofre de uma severa fobia de dentista. — Emmy apoiou uma mão no quadril. — Se importa de me esclarecer por que você está fazendo um show de culinária para a minha nova inquilina?

Alguém havia se levantado do lado errado da cama.

— Bom dia, Emmy.

— Mais como, manhã de merda. Sério, por que ela está sentada na minha cozinha?

— Seja legal — Grayson murmurou.

— Por que eu deveria ser legal com ela? Ela é a razão pela qual ele se foi.

Eu era? Adam tinha saído de Londres para escapar de mim e do meu pedido para me juntar a sua equipe?

A expressão de Grayson ficou sombria.

— Porque a Naya não é a culpada pelo seu ex idiota ter te deixado.

— Ela chegou. Eles conversaram. E então, dois minutos depois, ele me diz que não vai dar certo porque ele não pode me apresentar à porra de sua família? — Seu olhar afilado saltou para mim. — Que *ela* aparentemente conhece.

— Conheço os pais do Adam porque um deles é o melhor amigo do meu. Isso é tudo.

— Pais? Ele tem vários?

Adam realmente não tinha falado sobre sua história familiar.

— Só dois.

— E uma mãe?

— Ele obviamente tinha uma, mas foi criado por seus pais.

Emmy moveu um braço em minha direção.

— Vê o que estou dizendo, Gray?

— Não. Eu não vejo.

— O Adam e eu ficamos juntos por dois meses, e eu não tinha ideia de que ele foi criado por pais gays.

— E daí?

— E daí que ficamos juntos por *dois* meses. Esse é o tipo de coisa que eu deveria saber.

— Ele não era exatamente um livro aberto, Em.

— Eu *morava* com ele.

— Você me disse que ele só tinha uma mochila.

Os olhos de Emmy brilharam com algo que eu não conseguia identificar. Raiva? Ou era frustração ao lembrar do quanto seu relacionamento havia sido casual?

— Além disso, dois meses não é tanto tempo — Grayson acrescentou.

Ela esfregou os olhos, soltando o rímel seco e borrado antes de tocar no telefone.

— Na terra do Grayson não é, mas ao contrário de você, eu não passo anos com todos que namoro.

O ar se agitava com um zumbido baixo e o cheiro amargo de grãos de café torrado.

Enquanto Emmy caminhava até uma máquina de cromo sibilante sobre a bancada, Grayson se concentrou tanto na panela que um sulco se formou entre suas sobrancelhas.

— Eu não passo *anos* com todas elas.

Ela ergueu a mão e dobrou um dedo.

— Val, dois anos. Susanna, um ano e meio. — Baixou outro dedo. — Aquela estudante islandesa que transferiu para cá, seja qual for o nome dela, você a namorou por três anos. Ah, e a polonesa que eu realmente não gostava, você ficou com ela por mais de *três* anos.

— Quantos anos você tinha quando começou a namorar? Dez? — me peguei perguntando.

Emmy me fuzilou.

— Você ainda está aqui?

De repente, desejei ter me vinculado a Grayson em vez de sua meia-irmã hostil. *Ela não é uma missão real; apenas um pretexto*, lembrei a mim mesma. Eu realmente não *tinha* que passar nenhum tempo com ela.

— Pare de agir como uma vaca, Em.

— Você está do lado dela?

— Neste momento estou, porque você está sendo ridícula. A Naya não é culpada pelo seu rompimento. — Ele de repente me olhou de soslaio. — Certo?

Eu levantei minhas palmas.

— Eu juro que não conhecia Adam até ontem à noite.

— Viu? — Grayson sibilou.

— A única coisa que vejo é que ela ainda está sentada na porcaria da minha cozinha.

Me levantei.

— Não vá. Emmeline Rogers, peça desculpas por sua falta de educação.

Ela fez uma careta para ele, então para mim, então de volta para ele.

— É a minha casa — ela resmungou.

— E é a minha omelete. — Grayson virou seus olhos azuis para mim. — Naya, por favor, fique.

Eu já estava caminhando em direção à porta.

— Sério, não se preocupe. O que seja que o pub estava fritando mais cedo cheirava muito bem.

Com os dentes cerrados, Emmy falou:

— A comida vai ser melhor aqui, então fique, porra.

Isso soou tão tentador quanto uma viagem pelo canal para Abaddon.

— Se você for embora, o Gray vai reter o almoço, e eu preciso almoçar.

Eu duvidava que ele o fizesse.

— Eu vou. — Se ele fosse um anjo, isso lhe custaria uma pena, porque uma criança que cozinhava para fazer a mãe sorrir era muito atenciosa para deixar seu

humor ditar suas ações.

— Eu juro, está tudo bem.

— Por favor — ele pediu novamente, o que lhe rendeu uma sobrancelha levantada de Emmy em vez do olhar furioso de antes.

Não querendo fazer uma cena, refiz meus passos e me sentei, e a tensão em sua mandíbula e ombros afrouxou.

Ele tirou a omelete do fogão e a dobrou em um prato.

— Depois da segunda xícara, ela fica mais amigável.

— Ah, vá se foder.

A boca de Grayson se curvou, revelando todos os seus dentes tortos. Não que eu o tivesse julgado por isso antes, mas agora que eu sabia o motivo pelo qual ele nunca os consertou, descobri que isso aumentava seu charme geral. Quando ele me pegou olhando para sua boca, ele a fechou e esfregou os lábios.

— E para responder à sua pergunta anterior, o Gray aqui começou a se dar bem na idade avançada de doze anos. — Ela bateu seu ombro no dele.

Ele era jovem. Eu nem tinha visto um menino nessa idade, a não ser em um dos filmes aprovados por ophanim que assistíamos nas noites de cinema da associação. Os ossos das minhas asas vibraram, me fazendo perceber que eu inadvertidamente – graças a Elysium ou eu teria perdido uma pena – esqueci de outro lugar onde eu tinha visto um menino.

Em um holo-classificador.

Raven me levou escondida para a Sala de Classificação depois que ela recebeu os ossos das suas asas e, lado a lado, bisbilhotamos o sistema, alternadamente abafando risadinhas por trás dos dedos ou corando até a raiz dos cabelos quando nos deparamos com fotos de belos pecadores masculinos.

Claro, Mira nos pegou e repreendeu a pobre Raven por ter me mostrado um conteúdo impróprio para crianças. Mira ainda me mimava até hoje, o que surpreendia a maioria, já que a matrona da associação não mimava ninguém.

Eu não estava reclamando. Onde a maioria das plumas mal via seus pais nas duas décadas em que viviam nos dormitórios terrenos, eu não só via meus pais regularmente, mas também tinha Mira, uma espécie de avó.

Grayson tirou os pratos do armário e eu me levantei para ajudar.

— Deixa comigo, Naya.

Então me sentei novamente.

— Outro defeito de Gray é que ele é legal demais. — Emmy sacudiu o guardanapo enquanto tomava seu lugar na ponta da ilha, agora com talheres, copos e pratos.

Caminhei até o assento ao lado dela.

— Isso não é um defeito.

— É quando você se transforma em um alvo fácil que toda garota e sua mãe se aproveitam.

Meu desejo de almoçar no pub aumentou novamente, mas um olhar para o rosto tenso de Grayson e seus olhos baixos me fez ficar.

Ele se acomodou no assento à minha frente e se concentrou em sua obra-prima dourada, dividindo-a com a espátula de madeira.

— Que bom que sou um alvo fácil, ou você teria passado o final de sua bebedeira deitada de cara no vômito.

Ela torceu o nariz, suficientemente castigada.

— Não quis dizer isso, Gray. Eu só quis dizer…

— Eu sei o que você quis dizer.

Emmy observou Grayson encher seu prato.

— Pelo lado positivo, vou ficar fora do seu pé por um mês inteiro em breve. Imagine isso.

Ele franziu a testa, colocando um pedaço dourado no meu prato, antes de se servir.

— Para onde você vai?

— Venezuela.

Ele pousou a travessa com um pouco de força.

— Você está brincando?

— Não. — Ela colocou um pedaço de omelete na boca. — Fui convidada para uma missão humanitária há algum tempo. Recusei por causa do estágio. E do Adam.

— Convidada para uma… quem é convidado para uma missão humanitária? Você se inscreveu para isso? E o que exatamente você vai fazer na Venezuela?

— Alimentar os famintos. Construir casas para os pobres.

— Na *Venezuela*? A democracia que virou reino? — Grayson pegou seu garfo, mas estava pairando sobre sua omelete, chocado demais para atacar sua comida.

— A Inglaterra também é um reino.

— Nosso país não é governado por um tirano assassino, Em — ele rosnou. — Seu pai sabe?

— Ainda não, mas imagine o quanto ele ficará orgulhoso ao descobrir que sua patética filha foi convocada pela ilustre Circle Foundation.

Ele pousou o garfo, que tiniu.

— Você está me sacaneando?

— Não.

Ele se recostou no banquinho.

— A Circle Foundation enviou um e-mail aleatório para você ir para a Venezuela?

Ela passou o telefone para seu meio-irmão.

— Não aleatoriamente. Fui recomendada.

Enquanto ele lia, franziu o cenho.

— Por quem? Aqui não diz.

— Por que importa quem me recomendou, Gray? Você acha que eu não sou boa o suficiente para ajudar?

— Eu nunca disse isso. Só acho estranho ser escolhida por uma causa humanitária. As pessoas costumam se inscrever para isso.

Emmy partiu sua omelete.

— *Você* acha estranho, Naya?

— Um pouco. Principalmente se você não se inscreveu. Como eles conseguiram seu endereço de e-mail?

— Através do meu perfil das redes sociais. Aparentemente, eu me encaixo nos critérios para esta missão.

— Que são? — perguntei.

— Mulher, solteira, sem filhos, de idade universitária.

— Diga a eles que não — Grayson falou.

— Eu já disse que sim.

— Emmeline… — Ele grunhiu. — Vou ligar para o seu pai. — Ele começou a percorrer sua lista de contatos.

Ela roubou o telefone.

— Eu *quero* ir! *Preciso* sair de Londres e fazer algo útil.

— Você faz muitas coisas úteis por aqui.

— Como o quê? — ela perguntou com os dentes cerrados.

— Como …. não sei — ele balançou uma mão no ar — seu estágio de decoração de interiores.

— Não estou aprendendo nada que já não saiba.

— Em, a Venezuela é corrupta e um dos países mais violentos da América do Sul. E a Circle Foundation…. bem, você conhece meus pensamentos sobre eles. — Grayson empurrou um pequeno monte de vegetais brilhantes pelo prato.

— Aceito e não concordo com eles. Não acho que as instituições de

caridade deles sejam fachadas para coisas nefastas.

Os olhos de Grayson ficaram tão sombrios quanto o céu lá fora.

— Você está agindo de forma incrivelmente egoísta.

— Acho que você confundiu a definição de altruísta e egoísta, Gray.

Ele mexeu a mandíbula de um lado para o outro.

— Quando você vai?

— Segunda-feira.

— Seg… — Grayson balbuciou. — Amanhã?

— Não. Da próxima semana.

A tensão dos meios-irmãos pairava no ar de forma tão vigorosa quanto as carrancas em seus rostos.

Para desarmá-la, perguntei:

— Então, Grayson, como você descobriu sua fobia de dentista?

Ele suspirou, a pergunta lentamente afastando as sombras de sua expressão e, eventualmente, da expressão de Emmy. Enquanto ele me contava a história de como um dentista havia removido um de seus dentes adultos por engano, minha cabeça vagou para a partida prematura de Emmy e o que isso significava para minha missão.

A garota era meu disfarce. Se eu quisesse operar em Londres, precisaria de um novo.

Grayson… eu poderia me vincular a ele.

Mas então outro pensamento sobrepujou aquele: vim aqui para me tornar guardiã. Se Emmy estava sendo levada para uma monarquia perigosa por uma organização obscura, eu não deveria segui-la para mantê-la segura?

seis



naya

— É PITORESCO — eu disse à minha mãe enquanto me sentava de pernas cruzadas na cama, secando o cabelo com a toalha, ele ainda estava úmido do banho escaldante que tomei depois que cheguei em casa da associação.

Eu imergi sob o jato quente, tentando aliviar a inquietação que minha pesquisa no holo-classificador havia provocado dentro de mim, mas como um saquinho de chá deixado muito tempo para infundir, a água quente só fez minhas descobertas alcançarem meu âmago e meu humor se tornar mais amargo.

— Me mostre? — A voz da minha mãe me tirou da minha cabeça tempestuosa.

Embora ela insistisse que Apa era o mais preocupado, ela se preocupava mais do que ele. Provavelmente porque ela não tinha permissão para sair da associação para ver como eu estava, ao contrário do meu pai, que podia ir e vir quando quisesse. E não porque ele era um dos Sete, mas porque ele passou o século necessário longe do mundo humano.

Gravei um vídeo do estúdio, me certificando de enquadrar o ponto verde-acinzentado que Emmy chamava de jardim, e depois enviei para o nosso bate-papo.

— Acho que pitoresco pode não ser a melhor palavra para descrever seu novo cafofo, Estrela.

— Meu novo cafofo? — bufei. — De que século você é, Ama?

— O mesmo que você.

— Você acha que o Apa conhece a palavra cafofo?

Minha mãe riu.

— Vou perguntar. Ou melhor ainda, você pode perguntar a ele. Ele está planejando levá-la para jantar hoje à noite, mas, *shh*. É surpresa.

Me sentei tão rápido que minha cabeça girou.

— Ele está planejando me buscar na casa de Emmy?

— Eu penso que sim. Você tinha outros planos?

— Não. Nenhum outro plano.

— Finja surpresa, sim? — Houve um pequeno farfalhar do lado dela, então um resmungo: — Sim, sim, estou indo, Mira. Tenho que ir, *levsheh*. A Mira quer discutir a pintura de Arden. Ela acha que está muito sombria para uma criança de

seis anos, e denota um trauma subjacente.

Tentei imaginar a filha de janelinhas nos dentes de Eve espalhando tinta preta sobre uma tela. Embora Arden tivesse uma personalidade bastante forte, como sua mãe e avó arcanjo, ela era uma criança surpreendentemente simpática.

Quando ela queria ser.

No entanto, eu provavelmente estava sendo subjetiva. Arden era ferozmente protetora com minha irmãzinha, então eu automaticamente gostava dela. Eu também gostava da mãe dela, que me trazia presentes de Elysium em cada um dos meus aniversários – geralmente, vestidos elaborados que eram difíceis de usar fora das associações, por serem muito formais ou transparentes. Eve me garantiu que eles viajariam pelo canal, já que eram de fabricação elísia, e eu teria muitas ocasiões para usá-los *lá em cima*. Os anjos adoravam se vestir bem, quanto mais chamativos, melhor.

Ao contrário de Eve, Seraph Claire nunca tinha ido a um único aniversário meu – por que ela iria? – ou de sua neta – o que era de partir o coração. Mas, novamente, a maioria dos anjos não foi abençoada com uma família unida.

Depois de me desconectar de Ama, acessei o site da Circle Foundation, depois procurei a família que a administrava – os Dunmore – e me debrucei sobre todos os artigos já publicados sobre o ilustre e carinhoso clã. Considerando a quantidade de dinheiro que eles aparentemente doavam, suas pontuações de pecadores deveriam estar na casa de um dígito, mas toda a família – Susan, James e os dois filhos crescidos – era, como Grayson suspeitava, corrupta até os ossos.

A pontuação da matriarca era 62 e seu pecado: Fundadora da Circle Foundation.

A pontuação do patriarca era 47. Seu pecado: Fornecedor da Circle Foundation.

O filho mais velho, Henry, era classificado com 53, e seu pecado: Financiador da Circle Foundation.

Mas era o filho mais novo, Robbie, que tinha a pontuação mais alarmante: 100. Seu pecado: Coletor da Circle Foundation.

Muito ambíguo…

Ama me disse uma vez que acabou nas garras de um açougueira humana cujo pecado era rotulado como *advogada*. Perguntei a Apa por que os ranqueadores não podiam simplesmente declarar os atos ilícitos de forma clara. Com um grande suspiro, ele respondeu que havia sido criado para nos proteger dos horrores cometidos por alguns, e então ele beijou minha testa e saiu com

minha irmãzinha se contorcendo em seus braços grandes.

Eu não entendia como isso nos protegia. Na verdade, nos tornava mais vulneráveis. A ignorância gerava frustração, não felicidade. Pessoalmente, preferia conhecer a cara do diabo do que imaginá-la em todos ao meu redor. E sim, o diabo não era real, mas consegui ser entendida quando reclamei com minha mãe sobre a terminologia enganosa.

Ela compartilhava da minha opinião e me disse que uma vez que eu ascendesse, nós poderíamos embarcar em uma missão para modificar a legislatura ishim ou, como ela disse, *agitar as coisas no grande covil dos anjos*, mas só quando eu ascendesse.

Me perguntei como ela reagiria ao saber que Ish Dov já estava tentando isso. Prometi a ele que não pronunciaria seu nome para meus pais, e não o faria, nem mesmo para perguntar se o conheciam, mas não conseguia imaginá-los não estando entusiasmados com sua luta. Se qualquer coisa, eu apostava que eles iriam oferecer a ele o apoio de que ele precisava, já que seus ideais combinavam.

Mas, novamente, fiz uma promessa a ele, e eu era uma pluma de palavra.

Voltei a me concentrar em meu trabalho investigativo, tentando descobrir o que tornava a Circle Foundation tão terrível. Que coisas sombrias e terríveis o Triplo de vinte e sete anos fazia nos bastidores? Contratava assassinos? Lavava dinheiro? Traficava drogas? Gerenciava uma rede de prostituição?

Enquanto eu listava os crimes usuais que davam aos humanos uma pontuação tão alta, o último chamou minha atenção.

A Circle Foundation havia recentemente convocado mulheres jovens e solteiras. Poderia ser por isso?

Não… fazia pouco sentido.

As garotas normalmente sequestradas eram do tipo que ninguém relatava como desaparecidas ou cuja busca se extinguia por falta de fundos. Pegar garotas como Emmy não fazia sentido. Especialmente tirando-as de um país rico e mandando-as para um desprivilegiado.

O que me levava a pensar: isso poderia ser realmente uma organização de caridade? Mesmo quando criança, eu acreditava que nem todos os Triplos eram monstros. Da mesma forma que eu acreditava que nephilim, as ovelhas negras de nossa espécie, os sangues de anjo sem asas, não eram intrinsecamente maus.

Peguei o diário de arco-íris e a caneta brilhante que Lyla tinha me dado no meu aniversário e anotei a lista de instituições de caridade que eles financiavam. Quando cheguei no programa de ajuda à Venezuela, larguei a caneta e cliquei nele. Um site chique apareceu com um link para um formulário de inscrição on-

line que dizia *FECHADO – 50/50*.

50 de 50. Esse era o número de garotas que eles estavam levando? E se todas as vagas estivessem preenchidas, como eu poderia conseguir uma?

Como sou boba.

Eu não poderia exatamente me inscrever sem um documento de identidade ou passaporte. Eu teria que viajar pelo canal para qualquer cidade ou vila para onde eles estivessem voando, e assim que encontrasse Emmy, diria a ela a verdade: que eu estava preocupada e a segui. A menos que eu a protegesse de longe. Eu poderia ser tão furtiva?

Voltei à minha compilação de informações, pesquisando as pessoas por trás da fundação.

Susan e James moravam em uma mansão nos arredores da cidade com seus cinco cocker spaniels, o filho mais velho e a nora. O mais novo, o Triplo, morava em um apartamento em Londres com a amante da vez – todas modelos, pela aparência das garotas em seus braços.

Enquanto eu observava fotos de Robbie, percebi que ele era frequentemente fotografado no mesmo clube privado, um lugar chamado *Jardin Japonais*. A razão pela qual ele estava lá com frequência foi revelada na próxima página de resultados: ele era coproprietário do local.

Mordi a ponta da caneta enquanto pesava os prós e os contras de ir até lá e interrogá-lo sobre a viagem à Venezuela. Como exatamente eu faria isso? Eu duvidava que um: “Olá, Sr. Dunmore, esta sua viagem é legítima, ou você está planejando fazer coisas terríveis com essas pobres garotas?” seria bem aceito. Eu provavelmente seria expulsa, ou sequestrada e interrogada.

Mas…

Mas eu poderia questionar a equipe. Talvez alguém pudesse me esclarecer o que estava acontecendo com essa família. Os humanos sempre ficavam muito felizes em fofocar.

Ou, eu poderia simplesmente perguntar a Ama. Dizer a ela que minha pecadora ia embora com eles. Mas isso chegaria no meu pai, e ele me tiraria da missão imediatamente, não me querendo perto de criminosos.

Apa!

Joguei o telefone e diário de lado e me vesti para o jantar surpresa. Depois de vestir jeans desbotados e um suéter vermelho-papoula, esfreguei o cabelo úmido com uma toalha. Raven teria se encolhido porque, de acordo com minha melhor amiga, que ironicamente tinha o cabelo mais liso da história da queratina, o cabelo ondulado precisava secar ao ar com toneladas de sérum e zero atrito.

Uma sombra escureceu minha janela e eu pulei, fazendo a toalha escapar dos meus dedos e se acumular aos meus pés. Levei a palma da mão ao coração, vendo conforme grandes asas turquesa se retraíam atrás de um peito tão grande que ocupava toda a largura do pátio.

Eu estava prestes a abrir a porta de vidro para deixar meu pai entrar quando espiei meu diário, que estava aberto para todos verem. Peguei a toalha do chão e a joguei em cima do papel pautado, então deixei meu pai enorme entrar na minha casa pequenina.

— Apa!

Ele olhou ao redor várias vezes como se esperasse ter perdido alguma coisa – um quarto extra, talvez.

— Sua mãe mencionou que o lugar em que você estava hospedada era aconchegante. — Uma carranca rodeou seus olhos e boca. — Tão aconchegante quanto uma cela de prisão, é isso que é.

Eu sorri.

— Não sabia que você estava familiarizado com o tamanho das celas da prisão.

Os olhos do meu pai finalmente pousaram nos meus, e um pequeno sorriso interrompeu sua carranca.

— Posso ter passado algumas noites em uma quando eu era um pluma.

— O quê? E eu que acreditei que você sempre foi eternamente virtuoso e cumpridor da lei.

Quando uma sombra embotou sua expressão, me perguntei se ele se sentiu menosprezado por minhas palavras.

Inclinei a cabeça, e meus cachos meio secos caíram ao redor do rosto.

— Você vai me contar sobre isso durante o jantar?

Apa soltou um suspiro profundo que afastou a escuridão.

— Como você sabe que vou te levar para jantar?

— A Ama pode ter deixado escapar.

Seu sorriso voltou com uma vingança luminosa.

— Ah, sua mãe e segredos…

Ela era terrível nisso. Praticamente tão ruim quanto Raven.

— Então, para onde vamos? — Quase sugeri *Jardin Japonais* para explorar o lugar, mas não achei que seria inteligente ser vista com um homem que tinha 1,85m e parecia poder levantar o Big Ben.

— Venha. É surpresa.

— Vamos voando ou andando?

Apa lançou um olhar por cima do ombro para o clima melancólico.

— Andando, com certeza, não. Por que você escolheu Londres mesmo?

— Para uma nova experiência. — Meu pulso disparou, e minhas asas se mexeram como se estivessem prestes a expelir uma pena. — A Ama diz que eu devo aproveitar tudo o que o mundo humano tem a oferecer antes de ser encurralada dentro de Elysium.

— Não vamos exagerar nas experiências humanas, certo, *Kalkohav*? Quando suas asas estiverem prontas, você terá tempo infinito para conhecer o mundo.

Suspirei.

— Você quer dizer Elysium.

— Elysium, no começo, mas mais cedo do que você imagina, estará de volta aqui.

— Cem anos não é tão cedo, Apa. A menos que você esteja trabalhando para alterar a lei para que possamos retornar à Terra mais cedo e…

— Quando você conseguir suas asas.

— Anjos, você e Ama soam como discos quebrados. — Revirei os olhos. — Que diferença faz se eu estou aqui embaixo ou lá em cima?

Ele engoliu.

— Quando não precisar mais me preocupar com você, poderei me concentrar em nossa legislatura.

— Quando você não precisar mais se preocupar comigo, você terá que se preocupar com Lyla.

Ele me encarou, mas seu olhar estava desfocado, como se estivesse olhando através de mim. Mas então ele piscou, e seus olhos ficaram claros novamente.

— Você está se esquecendo de que terei alguns anos de descanso entre o momento em que você ascender e ela sair para o mundo.

Meu estômago roncou neste momento, o que fez a expressão do meu pai suavizar.

— Vamos comer, Estrela. Algum desejo?

— Ouvi dizer que este país é famoso por seus pudins.

Apa riu, uma grande gargalhada que tornou o mundo um lugar melhor.

— Você e sua paixão por doces.

— Ei… você me fez assim.

Sua risada sumiu.

— Eu fiz, não é?

— Sim. Você fez. Agora, sobre esses pudins… — Peguei a jaqueta de Ama,

que finalmente havia secado da minha ida no supermercado. — Conhece um lugar ou devo procurar um?

Apa colocou o braço em volta de mim.

— Conheço o lugar perfeito.

sete



adam

FATO ANGÉLICO #72:
Se você não quer ir para Abbadon, reduza o pecado.

ENCHARCADO DE SUOR, bati no saco de pancadas de couro preto com meus punhos e pés. Eu estava fazendo isso desde o nascer do sol. Enquanto todos os membros da minha equipe de operações especiais dormiam, exaustos por nossa vigilância tarde da noite, eu me encontrei com Dov para discutir Naya em um restaurante 24 horas todo decorado em vinil. Sua resposta de que ela era uma boa candidata e que eu não deveria tê-la rejeitado me mandou direto de volta para a academia, mais agitado e chateado do que antes.

— Algo em mente? Ou melhor, *alguém*? — A voz de Noah chegou até mim da entrada dupla da academia caseira. — Talvez uma certa pluma de asas negras? — Noah estava jogando verde desde que desembarquei no canal de Chicago, e nós dividimos a corrida até a casa.

Lancei a ele um olhar penetrante que não fez nada além de levantar os cantos de seus lábios.

— Não pensei nela uma vez desde que saí de Londres. — Sibilei quando uma pena caiu de minhas asas. Tudo bem, a herdeira seraphim estava na minha cabeça, presa lá como um adesivo barato. — Por que você teve que contar a ela sobre o que estávamos fazendo?

— Ela me encurralou, cara. Me encarou com aqueles olhos intensos. Me assustou pra caramba.

Depois de dar a maior revirada de olhos de todas para Noah, ataquei o saco de couro com os punhos.

— Ela é baixinha, loira e cora mais do que um pluma pubescente em sua cerimônia dos osso das asas. Ela pode ser muitas coisas, mas assustadora não é uma delas.

— Isso é porque você não tem medo de nada.

— O que há para se temer quando se é imortal?

— *Ainda* não somos imortais, Adam.

— Tecnicamente, somos. Pelos próximos seis anos, pelo menos.

Noah e eu recebemos nossos ossos das asas aos quatorze anos, com

exatamente um mês de diferença. Quando ele recebeu sua terceira pena rosa, minha primeira preta apareceu, a cor chocando a todos, menos meus pais. Desde que Naya ganhou suas asas um ano antes de mim, meus pais sabiam o que esperar. Afinal, ela e eu nascemos de casos extraconjugais.

— A que horas você e Galina chegaram do necrotério ontem à noite? — Noah recolheu suas asas de tom pastel com pontas douradas, e ainda assim tufos de suas mais de quinhentas penas se esticaram em torno de seus ombros, emoldurando seu rosto de um marrom profundo assim como aquela touca de banho que Galina havia descoberto em um banheiro no andar de cima e usado na primeira noite que nos reunimos.

Ela estava tentando compensar a energia nervosa que vinha de todos nós e, embora a visão dela se empanturrando de pizza, usando aquela coisa atroz, tivesse sido divertida, fez pouco para manter nossas cabeças longe do assassino em série.

— Tarde. — As tábuas do piso da casa estilo Prairie rangeram sob os tapetes de espuma como meu corpo durante minha última visita ao quiroprata. — Você e o Levi terminaram de compilar a lista de Triplos de Chicago para Dov? — Minha pele queimava onde havia se aberto, me fazendo me arrepender de não ter usado as luvas de treino que meus pais, magoados com a visão constante dos meus dedos dilacerados, haviam me presenteado.

— Vamos terminar esta tarde. Há *muitos*.

Segurei o saco para estabilizá-lo.

— De quantos estamos falando?

— Mais de mil. Boone e eu iremos para a associação depois do café da manhã para terminar a lista, então passar pelo novo programa de verificação cruzada de Levi.

O mais jovem de nossa equipe, um gênio da tecnologia de quinze anos, conseguiu acessar os relatórios do investigador principal dos três primeiros assassinatos e estava analisando todas as evidências para restringir o suspeito por idade e atributos físicos, algo que até nosso mentor ascensionado foi incapaz de realizar com suas engenhosas ferramentas celestiais. Aparentemente, o sistema de classificação em Elysium era tão básico quanto o nosso.

— O suspeito já deixou um cartão de visita? — Os sociopatas geralmente ansiavam por reconhecimento e “assinavam” seus assassinatos.

— Além dos cortes esculpidos em forma de lágrima e… regiões inferiores decepadas? — Noah estremeceu como se seu pacote estivesse em risco. — Você estava esperando que ele assinasse o nome com sangue na cena do crime?

— Por que você diz *ele*?

— Acho que pode ser ela, mas os caras que o suspeito matou são enormes. — Noah arqueou uma sobrancelha enquanto eu caminhava até o bebedouro para tomar água. — Você acha que estamos lidando com uma *assassina* em série?

— Pode ser. Afinal, paus estão sendo cortados.

Noah arfou, depois espalmou a virilha, provavelmente para lembrar a si mesmo que ainda estava preso.

Enquanto o saco de pancadas de couro pesado balançava, a corrente chacoalhando na academia silenciosa, amassei meu copo e o joguei no lixo.

— Você mencionou café da manhã. Vou querer ovos. Mexidos.

— Cozinhe seus próprios ovos.

— Ninguém os faz melhores do que você.

Noah suspirou, incapaz de resistir aos elogios sobre suas habilidades na cozinha.

— Tudo bem.

— Faça muitos. — Subi as amplas escadas que pareciam esculpidas em um único pedaço de sequoia. — Preciso de sustento antes de me encontrar com meu pecador.

— Qual é o nome dela?

— Anthony.

Noah estremeceu, e as pontas douradas de suas penas balançaram.

— Anthony? Você escolheu um *homem* pecador?

— Sim. E daí?

— E daí que você nunca escolheu um pecador do sexo masculino.

Dei de ombros.

— Já estava na hora.

— Não teria a ver com a Naya?

— Por que teria?

— Sobre o que vocês dois estão tagarelando às nove e trinta e dois da *emplumada* manhã? — Galina perguntou dando um bocejo alto. Ela estava do lado de fora da porta do quarto, as asas e braços estendidos, a regata artisticamente rasgada subindo em sua barriga esculpida.

A recruta russa de dezenove anos tinha um abdômen melhor do que Noah e Boone juntos, provavelmente porque ela se exercitava tão religiosamente quanto a judia ortodoxa que reformei no ano passado frequentava o cassino local.

— Adam se vinculou a um cara — Noah disse em tom presunçoso, como se de alguma forma ele tivesse me superado ao compartilhar a notícia.

— Mentira. — Suas asas se curvaram enquanto ela sorria. — Está testando novas águas?

— Nossa… não durmo com *todas* as minhas pecadoras.

— Devo discordar, Sr. Pegador de Pecadoras. — Galina torceu o ponto de diamante em seu nariz.

— Bem, não quero uma distração até resolvermos este caso.

— Você está perdendo, querido. As garotas desta cidade são deliciosas, especialmente as safadas. — Galina estalou o pescoço de um lado para o outro.

— E os plumas *me* chamam de Pegador de Pecadoras — murmurei enquanto desaparecia no meu quarto e chutava a porta para fechá-la. A cama king-size estava uma bagunça. Sacudi o edredom duas vezes, afofei os travesseiros e enfiei todas as roupas sujas na bolsa com a qual viajei de Londres.

Havia uma lavadora e secadora no local, mas nada superava os cestos celestes, e já que Noah estava indo para uma associação, ele poderia jogar minhas roupas, com bolsa e tudo, em um.

Depois de um banho quente, durante o qual fiz o possível para apagar Naya da minha cabeça, desci para a cozinha estilo celeiro onde tudo era de madeira, exceto os utensílios de cozinha e luminárias de vidro, e levantei a mochila.

— Alguma chance de você colocar minha roupa suja em um cesto da associação quando estiver lá mais tarde?

Noah ergueu os olhos da massa que estava colocando em uma chapa, então inclinou a cabeça em direção à porta que levava à garagem.

— É só deixar ali.

Depois de fazer isso, me sentei na frente de Galina e enchi um prato com ovos mexidos.

— Como você encontrou este lugar mesmo?

— Ajudei uma mulher a se livrar do consultor financeiro corrupto ao qual me vinculei. Ela se sentiu endividada e me emprestou sua casa secundária pelo tempo que eu precisasse. — Galina estava tomando sua bebida preferida: chá verde. Como alguém poderia suportar algo que cheirava a meias sujas estava além de mim.

Observei as estantes cobertas com pilhas organizadas de livros de receitas que claramente estavam lá apenas para decoração, considerando o quanto pareciam intocados.

— Ela não vai vir para uma visita, vai?

— Não. Ela está passeando pelo Taiti em seu iate.

— Isso parece legal. Eu deveria ter me vinculado a ela. — Noah depositou

um prato cheio de panquecas sobre a mesa retirada de um tronco gigante.

— Você ainda pode — eu disse.

Noah balançou a cabeça.

— Pare de tentar se livrar de mim.

Desejei que ele aceitasse minhas sugestões um dia desses, mas o cara era um idiota gigante e teimoso.

— Pode ficar perigoso. Quero dizer, estamos lidando com um assassino em série que gosta de homens altos com cabelos raspados. Não gostaria que ninguém esculpisse lágrimas em suas lindas maçãs do rosto ou removesse suas joias de família.

— Homens altos e *humanos*, que *usavam* cabelos curtos na faculdade. Sem mencionar que todos estão na casa dos trinta.— Ele mexeu algo em uma panela grande. Eu estava imaginando que era feijão frito pelo cheiro. — Além disso, estou adorando minha nova cozinha.

— E eu estou amando você nessa cozinha. Você é tão doméstico, amor. — Galina soprou seu chá, enviando os vapores fétidos de ervas em minha direção. — Devíamos lhe dar um avental. Algo com babado. Talvez um pouco de renda. E obviamente rosa para combinar com suas asas.

Sua piada lhe rendeu uma fatia de bacon atirada em sua direção.

Ela sibilou.

— Que baixo, Noah. Atacando uma vegana com produto animal. Estou surpresa que você não tenha perdido uma de suas lindas penas cor de chiclete com o ataque.

Noah fechou os dedos e sacudiu o pulso para Galina, um gesto que pretendia ser obsceno, um pouco como o dedo indicador levantado de Naya.

Não.

Nada de pensar em Naya.

Empurrei os ovos, depois peguei algumas panquecas e as banhei em xarope de bordo.

Galina apoiou um dos pés no banco, dobrando a perna para equilibrar o antebraço no joelho.

— Você adoçou as panquecas? Achei que você odiasse coisas doces.

Eu odiava. Não gostava de comida doce. Pessoas doces. Odores doces. Tudo que eu apostava que Naya adorava. Apertei as têmporas. Puta merda, eu deveria expulsá-la dos meus pensamentos, não pensar mais.

Uma pontada fez minhas omoplatas flexionarem.

Galina rastreou a queda da minha pena preta.

— O que há com o mau humor?

— Ele está todo nervoso por causa da Naya — Noah explicou.

Limpei a boca melada no canto do guardanapo.

— Não estou. — Outra pena se soltou. Grunhi e me levantei, peguei o prato e o coloquei na pia. — Estou indo encontrar meu pecador, mas estarei de volta a tempo do jantar. Ainda está pensando em *trombar* com o investigador principal, Gee?

Ela assentiu.

— Memorizei a rota dele. — Ela bateu em sua têmpora enquanto se levantava e rodeava a mesa. — Vamos ver o que o Adam estava fazendo quando ganhou essa pena.

A garota tinha paixão por pegar penas perdidas e repassar as memórias alojadas dentro das hastes. Quando criança, ela aparentemente percorria sua associação pegando penas para coletar informações mais profundas sobre seus companheiros de associação. Sua paixão por acumular informações fez dela uma ótima criadora de perfis e um pé no saco, porque ela aprendeu mais do que devia sobre mim desde que Dov a encaminhou para Bangkok há dezoito meses para se juntar à minha equipe de *duas* pessoas. Mesmo que eu tenha tentado não envolver Noah, ele se envolveu porque… ele tinha problemas de apego.

Os irmãos holandeses, Levi e Boone, se juntaram à nossa pequena gangue de guardiões no ano passado. Primeiro, Levi, que se tornou dedicado a mim depois que nos encontramos reformando dois pecadores da mesma família em Amsterdã, seu primeiro ano no mundo. Sua pecadora não tinha sido muito receptiva até que conversamos um pouco sobre seu consumo de maconha e como ela o financiava com dinheiro roubado das carteiras de seus pais.

Boone eu conheci algumas semanas depois, quando ele me procurou para expressar sua gratidão por ajudar seu irmão mais novo.

Como eles acabaram se tornando guardiões? Acabou que Levi era um boboca sorrateiro que me pegou conversando com Dov pelo telefone sobre uma gangue de motoqueiros que eu estava tentando pegar. O garoto ficou curioso, fez algumas buscas e acabou desvendando meu caso. Ele então começou a me chantagear para deixá-lo entrar no grupo. Ele perdeu uma pena por sua ameaça, mas ganhou seu lugar. E então me pegou de surpresa ao trazer Boone.

Eu *não* fiquei feliz.

Ainda não estava.

Dov me lembrou que o crescimento da equipe era necessário, mas ele não era apenas um ascendido, ele também era um verity puro, e verity puros tinham

mais privilégios do que plumas mestiços.

Enquanto eu saía para o dia claro de Chicago, a porta da casa se abriu, e um Levi corado, que parecia ter adquirido sete centímetros a mais da noite para o dia, graças a uma ocorrência épica de cabelo bagunçado de sono, saiu correndo, equilibrando um tablet nas suas palmas abertas.

— Adam, espere! — Ele estava respirando mais forte do que quando dois russos musculosos nos perseguiram por dez lances de escada com AKs carregadas em Moscou. — Você tem que… ver isso! — Embora todo o tempo que ele passava na frente das telas fosse muito útil, ele precisava mesmo melhorar sua resistência.

Refiz meus passos em sua direção.

— Encontrei uma conexão… entre as… vítimas.

Meu olhar saltou de suas bochechas arfantes para o rosto sardento e castanho claro de uma adolescente com olhos azuis penetrantes.

— Quem é essa?

— Felicity Gold. Cometeu suicídio… há doze anos… quando tinha quinze.

Suicídio…

Suicídio significava que sua alma não havia sido colhida pelos malakim.

Suicídio significava a verdadeira morte – não apenas do corpo, mas da alma.

Não desviei o olhar daqueles olhos azuis brilhantes tão cheios de uma vida interrompida.

— O que a levou a cometer suicídio?

Levi fez uma careta.

— Ela foi estuprada.

— Pelos homens que estão sendo mortos?

— Sim.

Embora eu estivesse sob o sol brilhante, um calafrio percorreu minha espinha e se espalhou pelo resto do meu corpo. Então não estávamos lidando com um assassino amoral. Estávamos lidando com alguém em busca de vingança.

Os corpos mutilados dos três homens lampejaram atrás de minhas pálpebras. O que havia despertado pena agora apenas despertava desgosto. Como meu povo pôde deixar humanos escaparem impunes de estupro? Como eles poderiam deixar inocentes apodrecerem e criminosos prosperarem? Como os ishim poderiam deixar o destino das almas à mercê de balanças calibradas durante a *pluma* da Antiguidade?

Minhas asas se mexeram, me lembrando de não criticar o sistema, mas anjos, eu estava furioso. Talvez eu devesse ter deixado Naya entrar no nosso time, afinal. Talvez se a filha de um seraphim se envolvesse, eu poderia convencer Dov a inteirar Asher a respeito de nossa organização secreta. Sob a direção e proteção de um dos Sete, seríamos capazes de colocar toda a nossa energia em proteger os humanos em vez do nosso segredo.

A raiva se agitou em meu interior.

— Isso muda tudo.

Eu não me importava que esses criminosos tivessem acumulado uma pontuação mais alta por seu ato vil, eles levaram uma garota a dar seu último suspiro e, por sua vez, o último suspiro de sua alma. Sem mencionar que as pontuações das três primeiras vítimas estavam na casa dos dois dígitos, o que significava que suas almas dariam outra volta no carrossel terreno.

— Quantos homens a estupraram?

— A queixa feita postumamente pelos pais de Felicity diz seis.

— E eles foram nomeados?

— Dois foram. Quatro, não. Os três mortos não foram nomeados.

Então, nosso suspeito conhece a identidade de cada estuprador…

Boone, Noah e Galina apareceram atrás de Levi, seus rostos exibindo vários graus de severidade.

Boone passou a mão pelo cabelo castanho na altura dos ombros, ainda emaranhado do sono.

— Acho que nossa investigação é um fracasso, e todos nós vamos seguir nossos caminhos separados? — Sua decepção foi refletida nas expressões dos outros.

— Não — eu disse.

Os olhos castanhos de Boone se arregalaram.

— Você quer que continuemos investigando?

Assenti.

— Mas estamos mudando de lado. Tragam-me a árvore genealógica de Felicity Gold. Qualquer parente de sangue que fosse criança na época do suicídio dela.

Noah inclinou a cabeça para o lado.

— Uma criança?

— Porque os assassinatos estão acontecendo mais de uma década após o crime — Galina, sempre em sintonia comigo, respondeu.

Noah endireitou a cabeça.

— Um adulto poderia ter esperado uma década. Aproveitado para planejar.

— Você está certo — eu disse.

Ele piscou.

— Eu… estou?

— Não devemos ignorar parentes mais velhos, embora eu ainda ache que é mais provável que nosso suspeito seja jovem. Também precisamos descobrir de quem Felicity era amiga no momento de sua morte. E então passar todos os nomes por um holo-classificador e verificar se há um pico nas pontuações. Isso deve nos dar a identidade do nosso assassino em busca de vingança.

— O que faremos quando descobrirmos sua identidade? — O sol brilhou nos adornos faciais de Galina.

— Vamos encontrar nosso vigilante e ajudá-lo a terminar o trabalho.

Boone ofegou.

— Dov nunca apoiará esse plano.

Galina, que estava sacudindo os pequenos aros cravados na concha de sua orelha, paralisou.

— Boone está certo. O assassinato premeditado nos custaria nossas asas.

— Ninguém vai matar ninguém. Nós simplesmente vamos proteger nosso suspeito até que ele termine. E então um de nós se vinculará a ele para ajudá-lo a expiar seu *pecado*, para que sua alma não acabe como a de Felicity Gold.

— O Dov não vai gostar… — Boone teve o bom senso de parar de falar.

— Dov me colocou no comando desta equipe. Se você não está feliz com a maneira como eu administro as coisas, vá embora.

Todos ficaram.

oito



naya

EU NÃO ERA do tipo quieta, ou pelo menos, não achava que fosse até passar um tempo com minha senhoria barra pecadora. Eu não tinha certeza se era excitação pela partida iminente, ou se ela sempre foi assim, mas a garota podia falar. *E* falar.

Como Adam suportou *dias* na companhia da Srta. Tagarela? O pensamento dedilhou os ossos das minhas asas.

Só uma observação, Ish. Olhei para o teto como se ele oferecesse uma linha direta de visão da balança Elísia que pesava nossas almas angelicais.

Milagrosamente, o ishim deixou passar, mas o formigamento desconfortável permaneceu, um lembrete para ser mais compassiva. Mas quanto mais compassiva eu poderia ser? Eu tinha passado horas escutando Emmy tentar descobrir onde ela havia errado com Adam, por que ele foi embora, por que ela não era boa o suficiente para conhecer seus pais. E por que ele não disse a ela que tinha dois pais?

Eu não tinha certeza do porquê essa última parte a deixou tão perplexa. Em nosso mundo, o gênero não tinha importância. Era tudo sobre conexões de alma. Se Ama fosse homem, Apa a teria amado com a mesma paixão.

— Você sabe que as pessoas dizem que leva metade do tempo que se está junto para esquecer alguém? Bem, Adam e eu ficamos juntos por um mês e vinte e nove dias.

Ah, eu sei.

— E já superei o babaca pomposo. — Emmy tirou a embalagem do terceiro cupcake.

Grayson os havia feito ontem em uma última tentativa de dissuadi-la de se juntar às Garotas da Circle, o nome que a imprensa havia dado ao grupo que se dirigiria à Venezuela, mas sua ferramenta de negociação recheada não influenciou sua teimosa meia-irmã.

De boca cheia, ela acrescentou:

— Nem sinto falta dele. Nem um pouco. — Ela chupou o glacê da ponta dos dedos, em seguida comeu o resto do cupcake. — Ah, e eu estava pesquisando sobre a Venezuela, e os homens de lá… — Ela balançou as sobrancelhas. — Eles são *gostosos*, com G maiúsculo. Especialmente o Príncipe.

Ele ostenta aquele tapa-olho que só o deixa mais gostoso. Pena que o programa está cheio, ou eu teria tentado colocar você na lista.

Enrolei uma embalagem de bolinhas.

— Talvez eu pudesse voar para lá e me juntar a você por conta própria.

Ela arqueou as sobrancelhas.

— Você teria meios para fazer isso?

— Sim.

— Então presumo que, além de ser um PQEP, seu pai é rico?

A embalagem de bolinhas não era maior do que uma pérola do Elysium entre meus dedos cerrados.

— Um PQEP?

— Você sabe, um Pai Que Eu…

— Eu sei o que isso significa, Emmy. — Eu ansiava por me desvincular dela ali mesmo, porque havia alguns limites que *nunca* deveriam ser cruzados, e a paixonite pelo meu pai era um deles. — Eu preferiria não ouvir você falar sobre meu pai dessa maneira. — Como eu gostaria que Apa não tivesse insistido em encontrar Emmy depois do jantar.

— Não vi uma aliança de casamento.

— Bem, ele está com a minha mãe há anos.

Emmy levantou as palmas das mãos.

— Nossa. Acalme-se, garota. Foi só uma pergunta.

A campainha tocou, penetrando a tensão, e então uma chave chacoalhou na fechadura.

— Deve ser o Gray. Ou ele veio para me dizer que não pode me acompanhar esta noite ou o quanto eu sou cabeça-dura.

Emmy estava certa; *era* Grayson. E considerando sua roupa – paletó preto sobre uma camisa de botão –, suspeitei que ele fosse acompanhar a meia-irmã ao evento privado que Robbie Dunmore estava organizando no *Jardin Japonais* para as Garotas Circle e suas famílias.

— Veio me dar bronca de novo? — Emmy removeu o elástico de couro que havia enrolado em seu coque alto e desdobrou as pernas debaixo dela para ficar de pé.

— O que você acha, Em? — Havia uma pontada em sua voz. Uma aspereza. Como se esperasse que esta fosse a última noite deles juntos.

Mesmo que minha contemplação em me desvincular de Emmy não tivesse durado mais de um minuto, o tom dele me lembrou que eu não poderia abandonar a garota.

Ele sorriu para mim antes de observar o prato meio cheio de cupcakes e o pequeno monte de embalagens espalhadas pelo cinzeiro em forma de uma cartola, de tamnho infantil, virada para cima.

— Em, o evento hoje à noite. Você pode levar toda a sua família, certo?

Emmy parou na frente dele.

— Se você disse ao papai…

— Não. Eu só estava perguntando para descobrir se você poderia levar um segundo acompanhante.

— Ah, sim. Por quê? *Ah*… — Ela se virou para mim. — Tem algum plano esta noite, Naya?

O evento era organizado pela Circle Foundation, então mesmo que Robbie Dunmore não estivesse presente, alguém da organização estaria, e eu poderia fazer todas as perguntas a eles.

Me levantei, tirando migalhas de cupcake do meu jeans roxo.

— Não tenho nenhum plano, mas só se você tiver certeza de que não tem problema.

— Sim. Sem problemas.

Empurrei um longo cacho atrás da minha orelha.

— Vai ser no *Jardin Japonais*, certo?

Ela assentiu enquanto dava uma longa olhada no meu jeans skinny e top de abacaxi.

— É um traje de coquetel, então… *chique*. Você tem um vestido ou precisa de algo emprestado?

— Eu tenho.

Eu tinha ido para casa para lavar roupa e buscar roupas limpas ontem, o que me deu a oportunidade de passar um tempo com minha irmãzinha. Depois de nove jogos de esconde-esconde ao contrário com cada pluma menor de sete anos, voltei a Londres com uma mala muito maior, o que me rendeu uma sobrancelha levantada de Mira. Nada que um beijo na bochecha não resolvesse.

Pouco antes de passar por Grayson, perguntei:

— A que horas devo estar pronta?

— Em uma hora.

Embora meu corpo descesse dois lances de escada, meu coração disparou dentro de minha caixa torácica e meus dedos formigaram com adrenalina. Eu seria capaz de negociar um lugar na missão de caridade? Eles considerariam minha candidatura sem um documento de identidade? Mas, mais importante, eu queria um lugar nisso ou estaria mais segura indo pelo canal para Caracas e

observando Emmy de longe?

Destranquei a porta e vasculhei o cabideiro de roupas exposto que cedia sob tecidos vibrantes. A cor que faltava nas minhas asas eu compensava na escolha das minhas roupas. Passei os dedos sobre a fileira de vestidos, escolhendo um rosa neon e saltos para combinar, então lutei para alisar meu cabelo cacheado, uma luta da qual quase desisti quando a escova ficou presa pela enésima vez. O resultado o deixou meio liso, pelo menos em volta do meu rosto. Eu não tinha certeza de como estava a parte de trás, nem realmente me importava. Fiz questão de passar um batom brilhante na boca para me distrair das minhas mechas loiras temperamentais.

Quando me encontrei com Emmy uma hora depois, ela sorriu para o meu vestido.

— Essa roupa é *brilhante*, *chica*.

Não perguntei se era demais porque eu não iria me trocar mesmo que fosse.

— O táxi está aí na frente.

— E o Grayson?

— Ele recebeu um telefonema. Foi atender lá fora.— Seu sorriso se ampliou, confundindo minha curiosidade com interesse. Eu a deixei acreditar no que ela queria. O que quer que a tornasse mais amigável.

Depois de abotoar a jaqueta de couro curta, ela rebolou até o táxi preto em seu vestido justo. Grayson já estava sentado lá dentro, tendo se protegido da chuva.

Ele ergueu os olhos da tela brilhante do telefone enquanto eu me acomodava no banco de frente para ele, então o desligou e o colocou dentro de seu paletó, enquanto seu olhar focava no tecido fúcsia espreitando do meu casaco azul-petróleo.

— Eu sei, eu sei. É *incrivelmente* rosa. — Segurei a bainha curta do vestido entre os dedos. — Emmy não deixou de apontar isso.

Ela bufou enquanto pressionava a tela sensível ao toque para indicar que estávamos com o cinto de segurança e prontos para ir.

Os dedos de Grayson subiram até o pescoço acima do colarinho da sua camisa.

— Isso não é… — Ele limpou a garganta, mas não terminou a frase. Depois de um breve instante, ele comentou: — Vou conversar com os organizadores, Em.

— Você está me informando ou me perguntando?

— Informando. E se alguma de suas respostas soar dissimulada…

— Você vai tentar me descadastrar.

Ele afastou a mão do pescoço e bateu na perna.

— Foda-se tentar. Vou fazer isso, mesmo que eu tenha que usar força física para te carregar.

Emmy apertou os lábios.

— Tenho dezenove anos, Gray. Nem mesmo papai pode me forçar a fazer algo que eu não queira mais.

— Você não se importa com a sua segurança?

Emmy revirou os olhos azuis, que ela embelezou com delineador líquido.

Eu tinha pintado os meus uma vez, mas rapidamente limpei as pálpebras, porque a maquiagem intensificou a escuridão das minhas írises, e quem queria parecer como se estivesse com buracos de esgoto no meio do rosto?

— Os Dunmore são bilionários, Gray. Garanto a você que teremos nossa própria equipe de segurança. Eles não estão poupando despesas para esta viagem. Quer dizer, vamos de jato particular, pelo amor de Deus, *e* ficaremos hospedadas no hotel de propriedade do Príncipe, *no qual ele mora*. Você pode imaginar quantos guardas estarão ao nosso redor o tempo todo?— Depois de um instante silencioso, ela acrescentou: — Ei… pelo menos não estou indo para Chicago.

Franzindo o cenho, afastei os olhos da cidade molhada.

— O que há em Chicago?

— Um assassino em série. Você não lê as notícias? — Discutir com Grayson lamentavelmente transformou Emmy de volta ao seu lado *agradável*.

— Estive ocupada lendo sobre… outras coisas. — *Mais recentemente, as pessoas com quem você está prestes a viajar.*

Os olhos de Gray se desviaram da rua encharcada para sua meia-irmã.

— O assassino em série está mirando em homens na casa dos trinta. Já que você não se encaixa no perfil, prefiro que você vá para lá do que para a porra da Venezuela corrupta.

— Gray, esta é nossa última noite juntos até o próximo mês. Podemos, por favor, não desperdiçá-la brigando?

Voltando a olhar para a janela, ele murmurou:

— Tudo bem. — Mas não soou bem. Eu duvidava que ele ficaria bem até que ela pousasse em solo britânico.

Eu queria estender a mão e dar um tapinha em seu braço, dizer a ele que me certificaria de que ela chegasse em casa em segurança, mas ele perguntaria sobre o que eu estava falando. Não era como se eu pudesse divulgar meus planos,

então, em vez disso, fiz o que parecia fazer melhor quando se tratava de minha pecadora e seu meio-irmão: acalmei a tensão.

— Você nunca me disse o que faz. Você ainda está estudando ou trabalha?

— Trabalho em uma fintech.

Emmy bocejou, o que fez Grayson mostrar o dedo para ela, mas eu escutei extasiada. Eu tinha uma compreensão muito limitada de fintechs – linguagens de computador, em geral – porque não éramos ensinados a usá-los nas associações. Que nos fosse permitido smartphones já era uma grande concessão por parte dos Sete. Aparentemente, os plumas não tiveram acesso a eles por quase uma década depois que se tornaram a última moda do mundo humano, porque eram consideradas uma distração muito grande de nossas missões.

Quando os ophanim perceberam que os alunos os estavam comprando de qualquer maneira, examinaram mais de perto a peça de tecnologia e perceberam que não era excessivamente nefasto; além disso, também funcionava como um excelente dispositivo de rastreamento. Isso levou a uma campanha em todas as associações para dá-los de presente aos alunos no dia da cerimônia dos ossos das asas. Comprei o meu na época e só atualizei o modelo uma vez, depois que uma visita surpresa ao local da missão de Raven terminou com meu telefone afundando no fundo do rio Mekong.

Grayson ainda estava me explicando sobre criptomoedas quando chegamos ao nosso destino.

nove



naya

LONDRES ERA barulhenta do lado de fora, mas o nível de ruído dentro do *Jardin Japonais* elevava barulhento a um nível totalmente diferente. As conversas surgiam de um grupo de pessoas reunidas em torno de um bar preto e ecoava ao longo dos baixos-relevos de bronze que decoravam as paredes do restaurante.

— A Emmy ligou antes para avisar que eu estava vindo? — perguntei enquanto os garçons se enfiavam em torno de mesas tão brilhantes e pretas quanto o bar, reajustando placas de identificação e o posicionamento dos talheres.

— Acho que sim. — Os olhos de Grayson seguiram sua meia-irmã, que foi direto para o bar e estava conversando com o barman. — Se eu comentar sobre o consumo de álcool dela, você acha que ela vai brigar comigo?

— Tenho certeza de que vai.

Ele suspirou.

— Eu realmente gostaria que ela não fosse tão inflexível sobre fazer isso.

Meus instintos sobre o meio-irmão de Emmy estavam corretos. Eu achava que ele era gentil, e seu perfil, que eu pesquisei quando fiz a busca sobre os Dunmore, exibia uma pontuação 2, o que era quase inédito para homens de sua idade vivendo em metrópoles. Seu pecado: a *inveja*. Presumi que ele invejasse algo insignificante ou o pecado lhe custaria muito mais do que dois pontos. A menos que ele equilibrasse religiosamente seu pecado com pequenos atos de graça.

— Você acha que Robbie Dunmore está aqui? — Examinei a sala em busca do homem ruivo.

Grayson arqueou uma sobrancelha.

— Deveria estar. — Ele acenou para um grupo de mulheres mais velhas usando vestidos em vários tons de preto, exceto uma que ousou com um pouco de brilho. — Ali. Conversando com pais preocupados.

A mulher de vermelho riu do que quer que Robbie estivesse dizendo.

— Eles não parecem muito preocupados.

— A riqueza cega as pessoas.

— Cega mesmo, não é?

— Com a mesma intensidade que o poder.

Caminhamos em direção a Emmy, que estava tomando um líquido transparente de uma taça de martíni, conversando com uma garota cuja pele era tão luminosa quanto os enfeites de bronze na parede.

Emmy gesticulou em direção a Grayson.

— Natasha, você pode, por favor, garantir ao meu irmão que não vamos voltar para Londres em sacos de cadáveres?

A garota, Natasha, juntou sua massa de tranças finas e as empurrou para trás do ombro.

— Sacos? — Ela sorriu. — Temos uma equipe médica viajando conosco. Alguns dos melhores cirurgiões e médicos de toda a Grã-Bretanha, então, na verdade, é capaz de voltarmos para casa em melhor forma do que saímos.

— Viu, Gray? Não há nada para se preocupar… — O olhar de Emmy saltou sobre a cabeça de Natasha. Ela se afastou do bar e endireitou os ombros. — Se não é o homem que tornou tudo isso possível? — Ela estendeu a mão. — Lorde Dunmore. Prazer.

— Robbie. Lorde Dunmore é meu pai. E o prazer é todo meu, Srta…

Um frisson desceu de leve pela minha espinha com a elegância sebosa de seu timbre e aparência.

— Emmeline Rogers.

Seu sorriso se ampliou, dissimulado e suave, um tom de coral em seu rosto pálido e sardento.

— Emmeline. Que nome lindo. — Ele segurou a mão dela e beijou os dedos, depois pegou a de Natasha e repetiu os gestos. — E você é? — Ele se virou para mim, com a mão erguida.

Olhei para suas unhas feitas e limpas, depois para seu rosto e mesmo que quisesse tocá-lo tanto quanto queria acariciar um rato sarnento, agi de forma civilizada.

— Naya Moreau.

Uma leve carranca franziu o espaço entre suas sobrancelhas quando ele levou minha mão para seus lábios.

— Não me lembro de ter visto esse nome em nossa lista.

Fiquei surpresa que ele tivesse visto a lista.

— Isso por que não estou na lista, Sr. Dunmore. — Limpei a mão discretamente em meu vestido.

— Ah. Isso explica. Americana?

— De New York.

— E você está aqui com…? — Seu olhar se desviou para Grayson, cujo

corpo ficou rígido como um poste de luz.

— Eles são meus convidados. — Emmy tomou outro gole de sua taça de martíni. — Meu meio-irmão e… a amiga dele.

Levantei uma sobrancelha. Amiga *dele*? Achei que soava melhor do que me apresentar como inquilina dela, afinal quem levava inquilinas para uma festa particular? Além disso, eu me sentia amiga de Grayson. Certamente mais do que me sentia de Emmy.

Os olhos castanho-âmbar de Robbie pareciam brilhar em tons de vermelho quando ele inclinou a cabeça na direção de Emmy.

O Triplo era alto, tão alto quanto Adam. A comparação me pegou de surpresa. De todas as pessoas altas que eu conhecia, por que em todos os mundos minha mente foi direto para o meu companheiro de asa negra? Meu pai era incrivelmente alto. No mínimo, sete centímetros maior que Adam.

— Posso tirar uma foto em grupo? — Um fotógrafo usando um kilt xadrez sobre a camisa social branca levantou uma câmera antiga equipada com uma lente telescópica.

— Mas é claro. — Robbie se virou para ele, então abriu os braços, e Natasha e Emmy se aproximaram, já sorrindo.

Depois que a lâmpada brilhante piscou, Emmy acenou para Grayson e para mim.

— Se aproximem.

— Estou bem, Em. — O tom rude e a postura fechada de Grayson chamaram a atenção de uma mulher em um terninho escuro, parada a alguns metros de distância.

Por seu traje rigoroso, penteado mais rigoroso e olhar afilado, presumi que ela fosse a guarda-costas de Robbie. Um homem de sua estatura devia ter um esquadrão inteiro deles. Depois de olhar Grayson de cima a baixo, ela desviou o olhar, provavelmente decidindo que ele não era um risco.

— Srta. Moreau? — O som do meu nome saindo da boca do Triplo me fez olhar para ele. — Quer tirar uma foto?

Eu particularmente não queria, mas achei melhor não recusar. Me aproximei de Emmy, que enganchou o braço em volta dos meus ombros, e encarei a câmera enquanto ela imortalizava o momento.

Uma vez feito isso, Robbie nos agradeceu por ter vindo, então passou para seus próximos convidados, a guarda austera colada nele como sua própria sombra.

— Você poderia pelo menos ter dito oi — Emmy sibilou para Grayson,

antes de se virar para o barman e empurrar a taça de martíni para ele. — Quero outro desses.

Sobre a música ambiente e relaxante, pensei ter ouvido os nós dos dedos de Grayson estalarem. Envolvi a mão sobre seu punho, tentando aliviar sua irritação crescente antes que ele explodisse. Pelo bem dele e de Emmy, eu não queria que a última interação deles fosse misturada com antagonismo.

— Quer algo para beber, Naya? — ela ofereceu uma vez que seu copo estava cheio e a flute de Natasha estava sendo enchida com mais espumante.

— Somente água. Obrigada.

— E você, Gray? — Seu olhar se desviou para a mão que envolvi na de Grayson. Quando seu sorriso se alargou, percebi que ela estava, novamente, interpretando mal minha tentativa de acalmá-lo como uma tentativa de seduzi-lo.

— Água também. — Seu resmungo não irritou Emmy nem um pouco.

Enquanto ela fazia nossos pedidos, murmurei:

— Sei que dói em você, Grayson, mas deixe pra lá. — Apertei seu punho uma última vez antes de remover os dedos.

— Então, há quanto tempo vocês dois estão juntos? — Natasha estava encostada no bar, bebericando champanhe.

Fiz uma careta. Olhei ao redor. Quando percebi que ela se referia a Grayson e a mim, eu disse:

— Ah… não estamos. Acabamos de nos conhecer.

Emmy ofereceu dois copos de água para nós.

— Nunca pensei que ficaria feliz por você ter chegado a Londres, Naya, mas pelo menos agora, vou partir para minha viagem com o coração mais leve.

Meu pulso parou com sua insinuação, e Grayson… seu rosto ficou todo manchado.

Para diminuir o constrangimento, bebi a água, coloquei o copo vazio no balcão e corri para o banheiro, que ficava entre dois painéis de bronze, no final de um corredor escuro.

Pulei quando um corpo se mexeu na escuridão ao lado da porta do banheiro. Meus olhos levaram um minuto para perceber que era a segurança de Robbie. Imaginei que Robbie também tivesse decidido ir ao banheiro.

Depois que entrei no banheiro feminino, lavei o toque do Triplo das mãos, penteei o cabelo com os dedos, retoquei o batom e respondi uma mensagem de minha mãe. Decidindo que tinha dado tempo suficiente a Grayson para se acalmar, peguei minha bolsa de festa e estava prestes a sair quando a porta da cabine se abriu e saiu ninguém menos que Robbie.

Eu tinha entrado no banheiro masculino?

Estava prestes a me desculpar quando a mulher mais velha de vermelho, com quem eu o vi mais cedo, saiu da mesma cabine. Enquanto ela reajustava o corpete de seu vestido, meu olhar se desviou para sua mão esquerda, onde um grande diamante de corte princesa brilhava em cima de uma aliança de casamento. Mesmo que eu não pudesse ver sua pontuação de pecadora, trair faria seu número subir pelo menos dois pontos, talvez três. Ela não me deu atenção. Apenas murmurou algo no ouvido de Robbie, depois umedeceu o lábio superior e saiu do banheiro, balançando os quadris.

— Naya Moreau. — O som do meu nome fez minha atenção saltar para o espelho, para os olhos refletidos do mais jovem Dunmore. — O que você acha do nosso programa?

Eu tinha mais dúvidas do que opiniões sobre seu programa, mas como não podia exatamente questionar a natureza da viagem, respondi de forma diplomática:

— É uma iniciativa maravilhosa. Eu gostaria que mais pessoas se preocupassem em ajudar os outros.

Ele fechou a torneira e desenrolou uma toalha de uma cesta.

— Você se candidatou?

— Infelizmente, não.

— Pais superprotetores?

Meus pais davam à palavra superprotetor seu próprio significado.

— Na verdade, foi minha falta de passaporte que me impediu de me candidatar. Eu realmente adoraria me juntar à sua equipe.

Robbie ergueu uma única sobrancelha louro-avermelhada enquanto continuava enxugando as mãos.

— Você não tem passaporte? Como chegou a Londres? Alguém contrabandeou você para o nosso país?

Calor subiu pelo meu pescoço com a minha estupidez. Por que eu não disse a ele que eu era daqui? *Droga. Droga. Droga.*

— Sim — acabei murmurando, e como o meu pai me carregou por um canal, não era uma mentira total.

Robbie finalmente descartou sua toalha de mão em uma cesta de arame embaixo da pia, então apoiou o quadril contra o bloco de granito.

— Vida familiar difícil?

Escolhi o silêncio, pois falava mais alto que as palavras *e* não custava penas.

— Se eu conseguisse um passaporte para você, você se juntaria a nós?

— Sim! — Quanto mais entusiasmada eu soasse, melhor, certo? Depois de um instante, perguntei: — Sua pergunta era hipotética?

Mesmo que não houvesse nada de sobrenatural em Robbie, seus olhos pareciam brilhar.

— Não.

— Você poderia fazer isso acontecer? Não tenho certidão de nascimento ou…

— Você pode fazer muitas coisas acontecerem quando se conhece as pessoas certas e molha as mãos certas.

Meu coração batia nas costelas.

— Eu precisaria de suas impressões digitais – para localizar sua certidão de nascimento, se houver – e seu consentimento para passá-las pelo sistema.

Sem hesitar, eu disse:

— Vamos fazer isso.

O sorriso que ele me deu foi tão brilhante quanto presunçoso, porque ele me considerava outra mosca presa em sua teia. Mal sabia que *ele* era a mosca que tinha acabado de voar direto para a *minha* teia.

dez



adam

FATO ANGÉLICO #131:
Pecar não é apenas humano, é angelical.

ENQUANTO IA para casa como uma bala em cima da minha moto roncante, pensei em maneiras de agilizar minha mais nova missão: reformar o treinador de beisebol de quarenta e poucos anos que vivia de subornos. Embora eu geralmente fosse bom em equilibrar minhas missões de pluma com as de shorhim, eu não tinha nenhum desejo de investir no flagelo de Anthony.

No minuto em que cruzei a soleira da nossa casa emprestada e peguei os traços descendentes das sobrancelhas de Levi e Galina, meu pecador escapou da minha cabeça.

— Quem morreu?

Um olhar para a boca tensa de Noah me eriçou. Algo havia acontecido.

Algo ruim.

Por que em Abbadon eu saí com meu pecador hoje? Eu deveria ter adiado a missão.

Quis me chutar por minha falta de previsão.

— Os policiais pegaram nosso suspeito?

— Não. Ele ou ela ainda está à solta. — Galina se endireitou no banco, esticando os braços sobre a cabeça, como se tivesse ficado debruçada sobre a mesa da cozinha por horas.

Me sentei no banco ao lado dela.

— Então por que todos vocês parecem ter visto malakim chutando uma alma humana?

Galina trocou um longo olhar com Noah.

— Eles estão preocupados que você vai ficar chateado com algo que acabei de descobrir. — Levi entrou na cozinha com seu tablet.

Meu pulso, que tinha acelerado, parou.

— O que você acabou de descobrir?

— Sabe aquela viagem missionária da Circle Foundation que você me disse para ficar de olho? Acabaram de tornar pública a lista de participantes.

— Certo. E?

Ele virou a tela para mim. Percorri a lista até que meu olhar se prendeu em um nome familiar. *Emmeline Rogers*.

Emmy se candidatou a uma missão humanitária? Como eu não sabia disso? E desde quando ela se importava com o resto do mundo? Ela não era uma pessoa fundamentalmente má, mas nunca tinha dado um único centavo pelo qual não fosse cobrada, nem para o mendigo dormindo na estação de metrô perto de sua casa, nem para garçons em restaurantes. Na verdade, ela roubaria dinheiro perdido como se seu sustento dependesse disso.

Eu finalmente olhei para cima.

— Isso é… inesperado.

— Você não sabia que ela havia se candidatado? — Noah estava escorrendo macarrão na pia.

Balancei a cabeça.

Galina dobrou um dos joelhos e o apertou contra o peito, soprando a fumaça rançosa de chá em minha direção.

— Sua ex sabia que você estava investigando os Dunmore?

— Claro que não. — Estiquei o pescoço, me livrando dos nós que meu dia – *semana* – estressante tinha colocado lá. — Por quê?

— Eu tinha uma teoria de que ela tinha feito isso para chamar sua atenção. — Galina deu de ombros. — Acho que é coincidência.

Não existem coincidências.

Inadvertidamente deixei escapar o nome Dunmore ou mencionei sua iniciativa venezuelana? Talvez tivesse deixado uma página de pesquisa sobre a Circle Foundation aberta no meu telefone? Emmy realmente teria se dado ao trabalho de se envolver com eles para chamar minha atenção?

Não fazia sentido. O que fazia ainda menos sentido era por que ela assumiria que eu voltaria se ela se envolvesse com eles.

Enquanto refletia sobre tudo isso, peguei Galina percorrendo um feed colorido cheio de fotos. Uma delas me fez arrancar o telefone da sua mão e apertá-lo com tanta força que foi um milagre o vidro não ter quebrado.

Verifiquei a quem pertencia o feed - *Emmy* - e depois verifiquei o carimbo de hora na foto. Tinha sido tirada há meia hora naquele clube de jantar da moda de propriedade do Dunmore mais jovem. A legenda dizia: *Aos novos amigos e novos começos*.

Cerrei a mandíbula enquanto observava a boca de Naya roçando a orelha de Grayson e a mão em volta da dele. O que aconteceu com seu desejo de salvar pobres almas? Ela achava que Grayson precisava ser salvo? Bufei. A alma do

cara era mais limpa do que as cuequinhas brancas de Noah.

Mais importante, porém, ela estava toda arrumada e participando de um evento organizado por um Triplo.

— Posso pegar meu telefone de volta? — Galina estendeu a palma da mão, no mesmo instante que o tablet de Levi emitiu um toque estridente.

Ele o virou de volta para si e passou o dedo pela tela enquanto eu devolvia o telefone.

Galina estudou a imagem por um instante.

— Quem é a garota com o irmão da sua ex?

Levi me poupou de responder.

— A lista das Garotas Circle foi atualizada.

— O que você quer dizer com atualizada? — perguntei.

Ele arregaçou as mangas muito longas de sua camiseta de raio.

— Um nome acabou de ser adicionado à lista.

— Como? O formulário de inscrição não foi fechado há mais de duas semanas? — Galina havia ampliado a foto de Grayson e Naya e a estava estudando atentamente.

— Foi. Não tenho certeza de como ela fez isso. — Levi passou a mão pelo campo de batalha em cima de sua cabeça.

— Provavelmente chupou Robbie Dunmore — murmurei.

O Triplo adorava deixar as pessoas de joelhos, fosse para enfiar o pau na boca delas ou o cano da arma. Homens. Mulheres. Velhos. Jovens. Não importava muito para ele. Os humanos, aos seus olhos, estavam ali para serem usados, eram todos descartáveis.

Se ao menos a nova Garota Circle soubesse para o que se inscreveu. Não que eu tivesse cem por cento de certeza do que ele havia planejado para elas. A única coisa de que Dov e eu tínhamos certeza era que o Triplo usaria as garotas para ganho pessoal.

Levi ficou boquiaberto.

— Você acha?

Dei de ombros.

Eu estava prestes a pedir-lhe notícias sobre o nosso caso, quando Noah deu a volta na ilha e olhou para o tablet.

— A *Naya* é a nova inscrita?

— O quê? — A palavra saiu da minha boca com tamanha velocidade que balançou as mechas soltas emoldurando o rosto de Galina.

Ela abaixou o telefone.

— Naya, como a Naya do Seraph Asher?

— Você conhece alguma outra? — ralhei.

— Nossa. — Ela revirou os olhos, levantando o telefone mais uma vez. — Você está tenso. — Ela chegou em uma foto minha que eu não sabia que existia. Queria apagá-la, mas precisava priorizar meus problemas.

E o primeiro era Naya Moreau.

Noah voltou para seu macarrão.

— Você acha que ela se juntou com o objetivo de terminar de reformar a pecadora ou Dov contou a ela sobre os Dunmore?

Galina havia voltado para a foto de Grayson e Naya.

— Eu realmente espero que ela não tenha feito um boquete no Robbie para conseguir um lugar na equipe.

A imagem que Galina colocou na minha cabeça, me fez querer enfiar o punho em alguma coisa, de preferência a alma de Robbie.

— Adam? — A voz de Noah parecia amplificada, mas distante, como se estivesse emanando de um alto-falante no topo de uma montanha. — Você está bem?

Fiquei de pé, sentindo a adrenalina correndo pelas minhas veias, apertando cada um dos meus músculos.

— A Naya não está indo para a Venezuela para acompanhar Emmy. Ela está indo para lá porque eu a rejeitei.

Noah franziu a testa.

— Não entendo…

Antes que ele pudesse falar o resto, eu já estava na garagem, acelerando a moto, pensando em formas de colocar juízo na pluma, sem que isso me custasse todas as minhas malditas penas.

Um dos cenários deve ter alertado os ishim, porque me depenaram, caramba.

onze



naya

NO ESPAÇO DE DEZ MINUTOS, passei de uma pluma sem documentos para a orgulhosa proprietária de uma certidão de nascimento *e* um passaporte.

Quando Robbie se ofereceu para tirar minhas impressões digitais, eu presumi que não apareceria no banco de dados, por ser de ascendência angelical, mas eis que minhas impressões digitais foram encontradas. Combinavam com a de Valentine Tremblay, nascida em Paris no meu aniversário.

Li o nome da mãe de Valentine: *Céline Tremblay*. Ela poderia ser minha mãe biológica? Apa nunca havia mencionado uma Céline, mas por que o faria? Embora ele me amasse incondicionalmente, ele não tinha orgulho de como eu vim ao mundo. Um anjo engravidando uma mulher casada era muito malvisto.

Ao lado do nome de Céline estava o do marido – *Lionel Tremblay*. Eu me perguntei por que ele permitiu que seu nome fosse registrado na minha certidão de nascimento, se eu era, de fato, sua filha ilegítima. Ele não sabia que eu não era sua filha quando sua esposa me deu a outro homem?

Eu estava tão focada em minha nova ancestralidade que quando fui pegar o copo de água, acidentalmente o derrubei, e o conteúdo gelado se derramou sobre a mesa, direto no colo de Grayson.

Ele empurrou sua cadeira para trás.

— Droga. Sinto muito.

— Está tudo bem. — Grayson sorriu. — É só água, Naya.

Emmy se inclinou e falou arrastado:

— Você poderia derrubar uma jarra de molho de soja, e Gray ficaria absolutamente *bem* com isso.

Sutil. Pelo menos, ela não tinha falado muito alto.

Depois que um garçom secou a água, Grayson se inclinou para frente e sussurrou:

— Por favor, desista.

Eu me assustei, pensando que ele estava falando comigo, mas eu não tinha compartilhado meu recente alistamento, então imaginei que era para Emmy que ele estava implorando.

— E passar o verão deprimida, me perguntando por que não fui boa o suficiente para o meu ex? Não, obrigada.

Estudei seu nariz reto, olhos azuis brilhantes e cabelos acetinados.

— Você não deve medir seu valor pelos olhos de outras pessoas.

Ela soltou uma bufada maçante.

— Algum cara já te largou, Naya?

— Não.

— Então você não consegue entender como isso fode com sua autoestima.

— Eu entendo que o Adam te magoou.

— Diz a pessoa que nunca foi deixada.

— Nunca fui deixada porque nunca namorei ninguém. — A frustração por ela pensar tão pouco de minha empatia *e* de si mesma me fez admitir isso com muita paixão. Também fez minhas asas invisíveis eriçarem.

Ela piscou.

— Você está brincando?

Minhas bochechas aqueceram quando segurei meu copo recém-cheio.

— Não.

— Por quê?

— Porque… eu simplesmente nunca namorei. — Esvaziei o copo, depois o coloquei na mesa de forma mais brusca do que o necessário.

Natasha, que trocou seu cartão para se sentar em nossa mesa, se inclinou sobre Emmy para olhar na minha direção.

— Mas você já beijou alguém, não é?

Balancei a cabeça, sentindo as asas formigando como se o ishim estivesse me lembrando de não mentir, mas minha boca nunca esteve na de ninguém.

— Você está falando sério? — As pálpebras de Emmy estavam tão puxadas para cima que ela me fez pensar em Lyla, cujos olhos ocupavam um terço de seu rosto. — Você nunca beijou *ninguém*?

Ela fez parecer que eu tinha perdido um estágio essencial no meu desenvolvimento. A maioria das plumas não namorava até chegarem ao Elysium. Tive que me lembrar que Emmy estava vendo isso através de olhos humanos, onde duas décadas constituíam um grande pedaço da vida em vez da gota de orvalho que era para os anjos.

— Tenho a vida inteira para beijar e me apaixonar.

Natasha olhou para mim, comunicando seu choque com olhos arredondados.

— Mas você não está curiosa?

Felizmente, o garçom chegou com nossos aperitivos, pondo fim a essa conversa. Emmy pediu outro coquetel, o que fez a mandíbula de Grayson

tensionar enquanto ele mastigava seu bolinho de cebolinha coberto com creme de limão, salmão cru e um monte de caviar brilhante.

— Ainda não quer nada mais divertido do que água, Naya? — Emmy passou a maior parte da última hora alternadamente mexendo em seus brilhantes cachos castanhos e tentando me convencer a consumir álcool.

— Não.

— Você não bebe, não é?

Espetei a mistura de frutos do mar nos dentes do garfo.

— Prefiro manter a cabeça limpa.

— Então não é por razões dietéticas ou religiosas? — Emmy arrumou o cabelo pela *trilionésima* vez, depois franziu os lábios e tirou outra *selfie*, certificando-se de que seu decote estava em destaque agora que Robbie Dunmore não estava mais presente. Antes de ele sair, aparentemente precisando ir até a mansão de seus pais para prepará-la para nossa chegada – íamos passar o fim de semana lá para nos prepararmos para a viagem – a maioria de suas *selfies* foram tiradas de forma ampla, englobando o notório bilionário.

Balancei a cabeça.

— Uma escolha de vida. — Além disso, beber custava penas. Ou melhor, o abuso de álcool. Um copo aparentemente não doía.

Emmy finalmente guardou o telefone na bolsinha de grife, e ele tiniu contra algo que parecia muito com o anel de guardanapo de madrepérola que tinha sido enrolado em torno do tecido de linho engomado em seu colo. Como as pessoas raramente traziam seus próprios anéis de guardanapo para jantares, e o modelo era uma réplica do que coloquei ao lado do meu prato, presumi que ela o havia afanado.

Emmy, Emmy, Emmy.

Quase estalei a língua, mas decidi ficar quieta e esperar que ela o pegasse e articulasse uma desculpa esfarrapada. Embora ela tivesse me visto olhando, ela fechou a bolsa e a encaixou atrás das suas costas.

Os aperitivos foram retirados e sua bebida servida. O gelo tiniu quando ela a levou aos lábios. Talvez porque estivesse nervosa por eu a ter pegado em flagrante, ela se virou para Natasha, o que me deixou para falar com Grayson, meu companheiro de ponta de mesa.

Abri minha boca para conversar quando Natasha ronronou:

— Humm. A sobremesa acabou de chegar.

Já? O que havia acontecido com o prato principal? Não que eu estivesse reclamando.

Emmy sibilou, e meu olhar se desviou do prato de Natasha, seguindo sua linha de visão. Não era à toa que Emmy parecia ter mordido uma fatia de limão. O ex dela estava vindo direto para a nossa mesa, com os olhos de um tom radioativo de verde, cabelo cor mogno bagunçado e a pele banhada de suor. Em vez de se encolher, Emmy se endireitou e ergueu os ombros.

Os olhos de Adam encontraram os meus enquanto ele passava por clientes curiosos. Me perguntei como ele tinha entrado no evento privado. *Dov*. Ele devia ter ligado para Dov.

A verdadeira questão, porém, era: por que ele tinha vindo? Para reacender seu relacionamento com Emmy? Para convencê-la a desistir do programa? Ele estava ciente de que ela tinha sido escolhida para fazer parte da missão Dunmore?

Conforme ele se aproximava, notei os músculos de seus braços se contraindo como se ele estivesse se preparando para uma luta.

Grayson se levantou de sua cadeira.

— Eu não estou aqui por causa da sua irmã — Adam falou entre dentes. — Estou aqui por causa da Naya.

Emmy, que até então estava sentada tão imóvel quanto uma escultura de gelo, derreteu para a vida e voltou sua atenção para mim. Não encontrei seu olhar acusador. Em vez disso, me recostei na cadeira e cruzei os braços.

— Ela e eu precisamos ter outra conversinha.

Eu tinha ouvido falar de fuzilar com os olhos, mas nunca tinha experimentado até os olhos de Adam encararem os meus.

Em voz baixa, ele acrescentou:

— Já que a primeira não funcionou bem.

Grayson olhou para mim, com a testa franzida em confusão.

— Naya. — Adam moveu o queixo em direção à saída. — Agora.

Não me levantei.

— Não sou um cachorro, Adam. E eu ouvi você alto e claro na primeira vez.

— Acho que ela não está interessada no que você tem a dizer. — Grayson deu um passo à frente, tentando forçar Adam a recuar.

— Vá se foder, Gray. — Seus molares se apertaram quando o ishim extraiu uma pena de suas asas invisíveis. Pensar que ele perdeu a penugem preta por sua escolha de palavras, quando deveria ter perdido por seu tom.

— Se a Naya quisesse falar com você, idiota — Grayson resmungou —, ela já teria se levantado. Agora saia antes que eu diga aos guarda-costas de Dunmore

para jogá-lo no meio-fio onde você pertence.

Mas os guardas de Dunmore haviam partido com o chefe…

— Isso não é um jogo, Naya. — Adam vibrava com raiva mal contida.

Então, ele sabia que eu tinha me juntado às Garotas Circle e tinha aparecido para me convencer a desistir? Embora seus modos fossem impetuosos e mal pensados, apreciei que ele se importara o suficiente para fazer a viagem.

A menos que…

A menos que não tivesse nada a ver com preocupação e tudo a ver com este ser o seu caso, e ele agindo de forma territorial.

Meus braços apertaram mais na frente do meu peito.

Quando ele percebeu que eu não iria ficar de pé, balançou a cabeça, virou-se e saiu furioso. Sua visita foi tão surreal que, se eu não tivesse visto as cabeças girando entre a entrada do restaurante e o final da nossa mesa, eu teria me perguntado se isso realmente havia acontecido.

— O que foi isso? — Natasha perguntou.

Com os braços finalmente se soltando, escolhi as palavras com cuidado. Eu não queria perder minha primeira pluma por causa dele.

— Ele tentou me convencer a não sair com a Emmy.

— Ele o quê? — Suas bochechas coraram com o choque. Ou era indignação?

— Não o conheço bem – *nem um pouco,* reconheço –, mas acho que ele não quer que nos tornemos amigas.

— Por quê? Porque não sou boa o suficiente para ser sua amiga? — Emmy grunhiu.

— O que eu quis dizer é que talvez ele esteja preocupado que você me conte histórias que ele não quer que seus pais saibam.

Suas pupilas pareceram dilatar enquanto ela pesava os prós e os contras de confiar em mim. Finalmente, ela soltou uma pequena bufada.

— Ele *deveria* estar mesmo preocupado. Tenho muitas histórias. — Ela pegou o gim da mesa, despejou o líquido na garganta e em seguida estalou os lábios. — Ah, por onde começar?

Natasha pediu a mais sacana. Eu não queria ouvir isso, então me virei para Grayson, que estava me observando em silêncio, atentamente.

— Você honestamente só o conheceu na noite em que chegou a Londres? — ele perguntou.

Com um suspiro, eu assenti.

— Sim, estou sendo sincera. — Apoiei os antebraços sobre a mesa de vidro

preto antes de pegar um dos bolinhos de arroz frito da tigela de cerâmica que um garçom havia deixado em nossa mesa.

Mastiguei, infelizmente muito irritada para apreciar o sabor. Comi outro, que desceu como gesso molhado. Por mais que eu tentasse me concentrar na comida deliciosa e na missão que estava prestes a embarcar, continuei repassando a explosão tempestuosa de Adam.

E repassando…

Todo o caminho de volta para casa.

Ainda pensando no pluma, deixei um Grayson mal-humorado e uma Emmy bêbada. Os esforços dele para reduzir a bebida da irmã tiveram uma morte rápida após o fiasco de Adam.

Enquanto ele a ajudava a subir um lance de escadas, desci até meu esconderijo e destranquei a porta. Antes que eu pudesse alcançar o interruptor de luz, o abajur barato na mesa de cabeceira se acendeu, e meu coração, que bateu de forma irregular a noite toda, quase descarrilou.

doze



adam

FATO ANGÉLICO #12:
O Elysium não é um lugar na Terra.

AS CHAVES ESCORREGARAM da mão de Naya, e suas bochechas esvaziaram com um suspiro.

Balancei nas pernas traseiras da cadeira de ferro que arrastei do jardim subterrâneo.

— Se divertiu no *Jardin Japonais*? — Estalei o *p* na última palavra

Esperei quase duas horas para ela chegar em casa. Se eu estava nervoso antes, isso empalideceria em comparação com o quanto eu me sentia irritado no momento.

Ela se agachou para pegar as chaves, então as enfiou no bolso da jaqueta.

— Como… como você entrou?

— Primeira regra de viver no mundo humano: aprenda a trancar as portas.

Seus dedos se fecharam em torno das chaves, as articulações ficando tão brancas quanto as paredes que nos cercavam.

— A porta *estava* trancada.

— *Portas*. Plural. — Acenei com a cabeça para a porta do pátio atrás de mim enquanto batia as pernas da frente da cadeira no piso de vinil que deveria parecer madeira de verdade e me levantei. — Arrume suas malas. Você vai para casa.

— Não vou a lugar nenhum. — Sua cabeleira loira balançou. Seu corpo inteiro vibrou, combinando com seu humor e o meu. — Como você descobriu?

— A lista das Garotas Circle é pública, foi assim. Agora, faça as malas. Vamos partir.

— Eu não vou embora.

Movi a mandíbula de um lado para o outro.

Eu estava prestes a pedir de forma um pouco mais gentil quando ela acrescentou:

— O Grayson está certo. Você é um *tremendo* idiota dominador.

Sorri. Eu levaria isso como um elogio, considerando como o meio-irmão de Emmy era indutor de bocejos, um vice-campeão de Ophan Franz, o professor de

etiqueta da minha associação natal. Eu nunca dormi tão profundamente quanto durante suas aulas.

Voltando ao ponto, porém…

— Você tem alguma ideia do quanto Robbie Dunmore é vil, Naya?

— Já fiz minha pesquisa. Sei que ele é um Triplo e que a fundação da família é um disfarce para muitas coisas ruins.

Embora seus saltos altos lhe emprestassem vários centímetros, ela ainda tinha que inclinar a cabeça para trás para me olhar nos olhos. Papa Gabriel podia não ser meu pai biológico, mas de alguma forma eu herdei sua altura.

— Coisas ruins? — Eu bufei. — Pra dizer o mínimo. O homem tem mais sangue nas mãos do que a Fundação Cruz Vermelha tem em seus bancos. Ele é tão corrupto quanto se pode ser.

— Ainda bem que consegui uma vaga nessa missão então.

Quem disse que a garota era maleável e doce obviamente não tinha passado muito tempo em sua companhia.

Puxei as raízes do meu cabelo.

— Você é sempre tão teimosa?

— Você é sempre tão mal-humorado?

Meus dedos congelaram no meio do puxão.

— Você tem alguma ideia do que ele está planejando fazer com sua pequena delegação?

Ela apertou os lábios.

— Eu ponderei algumas reflexões sobre o assunto, sim.

— E ainda assim, você vai?

— Essas garotas são indefesas. Elas vão precisar de um anjo da guarda, e é aí que eu entro.

— Elas vão precisar de mais de um — reclamei.

— Você está se oferecendo para se juntar à *minha* missão?

— *Sua* missão? — Entrei em seu espaço, chegando tão perto que notei que suas írises não eram pretas como eu supunha. — Vim para Londres para investigar esta família. Por que você acha que me vinculei a uma pecadora tão fácil quanto Emmeline Rogers, hein? Por que acha que fiquei tanto tempo? — A garota tinha sido um grande álibi e um método agradável para liberar a tensão enquanto eu investigava os Dunmore. — Imagine minha surpresa quando vi seu nome aparecer na lista. — Minhas exalações bruscas agitaram uma mecha de seu cabelo. Fiquei momentaneamente distraído por quão liso era, tão diferente da primeira vez que nos encontramos. — Olha, vou dizer isso uma última vez, mas

a menos que você queira ver garotas traficadas, assassinadas ou sabe-se lá o que o furico está planejando, você precisa desistir.

Seus lábios ainda estavam soldados fechados, mas sua garganta se movia, abaixando com engolida atrás de engolida, finalmente a abalei. Foi a parte do tráfico ou de assassinato? Ela finalmente estava com medo por sua própria segurança? Naya podia ser imortal, mas havia algumas formas de tortura das quais nem nós podíamos escapar.

Ela se virou usando aqueles saltos altíssimos e abriu a gaveta.

— Como está o clima na Venezuela nesta época do ano?

Meu olhar se fixou em suas panturrilhas, longas e magras, músculos tonificados cobertos por pele clara, mas aí suas palavras me deram um pescotapa.

— Venezuela?

Seus dedos pararam na borda da gaveta, e então ela a fechou e colocou a mão no quadril, amassando o tecido rosa neon.

— Você realmente não achou que eu estava fazendo as malas para fugir de Londres, achou?

Essa garota ia dar um nó no meu cérebro. Fechei os olhos, tentando me acalmar antes de pensar ou fazer algo que me custaria mais um punhado de penas. Quantas eu perdi desde que conheci Naya? Sem dúvida, todas que ganhei pela Emmy.

— Deixe-me explicar uma coisa para que você entenda o quanto está sendo imprudente agora, *Estrela*.

Seus dedos amassaram um pouco mais a saia.

— Minha equipe e eu trabalhamos sob a orientação de um ishim e ao lado da polícia civil, federal e detetives. — A parte do detetive era *meio* verdade. Quanto aos federais e à polícia… tropeçamos no primeiro duas vezes enquanto trabalhávamos no mesmo caso e o último estava perpetuamente tentando nos prender por invasão ou adulteração de evidências. Não esclareci, pois isso depreciaria muito o meu ponto. — Nosso objetivo é desmantelar as organizações criminosas, não saltitar junto com os senhores do crime até trazerem suas consciência à tona.

Uma risada escapou de sua boca. Ela a sufocou com as costas da mão, mas seus olhos permaneceram brilhantes.

— Você achou que eu estava planejando reformar Robbie Dunmore? — Outra risada, o som era alto, mas suave como o cetim.

Eu me esgueirei contra a parede, tentando controlar os arrepios em meus

braços. Desde quando eu me arrepiava ao ouvir a risada de alguém, especialmente quando aquela risada era às minhas custas?

— Me mostre seu grande plano de guardiã.

— Eu o faria — ela disse com doçura —, mas não somos um time. Você me recusou, lembra? E como também não somos amigos, não vejo por que te devo alguma ideia de como protegerei essas garotas.

Eu bufei.

— Você nem mesmo tem um plano, não é?

Suas asas brotaram de suas costas e se enrolaram levemente ao redor de seus ombros.

— Na verdade, tenho.

Verifiquei o ar ao redor de suas pernas em busca de uma pena caída, depois o chão ao redor de seus saltos agulha traiçoeiros. Quando nenhuma penugem preta brilhou, eu subi o olhar pelo comprimento de seu corpo para seu rosto.

— Já que você está tão determinada em levar esta missão até o fim, e eu estou determinado a aniquilar Robbie Dunmore de uma vez por todas, me dê o prazer.

Sua boca ficou imóvel por um minuto… dois. Quando eu estava perdendo a paciência, seus lábios se separaram.

— Estamos indo para a mansão dos Dunmore para nos prepararmos para a missão antes de partirmos para a Venezuela. — Ela acrescentou aspas no ar ao redor da palavra *prepararmos*. — Eu estava planejando coletar evidências de que não é um esforço humanitário e levar minhas descobertas à polícia para que eles pudessem intervir antes que as meninas deixassem o solo britânico.

Eu não consegui segurar a bufada que saiu de mim.

Ela franziu o cenho.

— O quê?

— Boa sorte em encontrar um policial disposto a ir contra aquela família. Você teria mais sorte enxertando ossos de asas em carne humana. — Enquanto eu examinava a garota, o velho ditado que Papa havia martelado em meu cérebro sobre mel, abelhas e vinagre se infiltrou na minha abordagem atual. — Mas aplaudo sua iniciativa.

Ela bufou.

— Como *isso* não lhe custou uma pena?

— Porque não é mentira. Mas estou falando sério sobre isso estar além da sua capacidade. Além disso, minha equipe e eu estamos monitorando tudo. Não há necessidade de se colocar em risco. — Eu me afastei da parede e abri a gaveta

de cima para ajudá-la a fazer as malas quando meus dedos bateram em uma coleção de renda e cetim. Meu sangue aqueceu. Eu tinha atrelado Naya a um tipo de anjo de algodão neutro, não…

— Então, qual é exatamente o *seu* plano?

Congelei com a respiração ofegante de sua voz, meus dedos pairando sobre coisas que eu não tinha o direito de ver, muito menos tocar. Eu os fechei e apertei ao meu lado, então girei em direção a ela e limpei a garganta.

— Envolver um dos inimigos do Robbie quando ele estiver na Venezuela. — Com os olhos, tracei a curva da bochecha de Naya até a ponta do queixo. — Neste país, ele é intocável.

— Envolvido como?

— Assassinado.

A respiração de Naya ficou presa.

— Uma alma vil a menos flutuando pelos mundos.

— Certo.

— Certo o quê?

— Certo, vou ajudar a colocar o Robbie no caminho de seu inimigo.

Desliguei cada parte do meu cérebro que se animou com a visão das roupas íntimas de Naya, deixando apenas a seção de bom senso, já que claramente, ela desligou a dela.

— De jeito nenhum.

— Estarei infiltrada. Além disso, Robbie me conhece e acredita que sou uma garota insípida com problemas familiares. Ele nunca vai imaginar que isso vai acontecer.

— Não.

— Qual é a pior coisa que o Triplo poderia fazer comigo?

— Ele poderia te sequestrar! Te torturar!

— E daí? Eu sou imortal. Também sou extremamente bem treinada em artes marciais.

— Mesmo assim não vou te usar para encurralar o Robbie.

— Eu posso aguentar.

Reprimi um rosnado.

— Vai manchar sua alma.

Ela revirou os olhos. Revirou de verdade.

— Não estou pedindo para fazer parte de sua equipe, apenas parte *desta* missão.

Olhei para o anjo diante de mim, fiz um inventário de seu corpo, procurei a

força que ela dizia ter. Ela estava longe de ser frágil, e sangue de anjo corria em suas veias, mas ela ainda me parecia vulnerável.

— Seu pai vai me matar.

Um sorriso surgiu nos cantos de sua boca. A *pluma* de um sorriso. Talvez Dov estivesse certo sobre ela. Talvez ela tivesse o que precisava para rondar os nocivos bolsões negros desta Terra. Por que mais ela sorriria com a ideia de participar de uma missão que estava destinada a ficar feia?

A menos que aquele sorriso tivesse sido produzido pela ideia da minha morte iminente, porque eu não tinha dúvidas de que se algo acontecesse com ela, Asher cuidaria do extermínio de minha alma.

— Você é mais louca do que eu pensava — murmurei, com o olhar fixo na vibração constante de seu pulso.

— Mais corajosa.

Voltei meus olhos para os seus de obsidiana e arqueei uma sobrancelha.

— É preciso coragem para ir para a batalha.

— Certo. Quando não se tem escolha. Quando se tem, é pura loucura.

Sorrindo ainda mais, ela disse:

— Então devo ser tão louca quanto você.

treze



naya

UMA BATIDA na porta fez meu coração rodopiar ao mesmo tempo que meu corpo.

Robbie Dunmore não iria bater, me lembrei. Robbie Dunmore não viria me visitar, ponto final, e realmente não havia razão para ele mandar alguém vir atrás de mim. A menos que ele tenha sido informado sobre a discussão que tive com Adam e estava reconsiderando levar alguém com laços complicados a bordo de sua missão.

Olhei para a porta.

— Quem é?

— Grayson.

Meus batimentos cardíacos se espaçaram.

— Estou indo.

Balancei a cabeça para a porta do banheiro. Adam não entendeu meu pedido silencioso ou não se importou com isso. De qualquer forma, ele não se moveu de onde estava, agora com os braços cruzados.

— Um segundo, Grayson — falei, acenando em direção a um canto do recinto.

Com um suspiro mal-humorado, Adam finalmente saiu de vista. Enquanto caminhava em direção à porta, percebi que ainda não havia tirado a jaqueta, o que certamente pareceria estranho a Grayson. Afinal, eu tinha deixado ele e Emmy uns bons vinte minutos antes. Escondi minhas asas com magia, então simultaneamente tirei os saltos e a jaqueta.

Respirando fundo, o que fez pouco para acalmar meus nervos, abri a porta e me inclinei contra ela.

— Oi. E aí?

Grayson examinou meu rosto, suas feições franzindo em um olhar de diversão silenciosa.

— Você estava se exercitando?

Levei a palma da mão ao pescoço, senti o rubor da minha pele e a batida do meu pulso.

— Tirar este vestido requer contorções demoníacas do corpo. — Dobrei o braço sobre minha cabeça para provar meu ponto.

Sua diversão aumentou, então se transformou em outro olhar, um que

espalhou gelo em minhas veias. Grayson era fofo, mas seu timing era horrível.

— Eu poderia ajudar com isso. — Seus olhos azuis foram para o decote recatado do corpete.

Eu estava prestes a negar Grayson com gentileza quando uma voz profunda e indiferente disse:

— Ela está bem assistida. Mas obrigado, Gray.

Meus lábios estalaram juntos, e eu me virei. A audácia do Adam! Eu ia estrangulá-lo assim que meu visitante fosse embora.

— Não quis interromper. — A voz de Grayson havia perdido vários graus de calor.

Depois de lançar outro olhar eloquente na direção de Adam, me virei para o meio-irmão de Emmy.

— Não é o que você está pensando.

— Não tenho mais certeza do que pensar.

Meu aperto na porta estava tão forte que minhas unhas arranharam a madeira.

— O Adam apareceu para reclamar por ter sido dispensado mais cedo. Ele tem um ego muito sensível.

Uma bufada soou atrás de mim.

Grayson olhou para Adam antes de mudar seu olhar para o meu.

— Só não deixe a Emmy encontrá-lo aqui. Apesar de toda a sua insistência de que está bem, ela não superou o imbecil. — Ele recuou em direção às escadas. — Vou me encontrar com um amigo. — Seguiu-se um longo instante.

Ele estava me perguntando se eu queria ir? Estava esperando que eu sugerisse ir com ele?

Mesmo que Adam não estivesse lá, eu teria dito não a Grayson. Eu partiria amanhã, talvez para sempre. Uma vez que eu devolvesse Emmy e o resto das Garotas Circle em segurança para Londres, eu viajaria para outro lugar.

— De qualquer forma… — ele espalmou o cabelo raspado ao longo de suas têmporas — te vejo por aí.

— Tenha um resto de noite divertido.

Assim que ele subiu as escadas e saiu do prédio, bati a porta e me virei para Adam.

— Foi realmente pedir demais que você ficasse escondido e quieto? — Meu tom afiado nem o fez vacilar.

— Em vez de me fuzilar com os olhos, você deveria estar me agradecendo por afastar o peso morto.

— Grayson *não* é um peso morto.

— Você acha que ele se ofereceu para ajudá-la com o zíper por educação?

Olhei com tanta força que minha linha do cabelo parecia esticada.

— Você está perdendo o ponto.

— Sim. E que ponto é esse?

Nossa frustração combinada inundou a pequena ambiente.

— Que posso me cuidar muito bem, Adam.

Sua mandíbula tiquetaqueou.

— Me perdoe por presumir que você estava falando sério sobre ter sucesso em pegar criminosos. Se eu soubesse que você estava mais interessada em pegar homens, eu teria…

— Ah, pelo amor dos anjos, pare de falar. — Segurei minha testa e a apertei. — Sério. Só pare.

Surpreendentemente, ele o fez, mas sua mandíbula se contraiu como se estivesse contendo as palavras.

— Não posso acreditar que estamos prestes a colaborar em uma missão quando um minuto na sua presença me dá dor de cabeça.

— Você não é exatamente um raio de sol, Estrela.

Eu, Naya Moreau, a pluma com a disposição mais plácida da história das associações, grunhi.

E como Adam reagiu ao meu aborrecimento articulado? O pluma de olhos verdes sorriu.

— Vou para a mansão amanhã — eu disse com firmeza. — Já que você está de olho nos Dunmore, alguma palavra de sabedoria que você gostaria de transmitir antes de eu ir?

— Muitas. — Ele pegou o telefone no bolso da calça atlética e começou a digitar.

Como ele ainda não tinha dito nada depois de um minuto inteiro, eu limpei a garganta.

— Estou ouvindo.

— Ah, não vamos falar aqui. — Ele digitou na tela uma última vez, depois colocou o celular no bolso. — Nosso táxi estará aqui em dez minutos.

Fiz uma careta.

— Aonde vamos?

— Te equipar com um dispositivo de rastreamento.

— No meio da noite?

— Para onde vamos, é de tarde. — Adam se afastou da parede e caminhou

em minha direção.

— Não fabricam dispositivos de rastreamento na Inglaterra?

— Não do tipo que não aparece no radar dos Dunmore.

Me arrependi de ter tirado os saltos, porque tive que esticar o pescoço para olhar Adam nos olhos.

— Isso não é um estratagema desonesto para me tirar da cidade, é?

— Não.

Verifiquei o ar ao redor de suas pernas em busca de uma pena renegada.

— Ainda bem que temos a confiança estabelecida.

— Você espera que eu confie em você?

— Tenho zero expectativas, apenas esperança irreprimível.

— Bem, continue esperando.

Ele deu uma olhada lenta no meu vestido.

— Você pode querer trocar sua roupa para algo mais apropriado.

— O que há de errado com este vestido?

— Você alegou ter habilidades ninja. Quero uma demonstração.

— Não te devo uma demonstração.

Seus lábios se apertaram.

— E eu não te devo nenhuma ajuda, mas vou te dar, então o mínimo que você pode fazer é me assegurar que não é uma donzela em perigo que vou acabar precisando salvar junto com os humanos.

Nossos olhos travaram em um olhar fixo que durou dez respirações completas.

Desviei o meu primeiro, então propositalmente bati nele enquanto caminhava para a cômoda. Eu me trocaria, e não por causa dele. Eu me trocaria para não mostrar nada a ele enquanto eu achatava seu ego.

Uma donzela.

Por mais infantil que fosse fazer beicinho, apertei meus lábios.

— Você vai precisar de ajuda com esse zíper complicado, herdeira?

Enquanto eu carregava jeans e camiseta para me trocar no banheiro, me virei para ele erguendo o dedo indicador.

— Naya. Não herdeira. Nem Estrela.

Adam teve a audácia de rir.

— Talvez seja por isso que Apa nunca nos apresentou — brinquei através da porta fechada. — Porque você é insuportável.

Quase desloquei o ombro puxando o zíper para baixo – eu precisava encontrar um sistema melhor para este vestido. Talvez Raven, que sofria de

síndrome dos dedos inquietos, pudesse fazer crochê com algumas contas bonitas e prendê-las no zíper quando ela pudesse sair de Elysium.

Ela se foi há seis meses, mas parecia que seis anos haviam se passado desde nosso último abraço na frente do canal. Eu ainda podia ouvir sua voz suave no meu ouvido, me prometendo que estaria em seu melhor comportamento – ela não tinha um osso ruim em seu corpo, então seu melhor também era seu *único* comportamento – para ganhar uma chave do canal a tempo para o meu aniversário de dezoito anos.

Infelizmente, o comportamento era um dos dois fatores necessários para viajar de volta à Terra. A teia entre nossas penas levava meses para secar e solidificar, um processo que só ocorria em Elysium, daí nossa longa permanência inicial.

Meu aniversário chegou e passou, e Raven ainda não havia retornado. Eu me perguntei o que ela pensaria do meu novo esforço como anjo da guarda. Ela encorajaria minha iniciativa ou me diria que eu não estava cumprindo minha promessa de encontrá-la no Elysium antes do fim do ano?

— Está entrando no trem dos idiotas, não é? — A voz de Adam levou Raven embora.

— Não se pode entrar em algo que você já está. — Prendendo o cabelo em um rabo de cavalo, voltei ao quarto para pegar sapatos, escolhendo um tênis prateado brilhante que combinava com as asas de anjo bordadas na jaqueta. Enfiei os braços pelas mangas e fechei o zíper. — Minha roupa é satisfatória?

Ele olhou para ela, seu olhar grudado em meus sapatos brilhantes.

— O táxi está aqui. — E então ele caminhou em direção à porta e a abriu.

Tomei isso como um sim. Verifiquei a duração da bateria do meu telefone, então pensei melhor em levá-lo comigo. Se Apa me pegasse viajando no meio da missão, ele ficaria curioso, então coloquei o aparelho fino no balcão da cozinha antes de pegar as chaves.

Quando saí, Adam acenou para a bancada.

— Seu telefone.

— É rastreável. Não quero que meu pai descubra para onde estou indo.

— Posso desligar o GPS.

— Como se isso não fosse deixá-lo preocupado…

Ele soltou a porta, que estava segurando aberta, embora nenhum braço mecânico ameaçasse fechá-la.

— Bem pensado.

— Você parece surpreso que eu seja capaz de uma coisa dessas.

— Sem expectativas, lembra?

— Como eu poderia me esquecer? — Suspirei enquanto trancava o frágil pedaço de madeira e subia as escadas à frente dele, feliz por Emmy ter apagado. Eu não queria arriscar que ela me encontrasse indo a qualquer lugar com seu ex. Eu precisava de sua confiança, não de sua raiva.

Uma vez no táxi, perguntei:

— Então, para onde vamos?

— Chicago.

— O que há em Chicago?

— Minha equipe.

A antecipação fez meu pulso acelerar. Eu estava prestes a conhecer a equipe que viera até Londres para me juntar.

Engraçado como não tinha funcionado como eu imaginava, e ainda assim, eu estava conseguindo o que queria.

catorze



naya

MEIA HORA depois de deixarmos Queen's Gate, o táxi parou ao lado da estreita habitação celestial que ficava entre duas casas igualmente estreitas em Notting Hill, e eu saí para a cidade molhada.

— Te busco do outro lado. — A voz de Adam mal foi registrada em meio à chuva.

— Do outro lado do quê?

— Do canal. Vou passar pela associação masculina, assim não seremos vistos juntos.

— Ah. — Eu estava prestes a dizer *boa ideia* quando decidi que seu ego não precisava de encorajamento.

Ele acenou com a cabeça para os portões azuis.

— Entre.

Mesmo que eu não *gostasse* de receber ordens, eu também não gostava de ficar encharcada até os ossos, então corri para a associação e abri a porta, sentindo os olhos de Adam em mim até eu passar pela soleira.

Afastando a chuva do cabelo e bochechas, olhei no escritório da frente em busca de uma ophanim, mas não encontrei nenhuma. Talvez estivessem jantando ou colocando as plumas mais jovens para dormir.

Caminhei tão rápido pelo átrio que as rosas inglesas amarelas se tornaram um borrão, como respingos de aquarela em pergaminho branco como a neve.

— Ophan? — chamei, ouvindo meus passos rangendo no quartzo iluminado pelo fogo. Quando entrei no corredor dos dormitórios, me vi cara a asa com Ophan Kate, a matrona da Associação 37. — Desculpe, Ophan. Não quis trombar com as suas asas.

Ela ergueu uma sobrancelha ao me ver.

— Você reconsiderou suas acomodações para dormir, Naya?

— Não. Só estou em trânsito. Você poderia, na verdade, me dar uma carona?

Ela suspirou, mas acenou com a cabeça para o canal.

— Para Nova York, suponho?

— Na verdade, para Chicago.

Isso a fez inclinar a cabeça.

— Você já terminou sua missão aqui?

— Ainda não. Eu só vou encontrar um — eu estava prestes a usar a palavra *amigo*, mas troquei por uma mais precisa — um *conhecido* esta noite.

— Imagino que como você está tão adiantada, tenha permissão para uma pausa de vez em quando.

Eu não sabia que minha contagem de penas era um tópico tão popular. Sem saber como responder, colei um sorriso no rosto que usei até chegar em Chicago.

Assim que a fumaça cintilante se dissipou, me afastei da minha condutora, soltando um rápido *obrigada*.

Embora eu nunca tivesse viajado para o Centro-Oeste, a associação de Chicago era modelada como qualquer outra residência de plumas: quartzo branco com veios de fogo e claraboias que davam para o sempre claro céu Elysiano. As únicas variantes eram a flora e a planta baixa.

Depois de duas curvas erradas, encontrei o caminho para o átrio abarrotado de hera vermelha onde sete fontes de anjos de quartzo brilhavam sob um pedaço de céu azul. Passei rapidamente por eles, depois abri a porta da frente e saí em uma calçada ensolarada. Depois de uma semana de chuva sem parar, não pude evitar fechar os olhos e inclinar a cabeça para trás.

Mesmo que eu não estivesse animada para me mudar para Caracas, por mais perigosos que a missão e o reino fossem, eu *estava* animada em morar em um lugar onde o ar não fosse úmido para sempre.

Ao ouvir um motor se aproximando, apertei os olhos. Um SUV passou, abarrotado de crianças. E em seguida três carros menores. Dois táxis. Um ônibus. Eu estava começando a desejar ter perguntado a Adam o endereço de onde iríamos quando uma motocicleta veio na minha direção, e em cima dela, estava meu mais novo associado.

Adam girou as manoplas, e a moto, preta fosca como suas penas, roncou.

— Planejando subir ainda hoje, Srta. Moreau?

— Nunca andei de moto.

— Nunca?

Balancei a cabeça.

— Não há nada a temer.

Revirei os olhos.

— Não estou com medo.

— Claro. Você é a filha imprudente do seraphim, não a mimada com a voz que rivaliza com os pardais de Elysium.

— O quê? — *Que coisa estranha de se dizer…* Foi um elogio ou um

desrespeito dissimulado?

Ele acelerou a moto novamente, os nós dos dedos embranquecendo e os olhos perdidos para o fluxo constante de tráfego.

— Palavras de sua mãe. Obviamente não minhas.

— Obviamente.

Sem olhar na minha direção, ele empurrou a cabeça para o assento.

— Sobe logo.

— Alguma chance de eu poder pilotar?

Seu olhar voltou para o meu.

— Você nunca andou de moto, mas quer pilotar uma?

— Quão difícil pode ser? *Você* consegue.

A covinha apareceu em sua bochecha.

— É o seguinte… abandone seu sonho de ser anjo da guarda, e eu vou deixar você levar esse bebê para dar uma volta.

— Boa tentativa. — Movi a perna atrás de Adam.

— Segure-se.

Me segurei na parte de trás da moto.

— Em mim, Naya. Segure-se em mim.

Ah. Ele disparou para frente, e eu apertei sua barriga, os músculos duros sob a camiseta preta se contraindo e flexionando enquanto ele inclinava a moto para fazer curvas fechadas. Uma vez que meu corpo se ajustou ao movimento e velocidade, meu aperto afrouxou.

— A moto é sua? — perguntei em um sinal vermelho.

— Alugada. Não posso levá-la através dos canais.

Embora meus braços não estivessem perto de seu coração, seu pulso ressoou pela minha pele.

— Você tem habilitação para pilotar essas coisas?

O sinal ficou verde e ele disparou pelo cruzamento.

— Tenho.

— Uma legal?

— Depende da sua definição de legal.

Eu bufei. Eu realmente esperava que um pluma que comandava uma liga de guardiões, fosse obediente às regras? Como eu era ingênua.

Uma vez fora do centro da cidade, Adam acelerou o motor. Como eu preferia não cair, prendi meu corpo ao dele e observei Chicago se desenrolar, fileiras organizadas de prédios de tijolo e pedra de um lado, um extenso lago azul do outro.

Lindo.

Decidi que procuraria uma missão aqui depois da Venezuela. O que, é claro, levou meus pensamentos de volta para Robbie Dunmore e sua missão "humanitária". Eu ainda estava pensando nele quando Adam parou na entrada de uma casa retangular com grandes janelas salientes, tijolos avermelhados e telhado plano.

Uma porta de garagem se abriu e Adam entrou, estacionando ao lado de um carro esporte clássico vermelho cereja e um monte de bagunça. Desci da moto, observando a variedade de caixas cheias de ferramentas de serras, máquinas com peças faltando, corda, borracha, parafusos e fios elétricos.

— Você alugou esta casa do assassino em série que está aparecendo nos jornais? — Examinei uma prateleira curvada sob o peso de produtos de limpeza de tamanho industrial.

— Boone tem uma paixão por coletar e reaproveitar porcaria quebrada.

— Nós o chamamos de faz-tudo. — Noah apareceu em uma porta, as asas cor-de-rosa apertadas contra suas costas, olhos apertados em Adam. — Que surpresa vê-la aqui, Naya. — Ele ainda estava olhando para Adam, com uma sobrancelha arqueada. — O que te traz à nossa parte do mundo?

— Vim para coletar informações e um dispositivo de rastreamento.

— Um dispositivo de rastreamento? — Ele arregalou tanto os olhos, que suas írises marrons balançaram em poças de branco. — Você a deixou entrar no time?

— Sou apenas freelancer. — Mantive meu tom doce, embora eu ainda estivesse irritada por ser esnobada por causa de quem meu pai era.

A garganta de Noah se moveu.

— Trabalhando como freelancer no caso do assassino em série?

Minha atenção oscilou entre os dois plumas.

— *Esse* é o caso que vocês estão trabalhando aqui?

— Ah… — O suor pontilhava a testa de Noah.

A mandíbula de Adam tensionou.

— A Naya está decidida a se juntar à expedição das Garotas Circle, então vamos ajudá-la. — Ele se virou e passou por Noah e, embora estivesse de costas para mim, senti que ele murmurava algo para seu amigo perspirante.

Enfiei as mãos nos bolsos do jeans.

— Ele não está muito feliz com a minha decisão de ajudar.

— Engraçado. Eu não poderia imaginar quando ele correu para fora daqui mais cedo como se sua bunda estivesse pegando fogo.

— Você quer dizer casa?

— Não, quero dizer bunda.

Eu sorri, Noah também.

Que poder havia em um simples curvar de lábios. Não presumi que isso marcasse o início de uma bela amizade, mas esperava que significasse que o pobre rapaz pararia de ter urticária na minha companhia.

— O que cheira tão… — Levantei o nariz e inspirei uma lufada de ar açucarado — Delicioso?

— Acabei de tirar um bolo de lava com sorvete de baunilha do forno. — Ele passou a mão sobre o cabelo raspado ao longo de sua têmpora. — Bem, o bolo. O sorvete não estava no forno.

Eu ri.

— Alguma chance de eu provar? Eu *amo* bolo de chocolate.

Alargando o sorriso, ele gesticulou para a porta.

— Depois de você.

Passei por ele e entrei em um espaço claro e de madeira quatro vezes o tamanho da minha caixa de sapatos no porão.

— Você está cozinhando para desestressar ou teve uma pausa na perseguição ao seu assassino em série?

— Noah é o homem à frente da casa. — Adam estava encostado no balcão da cozinha, também de madeira.

— O que ele quer dizer com isso é que quando a equipe se reúne, eu de alguma forma ganho o trabalho de cuidar da casa.

— Você não está sendo um pouco dramático, amor? Todos nós ajudamos. — Uma garota com cabelos pretos cortados em um chanel afiado, que lembrava o de Mira, entrou na cozinha. Sua semelhança com a professora da associação parava por aí. A mandíbula dessa garota era macia, suas bochechas cheias, a pele sardenta e ela tinha mais piercings do que minha mãe tinha anéis. Pequenos brincos adornavam o cume de suas orelhas, um diamante brilhava em seu nariz e um de ouro estava enfiado em sua língua. — Você deve ser a Naya. Eu estava *morrendo* de vontade de te conhecer. — Ela estendeu a mão, as maçãs do rosto empurradas para cima pelo seu sorriso.

— Se acalme, Gee, — Adam murmurou.

Galina revirou os olhos, o sorriso intacto.

— Só estou dando as boas-vindas a nossa mais nova membro, já que imagino que você não tenha feito isso, taciturno como é naturalmente.

— Ela não é… — Adam começou ao mesmo tempo que eu disse:

— Eu não sou…

— Parte da equipe — tanto ele quanto eu dissemos em conjunto.

Noah assobiou enquanto colocava a massa pouco assada em um prato de cerâmica e cobria com uma colherada de sorvete, mas isso pouco fez para romper o silêncio crescente.

— Ei, Boone, você já soube da notícia maravilhosa? — Galina gritou por cima do ombro. — Você está responsável pelo banheiro pelo resto da semana!

Um gemido veio de algum lugar dentro da casa, então as escadas rangeram e um pluma com um rabo de cavalo curto entrou.

— Boone e eu fizemos uma aposta *não monetária* se Adam traria você aqui. — Galina esfregou as palmas das mãos. — O perdedor lava o banheiro de todo mundo.

— Mas a Naya não vai ficar — Adam disse.

Boone se animou, mas depois mordeu o lábio, achatando a curva esperançosa.

— Não queria parecer animado por você partir tão cedo, Naya. Os banheiros são os piores.

Ofereci a ele um sorriso hesitante.

— Estou com você nessa.

Adam bufou.

— Porque você teve que esfregar *muitos* banheiros em sua vida.

— Na verdade, tive. Durante uma missão. — Certa vez, escolhi uma pecadora grávida que sofria de enjoos matinais agudos. Enquanto a reformava, eu ajudava na casa, e uma das tarefas que fiz foi raspar o vômito seco do vaso sanitário. Eu não me incomodei em relatar nada disso para Adam porque não me importava em me justificar para ele.

Provavelmente para quebrar a tensão, Galina disse:

— Ainda bem que nossa aposta não especificou um número de horas.

Boone soltou outro gemido enquanto se sentava na mesa de jantar de madeira.

— Então, qual é o seu papel no grupo, Boone? — perguntei. — Além de lavar banheiros?

Galina riu.

— Eu faço coisas.

Certo. Noah o chamou de faz-tudo.

— Então é você que vai me fornecer um GPS?

— Vou? — Ele lançou um olhar para Adam. — Hum… Por quê?

Adam levou uma garrafa de água aos lábios, mas não bebeu.

— A Naya se recusou a desistir da missão Circle Girl. Eu me ofereci para emprestar a ela algum apoio tecnológico para que pudéssemos entrar e salvá-la quando Dunmore perceber que ela não é quem diz ser.

Apertei o prato que Noah me deu. Se eu possuísse força sobre-humana como meu pai, a cerâmica teria se quebrado. *Não responda. Não responda*.

Respondi.

— *Me salvar*? Sei que você pensa que eu sou uma fracote de penas, mas não vou precisar de salvamento. Se essa é a única razão pela qual você me ofereceu um dispositivo de rastreamento, então acho que vim por nada. — Meus dedos tremiam tanto que o bolo balançava.

Noah entrou na minha frente e colocou uma colher na minha mão, efetivamente bloqueando Adam.

— Ninguém acha que você é fraca. Uma pessoa fraca não se inscreveria para o serviço de campo. Agora experimente meu bolo e me diga se não é o melhor maldito bolo da história dos bolos de chocolate.

Embora meu apetite tivesse desaparecido, carreguei a sobremesa até a mesa e me sentei no banco em frente a Boone, cujo cabelo castanho estava tão eriçado quanto as bordas da mesa.

— Quando é seu voo para a Venezuela?

Enfiei a colher no monte de sorvete derretido e a girei, tentando aliviar o nervosismo antes de descontar em qualquer um dos outros.

— Na segunda-feira. Amanhã, vamos para a mansão dos Dunmore nos arredores de Londres, para que eles possam nos preparar para a missão humanitária.

Galina se sentou ao meu lado, puxando um de seus joelhos em seu peito.

— Isso soa obscuro P.C.

— O dispositivo de rastreamento, Boone. Pegue-o. — Adam se afastou do balcão da cozinha.

Boone ficou de pé. Nossa. Como eles aguentavam trabalhar com o desagradável asa negra?

— Você vai equipar o resto das meninas com um dispositivo de rastreamento?

— Não. — Adam se sentou na cabeceira da mesa, brincando com a tampa de sua garrafa.

— Por que não?

— Porque não temos cinquenta e um dispositivos de rastreamento por aí.

Boone parou entre o batente da porta da garagem.

— Naya, suas orelhas são furadas?

Franzindo a testa, toquei nos lóbulos.

— Sim.

— Legal. — Depois dessa estranha pergunta, ele desapareceu na garagem.

Quando peguei um pedaço de bolo, um silvo raso soou à minha direita.

— Você a trouxe *aqui*?

Bem, olá para você também, garoto.

— Você não está feliz por não ter aceitado minha aposta, Levi? — Galina apoiou um cotovelo na mesa e apoiou o rosto na palma da mão aberta, olhando para o recém-chegado, um menino com uma juba de cabelos castanhos desgrenhados. — Seu irmão agora está responsável pelos banheiros.

Então Boone era o irmão desse garoto… vários anos mais velho, imaginei.

— Essa é toda a equipe ou há mais alguém?

— Essa é toda a equipe. Eu e quatro garotos.— Galina suspirou. — Por que você não vai se juntar a nós mesmo?

— Porque o Adam está com medo do meu pai.

Ele fez um barulho de engasgo.

— Não estou com medo do seu pai. Só não quero que ele se envolva, e Elysium inteiro sabe o quanto ele é obcecado por sua preciosa filha.

Olhei feio para ele.

— Protetor. Não obcecado.

— Mesma *pluma*, herdeira.

Mesmo que não havendo encosto, eu me inclinei para trás.

— Você percebe que me chamar de herdeira é impróprio, já que não posso herdar o título do meu pai, certo?

As sobrancelhas de Adam se juntaram sobre seus olhos esmeralda, transformando-os no tom da floresta ao anoitecer.

— Eu sugiro colocarmos a candidatura de Naya em votação. — Os olhos de Galina brilharam como seus muitos brincos.

— Não. — Adam apertou a garrafa, e a embalagem fina amassou. — Não haverá votação. É a minha equipe e a Naya não se classifica.

Galina sacudiu a mão.

— Também é a equipe do Dov, e ele aprovou, não foi?

— Ele realmente tinha uma escolha? — Adam olhou para Noah, que fez uma careta enquanto fechava o topo de um saco de farinha com um prendedor.

— Ela é mais qualificada do que eu, mas você *me* deixou entrar. — Noah

estava dizendo isso para desviar a atenção de seu excesso de compartilhamento?

As bochechas de Adam se esvaziaram com uma respiração irritada.

— Você traz muito para a mesa.

Embora ele não tenha acrescentado *e Naya não*, sua opinião sobre meu valor agregado – ou melhor, a falta dele – soou alto e claro. Aos olhos dele, a única coisa que eu traria era meu pai.

Galina saltou em minha defesa.

— Você pode ser tão obtuso, Adam.

Levantei minha mão para parar o bate boca.

— Não quero que vocês briguem. Especialmente porque eu nem quero uma vaga na equipe. — Um golpe afiado na minha omoplata fez a colher escorregar dos meus dedos e bater ruidosamente contra o prato.

O choque desceu pela minha espinha, que ficou muito reta. Minhas asas surgiram, vibrando com a dor ressonante. Respirei até que a corrente elétrica da dor parou de irradiar pelo lado direito do meu corpo.

Sem olhar para o chão, eu sabia.

Uma pena tinha acabado de se soltar do meu corpo.

Pensei em Raven, em como ela estava tão convencida de que elas estavam sobrenaturalmente presas.

E então pensei em meu pai, em como ele ficaria desapontado se procurasse minha pontuação. Ama também ficaria chateada? Ela havia perdido tantas penas durante sua vida de pluma que eu duvidava que a decepção seria seu sentimento principal. Se muito, ela ficaria curiosa sobre a causa, o que me custaria outra pena, já que eu não podia falar de Adam e sua equipe de guardiões.

Umedecendo os lábios com a ponta da língua, puxei minhas asas apertadas e finalmente olhei para a pena escura cintilando no chão de madeira.

Agora que a dor havia diminuído, a perda parecia importante. Um marco que eu queria não celebrar, mas queria comemorar porque finalmente me senti normal.

Peguei a colher.

— Eu nunca perdi uma pena antes. Eu nem tinha certeza se conseguiria. — Cortei um pedaço de bolo de chocolate coberto com sorvete derretido e levei-o até meus lábios.

Talvez eu devesse ter me importado que perdê-la tivesse revelado minha mentira e o desespero subsequente por um lugar na equipe, mas – como Ama diria – eu não parecia conseguir dar uma pena para isso, muito consumida por outras emoções.

E agora, bolo. E eu pensei que tinha perdido o apetite…

— Isso está incrível, Noah.

O verity de asas cor-de-rosa estava boquiaberto olhando para mim junto com os outros.

— O que foi? — Esfreguei o polegar ao longo dos lábios, esperando não estar ostentando chocolate borrado.

O olhar de Adam seguiu meu dedo.

— O que você quer dizer com não tinha certeza de que poderia perder uma pena?

Ah. Baixei a mão de volta para mesa e dei de ombros.

— Minha melhor amiga está convencida de que sua cor peculiar as faz aderir de maneira não natural aos meus ossos, já que todos os outros perdem penas, e até hoje eu não tinha perdido.

Galina levou a mão a cabeça.

— Espere … esta é a primeira que você perdeu?

Assenti.

Ela torceu a pedra em seu nariz enquanto olhava minha pena de soslaio.

— Você vai pegá-la?

Ocupei minha boca com outro pedaço de bolo. Eu queria reviver meu passado? Temendo que isso contaminasse meu atual estado de tranquilidade, balancei a cabeça.

Ela se inclinou para alcançá-la.

— Posso?

— Não — Adam latiu.

Galina paralisou.

— A pena é da Naya, a decisão é de Naya.

Uma veia ao longo da têmpora de Adam latejava quase espasticamente. Claramente, ele não queria que Galina pegasse a pena, mas por quê? Ele estava preocupado que isso pudesse fazê-la se sentir mais próxima de mim e, assim, fortalecer sua cruzada para me colocar na equipe? Tocar a pena de outra pessoa era uma experiência íntima, não sexual, mas psiquicamente, porque você precisava habitar a alma de alguém.

Percebi como eu poderia usar a perda a meu favor.

— Na verdade, acho que *você* deveria pegá-la, Adam. Isso acelerará nosso problema de confiar um no outro, o que será benéfico para trabalharmos juntos.

Ele se assustou. É… ele não esperava que eu lhe oferecesse um lugar na primeira fila da minha psique.

Uma vez que ele se recuperou de sua surpresa, baixou as sobrancelhas e deu um passo para trás.

— Eu não pego as penas das pessoas, Naya. Além disso, seu passado não influenciará em minha confiança. Apenas sua habilidade. Então, se você terminou o chá da tarde…

— Terminei. — O aborrecimento fez meu tom cair uma oitava inteira. — Vamos acabar com isso. — Me virei de lado no banco para ficar de pé, tomando cuidado para evitar minha pena, mesmo que eu não pudesse absorvê-la através das solas dos meus sapatos, então peguei meu prato e o levei para a pia. Lavei-o com tanta energia que a espuma respingou nos quatro lados da pia. Assim que coloquei a cerâmica escura no escorredor, me virei. — Vamos lutar aqui?

— Na Academia. — Adam apontou com a cabeça para a porta dupla de onde Levi e Boone tinham vindo mais cedo.

— Eu quero assistir isso. — Galina se levantou, esfregando as palmas das mãos.

— Você não tem um lugar para estar, Galina? — Adam perguntou. — A melhor amiga de infância de alguém para conhecer? — Não pareciam perguntas. Pareciam despedidas elegantes.

Galina olhou para o grande relógio pendurado acima da porta e suspirou.

— Droga. Eu realmente queria ver o Adam ser derrotado. Noah, grava para mim?

— Nada de vídeo. Nada de espectadores. — O tom de Adam era baixo, mas afiado.

Ele estava com medo de que os outros perdessem o respeito por ele se ele levasse alguns golpes ou não queria uma audiência porque estava planejando lutar sujo?

quinze



adam

FATO ANGÉLICO #256:
Os anjos muitas vezes se comportam de forma desangelical.

GALINA PERMANECEU na porta da garagem.

— Isso é um adeus ou você ainda estará aqui mais tarde?

Naya sorriu com gentileza para Galina, adicionando combustível à pequena chama que a shorhim abrigava pela filha do seraphim.

— Acho que isso depende de Boone.

— Ele trabalha rápido, então ela vai embora. — Dei um olhar penetrante na direção de Galina, porque Naya não estava em jogo. Ela era curinga demais.

— Nesse caso, foi muito bom conhecê-la, Galina, e espero sinceramente que nos vejamos novamente. Aqui ou na Venezuela.

— Eu também. Boa sorte, amor. — Com total desrespeito ao meu aviso sutil, ela deu uma piscada para Naya antes de sair, o rio de pompons coloridos presos ao zíper de sua mochila de couro batendo sem fazer barulho.

— Eu poderia hackear a lista e apagar o nome dela. — Levi estava olhando para mim do banco.

Meu olhar passou entre a tela do tablet dele e a pia onde Noah havia se aproximado de Naya para sussurrar algo em seu ouvido.

— Então? Quer que eu faça isso?

— Eu precisaria falar com o meio-irmão dela primeiro. Organizar uma intervenção…

— A Naya tem um meio-irmão? — o garoto perguntou.

Desviei o olhar de Noah e Naya, que ainda conversavam baixinho.

— Eu estava falando sobre a Emmy.

— Ah. — Levi passou a mão pelo cabelo rebelde. — Eu posso removê-la, também. Mas eu quis dizer…

— Entendi quem você quis dizer. Deixe-me ver como ela luta. — Bati a garrafa de água vazia na mesa e levantei a voz. — Vocês dois terminaram de desperdiçar meu tempo aí?

Noah me olhou de lado, então falou alto o suficiente para eu ouvir.

— Sua persona é um furico de burro quando está preocupado.

Antes que ela presumisse que eu estava preocupado com ela, eu disse:

— A única coisa que me preocupa agora é alguém destruir o que passei os últimos dois anos construindo. Desmantelar organizações criminosas, seja qual for seu tamanho ou alcance, requer treinamento, preparação e comprometimento. *Não* requer se entregar a bolos e flertes. Isso vale para você também, Noah.

Meu amigo esmagou minha autoridade com um revirar de olhos prolongado.

— Naya. Academia. Agora.

Ela semicerrou seu olhar escuro enquanto se arrastava para frente.

— Você *está* ciente de que o uso da palavra "por favor" não diminuirá sua imbecilidade fomentada?

Minha imbecilidade fomentada. Bufei, então comecei a diminuir minha diversão enquanto ela caminhava na minha frente para a academia. Também perseverei a não deixar meus olhos se desviarem para baixo das asas de prata bordadas em sua jaqueta.

Qual era a dos anjos precisando anunciar o que eram? Não bastava saber?

Naya parou de andar tão de repente que trombei direto naquelas asas prateadas.

Paralisei.

Eu nem tinha certeza do porquê. Não eram asas de verdade, apenas cópias achatadas feitas com linha.

Naya olhou por cima do ombro. Eu provavelmente deveria ter me desculpado, embora, tecnicamente, *ela* tenha causado o engavetamento, mas eu ainda estava tentando processar minha razão para me transformar em uma estátua.

Passando os dedos pelo meu cabelo, dei um passo para o lado dela e fui em direção aos tapetes.

— Devo tirar os sapatos? — ela perguntou enquanto tirava a jaqueta e a jogava na prateleira de pesos.

— Não sei, Naya. Se você vai perguntar a Robbie Dunmore se deve tirar os sapatos, então tire seus sapatos brilhantes.

— Você é tão… tão…

Uma pena flutuou de suas asas invisíveis. Devo ter passado de imbecil para algo muito mais horrível.

Depois de respirar fundo, Naya ficou boquiaberta para a penugem preta brilhante por um minuto inteiro antes de fechar os olhos e apertá-los com tanta força que uma gota de suor rolou por sua bochecha. Ou foi uma lágrima?

Eu a ofendi *tão* profundamente?

— Você está chorando?

— Eu estou bem — ela falou entre dentes, claramente *não* estava. Ou talvez estivesse, já que não perdeu uma pena depois de declarar isso.

Ela caminhou em minha direção e bateu duas palmas abertas no meu peito, me fazendo tropeçar para trás.

Alguém estava atrás de sangue.

Quando seu joelho começou a subir em direção a uma parte de mim que eu *não* queria que fosse atingida, bloqueei o golpe, então a girei e a segurei em um estrangulamento, tomando cuidado para não esmagar sua laringe. Apesar de toda a minha conversa de não pegar leve com ela, eu não estava planejando ferir a garota.

Sua veia bombeou com força sob meu antebraço quando ela virou a cabeça e beliscou minha orelha com os dentes, não forte o suficiente para tirar sangue, mas forte o suficiente para me surpreender. No segundo em que meu braço afrouxou, ela abaixou o queixo, deslizou a cabeça pelo enlace relaxado de pele e se agachou.

Antes que eu me recuperasse totalmente, ela balançou nas palmas das mãos, chutou e me deu uma rasteira. Eu caí com força.

Ela se endireitou, com as pupilas pulsando de satisfação.

— Satisfeito?

Com o ar preso em algum lugar entre meu plexo solar e a coluna, eu ofeguei:

— Não.

Ela me olhou com aqueles grandes e insondáveis olhos escuros dela.

— Acabei de te derrubar. O que mais você precisa? Que eu te *nocauteie*?

— Mesmo se você me nocauteasse, eu não ficaria satisfeito.

— Por que não?

Fiz o mesmo movimento que ela, menos a mordiscada na orelha. Seus joelhos dobraram, e suas costas bateram contra o tapete.

Antes que ela pudesse levantar, montei em seus quadris e prendi seus pulsos para baixo.

— Porque você está indo para a cama com Robbie Dunmore, Naya, não com um viciado solitário com uma faca.

Enquanto ela se contorcia, a camiseta esticou em seus seios e subiu, revelando uma faixa de pele firme. Essa garota era um enigma – dura e macia, selvagem e calma. Antes que ela pudesse notar a reação em cadeia que sua

contorção teve no meu corpo, eu me levantei e estendi meu braço para ajudá-la a se levantar. Ela contemplou minha mão estendida por tanto tempo que comecei a abaixá-la, mas então ela bateu a mão na minha, aceitando a ajuda.

Eu estava prestes a soltar os dedos quando ela esmagou minhas falanges entre as dela, virou meu pulso e alcançou entre minhas pernas para agarrar minhas bolas.

Paralisei, sem saber se deveria me mexer ou ficar *muito* quieto.

Seus dedos se apertaram, chamando toda a atenção do meu pau. Do meu cérebro também, a propósito.

Ela moveu os lábios até meu ouvido, seu hálito doce aquecendo meu lóbulo ainda molhado, e sussurrou naquela voz de telesexo dela:

— Se eu fosse para a cama com Robbie Dunmore, Adam, você pode apostar que eu arrancaria essa parte inteira de sua anatomia.

Sua ameaça e aperto deveriam ter sido a fonte de todo o meu foco, e ainda assim meu sangue zuniu com horror mal contido com a imagem que ela acabou de conjurar atrás das minhas pálpebras: ela seduzindo Robbie Dunmore.

Meu olhar semicerrou nas pontas de alfinetes pulsantes que eram suas pupilas, no ângulo determinado de sua mandíbula, que de alguma forma manteve a suavidade em meio a sua raiva.

— Não faz muito sentido arrancar os genitais de um homem morto. Agora, a menos que você planeje acabar comigo… — Ela poderia interpretar isso do jeito que quisesse. — Solte. Agora.

Seus dedos se abriram ao redor da minha virilha e da minha mão presa.

— Você quer jogar sujo, Naya? Certo. Vamos jogar sujo.

dezesseis



naya

NÃO FAZ MUITO SENTIDO ARRANCAR os genitais de um homem morto.

O que isso sequer significava?

Antes que eu pudesse perguntar, Adam agarrou meus pulsos e os prendeu contra meu cóccix, então me pressionou junto ao seu corpo, forçando meus pés a se arrastarem para trás. Ele segurou com tanta força e se moveu tão rápido, que tive certeza de que ele estava prestes a me bater no espelho que ia do chão ao teto.

Me preparei para o impacto. Apesar de minhas costas terem encontrado a parede, a colisão estava longe de ser brutal. Supus que Adam não queria pagar por nenhum reparo e substituir um espelho seria caro.

Virei o pescoço o mais para trás que pude.

— Terminamos *agora*?

— Estou tentando te ajudar, Naya, não te irritar. Por que, por Abaddon, você está com tanta raiva?

— Porque você me trata como fraca e continua me lembrando o quanto eu sou um incômodo.

— Estou apenas tentando descobrir seus pontos fortes e fracos. — Sua voz acariciou a transpiração lustrando meu couro cabeludo. — Vendo se você é adequada para este trabalho.

— Exceto que a escolha é minha, não sua. — Tentei empurrá-lo, mas não tive nenhum impacto. — Cansei de me provar para você. — Irritada, grunhi: — Por *pluma*, me solte, Adam.

— Me obrigue. Me faça te soltar.

Rolei na ponta dos pés e bati a testa em sua mandíbula.

Mesmo que eu não tivesse quebrado nenhum de seus ossos, meu ataque acabou com seu domínio sobre meus pulsos. Nunca lutei com tanta agressividade, nem contra as ophanim de artes marciais ou os humanos faixas-pretas que procurei para dominar mais técnicas.

Adam esfregou a pele avermelhada, com os olhos brilhando. Com surpresa. Possivelmente desprezo. Definitivamente não era admiração. Quando ele ainda não havia recuado, eu dei um passo para o lado.

Ele esticou o antebraço e agarrou minha cintura, me girando para trás até

que minha frente colidiu com o espelho, então encostou seu corpo no meu, me imobilizando como uma mosca.

— Você acabou de começar a provar a si mesma.

— Vim para Chicago porque você prometeu me ajudar. Não viajei para cá para ser avaliada e intimidada. — Minha respiração irregular embaçou o vidro prateado sob minha bochecha. — Até agora, você não me ensinou nada além do fato de que não sou uma nova raça bizarra de pluma com penas supercoladas.

Balancei a cabeça, movendo a bochecha inutilmente para cima e para baixo no espelho. Seu aperto não vacilou, mas seu corpo ficou assustadoramente imóvel.

— Como é que você nunca perdeu uma pena?

— Tento ativamente não pensar mal de ninguém, mesmo dos pecadores, e contorno a verdade, mas nunca menti. Você pode, por favor, me soltar agora?

Desta vez, ele soltou. Ele até deu um passo para trás enquanto eu girava, fervendo.

Seus lábios ficaram fechados por um longo tempo antes que ele murmurasse:

— Espero que você esteja pronta para perder mais, porque você estará mentindo e fazendo todo tipo de coisas não autorizadas como guardiã.

— Como eu te disse, estou à frente do jogo, então não considero isso um problema.

— Por mais que você não pareça se importar com suas asas, aposto que seu pai vai. O que vai fazer quando ele perguntar por que você está depenando? O que você vai dizer a ele?

— Vou dizer que estou tentando salvar humanos. E antes que você assuma o contrário, não vou jogar você e sua equipe debaixo do ônibus.

Um dos olhos de Adam se apertou como se ele não acreditasse em mim.

— Por que você acha que ele seria tão contra isso de qualquer maneira? Ama acredita que guardiões devem existir, e meu pai concorda. Já os ouvi discutindo isso.

— Se ele acha que os guardiões devem existir, então por que não falou com os Sete?

— Porque ele ainda está ratificando outras leis. — Minha respiração finalmente se regulou. — Ele acredita que se levar muitas mudanças de uma só vez, o tiro sairá pela culatra.

Embora o olhar de Adam não tenha relaxado, a linha de seus ombros sim.

— Se o seu pai é tão pró-guardião, por que você está fazendo isso pelas

costas dele?

Apertei meu rabo de cavalo.

— Porque ele acredita que os *ascendidos* devem ser guardiões.

O rangido das tábuas do piso seguido pelo baixo ruído de passos fez minha atenção se voltar para a porta.

Boone olhou para dentro, com a cabeça inclinada para o lado.

— Terminei. E você?

— Também. — Pisei sobre os tapetes de espuma preta, deixando bastante espaço entre minha pena caída. A visão não me doía mais, mas ainda era inquietante ver uma parte de mim ali caída, desperdiçada.

— Sua pena, Naya.

Fiz uma pausa e lancei um olhar por cima do ombro.

— O que tem ela?

— Você não vai recolher?

Bati na minha têmpora.

— Me lembro de cada pecador que ajudei.

Às vezes, até me lembrava de pecadores que não ajudei.

Pecadores que só existiam dentro da minha mente.

Perguntei a Mira se meus sonhos estranhos e vívidos poderiam ser premonitórios. Ela zombou e me disse que não havia presciência. Meio irônico vindo de um ser sobrenatural, mas ei, quem era eu para questionar alguém que existia desde o Renascimento europeu?

Movi o dedo em direção a ela.

— Pegue-a. Pode te tranquilizar que não sou completamente inútil.

dezessete



naya

— Como você se envolveu na teia de Dunmore? — Boone perguntou enquanto eu me sentava no banco da cozinha, aquele sob o qual residia minha outra pena caída.

Noah tinha saído, mas Levi ainda estava lá, clicando em seu tablet, com fones de ouvido azul-celeste espreitando de seu cabelo espesso, deixando escapar um ritmo de bater cabeça.

— Eu me vinculei à namorada de Adam, que recebeu um convite por e-mail para participar da missão Garotas Circle. Quando ela recebeu a notícia, seu meio-irmão surtou e me contou como eram uma família suspeita.

Boone franziu a testa, as pontas de seus dedos mirrados e enegrecidos pararam nas travas laterais de um recipiente de plástico.

— E *isso* fez você querer se aproximar deles?

— Eu quero ser uma guardiã, Boone. Este caso é maior do que eu imaginava, mas como dizem, quem não arrisca não petisca.

A sombra de um sorriso passou sobre sua boca.

— Tenho dúvidas de que isso se aplica a missões de guardião. — Ele enfiou a mão na caixa e pegou algo envolto em um tecido encerado, que ele desdobrou com muito cuidado, como se estivesse abrindo uma folha de massa folhada não assada. Contra o tecido ocre brilhava um par de brincos de pérolas do tamanho de olhos de rã. Boone tinha desembrulhado o pacote errado?

— Então você é joalheiro em seu tempo livre?

— Estes — ele disse, com um floreio de mão — são minha mais recente invenção: dispositivos ornamentais de rastreamento.

Pisquei para ele, depois para os brincos.

— Você está brincando? — Apertei um entre o polegar e o indicador e levei-o ao rosto, maravilhada com o quanto era inconspícuo. — Íncrivel.

Levi levantou os olhos da tela para examinar a obra do irmão. Sua falta de surpresa me disse que ele sabia o que esperar ou estava acostumado com a criatividade do irmão.

— O invólucro de carbonato de cálcio… — Quando inclinei a cabeça para o lado, Boone esclareceu: — É disso que as pérolas são feitas. De qualquer forma, tornará os rastreadores embutidos invisíveis para os detectores mais

avançados.

— Uau. — Coloquei o engenhoca em miniatura ao lado da outra. Em vez de se acomodar ali, rolou para longe.

Ao ver minha testa franzida, Boone explicou:

— A força magnética que os repele permite que eles se recarreguem de forma autônoma.

Boone tirou o smartphone do bolso de trás do short e pressionou aqui e ali na tela até aparecer uma grade. Um único ponto vermelho piscou de forma intermitente. Presumi que o ponto era a nossa localização.

— Eles são resistentes ao fogo e à prova d'água.

Eu realmente esperava não me encontrar em uma situação que testasse a parte do fogo.

— E eu não posso desligá-los inadvertidamente ou algo assim?

— Não. — Os olhos castanho-mel de Boone se fixaram nos lóbulos das minhas orelhas. — Pronta para experimentá-los?

Removi as finas argolas de diamante que eu sempre usava. Ama me deu depois que Raven me levou para perfurar os lóbulos no nascimento da minha centésima pena. Minha melhor amiga havia seguido minha pequena transformação, que parecia uma reforma completa, com um sundae comemorativo que tomamos até sua última gota cremosa em um calçadão de Miami.

Depois de guardar as argolas no bolso da calça jeans, coloquei as pérolas. Elas pareciam pesadas e estranhas em meus lóbulos.

— Você será capaz de me rastrear durante o voo de Londres para Caracas?

Eu ainda não conseguia acreditar que estava prestes a voar em um avião. Era estranho o quanto eu estava animada em adicionar isso à minha lista cada vez maior de experiências humanas?

Boone acenou para seu irmão, ainda ocupado digitando, com dedos tão ágeis quanto os de um pianista.

— O Levi vai rastrear o voo em tempo real. Se algo acontecer lá em cima, ele pode assumir o controle do avião e pousá-lo.

Meu coração acelerou com a ideia de algo acontecendo no meio do voo.

— Isso é — engoli em seco — tranquilizador.

— Nada vai acontecer. — Boone me deu um sorriso tranquilizador que não funcionou muito bem. — Levi acessou o registro de passageiros. Tanto Susan quanto Robbie estão listados.

Em outras palavras, ele não explodiria o avião para criar o caos.

— O que você acha que ele planeja fazer com as meninas?

Boone olhou para a porta. Eu me virei, mas não encontrei ninguém parado ali.

— O Adam acha que pode estar tentando orquestrar uma situação de sequestro para lavar dinheiro. Sequestrar as garotas e, em seguida, aparecer e salvá-las pagando altos resgates em dinheiro. Maneira inteligente de movimentar dinheiro.

Um calafrio percorreu minha pele. Mesmo que as garotas não se machucassem fisicamente, ser sequestradas as deixaria com uma asa cheia de problemas psicológicos, porque ele teria que fazer com que parecesse e sentisse real.

Brinquei com meus novos brincos.

— Se esse é o plano, espero que ele nos mantenha juntas.

Boone se apoiou na beirada da mesa, enganchando os tornozelos.

— Ele não vai orquestrar cinquenta sequestros diferentes, com certeza. Imagine como isso ficaria confuso.

— Bom ponto.

— O que é um bom ponto? — O cabelo molhado de Adam encharcava a gola de sua camiseta branca.

— Boone estava me contando sobre sua teoria de lavagem de dinheiro de reféns. Ele apontou que provavelmente todas seríamos sequestradas pela mesma organização e mantidas no mesmo lugar. — Eu soltei o brinco de alta tecnologia. — Alguma outra teoria?

Adam trocou um longo olhar com Boone.

— Você não quer ouvir minhas outras teorias.

— Na verdade, quero.

Adam apertou a boca, antes de relaxar os lábios em torno de palavras que gelaram meu sangue.

— Prostituição. Assassinato. Prisão. Gravidez forçada.

Algumas de suas teorias explicariam por que os critérios de Dunmore eram mulheres solteiras com mais de dezoito anos.

— Como ser usada para engravidar o beneficiaria?

— Estou apenas listando possibilidades, Naya. Na verdade, não temos a menor ideia depenada do que ele está planejando.

Boone deu de ombros.

— Pelo que sabemos, vocês realmente vão construir casas para os pobres.

— Pode ser. — Eu duvidava, no entanto. — Adam, ainda não discutimos

isso, mas você tem um contato no local? Alguém da polícia venezuelana para quem eu possa ligar se precisar de reforços lá?

Boone ergueu as sobrancelhas grossas.

— Um contato na polícia venezuelana?

— Adam me disse que vocês trabalhavam com defensores da lei humanos.

— Trabalhamos?

— Se alguma coisa der errado — Adam lançou um olhar na direção de Boone que me fez pensar se ele havia embelezado a verdade, porque Boone certamente não parecia ciente de qualquer relacionamento com a polícia — *eu* vou tirar você de lá. Não há um único membro da polícia venezuelana que não seja corrupto.

— E a CIA? — Agora eu tinha quase certeza de que Adam e sua equipe não trabalhavam com defensores da lei humanos, e eu queria que ele confessasse sua dissimulação.

— Que necessidade você teria de humanos mortais e frágeis com armas de fogo quando você tem a *mim*, Naya? — Adam possuía uma maneira sem precedentes de contornar a verdade.

— E Dov? Ele interviria?

— Não. Ele confia em mim para fazer isso.

Imaginei que um ishim intervindo em nome dos plumas levantaria sobrancelhas em Elysium. Afinal, Ishim raramente viajavam para as associações e ainda mais raramente para fora delas.

— Você já a preparou, Boone?

O faz-tudo acenou para as pérolas.

— Ela está toda conectada.

Adam tirou uma mecha úmida da testa.

— O que acontece se eles a levarem para o subsolo ou para algum lugar cercado por bloqueadores?

— Eles vão funcionar até setecentos e sessenta metros no subsolo. Quanto aos bloqueadores, eles estão transmitindo em uma frequência que os bloqueadores não atrapalham.

— E você tem certeza de que eles são indetectáveis?

— Cem por cento.

Adam batia nas coxas cobertas pela calça de moletom com as pontas dos dedos.

— É uma pena que não possamos enxertá-los sob a pele dela.

Nossa. O quanto ele achava que eu era inútil?

— Não vou perdê-los. — Coloquei meu cotovelo na mesa e apoiei a bochecha no punho. — E se eles confiscarem as pérolas, encontrarei uma maneira de entrar em contato com vocês. Quem tem o número de telefone mais fácil de lembrar?

— Se eles os confiscarem, você não terá tempo de entrar em contato conosco, porque saberão que você está trabalhando contra eles e…

— As pérolas vêm de Elysium. — Boone apertou a borda da mesa. — Elas são inquebráveis.

Os olhos de Adam se voltaram para seu amigo.

— O Dov te deu?

Boone balançou a cabeça.

— Eu as cortei de um dos colares da minha mãe. Ela não vai notar. — Ele se afastou da mesa e foi direto para a geladeira, então pegou uma garrafa de suco e bebeu metade de uma vez. — Ei, Levi! Diga a Adam quantos a Ama possui.

Levi arrancou um fone de ouvido de sua orelha.

— Nosso pai lhe dá um novo a cada aniversário, e eles estão comemorando seu centésimo sexto. Ela não vai notar.

Adam cruzou os braços, voltando sua atenção para mim.

— Vou perguntar pela última vez, Naya, você tem certeza de que quer se infiltrar nas Garotas Circle?

— Tenho.

Levi olhou para cima de sua tela.

— Um clique e ela pode desaparecer.

Ela? Ele não poderia estar falando de mim, poderia?

O olhar de Adam foi para Levi, depois para mim.

— Ela disse que tinha certeza, então não brinque com a lista.

Ele *estava* se referindo a mim.

— Olha, Levi, você pode receber ordens de Adam, mas esta é *minha* missão. A decisão é *minha*.

Boone jogou a garrafa vazia na lixeira onde ela bateu em outros itens de vidro descartados.

— Levi. Vamos, mano, seja civilizado.

Levi endireitou os ombros, fazendo-os parecer mais estreitos sob o algodão solto.

— Ela não faz parte da equipe.

— E você também não fará se desrespeitar a ela ou qualquer outra pessoa, seja guardião ou não. — O tom de Adam não admitia discussão. — Estou

falando sério, Levi. Peça desculpas, ou você está fora.

Pisquei para Adam, surpresa por ele ter sacrificado um companheiro de equipe por uma estranha. Certamente, ele estava fazendo uma cena para ganhar minha confiança.

Um resmungo finalmente saiu dos lábios repuxados de Levi:

— Desculpe.

— Olhe para ela quando disser isso — Adam grunhiu — e seja sincero, caramba.

Os olhos de Levi brilharam em um azul raivoso quando finalmente encontraram os meus sobre a moldura de seu tablet.

— Desculpe, Naya. — Ele ainda não parecia arrependido.

Assenti para que ele soubesse que eu o ouvi.

— Um de vocês pode me chamar um táxi para que eu possa voltar para a associação?

Adam acenou para a garagem.

— Eu vou te levar. Vá para a moto. já estarei lá.

Depois de agradecer a Boone pelo equipamento de orelha, me levantei e fui para a garagem, mas então lembrei que tinha descartado minha jaqueta no suporte de pesos.

— Esqueci algo na academia.

No segundo em que passei pela soleira, meu olhar atingiu os tapetes de espuma. À primeira vista, não vi minha pena brilhante, e o ritmo do meu coração disparou. Se Adam tivesse pegado, isso significaria que ele estava interessado em…

Algo brilhou. E não eram partículas de poeira que se assentavam.

Minha pena entrou em foco.

Lá se foi supor que o cara se importava em me conhecer.

dezoito



adam

FATO ANGÉLICO #28:
As asas nem sempre são usadas para voar longe.

DEPOIS DE DEIXAR Naya na associação, fui visitar meus pais em Viena. Apenas Apa, sempre o corujão, estava acordado. Sentei-me com ele no refeitório enquanto ele tentava me dar *sachertorte*, seu remédio para todas e quaisquer doenças, sejam elas do coração, do espírito ou do corpo.

Desde que eu disse aos meus pais que terminei as coisas com Emmy, eles assumiram que meu nível elevado de estresse e mau humor eram subprodutos do rompimento, e embora eu estivesse definitivamente abalado por uma garota, essa garota não era Emmy.

Pensei em dizer a verdade ao meu pai. Confessar impediria Naya de se envolver com Robbie Dunmore, mas no final das contas, condenaria a mim e a Dov, e eu era egoísta demais para revelar nossas atividades proibidas.

Girei meu garfo pelos dentes.

— Não se preocupe. Meu coração inconstante vai se curar em pouco tempo, Apa.

Minha piada me rendeu um sorriso e um pequeno aceno de cabeça.

Antes que ele pudesse me ajudar a dissecar o que deu errado em meu relacionamento – Apa amava os assuntos do coração – falei sobre meu atual pecador caloteiro. Meu uso da palavra fez seu sorriso murchar e despertou um apelo articulado serenamente para tratar os humanos com compaixão.

— Alguns humanos não merecem compaixão, Apa.

— Todo mundo merece compaixão.

— Até Triplos, Apa?

Ele ficou quieto por um minuto inteiro.

— Depende de seus pecados. Mas sim, Adam, até eles merecem.

— E quanto aos nephilim?

Sua garganta se moveu quando ele ergueu o olhar para o mural que adornava o teto, que havia sido pintado por um homem que desistira de suas asas porque Elysium não ouviu seu pedido para criar as crianças na terra dos anjos até a cerimônia dos ossos das asas delas.

Nivelando seu olhar de volta para mim, Apa murmurou:

— A ausência de asas não significa a ausência de um coração.

Meu pai era muito compassivo. Os dois eram, mas Apa era o tipo de homem que perdoava antes mesmo de o ofensor começar a formular um pedido de desculpas.

Conversamos sobre Noah e sua missão, depois sobre duas ascensões recentes de nossa associação. Quando me levantei para sair, Apa tocou no meu aumento drástico de penas perdidas.

Eu vim preparado.

— Se o Seraph Asher derrubar a regra dos palavrões, eu estarei deste tanto — levantei as mãos, com as palmas voltadas uma para a outra, mas distantes — mais perto da imortalidade.

— Adamleh — Apa suspirou. — As línguas humanas são ricas em vocabulário e sua mente fértil em imaginação.

Em outras palavras: *seja criativo*.

Enquanto me acompanhava de volta pelo canal, ele acrescentou:

— Na próxima vez que você vir a Celeste, peça a ela algumas dicas. Ela xinga de forma muito colorida.

Meu pulso disparou com a menção da mãe de Naya, porque outro dos talentos de Celeste era diluir a opacidade de nossas mentes da mesma forma que ela diluía suas tintas. Essa mulher poderia ver através de você se não fosse cuidadoso. Eu esperava que Naya tivesse aprendido a proteger sua mente, ou todos nós estaríamos em apuros.

Embora eu não tivesse tirado muito peso das costas, me senti surpreendentemente mais leve depois de deixar Apa, mas essa leveza diminuiu no momento em que saí da associação de Chicago, e tanto o caso Felicity Gold quanto a próxima missão de Naya pressionaram meus ombros.

Acelerei a moto pelas ruas douradas de pôr do sol, meu humor escurecendo como o céu. Quando cheguei à nossa casa emprestada, nem um lampejo de luz permanecia dentro de mim.

Naya passou uma hora com minha equipe, mas de alguma forma, eu podia imaginá-la parada ao lado da pilha de destroços de Boone, brincando com Noah, dando para Galina aqueles sorrisos polidos que deixavam seu queixo delicado mais pontudo e enrolando aquelas asas pretas brilhantes em torno de suas curvas femininas. De alguma forma, eu podia sentir seu *cheiro*. Levantei a gola da minha camisa e dei uma cheirada. Eu ainda estava cheirando a camiseta quando entrei na cozinha.

A conversa e o riso morreram com a minha chegada, e sobrancelhas se ergueram. Soltei o algodão e fui direto para o lugar que eles prepararam para mim, a lista de reprodução que Boone havia selecionado ecoando contra meu crânio latejante.

Eu não era propenso a dores de cabeça, mas a expedição das Garotas Circle já era angustiante antes de Naya. Agora era…

Era…

Procurei por uma palavra para abranger o quanto isso havia se tornado alarmante. Eu estava pensando em prendê-la aqui contra a vontade dela, mas isso teria tirado o pai dela do trabalho de quartzo, e por mais que eu não me importasse se ele surpreendesse Naya no meio de uma missão, não queria que ele aparecesse em nosso quartel-general.

Coloquei uma grande porção da lasanha vegetariana de Noah no meu prato.

— Como foi o encontro com a amiga de Felicity?

— Esclarecedor. — Galina raspou o molho de creme coagulado e chupou do garfo. — Descobri que Felicity era uma Big.

Esperei que Galina acrescentasse uma palavra. Quando ela não o fez, perguntei:

— Uma Big o quê?

— Big é abreviação de Big Sister. É um programa de mentoria escolar onde crianças mais velhas ajudam mais novas. De qualquer forma, ela estava ajudando uma garotinha com dificuldades de aprendizado. — Galina colocou o telefone ao lado do meu prato, então ampliou uma foto de uma adolescente de pele morena com um corte curto e uma regata que dizia *Justiça para Felicity*. A garota estava na frente de uma cerca de arame, abraçando uma foto emoldurada de Felicity.

Rolei até a legenda: *Calliope Underwood, 15 anos, 8 anos depois que sua Big Sister tirou a vida.* A foto foi tirada há quatro anos, logo depois que um dos caras que estuprou Felicity conseguiu liberdade condicional.

— Esse cara ainda está vivo — Levi falou. — Mas veja isso.

Ele empurrou o tablet em minha direção. Uma foto de seis caras em frente a uma casa de fraternidade de faculdade com os braços em volta um do outro iluminava a tela. Verifiquei a foto de prisão do atleta loiro mencionado no artigo de Galina e, com certeza, o encontrei na foto de Levi.

Um arrepio percorreu meu âmago. Mesmo que Calliope de quinze anos fosse magra, já havia algo feroz nela. Ela teria dezenove anos agora. Possivelmente na faculdade.

— Temos o endereço de Calliope Underwood?

— Ela mora em casa com o avô, um treinador de educação física aposentado. E adivinhe onde ele ensinou? — Galina girou no banco e sentou-se de pernas cruzadas. A excitação fez suas pernas baterem. — Na mesma faculdade que esses seis frequentaram.

O formigamento se intensificou até que meu estômago estava tão duro quanto o punho cerrado ao redor do meu garfo. Lancei um olhar ao redor da mesa.

— Ele é o nosso cara.

— *Ou*… — Galina pronunciou a palavra. — Ela é a nossa garota.

— Ou eles estão trabalhando em equipe. — Noah levou uma garrafa de cerveja aos lábios, tomou um gole e depois a pousou. — Isso é um presente de despedida da minha pluma de asas negras favorita?

— Hã?

— O hematoma que você tem bem — Galina pressionou a ponta do dedo contra minha mandíbula, despertando a dor surda que atribuí à minha mandíbula cerrada — aqui.

Afastei a cabeça de seu alcance.

— Você tinha que enfiar o dedo na minha cara? — eu murmurei.

— Demasiado tentador. — Galina sorriu. — A propósito, você mudou de ideia sobre a pena?

— Que pena?

— Aquela debaixo da sua bunda. — Ela desviou o olhar para as sombras sob o banco.

Certo A pena. A primeira que a pluma certinha havia perdido. A primeira de duas.

— Aspire.

Galina saltou do banco e se agachou. Antes que eu pudesse perguntar por que o aspirador estava embaixo da mesa da cozinha, seus olhos ficaram vidrados. Eu me afastei da mesa e agarrei seu pulso, mas até eu puxar, a pena se desintegrara em poeira cintilante.

— Ah, maldito Abaddon, Galina, eu disse para aspirar.

Vários segundos depois, ela piscou para fora de seu transe.

— Você não mencionou com o quê. — Ela se levantou, sua coluna estalando enquanto suas vértebras se alinhavam. — Nossa agente disfarçada é uma criatura muito doce. Quer saber o que…

— Não.

Memórias compartilhadas criavam laços, e eu estava ligado a plumas suficientes como estava. Além disso, eu não queria outro lembrete da doçura da garota, porque doçura só iria machucá-la, e minha mente já estava evocando todas as maneiras que Robbie Dunmore iria quebrar a alma de Naya como uma noz e deixar sua luz imaculada vazar.

Com a raiva queimando pela falta de controle que eu tinha sobre a situação, saltei do banco e abri a porta do freezer, então peguei a garrafa de Grey Goose e a levei de volta para a mesa. Enchi meu copo de água vazio com vodca.

— Cara — Boone falou —, isso vai machucar suas asas.

— Pareço dar uma pena? — resmunguei no copo de líquido espesso.

Noah me olhou com preocupação.

— Não se atreva a palpitar.

Ele soltou um suspiro profundo enquanto se levantava e pegava seu prato, então o empilhava em cima dos vazios de Galina e Levi.

— É bom que te torne mais agradável.

Enquanto a bebida espalhava fogo pelo meu peito, lenta mas constantemente encharcando meus nervos tensos, ataquei a lasanha. Os outros começaram a conversar sobre o caso Felicity outra vez. Depois que fizemos planos para nos encontrarmos com Calliope e seu avô ao amanhecer, ignorei eles e a música e me recolhi em minha cabeça.

Um caso quase encerrado. Um cansativo por vir.

Percorri todos os cenários do que poderia acontecer com as Garotas Circle. Cada um provocou uma nova onda de raiva. Duas porções de lasanha e uma segunda dose de vodca depois, meu sangue estava fervendo e minhas asas tinham uma pena a menos. Me levantei de forma tão abrupta, que o banco foi empurrado para trás, quase derrubando Galina de bunda no chão.

— Onde você está indo? — Para se equilibrar, ela agarrou a mesa firmou os pés descalços no chão.

— Dar uma volta.

A vodca não me deixou mais agradável. Talvez outra rajada de ar fresco o fizesse. Pensamento esperançoso, era isso que era.

A única coisa que acalmaria meus nervos seria Naya me ligando para anunciar que estava desistindo.

Enquanto eu estava sentado na moto, tirei o telefone do bolso da calça de moletom e puxei as informações de contato dela que Levi havia me enviado quando eu a esperava voltar do *Jardin Japonais* há algumas horas.

Parecia dias.

Semanas.

Cliquei no número de telefone dela, o que me levou a um tópico de mensagens em branco. Olhei para o teclado digital até que as letras começaram a ficar borradas.

Digitei: *Não faça isso. Você vai se machucar*.

Apaguei e digitei: *Vou colocar os brincos na Emmy e podemos monitorar a situação remotamente*.

Apaguei também, porque o que era essa *pluma*?

Eu estava pronto para deixar minha ex dançar com o diabo, mas não Naya? Eu deveria estar derrubando a porta de Emmy e negociando com *ela* para não ir. Ela era a humana, a mortal. Aposto que não precisaria de muito convencimento para fazer Emmy vacilar. Uma segunda chance de namorar comigo poderia até ter funcionado.

Meus tímpanos se irritaram com a memória de sua voz e minha pele coçou com a memória de seu toque. Eu era um idiota completo.

No final, digitei: *Este é o meu celular. Decore o número*.

Guardei o telefone, agarrei o guidão para ligar a moto e desci como um foguete pela rua tranquila do subúrbio em direção ao lago iluminado pela lua.

dezenove



naya

ACORDAR com um telefonema nunca era agradável. Ser acordada por um telefonema de sua mãe para perguntar quando você chegaria ao brunch de aniversário de sua irmãzinha era absolutamente calamitoso.

Pisquei e olhei na tela a hora na parte superior do meu telefone – 13h30. Eu *nunca* dormia até tarde. Por outro lado, raramente ficava acordada até o amanhecer, refletindo sobre uma missão.

Eu: *Estarei aí em trinta minutos!*

Pedi um táxi, depois joguei meu telefone de lado e saltei da cama. Depois de me vestir com os jeans da noite anterior, troquei a camiseta com a qual tinha dormido por uma rosa clara que caía em um ombro, vesti a jaqueta de Ama e pulei para onde tinha deixado meus sapatos, enfiando os pés no primeiro par que vi. Provavelmente deveria ter ido com o segundo par, porque quase torci o tornozelo ao subir as escadas com os saltos enormes. E então, mais uma vez, quando passei pela garoa cinza monótona e entrei no táxi que estava me esperando.

Como eu poderia ter me esquecido do aniversário de Lyla? Eu era a pior irmã de todos os tempos. Eu nem tinha um presente para ela e não podia me dar ao luxo de passar em nenhuma loja no caminho para a associação, atrasada como estava.

Pelo menos a adrenalina de acordar com o telefonema de Ama suplantou a antecipação nervosa da minha próxima ida a casa dos Dunmore. Eu não podia acreditar que ficaria em uma casa cheia de pecadores de alto escalão e voaria com um Triplo para um país onde a violência era um modo de vida.

Qualquer pessoa sã hesitaria em vez de se sentir animada. Talvez até corresse na direção oposta.

Toquei meus brincos. Eles estavam me rastreando? Estavam se perguntando por que eu estava me movendo mais para o coração da cidade em vez de me afastar dela?

O que eles pensariam se eu me registrasse em Nova York? Que eu tinha recobrado os sentidos e desistido?

Enquanto o táxi descia pelas ruas da capital, notei que tinha uma nova mensagem de texto.

NÚMERO DESCONHECIDO: *Este é o meu celular. Decore o número.*

Fiz uma careta. Quem enviaria tal…

Mesmo que nossos telefones não projetassem hologramas, o tom seco evocava o rosto de Adam. Eu estava prestes a enviar uma mensagem sobre civilidade antes de decidir por:

Estava esperando que você o enviasse para mim. Considere decorado, Grayson.

Adicionei um emoji de carinha sorridente, em seguida me dei um tapinha nas costas de forma figurativa pela resposta maravilhosa que certamente derrubaria o ego de Adam, já que ele claramente não era fã de Grayson.

Antes de sair da conversa, decorei a sequência de números até que se transformou em um jingle, depois desenhei a sequência na condensação da janela enquanto gotas grandes respingavam no táxi. Quando cheguei à frente da casa azul-esverdeada em Notting Hill, eu sabia o número de Adam tão bem quanto soubera o de Raven.

A esperança maluca de que ela pudesse estar no aniversário de Lyla explodiu em mim. Tentei contê-la para evitar ficar desapontada, mas o sentimento só cresceu, ocupando tanto espaço que eu praticamente flutuei do táxi, através da extensão monótona da calçada, e para a associação sempre amena.

Eu estava tão distraída pelos meus pensamentos que trombei em Ophan Kate, jogando a pobre matrona em uma fonte. A ophanim encharcada saiu da bacia rasa, o fogo do anjo em suas veias já transformando a água em vapor.

— Pluma Naya, você tem que estar sempre com tanta pressa?

A pergunta dela me fez parar. Eu *estava* sempre com pressa?

Até uma semana atrás, eu estava com pressa para ganhar minhas penas. Agora, eu estava com pressa para chegar em casa e voltar a tempo de começar meu novo trabalho.

Um grupo de plumas da idade de Lyla, que tinha visto minha entrada grandiosa, riu em um canto enquanto eu me desculpava profusamente com Kate, antes de pedir uma carona pelo canal.

Depois de um resmungo seguido por um suspiro, ela gesticulou para os corredores de quartzo. Enquanto eu passava pelo grupo de plumas mais jovens rindo, pisquei para elas. Uma das garotas tentou piscar de volta, mas não conseguiu dissociar as pálpebras, então as duas acabaram se fechando e abrindo. Sorri, porque me lembrou Lyla, que também ainda não dominava a arte de piscar.

Em questão de minutos, troquei os arbustos de rosas inglesas amarelas do átrio de Londres pelas madressilvas de casa.

— Obrigada, Ophan! — exclamei enquanto me lançava para fora.

O *tsc* baixo que ela emitiu me fez perceber que eu estava, novamente, prestes a partir em um trote muito rápido. Forcei meus membros a prolongar cada passo.

— O que você está fazendo, Naya? Imitando um robô?

Desviei minha atenção do chão de quartzo para a boca franzida de Mira.

— Ha. Não. — Minhas bochechas se ergueram com um sorriso. — Ophan Kate apontou como eu sempre pareço estar com pressa, então eu estava fazendo uma tentativa consciente de desacelerar.

Mira sorriu, e havia algo melancólico nisso.

— Como ela é observadora. Quando criança, você estava sempre correndo pelos nossos corredores.

Porque eu estava perpetuamente preocupada de que perderia algo importante se eu me demorasse.

— A maioria das plumas aprendeu a andar com a idade normal de um ano, mas você, minha querida Naya, aprendeu a andar com doze… ou foi com treze?

Fiquei tão imóvel quanto a estátua do átrio e a olhei boquiaberta de espanto.

— Você acabou de fazer uma piada, Mira?

— Foi só uma observação, querida criança. — Mas os cantos de sua boca diziam o contrário. — Lyla ficou pulando a manhã toda esperando por você. Era de se imaginar que um pai tranquilo geraria garotas tranquilas.

— Você está chamando minhas filhas de bárbaras cheias de vida, Mira?

— Apa! — Lá fui eu de novo, correndo, mas seus braços estavam abertos, e eu amava abraços demais para desacelerar.

Até hoje, eu acreditava que abraços eram mágicos e que o mundo seria um lugar melhor se todos se abraçassem com mais frequência. Tive uma visão de Adam sendo embalado em um abraço. Aposto que ele desprezava abraços ou os acelerava quando se encontrava preso em um.

Mira sorriu para meu muito alto e muito imponente pai.

— Eu estava apenas apontando o quanto suas filhas são mais parecidas com a mãe do que com você, Asher.

Os olhos turquesa de meu pai brilharam com orgulho e amor por nossa família.

— Você está chamando Celeste de anjo cheio de vida?

O sorriso de Mira aumentou, criando ondulações concêntricas ao redor de

sua boca.

— Essa é uma maneira de descrevê-la.

Gritos estridentes seguidos de sons de riso ecoaram sobre as lajes de quartzo branco.

— Tobias deve ter dado a Lyla o presente dela. — No meu ouvido, Apa sussurrou: — É um filhote *haccoul*.

Minha pergunta deveria ter sido: como foi que Tobias conseguiu carregar um gato selvagem de Elysium pelo canal. Em vez disso, perguntei:

— Tobias está aqui?

Ele ficou sabendo que conheci Adam? E se ficou, ele compartilhou a informação com meu pai?

— Quando foi que Tobias perdeu um dos aniversários de vocês?

Verdade.

— Só o filho dele que perdeu todos. — Eu estava testando as águas. — Por que isso, Apa?

Meu pai endureceu.

— Você sabe como me sinto sobre você se misturar com meninos.

— Mas é o filho do Tobias. Você não quer que sejamos amigos?

Meu pai retesou. Ficou visivelmente tenso. Eu estava supondo que ele não era fã de Adam, o que me levou a me perguntar o porquê, já que ele era um grande fã de Tobias e Gabriel.

— O que quero é que você se concentre em sua ascensão. Assim que você chegar lá, você pode construir quantas amizades quiser.

Ocorreu-me que talvez Apa soubesse das atividades extracurriculares de Adam e estivesse preocupado que ele pudesse me contagiar. Claro, isso não explicava por que nunca fomos apresentados, mas explicava por que meu pai era tão reticente que nos conhecêssemos agora.

Apa passou um braço em volta do meu ombro enquanto caminhávamos em direção ao refeitório.

— Você já terminou com a Emmy?

— Ainda não. Provavelmente vou precisar de mais uma semana. Ou duas.

— Às vezes, as missões mais fáceis acabam sendo as mais difíceis.

Segurei seu braço e olhei para seu rosto pensativo.

— E as mais difíceis acabam sendo as mais fáceis?

Ele soltou um suspiro pesado.

— Não. As difíceis geralmente permanecem difíceis.

— Como a velhice te deixou pessimista, Apa.

Ele grunhiu, dando um beijo no topo da minha cabeça que roçava a parte de baixo de sua mandíbula graças aos meus saltos de dez centímetros.

Não admirava que Adam estivesse apavorado com meu pai. Embora meu companheiro pluma fosse alto, meu pai era enorme.

Com Mira em nosso encalço, chegamos ao refeitório. Que visão. Lyla, Arden e várias outras garotinhas estavam enlouquecidas, derrubando pilhas de frutas que lembravam pedras preciosas e bolos glaceados em miniatura enquanto perseguiam uma bola de pelo verde-limão que cabia na palma da mão de Apa. O presente de aniversário peludo da minha irmã estava causando um grande caos. As ophanim presentes tentavam desesperadamente encurralar o gatinho selvagem enquanto Tobias, Eve e minha mãe assistiam, com risadas histéricas.

— Ah, Grande Elysium… — Mira ofegou. Se ela fosse humana e católica, teria se benzido. Por ser angelical, ela abriu as asas e gritou: — Tobias!

Mais risadas saíram das mulheres que o rodeavam.

Quando Ama me viu, sua risada se transformou em uma piscada e uma mão estendida.

— Estrela, venha conhecer o mais novo membro da Associação 24.

Troquei meu pai por minha mãe e apoiei a cabeça em seu ombro.

— Receio que a residência do animal de estimação de Lyla seja reduzida.

As covinhas profundas de Ama escavaram suas bochechas sardentas.

— Você está amando isso, não é, Ama?

— *Todos* nós estamos. — Eve jogou para trás o longo cabelo preto que herdara de sua mãe e passara para sua filha. — Não estamos, Celeste?

O olhar âmbar de Ama acompanhou a conversa acalorada de Mira e Tobias.

— Ah, muito. — Ela bateu com gentileza o lado de sua cabeça na minha. — Então, o que há de novo em sua vida? Conheceu algum britânico bonito?

Ao contrário de Apa, Ama nunca deixou de me incentivar a adquirir experiência no departamento de namoro para que, quando conhecesse a *pessoa certa*, tivesse vivido um pouco.

— Uma vez namorei um lorde britânico…

A voz de Ama cortou a de Eve.

— Se é aquele que sua melhor amiga te apresentou, então não é uma história adequada para contar a Naya.

— Por quê? Foi tudo muito inocente.

Ama lançou a Eve um olhar que a fez fechar sua boca pintada de vermelho.

— O que foi? — perguntei.

— Não tão inocente. — A voz de Eve tinha subido uma oitava completa. —

Eu deveria ir verificar a Arden.

Fiz uma careta quando ela, no lugar, saiu para a mesa de bebidas.

— O que foi isso?

— Nada. — O sorriso de Ama era tão tenso que definitivamente sugeria algo. — Então, você estava me contando sobre belos britânicos?

— *Hum*… — Pensei em Grayson, com seu coração encantador e dentes tortos. Mas eu não o teria chamado de bonito. Bonito era uma palavra mais adequada para homens com mandíbulas fortes, bocas lascivas e olhos astutos.

Homens como Adam.

Procurei semelhanças no rosto de Tobias. Além da cor de seus cabelos, brilho de suas írises e definição de suas mandíbulas, pai e filho eram muito diferentes. A tez de Adam era mais escura, de um tom que parecia que ele havia tomado banho de sol em seu tempo de inatividade, o que posso ter presumido antes de esbarrar em Noah.

Adam também era mais largo e maior que Tobias, como se alguém tivesse pegado o pai e ampliado cada uma de suas feições. Ele devia ter puxado a mãe, quem quer que ela fosse. Como a minha, ninguém nunca falava dela.

— Homens bonitos são muito hostis, Ama.

— Como se eu não soubesse… — ela sussurrou, olhando com adoração para meu pai.

Onde Lyla teria resmungado um *nojento* – em parte para implicar e em parte porque, aos cinco anos, o amor físico ainda era um conceito revoltante – soltei um pequeno suspiro. O que meus pais compartilhavam era lindo.

Um suspiro estridente fez com que todas as nossas atenções se voltassem para Mira e o *haccoul* atualmente aninhado em cima de sua cabeça.

Com os ombros tremendo com uma risada silenciosa, Apa estendeu a mão e segurou o gatinho verde pela nuca.

— Por que não vai buscar um morango para ele, Lylaleh? *Haccouls* gostam muito de frutas.

Minha irmã empurrou para o lado seu longo cabelo castanho e saltou em direção ao bufê de quartzo. Ela pegou um punhado de morangos e voltou para o filhote *haccoul* enfiado na túnica de camurça marrom de nosso pai.

O pequeno gato levantou a cabeça e cheirou, mas ao ver a pequena multidão, amassou o focinho de volta contra Apa.

Tobias bateu palmas.

— Meninas, formem uma fila atrás de Lyla.

Arden se espremeu atrás de minha irmã, que se ajoelhara e encostara as

costas da mão no chão, com um morango rechonchudo descansando na palma. Apa se agachou, de modo que o felino trêmulo ficou ao nível dos olhos de minha irmã. O animal cheirou novamente, ficando mais corajoso desta vez. Mantendo uma mão nas costas dele, Apa colocou-o ao lado da mão de Lyla. A criatura agarrou o morango e o rasgou como se fosse uma presa viva. Lyla estendeu a mão e acariciou sua cabecinha.

O animal paralisou com suco rosa pingando de seu focinho.

— Olá, Nitznootz.

— Nitznootz? — perguntei a Ama.

— Significa Brilhante em Angélico — ela sussurrou de volta. — Lyla e Tobias escolheram juntos.

— Fofo.

— Ainda não consigo acreditar que ele conseguiu trazer um *haccoul*. A Mimi deve estar com muita inveja.

Mimi era a mãe de coração de Ama, a Moreau original, uma alma que eu ainda não conhecia, mas que já amava. Eu não conseguia explicar, mas toda vez que pensava nela – como agora – eu sentia cheiro de biscoitos.

Muitas vezes me pegava associando aromas a sentimentos. Açúcar com amor. Vento com liberdade. Chuva com tristeza. Até a figueira solitária no canto do refeitório provocava sentimentos dentro de mim – mágoa.

Por mais que eu tentasse me lembrar a origem, eu tinha dificuldade em identificar o que havia na doçura mineral que fazia meu coração doer. Houve um período de semanas em que Apa ficou preso trabalhando em Elysium quando eu tinha a idade de Lyla. Talvez eu tivesse esperado muitas vezes debaixo daquela árvore para que ele voltasse.

A risada tilintante de Lyla soou no ar, atraindo minha atenção, mas também a do gatinho, que estava se esfregando contra suas pernas dobradas, emitindo um ronronar tão melodioso quanto o canto de um pardal.

O pensamento de nossos pássaros celestes me fez pensar em Adam e no que dissera sobre minha voz. Tinha sido um comentário muito estranho. Decidi levá-lo como um elogio, já que o canto deles era adorável.

— A Raven não pôde vir? — Ergui o olhar para o teto pintado do refeitório – um dos muitos projetos de Ama.

— Ainda não. — Ama manteve o olhar fixo na fila agitada de menininhas, que era mais uma curva, já que cada uma se esforçava para olhar melhor para Lyla e seu novo animal de estimação. — Mas ela mandou lembranças.

Considerando os segredos que eu estava guardando, provavelmente era

melhor que ela não tivesse vindo.

Minha mãe afastou uma mecha do meu cabelo, que a umidade de Londres havia enchido de frizz.

— Quem te deu essas lindas pérolas?

Porcaria. Eu deveria tê-las tirado e colocado na bolsa.

— Um garoto.

— Parecem pérolas de Elysium. — Ela franziu o cenho. — Esse garoto tem asas?

Minhas bochechas queimaram.

— Talvez.

— Qual é o nome desse menino alado?

— Ama, não foi um presente romântico nem nada. — Virei a cabeça para que meus cachos loiros obscurecessem minhas orelhas.

— Sua pele conta outra história.

— Mas minhas asas dizem a mesma coisa. — Apontei para o chão de quartzo. — Viu. Sem pena.

— Posso pelo menos saber o nome dele?

Quase sugeri uma troca: um nome por outro. Na confusão que tinha sido minha noite e no frenesi que tinha sido minha manhã, eu não tinha procurado Céline Tremblay. Mesmo que Ama nunca tivesse conhecido minha mãe biológica, Apa devia ter falado sobre ela – aqueles dois contavam *tudo* um para o outro.

No final, decidi não compartilhar o nome de Boone.

— Não.

As covinhas de minha mãe desapareceram junto com a curva de sua boca.

Eu odiava a decepção que estava causando a ela. Odiava mesmo.

— Eu juro que se eu pensar em namorar alguém, você será a primeira pessoa a saber. Também juro que não tenho nenhum interesse em namorar o garoto que me deu os brincos. — Enfiei a mão no bolso da calça jeans, roçando os dedos nas argolas de diamantes que havia guardado lá ontem. Eu as peguei. — Você pode manter isso seguro para mim?

Ama as colocou no bolso sem tirar os olhos do meu rosto.

— Esse garoto obviamente tem interesse em namorar você. Por que mais ele lhe daria joias? — Seu olhar voltou para Tobias, que estava ao lado de meu pai agachado, pondo ordem na fila irregular de garotas de olhos arregalados. — Você tem certeza de que eu não o conheço?

— Você nunca falou comigo sobre ele. Mas até aí, o único garoto de quem

você fala é Adam. — Mordisquei o lábio, então o soltei. — Eu estava querendo perguntar… — Eu não deveria ter chamado mais atenção para a equipe, mas estava genuinamente curiosa. Especialmente agora que Adam e eu nos conhecemos. Claro, o rapaz era um pouco cabeça-dura e muito imprudente, mas ele tinha boas maneiras. Eu não achava que nos tornaríamos melhores amigos, mas presumi que também não nos tornaríamos os piores inimigos. — Apa é sempre tão vago sobre isso, mas por que vocês nunca nos apresentaram?

Sua garganta se moveu.

— Por que nós o apresentaríamos a você?

— Porque Tobias e Apa são tão próximos quanto irmãos de sangue, o que torna Adam meio que meu primo.

— Exceto que ele não é seu primo. — Seu tom era tão afiado quanto as hastes das nossas penas. — Desculpe. Eu não queria ser grosseira com você. Seu pai e eu estamos extremamente ansiosos para que você se junte a nós em Elysium, e os meninos são…

— Distrações?

— Sim. E eu sei como é. Eu fui um pouco… selvagem em meus dias de pluma.

— E ainda assim você conseguiu chegar em Elysium.

— Mas eu quase não consegui, Estrela. Quase não consegui. — Seu olhar âmbar ficou desfocado. Ela olhou de volta para o átrio. De volta para mim. — Eu não quero que você tenha que experimentar esse nível de angústia.

— Eu nunca deixaria um garoto ficar entre mim e minhas asas, Ama. Nunca.

O corpo da minha mãe, que não era flexível para começo de conversa, pareceu ficar mais duro, como se seus músculos tivessem se transformado em osso e sua pele em pedra. Sua reação, a ansiedade devoradora de que eu, de alguma forma, não conseguiria cimentar minhas asas em meus ombros, fortaleceram minha teoria sobre a escassez de visitas de pais nas associações – ficando longe, eles se poupavam de uma quantidade imensurável de estresse.

— Naya! — minha irmã gritou, pondo fim à nossa estranha conversa e assustando seu novo amigo direto de volta ao colo de Apa. Ela fez uma careta e se inclinou, murmurando: — Desculpe, Nitznootz. — O gato espiou e aceitou o tapinha entre suas orelhas pontudas. — Volto já.— E então ela se levantou e correu em minha direção.

Meus braços já estavam bem abertos quando ela me alcançou. Eu os prendi ao redor de seu pequeno corpo e a levantei, cantando minha própria versão da

música de aniversário, depois me desculpei por ter vindo de mãos vazias para seu grande dia.

— Embora eu esteja meio feliz por não ter trazido nada, porque como alguém pode superar um *haccoul*?

— Ele é *super* fofo, não é? — Ela lançou o mesmo olhar de adoração que Ama reservava para Apa para seu novo animal de estimação.

— Super *mega* fofo. — De rosto colado, observamos enquanto as outras plumas se revezavam acariciando o novo mascote da associação. — Eu gosto do nome. Combina com ele.

Lyla me lançou um sorriso cheio de dentes, então me direcionou para o grupo. Nos sentamos uma ao lado da outra no quartzo quente. Nitznootz apareceu entre as pernas de Apa para cheirar minha mão, antes de pular no círculo das pernas cruzadas da minha irmã.

— Domesticar um *haccoul* é inédito. — Mira estava dizendo, olhando o animal com grande suspeita.

— Mas você tem que admitir, ele é precioso. — Eve estava com uma mão no ombro de sua filha.

Embora Eve se parecesse com Claire em muitos aspectos, Arden se parecia com a mãe em todos os sentidos. Era como se Eve tivesse se clonado. Se eu não tivesse conhecido o pai erelim de Arden, eu poderia ter me perguntado se a clonagem existia em Elysium.

Mira empurrou a mão para o carinha.

— Ele é uma criatura selvagem.

Como se Nitznootz decidisse esnobar o nariz triangular para ela, ele se enrolou em uma bola apertada de pelo verde e parou de se mover.

Lyla ergueu os olhos brilhantes e preocupados para meus olhos castanhos profundos.

— Ele está… ele está dormindo?

Entre seus cabelos escuros, írises verde claras, covinhas e um punhado de sardas, minha irmã mais nova seria uma destruidora de corações algum dia.

— Óbvio — Arden resmungou. — Criaturas celestiais não podem morrer, Lyla. Bem — ela ergueu o ombro ossudo que Eve segurava —, além de nós.

Isso roubou dos rostos dos adultos a maior parte de sua jovialidade. Até a expressão de Mira passou de enrugada para franzida.

A lembrança de nephilim me fez morder o lábio. Não que eu tivesse *esquecido* dessa brecha celestial – eu estava bem ciente de que a ausência de ossos de asas significava morte, e morte para sempre, já que as almas nephilim

não eram colhidas –, mas tentava não contemplar isso com muita frequência já que fazia o pavor crescer dentro de mim.

Trouxe minhas asas para existência usando magia e as envolvi em volta de mim para aliviar o pavor que as palavras de Arden conjuraram.

Segura.

Eu estava segura.

Mas muitos não estavam.

Encapsulada na escuridão estrelada, eu estava mais do que nunca determinada a usar meu dom dado pelos anjos para oferecer essa proteção aos humanos merecedores.

vinte



adam

FATO ANGÉLICO #322:
Um pluma com um plano pode ser mais esperto que um humano sem um plano.

ÀS SETE DA MANHÃ, depois de uma parada rápida na associação para verificar as pontuações individuais dos Underwood, estacionamos a quatro quarteirões da casa do nosso assassino em série, uma modesta habitação de tijolos de dois andares. Como havíamos planejado na noite anterior, Noah e Boone contornaram a propriedade para bloquear a porta dos fundos enquanto Galina e eu caminhávamos até a porta da frente, passando por uma cerca baixa equipada com cadeados, embora não houvesse nenhum na porta da cerca.

Todos os cadeados eram enganchados nos laços de arame. Como era apenas em frente à propriedade dos Underwood, imaginei que fosse obra deles. Provavelmente algo simbólico. Me perguntei brevemente se eles tinham alguma coisa a ver com Felicity Gold ou se eram uma lembrança dos dias do vovô Gregory como um querido treinador universitário.

Enfiei um dedo na campainha repetidamente.

Quando não tocou, Galina usou a aldrava enferrujada.

— Você deveria ter ido para os fundos com o Boone e deixado o Noah aqui comigo. — Diante da minha carranca, ela acrescentou em russo: — Parece que você está com sangue no olho, o que não vai ajudar a convencer ao vovô de que estamos do lado dele. — Grunhi, o que fez as sobrancelhas de Galina se arquearem. — Mas o que está te aborrecendo?

A preocupação com uma certa pluma que insistiu em entrar no covil do diabo com zero preparação e zero escrúpulos.

Estresse porque dois casos enormes estavam ocorrendo ao mesmo tempo.

A equipe precisava de mim aqui em Chicago, e Naya, mesmo se recusando a admitir, precisava de mim em Londres. Aqueles rastreadores nos lóbulos de suas orelhas eram redes de segurança frágeis, e redes podiam ser cortadas. E depois?

— Não gosto de ter dois casos acontecendo ao mesmo tempo — eu disse finalmente.

A porta da frente abriu uma fresta, esticando uma corrente frágil.

— Bom dia, Sr. Underwood. — A voz de Galina era tão animada quanto o top amarelo-abelha que ela vestiu para combinar com seu esmalte.

— Bom dia? — Ele claramente não tinha certeza se ia ser bom.

— Eu sou Galina e este é Adam, meu… parceiro.

Os brancos ao redor das írises marrons profundas do homem se alargaram.

— Não somos policiais disfarçados — acrescentei em voz baixa.

Os cílios de Gregory baixaram uma fração, confirmando que era para onde sua cabeça tinha ido com a menção da palavra *parceiro*.

— Nem estamos romanticamente envolvidos — Galina interveio, embora eu duvidasse que ele tivesse chegado a essa conclusão. — Estamos aqui apenas para ver a Calliope, senhor.

— Ela não está em casa. — Ele começou a empurrar a porta.

Levantei a mão para evitar que ela se fechasse.

— Pode nos dizer onde ela está? É importante. — A corrente da porta ficou tão tensa que calculei que estava prestes a se soltar sozinha.

— Ela é uma mulher adulta. Eu não tomo conta da vida dela.

— Provavelmente deveria. Quero dizer, suas atividades extracurriculares estão chamando bastante atenção esses dias. — Acenei para uma velhinha espiando por uma vidraça com cortinas de renda no lado oposto da South Parnell. Ela paralisou no meio de uma batidinha no cabelo preso com bob, piscou, então saltou para o lado, surpreendentemente ágil para sua idade. — Estamos felizes em continuar falando sobre a Calliope aqui fora, mas imaginamos que você prefira manter seus vizinhos fora disso.

Ouvimos uma briga outro lado da casa, completa com grunhidos abafados e um baque pesado. Meu olhar encontrou o de Galina. Ela assentiu e contornou a parede de tijolos correndo.

O pomo de Adão de Underwood pulou uns bons dois centímetros.

— Onde a garota está indo?

— Verificar o alvoroço na parte de trás da casa. Provavelmente um guaxinim vasculhando seu lixo. — Inclinei a cabeça. — A menos que seja a Calliope. Ela costuma entrar e sair pela porta dos fundos?

Tudo ficou quieto, exceto pelas inspirações pesadas do velho, alguns chiados distantes, e a palavra *vadia* sendo resmungada repetidamente.

O ex-treinador de esportes me deu uma olhada de cima a baixo.

— Estou desarmado. Pode me revistar se quiser, embora eu prefira que não. Eu não sou grande fã de ser apalpado por estranhos.

Seus olhos castanhos se voltaram para os meus, então para os lados, para

Boone que estava vindo até nós, esfregando a parte de trás da cabeça.

— Ela usou um troféu de corrida. Porcaria pontuda — ele murmurou. — Galina quer saber se deve levá-la para o carro?

— Na verdade, tudo depende se o Sr. Underwood está se sentindo hospitaleiro.

As narinas do velho se dilataram.

— Solte a porta — ele resmungou. — Vou deixar você entrar.

— É melhor assim. — Afastei os dedos e a porta se fechou com um baque.

Segundos se passaram antes que a porta se abrisse novamente. O suspiro de Boone me disse que ele tinha a mesma opinião que eu – o homem estava se armando. A menos que Boone estivesse suspirando por causa de sua lesão.

A corrente finalmente chacoalhou e as dobradiças rangeram.

— Entrem.

O cômodo em que entramos era acolhedor e limpo, o sofá de dois lugares acolchoado e decorado com almofadas bordadas com pássaros. Fotos em molduras sortidas disputavam espaço com troféus esportivos e estatuetas de joaninhas. Quatro anos reformando humanos haviam me livrado da maioria das minhas noções preconcebidas, mas não pude deixar de me perguntar onde Calliope escondia seu arsenal de serras, alicates e cordas. Debaixo do sofá? Certamente não caberia tudo sob o assento da sua motinho amarela…

— Agora, não mova um músculo. — Underwood recuou para uma cozinha compacta de azulejos verdes, com os olhos fixos em nós, a mão na base das costas.

Não pedi a ele para guardar a arma, já que isso o ajudava a se sentir seguro.

Fumaça saía do fogão. Underwood praguejou enquanto puxava uma panela cheia de tiras de bacon carbonizadas do fogo antes de destrancar a porta dos fundos – acho que Calliope saíra pela janela – e a jovem de dezenove anos entrou, com os pulsos amarrados atrás das costas.

Galina entrou atrás dela, chutando a porta para fechar.

— O Noah está de guarda lá fora.

Underwood ergueu a arma e apontou para Galina.

— Desamarre minha neta.

Galina tirou fiapos de sua camiseta.

— Não até que você guarde essa arma, Sr. Underwood. Como meu colega disse, estamos aqui para ajudar.

— Vô, não. — Uma veia se destacou no pescoço de Calliope.

Me acomodei contra a mesa de fórmica no canto e cruzei os tornozelos e

braços.

— Deixe-o ficar com a arma, Gee. — Cheirei o ar. — Isso é cheiro de café que estou sentindo? Não me importaria com uma xícara. Tomo puro.

Os olhos acastanhados de Calliope semicerraram.

— Quem diabos são vocês? — Desde a foto tirada aos quinze anos, a garota tinha crescido para os lados e para cima, não volumosa como uma fisiculturista, mas firme e musculosa, estava claro que era páreo para os homens que ela estava apunhalando nas paredes com facas estrategicamente colocadas.

— Considere-nos seus anjos da guarda. — Como sempre, minhas asas coçaram ao pronunciar a frase, mas como anjos da guarda não existiam em nosso mundo, nunca fui despojado de uma pena.

Calliope bufou, curvando um canto da boca.

— Não preciso de nenhum anjo da guarda.

— Talvez ainda não, mas precisará em breve. Os federais vão bater na porta do seu avô a qualquer momento.

Sua boca se realinhou.

Balancei a cabeça para Boone.

— O bilhete do cruzeiro?

— Bilhete do cruzeiro? — Gregory murmurou, com a arma ainda levantada, mas não mais apontada para o meu crânio.

— Sua atitude defensiva confirma que você está ciente do esquema de vingança de sua neta, então decidimos enviá-lo para um relaxante cruzeiro pelo Caribe com tudo incluso, Sr. Underwood — anunciei conforme Boone lhe entregava a impressão do itinerário de viagem. — As cabines do navio são pequenas, mas ouvi dizer que são mais aconchegantes do que celas de prisão.

A respiração do velho ofegou, enquanto a de Calliope parecia ter parado completamente.

— Aqui diz Jimmy Oakley. Meu nome não é Jimmy Oakley. — Ele tentou colocar os papéis de volta na mão de Boone.

Boone as afastou.

— Agora é. Meu irmão está providenciando seu passaporte enquanto conversamos.

Os cílios curtos de Underwood tremularam em confusão.

— Saber faz de você cúmplice de assassinato e vai te levar à prisão — Galina explicou. — Sem mencionar que você era o treinador de basquete dos caras, o que também faz de você um suspeito.

O ar vibrava com batimentos cardíacos. Deles. Nossos.

Underwood virou-se para a neta.

— Não vou embora. Não sem ela.

— Vô. ainda não posso ir embora. Não acabei.

— Bem, então, vou esperar, e vamos juntos como planejamos.

Eles se encararam e encararam. Para dentro um do outro.

Finalmente, ela voltou o olhar para mim.

— Não existem anjos da guarda, então quem diabos vocês são de verdade?

— Cidadãos preocupados. — Me afastei da mesa e ergui a palma da mão. — Chave?

Galina me entregou e eu destranquei as algemas.

No segundo em que foi solta, Calliope girou e recuou em direção ao avô, esfregando os pulsos.

— E você está preocupado conosco, por quê?

— Minha equipe e eu somos a favor de nos livrarmos de bandidos, mas a polícia… eles têm uma visão divergente sobre a justiça e acabaram de sentir o cheiro do seu rastro. Queremos que você saia impune de seus assassinatos por vingança. Você é boa, mas os federais são melhores, e aquele detetive no seu caso está perto de fazer a mesma conexão que fizemos entre os homens que estão sendo assassinados e a garota que eles — apertei os molares em repulsa — estupraram.

Galina balançou a cabeça.

— O detetive ainda está convencido de que o carrasco é um homem, o que funciona a seu favor, Calliope, mas não a seu favor, Sr. Underwood.

— Ele vai descobrir antes que você consiga apagar os três últimos. Que, a propósito, perceberam que são alvos. — Lancei um olhar ansioso para a máquina de café. — Um deles pegou a estrada esta manhã com toda a família.

As pupilas de Calliope pulsaram.

— Estamos rastreando-o. De nada.

Calliope não disse uma palavra, mas sua mandíbula se apertou.

— Ela o está rastreando também. — Galina torceu o diamante no nariz. — Certo, Calliope?

Ela olhou para Galina, mas não se incomodou em responder.

— De qualquer forma — enfiei as algemas no bolso da minha calça de moletom — Noah vai dar uma carona ao seu vovô até o aeroporto enquanto você nos conta seu plano de ação, para que possamos ajudá-la a se safar do assassinato. Assassinatos.

Calliope engoliu.

— Qual é a pegadinha?

— Não é realmente uma pegadinha — Galina respondeu. — É mais uma promessa que queremos de você.

— Fale logo.

Então falei.

— Gostaríamos que você concordasse em nos deixar reabilitar sua alma assassina assim que terminar.

— Hã?

— Uma vez que você vingar a Felicity, vai deixar um de nós – você escolhe quem — Galina acenou entre nós — ajudá-la a começar do zero. Novo nome. Documentos novos. Trabalho lícito. Chega de derramamento de sangue.

Embora Gregory Underwood ainda segurasse a arma, o cano estava virado para baixo, e seu aperto era tão frouxo que fiquei surpreso que a arma não tivesse caído de sua mão.

— E o que vocês ganham com isso? — Um raio de sol pegou nos cílios de Calliope e iluminou as manchas verdes como pedaços de confete.

— Nossos halos ficam melhores. — Evitei mencionar asas, já que falar disso com humanos geralmente era, dependendo do contexto, uma gafe dispendiosa.

Os lábios carnudos de Calliope se pressionaram em uma linha firme enquanto ela pensava sobre tudo o que dissemos.

— Quanto nos custará o cruzeiro e os novos documentos?

— É parte do pacote de reabilitação da alma que estamos oferecendo — eu disse.

— Parece bom demais para ser verdade.

Não havia muito a fazer sobre como soou.

— Sua oferta é generosa, e nós dois agradecemos, mas não vou embora sem minha Calliope.

— Vô, se você é suspeito…

— Não. — Ele balançou a cabeça. — Vou esperar até que você termine, e então vamos juntos.

— Vô…

— Não. — Seu tom foi tão final que eu percebi que era melhor pedirmos um reembolso pelo cruzeiro, rápido.

— Vocês dois ainda precisam fazer as malas. — Galina colocou o cabelo preto atrás de suas orelhas furadas. — Esta casa estará cheia de policiais em breve.

— Boone, ligue para Levi e diga a ele para encontrar um esconderijo para Jimmy e Annie — grunhi.

— Annie? — Calliope perguntou.

— É o seu novo nome. Melhor se acostumar com ele.

— Você me deu o nome de Annie Oakley? — A assassina parecia irritada.

Eu sorri.

— Achei que era apropriado, mesmo que ela seja famosa por seus tiros precisos, e se tudo correr conforme o planejado, você não ficará famosa por suas *facadas precisas*.

Calliope balançou a cabeça.

— Cês são tudo estranho.

Diz a assassina em série…

— Não posso acreditar que estamos confiando nossas vidas a vocês… — ela acrescentou baixinho.

Eu mal podia acreditar também. Imaginei que precisaria de mais negociação. Talvez até uma bala perdida ou duas.

De certa forma, porém, confirmou o que já sabíamos sobre Calliope e seu avô: eles não eram pessoas ruins, apenas pessoas boas fazendo uma coisa ruim. Bem, ruim de acordo com ishim e a lei humana.

Meu toque de aplausos soou. O nome de Levi piscando na tela me fez apertar o botão aceitar.

— Conseguiu o esconderijo?

— Não. — Toques rápidos como um relâmpago soaram do outro lado do telefone enquanto os dedos de Levi dançavam em seu teclado. — Acabei de ouvir a polícia falar sobre uma situação de reféns em Englewood.

— Obrigado pelo aviso. — Depois de terminar a chamada, caminhei até a janela e espiei por ela. Com certeza, a velhinha estava com o rosto colado ao vidro. — Sua vizinha intrometida acabou de ligar para a polícia por nossa causa.

Eu não queria levar os Underwood de volta ao QG, e hotéis estavam fora de questão.

— A Britt tem boas intenções. — O avô de Calliope se aproximou de mim e acenou para a mulher cuja testa enrugada franziu mais profundamente. — Todos vocês saiam daqui. Levem a Calliope. Eu vou lidar com os policiais.

— Isso é uma má ideia, Sr. Underwood — Galina disse. — Eles vão usar esta oportunidade para questioná-lo.

Calliope olhou para Galina com o canto do olho.

— Odeio admitir, mas concordo com Amarelinha.

— Galina, mas você pode me chamar de Amarelinha, Annie.

Calliope resmungou algo sobre como Annie era um nome idiota.

Bati palmas para chamar a atenção de todos.

— Vocês têm cinco minutos. Peguem apenas as coisas das quais vocês não estão dispostos a se separarem. Todo o resto fica.

Calliope entrou em ação, puxando o braço tatuado de Gregory.

— Ah, e, Calliope? — chamei. — Não deixe nenhuma *ferramenta*… de assassinato espalhada por aí.

— Não trago meu trabalho para casa.

A pele de seu avô pontilhou de suor ao meu conselho. E pensar que havíamos identificado a *ele* como o assassino. O homem provavelmente nunca tinha esmagado uma mosca.

— Galina, Boone, os ajudem. Vocês têm cinco minutos. — Abri a porta dos fundos, encontrei Noah em vigília ao lado de um sofá surrado. — Os policiais estão a caminho — eu disse a ele em nossa língua materna. — Coloque o carro em movimento.

A adrenalina contrariou a fadiga que tomou conta de mim quando a moto finalmente ficou sem bateria ao amanhecer e apaguei no sofá por duas horas antes de Noah me acordar.

Estava prestes a guardar o telefone quando vi que recebi uma nova mensagem de Naya.

NAYA: *Estava esperando que você me enviasse. Considere decorado, Grayson. :)*

Meu sangue ficou gelado. Ela realmente achava que era Grayson? Passei os dedos pelo cabelo, bagunçado de um lado pelo meu passeio de moto crepuscular e achatado do outro pelo meu período em coma no sofá.

Enquanto as tábuas do piso rangiam acima, digitei: *É Adam, não Grayson.*

Meu polegar pairou sobre o botão enviar, mas encerrei a conversa sem responder. Não queria entrar na brincadeira dela. Porque era isso, certo? Naya realmente não presumiu que Grayson havia enviado seu número de telefone para ela.

Uma sirene da polícia estridente quase me fez deixar cair o telefone. Enfiei-o de volta na jaqueta de couro e espiei pela janela da cozinha que dava para a rua. Britt ainda estava na janela, tirando os rolinhos do cabelo ralo.

Precisávamos cair fora.

Fiquei na ponta dos pés e bati com as juntas de dois dedos no teto.

— Vamos lá pessoal!

Galina desceu primeiro, com Calliope logo atrás com uma mochila pendurada em um ombro e uma bolsa de tecido cheia balançando no outro.

— Vô!

Ele desceu alguns instantes depois, com passos mais vacilantes, a respiração difícil e a frente de sua camiseta grudada com suor em seu peito arfante. Boone o seguiu, com uma pequena mala de rodinhas balançando em seus dedos.

Galina e Calliope passaram por mim, em seguida seu avô e Boone. Estávamos no meio do quintal do vizinho quando o velho começou a bater no peito como se seu coração estivesse prestes a explodir.

— A aliança de casamento da Sharon. Esqueci o anel de casamento da minha Sharon.

— Vô…

— A corrente quebrou, e eu ia consertá-la, mas…

— Shhh. — Calliope colocou a mão na lateral do pescoço dele. — Onde é que você a colocou?

— Na mesa de cabeceira.

As sirenes soaram mais alto. Eles estavam definitivamente vindo em direção a este bairro.

Calliope deixou cair a bolsa.

— Volto já.

— Não. — Me inclinei, peguei a bolsa e joguei para Galina. — Todos vocês vão para o carro. Vou pegar e encontro vocês lá. Se eu não aparecer em cinco minutos, comece a dirigir.

Saí em uma corrida rápida, passando pela cerca que separava as propriedades, passando pelo sofá estripado que Underwood havia relegado ao gramado, então subi os degraus da varanda, voei pela cozinha e subi a escada. Levei cinco segundos para descobrir de quem era o quarto – o de Calliope era verde-claro, com flores falsas delineando tudo, desde a cabeceira da cama até o espelho da penteadeira e as janelas. Surpreendentemente cativante para alguém que cortava paus.

Luzes azuis e vermelhas se espalharam pelo jardim de plástico de Calliope quando uma viatura se aproximou até parar em frente à casa da vizinha.

Mexa-se. Eu precisava me mexer.

Enquanto a senhora com o cabelo de poodle abria a porta para cumprimentar os dois policiais, saí do quarto de Calliope e corri pelo corredor curto. A última coisa que eu precisava era ser levado para uma delegacia de

polícia. Como eu não estava no sistema, isso levantaria uma fila inteira de bandeiras vermelhas e faria muitas penas se arrepiarem nas associações, especialmente as dos meus pais.

Vasculhei a mesa de cabeceira, empurrando uma Bíblia de bolso cujas bordas douradas brilhavam como as asas de Dov. Entre a poeira ocultante e voar, o ishim teria sido um ajudante muito útil agora.

Assim que meus dedos se fecharam em torno de uma corrente de ouro, a aldrava de latão bateu. Peguei o colar e o enfiei no bolso da jaqueta, então fui para a porta quando ouvi as dobradiças rangerem no andar de baixo. Eles deviam ter encontrado a porta dos fundos.

Britt não poderia ter oferecido um muffin a eles ou algo assim?

Fui pé ante pé até a janela aberta com vista para o sofá quebrado. Depois de verificar que o pátio estava vazio, agarrei a borda e girei as pernas. A aterrissagem não foi agradável, apesar de minhas asas se abrirem, só os anjos sabiam o porquê, já que eram inúteis até que estivessem totalmente emplumadas.

— O suspeito pulou pela janela! — Ouvi um policial gritar.

Me. Depene.

— Coloque os braços onde podemos vê-los — a policial gritou através da janela da sala enquanto seu parceiro corria para a porta que eu tinha deixado aberta.

O clarão do cano de uma arma me fez pular do meu agachamento e atravessar o quintal do vizinho. Eu estava prestes a virar à esquerda na direção que os outros haviam tomado quando passos soaram atrás de mim.

Virei à direita, ziguezagueando por pátios desordenados e pulando sobre arbustos desidratados, espetando as palmas das mãos mais de uma vez em cercas irregulares. Assim que pulei sobre uma cerca viva, um estalo ecoou, seguido pela pior de todas as ferroadas na panturrilha. Tonto de dor, tropecei, mal conseguindo me segurar em um parquinho de plástico.

O policial gritou novamente, mas sua voz estava fora de foco, do mesmo jeito que minha visão. Cerrando os dentes, me afastei do balanço e cambaleei por outro quintal, contornando outra casa de tijolos, pura força de vontade me impulsionando para a frente.

Calliope ficaria bem – afinal, ela tinha minha equipe –, mas o que aconteceria com Naya se eu fosse preso?

Embora a bala tivesse diminuído muito minha velocidade, a adrenalina manteve minha mente clara, clara o suficiente para perceber que eu precisava desistir de correr e começar a ser mais esperto.

vinte e um



naya

MEU PAI FEZ questão de me acompanhar de volta a Londres. Rezei para que ele não insistisse em me seguir durante todo o caminho de volta até meu apartamento, porque minha mala estava arrumada e fazendo volume ao lado da porta. Um olhar para ela levaria a um interrogatório, que inevitavelmente prejudicaria minhas asas e, por sua vez, minha missão.

Quando ele caminhou ao meu lado pelo átrio, mordisquei o interior da bochecha, avaliando planos de fuga.

Resolvi dar um abraço de despedida. Doce e definitivo.

— Obrigada por me trazer para casa.

A grande mão de Apa pousou na parte de trás da minha cabeça e alisou meu cabelo.

— Por acaso você não mudou de ideia sobre ficar aqui em vez de na casa da sua pecadora?

Eu me afastei dele, abrindo um sorriso pesaroso.

— Não.

Ele suspirou.

— Você vai deixar meu cabelo prematuramente grisalho.

Eu ri e acariciei seu braço.

— Você pode ser tão dramático.

Ele resmungou.

— *Ni aheeva ta*, Apa. — Me disseram eu te amo em angélico vezes suficientes ao longo dos anos para memorizar o som melodioso.

— Eu também te amo, Estrela.

Quando abri o aplicativo para chamar um táxi, meu pai cruzou as mãos nas costas e olhou para a estátua do anjo de quartzo jorrando água em forma de asas de sua coluna.

— É melhor você verificar se a Mira não enviou o presente da Lyla de volta para o Elysium. — Eu esperava não parecer muito frenética para me livrar dele.

Meu pai bufou, mas depois ficou sério.

— Sua mãe nunca permitiria que isso acontecesse, mas você está certa. É melhor eu voltar. — Ele começou a se virar, mas parou. — Naya?

— Sim? — Mudei o peso de um salto para outro.

— O que a Arden disse. Pareceu te abalar.

Eu parei de me mexer, surpresa com o rumo de seus pensamentos.

— Me abalar? Você contou minhas penas ultimamente?

— Todos os dias, Estrela — ele murmurou. — Todos os dias.

Como ele não mencionou as duas que caíram, presumi que ele havia pulado um dia. Ou que sua cabeça não estava focada em matemática.

Meu telefone vibrou, me alertando que meu táxi estava chegando.

— Vou ser enjaulada em pouco tempo, Apa. — Eu soprei um beijo para ele antes de fugir pela porta da associação.

O ar de Londres estava úmido e trazia o frio de um dia sem luz solar. Corri em direção à porta já aberta do táxi e me acomodei no banco de trás. Enquanto o carro se afastava do meio-fio, li minhas mensagens e encontrei uma resposta que fez um sorriso surgir em meus lábios.

NÚMERO DESCONHECIDO: *É Adam, não Grayson.*

Adam podia ter herdado o cabelo macio e os olhos brilhantes de seu pai, mas o gene do senso de humor ele deixou de lado.

EU: *Imaginei. Especialmente porque já tenho o número do Grayson.*

EU: *Estou indo para a mansão em 30 min.*

Quando ele não respondeu, procurei o endereço da mansão, digitei, fechei os olhos e pensei na minha próxima operação secreta. Emmy ficaria surpresa. Surpresa-feliz ou surpresa-estranha? Eu não queria que ela me visse como uma perseguidora, mesmo que todos os bons vigilantes o fossem.

Mais cedo do que o previsto, o táxi parou na frente da Queen's Gate, 9. Saí, um dos meus pés batendo em uma poça, espirrando água suja da chuva na barra do meu jeans. *Argh*. Franzindo o nariz, caminhei depressa em direção à porta. Minha chave chacoalhou um minuto inteiro na fechadura antes de encontrar o suporte e abrir.

Desci para o porão, meus tornozelos coçando por causa do jeans úmido. Pensei em me trocar, mas isso desperdiçaria minutos preciosos, então peguei minha mala e a arrastei para fora e para cima. Eu a enchi com tanta roupa que ela batia em cada degrau.

— De mudança?

Levantei o rosto. De todas as pessoas que eu não queria encontrar…

— Oi, Grayson.

Ele olhou para mim do patamar, com os olhos em um tom sombrio de azul. Quando a mala começou a me inclinar para trás, eu apertei a mão ao redor do corrimão.

Suspirando, Grayson desceu e levantou a mala de meus dedos suados como se pesasse tão pouco quanto minhas asas.

— E aí? Para onde vai com bagagem?

Mordi o interior da minha bochecha, tentando decidir como responder a sua pergunta. Finalmente, escolhi a verdade.

— Ontem à noite, o Sr. Dunmore me ofereceu um lugar na expedição. Eu aceitei.

O olhar de Grayson ficou mais intenso.

— A Emmy não contou isso para mim.

Soltei um suspiro pelo lado da boca que levantou um cacho cheio de frizz. A umidade tinha uma maneira incomparável de adicionar volume ao meu cabelo.

— Porque ela não sabe.

Os cadarços de um de seus tênis estavam desamarrados. Pensei em avisar. Não queria que ele tropeçasse. Quando olhei para cima e encontrei seus olhos ainda nos meus, pesados de decepção, esqueci dos cadarços.

— Por quê? — Sua pergunta foi um pouco mais alta do que sua expiração.

— Porque eu gosto de ajudar as pessoas. — Não esclareci que eram as Garotas Circle que eu estava planejando ajudar e não as venezuelanas. Eu não queria alarmá-lo mais do que ele já estava.

— O táxi lá fora. É seu?

Assenti.

— A Emmy esqueceu o passaporte. Eu ia levar isso para ela. — Isso explicava por que ele estava no prédio quando sua meia-irmã não estava.

— Posso dar a ela.

Ele enfiou a mão no bolso de trás do jeans, mas não a tirou imediatamente. Depois de balançar a cabeça um pouco, ele estendeu o passaporte na minha direção com relutância. Eu o segurei, mas ele não o soltou.

— Você vai voltar? — Minha mala ainda pendia de sua mão.

— Não sei. Vou aonde meu coração me levar.

— Para onde seu coração, ou para onde o *Adam* te levar?

— Eu lhe asseguro: o Adam não dita para onde vou. — Sim, eu vim aqui por ele, mas estava indo por mim.

Sua garganta recém-barbeada se moveu.

— Então, se muda alguma coisa, espero que seu coração te traga de volta aqui.

— Talvez traga. — Sorri para ele.

Em silêncio cordial, subimos o resto das escadas. Grayson insistiu em levar

minha mala para o táxi. Depois de colocá-la aos meus pés, ele segurou a porta como se estivesse pensando em entrar.

— Você tem uma alma linda, Grayson.

Ele estremeceu.

— O que foi? É verdade.

— É isso que as garotas dizem a um cara que está na *friendzone*.

Estendi a mão e toquei seus dedos.

— Para mim, nada é mais importante do que a alma de uma pessoa. Todo o resto desaparece. Apenas a alma permanece.

Um flash de olhos escuros cercados por cílios mais escuros apareceu no rosto de Grayson. A estátua de um anjo com tocos no lugar dos ossos das asas. Um perfume, mineral e doce. Meu coração bateu e parou, bateu e parou.

Afastei a mão da de Grayson e esfreguei meu peito. Não foi a primeira vez que imaginei essa cena, mas foi a primeira que ela passou pela minha cabeça enquanto eu estava bem acordada.

Ele franziu o cenho.

— Você está bem?

Engoli em seco e pisquei, forçando o cheiro e a visão a se afastarem, em seguida assenti. Como suas sobrancelhas não se nivelaram, eu disse:

— Sim. — Mas eu estava?

Aquele cheiro…

Eu não tinha perdido uma pena, então eu devia estar relativamente bem, mas algo parecia errado. Alguém. Me sentei, mantendo a palma da mão contra meu coração acelerado.

Quando criança, tive uns episódios em que eu acordava suando frio. Mira ou meu pai andavam comigo pela associação por horas antes de eu aceitar voltar para a cama. Se eu fosse humana, teria presumido que tive uma vida passada e um malakim fez um trabalho desleixado de purificar minha alma, mas as almas angelicais não eram reencarnadas. O que reforçava minha crença em premonições.

Enfiei o passaporte de Emmy, que estava dobrando, no bolso da jaqueta, depois baixei a mão do peito e a coloquei contra minha coxa inquieta. O rosto de Grayson voltou ao foco perfeito, a tez tão branca quanto o ar encharcado e as colunas alinhadas ao Queen's Gate, olhos tão azuis quanto a camisa que usava.

Ele não se parecia em nada com o homem das minhas visões. Não cheirava a nada como ele. Grayson era tão doce quanto o homem com quem sonhei não era.

— Vou chegar atrasada. — Limpei o cascalho da minha garganta. — Até nosso próximo encontro, Grayson. — Porque nós iríamos nos encontrar. Na Terra antes de eu ascender ou no Elysium, depois que ele morresse.

— Boa viagem, Naya. — Ele deu um passo para trás, e a porta se fechou entre nós.

— É tudo ou — substituí a palavra nada por — *tudo.* — Não porque estava confiante demais na minha capacidade de guardiã, mas porque daria tudo de mim para esta missão

Enquanto o táxi se afastava do centro da cidade, uma padaria com nome francês me fez pensar na minha certidão de nascimento. Peguei meu telefone no bolso onde havia guardado o passaporte de Emmy e digitei o nome de Céline Tremblay.

Infelizmente, era um nome popular. Adicionei Paris à minha pesquisa, o que diminuiu o número para quatro candidatas, depois reduzi minha pesquisa por faixa etária. Fiquei com quatro perfis: uma naturopata, uma consultora financeira, uma designer de joias e uma dentista. Todas tinham fotos anexadas ao perfil.

Estudei cada uma, sentindo a pele formigar devido ao meu pulso acelerado. Após um exame minucioso de seus rostos, descobri que tinha o mesmo queixo pontudo da naturopata, os mesmos olhos castanhos profundos da dentista, a mesma pele clara da consultora e a mesma juba ondulada da designer de joias. Como eu poderia me parecer com quatro mulheres que não se pareciam em nada? Era porque eu queria tanto me encontrar em uma delas?

Uma notificação me tirou do meu intenso escrutínio – era a foto que Apa havia tirado mais cedo de Nitznootz aconchegado nos braços de Lyla, minha irmã envolta em meus braços e eu nos braços de Ama. Sorri para o acordeão colorido que fizemos.

Suspirando, olhei para o rosto da designer de joias e fechei a página. Fechei as quatro páginas. Não porque eu estivesse preocupada que meus pais examinassem meu histórico de buscas, mas porque eu já tinha uma família.

Uma família amorosa e extraordinária a qual eu não queria ferir ao encontrar a humana que meu pai havia engravidado há quase duas décadas e se recusava a falar a respeito. Tinha que haver uma razão por trás de seu silêncio, uma que eu esperava que ele me contasse de livre e espontânea vontade algum dia.

vinte e dois



naya

A MANSÃO DUNMORE deveria ter sido apelidada de palácio, com suas torres de pedra espiralando para o pôr do sol enevoado, seu terreno bem cuidado se derramando em um lago espelhado e um terraço amplo que poderia facilmente acomodar toda a nossa população de plumas.

Um manobrista de luvas brancas vestido com um uniforme que parecia roubado de um lorde do século XIX insistiu em pegar minha mala e me ajudar a sair do táxi. Subi os degraus curvos de pedra, esperando que um rio de empregados e mordomos saísse, mas eu não era a figurante em um filme de época, nem celebridade.

Quando passei pela soleira e por uma porta de madeira esculpida e embutida com ilhós de cobre, o apelido que Adam tinha usado veio na minha cabeça. Eu não era herdeira. Apenas uma pluma nascida de um oficial eleito. Se Apa algum dia renunciasse, eu não herdaria nada.

— Naya Moreau? — A mulher que seguiu Robbie no evento da noite anterior apareceu no patamar com outro guarda vestido de preto.

— Sou eu.

— Por motivos de segurança, vou precisar revistar você e suas malas.

Assenti, dei minha bolsa para seu parceiro, então levantei os braços.

Ela passou uma varinha para cima e para baixo em cada um dos meus membros. Quando alcançou meu rosto, prendi a respiração. A varinha passou sobre uma pérola, depois sobre a outra. Nenhum bipe se seguiu.

— A ceia está prestes a começar. Deixe-me mostrar-lhe o seu quarto.

Segui seus passos largos.

— Você é obrigada a usar uma roupa formal. Se você não trouxe uma, iremos lhe emprestar.

— Eu tenho. Mesmo assim, obrigada. — Me perguntei se os vestidos emprestados vinham do armário da Sra. Dunmore ou se havia um sótão cheio de roupas destinadas aos convidados.

Inclinei a cabeça para trás quando passamos por um salão gigantesco cercado por um mezanino de vidro. O teto de nogueira que se erguia de dois andares era de tirar o fôlego, cada quadrado cheio de arte que faria Ama chorar.

Risos e conversas chamaram minha atenção do teto pintado e a levaram

para um conjunto de portas abertas, para uma sala repleta de pessoas.

— Depois de se refrescar e se vestir adequadamente — minha acompanhante virou o nariz para meu jeans rasgado —, vá para a sala de estar. — Ela gesticulou na direção do barulho antes de passar por baixo de um arco que levava a amplas escadas de pedra cobertas por uma passadeira azul meia-noite. — Você vai dividir o quarto com duas outras garotas. Acho que você conhece as duas: a Srta. Emmeline Rogers e a Srta. Natasha Cumming?

— Elas sabem que vão dividir um quarto comigo?

— Sim, elas foram informadas da identidade da sua colega de quarto.

Eu me perguntei como Emmy reagiu à notícia.

A uma velocidade vertiginosa, caminhamos pelo mezanino que eu tinha visto de baixo, pontilhado com uma fileira de portas idênticas. Isso me lembrava o corredor do dormitório da associação, se fosse feito de madeira escura em vez de quartzo e iluminado por arandelas em forma de bolota em vez de veios de fogo de anjo.

Meu quarto ficava bem no final do corredor largo. A guarda indicou cada comodidade com um floreio de mão: o banheiro de azulejos brancos, a cômoda de nogueira, as cortinas de seda pura feitas do mesmo tecido azul-petróleo das colchas. O quarto estava desprovido da pompa da área de recepção, mas ainda assim luxuoso.

Minha mala deve ter sido trazida por outra rota, pois já estava ao pé de uma das camas, bem ao lado de um roupão de banho monogramado com um D elaborado.

— Você pode guardar e arrumar o roupão para sua próxima viagem. Um presente do senhor e da senhora por seu serviço ao povo venezuelano.

— Obrigada.

— Agradeça a eles.

Então tá… Não que eu estivesse querendo me tornar melhor amiga dos guardas de Robbie, mas um pouco de calor seria bem-vindo.

— Eu vou.

— Agora, para as regras durante a sua estadia. Não pode vagar pelos corredores, nem entrar em aposentos particulares, nem gritar, brigar, se demorar ou correr. As portas fechadas estão fechadas por uma razão. Lembre-se de que você é uma convidada e nada mais.

Franzi um pouco mais a testa em cada ponto que ela colocou, mas esse último provocou um bufo.

— Alguma coisa engraçada, Srta. Moreau?

Forcei o sorriso dos meus lábios.

— Estou bem ciente de que este não é um episódio de *Bachelor*.

— Você é uma das únicas. — Na minha sobriedade, ela acrescentou: — A maioria das participantes não tem consideração pelas crianças venezuelanas que estarão ajudando, apenas pelo homem solteiro que organiza a viagem. Agora, prepare-se. Você já está extraordinariamente atrasada. — Ela se virou e saiu, fechando a porta.

Amigável. Mas o que eu estava esperando? Ela trabalhava para uma família de monstros e, embora isso não a tornasse automaticamente um, sua lealdade estava com eles.

Depois de um banho rápido como um relâmpago, abri o zíper da mala, peguei um vestido azul-celeste, em seguida tentei passar uma escova pelo meu cabelo antes de desistir e passar o *sérum* ao acaso sobre meus cachos desgrenhados.

Raven se encolheria com o efeito desigual. Mira teria estalado a língua com minha impaciência. Ama teria acariciado minha juba selvagem e me lembrado que era uma coisa linda, mas minha mãe era completamente tendenciosa e amava a mim e meu cabelo incondicionalmente.

Enquanto eu tentava uma última vez domar minhas mechas, a maçaneta do quarto girou e uma voz familiar soou em minha direção.

— Naya, sua cobrinha, você não me disse que iria se juntar às Garotas Circle! — Emmy se apoiou contra o batente da porta, grandes írises azuis brilhando entre pinceladas grossas de delineador preto. — O Grayson me disse que te deu meu passaporte.

— Deu, sim. — Eu o peguei e entreguei a ela, observando sua roupa – outro vestido preto que se encaixava nela como um band-aid, juntamente com uma sandália de salto alto.

— Estamos prestes a nos sentar para jantar. — Sua fragrância floral lutou com os vapores de gim que emanavam de suas palavras. — Guardei lugares para nós na mesa do príncipe. Ele é delicioso, apesar de não ter um olho. Parece um pirata. — Ela conferiu a maquiagem no espelho do banheiro, enquanto eu voltava para o quarto para colocar meu vestido.

— Por que é que ele está aqui?

— Ele queria conhecer e cumprimentar as mulheres prestes a mudar a paisagem de seu país.

— Isso é dar crédito demais para nós.

— Estamos prestes a tocar muitas vidas, então merecemos *algum* crédito.

Você está pronta? — Ela saiu do banheiro, assim que fechei a parte de trás do meu vestido. — Uau. Onde você conseguiu isso? Se me disser que veio do armário dos Dunmore, vou pedir para visitar o lugar.

Levantei o decote sem alças bordado com pérolas de Elysium, em seguida alisei as palmas das mãos sobre a cintura justa e a saia de seda que rodopiava ao redor das minhas pernas como água.

— Ganhei de uma amiga da família.

— Deve ser uma amiga muito rica. Que marca é?

— Hum. Nenhuma. Ela fez para mim.

Emmy arqueou mais a sobrancelha.

— Eu gostaria de ter amigos de família como os seus. De qualquer forma, vamos antes que uma das Vadias Circle roube nossos lugares.

— … Circle? — Deixei minha voz arrastar pela outra palavra que ela pronunciou. Eu não tinha certeza se isso me custaria uma pena e não queria descobrir.

— São cinco garotas. Eles são horríveis. Presunçosas pra cacete. — Ela torceu o nariz empinado.

Antes de sair, verifiquei meu telefone. Com certeza, Adam tinha respondido à minha pequena piada.

BURACO NEGRO: *Por que você tem o número do Gray?*

Sorri com o apelido criativo que dei a ele durante minha corrida de táxi.

EU: *Porque ele e eu somos amigos.*

EU: *Por que você se importa?*

Como nenhuma resposta veio, presumi que ele estava offline. Enquanto Emmy tirava um batom de sua bolsinha, rapidamente digitei mais duas mensagens.

EU: *A propósito, o Príncipe da Venezuela está na mansão.*

EU: *Achei que você gostaria de saber.*

E então escondi meu telefone dentro da bolsa espaçosa e segui Emmy para fora. Quando chegamos ao corredor acarpetado, ela enganchou o braço no meu e preencheu o silêncio com um comentário contínuo sobre cada participante. Quando chegamos à sala de estar, eu sabia quem era quem e quem estava saindo com quem – aparentemente o irmão mais velho de Robbie, Henry, tinha um olhar errante e traía a esposa socialite de forma descara. De toda forma, ela preferia mulheres.

Que família… tentei me lembrar dos pontos de Henry – uns 50 se não me enganava – como seu pai. Era a mãe quem tinha mais, mas não tanto quanto

Robbie.

Emmy me guiou pela sala de estar que estava vazia de convidados, mas cheia de funcionários removendo copos de coquetel e afofando almofadas, devolvendo a grande sala à sua forma de catálogo. Mesmo que eu não tivesse vindo para admirar as posses dos Dunmore, não pude deixar de olhar ao redor da sala e admirar os entalhes detalhados nos painéis de madeira, o mural pastel cobrindo o teto e os estofados ricos.

Tudo pago com dinheiro de sangue, Naya. A lembrança diminuiu o esplendor abundante.

Quando chegamos ao terraço, um garçom vestido de preto nos escoltou até uma das mesas centrais. Embora houvesse muito mais mulheres do que homens no evento, ainda havia alguns homens. A maioria em torno da idade de Robbie.

— Eles guardaram nossos lugares — Emmy murmurou com animação, ao mesmo tempo em que perguntei:

— Quem são todos esses homens?

— A maioria são parceiros de negócios. Alguns são amigos de Eton do Robbie. Foi assim que Robbie e o príncipe Pablo se conheceram na verdade.

Mesmo que eu não pudesse adivinhar as pontuações dos pecadores com um olhar, imaginei que a maioria das pessoas aqui variasse na faixa de dois dígitos altos, e essa suposição fez meu corpete justo parecer estar apertando muito mais do que minha cintura.

Os cinco homens sentados à mesa se levantaram quando chegamos. Estabeleci quem era o Príncipe, graças ao tapa-olho. Seu olho descoberto correu sobre mim de uma forma que fez minha pele se arrepiar e minhas asas saltarem para fora do seu esconderijo.

Forcei um sorriso e me apresentei, minha voz batendo na minha garganta ao ritmo do meu coração instável. Eu precisava me acalmar ou esses tubarões em ternos feitos sob medida e abotoaduras brilhantes iriam sentir o cheiro da minha apreensão.

— Vossa Alteza — Emmy piscou —, obrigada por guardar lugares para mim e minha amiga.

Pablo assentiu para Emmy, antes de dar um passo ágil ao redor da mesa e levar minha mão aos lábios.

— O prazer é todo meu. Você me daria a honra de jantar ao meu lado, *Señorita* Moreau?

Eu estava tão concentrada no fato de que Pablo usava luvas de couro que quase gritei quando Emmy respirou dentro da minha orelha.

— Merda. Lá se vai minha chance de me tornar rainha.

Eu teria oferecido meu assento a ela em um piscar de olhos, mas decidi que se alguém pudesse esclarecer a missão de Robbie, seria a própria carne e sangue do monarca. Além disso, estimular a afeição de Emmy pelo filho de um líder corrupto, certamente corrupto também, contrapunha-se ao propósito de protegê-la.

Emmy me deu um empurrãozinho, mas não antes de sussurrar:

— Pelo lado positivo, eu vou direto para o céu se vocês dois juntarem os trapos.

Não haveria nenhum trapo para juntar. O que haveria de sobra, eu esperava, seria rasgar os trapos. Quanto mais rápido eu pudesse entender o que estávamos enfrentando, mais rápido eu poderia acabar com isso.

vinte e três



adam

FATO ANGÉLICO #415:
Alguns anjos são muito maiores do que a soma de suas penas. Alguns… não são.

— BOA TARDE. Estou de volta com as últimas notícias sobre o sequestro do querido e aposentado treinador da Englewood High, Sr. Gregory Underwood. Apesar de a força policial não ter sido capaz de retirar impressões digitais da infratora — uma imagem gerada em 3D de Galina materializou na tela seguida por uma minha —, eles conseguiram coletar DNA do suspeito do sexo masculino.

— Por que me fizeram parecer ter doze anos e bochechas de esquilo, mas fizeram você parecer um Adônis? — Galina jogou pipoca em mim.

Peguei os grãos que pousaram no meu colo e os comi.

Noah a olhou de soslaio.

— É nisso que você está escolhendo se concentrar? Não no fato de vocês dois estarem no noticiário. Na porcaria do noticiário!

Durante toda a tarde, esperei uma ligação de meus pais. Papa Gabriel mastigaria minhas asas e exigiria respostas, enquanto meu outro pai, como sempre, faria o papel de policial empático e bom.

Felizmente, apesar da perda de sangue e da falta de sono, preparei uma defesa sólida. Enquanto eu esperava o policial cansar na caçamba de uma caminhonete, suando e sangrando sob cobertores cinzas de mudança que cheiravam a madeira mofada e cachorro molhado, decidi largar meu pecador atual e me vincular ao avô de Calliope, o que me daria uma razão angelical para estar no local.

Então foi o que fiz.

Depois que Galina voltou para me buscar no carro esportivo vermelho-cereja, eu disse a ela para dirigir até uma associação. Em seguida fui atingido por um rolo de gaze e uma garrafa de água.

— Arrume-se antes que você dê um ataque cardíaco ao ophanim — Galina resmungou, olhando para o estofamento bege que sujei de vermelho, apesar de ter enfiado o cobertor de mudança, encharcado com meu DNA, debaixo da minha bunda.

Grunhindo como um porco, tirei a bala da ferida. Provavelmente teria saído por conta própria, mas isso poderia levar alguns dias, e eu não tinha dias para mancar com uma bala alojada na panturrilha. Depois de mumificar a perna manca, limpei o sangue de minhas mãos com metade do conteúdo da garrafa de água, depois bebi a outra metade para repor o suor que perdi me escondendo do policial.

— Uau — Galina sussurrou, enquanto eu corria o olho pela transcrição dos brincos de Naya.

Sim. A transcrição.

Antes de eu levá-la para casa ontem, Boone me informou que as pérolas também estavam equipadas com microfones. Ele perguntou se deveria ligá-los ou deixá-los desligados. Não hesitei, porque mais do que uma violação da privacidade de Naya, eu os via como uma maneira extra de manter a garota a salvo dos Dunmore.

Pairei sobre dois segmentos específicos da transcrição: uma conversa que ela teve com Celeste, em que elas discutiram sobre mim e nossa falta de parentesco, e um pedaço da conversa que ela teve com Grayson.

Aquilo fez minha visão afinar tanto que aumentou o latejar na minha testa.

Vou aonde meu coração me levar.

Para onde seu coração, ou para onde o Adam te levar?

Eu lhe asseguro, o Adam não dita para onde vou.

Então, se muda alguma coisa, espero que seu coração te traga de volta aqui.

Talvez traga.

Eu sabia que ela gostava do cara, mas a ponto de fazer promessas sentimentais de voltar? Percorri o resto da conversa, enquanto o software que Levi havia instalado no meu telefone transcrevia sua interação mais recente, depois voltei a nossa troca de mensagens e reli sua resposta às mensagens que eu não pretendia enviar ou não deveria ter enviado.

Os analgésicos que Noah tinha enfiado na minha garganta estavam brincando com meu bom senso de ficar fora da vida pessoal da garota.

NAYA: *Por que você se importa?*

— Isso é ruim, Adam — Noah murmurou.

Eu concordava. A garota tinha coisas muito mais importantes para se concentrar do que flertar com o meio-irmão de Emmy. E sim, eu era como o sujo falando do mal lavado, mas ela não estava apenas protegendo os humanos de uma pessoa má; ela estava protegendo os humanos do próprio diabo.

Noah me deu uma cotovelada, tirando meu olhar do telefone, mas não a minha cabeça da garota do outro lado.

— O que foi? — grunhi, tudo me irritando hoje.

Escondemos os Underwood da polícia e eu não tinha sido autuado. Eu deveria estar me alegrando com tantas vitórias, mas parecia que uma contagem regressiva havia começado, como se alguém tivesse acabado de acender um pavio e nossa sorte estivesse derretendo.

— O que você quer dizer com o que foi? Eles têm a porcaria do seu DNA. — As penas de Noah estavam eriçadas como sempre ficavam quando seu mal humor aumentava.

Inclinei a cabeça para trás contra a almofada do sofá assim que meu telefone tocou novamente.

— E daí? Eu não estou no banco de dados humano.

Galina aumentou o volume da TV.

— É aqui que o caso fica realmente estranho, Maddox — o apresentador estava dizendo a seu colega repórter. — O DNA do suspeito corresponde ao DNA de um bebê natimorto de um hospital francês. Um menino de ascendência do Oriente Médio nascido filho de uma mulher chamada Aicha Bennani e pai desconhecido. A polícia está trabalhando com as autoridades francesas e a mãe da suposta criança morta para exumar o corpo.

Fiz uma careta. *O que…*

— Então é assim que eles removem híbridos de seus pais mortais… — Galina torceu o nariz. — Fingindo que somos natimortos.

Noah pegou um punhado de pipoca da tigela de Galina.

— Não acho que seja isso que eles fazem com todos os híbridos.

— Você conhece um único que conheceu seu pai biológico? Porque eu nunca conheci o meu, nem me deram o nome do homem.

— Aicha Bennani — sussurrei, enquanto meu passado encontrava meu presente. Me levantei, apesar da dor flamejante em minha panturrilha, e manquei por toda a extensão da sala.

— Cara, você foi baleado. Sente-se — Noah pediu.

Eu precisava me mover, mesmo que fosse apenas o comprimento da sala.

Os brincos de Galina brilharam no reflexo da TV, onde a imagem de uma mulher usando uniforme hospitalar preencheu a tela. Sua pele era de um tom mais profundo do que o meu e seu cabelo de um castanho mais escuro, mas seus olhos eram idênticos: verdes cor de maçã.

Pensei em ligar para Apa para dizer a ele que eu havia descoberto seu

segredinho, mas depois pensei melhor, porque ele perguntaria como, e se ele não tivesse ouvido sobre minha aparição no noticiário, eu não queria ser o responsável por informá-lo disso.

Guardei a informação na manga para uso posterior. Se meus pais ralhassem comigo por negligência, eu usaria *Aicha* para mudar o rumo do interrogatório.

— Você pode imaginar o choque de sua mãe se ela decidir te exumar? — Galina meditou. — Pobre mulher.

— Ela não pode exumá-lo — Noah sussurrou.

— Ela pode e provavelmente vai. — Galina colocou outro punhado de pipoca. — Se eu fosse ela, faria isso.

— Isso porque você é uma curiosa mórbida. — Noah lançou um olhar para Galina antes de se virar para mim. — Precisamos contar a Tobias, para que ele possa cuidar disso.

— E como exatamente devemos prefaciar as notícias? *O Adam estava fugindo de um policial, o cara atirou nele e recuperou seu DNA.* Ele vai perguntar por que o cara atirou em mim, e depois? — Meu sangue estava queimando em minhas veias. — Não é como se eu pudesse mentir para ele.

— Ele vai descobrir mais cedo ou mais tarde, Adam. — A voz de Noah estava tão calma quanto estática. — Você está nas manchetes. Há um esboço policial muito preciso de você por aí.

— Então deixe-o descobrir. Afinal, *ele* enterrou minha existência uma vez. Deixe-o lidar em enterrá-la outra vez. Além disso, isso lhe dará algo para se concentrar. A última coisa que preciso é que ele ou Papa comecem a ficar de olho em mim. Em qualquer um de nós, aliás.

Finalmente olhei para o meu telefone, que tocou há menos de dois minutos.

NAYA: *A propósito, o Príncipe da Venezuela está na mansão.*

NAYA: *Achei que você gostaria de saber.*

Fiquei tanto tempo olhando para a tela que Galina empurrou a tigela de pipoca no colo de Noah e caminhou até mim.

— O filho de Perez está na mansão? Isso não é bom — ela murmurou.

Movi a mandíbula de um lado para o outro, que estava tão tensa quanto o resto do meu corpo.

— Levi, faça uma verificação completa dos antecedentes de Perez Junior.

— Procuro por algo específico? — Levi perguntou de onde ele estava sentado na poltrona com o tablet nas coxas.

— Quero saber quais negócios ele administra, quem ele leva para a cama e quais organizações ele está ajudando. Descubra toda maldita coisa sobre o cara.

Galina se endireitou.

— Como posso ajudar?

— Vá até o esconderijo e pegue o próximo turno. Diga ao Boone para passar na associação e verificar a pontuação do Príncipe antes de voltar para casa. — Ela mordeu o lábio como se estivesse irritada por eu não estar colocando-a no caso de Naya. — Verifique com a Calliope para quando ela está planejando seu próximo passo. Quanto antes melhor.

Porque quanto mais cedo terminássemos com o caso dela, mais cedo poderíamos dar nosso foco total a situação de Dunmore.

Galina suspirou.

— Certo. Dê minhas lembranças a Naya.

Tá bom… como se isso fosse acontecer.

Depois que Galina saiu, examinei as informações que Levi havia desenterrado sobre Pablo Perez Jr., e aquele pavio aceso queimou mais, derretendo a pouca vantagem e sorte que reunimos. Pablo era um dos amigos de Robbie em Eton, um homem tão influente quanto seu pai e certamente tão terrível quanto.

Meu instinto me disse que ele era um Triplo antes de Boone confirmar, mas ouvir isso em voz alta fez minha carne doer mais do que minha panturrilha perfurada.

Naya estava prestes a dividir o ar com dois triplos, enquanto eu mancava ao redor desta sala, a um oceano de distância. Pensei em mandar Boone ou Noah, mas o que eles poderiam fazer além de tirá-la de lá contra a vontade dela? Não era como se eles pudessem tomar o lugar dela. Nem mesmo Galina podia.

Eu esperava que até amanhã minha perna estivesse curada o suficiente e eu poderia viajar para Londres. Talvez fingir ser garçom para entrar na mansão. Eu ficaria nas sombras para que Emmy não me reconhecesse. Talvez nem deixasse Naya me ver.

Contanto que eu tivesse olhos e ouvidos nela…

— Você leu a transcrição recente? — Levi virou a tela do tablet na minha direção para que eu pudesse ler o que os dispositivos espetados nos ouvidos de Naya haviam coletado.

Filho de um querubim.

Meu estômago afundou com tudo o que li, e uma vontade violenta de socar o homem sugou cada gota da minha dor e fadiga. Peguei a jaqueta e voei para a

garagem, com Noah quente nas pontas das minhas asas.

Enquanto eu arrancava o cabo de carregamento da moto, ele parou diante do para-lamas dianteiro, com os braços cruzados, penas cor-de-rosa estendidas como um portão.

— O que você pensa que está fazendo?

— O que é melhor para a missão, é o que estou fazendo. Vou lá.

— Isso não é o melhor para a missão.

Joguei as mãos no ar.

— A Naya está cercada por Triplos.

— E tenho certeza de que ela está ciente disso.

— Ela está depenando um flerte com ele!

Noah inclinou a cabeça para o lado.

— Você está agindo como um lunático furioso porque a Naya está usando suas artimanhas femininas com um Triplo?

— A arti… de que século você é, No?

— Isso significa flertar.

— Sei o que isso significa. Agora saia do meu caminho antes que eu encha a cara com suas lindas penas.

Noah ergueu o queixo.

— Não até que você se acalme.

— Estou calmo pra cacete — sussurrei, o palavrão não modificado me custando uma pena. Ou foi a mentira?

— É óbvio.

Depois de um minuto respirando como um dragão, grunhi:

— Você sabe o que acontece com as pessoas que brincam com fogo? Elas se queimam. Até anjos.

Noah escondeu as asas com magia.

— Chegue para frente. — Quando fiz uma careta, ele acrescentou: — Você sabe o que acontece com shorhim que vão para as missões de forma impulsiva? Eles são pegos. Se você estiver indo para a Inglaterra, vou com você. Alguém tem que manter sua bunda imprudente sob controle.

— Noah…

Antes que eu pudesse implorar para ficasse aqui, ele jogou uma perna sobre a traseira da moto.

— Vamos fazer um plano? Eu gosto muito de planos.

Olhei de soslaio para ele, pensando em acelerar a moto e correr para frente brutalmente para derrubá-lo.

— Não. — Como de costume, ele leu meus pensamentos. Passamos muito tempo juntos. — Sua panturrilha está mais preta que a minha e seu humor é mais sombrio que suas asas, então nem pense em se livrar de mim.

— Tudo bem, mas eu dou as ordens. Se eu disser para você ficar para trás, você fica para trás. — Girei as manoplas e a moto disparou para a frente.

— Vou ficar atrás de *você*. — Sobre a rajada de vento, ele acrescentou: — Agora, me conte o plano!

Eu não tinha um. Tudo o que eu tinha era um pressentimento de tirar Naya daquele poço purulento de monstros antes que eles fizessem mais do que roçar em sua pele com as mãos encharcadas de sangue.

vinte e quatro



naya

O PRÍNCIPE TINHA MÃO BOBA. Esta era a décima segunda vez que a palma de sua mão encontrava alguma parte do meu corpo, e os aperitivos tinham acabado de ser retirados.

— Você já esteve no meu país, *Señorita* Moreau?

Encontrei seu único olho, abri um sorriso e tirei meu braço de seu alcance – de novo.

— Ainda não tive a honra. Você vai me contar sobre ele?

— Para começar, o clima é mais agradável do que aqui.

— Isso não é uma façanha. — Olhei para o céu que parecia afundar contra a tenda transparente que havia sido erguida sobre o terraço. Algo brilhou acima da minha cabeça, algo bem espalhado. Asas. Meu coração parou, esperando que aquelas asas estivessem presas a um corpo grande, e estavam. Mas felizmente não era do meu pai.

O anjo acima não era outro senão aquele com quem Noah me colocou em contato e com quem tive uma interação agradável até o momento. Adam tinha informado Dov de que estávamos trabalhando juntos? Será que o ishim veio conferir como eu estava?

Os dedos de Pablo, que estavam cobertos de couro, roçaram em meu pulso, desviando minha atenção de Dov.

— Que coisa interessante você viu lá em cima?

— Estava de olho na chuva. — Minha intenção original. — Então, você e Robbie foram para a escola juntos? — Olhei para cima. Dov havia partido.

— Sim. Desde os sete anos.

Olhei na direção do Triplo de cabelos castanhos, que estava regalando a mesa com uma história que fez todos rirem.

— Agora, entendo por que ele escolheu a Venezuela.

— Meu país precisa urgentemente de ajuda. Não sei o quanto você já ouviu falar sobre isso, mas meu pai, o rei… ele deixou a pobreza se alastrar. Quando os empregos são escassos, os impostos exorbitantes e a ajuda social usada para prostitutas e festas, há muita revolta. Como não tenho nenhuma influência política, estou empregando minhas conexões pessoais para trazer mudanças. Espero que esta expedição crie um grande impacto, o primeiro de muitos.

Observei seu queixo levemente barbeado, seu cabelo loiro curto e íris azul-gelo, me perguntando se eu o havia julgado mal por associação.

— É um incentivo magnânimo, Alteza.

— Por favor, me chame de Pablo. — Enquanto ele reajustava o tapa-olho preto, não pude deixar de me perguntar se algo também havia acontecido com suas mãos já que ele as mantinha cobertas.

— Posso perguntar como você perdeu o olho?

— Como você é direta.

— Curiosa. E sim, suponho, direta.

— Sou um grande fã das duas qualidades. — Pablo ajeitou a cadeira e seu joelho empurrou o meu. — *Lo siento*. — Sua mão pousou na minha coxa como se pedir desculpas não fosse suficiente, e ele quisesse aliviar meu joelho afetado com seu toque.

Virei as pernas para o lado para desalojar sua mão.

— Sem problemas — respondi em espanhol sem sotaque, antes de perceber que provavelmente deveria ter me limitado ao inglês.

Com a testa franzida, Pablo recostou-se na cadeira.

— Então você fala minha língua?

— Aprendi na escola.

— Você não tem sotaque.

— Sou boa com idiomas.

— Que outros talentos ocultos você possui?

— Disseram-me que sou uma ótima ouvinte.

— Prefiro ouvir você falar do que te ver ouvir. Você tem uma voz deslumbrante.

Como o gorjeio dos pardais, pensei, antes de me livrar da comparação de Adam. Eu preferia muito o termo que Pablo havia acabado de usar: *deslumbrante*.

Nunca pensei em flertar para conseguir o que eu precisava, mas agentes especiais não seduziam confissões de criminosos? Se eu pudesse descobrir os segredos desse homem com alguns sorrisos oportunos, estaria à frente do jogo. E se Pablo tivesse a ideia errada, eu explicaria que não estava aberta a nada até o casamento, uma maneira infalível de fazer um homem recuar.

E se, por algum motivo, ele não o fizesse, eu acompanharia meu sorriso oportuno com um chute bem dado.

— Fico lisonjeada.

— Simplesmente a verdade, *Señorita* Moreau.

Observei sua expressão novamente, tentando vislumbrar a alma sob a jaula de carne. Seria tão bom se existissem holo-classificadores portáteis. Ou um aplicativo de avaliação de alma. *Hum*. Não queria me gabar, mas seria uma ideia engenhosa. Uma que eu precisaria discutir com meu pai.

Redirecionei a conversa, porque falar de mim não me levaria a lugar nenhum.

— Foi um acidente? Seu olho?

— Não. Meu pai o removeu para me punir por ter liderado um protesto no verão depois que voltei da universidade. Ele jurou remover o outro se eu não enterrasse minhas ambições políticas.

Abri a boca com um suspiro silencioso.

— Isso é horrível.

E se eu tivesse me inscrito na *única* missão que Robbie não estava usando para lavar sua alma? E se essa delegação que Robbie e Pablo estavam coorganizando fosse genuinamente altruísta?

A pontuação de Pablo poderia me esclarecer. Se eu tivesse trazido meu telefone. Eu poderia ter mandado uma mensagem para Adam, e ele iria até uma associação para checar. Organizado como era, provavelmente já tinha a informação.

Eu estava prestes a pedir licença quando Emmy bateu na taça de vinho erguida com a faca de pão para oferecer um brinde.

— Aos novos amigos — disse com os lábios curvados com um sorriso brilhante.

Chamar essas pessoas de *amigas* era um exagero, mas levantei minha taça de vinho para apoiar.

— A Naya e eu nos conhecemos na semana passada, mas parece que nos conhecemos há *anos*.

Ah. Ela estava falando de mim? Aquilo foi… fofo.

— Um brinde a você, amiga. — Ela piscou para mim.

— Saúde. — Todos aplaudiram.

No calor do momento, encostei os lábios no vinho, mas recuperei o juízo rapidamente e larguei a taça, lambendo as gotas, que eram tão inesperadamente doces quanto o brinde de Emmy. Embora eu olhasse para a taça, curiosa para tomar um gole completo, o álcool interferia em nossos sentidos, e eu precisava deles tão afiados quanto as unhas polidas de Emmy esta noite. Talvez eu me permitisse uma bebida assim que completasse minha primeira missão de guardiã.

Murmurei um agradecimento a Emmy. Apesar de toda sua atitude espinhosa

e opiniões, a garota tinha uma alma bondosa, que merecia ser levada para longe daquelas pessoas, não importava se essa não era uma missão maléfica. Talvez eu devesse esconder o passaporte dela quando subisse para enviar uma mensagem para Adam.

Me inclinei para trás, mas novamente perdi minha deixa para me levantar quando os garçons se aproximaram com os pratos principais. A educação me obrigou a ficar. Enquanto cortava meu peixe, o homem à minha esquerda, Luis, primo de Pablo, instigou uma conversa. Enquanto Pablo estava me paquerando desde o início, Luis agradavelmente não estava. Ele mantinha as mãos para si e, de vez em quando, lançava olhares por cima do meu ombro.

Em seu sexto vislumbre furtivo, me virei na cadeira e encontrei os olhos claros de Pablo fixos em seu primo, embora ele estivesse participando ativamente da conversa sobre comida britânica iniciada por uma das Garotas Circle, cujo sonho era se tornar uma chef mundialmente famosa.

— Eu poderia organizar uma aula de culinária com o melhor chef de Caracas para todas vocês? — Pablo propôs.

A garota – Lexi – aplaudiu com animação, o que fez os guarda-costas alinhados na parede da barraca se mexerem. Aqui assumi que eles eram de Robbie, mas, sem surpresa, eles trabalhavam para o homem ao meu lado. O filho de um monarca precisava de uma bela comitiva.

— Com todo o respeito, Alteza — ao contrário de quando o chamei pelo título, Pablo não corrigiu Ruth, uma garota com quem falei brevemente no encontro ontem — Achei que iríamos até lá para ajudar, não para *sermos* ajudadas.

— Considere isso uma recompensa pelos serviços prestados — Pablo respondeu em voz baixa, dando à garota de cabelos escuros um olhar superficial antes de retornar seu olhar para mim.

— Nossa recompensa será ver a vida de seu povo melhorar. — Ruth era a mais velha de sete irmãos, determinada aos dezoito anos a dedicar sua vida a ajudar os necessitados.

— Ninguém está te forçando a se soltar e se divertir, Ruthie — Lexi falou.

— Ruth, não Ruthie.

Lexi revirou os olhos. Embora Ruth mantivesse o queixo erguido e a coluna ereta, ela ficou em silêncio, com o olhar fixo na peça central floral – lírios brancos e azuis arranjados no formato da bandeira venezuelana de Perez.

À medida que a conversa acumulava vigor e nossos pratos principais eram recolhidos, dobrei meu guardanapo e empurrei minha cadeira para trás.

— Com licença. Eu volto já.

Pablo se levantou e puxou minha cadeira, depois se inclinou para murmurar em meu ouvido:

— *Eres cómo el sol, Señorita Moreau*.

Durante toda a minha vida fui comparada à luz das estrelas, então ser comparada ao sol era bastante chocante.

— Provavelmente é meu cabelo que dá essa impressão. — Enfiei os dedos por ele de forma consciente, tentando abaixá-lo no processo. — Loiro e volumoso como é.

— Não é o seu cabelo; é a sua aura. — Ele se inclinou para frente e enrolou um dos meus cachos ao redor do couro liso que cobria seu dedo. — Mas seu cabelo *é* incrivelmente claro. É naturalmente assim?

Um garçom se colocou entre nós com uma jarra, interrompendo o toque de Pablo em meu cabelo. Eu não poderia estar mais grata pelo brusco senso de dever do homem, embora ele tenha jogado mais água no meu colo do que no copo. Quando ofeguei com o frio, Pablo segurou o bíceps do garçom e o girou para longe de mim, mas não antes de eu ter um vislumbre de seu rosto.

Enquanto Pablo expressava sua irritação com uma série de palavrões, meu coração batia em uma velocidade dobrada. Dov tinha aparecido e agora Noah? Houve um desenvolvimento que eu não estava ciente? Por que mais *ambos* estariam aqui?

— É só um pouco de água, Pablo — murmurei, examinando a sala.

— Minhas desculpas, senhorita. — Noah, que finalmente conseguiu se virar na minha direção, moveu os olhos de lado, e eu segui o movimento, encontrando um par familiar queimando um caminho esmeralda até mim.

Dov. Noah. E Adam.

Ou algo estava terrivelmente errado, ou todos eram terrivelmente desconfiados.

Eu não conseguia decidir qual motivo me doía menos.

vinte e cinco



naya

ADAM ESTAVA na entrada de serviço sendo usada pelo exército de garçons, vestido como um deles, mas não se assemelhando a nenhum mortal que eu já tivesse visto com seus olhos ferventes e asas negras. Ele moveu a cabeça em direção à mansão, então retrocedeu pela porta e sumiu de vista.

Olhei para Noah, sem saber onde era que Adam queria me encontrar. Eu não sabia nada da planta baixa da mansão.

— Posso te mostrar o banheiro? — meu colega pluma sugeriu, felizmente lendo minha expressão.

— Eu vou levá-la. — Emmy se levantou e saiu de seu assento.

Porcaria. Olhei para Noah em busca de uma solução rápida para esse problema.

Um nervo se contraiu em sua mandíbula. Interceder levantaria suspeita, então ele caminhou de volta por onde veio, provavelmente para avisar Adam que eu não chegaria sozinha.

Emmy enfiou o braço no meu, balançando os quadris enquanto me levava de volta pela sala de estar.

— O Pablo não consegue tirar os olhos – o olho – de você. — Ela olhou por cima do ombro. — Ele está olhando agora. — Seu rosto brilhava com a mesma alegria que tinha animado a expressão da minha irmã quando Nitznootz se enrolou em uma bola em seu colo. — Se você se tornar rainha, Naya, *não* se esqueça de mim.

O bom senso me fez dizer:

— Eu teria que me casar com um rei para isso.

— Você está com sorte então. O próximo da fila é o Pablo.

— Se você levar em conta quanto tempo os humanos vivem hoje em dia, seus filhos terão mais chances de herdar o trono do que ele. — Mordi o lábio devido ao deslize. *Humanos? Realmente, Naya.* Emmy não pareceu notar, muito longe em seu devaneio de eu me tornar rainha.

— O Robbie mencionou que seu amigo se sentaria no trono em pouco tempo. Talvez o rei esteja com uma doença terminal — ela acrescentou em um sussurro conspiratório. — Ou talvez eles tenham um plano, e nós fazemos parte dele.

Um dos meus saltos finos ficou preso no vão do piso. Embora os passos de Emmy não fossem tão firmes, ela surpreendentemente conseguiu me impedir de cair de cara na lareira de pedra gigante.

— O que você quer dizer? — Será que ela descobriu o que eu ainda não tinha descoberto? Ou tinha ouvido alguma coisa?

— Bem, ao trazer uma delegação de benfeitores, Pablo está mostrando ao seu povo o quanto ele pode ser engenhoso e generoso.

Minha antecipação caiu como o tecido úmido do meu vestido.

— Mas para derrubá-lo, ele teria que… — Arregalei os olhos e minha mente ficou cristalina.

— O banheiro feminino é por ali. É de *morrer*. — Ela me puxou por uma porta e entrou em uma sala octogonal enfeitada inteiramente com mosaicos dourados.

O lugar era bonito o suficiente para dar uma pausa no meu processo de pensamento, mas não por muito tempo.

Se Robbie estava ajudando Pablo a planejar um golpe, qual era o *nosso* propósito? Distrair ou participar da cruzada? Talvez algumas das Garotas Circle tivessem treinamento militar ou fossem filhas de homens influentes?

Eu estava prestes a perguntar a Emmy quando ela deixou escapar:

— A propósito, se você precisar de preservativos, eu trouxe um monte. Ainda que fazer um bebê com um futuro rei possa garantir um baita futuro. Pode imaginar? Morar em um palácio? Aposto que os banheiros são feitos de ouro maciço.

Se ela estivesse certa, então eu esperaria que ele os derretesse para devolver ao seu país. Caso contrário, ele não seria melhor do que seu pai egoísta.

— Sou jovem demais para ter um bebê.

Um arrepio me percorreu com a ideia de trazer uma criança com a qual eu teria que fugir para criar em uma associação. Da mesma forma que Apa me tirou de Céline. Mesmo que ela tivesse concordado em desistir de mim, deve ter sentido minha perda.

Ou talvez não.

Não pense nela, Naya. Você tem coisas muito mais importantes para se preocupar.

Enquanto Emmy reaplicava o batom na frente de um espelho de moldura dourada, peguei uma toalha de mão e limpei a mancha molhada no meu vestido, imaginando como me livrar da minha amiga tagarela para que eu pudesse falar com Adam. Onde ele estava afinal? Escondido atrás de uma das quatro portas

fechadas neste banheiro?

Perguntando a Emmy sobre os homens que se sentaram ao lado dela no jantar, discretamente fui abrir a primeira porta da cabine. Nada de Adam. Depois a segunda. Também vazia. A terceira e a quarta também estavam.

— O que você está fazendo? — Emmy ergueu uma das sobrancelhas. — Verificando do que os banheiros são feitos?

Sorri para evitar mentir, então desviei a atenção de mim.

— Grayson estava realmente preocupado. Você deveria ligar para ele.

Ela bufou um suspiro.

— De jeito nenhum. Ele é muito estraga prazeres. Não me entenda mal, ele é incrível, atencioso e tudo mais, mas sua predisposição para o pessimismo pesa muito em mim.

A porta do banheiro se abriu e uma cabeça com cabelos escuros apareceu

Noah.

— Senhorita, eu queria me desculpar novamente.

Emmy acenou com a mão.

— *Pff*. Tenho certeza de que ela já te perdoou. Ela perdoa *todo mundo*.

Noah empurrou mais a porta.

— Me mandaram acompanhá-la a lavanderia, para que uma das criadas possa ajudar a secar seu vestido.

Emmy deu uma longa olhada em Noah enquanto se aproximava de mim.

— Vou com você — ela sussurrou. — Para te manter segura.

Meu coração bateu contra minhas costelas, em parte por causa de sua compaixão e em parte por causa de seu apego.

— Obrigada, Emmy, mas é desnecessário. Juro.

— Tem certeza? — Ela olhou para o corpo largo de Noah novamente. — Ele…

— Será demitido se não consertar seu erro — Noah terminou por ela.

Toquei as costas de sua mão.

— Antes de eu poder sair de casa, meu pai me fez aprender autodefesa.

— Se você tem certeza…

— Tenho, sim. — E com essas palavras, segui Noah por um corredor mal iluminado pontilhado por uma série de aquarelas representando cavalos e caça.

— Aconteceu alguma coisa?

— Aqui, não. — Seus lábios carnudos mal se moviam em torno das palavras.

Lancei um olhar por cima do ombro para me certificar de que ninguém

estava ao alcance da audição. Emmy saiu do toalete neste momento, e eu dei um passo para trás, não querendo despertar sua curiosidade.

Quando viramos em um corredor, soltei um suspiro. Talvez porque todos os garçons estivessem ocupados com o jantar festivo, não esbarramos em ninguém enquanto descíamos uma escada estreita, mais fundo no centro da mansão. Em vez de lambris, o porão era decorado com juta resistente, ladrilhos cinza enfadonhos e tetos baixos o suficiente para que, se eu estendesse o braço, meus dedos roçassem o gesso branco e as lâmpadas brilhantes e embutidas.

— Por que vocês três estão aqui? — O cheiro de sabão em pó era tão forte que senti o gosto de lilás e talco.

— Três?

— Eu vi o Dov mais cedo. Ele estava pairando sobre o terraço.

Noah assentiu, e uma expressão pensativa tomou conta de seu rosto.

— Ele gosta de ver como estamos de vez em quando. Especialmente durante nossas primeiras missões. Quanto ao motivo de estarmos aqui, Adam estava preocupado.

— *Comigo*?

— Com a companhia que você mantém. — Noah parou na frente de uma porta e bateu os dedos quatro vezes com um segundo entre cada batida. — Aquele desprezível realmente chamou você de raio de sol?

— Não. Ele me disse que eu era *como* o sol.

— Essa cantada funciona mesmo com as mulheres?

— É melhor do que ser chamada de Verme.

— Verme? Você foi chamada de verme? — Noah riu baixinho. — Deixe-me adivinhar. Pelo cara que está esperando aí? — Ele inclinou a cabeça em direção à porta, que havia acabado de se abrir.

— Eu nunca a chamei de Verme. — Os lábios de Adam se fecharam e suas narinas se dilataram.

Fiz uma careta para sua reação estranha. Quer dizer, até que peguei uma pena preta solitária voando ao lado da perna da calça dele. Eu estava me perguntando de onde o pensamento tinha vindo. Agora, eu sabia. Ele devia ter murmurado o apelido em algum momento durante nosso breve tempo juntos, e minha cabeça o guardou. Talvez durante o passeio de moto.

— Tem certeza disso, Adam? — O sorriso de Noah se fortaleceu quando ele apontou para a pena que caía.

— Podemos deixar de lado a conversa inútil? — Adam sibilou.

— Eu não chamaria isso de inútil. — Os olhos castanhos de Noah brilharam

como as pontas de suas asas. — É bastante esclarecedora.

— Entrem logo aqui antes que o Robbie ou as equipes de segurança de Pablo matem vocês dois, seus idiotas.

A alegria de Noah só aumentou.

— Depois de você, sol.

Eu lhe dei uma cotovelada nas costelas quando entrei no cômodo iluminado pela lua – um armário extragrande de roupas de cama. Lençóis estavam empilhados de forma ordenada ao lado de toalhas felpudas, e artigos de higiene embalados estavam alinhados em fileiras e mais fileiras de prateleiras.

— Você sabe para que servem os telefones celulares, certo? — Adam resmungou.

Sem me virar para encarar o pluma irritado, eu disse:

— Ora, é claro. Para tirar selfies e compartilhar memes.

vinte e seis



adam

FATO ANGÉLICO #97:
Não se trepa com triplos, se ferra com eles.

A PROVOCAÇÃO de Naya irritou meus nervos já em frangalhos. Levou uma hora para Noah e eu chegarmos à mansão Dunmore, e depois mais vinte minutos e uma pena cada para incapacitar dois garçons para pegar emprestado seus uniformes engomados de pinguim.

As costuras do uniforme que estava esticado sobre meu corpo provavelmente iriam estourar, mas como eu não tinha planos de devolvê-lo com meu DNA encharcando a perna da calça, não importava. A *única* coisa que importava era que essa aspirante a guardiã começasse a levar seu trabalho a sério e parasse de se aproximar de Triplos.

— Isso não é um jogo, Naya. É uma questão de vida ou morte para a maioria dos humanos naquele terraço.

Ela se virou com as mãos nos quadris.

— Estou bem ciente de que não é um jogo. E só para você saber, logo antes de Noah derramar a jarra de água no meu colo — ela apontou para a mancha molhada em um vestido azul sem alças mais adequado para um baile de Elysium do que para um jantar oferecido por um Triplo e com outro de convidado —, eu estava a caminho do meu quarto para enviar uma mensagem para você para descobrir a pontuação de Pablo.

Não pude evitar o bufo que subiu pela minha garganta tensa.

— Vocês dois estão na base do primeiro nome agora?

Noah, que se acomodou contra as toalhas empilhadas, disse:

— Estão na base dos *apelidos*.

Olhei para ele, em seguida para Naya.

— Seu novo amigo, Pablo, é um Triplo. Você estava seduzindo o *depenado* de um triplo.

Uma de suas mãos escorregou de seus quadris. A pressão da outra deve ter diminuído porque ela não estava mais apertando o tecido.

— Eu não o estava seduzindo. — Ela franziu o nariz. — Mas estava pensando nisso. Estava tentando entender o uso das Garotas Circle. Dov ainda

não tem ideia?

— Não. — Puxei o colarinho da camisa que estava me estrangulando, abrindo os três primeiros botões. — Quanto ao seu esquema de sedução, a primeira regra do trabalho de guardião é: *não trepar com os bandidos*.

Um nervo pulsou em sua mandíbula. Ela tinha acabado de admitir que estava pensando em fazer isso, então não entendi por que meu conselho a irritou.

— Apenas ferre com eles? — Sua voz retumbou no espaço mal iluminado.

— Exatamente.

— Já que imagino que você não correu por um canal apenas para me informar sobre a pontuação de Pablo, o que mais está acontecendo que eu deveria saber?

Olhei para Noah, que estava assobiando alguma música enquanto admirava a contagem de fios em uma capa de edredom dobrada.

— Vamos tirar você.

— Por quê? — Ela largou o vestido.

— Porque você não precisa ser uma vítima para bancar a heroína.

— Sou imortal, Adam. Enquanto eu tiver os ossos das asas, não posso morrer.

— Venha conosco e você terá um lugar na equipe. — *Pronto*.

Sonho realizado.

Plano executado.

— Eles têm minha identidade. O Robbie vai me caçar, o que me tornará um risco para a equipe.

Você já é um risco. Mantive meus pensamentos para mim mesmo, sendo esperto o suficiente para saber que reiterar o lembrete a incomodaria.

— Exceto que você não sabe nada, então ele não teria motivos para te caçar.

— Na verdade, sei de uma coisa.

Noah parou de assobiar, confirmando que esteve escutando o tempo todo.

— Pablo está planejando um golpe.

Soltei a respiração que havia se alojado em meus pulmões.

— Nós já imaginávamos que ele estava.

Ela franziu a testa, como se estivesse ofendida por não a termos atualizado, então umedeceu os lábios com a ponta da língua.

— Bem, eu acredito que ele vai usar as Garotas Circle para conseguir isso.

Afastei o olhar de sua boca brilhante.

— O Junior te contou isso?

Ela colocou a palma da mão sobre a barriga como se o vestido estivesse

muito apertado. Considerando como ele exibia perfeitamente sua figura e levantava seus seios, definitivamente estava.

— Sim. Ele admitiu que queria conquistar seu povo e que nos levar mostraria a eles o quanto ele poderia ser engenhoso. — Sua bochecha fez covinhas como se ela estivesse mordendo o interior dela. — Por que ele é um Triplo? Quais são os pecados dele?

— Faz as pessoas desaparecerem — ironizei.

Seus dedos pararam.

— É isso o que está escrito em seu cartão de pontos de pecador?

— Não, mas como não perdi uma pena, acho que estou certo.

— Você acha que ele está planejando fazer cinquenta e uma garotas desaparecerem?

— Seria um exagero? — Noah perguntou, totalmente envolvido na conversa.

— Como isso o ajudaria com seu golpe? — Os olhos de Naya ficaram vidrados em pensamento, mas bastou ela piscar uma vez e o olhar fixo se foi. — Uma de suas teorias era uma negociação de reféns. Você acha que ele vai nos usar para envolver o Reino Unido em seu plano e atribuir nossos desaparecimentos ao pai dele?

Eu não tinha feito *essa* ligação.

Noah tirou o telefone do bolso da jaqueta. Depois de dar uma olhada na tela, ele disse:

— Dez minutos desde que a Emmy voltou para a mesa.

Em outras palavras, alguém viria procurar Naya a qualquer momento.

Ela espalmou a mancha azul úmida.

— Vocês têm que sair daqui.

Acenei com a cabeça para a janela horizontal estreita que Noah já havia aberto.

— Depois de você.

— Adam, eu não vou.

Eu me aproximei, tão perto que ela teve que esticar o pescoço para manter os olhos nos meus.

— Bem, eu não vou embora sem você.

— Há cinquenta garotas lá em cima. Se vão nos sequestrar, quero ter certeza de que estou entre elas para que você possa rastreá-las e salvá-las.

— Vamos colocar a porcaria dos brincos em outra garota.

— Adam — ela sussurrou, surpresa.

— Vamos continuar a protegê-las. — Estávamos tão perto que eu podia sentir o calor de sua pele, ouvir o tumulto de sua respiração, sentir a inquietação de seu coração. — Isso é o que você queria, Naya. — Dei outro passo mais perto, batendo em seu corpo para conduzi-la em direção à janela.

Ela se manteve firme.

— Não posso deixá-las, mas… — Seu peito subiu, roçando o meu.

Através da seda de seu vestido e da goma de minha camisa, captei a palpitação de seu pulso, rápido e forte, um espelho do meu.

— Mas o quê?

— Mas leve a Emmy para longe daqui. Ela é muito doce e não merece o que está por vir.

Meus joelhos travaram, o que causou um espasmo em minha panturrilha convalescente.

— Ela se inscreveu para isso.

— Ela não se inscreveu para ser um peão no esquema maquiavélico de dois Triplos. Nenhuma dessas garotas o fez. — Ela estendeu a palma da mão contra o meu peito e empurrou, mas não a larguei. — Exceto eu. *Eu* me inscrevi para isso.

Eu não queria levar Emmy; queria levar Naya.

Para longe de Júnior.

Não queria que ele a chamasse de seu sol.

Ela não era *nada* dele.

Gostaria de poder voltar no tempo, para a noite em que Naya e eu nos conhecemos, e oferecer a ela um lugar no time. Se eu tivesse jogado melhor minhas cartas, ela não teria se inserido nessa expedição infeliz.

— Preciso voltar lá para cima. — Seu tom era tão suave quanto baixo, mas tão afiado quanto a haste de uma pena.

— Pluma — murmurei, a palavra saindo da minha língua.

Em vez de me empurrar, seus dedos se enrolaram na minha camisa.

— O quê?

Parecia tão certo, que só podia me perguntar como eu não tinha pensado nisso antes.

— Você não está na fila para herdar um título, então herdeira está errado. Você não é covarde, então verme não faz justiça a você – e pela minha vida, não me lembro de chamá-la assim, muito menos de pensar em você e invertebrados no mesmo contexto. — Seus olhos se fixaram nos meus, escuros e luminosos como o oceano à noite. — Mesmo que seu cabelo seja leve e *saltitante* — tive a

estranha vontade de tocá-lo, mas mantive os dedos frouxamente enrolados ao meu lado — é totalmente compensado por seus olhos e, portanto, comparar você a um sol não faz sentido. — Além disso, Junior havia pensado nisso primeiro, e eu não era do tipo que reciclava. — Estrela combina com você por causa de suas asas brilhantes, mas é como seus pais te chamam. — Mantive meus olhos fixos nos dela, e eu poderia jurar que suas pupilas estavam contraídas, mesmo que seu rosto estivesse muito sombreado pelo meu que se assomava. — O apelido mais adequado para abranger tudo o que você é, Naya, é Pluma.

Sua respiração pareceu ficar irregular, mas então Noah murmurou algo sobre minha loucura prematura e nós termos que sair imediatamente.

A pressão de sua mão desapareceu da minha camisa, deixando para trás a forma de seus cinco dedos finos. Era como se ela tivesse me marcado com aquela mão da mesma forma que a marquei com aquele nome.

Ela deu um passo para trás.

— Promete salvar a Emmy?

Fui tomado pelo aborrecimento.

— Tudo bem, vamos tirá-la, mas se o Junior tentar te agarrar, nós vamos te tirar também.

Ela abriu a boca, provavelmente para protestar, mas no final, disse:

— Tudo bem.

Caminhei firme em direção a Noah, que estava com as mãos estendidas, como se para me dar um impulso, caso minha perna falhasse. Bem, na minha cabeça, pisei firme.

Devo ter mancado, porque Naya perguntou:

— Você está ferido?

Cerrando os dentes, coloquei as palmas das mãos no parapeito da janela e me levantei pela abertura estreita, feliz por puxar ferro todo dia.

— Ele está bem? — ela perguntou outra vez.

— Ele levou um tiro na perna mais cedo. Eu o fiz tomar um monte de comprimidos para a dor. Provavelmente mais do que devia.

Isso explicaria o surto psicótico que eu havia acabado de ter. Uma vez que minha cabeça clareasse, eu esperava esquecer que tinha feito um monólogo fútil sobre apelidos para uma pluma que provavelmente já me considerava algumas penas aquém de uma asa completa.

Não ouvi o final da conversa deles, porque, enquanto eu me levantava, uma cãibra tomou conta da minha perna, seguida por uma pontada de dor incandescente que me jogou de cara nas sebes bem cuidadas de Dunmore.

vinte e sete



naya

ROBBIE DUNMORE ORGANIZOU um piquenique no dia seguinte, seguido de um passeio a cavalo pela floresta. Embora frívolas, as atividades ajudaram as meninas a se unirem e elas precisariam desses apegos em breve.

Os cascos batendo na terra coberta de folhas me fizeram virar na sela. Pablo estava montado em um cavalo castanho, cujo pelo brilhava de suor, e havia dois de seus dez guarda-costas alguns passos atrás.

— *Señorita* Moreau, por que tenho a nítida impressão de que você está me evitando hoje?

Porque estou te evitando…

Mas eu também estava preocupada.

Com Adam, que desmaiou depois de passar pela janela na noite passada.

Com Emmy, que ainda estava entre nós.

Noah tinha me mandado uma mensagem uma hora depois de jogar Adam por cima do ombro e carregá-lo para longe da mansão para me assegurar de que seu líder mal-humorado estava bem e que eles iriam pegar Emmy hoje, mas o sol já estava mergulhando no horizonte, e ela ainda estava ali, trotando em um cavalo branco como uma amazona experiente, conversando com algumas das outras garotas.

— Estou com muita coisa na cabeça.

— Então, não sou eu?

Decidi desviar sua pergunta com uma verdade.

— Um amigo meu foi baleado ontem à noite em algum acidente bizarro. É uma ferida superficial, mas ele está com muita dor.

— Ahh. — Os olhos de Pablo passaram pelo meu rosto antes de nivelar no horizonte. — Este amigo… você se importa muito com ele?

Enquanto nossos cavalos trotavam pela floresta gelada pela garoa, eu disse:

— O suficiente para que seu mal-estar me preocupe.

— Posso ajudar de alguma maneira?

— Não. Ele só precisa de tempo. Mas agradeço a pergunta.

Não demoraria muito tempo, graças ao que éramos, mas quanto mais profunda a ferida, mais tempo levava para cicatrizar.

— Você perdeu a noite passada — Pablo falou depois de um tempo. — O

DJ que Robbie reservou para o final da noite é o melhor de Londres. *Todo mundo* dançou. — Ele se inclinou para mim e sussurrou em tom conspiratório: — Incluindo aquela garota séria, Ruthie.

— Ruth não é séria. Ela só é extremamente focada.

Se a causa dele realmente fosse de caridade, eu teria apontado o grande trunfo que ela seria, mas decidi não provocar um debate infundado, já que não estaríamos ajudando seu povo de fato. Pelo menos, essa foi a conclusão que tirei, ao descobrir sua pontuação. Talvez apressada, mas na medula óssea da minha asa, senti que as únicas pessoas que esta missão beneficiaria eram Pablo e Robbie.

Mantendo minha voz livre de desprezo, perguntei:

— Você dançou?

— Você não estava lá. — Sua pontuação se materializou sobre sua postura jovial, sobre seu rosto bem barbeado e cabelo loiro com gel, os três números claros como hologramas. Talvez nem todos os Triplos fossem seres humanos terríveis, mas a amizade de Pablo com Robbie me fazia duvidar de cada palavra que saía de sua boca e de cada olhar que ele me dava.

— Haverá outra grande festa hoje à noite?

— Não. Apenas um jantar para que todos possam descansar antes da grande viagem de amanhã. É um voo longo.

— Você vai voar com conosco?

— Minha equipe de segurança prefere que eu viaje separadamente. Para *sua* segurança.

Levei um momento para entender o que ele estava insinuando – que um pai capaz de remover o olho de seu filho também era capaz de derrubar um avião que levava aquele filho para casa. Os humanos não podiam acumular pontuações superiores a cem, então era impossível dizer quem era realmente pior entre pai e filho.

— Vamos conhecer seu pai?

Pablo olhou para frente, para o bosque ralo de árvores e o lago que brilhava como uma miragem através deles.

— Meu pai não se importa muito com delegações sociais, então vocês devem ser poupadas de uma reunião. — Sua atenção voltou para mim. — Mas se você for convidada para ir ao palácio dele, vou recrutar mais seguranças.

Como eu gostaria de poder perguntar o que ele pretendia fazer conosco.

— Não mencionei isso ontem, mas seus brincos são lindos.

Meu coração tropeçou ao mesmo tempo que meu cavalo. Puxei as rédeas e

me inclinei para trás, conseguindo ficar na sela.

— São verdadeiros?

Uma vez que a criatura recuperou seu equilíbrio, e eu, o meu, respondi:

— São.

— Um presente de um amante?

Mordi o lábio.

— Não. Só um amigo.

— O mesmo amigo que foi baleado?

Pablo estava desconfiando de mim?

Um suspiro agudo seguido por um "O quê? Quando?" soou do grupo que cavalgava à nossa frente.

Não demorei para perceber que a voz pertencia a Emmy. Ela tinha um tom muito discernível. Além disso, o telefone dela estava grudado na orelha.

Persuadi meu cavalo a trotar para alcançá-la.

— O que aconteceu? — perguntei quando consegui abrir caminho pela multidão.

— Gray. Ele simplesmente desmaiou. — Ela estava segurando o telefone, mas não estava mais preso debaixo do capacete. — Eles o levaram para o hospital.

Um calafrio percorreu minhas veias. Isso fazia parte do plano de Adam e Noah?

— Eles disseram por quê?

— Uma convulsão. — Emmy ficou tão branca quanto seu cavalo. — Ah, Deus, você acha que ele está com câncer? Ou meningite? Ah, Deus.

Enquanto ela pressionava os dedos contra a boca, toquei seu braço.

— Pode não ser nada, Emmy. Insolação…

— Insolação em Londres? — Ela ergueu o olhar para a copa das árvores que obscurecia a luz da tarde. — Tenho que ir para casa — ela murmurou.

Eu não sabia dizer se sua melancolia vinha da preocupação com seu meio-irmão ou aborrecimento por ter que perder esta viagem.

As lágrimas não surgiram, mas ela ficou perturbada pelo resto do caminho até os estábulos. Galopei ao lado dela, então a ajudei a guardar as poucas roupas e artigos de higiene que ela tirara de sua mala gigante. Aninhada entre duas camisetas dobradas, encontrei uma caixa de lenços dourada.

— Emmy? — Eu a puxei. — Isto é seu? — Como Adam ganhou pontos para esta pecadora quando sua cleptomania ainda estava desenfreada?

Ela encarou a caixa com olhos vidrados. Eu nem tinha certeza se ela via o

que eu estava segurando.

— A mãe do Robbie me deu quando ela me viu admirando-a.

Eu encarei Emmy longa e duramente, então suspirei enquanto ela arrancava a caixa dos meus dedos e a colocava de volta dentro da mala. Rezei pelo bem de sua alma para que ela tivesse sido presenteada mesmo.

Antes de sairmos do quarto, entrei no banheiro para ter um pouco de privacidade e mandei uma mensagem para Adam, perguntando se Grayson estava bem. Quando voltei, Emmy estava fechando a mala, com as bochechas coradas como se o zíper tivesse ficado preso e estivesse causando problemas.

Enfiei o celular no bolso de trás do jeans e me aproximei para ajudá-la, mas ela se levantou e puxou a alça.

— Estou pronta.

Ela arrastou sua bagagem até a porta e a entregou ao criado de luvas brancas, que esperava no corredor, ciente de sua partida. Enquanto ele descia a escada reservada para os funcionários, a segurança de Robbie escoltou Emmy e eu pelas escadas amplas reservadas para a família e convidados.

— Você sabe o que faria Gray se sentir muito melhor? — Ela assoou o nariz com um dos muitos lenços que eu tinha à mão. As lágrimas não vieram até que descemos os degraus de pedra da mansão, mas agora uma torrente escorria de seus olhos azuis brilhantes.

— Um artigo detalhado sobre criptomoedas? — sugeri, enquanto esperávamos seu taxi passar pelos portões ostensivos na entrada da mansão

Seus lábios se curvaram para cima antes de tremer com um soluço.

— Se você voltasse comigo. Sei que ele não é o próximo na fila para um trono, mas é inteligente e é um namorado fantástico. Leal, atencioso e… — Ela colocou as costas da mão contra a boca. — Eu não posso perdê-lo.

Eu a puxei para um abraço.

— Você não vai perdê-lo.

— Desculpe por ter te chamado de vadia, Naya. Você não é. Você é realmente muito legal e horrivelmente bonita.

Bufando, esfreguei suas costas.

— Horrivelmente bonita?

— De um jeito nauseante. Você não tem uma única mancha, e meio que brilha. Eu juro, é como se você fosse de outro mundo.

Minha mão paralisou em suas costas.

— Eu te odiei tanto na noite em que você apareceu, porque no segundo que Adam te viu, ele parou de olhar para mim.

Voltei a esfregar suas costas.

— Juro que ele não está atraído por mim, Emmy.

Ela afastou o rosto da mancha molhada na minha camiseta.

— Como ele poderia não estar? Todo homem com quem você cruza fica assim. Gray. Pablo. Até aquele garçom ontem à noite. Quero dizer, ele *voltou* para ver como você estava. Quem faz isso?

— Alguém atencioso. — E que precisava me pegar sozinha…

Pneus de carro rangeram sobre o cascalho.

Emmy fixou seus olhos avermelhados nos meus.

— Venha comigo.

Adam adoraria isso.

Levantei o olhar para a mansão, onde muitos inocentes estavam presos entre dois Triplos.

Quando voltei meu olhar para Emmy, vi três figuras de pé ao lado de uma das janelas do piso da recepção: Robbie, Pablo e aquele primo dele. Infelizmente, eu não conseguia ler lábios, então não tinha certeza do que estava sendo discutido, mas as emoções pareciam estar à flor da pele, considerando os movimentos rápidos das mãos de Pablo.

De repente, seus braços caíram de volta para seus lados. O queixo de seu primo balançando em direção à janela fez o príncipe se virar. Nossos olhos se cruzaram por uma fração de segundo. Não querendo que ele suspeitasse de mim, não tirei meu olhar do dele na hora. Em vez disso, sorri e acenei.

Emmy suspirou.

— Quer meus preservativos?

Isso tirou minha atenção do Triplo, que ainda não havia retribuído meu sorriso.

A guarda soltou um bufo suave enquanto passava por nós para verificar o veículo automatizado com aquela sua varinha. *Excelente*…

— Obrigada, mas não. — Adam não só usaria isso como uma desculpa para me tirar desta missão, mas, por toda a minha conversa sobre flertar, eu também nunca dormiria com um humano assassino.

Os ossos das minhas asas vibraram… e vibraram. No final, nenhuma pena se soltou, mas a sensação permaneceu, assim como uma sólida dose de confusão. O ishim achou que eu estava mentindo?

— Quando você voltar, me ligue e podemos sair para almoçar. — Emmy enxugou os olhos, beijou minha bochecha e entrou no táxi, no qual o criado já havia colocado sua bagagem.

— Dê um abraço em Grayson por mim — falei antes da porta se fechar.

Quando as luzes traseiras se afastaram, peguei meu telefone no bolso da calça jeans. Uma mensagem não lida de Buraco Negro estava me esperando: *ele está bem*.

EU: *Emmy acabou de sair. Obrigada*.

O sol se pôs atrás dos portões, espalhando uma luz polida pelo gramado aparado.

EU: *E você? Está bem?*

Pontos dançavam na minha tela, como se Adam estivesse compondo uma mensagem prolixa.

BURACO NEGRO: *Estou bem, Pluma*.

Pluma. O apelido fez minha pele se arrepiar e um calafrio percorrer minha espinha. Teve o mesmo efeito na noite anterior. Eu queria dizer a ele para não me chamar assim, mas como eu não conseguia explicar por que isso me afetava tanto, e estava tentando desesperadamente afastar ele e Noah da mansão, eu não tinha tocado no assunto.

Então toquei no assunto…

EU: *Preferiria que você não me chamasse assim.*

BURACO NEGRO: *E eu preferiria que você fosse embora com a Emmy.*

EU: *Adam.…*

BURACO NEGRO: *Exclua esta conversa*.

Olhei para a mensagem acima de seu pedido curto até que uma nova frase apareceu no telefone.

BURACO NEGRO: *Excluiu?*

Suspirei e apertei delete, então enviei a ele um positivo para que ele soubesse que estava feito. Eu me perguntava o que eles fariam agora. Sequestrariam Emmy contra a vontade dela? Manteriam Grayson trancado até a partida do voo para a Venezuela?

Me virei para subir as escadas, me assustando quando esbarrei em um corpo duro.

— É uma pena que o meio-irmão dela tenha ficado doente. — Os olhos cor de avelã de Robbie estavam fixos na estrada que levava para fora dos domínios de sua família. — Você por acaso sabe para qual hospital ele foi levado? Gostaria de enviar a ele um presente de convalescença.

— Não tenho certeza, mas posso descobrir.

— Eu agradeceria muito. — Ele estendeu o braço. — Posso acompanhá-la

de volta para dentro? A ceia está prestes a ser servida.

Mesmo que eu não quisesse tocar em Robbie, me obriguei a enfiar meu braço no dele e abrir um sorriso prestativo.

— Você gostou do passeio a cavalo hoje?

— Muito.

— Fico feliz em ouvir isso. — Seu olhar deslizou para o lado do meu rosto, demorando-se na minha orelha. — Que lindas pérolas você tem.

Meu coração disparou como se eu estivesse escalando uma montanha em vez de subindo alguns degraus.

— Pablo está convencido de que você tem um amante muito rico. Ele é terrivelmente ciumento.

Toquei a pérola que ele estava olhando, desejando ter usado o cabelo solto em vez de em um rabo de cavalo.

— Nenhum amante. Apenas amigos generosos. — Por que Boone não poderia ter pegado pérolas menores da mãe? O tamanho delas ia me colocar em apuros. — Se você gosta tanto delas, eu poderia te dar um par quando voltarmos da Venezuela.

Robbie riu.

— Vou passar. Embora… minha mãe adore pérolas, e o aniversário dela é no mês que vem. — Ele olhou na direção da janela que emoldurava seus amigos, os dois estavam nos observando. — Talvez aceite essa oferta assim que voltarmos.

Então voltaríamos…. Isso era reconfortante.

— Bem, quando *eu* voltar. Não tenho certeza se o Pablo vai deixar você vir embora.

Minha garganta se apertou, me fazendo resmungar:

— Por que ele não deixaria?

— Não sei o que você fez com o pobre coitado, mas ele acha que você é uma espécie de divindade que ganhou vida. Ele é tão supersticioso quanto religioso.

Como minha garganta, minha pele estava muito tensa. Eu queria afastar o braço de Robbie. Queria descer correndo aquelas escadas e ir atrás do táxi de Emmy. Tudo o que fiz, porém, foi colocar um pé na frente do outro.

— Posso te assegurar que não sou uma divindade.

— Um anjo, então? — A curva torta da boca de Robbie me disse que ele estava me provocando, mas sua brincadeira só aumentou a sensação da minha pele comprimindo meus órgãos.

Eu sorri.

— Você não me parece o tipo de homem que acredita em anjos.

Ele sorriu, dentes tão sardentos quanto seu rosto, manchados por más escolhas de vida, assim como sua alma.

— Você não concorda que se Deus e os anjos existissem, Srta. Moreau, o destino dos humanos seria muito melhor?

— Não é uma questão de existir; é uma questão de se fazer. *A coisa certa*, devo adicionar. Se o sol existisse, mas não emitisse calor e luz, seria tão útil quanto uma bugiganga brilhante.

Os lábios de Robbie se esticaram mais e então ele riu.

— Como você é engraçada, minha querida.

Exceto que eu não estava sendo engraçada; Estava sendo honesta.

— Você viveria sua vida de forma diferente se tivesse prova de um poder superior, Lorde Dunmore?

— Certamente. — Com um sorriso esculpido como um entalhe em uma abóbora de Halloween, ele acrescentou: — Se salvadores e santos existissem, então eu estaria desempregado.

Parei de andar. Ele realmente acreditava que estava salvando humanos e se comportando como um santo?

— Eu te desconsertei? Você parece desconcertada.

— Ela só está chocada com sua modéstia, Robbie. Sempre se comparando a um santo e a um deus. — Pablo estendeu o braço, sua zombaria sombreada por uma pitada de aborrecimento. — *Señorita* Moreau, posso levá-la o resto do caminho até o terraço?

Eu não queria ser *levada* a lugar nenhum, mas troquei um Triplo pelo outro, rezando para que Adam não igualasse ser escoltada a levar uma cantada. Ou melhor ainda, que ele não se lembrasse da condição que havia feito sob a influência de analgésicos.

vinte e oito



naya

UMA NÉVOA fina tocou meu rosto e deslizou para dentro da minha boca, química e pungente.

Minha colega de quarto, Natasha, tinha acabado de espirrar seu perfume em mim? Ela não poderia ter ido ao banheiro para se arrumar?

Quando minhas narinas e garganta começaram a formigar, abri os olhos. O quarto estava escuro com apenas uma fresta do luar na cama da minha colega de quarto. Um ronco suave saía de seus lábios. Achei que tinha sonhado com o cheiro e a sensação. Tentei me virar de lado, mas parecia que o colchão havia se transformado em um marshmallow gigante e derretido.

O ar tinha até o cheiro dos doces fofos que Raven me trazia do mundo humano durante aqueles dois primeiros anos em que ela podia deixar a associação e eu não.

Um suave *pshhh* zumbiu no alto. O que é que estavam pulverizando pelas aberturas? Purificador de ar? Pisquei quando outra fina camada de névoa desceu do teto, brilhando como partículas de poeira iluminadas pelo sol.

Estendi a mão para proteger meu rosto, mas ela ficou presa ao colchão e senti meu braço pesado como uma bigorna. Fechei a boca e os olhos, e mantive a respiração no mínimo. Quando o frio do gás parou de fazer cócegas na minha pele exposta, ousei abrir os olhos.

O interior da minha boca tinha gosto de giz, e meus músculos estavam dormentes. Não era purificador de ar. Seria um relaxante muscular?

— Natasha. — As sílabas de seu nome saíram distorcidas, como se meus dentes estivessem grudados em chumaços de chiclete extra pegajoso.

Ela não se mexeu.

Tentei chamá-la novamente, mas minha língua estava tão mole quanto meus membros.

Portas bateram do lado de fora. Passos ressoaram.

Pelo visto, a casa toda não foi afetada… eu não conseguia decidir se isso era reconfortante ou não.

Minha frequência cardíaca disparou quando a maçaneta girou. O instinto me fez fechar os olhos e confiar na minha audição para analisar o que estava acontecendo. Distingui dois padrões distintos de passos.

Lençóis farfalharam e então o ar frio tocou minhas pernas e braços, arrepiando minha pele. Alguém tinha acabado de puxar as cobertas do meu corpo. A história de Ama sobre a fazenda de órgãos em que ela foi detida fez meu pulso bater em meus tímpanos com tanta violência que momentaneamente abafou todos os outros sons.

Embora meus membros estivessem sobrecarregados pelas drogas, eu podia sentir a pressão de uma palma deslizando pela parte interna da minha coxa.

— *Tan sutil*. — *Tão delicada*. A voz soava quase robótica, espaçada entre as rajadas de ar, mas o timbre era inconfundível: o de Pablo.

Eu queria agarrar seu pulso e torcê-lo até quebrar. Como ele ousava me acariciar enquanto eu estava inconsciente? Que tipo de homem fazia uma coisa dessas?

Sua mão subiu mais, sobre o tecido do meu short de dormir, sobre os planos da minha barriga, parando em cima do meu seio esquerdo.

— *Tan perfeito*. — *Tão perfeito*.

— Vou começar com a outra. — A voz de outro homem ressoou pelo quarto, seu tom também pontuado pelo ar ruidoso.

Eles deviam estar usando máscaras de gás para proteger as vias aéreas do gás nocivo.

Pablo apertou meu mamilo com tanta força que fiz um grande esforço para não reagir, mesmo que a extensão atual da minha reação fosse uma carranca.

— Qual a estabilidade do detonador?

Detonador?

— Só pode disparar quando os SIMs são ativados. — Foi a voz nasalada de Robbie, desta vez, que ressoou pelo quarto. — Contanto que você não ligue para a empresa de telecomunicações, os detonadores permanecem inativos.

Detonadores? Eles iam colocar explosivos em nós? Estavam fazendo isso com todas as garotas ou só com algumas selecionadas?

— *Bueno*, porque talvez eu queira ficar com esta.

— Você pode remover o dispositivo, mas considerando a rapidez com que você se cansa das mulheres, meu amigo, aposto que ela vai explodir como as outras. — Apesar da máscara de gás, a voz de Robbie soou alegre.

Minha alma se enrolou em um canto do meu peito, refugiando-se ao lado do meu coração acelerado. Havia destinos que não eram *bons*, mas havia uns preferíveis a outros. Ser usada como bomba era o pior dos piores, tão horrível que nem passou pela nossa cabeça.

Um tapa soou e imaginei Robbie batendo nas costas de seu amigo.

— A menos que você queira injetá-la, dê algum espaço ao Luis.

Pablo acariciou minha barriga, traçando a borda do cós.

Uma parte de mim esperava que Levi tivesse olhos e ouvidos no quarto, que Adam estivesse assistindo isso, invadisse a mansão e punisse o Triplo por sua indecência e crueldade. Outra parte esperava que ninguém estivesse testemunhando este momento degradante.

— Você pode brincar com ela mais tarde — Robbie falou. — Poderíamos até levá-la em seu jato.

— Com um pedaço de Semtex no corpo? Passo.

— Só você pode ativar os SIMs, Pablo.

O colchão se mexeu, afundando.

— Vou tê-la em Caracas.

Ele teria minhas unhas arrancando todas as partes moles de seu corpo, isso é o que ele teria.

Pablo devia ter dado um passo em direção à porta, porque sua voz havia perdido muito do volume.

— O que você decidiu fazer com a amiga dela?

Minha imaginação de vingança parou de forma abrupta. De qual amiga eles estavam falando? Emmy?

— Coloquei alguém seguindo-a e investigando o colapso de seu irmão — Robbie falou em voz baixa. — Ela parecia genuinamente desapontada por ter que ir embora, então acho que não ouviu nada… *problemático*. — Uma pausa. — Mas se ouviu, vou cuidar disso.

Medo como nunca sentira antes rodopiou sob minha pele, aumentando em um crescendo quando algo penetrou no meu umbigo. Não havia dor, apenas uma pressão intrometida e presente.

— Feito — Luis falou enquanto eu lutava muito para esconder meu estado de consciência. Eu estava quase feliz com o gás anestésico, ou poderia ter estrangulado todos eles ali mesmo. — Esguiche um pouco de gel coagulante na ferida da picada.

Algo úmido e quente escorreu pela minha pele entorpecida. Uma forte limpada depois, e o gotejamento foi substituído por uma queimadura formigante. O lençol foi jogado de volta sobre o meu corpo.

— Todas as meninas estão prontas? — uma voz feminina perguntou do corredor. Eu não tinha interagido muito com a mãe de Robbie, mas reconheci sua voz imediatamente.

— Tudo pronto, mãe.

— A que horas voamos?

— Vou com o Pablo. Providenciei para que vocês partam ao meio-dia. Me envie uma mensagem quando embarcar no jato com as garotas.

— Certamente, querido. — O som de lábios tocando nas bochechas desapareceu conforme as dobradiças da porta rangíam e a madeira se acomodava cuidadosamente no batente.

Então, Robbie não ia viajar conosco…. Imaginei que ele estar no ar com cinquenta bombas não era o ideal. Mas a mãe dele *iria* nos acompanhar.

Levou mais uma hora olhando de forma catatônica para o luar balançando pelo teto para minha pele despertar e meus músculos se contraírem. Tirei o lençol grudado no umbigo, que havia se aberto para despejar a substância estranha alguns minutos depois que os açougueiros partiram.

Um olhar para os lençóis brancos imaculados de Natasha me disse que o agente coagulante funcionou perfeitamente nela. Massageei minha pele tentando sentir o caroço e convencê-lo a sair, mas eles o enfiaram tão fundo que provavelmente levaria dias para emergir. Rangendo os dentes, cutuquei o buraco deixado pela agulha. Eu poderia puxar?

O pensamento ameaçou revirar meu estômago e fez minha cabeça girar. Fiquei parada até o chão voltar ao lugar, então rolei para o lado lentamente e peguei meu telefone de onde eu o havia colocado para carregar na mesa de cabeceira. Meus dedos levaram um minuto inteiro para desconectar o cabo de alimentação e minutos mais preciosos para encontrar o contato de Adam.

Pensei em digitar uma mensagem, mas meus dedos tremiam demais. Depois de apertar o botão de discagem, enfiei o telefone entre o travesseiro e minha bochecha.

— Por favor, atenda — murmurei. — Por favor…

O telefone clicou.

— Você acabou de ter um sonho sacana comigo, Pluma?

Engoli em seco quando o cheiro de cobre e amêndoas azedas ficou mais encorpado. Meu coração doeu, meu umbigo ardeu e um soluço escapou de meus lábios antes que eu pudesse abafá-lo com o travesseiro.

— Naya? O que foi? — A voz de Adam havia perdido seu tom travesso. — O que aconteceu? Alguém te machucou?

Com as cordas vocais vibrando com tanta força quanto o resto do meu corpo, eu resmunguei:

— E-eles fizeram seu… m-movimento.

— O que você quer dizer? Que movimento?

— Eles c-colocaram… — Gemi quando meu estômago se contraiu, expelindo tanto sangue que uma poça quente se formou embaixo de mim.

— O que eles colocaram? Onde? — Som de farfalhar soou ao seu lado, em seguida os tons do teclado soaram estridentes como se ele estivesse digitando no telefone. Um assobio repentino soou através do telefone. — Aqueles depenadores de mãe.

Eu mal conseguia respirar enquanto o que parecia querosene aceso mastigava meu abdômen. Será que meu sangue de alguma forma ativou o Semtex? Eu estava explodindo?

— Pluma! — *Aquele nome novamente*… doía, mas não da mesma forma que meu corpo estava doendo. Isso me sacudiu de um abismo de sensação avassaladora para outro, um mais escuro que parecia existir na borda da minha consciência.

— Eles colocaram exp… — Estremeci quando minhas entranhas se retorceram.

— Eu sei.

Brevemente me perguntei como, mas uma onda debilitante de agonia tomou o quarto e depois a voz de Adam.

vinte e nove



adam

FATO ANGÉLICO #1:
Todos os plumas nascem imortais, mas nem todos permanecem assim.

— NAYA! Herdeira! — Minha voz ficou rouca chamando seu nome. Todos os nomes que eu tinha para ela. — Pluma!

Noah apareceu onde eu estava sentado no sofá, com os olhos arregalados e assustado com meus gritos. Ele já havia encerrado a ligação para Levi e estava verificando um link para as câmeras de segurança dos Dunmore em seu telefone, que nosso gênio da tecnologia conseguiu hackear.

— Pluma, responda, puta que o pariu. Por favor… — Minhas omoplatas ficaram tensas. — Pluma? Vamos. Volte para mim. — Me levantei e andei pelo quarto redondo que Levi encontrou para nós depois do pedido de socorro de Noah na noite passada.

Eu estava recobrando e perdendo a consciência, ainda jogado sobre o ombro de Noah como um peixe morto, eu me lembrava dele falando para Levi que não estava apto para viajar por uma associação e para encontrar algo na area para nós imediatamente. Levi havia conseguido uma estalagem antiga que fora convertida em uma pousada boutique.

Pelo tempo que demorou para que Noah me levasse até lá, Levi havia reservado para nós a “suíte”, que não era mais do que um quarto em um antigo moinho de grãos com paredes caiadas de branco, janelas insignificantes e um telhado pontiagudo. A cereja no topo: custou uma fortuna.

Minha reclamação sobre o desperdício de fundos terminou rapidamente quando Noah arrancou meus sapatos, me dizendo para calar a boca – Dov cobriria a despesa – e dormir. Não pensei que iria, mas apaguei e fiquei assim até de manhã, quando acordei tão agitado e irritado quanto estava depois de deixar a mansão sem Naya.

Se eu não tivesse me distraído por causa das pílulas, teria construído um argumento melhor. Investigado todas as pessoas com quem ela estava se relacionando e fornecido a ela suas pontuações. Mesmo que ela não fosse a covarde boba que eu tinha assumido, o número de pervertidos ao seu redor certamente a faria ver a razão e fugir.

Em vez disso, ela voltou para a festa, dormiu sob um teto que os Dunmore podiam ter pintado de vermelho por todo o sangue que derramaram, almoçou e andou a cavalo com o desprezível príncipe venezuelano que tentou lisonjeá-la para conseguir informações sobre a origem de suas pérolas, e agora… agora…

— Naya, bab… — Eu me parei. Eu realmente estava prestes a pronunciar a palavra *baby*? Quem era eu?

Ao acordar, eu recusei os analgésicos que Noah me entregou, mas eu ainda devia estar chapado com alguma coisa, porque eu não chamava as garotas de *baby*, e eu certamente não sonhava em destroçar humanos, membro a membro, por ferir um imortal.

Raciocinei que se fosse Noah ou qualquer outra pessoa da minha equipe, eu teria ficado irritado e com sangue no olho da mesma maneira. Mas era aí que não fazia sentido. Noah e os outros, eles eram minha família, meus irmãos e irmã. Naya… eu mal a conhecia.

— Naya?

A linha ficou muda, e o pavor, como eu nunca havia sentido antes, me atingiu. Onda após onda que congelou minha carne e tudo abaixo dela. Noah arrancou o telefone das minhas mãos e examinou a transcrição das pérolas, arregalando os olhos como fizera quando eu pensei no plano de "dar" uma convulsão a Grayson.

Tinha sido apenas esta manhã? Parecia dias desde que fomos de táxi até o apartamento de Gray em Londres. Dias desde que o loiro baixo e musculoso nos examinou como se fôssemos Triplos atrás dele. Mas ele rapidamente encontrou o bom senso quando explicamos que estávamos trabalhando disfarçados para pegar Dunmore. Já que Gray também odiava o lorde arrogante e queria que Emmy voltasse para casa, ele concordou com nosso esquema.

Mesmo tendo me oferecido para deixar Grayson com um olho roxo e um nariz sangrando – afinal, precisávamos fazer com que parecesse real – Noah me empurrou de lado e sacrificou uma de suas penas rosa brilhantes. Ele perdeu outra ao ligar para a emergência depois que Grayson teve um falso desmaio na escada do prédio e começou a tremer por dois minutos inteiros para garantir que, se algum vizinho o encontrasse, corroboraria sua condição.

Depois que fora transportado para o hospital, fizemos uma última visita a ele para informá-lo que Emmy estava a caminho.

— A Naya, ela é uma de vocês?

Já estávamos na porta de seu quarto de hospital quando ele perguntou isso.

Eu sabia que ele não queria dizer *anjo*; eu sabia que ele queria perguntar se

ela fazia parte da nossa equipe.

— *Sim.*

— *Então você vai deixá-la lá?*

Sua pergunta soara como uma acusação.

Como se eu a tivesse colocado no caminho de Dunmore.

Como se eu não tivesse tentado tirá-la de lá.

— *Ela não vai embora.*

— *E você está bem com isso?*

Claro que eu não estava bem com isso!

Noah me empurrara para a saída antes que eu pudesse pegar a bandeja de comida de Gray e arremessá-la contra a parede para mostrar a ele o quanto eu *não estava bem* com a decisão de Naya.

Diplomático como sempre, meu amigo disse:

— *Estamos trabalhando para tirá-la de lá.*

Mas não trabalhamos duro o suficiente para isso. E quando ela perguntou se eu estava bem, em vez de falar a verdade, que não estava, escolhi meu modo habitual de não mostrar fraqueza. Não só não queria que ela sentisse pena, mas também queria que ela se concentrasse na missão, já que ela estava tão determinada em seguir até o fim.

Se eu tivesse contado a verdade, ela teria corrido para mim como Emmy correu para Gray?

Sobre o que eu estava falando? Não tínhamos esse tipo de relacionamento. A filha do seraphim e eu não tínhamos nenhum tipo de relacionamento.

Eu estava no telefone com Galina, que estava guardando o porão em que Calliope estava terminando a vida de mais um furico, quando a ligação de Naya entrou, e baixei a transcrição de seus brincos.

Embora algumas palavras estivessem faltando, provavelmente ditas muito baixo para serem registradas corretamente, as importantes estavam lá: *Semtex. Injeção. Cartões SIM. Explosão.*

— Nos arranje um carro! — gritei com Noah, enfiando os pés nos tênis. Tive que fazer isso duas vezes antes de colocar o tênis certo no pé certo.

Como estávamos em uma região depenada do campo e era uma hora nada angelical, levou trinta minutos para um táxi chegar. Eu tinha acabado de inserir o endereço da mansão quando o ponto vermelho das coordenadas GPS de Naya começou a se mover, primeiro devagar e depois mais rápido.

— Você acha que ela fugiu? — Noah perguntou.

Meu estômago latejava como se eu tivesse levado um soco.

— Não. — Apertei pausa em nossa rota. Sem olhar para a transcrição, digitei um novo endereço, redirecionando o táxi pela estrada pública que circundava a propriedade dos Dunmore. — Eles estão indo para o pântano.

Os cílios de Noah se ergueram porque ele sabia o que havia na extremidade mais distante da terra dos Dunmore: uma fossa que Robbie e sua família transformaram em uma vala comum.

Eu o mostrara em um mapa para o detetive que investigou o desaparecimento de uma debutante da alta sociedade quando desembarquei em Londres. O último lugar onde a mulher foi vista foi na propriedade Dunmore. Eu tinha certeza de que o homem iria pedir um mandado e vasculhar o terreno, mas ele apenas coçou as bochechas gordas e me informou, com os olhos correndo para todos os lados, que a mulher havia fugido para os Estados Unidos com seu amante. Caso encerrado.

Exceto que verifiquei o perfil dela em um holo-classificador. A residência atual da jovem de dezoito anos era em Elysium. Só depois de verificar a pontuação do detetive que entendi que os Dunmore o haviam silenciado com uma copiosa quantia de dinheiro, já que seu pecado atual era: *aceita suborno.*

Enquanto Noah mexia na tela para garantir de que nosso táxi esperaria, eu saí para o emaranhado de troncos de árvores, derrapando em arbustos e pinhas caídas. Eu estava tão agitado com a adrenalina que mal registrei Noah sussurrando meu nome até que ele segurou minha camiseta e me fez parar.

— Pelo amor de Deus, Adam, desacelere! — Noah ofegou. — O Levi não terminou de desativar as câmeras.

Eu podia ver o nocivo lago negro brilhar entre a densa floresta como um olho predatório. Eles já tinham jogado ela dentro? Dei um tapinha na calça de moletom para pegar meu telefone, mas meus bolsos estavam vazios. Todo o sangue acumulado na parte de trás da minha garganta foi drenado.

— Meu telefone. Esqueci meu…

— Estou com ele. — Noah ilumunou a tela ao mesmo tempo que o jipe verde de Henry Dunmore surgiu morro abaixo.

Pouco antes dos faróis atingirem as árvores espessas atrás das quais estávamos, Noah segurou meu bíceps e me empurrou para baixo. Uma lufada escapou dos meus lábios quando minha canela bateu no chão da floresta, enviando fragmentos de dor pela minha perna ferida.

— Um aviso teria sido bom — resmunguei, passando o pulso pela minha boca para desalojar a sujeira assim que a luz iluminou as pontas douradas das penas de Noah. — Suas asas *emplumadas*, No — resmunguei.

— O que tem as minhas asas?

— Elas estão para fora.

— E daí? Você acha que alguém dessa família tem sangue de anjo?

— Faz sentido. — Apenas Naya as veria, se ela estivesse consciente.

No segundo em que o carro virou e nos mergulhou de volta na escuridão, comecei a me levantar, mas Noah segurou meu pulso.

— Vamos esperar — ele murmurou.

— Já esperamos o suficiente.

— Bem, vamos esperar um pouco mais. Vamos recuperá-la assim que eles se forem e Levi desligar as câmeras de segurança. — Ele apertou meu pulso com mais força, sentindo que eu não tinha paciência para esperar. — Ela é imortal, Adam. Vamos pegá-la e curá-la. Ela vai ficar bem.

Olhei para sua mão, depois para seu rosto. Qualquer outra pessoa ficaria impaciente sob meu escrutínio, mas não Noah. Nunca Noah. Não havia nada que eu pudesse fazer com o cara para intimidá-lo.

— Certo. Tudo bem, eu *espero*! — Afastei a mão dele quando nos levantamos. — Não posso acreditar que colocaram a porcaria de Semtex dentro dela. Semtex!

— Fale baixo.

— E se eles decidirem detonar? — resmunguei.

— Eles não vão detonar. Causaria muito barulho — Noah respondeu com calma.

Não debaixo d'água. Lá, causaria apenas ondulações.

Podíamos ser imortais, mas o que aconteceria se nossos corpos explodissem? Nós explodiríamos em um trilhão de pedaços que magicamente se uniriam novamente? Não era o tipo de coisa que os ophanim ensinavam nas associações, porque sermos usados como bombas não era considerado em missões normais de plumas. Peguei o telefone da mão de Noah e escrevi uma mensagem para Dov.

Anjos, como eu queria bater em alguma coisa. *Alguém*. Em Henry. Na mãe dele. Júnior. Robbie. Fechei os dedos inquietos em punhos que mantive travados contra minhas coxas.

— Sei que você não acredita em almas gêmeas, mas seus pais claramente são.

— Almas gêmeas? Que depena é essa, Noah? Você acabou de cheirar cogumelos?

— Ouvi dizer que quando as almas encontram seus companheiros, elas não

podem viver uma sem a outra. Será que a Naya é a sua?

Se meus lábios não estivessem esticados sobre meus dentes, eu poderia ter rido. O que ele inventaria em seguida? Que cupidos voavam, espetando a bunda de humanos com flechas encantadas?

— Convivo com você há dezoito anos, e esta é a primeira vez que te vejo agir de forma tão desequilibrada.

Olhei para Noah antes de voltar a rastrear o GPS de Naya em direção ao pântano.

— Não estou desequilibrado. — O que eu estava era finalmente agindo como um adulto responsável.

A pele sobre meus dedos se esticou tanto que abriu um dos meus machucados. Noah agarrou meu ombro e deu um aperto. Afastei sua mão, sem vontade de ser mimado ou o que fosse que a mãe coruja de penas rosa estivesse tentando fazer.

— Respire, Adam. Você está ficando com o rosto azul.

Mesmo que parecesse que um Boeing 747 estivesse parado sobre meu peito, respirei fundo e segurei o ar, não tendo certeza se eu poderia respirar de novo até que Naya estivesse fora do domínio dos Dunmore e segura no nosso.

trinta



naya

MINHA CABEÇA BATEU contra uma parede.

— Ela ligou para alguém. Estamos tentando descobrir quem, mas limparam o telefone dela.

Meus olhos inchados levaram um momento para se abrirem e perceber que eu estava dentro do porta-malas de um 4 por 4. Outro solavanco na estrada me fez rolar para frente com tanta brutalidade que minha testa bateu na porta do porta-malas.

— Nós a estamos levando para o pântano… sim, ela foi a única que não cauterizou. Seu pai, irmão e eu verificamos todos as outras pessoalmente.

— Coloque o Rob no viva-voz, mãe.

Houve um leve tinido seguido por uma série de palavrões pronunciados com tanta elegância que poderia se pensar que Lady Dunmore estava recitando poesia em vez de insultando seu filho por sua condução perigosa.

A voz afetada do Triplo soou no carro.

— …a roupa de cama?

— O que é que foi isso? — Susan gritou depois de ralhar com o filho novamente sobre sua forma de dirigir. — Perdemos o início da sua pergunta, Rob.

— Você refez a cama? Não podemos permitir que as outras vejam o sangue.

— Já foi feita — Lady Dunmore fez tsc. — Não sou marinheira de primeira viagem, filho.

O que essa mulher tinha feito antes? Arrepios subiram pela minha pele macia, cobrindo cada centímetro com a dolorosa consciência de que esses monstros não haviam terminado de me torturar.

— O que vamos dizer às outras garotas quando elas acordarem, Rob? — Henry perguntou.

— Que a Emmeline Rogers estava arrasada, e a compassiva Naya foi oferecer apoio emocional à amiga.

O carro bateu em outro calombo. Mesmo que eu tivesse me preparado, isso não diminuiu a agonia que se espalhou pelas minhas costelas quando chacoalhou meu corpo. Engoli o gemido e minhas lágrimas. Eu superaria isso.

De alguma maneira.

— Como você quer que nos livremos dela? — Henry fez uma curva tão acentuada que a coroa da minha cabeça pressionou dolorosamente contra o painel lateral.

— Guarde-a no lugar de sempre. — A voz de Robbie mal passava de um murmúrio.

Qual era o lugar de sempre? O pântano que eles mencionaram antes?

Eu esperava que as pérolas em meus lóbulos estivessem transmitindo minha localização. Esperava que os outros… A lembrança de ter ligado para Adam me atingiu tão violentamente quanto meu corpo contra a porta do porta-malas. O que eu tinha conseguido dizer a ele?

Um tiro soou no ar.

Prendi a respiração, esperando que a dor explodisse em algum lugar do meu corpo, mas se eu tivesse levado um tiro, não conseguia sentir nada através da dor irradiando do meu abdômen.

— Robert? — A voz de Susan se contorceu, nervosa. — Robert!

— Estou aqui, mãe. Estou aqui.

— O que é que foi isso? — ela quase gritou.

A voz de Robbie abaixou para um sussurro.

— Pablo acabou de matar o Luis por estragar o trabalho na sua Garota Circle favorita.

Não que eu amasse Luis, mas santo Abaddon… Pablo tinha atirado em seu próprio primo?

Um malakim viria buscar o morto ou ter mutilado um anjo o tornou um Triplo?

Talvez ele já fosse um…

— Eu te ligo quando aterrissar. Certifique-se de colocar pesos nela. — E então o telefone desligou.

Desde que me lembro, fui avisada de que os humanos eram capazes de crueldade, mas como isso empalidecia em comparação com a experiência em primeira mão. Como eles poderiam discutir afogar alguém com tanto distanciamento?

O carro parou de forma abrupta, o que fez meu corpo rolar sobre o tapete do porta-malas que cheirava a cachorro molhado e sangue fresco.

— Coloque os tijolos de cimento ao lado da margem, Henry. Vou buscar a garota.

As portas bateram. Fiz questão de manter meus olhos fechados enquanto a porta do carro se levantava automaticamente. Mesmo que eu não pudesse ver

Susan Dunmore, eu podia sentir o perfume espesso de rosas saindo de sua pele com Botox, podia sentir suas mãos frias segurando meus tornozelos e me puxando.

— É uma pena que seu corpo tenha rejeitado o coagulador. Você teria sido um grande trunfo para minha família. — Um dedo acariciou minha bochecha, parando os tremores correndo pelo meu corpo. Quando esse mesmo dedo segurou o lóbulo da minha orelha, tudo em mim parou. — Bonito.

Abri os olhos e balancei a cabeça.

Seus dedos recuaram, mas então um sorriso de escárnio apareceu suas feições.

— Querida, você não vai precisar deles para onde está indo.

Pisquei para ela, murmurando:

— Meu… não.

Ela me deu um tapa, o ardor de sua mão me assustando o suficiente para ela arrancar um brinco do meu lóbulo. Depois que o embolsou, ela agarrou meu cabelo e o usou como uma coleira para acessar o outro lado do meu rosto.

Tentei balançar a cabeça de novo, mas isso apenas fez Susan puxar com mais força até parecer que minhas medaeixas se soltariam do meu couro cabeludo.

— Fique quieta, ou eu o arranco.

Eu rosnei para sua ameaça.

— Monstro.

— Ah, querida, já fui chamada de coisa muito, *muito* pior. — O brinco felizmente se abriu, preservando aquele pedacinho da minha pele.

Depois que ela guardou a pérola no bolso do robe, ela puxou novamente meu cabelo, desta vez, para me puxar para fora do carro. Rugi com indignação e dor quando meu cóccix atingiu o chão.

Ofegante, eu resmunguei:

— Não faça isso, Susan. Pelo bem de sua alma, não faça isso.

Ela olhou para mim, seus lábios anormalmente carnudos curvados em diversão.

— Pelo bem da minha alma? *Você* se inscreveu para ajudar. Não tive nada a ver com sua candidatura ou sua seleção, então não me culpe por onde você acabou. Isso é inteiramente por sua conta, Srta. Moreau.

Ela me arrastou pelos cabelos para onde Henry estava preparado com uma corda e blocos de concreto. Eu me contorci e chutei, atingindo o filho mais velho na parte de baixo de seu queixo, o que o fez cambalear para trás. Quando ele

caiu de costas, a mãe murmurou algo sobre criar filhos fracos e precisar fazer tudo sozinha.

Fortalecendo minha espinha, chutei, o impulso me girando de frente e desestabilizando a matriarca que soltou meu cabelo. Mesmo que estrelas brilhassem em minha visão, ergui meus joelhos sob mim, então tentei me levantar, mas o esforço me roubou o fôlego e a força, e o chão veio até mim antes que os Dunmore.

trinta e um



naya

A ÁGUA gelada me fez abrir os lábios em choque. Me engasguei com a boca cheia de lodo, sentindo meus pulmões se contraindo, tentando filtrar o ar da água, mas eu não tinha guelras. Apenas asas. Chamei-as, forçando-as a se abrirem, forçando-as a bater, embora a pura energia que isso exigia fizesse meus ombros doerem e meus pulmões gritarem.

Meu corpo não subiu milagrosamente, da mesma forma que meus pulmões não se encheram milagrosamente de ar.

Mais uma vez, bati as asas, mas tudo o que fiz foi perturbar o fundo arenoso e escurecer a água já turva. Puxei meus pulsos, tentando afrouxar a corda encerada que machucava minha pele, mas a cada puxão, os nós ficavam mais apertados, e eu, mais fraca.

Meus lábios tremeram ao redor do resquício de oxigênio enquanto a agonia assolava todo o meu ser. Agonia e vergonha. Meu pai me criou para ser forte e engenhosa, uma guerreira com asas, não um inseto afogado preso no fundo de um pântano.

Com que facilidade eu fui subjugada.

Com que rapidez eu perdi o controle.

Adam estava certo. Apesar de toda a minha confiança, eu não estava preparada para esta missão.

Em alguns segundos, eu desmaiaria, e depois? Meu corpo balançaria nesta sepultura líquida até que alguém me rebocasse para fora? Eu perderia a consciência e depois a recuperaria de vez em quando, só para perceber que ainda era uma prisioneira do pântano dos Dunmore?

De repente, desejei que detonassem o explosivo dentro de mim, porque uma explosão arrancaria a corda dos meus tornozelos e pulsos, ou pelo menos, criaria um maremoto que me levaria para a margem.

Isso provavelmente era pensamento positivo.

Pensamento positivo e *doentio*.

Dov viria me procurar.

Ou meu pai. Ele moveria Elysium e a Terra para me encontrar.

Os ossos das minhas asas se esforçaram para me impulsionar para cima, mas como nuvens de tempestade correndo sobre a lua, a escuridão me envolveu

e me devorou inteira.

trinta e dois



adam

FATO ANGÉLICO #1:
Plumas podem nos manter flutuando no ar, mas não na água.

NO SEGUNDO EM que Levi nos deu luz verde, eu saí correndo. O chão sugou as solas dos meus sapatos e solavancou minha panturrilha machucada, mas continuei, espirrando no pântano antes de mergulhar. Levei meros segundos para localizar suas asas balançando como um paraquedas aberto que falhou em levá-la para a segurança.

Passei as mãos em seu corpo até sentir os pulsos e a corda enrolada em volta deles, então a segui até o nó que prendia Naya ao fundo arenoso. Eu me esforcei para desfazer o nó até que minhas unhas quebraram e sangraram, até que a corda se soltou e deslizou como uma enguia. Subi à superfície e inalei até encher o pulmão de ar antes de mergulhar de volta em direção a seus tornozelos.

Minha cabeça bateu contra algo duro que me fez assustar e beber água. Meus olhos embaçados levaram um segundo para perceber que era Noah. Noah que estava cortando a corda com o que parecia ser um canivete.

Subi de volta para a superfície e suguei um monte de ar fétido antes de mergulhar de volta. Como o pântano era raso, passei os braços em volta das costas de Naya, sob suas asas caídas, e pressionei as solas dos meus tênis no fundo para alavancar seu corpo para cima enquanto Noah terminava de soltar seus tornozelos.

Seu torso estava gelado, seus lábios azuis, sua pele marmorizada como o quartzo Elysiano quando se iluminava à noite.

— Naya — resmunguei tão perto de sua boca que se ela não ouvisse seu nome, o sentiria. — Pluma, você precisa respirar.

Quando sua boca não se abriu, afastei um dos meus braços de sua cintura, mantendo-a de pé com o outro, e segurei seu queixo entre meus dedos, levantando seu rosto em direção ao meu. Com o polegar, abri seus lábios, e a água escorreu.

— Respire — ordenei a ela, de forma menos suave desta vez.

Ela ainda estava apática e rígida como um cadáver.

Eu a puxei para perto.

— Malditos anjos, respire!

Um leve tremor percorreu seu torso, se espalhando pelo meu, e água suja jorrou dos cantos de sua boca e escorreu por seu queixo.

O bloco de concreto que a mantinha presa à tumba finalmente libertou seu corpo, e ela flutuou. Noah veio para a superfície, puxando o ar e passando as palmas das mãos sobre os olhos e a boca.

— Havia um osso lá embaixo. — Ele estremeceu, limpando a sujeira dele. — A forca de osso. — Outro tremor. — Me lembre por que os seraphins não incineram as almas dos Triplos?

Naquele momento, não consegui me concentrar nos *porquês e comos* do nosso sistema, porque um espasmo sacudiu o corpo de Naya, e então ela estava ofegante e vomitando, seus pulmões expelindo a água do pântano.

Embora eu tenha soltado seu queixo, eu a segurei contra mim até a última gota de água ser drenada de seu corpo, até que sua respiração passou de irregular para uniforme, até seus batimentos cardíacos irem de fortes para suaves, e seu corpo de rígido para flexível.

Noah olhou para mim por cima das asas trêmulas de Naya.

— Quer ajuda para carregá-la?

Balancei a cabeça, dobrei os joelhos, e a peguei no colo. Quando pisei na margem e o luar atingiu sua cintura, rangi os dentes e jurei depenar a linhagem Dunmore.

Se perdi uma pena pelo meu pensamento não angelical, não senti. Não senti nada além de puro ódio pela escuridão que escorria do abdômen de Naya, a palidez de sua pele e o inchaço de suas pálpebras.

— Adam? — Ela piscou os cílios encharcados, como se estivesse surpresa ao me ver.

— O que foi? Você pensou que eu não viria? — questionei, com os nervos tão doloridos e esgarçados quanto minhas unhas.

— Eu… — Uma engolida aprofundou a cavidade na base sua garganta. — Não.

Minha raiva sufocante ficou mais quente com sua falta de fé, e afastei meu olhar do dela enquanto caminhávamos pela floresta.

Noah correu para nos alcançar, seus pés esmagando os tênis encharcados.

— Adam, passa ela pra cá. Você está mancando.

— Eu consigo — grunhi para ele, em seguida para ela — Esconda suas asas com magia. Elas estão se arrastando. — Meu tom era tão duro quanto meu pulso.

A escuridão parou de brilhar ao redor de sua forma inerte. A penugem

macia, que se desprendeu dos meus antebraços molhados, deixou para trás uma faixa de arrepios.

Minutos ou talvez uma hora depois, chegamos ao táxi, ainda parado na estrada deserta. Noah abriu a porta. Eu me debrucei sobre ela enquanto entrava no veículo pequeno e me sentava no meio do banco, embalando seu corpo no meu. Ela se contorceu para se libertar, mas então estremeceu e parou de lutar quando Noah se sentou no banco estofado à nossa frente e digitou o endereço do moinho.

— Onde eles colocaram o Semtex? — quase gritei, examinando seu abdômen exposto, o trapo sujo de uma camisa que grudava em sua pele como papel molhado.

— Dentro da minha barriga.

Senti seu olhar escuro procurando o meu, mas não o encontrei, o acúmulo de raiva e culpa muito grande. Um olhar, e ambos se derramariam nela.

— Eles injetaram pelo… meu umbigo.

Semicerrei o olhar ali.

— Já saiu?

— Não sei. Talvez quando eu estava debaixo d'água.

Coloquei suas pernas para baixo com cuidado, então cutuquei a carne manchada da sua barriga com as pontas dos meus dedos indicador e médio. Quando ela sibilou, afastei a mão.

— Ainda está aí? — ela perguntou, rouca.

— Não sei. Eu não queria pressionar com muita força.

Ela fechou os olhos com força.

— Quero que isso saia.

Eu também.

Eu. Também.

Noah limpou o celular contra o banco de tecido, então o ligou.

— O Boone acha que o Semtex vai se dissolver, mas que o detonador deve sair.

— Deve? — ela resmungou.

— *Vai* — eu disse.

— Ele espera que ainda esteja dentro dela, para poder estudá-lo.

E eu esperava que estivesse enterrado a a sete palmos sob o pântano.

— Quanto tempo a bala levou — ela inalou, vacilante — para sair da sua perna?

— Algumas horas. — Mas eu a ajudei.

— Bom. Então talvez ainda esteja lá.

— *Bom*? — Sem querer, olhei em seus olhos. — Como isso pode ser bom?

— Porque eles colocaram um em cada uma das garotas. — Ela fechou os olhos e franziu o cenho. Eu queria pegar sua dor e esmagá-la. — Talvez se ele a estudar, consiga desmantelar os outros.

Olhei para seu rosto branco como um fantasma, chocado com o quanto ela estava calma e lúcida, enquanto eu estava pronto para arrancar jugulares.

Seus lábios pálidos se entreabriram.

— Adam, veja se você pode senti-lo.

Minha mão, que pousou em seu quadril quando ela estremeceu, recusou-se a levantar.

— Não.

— Tudo bem. — Ela engoliu em seco.

Voltei minha atenção para a janela, para o trecho de estrada ainda iluminado pelo luar, mas um silvo de dor fez minha cabeça virar para Naya. A garota maluca estava apalpando o abdômen! Segurei seu pulso.

— Está lá — ela murmurou.

— Você sentiu? — A excitação no tom de Noah me fez fuzilá-lo com um olhar carrancudo. — Não me diga que você teria preferido nadar no pântano infestado de esqueletos?

— A única coisa que eu preferiria é que Naya não estivesse sangrando no meu colo. — Depois de um tempo, acrescentei: — A empresa de táxi vai nos enviar uma multa pesada.

Eu não poderia me importar menos com uma multa, então não tinha certeza por que eu estava fazendo um estardalhaço *depenado* sobre isso.

Noah revirou os olhos, e Naya… ela sorriu. E aquele sorriso, soltou algo dentro do meu âmago.

Ela estava viva.

Segura.

E estava comigo.

Meu telefone soou com aplausos. Reajustei Naya para pegá-lo do bolso, feliz por não tê-lo perdido no pântano.

DOV: *Nossos corpos não podem explodir, mas ela vai sangrar profusamente*.

Joguei meu telefone para Noah.

— Peça a ele para nos encontrar na pousada. — E então me concentrei nas feições de porcelana de Naya e nas pálpebras com veias.

Eu queria acordá-la, mantê-la consciente, mas as palavras de Dov rodaram em minha cabeça: *Nossos corpos não podem explodir*.

Por mais egoísta que eu fosse, por mais que quisesse mantê-la consciente, eu sabia que seria mais gentil deixá-la dormir durante o processo de cura. O tempo passaria mais rápido para ela, mesmo que rastejasse para mim.

— Você vai ficar bem, Pluma — murmurei. — Você vai ficar bem.

trinta e três



adam

FATO ANGÉLICO #538:
Nem tudo não afeta nossas penas.

NAYA PERMANECEU INCONSCIENTE enquanto eu a carregava para dentro do moinho e deitava seu corpo flácido na toalha que Noah esticou em um lado da cama king-size. Ele sugeriu dar banho nela, mas eu não ia despir uma garota sem o consentimento dela ou acordar uma que dormia tão profundamente.

— Você não acha que eles incorporaram um dispositivo de rastreamento dentro do detonador? — Noah perguntou enquanto eu colocava outra toalha e depois o edredom sobre sua palidez úmida e brilhante. Eu odiava como sua pele tinha se tornado como se fosse de cera, como isso a fazia parecer uma estátua de átrio.

Eu estalei os dedos.

— Deixe que venham.

— Adam… — Noah avisou. — Não haverá matança de homens, ou de mulheres, esta noite. Ou qualquer outra noite. Não quero que você perca todas as suas penas suadas.

— Aposto que matar Triplos não custa nada. Especialmente aqueles que prejudicam os anjos. — Peguei meu telefone para perguntar ao nosso fiel ishim.

— Eu preferiria que você não descobrisse isso em primeira mão. — Noah atiçou o fogo que estava acendendo na chaminé redonda, porque, é claro, todas as maldições de anjo das coisas nessa porcaria de moinho eram circulares.

— Bem, eu vou tomar um banho para me limpar do pântano. — Ele colocou o atiçador de volta no lugar e esticou os braços sobre a cabeça. — A menos que você queira ir primeiro?

— Vou esperar.

Me sentei ao lado de Naya, com os cotovelos nas coxas, mãos entrelaçadas apoiando a testa que latejava com seu próprio pulsar enquanto computava o uso das Garotas Circle. Que show de estrume isso seria, se não encontrássemos uma maneira de extrair ou bloquear cinquenta dispositivos explosivos a tempo.

Quanto tempo nós tínhamos? Pablo os detonaria amanhã? No dia seguinte? Uma semana a partir de agora? Ele as faria explodir de uma só vez e acabaria

com toda a corte venezuelana ou detonaria as meninas aqui e ali em sua cidade para criar uma diversão?

Eu massageava minhas têmporas latejantes com meus polegares. Isso parecia muito grande para um bando de guardiões plumas, mas mesmo se eu implorasse a Dov para chamar os Sete, ele não o faria, porque comprometeria seu projeto.

Respirei fundo e passei as mãos pelo rosto, depois liguei para Galina, esperando que ela tivesse boas notícias. Eu estava desesperado por uma faísca de sol nesta noite sem fim.

— Ela terminou?

— Sim. Mais um humano nojento em um saco preto. Com sorte, ele fará uma análise profunda de sua alma em Abaddon.

Eu grunhi. Um ano para cada ponto pecador. Isso dificilmente parecia o suficiente para o que ele fez com Felicity Gold.

— O malakim não te viu?

— Não. Tirei Calliope de lá antes que um dos nossos descesse para recolher a alma do homem. Então, por que você desligou na minha cara daquele jeito?

Olhei para Naya e afastei uma mecha de cabelo de sua bochecha. Molhados, seus cachos eram de um ouro polido, como o sol do meio da tarde em vez do sol do amanhecer.

— O Boone e o Levi não te informaram?

— Acabei de deixar nossa assassina favorita no esconderijo, então não tive a chance de ligar. O que aconteceu?

Contei tudo a Galina e, além de ofegar uma palavra nada angelical que fez sua respiração soar ruidosa pelo fone, ela não me interrompeu.

— Mas ela está bem?

— Vai ficar. Eventualmente. — *Eu esperava*. *Depena*, ela ficaria bem?

Depois que fui informado a respeito da linha do tempo de Calliope para os dois últimos estupradores – os mencionados nos jornais e atualmente sob proteção policial – Galina e eu desligamos, e eu me levantei, o esforço quase me derrubando de bunda. Na adrenalina de chegar a Naya, minha lesão na perna se tornou um ruído branco, mas a queimadura torturante estava de volta com força total.

Naya se mexeu e soltou um gemido suave que encerrou minha festa de piedade. Estendi a mão para tocar sua bochecha para lembrá-la de que ela estava segura quando murmurou um nome de duas sílabas.

Um nome que não era meu.

Embora eu não tivesse motivos para estar com ciúmes, quando ela repetiu com um gemido suave, fechei meus dedos, me levantei da cama e me afastei dessa garota que estava me afetando, embora, aparentemente, outro homem estivesse em seu subconsciente.

Raciocinei que o medo por sua vida e a culpa por sua dor a tornavam muito mais importante para mim do que ela era.

trinta e quatro



naya

EMBORA MINHA BOCA parecesse ter sido enrolada com lã de aço e meu corpo como se tivesse sido esfregado com ela, minha cabeça estava limpa. Essa clareza rapidamente desapareceu quando tentei levantar as mãos debaixo do edredom para esfregar o meus olhos sonolentos.

Quando meus dedos caíram frouxamente ao lado do meu torso, pisquei. Acima de mim, se estendia um telhado pontiagudo de palha e, ao meu redor, paredes de pedra caiada. O fogo crepitava em uma moderna lareira de vidro, combatendo o cinza do ambiente. O céu brilhava leitoso através das janelas de quatro vidraças tão altas que eu precisaria de uma cadeira para ver lá fora. Onde eu estava? As janelas gritavam masmorras, mas o resto do espaço, os lençóis macios nos quais eu estava encasulada e as paredes imaculadas, sugeriam luxo.

Apesar do meu pescoço ter estalado, consegui girar a cabeça. Quando encontrei Noah enrolado na cama ao meu lado, roncando de forma intermitente e balbuciando durante o sono, não consegui evitar que a emoção me inundasse.

Eu não tinha sonhado ser socorrida.

A equipe de Adam havia me ajudado. Eles conseguiram me encontrar apesar de Susan Dunmore ter roubado meus brincos. Lágrimas se formaram e caíram, escorrendo pelo meu rosto como a água do pântano que entupiu minhas vias aéreas. A dor no meu coração tomou uma direção diferente, e o gosto na minha boca ficou tão azedo que eu queria engolir um frasco de enxaguante bucal.

O resto da noite voltou aos poucos, com tanta clareza que parecia que eu estava revivendo cada instante terrível. O toque indesejado de Pablo. A seringa muito larga, longa e afiada cortando meu umbigo. O cheiro amargo de sangue misturado com explosivo plástico. O gosto salgado do lodo e do terror.

Mesmo que meu braço tremesse de forma selvagem, segurei o edredom e o deslizei ao longo do meu corpo, então peguei a ponta da toalha manchada de vermelho com sangue e a rolei para baixo. Minha blusa tinha secado, mas o tecido estava duro e amarrotado. E o cheiro…

Anjos, o meu cheiro era de fazer os olhos lacrimejarem. Como Noah suportou isso? Como ele conseguiu adormecer ao meu lado?

Entre o fogo se extinguindo e a coberta levantada, o ar ficou tão pungente

que meu estômago revirou. O espasmo fez um gemido escapar sobre o estalo suave de troncos carbonizados e sangue escorrer do meu umbigo.

Com a respiração presa em minha garganta, passei um dedo sobre meu estômago enegrecido, esperando que a cor fosse devido ao depósito mineral do pântano, mas nenhuma sujeira aderiu à ponta. Meu torso estava gangrenando. Pelo menos, isso explicava o mau-cheiro. Observei meus pulsos, marcados em vermelho e roxo da corda que a dupla Dunmore tinha enrolado em volta deles, e três sentimentos me atingiram: repulsa, angústia e alívio.

Repulsa pelo que eles fizeram.

Angústia por terem feito isso sem pensar duas vezes.

Alívio por ter sido feito a mim em vez de a um humano frágil.

Respirando fundo, segurei o lado da mesa de cabeceira e gentilmente puxei minhas pernas para fora da cama. Quando meus pés tocaram o chão, foi como pisar em um tapete de agulhas minúsculas em vez de um tapete bege peludo manchado com pegadas sujas. Estudei a estampa de ondas enquanto esperava que o formigamento diminuísse em minhas solas e crânio.

Quando tudo estava calmo, levantei meu torso para me sentar e me inclinei para frente. *Ah, anjos, não.*

Não, não, não.

Segurei a mesa de cabeceira com mais força enquanto minha visão se fragmentava em minúsculos pixels. Tentei me reclinar para trás, para cair contra o colchão, mas não consegui nem mesmo endireitar meu torso, que estava enrolado sobre si mesmo.

Minha visão ficou fina como poeira e roubou a cor do quarto. Balancei para frente e caí. Embora a aterrissagem tenha sido abrupta, nada quebrou no meu rosto. O tapete devia ser mais macio do que parecia sob meus dedos dos pés.

— Não que o preto não seja a sua cor — uma voz, que parecia se erguer de debaixo do tapete, brincou —, mas talvez seja melhor não combinar toda a sua pele com seus olhos e asas.

Eu sorri, apesar do quanto a declaração de Adam estava perto da verdade e de como todas as contusões *emplumadas* que manchavam minha pele doíam.

— Você estava dormindo debaixo da cama?

— Apenas monstros dormem lá. — Enquanto ele me apoiava no tapete com as costas contra a lateral do colchão, ele perguntou: — Está me chamando de monstro, Pluma?

Conforme minha pele despertava, formigava como se uma colônia de formigas estivesse marchando sobre ela.

— Não agora que eu conheci os reais. — Ele cheirava a tempestade e grama molhada pela chuva, tão limpo e fresco que enchi meus pulmões com ele. — Obrigada por me resgatar ontem à noite. E novamente agora.

Anjos, como eu odiava estar tão fraca…

Uma mecha de cabelo balançou na frente do meu olho direito. Minha mão tremia quando a coloquei atrás da orelha, mas os fios estavam tão retorcidos e duros que saltaram para fora na hora.

— Só estou fazendo meu trabalho, herdeira.

Eu me perguntei por que ele minimizou sua compaixão.

— Desde quando me tirar de problemas é *seu* trabalho?

— Você preferiria que eu ligasse para o seu papai?

— Não. — Mordi meu lábio. — Com certeza não. — Uma percepção fez minha boca se abrir. — As minhas roupas. Meu telefone. — Com o pescoço estalando, olhei ao redor do que podia ver do espaço circular, esperando encontrar minha mala cor de safira embotando a decoração creme, mas encontrei apenas roupas masculinas, embalagens de comida e uma capa xadrez pendurada no sofá.

— Comprei um telefone novo para você, que Levi reiniciou remotamente. Ele desativou e limpou o outro.

A discussão que os Dunmore tiveram sobre a inutilidade do meu telefone enquanto me levavam para o meu lugar de descanso na floresta finalmente fez sentido.

— Amei o apelido que você me deu, mas me pergunto… você me apelidou de BURACO NEGRO porque eu te puxo para a escuridão ou você estava pensando em outro *buraco*?

Consegui dar um sorriso, embora minhas entranhas estivessem chorando.

— Você nunca saberá.

— Quer apostar? — O rapaz parecia positivamente alegre, o que era estranho, considerando as olheiras sob seus olhos.

— Anjos não apostam.

— Eles também não tentam impedir ataques terroristas. — Seu comentário me deixou sóbria. — De qualquer forma, tenho uma roupa para você trocar. Bem, mais tipo uma camiseta de dormir. — Ele acenou com a cabeça para uma sacola de papel que devia ter deixado cair quando se ajoelhou para me pegar, porque estava de lado, com o conteúdo aparecendo. — Encomendei algumas roupas para você, mas ainda não chegaram

— Você encomendou roupas para mim? — Não pude evitar o sorriso que

curvou meus lábios.

Ele deu de ombros, com o rosto corado.

— A Galina encomendou. Disse a ela para pedir coisas funcionais.

— Obrigada. — Com a cabeça ainda girando, estendi a mão e peguei a camiseta da sacola. Um logotipo branco estava impresso no algodão ametista: *Economize água*. *Beba cerveja*. — Uma verdadeira garota exemplar para plumas de todos os lugares.

— Comprei no pub. Era isso ou um avental do mercadinho.

— Eu adorei.

Seu olhar percorreu o tapete, provavelmente em busca de uma pena. Ele não iria encontrar uma, porque não era mentira. Eu estava grata por esta camisa, como estava grata por ele e Noah terem voltado para me resgatar.

— Ama vai ficar com muita inveja. Ela adora camisetas com frases. — Quase tanto quanto ela amava a sua…

Ah, não. Sua jaqueta com asas de anjo! Mesmo que bens materiais fossem substituíveis, se eu tivesse perdido aquela jaqueta…

Os olhos de Adam se desviaram para minha barriga preta e azul, interpretando mal minha contrição repentina.

— Você… você está com dor?

Já que eu estava com dor, física e de outro tipo, assenti, não querendo elaborar que uma jaqueta estava na raiz do meu pesar. Ele certamente me achava superficial o suficiente.

— Você pode me ajudar a ir ao banheiro? — Minha voz baixa soou através de meus dentes que batiam.

Ele olhou para minha palma estendida como se eu tivesse acabado de pedir que ele fosse meu parceiro para dançar quadrilha. Baixei a mão para o tapete. Talvez eu conseguisse sozinha. Antes que eu pudesse tentar, ele passou um braço atrás das minhas costas e o outro debaixo dos meus joelhos, e me levantou.

Mesmo que eu estivesse acometida por calafrios, minhas bochechas esquentaram.

— Não precisa me carregar, Adam.

Ele arqueou uma de suas sobrancelhas.

— De que outra forma você estava planejando ir ao banheiro?

Meu ego teria preferido rastejar até lá.

— E a sua perna?

— Minha perna está muito melhor. — E ainda assim, ele mancou ao redor da cama.

Olhei para Noah, morto para o mundo, apesar de todo o barulho que tínhamos feito.

— O dorminhoco mais pesado que você já conheceu. Quando éramos crianças, eu costumava pegar instrumentos emprestados da sala de música para acordá-lo. O trompete funcionava melhor.

— Ai.

Adam me deu um sorriso sombrio que mostrou que ele gostou de torturar seu pobre amigo um pouco demais.

— Não se preocupe. Ele foi à forra.

— Fico feliz em ouvir isso.

— Eu tenho certeza de que você está.

— O que ele fez?

Seu olhar traçou a massa amontoada sob o edredom que era Noah, antes que o pluma adormecido desaparecesse de nossa linha de visão e um banheiro feito de pinho colorido, tinta azul-petróleo e pedra preta escovada aparecesse.

— Ele escreveu um bilhete de amor em meu nome para um amigo nosso. Assustou tanto o cara que ele sentiu que precisava me dar uma explicação prolixa, no meio do refeitório, sobre por que não daria certo entre nós e que ele preferia garotas de qualquer maneira. — Adam sorriu como se de alguma forma gostasse da lembrança. — Ele ainda fica bem longe de mim toda vez que nossos caminhos se cruzam. — Ele me colocou na borda da banheira embutida, derrubando a fileira de sais de banho embalados e frascos de sabão para que eu pudesse me encostar na parede fria. — Chuveiro ou banheira?

— Chuveiro. — Eu queria tirar as camadas de sujeira do meu corpo, não colocá-las de molho.

Ele deu um passo em direção ao chuveiro com paredes de vidro e girou a válvula até o vapor sair do jato, então voltou para me pegar. Apoiando uma palma da mão contra a parede, estendi a outra para Adam. Com sua ajuda, me levantei. Quando as linhas entre as tábuas do piso ficaram onduladas, fechei os olhos.

Adam passou o braço em volta da minha cintura, seu aperto ao mesmo tempo leve e firme.

— Vou te sentar lá dentro. *Não* tente ficar de pé.

Não achei que pudesse.

Quando ouvi tecido farfalhar, abri os olhos a tempo de ver Adam empurrando para baixo sua calça de moletom. Sua cueca ficou. Sim, eu verifiquei.

— O que você está fazendo?

— Tentando manter algumas roupas secas para não ter que passar o dia de roupão.

Antes que eu pudesse me perguntar o que ele quis dizer, ele entrou no chuveiro comigo, então se agachou para aliviar meu corpo.

— Sua camiseta… — *E cueca*…

— Precisava de uma lavagem de qualquer maneira. Me poupa uma viagem para a associação.

Porque sangrei em cima dele. Torci meu nariz em desculpas.

Ele apontou para minhas roupas sujas.

— Quer ficar com isso?

Não, mas também não queria ficar nua na frente de um estranho, então assenti. Adam se levantou, agarrou os frascos de sabonete na prateleira de metal e os colocou ao meu lado no chão. Antes que ele se agachasse, notei que a cor de sua panturrilha, aquela que havia sido baleada, estava um caleidoscópio de roxo, laranja e amarelo sob o pelo escuro.

Peguei o frasco de shampoo e tentei abri-lo, mas entre a água tornando-o escorregadio e minhas mãos tremendo, falhei na tarefa fácil. Ele o pegou de minhas mãos e desatarraxou a tampa, em seguida, derramou o conteúdo em minhas palmas sensíveis. Levei-as à cabeça com a intenção de lavar o cabelo, mas o melhor que consegui foi um tapinha inútil.

Adam, que havia tirado a camiseta e estava esfregando-a de forma enérgica com sabão, atirou-a ao lado da miscelânea de frascos. Ele tirou minhas mãos da minha cabeça e passou o shampoo no meu cabelo. Assim como quando me segurou, seus dedos eram suaves e firmes contra meu couro cabeludo, e embora eu tivesse tentado abafar, um gemido escapou. Não conseguia decidir se estava mais envergonhada pelo som da minha respiração ou pela situação em sua totalidade. Pelo menos, estava me distraindo da dor.

— Eu geralmente não tomo banho com garotas até o sexto encontro.

Sorri com sua tentativa de me deixar à vontade.

— E aqui está você, quebrando suas regras com a odiada filha do seraphim.

Ele franziu o cenho enquanto se concentrava em sua tarefa, que junto com o som da água caindo e o cheiro de ervas do sabonete, aliviou meus nervos eriçados.

— Parece que estou quebrando muitas das minhas regras com você.

— Aterrorizado assim do meu pai, hein? — Eu quis dizer isso como uma provocação, mas sua expressão sombria me disse que eu tinha atingido um ponto

fraco.

Meu estômago revirou. Embora a visão fosse doentia, baixei os olhos para o sangue escorrendo do meu umbigo e procurei na corrente por um caroço.

O chip tinha que ser pequeno, já que eles usaram uma agulha, mas eu notaria, certo?

— Você tem alguma ideia do tamanho do detonador?

— Pelas imagens que recuperou, Boone assumiu que deve ser um pouco maior que uma ervilha verde.

— Que imagens?

— Apenas imagens do corredor. Ele conseguiu dar um zoom em uma.

— Ele conseguiu imagens de dentro de nossos quartos? — Modéstia e vergonha me fizeram esperar que não.

— Não. Eles não têm câmera lá.

O que explicava como consegui ligar para Adam…

Um suspiro devia ter me escapado, porque os dedos de Adam pararam na massa de espuma e cabelo loiro.

Depois de um instante, seus dedos começaram a se mover novamente.

— Não sei se temos shampoo suficiente para todo esse cabelo.

— Desde que tenha condicionador.

Ele abriu outra embalagem e massageou meus fios. Quando seus dedos deslizaram perfeitamente, ele se agachou e vi os cílios grossos protegendo seus olhos, a água escorrendo como óleo pelas pontas de seus ombros nus.

— Quer ajuda com o resto do corpo?

— Acho que consigo. — Eu esperava.

Estendi as palmas das mãos em busca de sabonete, depois comecei a deslizá-lo pelos braços, pela clavícula e pernas dobradas. Depois de pedir mais sabonete, tirei o tecido canelado do meu abdômen e coloquei as mãos por baixo, com cuidado para não roçar a pele esfolada e azul.

O rosto de Pablo brilhou diante dos meus olhos, me irritando. Fiz questão de ensaboar meus seios completamente para remover o toque de seus dedos.

Como ele se emplumava a se atrever…

Na minha frustração, afastei as mãos com muita brutalidade e estremeci quando elas se conectaram com o hematoma gigante. Eu as afastei, mas não antes que elas deslizassem contra algo pequeno e duro.

Cutuquei a área ao redor do meu umbigo novamente.

— O mecanismo… está bem ali.

Os olhos de Adam se desviaram de um rótulo que ele estava observando de

forma intensa.

Segurei seus dedos e os pressionei contra o caroço, que parecia ganhar vida e vibrar. Respirando fundo, afastei seus dedos.

— Você sentiu isso? Você acha que acabamos de ativá-lo?

Adam empurrou o cabelo molhado dos olhos.

— *Nós* não podemos acioná-lo.

— Você acha que *eles* o fizeram, então?

Um sulco fino apareceu entre suas sobrancelhas.

— Adam, saia do chuveiro. Saia daqui. Caso…

— Você não vai explodir.

— Como você sabe disso?

— Porque você é um anjo, e nossa espécie não faz *cabum*.

Eu queria muito acreditar nele, mas ele não sabia. Ele não *podia* saber. Meu pai poderia saber, mas eu não poderia ligar para ele e perguntar. Se a bomba caseira que colocaram dentro de mim não me matasse, ele o faria.

— Além disso, Dov confirmou que você vai sangrar até sair.

Graças a Elysium.

Os dedos de Adam voltaram para aquele centímetro de pele acima do meu umbigo. Minha barriga pulou com tanta força ao seu toque que o sangue jorrou do meu umbigo aberto. Embora estivéssemos abrigados em uma nuvem de vapor, suor frio escorria pela minha nuca.

— Você acha que pode tirá-lo? — A bile abriu um caminho pela minha garganta, mas eu a engoli.

— Acho que seu corpo está fazendo isso por você.

O latejar na minha barriga se tornou tão insistente que vi estrelas.

— Anjos, vou vomitar.

Suas mãos seguraram as laterais do meu rosto.

— Olhe para mim. Concentre-se em mim. — O brilho esmeralda de suas írises se espalhou por seu nariz reto e testa forte, sobre as maçãs do rosto esculpidas e mandíbula afiada. Até o vapor e a pedra preta adquiriram um tom verde. — Pluma, mantenha seus olhos abertos e em mim. Não desmaie.

Eu grunhi.

— Não gosto desse nome.

— Eu sei. — Seus polegares roçaram minhas bochechas.

Ele sabia, mas não se importava. E ainda assim… ele devia se importar um pouco, caso contrário, não teria mergulhado em um pântano no meio da noite para me resgatar. Caso contrário, não estaria agachado no chuveiro, ajudando a

limpar a bagunça que outros homens fizeram do meu corpo.

Quando me concentrei em suas pupilas e na firmeza de suas mãos, minha respiração aliviou e o tom brilhante de suas írises parou de tingir tudo ao seu redor.

— Ainda quer que eu tire isso ou devemos deixar seu corpo fazer isso em seu próprio tempo? — Ele abaixou as mãos do meu rosto.

Meu pescoço ficou subitamente fraco demais para sustentar minha cabeça, então eu a encostei na parede.

— Quero que pare de doer. E que isso saia.

Sua covinha apareceu e, como ele não estava sorrindo, presumi que tinha se aprofundado porque ele estava se preparando para o trabalho sangrento pela frente.

De forma débil, falei:

— Posso tentar fazer isso sozinha.

Ele franziu o cenho, mas não achei que fosse de raiva.

— Apoie-se em mim. Não quero que você caia de lado e se nocauteie.

Sua ordem rouca fez meus olhos se fecharem e meu pescoço afundar até que minha testa descansou na curva de seu pescoço tenso.

— Eu não me importaria de ser nocauteada.

Ele grunhiu quando passou um braço ao redor da minha coluna curvada. Seu peito subiu e desceu cinco vezes antes de seus dedos finalmente encontrarem o caminho para minha barriga. No começo, ele mal pressionou para baixo, mas então ele desceu dois nós dos dedos pelo plano liso da pele, e minhas entranhas explodiram para a vida como se para ajudá-lo.

Ele repetiu o movimento até que seus dedos pareciam tão perto do meu umbigo que pensei que ele tinha mergulhado um para dentro. Pequenas piras de fogo pontilhavam a parte de trás das minhas pálpebras. Eu os apertei com mais força, respirando fundo, me aconcheguei mais perto do anjo enorme, desesperada para me segurar e ficar imóvel.

— Quase fora. — Sua voz deslizou como sabão sobre minha pele arrepiada.

Eu fiquei tonta.

Ele também devia ter sentido minha reação porque o braço em volta das minhas costas ficou tenso.

— Então, me diga, Pluma… quem é Jarod?

O choque de sua pergunta fez o mundo parar temporariamente de girar.

— Seu namorado? — Seus dedos amassaram minha pele pulsante com tanta força que comecei a pensar que se ele não conseguisse tirar o explosivo,

conseguiria remover um órgão.

Depois de inspirar e soltar, consegui perguntar:

— Por quê?

— Porque você gemeu o nome dele a noite toda.

Eu tinha? Que embaraçoso. Quase tão humilhante quanto admitir que Jarod era o nome que chamava o estranho misterioso que assombrava meus sonhos.

Além de Mira, eu contei a Raven e Eve sobre ele. Enquanto Raven revirou os olhos com a minha teoria de que meus sonhos recorrentes eram premonitórios e que eu poderia estar destinada a esse Jarod, Eve escutou extasiada. Ela chegou ao ponto de sugerir que eu poderia conhecê-lo algum dia, mas me avisou para manter a mente aberta sobre sua aparência e nome. Pelo menos, ela não zombou como Mira.

Mas eu não tinha dúvidas de que Adam zombaria. Ele não me parecia do tipo romântico e místico. Ele me parecia exatamente o oposto desse tipo.

— Eu não conheço nenhum Jarod.

Minhas omoplatas se contraíram e, embora eu não achasse possível sentir nada além da dor insistente na minha cintura, senti a pontada distinta de uma pena caindo junto com uma boa dose de antipatia pelo ishim. Que injusto me punirem por um homem que eu ainda não conhecia. Uma invenção da minha imaginação!

A menos que estivessem me punindo por outro Jarod. Um dos meus pecadores se chamara Jarod? Um companheiro de penas? Um ophanim?

Com o canto do meu olho, eu vi o brilho da pena perdida. Antes que eu pudesse avisar Adam que estava indo direto para seu pé, a pena tocou em seus dedos. Seus dedos paralisaram na minha barriga, e ele respirou fundo.

Suspirei contra o cume duro de sua clavícula, me preparando para um ataque de aborrecimento por ele ter sido arrastado para uma das minhas memórias, por mais acidental que fosse.

Adam voltou a si com um estremecimento forte e uma expiração mais forte ainda. Ele não disse uma única palavra quando retomou sua desagradável massagem nos dedos, mas a aspereza de seus dedos falou muito.

— Qual das minhas missões você esteve a par?

Três golpes punitivos depois, ele resmungou:

— O jogador de hóquei. Anderson.

Ah. Anderson. O estudante universitário viciado em drogas para melhorar o desempenho.

— Acho que ele pode ter sido minha missão mais longa. Ele ficava

prometendo parar, mas não o fazia.

— Claro que não. Ele estava obcecado por você, e seu vício em pílulas chamou sua atenção. Por que ele iria parar?

Cerrei os dentes com o excesso de força que Adam estava usando.

— Anderson não era obcecado por mim. Ele tinha uma namorada.

— Isso nunca impediu nenhum cara…

Recuei a cabeça, batendo contra a pedra quente.

— Talvez isso nunca tenha impedido *você*, mas Anderson nunca tentou nada comigo.

Embora os nós dos dedos de Adam ainda estivessem na minha cintura, eles não se moviam mais contra mim. Eu definitivamente havia atingido um ponto fraco. O que provavelmente não era a coisa mais inteligente que eu poderia ter feito em um momento como este, mas eu não estava com vontade de deixá-lo julgar meu pecador injustamente.

— Da mesma forma que Junior não tentou nada com você? Da mesma forma que ele não sugeriu se aproveitar de você em Caracas?

Encarei seus olhos semicerrados.

— Você disse que não havia câmeras dentro dos quartos.

Evitando meu olhar, ele disse:

— Os brincos estão equipados com microfones.

— O quê? — exclamei em um tom agudo, sentindo minhas entranhas se contorcendo com a respiração abrasiva que precisei para gritar. — Quando você ia me contar?

— Nunca.

Balancei a cabeça, então pisquei para conter as lágrimas que não tinham a ver inteiramente com a ferida no meu abdômen. Quando abri a boca para chamá-lo de idiota, minha barriga deu uma guinada e expeliu algo que estalou contra a pedra. Antes que o jato do chuveiro pudesse lavá-lo, coloquei a palma da mão sobre ele.

— Saiu — eu disse estupidamente.

Fechei os dedos ao redor da engenhoca do tamanho de grão de bico e a envolvi em minha mão trêmula, antes de abrir os dedos, tomando cuidado para manter a mão em concha.

Esperei que a dor passasse, mas minhas entranhas estremeceram, e uma corda de sangue contaminado jorrou do meu umbigo, enchendo o ar úmido com o mau-cheiro de carne em decomposição.

A bile subiu, as cores rodopiaram, as linhas se curvaram. Quando minha

cabeça girou desta vez, nem mesmo o som estridente do apelido bobo que Adam tinha me dado a fez parar.

trinta e cinco



adam

FATO ANGÉLICO #363:
Para voar, você deve ousar cair.

— NAYA? Eu te trouxe um pouco de água. Você precisa beber. — A voz de Noah era baixa, mas insistente, como seus olhos e suas feições contorcidas.

Amarrando uma toalha em volta da cintura, eu o observei segurar o copo nos lábios pálidos da garota.

Eles não se entreabriram.

Naya não acordou.

Fazia vinte e quatro horas desde que levei seu corpo quebrado para fora do chuveiro e de volta para a cama king-size.

Vinte e quatro horas de Noah e eu nos revezando para trocar as bandagens encharcadas de sangue e as toalhas que usávamos para manter a roupa de cama um pouco limpa.

Vinte e quatro horas de quarto cheirando a fogo esfriando e o interior de uma lata.

Seu corpo acordaria quando ela estivesse pronta. Se preocupar era um desperdício de nosso tempo e energia. Ela era imortal, afinal.

E, no entanto, por toda a minha pretensão ao contrário, eu estava preocupado porque nunca tinha visto uma lesão como a dela. Nunca tinha visto tanto sangue. E se os explosivos nunca se dissolvessem completamente? O que aconteceria com o corpo dela então? Liguei para Dov. Ele não atendeu, da mesma forma que ainda não tinha aparecido ou respondido minha mensagem de texto sobre o custo de assassinar Triplos.

Liguei para Apa em seguida, mas desliguei antes que ele pudesse atender. Mesmo que eu precisasse de segurança e Dov não estivesse nos oferecendo, eu não poderia trair o ishim.

— Precisamos levá-la a uma associação. — A água esguichou do copo que Noah bateu contra o criado-mudo. — Ela vai se curar mais rápido e…

— Não. — Olhei para o anjo deitado em lençóis tão brancos quanto sua pele, como um cadáver em uma mortalha.

Afastei esse pensamento. Para *bem* longe.

— Adam… — Havia uma tensão no tom de Noah, como se seu humor fosse um elástico prestes a se romper.

— Ela é imortal.

— Ela está com dor.

— Ela está tranquila.

— Ela não está tranquila! Ela está queimando! Desde quando nossa espécie fica com febre?

— O Dov disse que ela iria sangrar.

— E se ele estiver errado! Ishim não são oniscientes. Mas você sabe quem é? Seraphim, ele é!

— Nós não vamos ligar para o pai dela.

— Pelo amor de Deus, Adam, não podemos ficar sentados sem fazer *nada*.

Noah e eu nunca tínhamos brigado antes. Não por brinquedos quando éramos crianças. Nem por garotas quando éramos adolescentes. Não em missões quando unimos forças. Não competíamos e não discordávamos. E, no entanto, aqui estávamos nós, competindo sobre quem estava errado e discordando sobre o que estava certo.

Tudo por uma garota que mal conhecíamos.

— Os explosivos plásticos estão infectando o sangue dela, provavelmente aquecendo enquanto queimam. Por isso, a febre. — Um monte de baboseira, até para meus ouvidos, mas ela era imortal.

Imortal.

Imortal.

A palavra saltou ao redor do meu crânio, se recusando a se estabelecer e gravar. Enrolei meus dedos ao redor da toalha amarrada na minha cintura, desejando que ela parasse de ser inconstante e apenas se enraizasse.

— Quando você se tornou um especialista em Semtex, hein? — Os olhos castanhos de Noah, seis tons mais claros que os de Naya, brilharam dez tons mais escuros.

— Estamos sem toalhas limpas e com pouca gaze. — Em outras palavras: *saia daqui. Vá dar uma volta. Esfriar a cabeça.*

— Você está me dizendo ou me dando ordens?

— Ela vai precisar das duas coisas em breve.

— Por que você não vai brincar de garoto de recados uma vez?

— Porque não sou eu que estou prestes a perder a cabeça. — Desatei a toalha e vesti uma calça jeans que Boone trouxe de Chicago quando veio buscar o dispositivo.

Noah passou a mão sobre seu corte de cabelo degradê.

— Como você consegue ficar tão calmo quando uma garota está sangrando sob nossos cuidados?

Às vezes, para fazer a coisa sensata, era preciso ser um pouco insensível.

— Não uma garota, um anjo.

— Eu juro, o quartzo de Elysium não chega *aos pés* da dureza de sua cabeça — Noah grunhiu.

Em qualquer outra circunstância, eu poderia ter sorrido com seu insulto lírico, mas não havia em mim para sorrir.

— Eu vou, mas não estou feliz com a forma como você está lidando com as coisas, Adam. Nem um pouco feliz. — Suas asas cor-de-rosa estavam eriçadas enquanto ele se dirigia para a porta, fez um retorno para pegar a pilha de toalhas, então girou e saiu com grande alarde.

Noah achava que manter Naya aqui estava me deixando feliz? Porque não estava. Teria sido muito mais fácil despejá-la em uma associação e deixar os ophanim lidarem com ela. Sem mencionar que, embora Galina insistisse que tinha as coisas sob controle em Chicago, a equipe se uniu por um motivo.

Claro, o caso da assassina em série havia evoluído, e só um humano precisava de proteção em vez de inúmeros outros, mas permitir que Calliope executasse seu plano de vingança continha uma asa cheia de riscos. Para os anjos que a guardavam. Para o avô que se recusava a sair do lado dela. E para a alma de Calliope, se a força policial passasse por nossas defesas.

Nossa assassina vingativa e todas as Garotas Circle se beneficiariam se eu colocasse Naya aos cuidados de outra pessoa, porque, além de Chicago, uma viagem à Venezuela era necessária.

Meu toque de aplausos soou. Peguei o telefone debaixo do cobertor xadrez piniquento que me manteve semi-quente durante a noite.

LEVI: *Oi. Tenho notícias sobre a garota que morreu no avião. Sua morte foi considerada overdose de drogas. Dunmore enviou aos pais suas condolências, prometeu transportar o corpo para casa e pagar todas as contas do funeral.*

Segurei meu telefone com tanta força que esperei que ele se quebrasse. Overdose de drogas, minha bunda. Mais como uma overdose de Semtex.

EU: *Duvido que o corpo algum dia volte ao solo britânico.*

LEVI: *Esse é o meu palpite também.*

EU: *Como está a Calliope?*

LEVI: *Ela e Galina fizeram uma viagem para pegar o próximo. Aquele que*

saiu da cidade. Galina achou que seria melhor se C. saísse de Chicago, que está cheia de policiais.

EU: *Provavelmente inteligente.*

EU: *Alguma informação de quando Junior está planejando seu golpe?*

LEVI: *Tentando grampear seu celular, mas ele tem algum bloqueador de alta tecnologia instalado naquela coisa. Se eu não conseguir, Boone vai pessoalmente implantar um vírus espelho no telefone para que eu possa acessá-lo remotamente.*

EU: *Não sozinho.*

Quando ele não me respondeu imediatamente, acrescentei: *Entendido?*

LEVI: *Ele disse que não fará nada sem te consultar*.

EU: *E os eSIMs? Você pode desativá-los?*

LEVI: *Eles não estão ativados*.

Bufei de frustração antes de reformular minha pergunta: *você pode destruí-los remotamente para que NÃO possam ser ativados?*

LEVI: *Para excluí-los permanentemente, eles precisam ser ativados.*

EU: *Então, como vamos ativá-los?*

LEVI: *Com um código QR.*

EU: *Faça*.

LEVI: *Eu não tenho o código QR.*

EU*: E onde está esse código QR?*

LEVI*: Nos servidores da empresa de telecomunicações.*

LEVI*: Ainda executando o ID do SIM digital pelo sistema. Assim que eu conseguir, te aviso.*

LEVI*: Quando você volta para casa?*

EU*: Quando a Naya sair dessa.*

LEVI*: Você não pode deixar o Noah com ela?*

Meu olhar deslizou por sua forma imóvel, sobre a longa extensão de cílios, pela boca rosa em forma de arco.

EU: *Ela é minha responsabilidade.*

EU: *Envie notícias assim que tiver alguma.*

Eu estava pensando em ligar para meus pais quando o farfalhar dos lençóis atraiu meu olhar para a confusão de cachos loiros espalhados ao redor de um rosto que parecia esculpido em um bloco de quartzo.

— Não me deixe — Naya murmurou.

— Não vou a lugar nenhum.

Eu estava andando até a cabeceira quando ela acrescentou:

— Você prometeu, Jarod.

Um calafrio envolveu minha espinha. Jarod novamente. Quem, em Abaddon, era esse cara? Um humano, um pluma, um idiota com todas as penas?

Ai. Esfreguei meu ombro dolorido.

A pena não veio de lá, mas a dor irradiou por toda parte. Se jogo fosse permitido, eu apostaria que os anjos haviam estabelecido seu sistema punitivo para nos incitar a selar nossas penas em nossos ossos das asas o mais rápido possível. Pensar que chegaria o dia em que eu poderia xingar a bel prazer e não sentir nada.

— Não! — O choro desolador de Naya imobilizou minha mão e parou meu coração. — Não, não, não, não, não! — Ela fingiu não o conhecer, mas sua angústia era muito palpável para essa pessoa não ser real.

O suor brilhava em sua testa. Pressionei as costas dos meus dedos contra o brilho fino. *Fogo*.

Noah estava certo, ela estava queimando. Afastei o edredom de seu corpo, em seguida, empurrei a camiseta para cima para olhar o curativo. Encharcado.

Peguei o rolo cada vez menor de gaze na mesa de cabeceira, desenrolei-o, depois retirei as pontas do que tínhamos colado em sua pele, há menos de duas horas, e o substituí por um novo. Enquanto eu prendia as bordas, seus dedos finos seguraram meu pulso.

— Você não pode me deixar.

Olhei para a galáxia de veias azuis estragando suas pálpebras cerradas. Ela se referia a mim desta vez?

Seus dedos rebocaram minha mão até sua bochecha, prendendo-a ali.

— Por favor, Jarod. Por favor.

Ah. Não era eu.

Instintivamente, eu não tinha gostado do cara, mas entender sua história fortaleceu meu desgosto por ele. Também me fez perceber por que ela fingiu não o conhecer quando o mencionei no chuveiro. Eu arriscaria dizer que Jarod a abandonou.

Soltei minha mão de seus dedos trêmulos.

— Não vou a lugar nenhum, Pluma.

Sim, eu sabia que ela não se referia a mim, mas não pude resistir a lembrá-la de que eu não era o idiota inconstante. Da mesma forma que não pude resistir a usar aquele apelido bobo que sempre a deixava irritada.

Eu queria acender essa faísca.

Queria que seus olhos escuros se abrissem e demonstrassem sua

insatisfação.

Me deitei no lado da cama que ainda tinha a marca do corpo de Noah, mesmo que ele não houvesse deitado lá há horas, e peguei meu telefone, querendo checar as notícias, quando Naya choramingou.

Me virei de lado, dobrando um braço debaixo do travesseiro, e toquei sua bochecha.

— Você vai ficar bem. Juro por cada estrela Elysiana no firmamento. Você sabe, todas aquelas pelas quais você foi nomeada?

Uma lágrima escorreu de seu olho e correu pelo comprimento do meu dedo médio.

Porcaria. Eu não estava nada preparado para lidar com lágrimas. Especialmente quando eu não entendia sua origem. Ela estava chorando pela dor da dissolução do Semtex ou por causa do sonho que estava tendo com seu ex cretino?

— Naya — passei o polegar sobre sua bochecha, a ponta calejada do meu dedo deslizando por sua pele úmida —, o que posso fazer?

Eu não esperava uma resposta.

E, no entanto, eu tive uma. Ela abriu os olhos e me fixou com aquele olhar obsidiano que me atingiu direto na alma.

— Não me deixe desta vez. — Um instante depois, seus olhos se fecharam e eu me perguntei se tinha tido uma alucinação com seu olhar penetrante.

Ela estava me confundindo com o idiota com quem namorou, ou estava reclamando por eu tê-la deixado na mansão Dunmore na noite em que viemos buscá-la?

trinta e seis



naya

O TAMBORILAR suave da chuva contra as telhas batia contra meu crânio nebuloso.

— Ela vai se curar mais rápido em uma associação — Noah estava dizendo.

— Não podemos levá-la para uma associação. O pai dela vai arrancar os ossos das nossas asas. — *Adam*.

— Ela está inconsciente há dois dias e ainda está sangrando.

— Enquanto tiver Semtex dentro dela, ela vai sangrar. — Esta era uma terceira voz. Boone, pensei.

— E se ela tiver Semtex em seu organismo pelas próximas duas semanas? — Noah perguntou. — Ela não come e não bebe…

— Não vai demorar tanto. — Eu esperava que a confiança de Adam fosse baseada em fatos reais.

— Os ophanim poderia expurgá-lo de seu organismo mais rápido — Noah insistiu. — Eles têm maneiras…

— Não podemos depenar levá-la para uma associação!

— Você pode ser muito egoísta às vezes, sabia? *Tão* egoísta.

— Isso não sou eu sendo egoísta, isso sou eu tentando salvar os nossos traseiros!!

— Sim. Continue dizendo isso a si mesmo.

Talvez Adam estivesse sendo egoísta, mas também estava sendo inteligente. Me levar para uma associação arruinaria tudo. Eu era imortal; no fim, me recuperaria completamente. Ao contrário das Garotas Circle.

A equipe de Adam encontrou uma maneira de ajudá-las? Foi por isso que Boone veio? Eles conseguiram desativar os SIMs?

— Prometi aos meus pais que passaria o dia com eles. É o aniversário de Ama. — As palavras de Noah foram pontuadas por bufos esporádicos. — Estarei de volta pela manhã. Se a Naya não estiver melhor até lá, e o Dov não nos oferecer ajuda, não vou te dar escolha, Adam. — E então a porta bateu.

Silêncio completo e absoluto reinou após a saída brusca de Noah. Todos haviam ido embora? Meu pulso acelerou com a possibilidade. Eu podia ser imortal, mas não queria ficar sozinha. Já que meus olhos estavam determinados em não se abrir, ouvi os sons.

Um batimento cardíaco. Um suspiro. Qualquer coisa.

Meu pavor se espalhou e meus pulmões se contraíram. Eles se foram. Eles…

A voz grave de Adam ressoou em meus tímpanos.

— Tem certeza de que está disposto a ir lá sozinho, Boone?

— Se você estiver livre para vir comigo, não vou dizer não.

— Não posso.

O calor se espalhou pelo meu corpo gelado com a recusa de Adam. Talvez minha saúde frágil não fosse o motivo de sua permanência, mas não pude deixar de me sentir tocada por ele ainda estar aqui quando poderia não ter vindo.

Tentei resmungar:

— Vá. — Mas a palavra ficou presa na minha língua enquanto minha cabeça se tornava tão felpuda quanto as plumas que me mantinham viva.

trinta e sete



naya

UM SILVO FEZ minhas pálpebras tremerem.

— O que acontecerá se ele aparecer na casa da Emmy, hein?

— Ele não vai. Acabei de enviar uma mensagem para dizer a ele que ela está em uma viagem com amigos.

— Você acha mesmo que o pai superprotetor dela vai acreditar nisso?

Como peças de quebra-cabeça, o quarto se juntou diante dos meus olhos, se interligando, e as duas formas que se elevavam sobre minha cabeceira se encheram de cores.

Adam e Noah.

Meus dois enfermeiros fiéis.

Eles não notaram meus olhos abertos, muito concentrados nos olhos semicerrados um do outro.

— Eu não tenho amigos com quem eu faria uma viagem — murmurei, a voz grossa de sono e desuso.

— Viu só? — Noah estendeu um braço em um gesto de *eu te avisei* antes de paralisar. Ele virou a cabeça na minha direção. — Naya! Você está acordada!

Fiz uma careta com a intensidade de seu tom.

— Desculpe. — Ele apertou o lábio inferior com os dentes retos e brilhantes. — Não quis gritar.

— Tudo bem. — Embora eu quisesse me alongar, estava com muito medo de agravar a dor surda que apertava meu estômago. — Ainda estou sangrando?

— Você parou ao amanhecer. — Foi Adam quem respondeu.

Sua voz era tão monótona que não pude evitar dizer:

— Contenha sua excitação.

Noah bufou e sorriu, mas não Adam.

Seus lábios apertados nem se curvaram.

— Fico feliz em ver que seu coma não acabou com seu senso de humor.

Um telefone tocou. Quando Adam e Noah olharam para a mesa de cabeceira, percebi que provavelmente era o meu. Estendi a mão para ele. O nome *Apa* piscou na tela, junto com uma foto que tirei dele depois que ele frequentou o “salão de beleza” de Lyla e Arden e eles arrumaram seus cabelos loiros com presilhas brilhantes.

Sorri até que me lembrei do motivo pelo qual ele estava ligando.

— Para onde você disse que eu fui?

— O campo inglês. — As bochechas de Adam se esvaziaram, depois se encheram. — Fui vago.

Assenti, endureci a espinha e, em seguida, passei meu dedo pela tela para aceitar a chamada recebida.

— Apa, oi.

— Desde quando você tira folga no meio de suas missões? — Sua voz estava tão alta que eu tirei o telefone do ouvido. — E quem são esses amigos?

— Eu precisava de uma pequena pausa. — Olhei para Adam e Noah. — Quanto às pessoas com quem estou, são apenas plumas que conheci recentemente.

— Quais são os nomes deles?

— Apa… — Tentei soar como se estivesse o repreendendo em vez de completamente apreensiva.

— Nomes, Naya.

— Por quê?

— Porque eu quero saber com quem minha filha anda.

Me sentei, estremecendo um pouco. Noah correu para ajudar, afofando meus travesseiros.

Sussurrei um *obrigada* que foi dominado por meu pai exclamando:

— Quem…

— Apa, se eu te der os nomes deles, você só vai assustá-los da mesma forma que faz com todos os garotos com quem eu faço amizade.

— Esses amigos são garotos? — Seu rugido perfurou minhas têmporas.

— Sim.

— Plural?

— Sim.

A covinha na bochecha de Adam apareceu. Claramente, ele havia relaxado e estava gostando do meu interrogatório.

— Mas eles são só isso. Amigos. E eu gostaria que permanecessem assim, já que não tenho mais a Raven. — *Então pare*…

Mesmo que eu não tenha feito meu pedido em voz alta, meu pai devia ter percebido pelo meu tom, porque ele respirou pelo telefone como o cavalo em que eu galopei antes da minha missão ir pela ladeira como diria o ditado.

— Você perdeu três penas — ele finalmente disse.

Enrolei o edredom entre meus dedos, olhando para as toras empilhadas na

lareira redonda.

— Estou ciente.

— Seus novos *amigos* têm alguma coisa a ver com suas penas caídas?

— Você nunca mentiu, Apa?

Silêncio. Ele se estendeu por tanto tempo que verifiquei a tela para ter certeza de que a ligação não tinha caído.

— Se você sente necessidade de mentir para esses novos amigos, então eles não são pessoas com quem você deveria andar, Estrela.

Apertei o tecido macio, achatando-o entre o polegar e o dedo indicador.

— A culpa é minha. *Só* minha.

Não mais sorrindo, Adam cruzou os antebraços na frente do peito.

— Eu quero te ver. — A voz do meu pai era infinitamente mais gentil. — Vou buscá-la para jantar hoje à noite. Me diga onde você está.

Meu pulso disparou, junto com um raio de surpresa por ele não conseguir rastrear o GPS do meu telefone. Eu estava presumindo que Levi tinha, de alguma forma, desativado.

— Assim que eu voltar, eu te ligo.

— Naya… — Meu pai parecia exasperado, o que era uma mudança boa em relação ao seu tom lívido anterior.

— Ligo para você assim que voltar, prometo.

— Não gosto disso.

Eu imaginei.

— Apa, estou segura e estou… — *Me divertindo* seria um exagero e certamente arrancaria uma pena dos ossos das minhas asas. — Estou segura e não perdi a noção do meu propósito.

Isso o apaziguaria, já que essas eram suas duas maiores preocupações. Absurdo, considerando o quanto eu estava à frente do objetivo. Às vezes, parecia que meus pais sofriam de perda seletiva de memória, como se esquecessem que ganhei mais de 940 penas na metade do tempo que tinha para construir minhas asas.

— *Ni aheeva ta*, Apa.

Ele suspirou, longo e alto.

— Não tanto quanto eu, *Kalkohav*.

Arrependimento fez desaparecer o calor que sua declaração acendeu. Eu odiava não poder contar tudo a ele. Odiava não poder correr para ele e me esconder em seus braços até que tudo estivesse bem com os mundos novamente.

Quando uma lágrima escorreu pelo meu rosto, eu a limpei.

— Dê a Ama e Lyla um grande beijo por mim. E a Nitznootz. Ele ainda está lá, certo?

— Está, sim.

— A Mira perdoou o Tobias? — Olhei para Adam então. Seus braços ainda estavam cruzados, mas seus ombros haviam perdido a tensão.

Meu pai soltou um bufo suave.

— Ela o proibiu de dar presentes pelo resto de seu mandato como ophanim, mas permitiu que ele passasse e visitasse *o bichinho de estimação*, como ela chama a pobre criatura.

— A quem ela ama muito.

— Você conhece a Mira. — Fiquei feliz ao ouvir o sorriso que delineou as palavras de meu pai. — Ela fez uma cama para Nitznootz em seu escritório, embora afirme que o cobertor no chão sempre esteve lá.

Eu ri, e doeu, mas também era muito bom rir. Depois de dizer ao meu pai que o amava novamente, desliguei.

Adam estava olhando para mim como se eu fosse parte *haccoul*.

— O que foi? — Autoconsciente, acariciei meu cabelo e me encolhi. Tentei alisar as raízes e desembaraçar os nós, mas meus dedos ficaram presos.

— Obrigado por não nos dedurar.

Ah. Baixei a mão, desviando o olhar para Noah, que estava agachado em frente à lareira, e assenti enquanto as chamas oscilavam, espalhando-se sobre as toras.

— Obrigada por não desistirem de mim.

A névoa das drogas, o peso do pântano, a pontada da agulha… O que Robbie e Pablo fizeram comigo voltou com tanta nitidez que um arrepio percorreu meu corpo. Pisquei para afastar o passado e me estabeleci no presente.

Nos dois anjos que passaram incontáveis dias e noites escondidos neste quarto de formato estranho.

Engoli para umedecer minha garganta ressecada.

— As garotas… elas ainda estão vivas?

Quando o bíceps de Adam flexionou, eu já estava chegando a horrível conclusão de que eu tinha dormido durante o massacre.

— Elas… estão. — Por que ele hesitou? — Mas o Boone ouviu uma conversa entre Robbie e sua mãe sobre a festa de aniversário do Rei Perez. O Robbie estava encorajando a mãe a deixar o país antes disso.

Vi um copo de água na mesa de cabeceira e estendi a mão, meus dedos se fechando em torno dele com dificuldade.

— E quando será isso? — Os músculos do meu braço tremeram quando levei a bebida à boca e tomei um gole que queimou enquanto umedecia.

— Em três dias.

Três dias? Era simultaneamente muito pouco tempo e mais do que poderíamos desejar.

— Não. — A interjeição de Adam me tirou dos meus pensamentos.

Noah tinha perguntado a ele alguma coisa?

Ele inclinou o queixo, me encarando com um olhar aguçado.

— Nem pense nisso.

Ah. Então foi por isso que ele disse não. Azar.

— Vou levar essa missão até o fim.

Noah espanou as mãos contra a calça jeans enquanto se levantava, as pontas metálicas das asas delineando seu corpo largo como cola glitter.

— Já cuidamos disso, Naya.

A esperança acendeu como uma labareda no meu peito.

— Vocês conseguiram desativar as bombas?

— Estamos trabalhando nisso. — O pomo de adão de Adam se moveu.

— Em outras palavras, vocês estão cuidando disso, mas *não* cuidaram. — Afastei os lençóis das minhas pernas. Descobri que estava usando uma cueca que não era minha e aquela camisa roxa do pub que era. Decidi não me perguntar como qualquer um dos dois foi parar ali.

— Você está longe de estar curada. — O olhar de Adam traçou a linha de pele clara entre a bainha da camisa e o cós da cueca.

— Eu parei de sangrar.

— Só porque sua ferida selou não significa que você está em bom estado para perambular pela América do Sul.

Minha cabeça se prendeu à palavra *perambular*. Não era o tipo que eu esperava ouvir de Adam.

— Você levou um tiro na perna e, ainda assim, *perambulou* pelas selvas britânicas, então você é realmente a última pessoa que deveria me aconselhar a ficar quieta.

— Eu disse que sua lógica era falha. — Noah sorriu enquanto enfiava os braços na jaqueta de couro e colocava uma bolsa pesada no ombro. — Vou lavar isso na associação para que o pessoal do hotel não pense que matamos alguém durante a nossa estadia. — Noah parou na porta. — A menos que você prefira que *eu* fique, e Adam banque a governanta pela primeira vez. Pensando melhor… — a bolsa escorregou até a dobra de seu cotovelo — isso

provavelmente faria muito bem ao seu traseiro mau humorado.

Adam virou a cabeça em direção à lareira.

— Por mim, pode jogar tudo no fogo.

Depois de uma longa pausa, Noah suspirou e deslizou a bolsa de volta pelo braço.

— Não vamos queimar lençóis de mil dólares.

Depois que ele fechou a porta, sacudindo o monte de garrafas de vidro espalhadas pela mesa de centro, perguntei:

— O que o Boone descobriu estudando o dispositivo que estava dentro de mim?

— Que funciona com um cartão SIM embutido.

Meu pulso acelerou com a notícia.

— Então as bombas explodem com um telefonema?

— Assim que os eSIMs forem ativados, sim.

— Eles não foram?

— Não.

— Isso é… bom. Certo?

— Sim e não. Eles precisam ser ativados para serem excluídos permanentemente. A ativação requer um código QR, que a empresa de telecomunicações enviará a Pablo a seu pedido.

— Podemos nos passar por Pablo e solicitar o código?

— Assim que descobrirmos de onde os chips virtuais foram comprados, talvez. O Levi começou a analisar todas as compras recentes de Dunmore, já que Robbie é quem os comprou, mas o Triplo usa criptomoeda para a maioria de suas transações, o que torna conseguir as informações penosamente difícil.

— Estou surpresa que você não tenha conseguido ouvir nada de útil naqueles brincos convenientes que Boone me fez.

Adam ficou muito quieto.

— Eu estava esperando que você esquecesse disso.

— Não posso acreditar que você estava escutando minhas conversas. — Desejei que um pedido de desculpas saísse de sua boca.

— Cripto é difícil de rastrear porque hackear o blockchain é praticamente impossível.

Se ele achava que havíamos terminado de discutir os brincos, ele mal podia esperar. Mas deixei de lado por enquanto.

— Grayson explicou a complexidade do sistema para mim.

Um lampejo de aborrecimento apertou os olhos de Adam.

— Talvez ele possa nos ajudar — pensei em voz alta.

— Nós *não* vamos envolver humanos.

Inclinei a cabeça para o lado.

— Achei que você trabalhasse com agentes da lei e especialistas em *todos* os seus casos.

Sua mandíbula contraiu. E contraiu.

— Isso pode ter sido um exagero.

No entanto, ele não tinha perdido uma pena quando falou um monte sobre isso. Provavelmente foram as palavras que usou. Mentiras habilmente articuladas escapavam do radar do ishim.

— Grayson saiu do hospital?

— Sim. — O tom sombrio de Adam fez uma das minhas sobrancelhas se erguer.

— Por que você não gosta dele? Ele te fez algo quando você estava namorando com a Emmy?

— Você não pode gostar ou não de alguém para quem não dá uma pena.

Examinei o olhar semicerrado de Adam, em seguida o tapete sob seus pés de tênis.

— Independentemente de seus não-sentimentos e suas regras, Grayson conhece blockchains. Ele pode ser um trunfo no caso. Além disso, ele odeia os Dunmore e, já que ele fingiu estar doente, já está ciente do nosso envolvimento.

— Você deveria ter mais fé em Levi.

— Tenho fé nele, mas não vejo como ter mais uma pessoa neste caso possa machucar. Temos três dias para salvar quarenta e nove meninas.

— Quarenta e oito.

— Eu não contei a Emmy.

— Eu também não.

Meu coração ficou muito quieto.

— Uma das meninas morreu durante o voo.

Inalei uma respiração que fez a mucosa da minha garganta arder.

— Eles estão alegando que ela teve uma overdose no banheiro do avião. Pediram ao legista local para fazer vários testes para confirmar a presença de drogas no organismo dela. Não preciso dizer que os testes deram positivo para heroína, mas não para Semtex, o explosivo usado.

Pressionei a mão contra meu peito que batia forte.

— Quem? Qual garota?

— Isso importa?

— Para mim, sim. — Eu conheci todas elas.

— Sua colega de quarto, Natasha.

Meu corpo ficou dormente, como se eu estivesse sendo mergulhado naquele gás entorpecente outra vez.

— Você acha que ela morreu por causa do Semtex ou por minha causa?

O fato de Adam não ter perguntado o que me fez tirar essa conclusão me disse que ele estava se fazendo a mesma pergunta. Que talvez, apenas talvez, Natasha tivesse ouvido algo naquela noite. Que talvez ela tivesse feito perguntas ou se recusado a acreditar que eu simplesmente me levantei e fui embora.

— Semtex é altamente nocivo — ele falou devagar.

Em outras palavras, *não se sinta culpada*. Como eu não me sentiria? Eu podia ter causado a morte de uma humana inocente.

— Naya… — Adam suspirou. — Mesmo que seja porque ela ouviu alguma coisa, não foi você quem a matou.

Pensei no sorriso brilhante e nos olhos luminosos de Natasha, em como sua alma provavelmente estava em Elysium. Eu poderia pedir a Eve para procurá-la e pedir desculpas em meu nome, mas isso exigiria explicar pelo que eu estava me desculpando e, embora considerasse Eve uma confidente, não poderia explicar. As paredes de quartzo das associações tinham ouvidos e olhos por toda parte.

O fogo ficou mais voraz na lareira envidraçada, devorando como minha culpa.

— Que anjo da guarda eu sou…

O nó dos braços de Adam afrouxou.

— Sem você, não teríamos descoberto o que eles injetaram dentro das meninas.

— Você grampeou o equipamento de vigilância dos Dunmore. Você teria descoberto com ou sem mim.

— Eu te disse. Tudo o que vimos foram seringas. Nós não teríamos descoberto o que havia nelas sem você.

— Você só está dizendo isso para me fazer sentir melhor.

— Não estou.

Nossos olhares se encontraram.

E ficaram presos um no outro.

Em seguida, olhei para o tapete, esperando encontrar uma pena preta, mas nenhuma havia caído. Quando olhei de volta para seu rosto, parecia vivo com mil e uma contemplações.

— Pensar que um malakim coletou sua alma. Pensar que nosso povo sabe e não vai interceder. — Passei as pernas pelo lado da cama até me sentar. Embora meu interior ainda parecesse estar preso em um torno, meus ossos estalassem e meus músculos tremessem, minha cabeça estava clara. — Não podemos nos dar ao luxo de perder outra noite aqui.

Meu comentário afinou os lábios carnudos de Adam.

Antes que ele pudesse me dispensar, eu disse:

— Minha missão. Minha decisão — Eu pressionei minhas palmas no colchão.

— *Nossa* missão.

— Certo. Mas minha participação em *nossa* missão continua sendo *minha* decisão.

— Você é teimosa como um depenador.

Eu sorri.

— Deve ser uma característica que vem com a cor de nossas penas.

Suas narinas se dilataram com um bufo suave.

— Ou nascer no mesmo dia.

— Verdade. Nascemos, não é mesmo? Se nos parecêssemos, eu poderia ter me perguntado se éramos parentes.

Minha observação apagou o pouco de diversão que iluminou seus olhos verdes, aparentemente horrorizados com minha especulação.

— Não pareça *tão* enojado. De acordo com Lyla, sou uma ótima irmã.

Isso não suavizou a nitidez que remodelou sua mandíbula.

— Sou descendente do Oriente Médio. Você, Naya Moreau, definitivamente não é.

— O que me entregou? Minha extrema palidez?

— Você está assustadoramente pálida.

— Você deveria ver minha melhor amiga, Raven. O cabelo dela é branco como a neve, e as asas e olhos são do tom de azul mais claro que você já viu. Como icebergs.

Eu sentia terrivelmente a falta dela, mas quanto mais eu pensava sobre isso, mais percebia que sua ausência era uma bênção disfarçada. Raven teria muito a dizer sobre minhas decisões recentes.

— Aonde dói?

Limpei a garganta.

— O quê?

Ele gesticulou para mim.

— Aonde dói?

Minha culpa deve ter me feito fazer uma careta.

— Ah. Um pouco em todos os lugares.

Suas narinas dilataram como se estivessem com raiva em nome do meu corpo.

— Você tem sorte de ter um melhor amigo de mente aberta como Noah — falei apenas isso enquanto me erguia.

Fiquei de pé por dois segundos inteiros antes que meus joelhos se transformassem em borracha macia e minha visão, em finos grãos de areia. Cambaleei, mas em vez de cair para trás, me aproximei de Adam, que estendeu os braços e me pegou. Isso não ajudaria a provar que eu estava em forma para o que estava por vir.

Minha visão se realinhou primeiro, seguida pelo meu esqueleto, e então meu olfato. Anjos, o garoto cheirava bem – fresco e doce com um leve toque de almíscar.

— Minha glicose está baixa. Um pouco de comida, e estarei pronta para ir.

Seu grunhido me disse que ele discordava sobre as calorias serem meu único problema.

Depois de outro momento usando Adam como muleta, me afastei dele. Bem, tentei. Seus braços eram inflexíveis.

Virei meu rosto para o dele. Encontrei-o olhando para mim com tanto vigor que comprimiu minhas veias.

— Juro que vou começar a fazer minha parte.

Suas sobrancelhas baixaram um pouco mais, saturando seus olhos vibrantes com sombras.

Sim, fui diminuída, e sim, encontrei-me à mercê de homens nefastos e depois no fundo de um pântano, mas não mais.

Nunca mais.

Enquanto eu pressionava as mãos contra o peito de Adam para me libertar de seu aperto e provar que eu era capaz de ficar em pé sozinha, seu rosto se aproximava tanto que sua respiração tocou meu nariz antes de tocar minha boca. Bem, o canto dela.

Eu me assustei.

Ele tinha acabado de… ele tinha acabado de me *beijar*? *Não*… Adam nunca… ele nunca me beijaria. Sua boca deve ter escorregado ou…

— O que foi isso?

— O que foi o quê?— A irritação aprofundou seu timbre e carranca. Ele

estava irritado comigo? Consigo mesmo?

Meu pulso disparou contra meus tímpanos quando levantei os dedos e toquei o local em que seus lábios haviam roçado.

— Hum…

Seu olhar se intensificou, fazendo um rubor inundar meu rosto. Devo ter imaginado o beijo.

Aplausos repentinos e assobios irromperam de seu bolso, pondo fim a esse estranho parênteses na vida e nos tempos de Naya Moreau. Os braços de Adam afrouxaram como um elástico cortado enquanto ele pegava o telefone.

Quando cambaleei para trás, tentando colocar alguma distância entre nós, a palma de sua mão encostou na base da minha coluna para me manter de pé. Embora eu estivesse feliz pelo apoio, isso me obrigou a ficar perto dele, o que não ajudou meu corpo a esfriar. Felizmente, porém, sua atenção estava na tela e não em qualquer lugar perto do meu rosto. De repente, seus olhos semicerraram e seus dedos apertaram a parte de trás da minha camiseta, apertando o tecido.

— O que aconteceu? Eles detonaram as meninas?

Ele inclinou a tela do telefone para mim. Ao ler a notícia, senti como se estivesse de volta ao pântano, a água gelada envolvendo meus membros e enchendo meus pulmões.

Meus dedos apertaram o pulso de Adam e puxaram o telefone para mais perto, porque eu não podia estar lendo as palavras direito

Grayson não poderia estar…

EVAN.

— Grayson Evan. — Li o nome completo da vítima em voz alta antes de bater meu dedo indicador na tela. — Não Rogers. A Emmy… Esse não é… — Minha voz murchou em minha garganta quando meu dedo inadvertidamente arrastou o artigo para baixo, para a foto do jovem britânico que foi atropelado por um carro enquanto atravessava um cruzamento movimentado em South Kensington. Levei a mão a boca. — Eles alegam que foi um acidente — resmunguei por entre meus dedos trêmulos. — Mas não foi, foi? Eles o atacaram por causa do que eu… o que eu pedi a vocês… Ah, anjos…

— Não. Foi. Culpa. Sua. — Os dedos de Adam se espalharam na parte inferior das minhas costas. Ele não tremeu, mas sua rigidez traiu o quanto ele estava abalado. — Eu deveria saber. Deveria ter pensado melhor no meu plano.

— Precisamos ligar para a Emmy. — Mesmo sabendo que a alma de Grayson estava segura em Elysium, ela não sabia. — Ela deve estar devastada.

Se Dunmore e Pablo eliminaram um estranho que estava por fora, o que

fariam com alguém que estava do lado de dentro?

A expressão sombria de Adam me disse que sua mente estava presa à mesma consideração. Em câmera lenta, ele percorreu seus contatos até chegar ao número dela e discou.

Tocou e tocou.

Foi para o correio de voz.

Ele tentou outra vez.

Correio de voz novamente.

Quando olhei para ele, ele não encontrou meus olhos.

Embora nós, anjos, soubéssemos que as almas boas tinham futuro, ver a vida mortal chegar ao fim ainda nos afetava, ainda fazia nossos corações doerem.

Enquanto seus dedos percorriam a tela, tracei o padrão da pegada que marcava o tapete de lã creme e pensei nas marcas que cada um de nós deixava nas pessoas e nas coisas.

Como Grayson tinha sido atencioso cozinhando para a mãe ocupada. Quanta gentileza ele teve com Emmy depois de suas bebedeiras. Com que generosidade ele se comportou quando me vi sozinha em uma nova cidade.

Lágrimas por sua breve vida escorreram. Que perda sua morte era para este mundo.

— Ela está viva. — A voz de Adam atravessou minha pequena apresentação de slides de Grayson. — Ela está viva e atualmente voando sobre o Atlântico.

Limpei as lágrimas.

— Ela está em um avião? — Respirei fundo. — Ela está em um avião!

Ele não precisava me dizer o destino dela. Eu sabia em cada fibra do meu ser. O que eu não sabia era se ela havia embarcado de bom grado ou foi forçada a entrar sob a mira de uma arma.

trinta e oito



adam

FATO ANGÉLICO #76:
Uma peça solta pode colapsar uma estrutura inteira.

— COMO VOCÊ SABE? — Naya perguntou.

— Que a Emmy está viva? O Noah acabou de verificar o perfil dela em um holo-classificador. Que ela está indo para a Venezuela? Da última mensagem de texto de Grayson.

Dunmore entrara em contato com Emmy para verificar a saúde de Grayson. Depois que ela disse que ele estava em casa e incrivelmente bem, Robbie disse a ela que havia uma passagem aérea em seu nome, caso ela quisesse se juntar a eles em Caracas, efetivamente atraindo-a de volta.

Onde a dor consumiu Naya, a raiva me engoliu inteiro. Tudo o que fizemos, fizemos em vão!

E os danos colaterais…

Passei os dedos pelo meu cabelo enquanto pensava no que Emmy tinha feito! Do que ela colocou em movimento. Se ela não tivesse se juntado às Garotas Circle, Naya não teria acabado no fundo de um pântano e Grayson não teria sido silenciado pelos pneus de um carro.

Era errado eu culpá-la por tudo, entretanto, porque era eu quem ocupava o degrau mais alto da escada de ônus. Afinal, *eu* me vinculei a Emmy e, posteriormente, namorei com ela para entrar em Londres e observar os Dunmore. E depois *eu* fui o ex insensível que estimulou seu desejo de deixar a cidade e que devia ter comentado o nome da Dunmore Foundation em algum momento durante o tempo que passamos juntos. Quanto a Naya, ela se vinculou a Emmy para *me* conhecer.

— Me mostre.

— Te mostrar o quê?

Naya acenou para o meu telefone.

— A última mensagem… — Sua voz falhou, parou. Uma respiração irregular depois, ela disse: — de Grayson.

A garota estava perturbada, e ela conhecia o cara o quê? Uma semana. Eu conhecia Grayson há dois meses. Confesso que fiquei muito furioso por ele ter

falecido, porque o meio-irmão de Emmy era um cara decente, mas sua alma estava segura em Elysium, então as lágrimas eram excessivas. Evitei lembrar a Naya que ela o veria novamente, e logo, considerando a densidade de suas asas.

A compreensão me irritou.

Inveja, era isso. Inveja de que Naya estava tão perto da ascensão quando eu estava, *por opção*, longe disso. Isso é tudo o que eu estava sentindo. Eu não estava com ciúmes de Grayson.

Os detectores de mentiras enxertados nas minhas costas vibraram. Certo, tudo bem. Eu posso ter ficado com um pouco de ciúmes do quanto ela estava afim dele e do quanto ela *não* estava afim de mim. O olhar de horror que cruzou sua expressão quando ela levantou a cabeça e nossas bocas meio que acidentalmente se tocaram inundou minha visão novamente.

Engoli, compactando meu aborrecimento em uma bola de saliva que empurrei pela garganta

— Aqui. — Enfiei meu telefone em suas mãos, e enquanto ela lia suas palavras finais, afastei a mão de suas costas e esfreguei meu peito até quase ficar em carne viva.

— A Emmy provavelmente não sabe que o Grayson morreu. — A voz de Naya mal passava de um sussurro. — Pelo menos, quando ela pousar… quando ela souber disso, vai voltar para casa. — Lágrimas se aglomeraram em seus cílios, aprofundando a escuridão e o brilho de seu olhar. — Ele não terá morrido em… vão. — Ela franziu o cenho.

— Você sabe que ele está curtindo em Elysium, com sua pontuação de um dígito?

A escuridão de seus olhos pareceu diminuir e fluir para fora dela e para dentro de mim.

— Você pode ser tão insensível às vezes.

— Como *isso* foi insensível?

— *Ele* pode estar bem, mas em que estado você acha que a morte dele deixou a mãe? Ou o padrasto? Como você acha que a Emmy vai reagir quando descobrir que nunca mais vai falar com ele ou abraçá-lo?

— Ela provavelmente não vai descobrir. Eles vão retirar seu telefone e cortar seu acesso à internet, e já que a morte prematura de um ninguém não terá cobertura internacional de notícias…

— Grayson não era um ninguém! — A cor riscava as maçãs do rosto e a mandíbula de Naya, pintando seu rosto com mais cores do que eu já tinha visto.

— Eu não quis dizer desse jeito. — Cerrei meus molares, e minha

mandíbula emitiu um estalo oco. — Eu só quis dizer que Grayson Evan não vai aparecer nos jornais venezuelanos, então ela não vai descobrir que ele se foi até que sua alma seja levada para Elysium. E, sendo realista, isso provavelmente acontecerá mais cedo do que tarde.

As pálpebras inchadas de Naya se ergueram.

— Por que você fala como se já tivéssemos perdido?

— Porque falsas esperanças criam falsas expectativas.

— Bem, nenhuma esperança cria *nenhuma* expectativa — ela resmungou de volta.

— Fico feliz em ver que você recuperou totalmente sua sagacidade e espírito de luta.

— O que é uma boa coisa, já que você está com muita falta de ambos. — Naya olhou ao redor do quarto antes de dar um passo em direção a mesa de cabeceira. — A que horas ela aterrissa?

Enfiei o telefone no bolso para estar pronto caso a gravidade, novamente, levasse a melhor sobre a filha do arcanjo.

— Por quê?

Ela verificou o relógio na tela do celular.

— Para que possamos chegar a tempo de contar a ela e ajudá-la a embarcar no próximo voo para casa.

— Eu nunca pensei que diria isso, mas a solução para sobrevivência de Emmy é ser uma obediente Garota Circle. Se ela for para casa em Londres, você realmente acha que eles vão hesitar em apagá-la?

Naya desviou o olhar de sua série de notificações, a maioria chamadas perdidas de seus pais.

— Você acha que eles já a injetaram com o explosivo?

Dei de ombros.

— Possivelmente. Mas se não o fizeram, provavelmente farão isso no minuto em que a buscarem no aeroporto.

A mão que segurava o telefone de Naya se arqueou em direção à coxa, que parecia preocupantemente frágil após o coma de três dias, mesmo definida como era pelo músculo. Procurei comida pela sala, encontrei um saco de batatas fritas na mesa de centro. Eu o abri e entreguei a ela.

Ela me agradeceu e engoliu algumas, estremecendo após cada mordida. Peguei um copo de água e o empurrei em suas mãos. Ela bebeu. Quando terminou, levei o copo ao banheiro para enchê-lo novamente.

Sobre o som da torneira aberta, eu a ouvi dizer:

— Eu nunca deveria ter pedido para você levá-la para casa.

Desliguei a água, encontrando Naya na porta do banheiro. Agora que o processo de cura havia começado, ela estava se recuperando na velocidade da luz.

— Não.

— Não o quê? — Ela inclinou a cabeça para trás enquanto eu caminhava em direção a ela.

— Jogue o jogo da culpa. — *Como eu*.

O pacote de batatas fritas foi amassado.

— Como posso não me culpar pelo que aconteceu? Robbie não teria perseguido Grayson se a Emmy…

— Gray está morto porque *eu* o envolvi. Ele está morto porque eu o deixei se virar sozinho no minuto em que Emmy estava a caminho de casa. Quer alguém para culpar, Naya? Culpe a *mim*. Culpe a pessoa que tinha um plano ruim. Quem não pensou no depenar das coisas.

Admitir minha falha – *falhas* – em voz alta parecia como martelar um prego no gesso, posteriormente rachando a parede ao redor. Meu histórico de guardião era impecável, mas não mais.

Bati o copo de água na pia.

— Galina trouxe algumas roupas para você. Não posso garantir que vão servir, mas seu pai provavelmente vai gostar muito mais delas do que da minha cueca.

Suas bochechas coraram quando seu olhar se desviou para a barra da camiseta que mal cobria minha cueca emprestada, cujo cós Noah teve que dobrar algumas vezes.

— Não pareça tão enojada. Elas estavam recém-saídas do cesto da associação.

— Eu não estou — ela pigarreou — com nojo. — Como ela não perdeu uma pena, imaginei que não mesmo.

— Apenas perplexa sobre como ela chegou aí, então?

Ela torceu o nariz.

— Estou tentando *ativamente* não pensar nisso.

O cretino que eu era sorriu com seu desconforto.

— Vou pegar suas roupas.

Ela deu um passo para o lado para que eu pudesse passar por ela.

— Galina não mandou uma escova de cabelo por acaso?

— Não, mas há um pente em uma dessas gavetas. — Fiz um gesto para o

armário embaixo da pia quando voltei com uma braçada de roupas. Depois de depositá-los na borda da banheira, cambaleei de volta pela soleira. — Precisa de ajuda para se vestir?

Seu olhar se voltou para o meu, sua pele ficando rosada novamente.

— Não.

— Tudo bem então. Vou arrumar o quarto. Grite se mudar de ideia. Estarei do lado de fora.

Quando seu olhar escuro se derramou pelo rosto, meus ombros coçaram. Talvez, eu devesse ter admitido que Noah a vestiu, que eu estava muito abalado para fazê-lo, mas isso a apaziguaria? Noah era tão estranho para ela quanto eu e tão heterossexual quanto eu. Eu duvidava que ter seus olhos e mãos sobre ela a deixaria menos nervosa.

Levantei a mão para me coçar quando meus dedos encontraram penas. Tentei banir minhas asas, mas por algum motivo, falhei. As bochechas de Naya ainda estavam rosadas, mas seu olhar não estava mais nos meus olhos. Eles estavam nas minhas asas que estavam se esticando e se esticando…

Fechei a porta.

E então fiquei ali, do lado de fora do banheiro, com a palma da mão contra a madeira laqueada, sentindo o sangue correndo pelo meu corpo como se tentasse alcançar as extremidades mais distantes, neste momento, as pontas das asas estendidas.

Eu queria xingar, mas minha boca estava fechada em choque e minha cabeça estava zumbindo, tentando aceitar que eu tinha acabado de abrir as asas para alguém.

E não qualquer uma.

Naya Moreau.

Uma garota que esteve inconsciente, brava comigo ou fantasiando com outro cara durante a extensão da nossa companhia.

Uma garota que recuou com o toque inadvertido dos meus lábios.

Abaixei a cabeça e respirei fundo quando o jato do chuveiro atingiu os azulejos. Imaginei que ela havia tirado as roupas também e, pensar nela nua, fez outra parte do meu corpo ficar tão rígida quanto minhas asas.

Me. Depene.

Eu nunca perdi o controle. Eu era um maníaco por controle. O que essa garota estava fazendo comigo?

Me obriguei a pensar em coisas e pessoas desagradáveis até que minhas asas não parecessem mais lâminas rotativas e meu pau, como pedra. Minutos se

passaram antes mesmo de eu começar a me acalmar.

Quando percebi que estava silencioso do outro lado da porta, que Naya devia ter terminado seu banho, entrei em movimento, escondendo as asas com magia e correndo pelo quarto, jogando coisas ao acaso em duas grandes malas de tecido. No momento em que ela saiu do banheiro, com um par de jeans abraçando suas pernas magras e uma camiseta de manga comprida cobrindo a parte superior de seu corpo muito magro, eu estava fechando as malas e ofegando mais do que quando a tirei do pântano.

Ela carregava a camisa roxa e a cueca preta e os estendeu.

— Jogue fora. — Acenei para a lata de lixo ao lado da mesa oval encostada na parede. — Eles só vão te lembrar desse lugar.

— Que bom. — Quando franzi o cenho, ela falou: — Não quero me esquecer o que aconteceu comigo aqui.

Lentamente, peguei as roupas e, embora o algodão não tivesse propriedades mágicas, no segundo em que meus dedos se fecharam ao redor do tecido, ouvi seus choramingos de dor e gemidos ofegantes instigados por um homem chamado Jarod. Mesmo que eu quisesse rasgar as roupas, abri o zíper e as enfiei dentro da mala.

Quando olhei para cima, peguei Naya olhando para os nós brancos dos meus dedos com a testa franzida. Ela me pegou abrindo as asas para ela. Só podia ser. Antes que ela pudesse sugerir discutirmos isso, apontei os tênis que comprei pela internet depois de medir seus pés.

Selecionei algo brilhante, já que foi esse o tipo de calçado que eu tinha visto em seu guarda-roupa. Rosas abstratas decoravam as laterais externas dos tênis de sola branca e cadarços vermelhos adornavam a frente.

Depois de abrir a caixa, Naya olhou para o conteúdo por um minuto inteiro antes de voltar a atenção para mim.

— A Galina escolheu isso?

Tentando perceber pela expressão dela se ela gostava ou achava que eram horríveis. Incapaz de dizer, dei de ombros.

— São o único par que você possui atualmente, então é melhor colocá-los.

Minha evasão a fez franzir a testa, mas ela se sentou no sofá e os calçou. Antes de se levantar, ela passou a ponta do dedo pelas pétalas geométricas da rosa.

— São lindos.

Isso fez meu ego crescer. Ainda assim, não confessei tê-los comprado. Não precisava de gratidão ou que ela pensasse que eu tinha algum tipo de fetiche por

pés, porque eu não tinha, mesmo que a garota reconhecidamente tivesse pés bonitos, no que dizia respeito a pés.

— Vou deixar o Noah cuidar do *check out* quando ele voltar. — Peguei as duas malas enquanto ela pegava o celular da mesa de cabeceira. — Preparada?

Ela olhou ao redor, como se procurasse algo dela que pudesse ter deixado para trás, mas os Dunmore destruíram todas as suas posses terrenas. Ela passou os dedos por seus úmidos cachos dourados que já estavam começando a se enrolar e assentiu.

— Ah, estou pronta.

Ela parecia pronta para mais do que deixar esta enfermaria improvisada.

Ela parecia pronta para enfrentar o mundo, ou pelo menos, os Triplos rondando por ele.

trinta e nove



naya

ERA BOBO, mas eu não conseguia tirar os olhos dos meus tênis.

Depois de olhá-los com amor pela trigésima vez desde que me sentei para almoçar com meus pais na minha associação, Ama ergueu uma sobrancelha.

— Você e sua obsessão por sapatos.

Eu me assustei.

— Não sou obcecada por sapatos. Eu só gosto muito deles.

— Querida, você está obcecada.

Certo. Talvez eu estivesse, mas a razão pela qual eu não conseguia parar de olhar para esse par era porque eles eram tão *eu* – ao contrário do jeans e da camiseta preta que poderiam ser todos e qualquer um.

Enquanto Ama estava alegre como sempre, Apa mal disse uma palavra desde que desembarcou na associação de Nova York depois que eu mandei uma mensagem para ele dizendo que minha agenda havia sido liberada e eu estava livre para almoçar. Cheia de culpa como eu estava sobre minha missão secreta, mal encontrei seu olhar.

Meus pais eram tão perspicazes que uma vez perguntei a Ama se os ascendidos possuíam visão de raios X que lhes permitia olhar diretamente para as almas. Ela riu e garantiu que ninguém, nem mesmo seraphim, poderia ver através de carne e osso.

— Por que você está tão magra? — ele finalmente perguntou.

Ama inclinou a cabeça para o lado.

— Hum. Parece que você perdeu um pouco de peso.

Puxei a barra da camiseta, de repente preocupada que eles tivessem um vislumbre do meu abdômen arroxeado.

— Só não tenho tido muito apetite.

— Por quê? — Os olhos de Apa adquiriram um tom assustador de azul-petróleo.

As pétalas geométricas em meus tênis ficaram um pouco nebulosas enquanto eu avaliava a melhor forma de responder a essa pergunta.

— Eu só…

Uma bola de pelo verde-limão atravessou o refeitório e saltou direto para o colo de Apa.

Timing incrível, Nitznootz. Estendi a mão e cocei o *haccoul* atrás de suas orelhas pequenas e empinadas.

— Naya? — *Meu pai obstinado*.

Eu me mexi no meu lugar.

— Minha pecadora é surpreendentemente mais difícil de reformar do que eu pensava inicialmente. Sem mencionar que ela se juntou a uma organização humanitária na Venezuela, e acho que com a mudança para Caracas, minha cabeça está em outras coisas além de comida.

Mesmo que eu mantivesse o olhar fixo na criatura ronronante no colo do meu pai, eu podia sentir meus pais olhando um para o outro, depois para mim, depois um para o outro novamente.

Ama finalmente suspirou.

— O filho de Tobias a reformou logo antes de você. Talvez possamos perguntar a ele como conseguiu isso.

— Só levou dois meses para tanto — Apa resmungou.

— Talvez ele não estivesse com pressa. — Percebi, só depois de dizer isso, que pular em defesa de Adam podia parecer suspeito. Afinal, meus pais ainda não sabiam que eu o conhecia, e a última coisa que eu queria era que eles soubessem disso. Então acrescentei: — A maioria dos plumas não tem pressa para chegar em Elysium. Quero dizer, olhe para Ama. Ela usou *todo* o seu tempo alocado. — Eu queria me dar um tapinha nas asas pela forma sutil com que desviei a atenção.

Ama estendeu uma ervilha para Nitznootz, que a engoliu.

— Usei. E quase paguei caro por isso.

Os lábios de Apa se flexionaram, a memória do quanto o amor de sua vida eterna esteve perto do fracasso ainda fresca em sua mente.

Franzi o nariz.

— Desculpe por ter trazido isso à tona.

— O resultado é o que importa. — Ama deu um tapinha na minha mão. — Não o que poderia ter sido. Agora me diga, ouvi dizer que você tem viajado com garotos nos finais de semana.

Eu quase podia ouvir todos os ossos se realinhando na mandíbula de Apa enquanto eu brincava com um cacho surpreendentemente manso. Raven estava certa sobre pentear meu cabelo apenas quando estava molhado. Provavelmente estufaria em pouco tempo, mas, por enquanto, parecia elegante e bonito.

— Naya? — Minha mãe levantou uma sobrancelha em expectativa.

— Estou fazendo amigos. Isso é tão ruim?

— Claro que não, *levsheh*, mas esses amigos devem ter nomes? — Ela e Apa pareciam discos quebrados.

— Todo mundo não tem? — eu brinquei.

Ela revirou os olhos âmbar.

— Você sabe o que quero dizer, Estrela.

Eu sabia.

— Quando eu estiver pronta para apresentá-los, eu farei isso.

Minha irmã chegou então, cortando o ar tenso com sua voz alegre e arrulhos felizes dirigidos a seu melhor amigo peludo.

— Você sabe quem se apaixonou totalmente por Nitznootz?

— Mira? — sugeri.

— Bem, dã. Todo mundo sabe disso.

Baguncei seu cabelo.

— Desde quando você diz *dã*?

— É a nova palavra favorita dela. — Ama suspirou, o que quase fez Apa sorrir.

Na verdade, isso era eu sendo esperançosa. Até que eu revelasse a identidade dos meus novos amigos, ele provavelmente se afundaria em seu mau humor.

— Então, de quem mais Nitznootz capturou o coração?

— Raven!

— Nitznootz fez uma visita ao veterinário em Elysium?

— Uma o quê?

— Veterinário? Pet shop? Esqueça. Criaturas angelicais provavelmente não precisam de médicos. Então, por que Nitznootz foi para Elysium?

Depois de estalar um beijo alto na cabeça do *haccoul*, Lyla olhou para mim por cima de suas orelhas achatadas. Aparentemente, Nitznootz ainda estava preocupado com a afeição expansiva de minha irmã.

— Ele não foi. A Raven veio aqui.

Sua confissão provocou uma pontada de dor através do meu peito.

— A Raven… A Raven conseguiu sua chave do canal? — Olhei entre meus pais. — Por que ninguém me contou?

Ama cruzou as pernas, depois descruzou-as novamente, alisando as leggings de couro já lisas.

— Nós não soubemos da viagem dela até depois que ela voltou para Elysium.

Certo… mas por que Raven pelo menos não me ligou? Ela prometeu que eu

seria a primeira pessoa para quem ela ligaria quando voltasse.

— Quando ela volta?

— Não sei, Estrela, mas posso descobrir quando subir esta noite. Prometi a Mimi jantar com ela. — Quando isso falhou em levantar meu ânimo, Ama se inclinou e pegou minhas mãos. — A primeira vez que podemos sair, não temos muito tempo para ficar.

Acho que estava levando tudo isso para o lado pessoal.

Mas ela era minha melhor amiga. *E* ela me prometeu.

Se a situação fosse inversa, eu nunca teria quebrado minha promessa.

— É o Chen? — meu pai perguntou, cortando minha linha de pensamentos.

— O quê?

— Um dos garotos com quem você tirou *férias*? É o Chen, filho de Akio?

Eu me lembrava vagamente do filho do malakim de uma festa da associação em Kyoto no ano passado. Ele era super falante, até Apa aparecer.

— Não vou te dizer, então pare de tentar descobrir. — Dei um grande bocejo exagerado antes que eles pudessem me interrogar um pouco mais. — Vou para a cama.

— Já? — Ama olhou para o céu além de seu mural, ainda azul.

Beijei meus pais e as bochechas de Lyla.

— *Jetlag*. — Depois de coçar Nitznootz entre as orelhas, fui em direção aos dormitórios.

A voz rouca de Apa veio até mim, assim que virei a esquina.

— Você viu a reação dela. Aposto que é o Chen.

Não pude deixar de bufar. *Pobre rapaz*. Mas minha diversão tombou e desmoronou quando passei pelo antigo quarto de Raven e me lembrei de sua promessa quebrada.



Durante toda a noite, meus pensamentos foram de Raven para as Garotas Circle e Adam. Quando amanheceu, rolei para fora da cama e tirei a camisa de dormir no caminho para o banheiro. O tom de roxo do meu abdômen fora substituído por um amarelo tão brilhante quanto uma gema de ovo balançando em uma sopa de lavanda. Realmente nos curávamos mais rápido entre as paredes de quartzo.

A pele ainda estava sensível ao toque, mas pelo menos já não latejava com

pulsação própria. Tomei banho rapidamente, então arrumei os restos do meu armário – itens que eu não usava há muito tempo, porque as cores eram monótonas, ou vestidos de Elysium que eu nunca cheguei a usar. Só separei um par de sapatos de salto agulha pretos envernizados que Ama tinha comprado para mim porque "preto combinava com tudo". Suspirei e murmurei*:*

— *Sei bem disso*. — Afinal, eu tinha um acessório preto enxertado nas minhas costas.

Assim que fechei a mochila, digitei duas mensagens. Uma para Adam perguntando onde o encontrar, e outra para Dov pedindo *para* encontrá-lo. Não tive nenhum contato com o ascendido, desde a apresentação de Noah, duas semanas atrás. Bem, além de sua verificação improvisada na casa dos Dunmore, mas isso não se qualificava como contato, já que não havíamos conversado.

Parecia que meses haviam se passado desde que encontrei Noah na Suécia. Como se eu tivesse envelhecido alguns anos, dado um passo… não, um *salto* da infância para a idade adulta.

Enfiei o telefone no bolso de trás do meu jeans azul claro, levantei a bolsa da cama e entrei nos corredores ainda silenciosos do dormitório. Embora não estivesse com muita fome, parei no refeitório para pegar um muffin, que comi ao lado da figueira. Enquanto mastigava, perdida em pensamentos sobre Emmy e a missão, fechei os olhos e inalei a fragrância de fruta eternamente madura.

Como sempre, meu coração vacilou com o cheiro, como se alguém estivesse colocando a mão entre minhas costelas e dando um peteleco no órgão. Uma reação muito estranha. Eu estava prestes a abrir os olhos e me afastar, quando uma imagem consumiu minha mente, a de um homem mascarado com olhos escuros e brilhantes. O homem que eu chamava de Jarod.

Ele estendeu a mão e pintou a forma dos meus lábios entreabertos com o polegar, suas írises mudando de cor para um tom que rivalizava com as folhas da figueira.

— *Tu es ensorcelante, Plume*.

Meus dedos se abriram ao redor do muffin, e ele caiu aos meus pés. E então abri os olhos e o ar queimou através dos meus lábios entreabertos que formigavam com a carícia fantasma de Jarod.

Formigavam *de verdade*.

As palavras de Jarod – ou acho, *minhas* palavras, já que homens de alucinações não falavam – pularam na minha cabeça: *Você é encantadora, Pluma*.

Eu não gostava do apelido de Adam, mas estava o emprestando para o

homem dos meus sonhos? E o que em Abaddon estava acontecendo com aquele olhar escuro de Jarod se tornando verde?

Ontem, o rabugento de asas negras não conseguiu me deixar na associação com rapidez suficiente, mas agora eu estava alucinando seu rosto por cima de um homem que eu realmente gostava? Esfreguei minhas têmporas. Eu estava ficando louca. Enlouquecendo completamente. Exaustão e estresse estavam afetando meus recursos mentais.

— *Quem é Jarod?* — ele me perguntara.

Alguém com quem sonho. Alguém que faz meu coração doer. Que cheira a folhas de figueira e sombras.

Um pouco como você…

Talvez fosse por isso que fundi os dois homens. Porque o cheiro de Adam me lembrava vagamente o do meu estranho dos sonhos.

Tentei reprimir minha perturbadora loucura e aliviar minha respiração antes que ela pudesse levar meu coração mais para cima na minha garganta.

— Naya?

Me virei com meus lindos tênis, os cadarços vermelhos borrando como manchas de sangue contra o quartzo abundante.

— Oi, Mira.

Seus olhos se moveram da minha bolsa para o meu muffin caído.

— Partindo de novo tão cedo?

— Ainda não terminei minha missão.

— Eu soube.

Ela soube ou tinha visto? Ama me disse que Mira verificava a progressão das missões de suas plumas em holo-classificadores religiosamente.

— Alguma chance de você me dar uma carona até a associação de Caracas? — Acrescentei um sorriso para adoçar meu pedido, bem no momento em que Nitznootz pulou pelo refeitório e atacou meu café da manhã.

O rosto inteiro de Mira se contraiu.

— Na velocidade que o *animal* come, ele se transformará em um leão.

Ri enquanto ele se empanturrava com a guloseima do café da manhã, mal deixando a embalagem ilesa. Uma vez que ele lambeu cada migalha, Nitznootz saltou até Mira e enfiou seu corpo verde-limão repetidamente em torno de seus tornozelos, ronronando mais alto que o motor da moto de Adam. Embora Mira tenha feito uma corajosa tentativa de permanecer indiferente, cada linha em seu rosto se suavizou quando ela olhou para o borrão de puro amor peludo.

— Ainda bem que os salões da associações são amplos o suficiente para

acomodar uma alcateia de *haccouls*.

— Uma alcateia de… — A atenção de Mira voltou para mim. — Se Tobias trouxer outro, eu vou…

— Ter que fazer a cama de Nitznootz debaixo da sua mesa maior?

As maçãs do seu rosto ficaram envoltas em uma cor que combinava muito com suas asas vermelhas.

— Você não precisava estar em algum lugar, Pluma?

Sorri, tendo muito prazer em eriçar as penas de Mira.

— Sim. Você pode me levar?

— Sim. Deixe-me apenas… Ah, aí está você, Pippa. — Mira se abaixou e pegou Nitznootz. — Por favor, cuide para que o bichinho não coma tudo no refeitório. — Os dedos de Mira deslizaram rapidamente através do pelo macio antes que Pippa o pegasse em seus braços.

Enquanto ela se afastava, a ophanim murmurou através de um sorriso:

— O que acha de irmos acordar as crianças, pequeno cintilante?

Mira bufou.

— Ele não vai *achar* nada, Pippa. Ele é um animal, não um anjo.

Pippa acenou com a mão para calar a colega.

Mira bufou novamente, mas pela forma como seu olhar se voltou para Nitznootz, eu podia perceber que ela o considerava muito mais do que um animal, da mesma forma que ela considerava suas plumas muito mais do que alunas.

Todos os habitantes desta associação, fossem eles peludos ou emplumados, constituíam a família de Mira.

Mesmo que eu não tivesse pensado muito em minha mãe biológica desde que descobri sua identidade, percebi que tentar conhecê-la seria inútil – ela nunca se encaixaria no meu mundo, da mesma forma que eu nunca me encaixaria no dela. Não era tanto que eu achasse que precisávamos nos ater a nossa espécie, mas a dor de se separar de alguém que você amava tinha que ser insuportável, mesmo que a separação durasse apenas algumas décadas.

— Anjos já abriram mão de suas asas por amor? — me perguntei em voz alta.

A cabeça de Mira se ergueu, fazendo seu cabelo chanel preto com fios grisalhos balançar em volta de suas orelhas.

— O quê?

— Estava pensando em como deve ser difícil se apaixonar por alguém que você tem que deixar para trás e queria saber se isso já foi levado em

consideração na decisão de remover as asas.

O sangue abandonou seu rosto, tornando sua pele indistinguível da parede atrás dela.

— Que pensamentos tétricos para uma manhã tão adorável.

— É sempre uma manhã adorável em Elysium. — Levantei meu olhar para a claraboia que se estendia ao longo do corredor.

— Às vezes chove.

— Mesmo quando isso acontece, há sol. — Apertei os olhos para o céu corado, marmoreado com veios de rosa e lavanda. — Sabe, Mira, as pessoas geralmente discutem o clima para evitar tocar em assuntos mais profundos.

Ela parou na entrada do canal.

— Esse assunto é um que eu não gosto imensamente.

— Amor, ou se tornar um nephilim?

— Se tornar um nephilim *por* amor. — Era o efeito da luz de Elysium ou seus olhos escuros estavam estranhamente brilhantes?

Embora eu sentisse que estava quase ultrapassando seus limites, forcei minha sorte.

— Por que um anjo escolheria desistir de suas asas quando eles poderiam esperar algumas décadas para a alma de seu amado ascender?

— Chega, Naya. — Mira olhou por cima do meu ombro para os vapores cintilantes do canal. — É o bastante.

Mas eu tinha *tantas* outras perguntas.

Quando ela me puxou para a luz Elysiana que nos levou a milhares de quilômetros de distância em um piscar de olhos, a resposta arrepiante amarrou meus ossos como um espartilho apertado. Eles desistiam de sua imortalidade porque a alma de seu amado não seria, *não poderia* ser coletada por um malakim.

Que verdadeiramente trágico.

Talvez fosse por isso que meus pais eram tão inflexíveis que eu me apressasse para ascender a Elysium… para não me apaixonar por um humano fadado à aniquilação ou por um pluma incapaz de completar suas asas.

Inexplicavelmente, minha cabeça se voltou para Adam.

Não inexplicavelmente, *por si só*…

Sua pontuação era particularmente baixa para alguém que estava no mundo há quatro anos. Mas então me lembrei da pontuação de Ama antes de Apa voltar para sua vida e ela entrar na minha. Se ela conseguiu ganhar setecentas penas em três meses, então certamente Adam poderia ganhar a mesma quantia em seis

anos.

Não que me importasse o que aconteceria com sua alma.

Os ossos das minhas asas se apertaram. E se apertaram mais.

Quando a pressão foi liberada, olhei além da fumaça ondulante girando sobre o chão do canal e estremeci.

quarenta



naya

MIRA RASTREOU MEU OLHAR e ficou boquiaberta.

— Minha nossa. Isso é seu?

— O Adam não está por perto, então acho que sim.

Seu olhar voltou para o meu.

— Você sabe… — Calor subiu pelo meu pescoço e mandíbula. — Já que ele é o único outro pluma com asas negras.— *Argh*. Por que eu tinha que mencioná-lo?

Pressionei a palma da mão na base do meu pescoço em uma tentativa de me acalmar. Felizmente, o canal se iluminou na hora, e pulsava tanta fumaça brilhante que encobriu meu rubor. Saí para dar espaço para os viajantes pousarem e colocar alguma distância entre mim e Mira antes que ela pudesse me encher com mais perguntas sobre o assunto da queda da minha pena.

Preferi não perder outra.

— Obrigada pela carona, Mira. — Comecei a recuar quando avistei mechas loiras e asas douradas retraídas.

— Ophan. — Dov inclinou a cabeça em saudação.

— Dov. — O tom de Mira era tão seco quanto o calor do Arizona.

Dov sorriu para ela, que não sorriu de volta. Não era incomum para Mira, que não era de usar seu coração em suas asas.

Ele virou aquele sorriso para mim.

— Pluma.

Quando ele não colocou meu nome no título, percebi que ele estava fingindo que não nos conhecíamos e fiz o mesmo.

— Bom dia, Ish. — Me permiti falar seu título. Afinal, ele estava vestindo o uniforme cinza de costume dos classificadores.

Mira fuzilou com os olhos sua a mandíbula angular coberta por uma barba bem cuidada.

— O que o traz de Elysium, Dov?

— Devo ter um motivo para visitar a Terra, Ophan?

Embora a maioria dos anjos se referisse a Mira como *Ophan Mira,* minha professora se opunha firmemente ao uso de títulos entre os ascendidos porque acreditava que isso aumentava a segregação manifesta entre híbridos e verities.

— Sim. — Mira estava muito tensa. Até a penugem vermelha de suas asas parecia ter crescido. A última vez que a vi tão tensa foi quando Seraph Claire parou na associação para me parabenizar pela minha primeira missão bem-sucedida e para vislumbrar minha tão comentada plumagem de tons estranhos.

— Mesmo que eu seja superior a você, vou saciar sua curiosidade só desta vez. Vim para acabar com o traço rebelde de uma pluma de mau comportamento, já que os ophanim estão falhando em seu dever de supervisionar nossos jovens.

Sua hostilidade em relação a Mira me fez eriçar, mas raciocinei que as palavras cáusticas de Dov tinham a intenção de confundir Mira quanto à sua verdadeira razão para vir à Terra.

— Tenha um dia auspicioso, Ophan. — Sem lançar a ela, ou a mim, outro olhar, ele saiu do canal.

Comecei a ir atrás dele, quando Mira murmurou:

— Idiota hipócrita.

— Mira — ofeguei.

Ela ergueu o queixo pontudo um pouco mais alto.

— Faça o que fizer, Naya, fique longe daquele homem.

Envolvi os dedos ao redor das alças da minha bolsa e a levantei pelo meu braço, sentindo meu sangue bombear mais rápido.

— Por quê?

— Porque ele — ela umedeceu os lábios — porque seu pai não gostaria que você passasse tempo na companhia de Dov.

Ah. A pressão em minhas veias esvaziou tão rapidamente quanto aumentou. Eu quase sorri, mas me forcei a não fazê-lo. Não queria parecer desrespeitosa, ainda mais considerando que Mira estava tentando me proteger.

— Vejo você em alguns dias. — Sorri enquanto me afastava do canal fumacento.

— Com novas penas.

— Sim. Prometo.

— E a pena caída?

— Não estou com vontade de relembrar o passado. — Antes que ela pudesse sugerir que eu fizesse isso para ter certeza de que não perderia meu propósito, soltei um — eu te amo".

Ela resmungou como se o sentimento fosse ridículo.

— Estou esperando que você diga isso de volta para mim algum dia, você sabe.

— Complete suas asas, e talvez eu diga.

— Vou cobrar isso, Mira. — Soprei um beijo para ela e saí apressada.

Enquanto caminhava pela associação, cruzei com duas plumas a caminho do café da manhã. Elas me deram um olhar superficial. Se minhas asas estivessem em exibição, o escrutínio seria interminável, mas aprendi desde cedo a manter minhas asas estranhas escondidas quando longe da minha associação natal.

Depois que a porta da associação se fechou atrás de mim, olhei de um lado para o outro na rua da cidade em busca de um par de asas douradas, mas não captei nenhum brilho etéreo entre os poucos madrugadores.

— Quer uma carona, pluma?

Estiquei o pescoço.

Dov pairava fora de alcance, as asas pulsando na aurora pálida.

— Será mais rápido para chegar ao hotel.

Eu só tinha sido transportada pelo meu pai e adorei cada minuto emocionante disso.

— Certo.

Ele colocou seus antebraços em volta da minha cintura e enganchou meus pés de tênis com suas botas. Estremeci quando ele subiu e sua ulna comprimiu a contusão que amarelava meu abdômen.

Eu estava prestes a sugerir que ele me virasse, mas decidi que preferia sofrer do que ter minha frente pressionada contra a dele. Para esquecer a dor, me concentrei na visão panorâmica de Caracas, uma cidade construída com tantos arranha-céus e asfalto quanto a que deixei para trás.

O vento quente tocou minhas bochechas e levou meu cabelo em um frenesi enquanto voávamos por prédios prateados pelo sol nascente. Embora o voo tivesse sido curto, encheu minhas veias com um coquetel de adrenalina e energia. Agarrei-me a essa sensação inebriante quando pousamos em frente a um hotel alto, guarnecido por homens em uniformes cor de creme.

Nenhum deles piscou com nossa aparição repentina, provavelmente porque Dov tinha espalhado seu pó de anjo para nos camuflar. Atravessamos um saguão com excesso de itens dourados que refletiam meu rosto abatido de vinte ângulos diferentes.

Eu não era vaidosa, mas me encolhi ao ver minha pele insípida e mechas de cabelo desgrenhadas. Enquanto Dov nos conduzia até o hall de elevadores espelhados, alisei meus cachos.

— Todo mundo vai ficar aqui. Os Dunmore. As Garotas Circle. O príncipe. Usei o pó para te esconder por enquanto, mas você pode querer continuar

passeando pelo hotel o mínimo possível, já que seu corpo deveria estar dormindo com os peixes.

A lembrança nítida provocou um estremecimento pelos dedos desembaraçando meu cabelo. Como se eu estivesse debaixo d'água novamente, meus pulmões agarraram minha expiração, apenas liberando-a quando o elevador apitou e abriu em um andar alto. Caminhamos até uma extremidade do corredor acarpetado e Dov bateu.

Um segundo depois, a porta se abriu e Galina quase gritou:

— Naya! — E me envolveu em um abraço. — Você nos matou de susto, amor. — Ela se afastou de mim e observou minha barriga. — Você está curada, certo?

— Quase como nova.

Dov acenou para o quarto, e eu entrei. Uma vez que a porta se fechou, ele escondeu as asas douradas.

— Este lugar é insano, Grande D.

— Que bom que está de acordo com seus padrões, Galina. — Ele deu a ela um sorriso curto conforme entrava em um quarto duas vezes maior que o que eu dividi com Natasha e Emmy na mansão Dunmore.

Veludo azul-marinho emoldurava uma janela saliente que se estendia por todo o espaço e dava para um parque público bem cuidado.

— *El Jardín del Principe*. — A voz profunda de Adam me tirou da minha contemplação botânica.

Baixei a bolsa para o piso de mármore chocolate.

— É realmente o jardim privado de Pablo ou é apenas chamado assim?

— Verdadeiramente seu jardim. O hotel também é dele, aliás. — Ainda observando os caminhos em forma de mandala serpenteando pela vegetação exuberante quarenta andares abaixo de nós, ele perguntou: — Como estão os hematomas?

— Desbotando.

Ele me olhou de soslaio.

Ele achou que eu estava minimizando a lesão?

— O ar mágico da associação faz maravilhas.

Ele apertou a boca e eu mordi o lábio quando me lembrei de Noah e ele brigando para me levar a uma. Antes que pudesse dizer a ele que eu não teria desejado que ele tivesse feito algo diferente, bateram palmas.

— Shorhim, não tenho muito tempo. Me mostrem seu grande plano.

Me afastei da janela e observei o resto do cômodo. Os irmãos estavam

sentados em um sofá. Boone acenou, mas Levi não. Noah, parecendo confortável em uma poltrona estofada, me deu uma piscada assim que Galina se sentou ao lado dele e se aninhou ao seu lado.

Fazia meses desde que eu tinha me aninhado contra outra pessoa. Bem, além de Adam. Me apoiar nele não foi por conforto, mas por necessidade.

— Nosso plano depende da resposta para a pergunta que mandei em mensagem para você, Dov. — Adam cruzou os braços, e seu cotovelo roçou o lado do meu bíceps, deixando para trás uma faixa de calor.

— Que pergunta é essa, Adam? Você faz muitas.

— Podemos matar Triplos sem consequências?

quarenta e um



naya

Os olhos cinzentos de Dov fixaram-se nos olhos esmeralda de Adam.

— Ao responder à sua pergunta, eu estaria infringindo a lei de Elysium.

A mandíbula de Adam flexionou.

— Por estar aqui, você a está infringindo.

O ishim semicerrou os olhos, claramente não apreciando o lembrete.

— Acho que você está certo.

— Então?

— Sim.

— Sim, não há consequências em matar Triplos?

Ele assentiu.

A expiração coletiva que se seguiu foi tão alta que bateu contra meus tímpanos.

— Então aí está o seu plano.

— Adam — ofeguei —, não podemos simplesmente sair por aí matando humanos.

Ele olhou para mim.

— Não são meros humanos. Triplos. E Dov acabou de confirmar que *podemos*.

Meu choque não diminuiu.

— Deveríamos ser anjos da *guarda*, não homicidas.

— Embora eu também prefira resoluções pacíficas — Dov falou —, matar Dunmore e Perez salvará muitos humanos.

Fiquei boquiaberta com o ishim, atordoada por ele estar de acordo com o plano de Adam.

— Posso sugerir que vocês dividam e conquistem, no entanto? Adam, ninguém conhece Robbie Dunmore tão bem quanto você. E, Naya, Pablo parecia gostar muito de você. Você deveria se concentrar nele.

— Pablo acredita que estou morta. *Você* até me disse para ficar quieta.

— Imagine a surpresa e o prazer dele quando descobrir que você não está.

Adam deu um passo à frente e suas asas se abriram, como se quisesse me cortar da vista de Dov.

— Não.

— Não para quê? — o ishim perguntou.

— Nós não vamos usar a Naya para encurralar o Junior. — Depois de um instante, ele acrescentou: — Já que vou matar um Triplo, posso matar dois.

— Isso está longe de ser o seu plano mais sábio, Adam.

— Eu concordo. É epicamente *estúpido*. — Noah afastou o braço de Galina e se inclinou para frente na almofada do assento.

— Me diga como você realmente se sente, No — Adam resmungou.

— Use o Robbie para derrubar o Pablo! — Noah deu um tapa em suas coxas. — Eles podem acabar um com o outro.

— Como você sugere que façamos isso, amor? — Galina havia se esparramado sobre o espaço que Noah havia desocupado e colocou as pernas sobre o braço estofado.

— O príncipe é supersticioso. — Levi olhou para o tablet que tinha acabado de soar com uma notificação. Não devia ter sido muito importante, porque ele não clicou na tela. — Ele acredita em nossa espécie e tudo mais. A Naya pode fingir ser um fantasma que veio avisá-lo do jogo duplo de Robbie.

— Que parte de *nós não vamos envolvê-la* não ficou clara? — Adam quase grunhiu e asas negras como couro se estenderam e se retraíram no ritmo de seu peito.

Peguei Levi apertando os lábios, intimidado por sua ideia não ter agradado a Adam.

— Eu só estava tentando ajudar. — Ele soou como o garoto que era.

Dov esfregou a boca, e a pequena ação me lembrou de Grayson. Como Dov não estava escondendo dentes tortos, eu não tinha certeza do que ele estava tentando esconder. Seu desacordo com Levi ou seu entusiasmo com a ideia de me transformar em um fantasma? Mesmo que eu não fosse louca pelo jovem anjo, não me opunha completamente ao seu esquema.

Me recostei contra a janela panorâmica.

— O que você acha, Dov?

Os ombros de Adam ficaram tensos junto com suas asas, e então ele virou o pescoço e fixou os olhos nos meus.

— Você não pode estar considerando isso seriamente.

— Sou imortal.

Adam abriu os braços e os ergueu em exasperação.

— Há um dia você estava sangrando!

— E eu me curei. — Mantive meu tom calmo, esperando que isso acalmasse seu nervosismo.

Ele me encarou em um silêncio carregado por um minuto inteiro. Então virou a cabeça para o outro lado.

— Noah!

Galina pulou com a intensidade da voz de Adam, mas não Noah.

Suspirando, ele segurou os joelhos.

— Sim?

— Você concorda comigo, certo?

— Claro, cara. Claro que concordo com você. — Ele se levantou, caminhou até o bar de mármore cor de chocolate no canto e se agachou para pegar uma garrafa de água da geladeira embutida.

— Acho que *todos* nós deveríamos — Boone lançou um olhar na direção de Adam — ficar dentro da suíte até que Levi termine de criar os *bytes deepfake* auricular para fazer com que o provedor do cartão SIM nos envie o código QR.

Meu pulso acelerou.

— Você conseguiu encontrar o provedor de telecomunicações?

Boone assentiu.

As sobrancelhas de Dov se curvaram.

— Não entendi, Boone. Um *deepfake* o quê?

— *Deepfakes* são falsificações tão bem-feitas que parecem reais. — A resposta de Levi foi um murmúrio resmungado. Claramente, ele ainda estava irritado com a reação de Adam à sua ideia.

— E por que você precisa de um código QR? — Os sulcos na testa de Dov indicavam que ele não estava a par do esquema de Robbie e Pablo.

— Para ativar os SIMs nos detonadores — Boone respondeu.

Dov ergueu as sobrancelhas mais um centímetro.

— Achei que você queria salvar essas meninas.

— Para isso, Big D, precisamos tornar os SIMs visíveis ativando-os. Só assim poderemos eliminá-los. Parece contraintuitivo, eu sei.

— E ao ativá-los, você não corre o risco de detonar as humanas?

— As bombas só podem ser acionadas por um telefonema. — Galina torceu seu ponto de diamante no nariz. — Desde que ninguém ligue, elas estão seguras.

— E um código QR ativará todos eles? — Dov perguntou.

— Sim. — Boone estalou os dedos. — Estão todos conectados.

Então Pablo estava planejando detonar todas nós ao mesmo tempo… *Um grande e sangrento cabum.*

— Como você descobriu?

Boone arranhou uma mancha em seu jeans.

— As pérolas. Susan Dunmore está usando. — Era eu ou ele parecia envergonhado? — Ela perguntou a Robbie como as bombas explodiriam. Foi também assim que conseguimos o nome da empresa de telecomunicações.

Dov bateu palmas para chamar a atenção de todos.

— Me parece que vocês têm muitas pistas, mas nenhum plano de ação unânime.

— Recuperar esse código QR *é* nosso plano de ação unânime — Noah falou. — Certo, pessoal?

Adam foi o único que não assentiu.

— O líder de sua equipe não parece estar a bordo. — Dov olhou para Adam, que o olhou de volta.

— O aniversário do rei Perez é daqui dois dias. — Adam estava nos lembrando ou informando Dov? — Se até amanhã à noite, não fizermos nenhum progresso no desmantelamento dos cartões SIM — uma pena caiu das asas de Adam —, eu cuidarei de Junior e Dunmore.

Um calafrio cobriu minha pele.

— Sei que eles são Triplos, mas como assassinato premeditado pode ser livre de penalidades? — Fiz um gesto para a pena caída balançando na pedra avermelhada. — Quero dizer, Adam perdeu uma pena só de pensar em matá-los.

Dov sacudiu as asas como se a poeira tivesse se acumulado ao longo de sua plumagem dourada.

— É livre de penalidades, porque os anjos não se importam com almas verdadeiramente desprezíveis.

— Se nosso pessoal não se importa com eles, então por que eles estão no sistema em primeiro lugar? Por que sequer tentamos reformá-los?

— Porque todas as almas humanas estão no sistema, Naya. — Dov agitou as asas novamente. — Mesmo as inúteis. Dito isto, prefiro o plano de Noah de fazer Perez despachar a alma vil de seu amigo. Considerando a rapidez com que o príncipe assassinou seu próprio primo quando soube de sua morte, duvido que ele hesite em colocar uma bala no crânio de seu amigo de infância.

Passei um braço em volta do meu estômago como se Luis estivesse na minha frente, armado com sua grande seringa.

— E o príncipe? — Galina perguntou. — Quem o mata?

— Você poderia pedir ao pai dele. — Dov olhou por cima do meu ombro, para a cidade que despertava além da janela panorâmica. — Aposto que ele não teria nenhuma objeção.

Horror e choque molharam minha língua.

— Como você pode sugerir uma coisa dessas?

— Há rumores de que o rei se banha no sangue de seus inimigos. — O olhar de Dov voltou para mim. — Não são rumores. Eu o vi fazer isso. Ele é um monstro, Naya. O mais verdadeiro que você vai conhecer. Dunmore e Perez são coroinhas comparados a ele. — Ele balançou a cabeça como se quisesse limpá-la da memória do monarca marinando em uma poça carmesim.

— Então por que estamos nos concentrando no filho? Podemos também ajudar o príncipe a conquistar o trono. — Galina questionou. — Em troca, pediremos a ele para remover os explosivos que ele colocou nas Garotas Circle.

Dov suspirou.

— Você estaria apenas trocando um tirano por outro.

— Nosso objetivo é salvar as Garotas Circle, Dov. — Minha voz mal ecoou pela sala. — E temos dois dias para fazer isso.

— A única maneira de salvá-las é nos livrando de Robbie, porque enquanto ele estiver aqui, estará sussurrando no ouvido de seu amigo. Uma vez resolvido o problema de Dunmore, você pode tentar negociar com o príncipe. Talvez funcione. Talvez não.

— Se conseguirmos o código QR, não precisamos interagir com ninguém — Boone falou.

— *Se* conseguir. Por enquanto, você não o tem. — O olhar de Dov percorreu a sala, antes de parar no shorhim mais jovem. — Acho que o Levi estava pensando em alguma coisa quando ele sugeriu que Naya voltasse dos mortos…

Levi se sentou.

— Você poderia surpreender o Príncipe em seu apartamento esta noite, Naya. Eu poderia voar com você até lá e…

— Fora da depenada questão! — As vértebras de Adam se destacavam em nítido relevo entre suas asas.

Coloquei a palma sobre seu braço, senti músculos, tendões e ossos se agitarem sob meu toque. Adam olhou para minha mão, olhou para mim, então se afastou como se estivesse enojado por eu tê-lo tocado.

Fechei as mãos com força.

— Eu poderia ligar para ele. Ou mandar uma mensagem, se vocês tiverem o número dele.

— Sem prova de vida, ele poderia assumir que você é um… como é que vocês chamaram mesmo? Um fake profundo?

— Um *deepfake*. — O top cinza de Galina subiu em sua barriga sarada.

Mesmo com todo o meu treinamento, eu nunca consegui um abdômen como o dela. — O Príncipe e Dunmore estão organizando uma festa no jardim esta noite. Em homenagem às Garotas Circle. Talvez você possa fazer uma participação especial, Naya.

Os olhos de Dov brilhavam como papel alumínio em seu rosto bronzeado e esculpido.

— Perfeito!

— Perfeito? — Adam cuspiu a palavra. — Você *me* chama de imprudente, mas está bem com Naya zanzando em um parque cheio de Triplos armados? E guardas! Você se esqueceu do tamanho da segurança do príncipe? — A mão de Adam cortou o ar. — Levi pode manipular a câmera de segurança do hotel e enviar algumas fotos para Junior.

— A tecnologia é útil, Adam, mas não há nada mais convincente do que a realidade. Além disso, haverá uma multidão. Eles não vão abrir fogo. Você pode imaginar o caos que se seguiria?

A mandíbula de Adam estalou de forma audível.

— Me desculpe se estou demorando a entender, mas como o fantasma de Naya motivará o Pablo a matar o Robbie? — Boone perguntou.

— Se o príncipe achar que o Robbie mentiu sobre a Naya estar morta para mantê-la para si — Dov explicou — isso vai enfurecê-lo.

Movi meu braço da minha cintura e deixei-o assentar ao longo de minhas costelas.

— Exceto que o Robbie não gosta de mim, Dov.

— Mas o Pablo não sabe disso. E em quem é mais provável que ele acredite?

Levi passou os dedos pelos cabelos desgrenhados.

— No amigo dele.

— Errado, Levi. — A voz de Dov cortou a atmosfera tensa. — A garota que viajou até Caracas por ele. A garota por quem ele matou sua própria carne e sangue.

— Sério? — Levi me olhou, como se tentasse descobrir como uma garota como eu poderia incitar os homens a se matarem.

Eu tinha que admitir, estava me perguntando a mesma coisa. Minha conclusão era que Pablo era *muito* desequilibrado. Ou que ele me usara como desculpa para se livrar de alguém em quem não confiava totalmente.

Adam jogou as mãos no ar.

— Eu acho que vocês perderam as benditas cabeças!

— Diz a pessoa que quer dar uma de Rambo — Galina murmurou para ninguém em particular.

— Naya, o que você prefere? Não fazer nada e deixar que Adam os elimine, ou ir lá semear confusão e desconfiança?

Quando Dov colocava dessa forma…

— Obviamente, o último.

— Ótimo. — Dov caminhou até a porta. — Tenho muito trabalho em Elysium com a afluência de novos estagiários de ishim, mas vou tentar fazer uma pausa para checar meu telefone várias vezes. Me mandem mensagem se precisarem de alguma coisa. E, como de costume, se precisarem de alguma coisa, mandem cobrar na conta do quarto.

Mordi meu lábio, soltei-o.

— Dov?

Sua mão se fechou ao redor da maçaneta.

— Sim, Naya?

— Como você soube do primo do príncipe? Um malakim recuperou sua alma?

— Não. O homem morreu Triplo.

— Então… *Como*?

Dov acenou para Boone, então nos desejou boa sorte, antes de sair.

O faz-tudo se remexeu na almofada do assento antes de colocar uma longa mecha de cabelo atrás da orelha e me olhar

— Sinto muito por não termos contado que as pérolas estavam equipadas com microfones. Não foi legal da nossa parte.

Não, não foi.

— Pelo menos, você está recebendo informações inestimáveis com a Susan usando-as.

Ele engoliu em seco, brincou com seu cabelo um pouco mais.

— Sim. De qualquer forma, deveríamos, hum… trabalhar. Adam?

A forma rígida de Adam descongelou ao ser chamado.

— Quanto tempo você ainda precisa para aprimorar o áudio, Levi?

— Algumas horas.

— Quero que você se concentre só nisso. Boone, mapeie as câmeras do hotel. Eu quero juntar imagens de Naya andando depois que Dunmore e as Garotas Circle saírem para seu passeio diário. A que horas eles vão para os bairros pobres de novo, Galina?

— Onze.

Adam afastou suas asas com magia.

— Esteja pronta então, Naya. Vamos juntos para o saguão.

— E a festa no jardim? — perguntei.

— Se o Levi não terminar até hoje à noite, nós iremos. Mas só se ele não terminar.

— É um traje elegante. — Galina se levantou do sofá. — Você arrumou algum vestido, Naya?

— Sim.

Ela se inclinou e pegou minha bolsa.

— A propósito, você vai dormir no meu quarto. Vamos te preparar.

— Nós precisaremos de smokings para nos misturar — ouvi Noah dizer, enquanto seguia Galina em direção a uma porta aberta. — O meu está na associação.

— *Nós*?

— Se invadirmos a festa no jardim, faremos isso em equipe. — O tom de Noah não admitia discussão.

A resposta de Adam demorou a chegar, mas eventualmente ele disse:

— Tudo bem. Vou pegá-los na associação esta tarde.

— Pode me trazer um? — Boone perguntou. — A menos que você prefira que eu fique com Levi…

— Não, prefiro que você venha conosco. Quanto mais apoio, melhor. Caso o *fantasma* de Naya se torne real demais. — Ele acrescentou em voz alta para que suas palavras chegassem ao meu quarto mais recente.

Tentei não deixar o estresse e a desaprovação dele me afetarem. Afinal, se nosso plano funcionasse, se conseguíssemos colocar Pablo contra Robbie, isso impediria Adam de derramar sangue.

Assassinar Triplos podia não prejudicar nossas asas, mas não deixaria nossas consciências ilesas.

quarenta e dois



adam

FATO ANGÉLICO #559:
Anjos não são deuses, embora muitos ajam como tal.

TAMPEI UM OUVIDO e apertei meu celular no outro.

— Você não vai fazer sua próxima jogada até que voltemos. Entendeu, Calliope?

Duas garotas andando de braços dados, usando sutiãs de biquíni e micro shorts, colidiram comigo enquanto eu atravessava a rua movimentada. As duas exclamaram pedidos de desculpas e, em seguida, uma delas começou a acariciar meu bíceps como se quisesse mitigar uma contusão em potencial. Apertei seu pulso e, o mais educadamente possível, a afastei.

De onde as pessoas achavam que acariciar um estranho era aceitável? Se eu tivesse feito isso com elas, teriam revidado com um processo.

— Cuidei deles sozinho antes de vocês. — Mal ouvi a resposta de Calliope sobre as buzinas agressivas do trânsito.

Como eu sentia falta do silêncio dos veículos autônomos, mas eles ainda não haviam se tornado comuns em países onde as pessoas tinham problemas para comprar produtos básicos.

— O FBI não estava no seu rastro. — Levi conseguiu essa informação de um grampo que colocou no telefone do detetive. O homem ficou chateado porque o caso foi entregue aos federais e, a contragosto, transmitiu suas descobertas. Um deles foi o programa Big Sister que nos levou a Calliope.

— Se eu esperar, eles darão ao meu último alvo uma nova identidade e eu nunca o encontrarei.

— Não vão. Ainda não, de qualquer maneira. Eles vão usá-lo como isca para te prender.

Calliope ficou tão quieta que me perguntei se ela havia desligado.

— Não saia do esconderijo, certo?

— Tá bom, vai. — Ela parecia tão mal-humorada quanto eu costumava ficar quando me comportava mal quando criança e meus pais me sentavam por três minutos intermináveis em frente à parede de quartzo entediante para contemplar o meu erro.

— Coloque Gregory no telefone. Eu gostaria de falar com ele.

— Por quê?

— Porque tenho algo para perguntar a ele. — Me irritou que ela ainda suspeitasse de nós depois de tudo o que fizemos por ela, mas os humanos que cuidávamos geralmente eram assim. A gratidão vinha em retrospectiva, uma vez que percebessem o quanto estiveram perto de perder suas vidas.

— Pergunte a mim.

— Não.

Ela soltou um suspiro descontente.

— Por favor — acrescentei.

Outro suspiro. Um pouco menos irritado. Então uma porta rangeu.

— Vô, o Adam quer falar com você.

— Quem? — Tudo bem, Galina e Boone passaram a maior parte do tempo com os Underwood, mas eu era realmente *tão* esquecível?

— Você sabe, um dos caras que está nos ajudando.

— Ah. — As molas rangeram, e então Gregory bocejou.

Tentei me sentir mal por ter acordado o avô dela, mas a verdade era que eu precisava ouvi-lo confirmar que ele controlaria sua neta para me concentrar totalmente no caso das Garotas Circle.

— Olá?

— Greg, minha equipe e eu estaremos fora da cidade até segunda-feira. Eu já conversei com a Calliope sobre ficar quieta, mas preciso que você tenha certeza de que ela vai ficar.

O som de uma mão passando por cabelo raspado soou através do receptor. Depois de uma breve pausa, ele suspirou.

— Vou me certificar de que ela fique quieta.

— Jesus, era isso que você queria perguntar a ele? Eu disse que esperaria — Calliope bufou de algum lugar próximo.

— Só queria ter uma pessoa extra te segurando. E, Calliope, já que você pode me ouvir, não se esqueça de que se os policiais pegarem você, eles pegam o Gregory.

Silêncio.

— Não esqueci. — A voz geralmente afiada de Calliope soou amaciada. — Eu nunca o comprometeria.

Fiquei feliz por ela ter plena consciência de que seu destino estava ligado ao dele.

— Ou a si mesma.

— Ou a mim — ela confirmou.

— Vocês têm comida suficiente para durar o fim de semana?

— Sim.

— Ótimo. Se precisar de alguma coisa, ligue para Galina. Caso contrário, nos veremos na próxima semana. — E então desliguei, puxei meu boné de beisebol mais para baixo para proteger meu rosto e entrei no hotel.

Quando uma voz que eu conhecia muito bem agrediu meus tímpanos, me escondi atrás de uma das colunas douradas do amplo saguão.

— Estou tão feliz por não ter perdido esta viagem — Emmy falou a uma de suas novas amigas.

É… Ela provavelmente pensaria o contrário se descobrisse a intenção de Robbie e Pablo. A tentação de contar a ela sobre Grayson coçou minha garganta, mas um surto não funcionaria a seu favor. Ou, a nosso.

A voz de Emmy flutuou em minha direção novamente, mais alta desta vez, como pregos contra um quadro-negro. Imaginando que ela estava vindo da minha direita, fui para a esquerda, contornando a coluna até que tudo o que vi dela foi seu rabo de cavalo castanho balançando de forma animada sobre uma jaqueta azul-petróleo que me parecia familiar.

Não era da Naya? Asas prateadas estavam bordadas na seda. Definitivamente de Naya. E eu que achei que tinha ajudado Emmy a superar sua cleptomania, mas aparentemente, não.

Senti pena quando Emmy recuou. Não arrependimento. Não desejo. Nem mesmo raiva. Pura dó por uma garota que aspirava ser alguém que não era porque odiava a pessoa que era. Pensar que eu costumava ansiar para ir para sua cama depois que voltasse de rondar as ruas de Londres para impedir crimes. E pensar que eu costumava ficar duro ao vê-la. Meu pau nem se mexeu. Não com a visão dela ou de suas amigas de pernas compridas. Examinei o lobby movimentado, meus olhos passando de um corpo bonito para o outro. O físico de nem uma única pessoa iluminou meu sangue.

Disse a mim mesmo que era porque eu estava muito tenso e não porque estava inexplicavelmente obcecado por uma garota que eu não tinha nada que sentir atração.

Me virei, meus tênis rangendo contra o chão polido, e caminhei até o hall de elevadores, o sangue correndo em minhas veias quando o rosto que imaginei no chuveiro naquela mesma manhã entrou em foco em minha mente.

Enfiei o dedo no botão de chamada do elevador e bani a visão da cabeleira loira e dos olhos comoventes de Naya.

Ela nem era meu tipo. Meu tipo era sem asas, sem apego a outros homens e sem parentesco de sangue com arcanjos.

Apertei o polegar no botão de chamada porque a porcaria do elevador ainda não tinha aparecido. Se nosso quarto não fosse no quadragésimo oitavo andar, eu poderia ter subido as escadas. Eu provavelmente deveria, considerando meu súbito excesso de energia.

As portas finalmente se abriram, e uma pequena multidão usando ternos e vestidos extravagantes saiu. Fiquei boquiaberto por um segundo para a cabeça que balançava acima das outras como uma palheta de laranja – Robbie Dunmore. Quando seu olhar foi para o meu, entrei no espaço que cheirava a diversos perfumes e foquei minha atenção no telefone, fingindo estar absorto por um e-mail da concessionária de veículos em Chicago, perguntando se eu queria estender o aluguel da minha moto.

Digitei um *SIM*, depois percorri o resto das minhas mensagens. A subida levou apenas alguns segundos, mas parecia terrivelmente lenta. Felizmente, não parou em nenhum andar, já que todos estavam indo para os jardins do hotel.

Cobrimos mais cedo a área reluzente onde eles estavam realizando o evento com Noah e Boone, adicionando câmeras aos pontos cegos. Embora eu ainda esperasse que Levi conseguisse os arquivos de áudio, queria estar preparado caso ele precisasse de mais tempo.

Entrei na suíte que vibrava com música eletrônica alta – a favorita de Boone. Levi estava sentado no bar, tomando Coca-Cola por um canudo de vidro, enquanto seu irmão e Noah estavam sentados à mesa de jantar para seis pessoas, comendo hambúrgueres do serviço de quarto.

— Pedimos um para você também. — Noah acenou para um prato coberto por um cloche.

— Jantei com meus pais, mas tenho certeza de que terei espaço para isso depois.— Joguei a sacola de roupas com nossos smokings no sofá. — Alguma sorte com o áudio, Levi?

Ele passou a mão pelo cabelo fofo, com o qual visivelmente estava mexendo por horas, e estremeceu.

— Ainda me faltam duas palavras-chave. Sinto muito, Adam.

— Tudo bem. — Estávamos prontos para a operação fantasma de qualquer maneira. — Onde estão as garotas?

— A Galina foi procurar uma máscara. — Noah acenou para o quarto que Galina elegeu como seu, o maior dos três quartos da suíte. — E a Naya está se preparando.

— Uma máscara?

Noah limpou um pouco de ketchup no canto da boca.

— Ela acha que a Naya deveria manter o rosto escondido.

— Inteligente. Fones de ouvido?

— No bar — Boone disse com a boca cheia de comida.

— Vi dois.

Boone engoliu, antes de tomar um pouco de água.

— A Galina e o Noah já estão com os deles. Os dois restantes são para você e a Naya.

Ergui as sobrancelhas.

— E você?

— Acho que devo ficar aqui em cima para monitorar as câmeras. São muitas. — Ele passou uma batata frita no ketchup que havia amontoado na lateral do prato. — A menos que você realmente me queira lá embaixo…

— Não. Fique aqui. É melhor. — Como eu estava indo checar Naya, guardei os dois fones de ouvido. No fundo, esperava que ela tivesse mudado de ideia.

Caminhei em direção ao quarto das garotas e estava prestes a bater na porta entreaberta quando minha mão paralisou no ar. Naya estava diante de um espelho, passando batom carmesim sobre os lábios entreabertos, corpo coberto por lantejoulas pretas e cabelo…

Agarrei o batente da porta.

— O que em Abaddon você está vestindo e o que você fez com seu cabelo?

Ela se assustou, passando batom na covinha acima da boca.

— A Galina o alisou para que eu parecesse comigo… só que não. — Ela abaixou o aplicador, colocou-o de volta no tubo e foi para o banheiro. — Quanto ao que estou vestindo, chama-se vestido. —Um momento depois, ela voltou, sem borrado e com os lábios impecavelmente preenchidos.

A vontade de dizer a ela para vestir algo com muito mais tecido tomou conta da minha língua, mas que direito eu tinha de comentar sobre o jeito que ela se vestia? Ela não era minha namorada. Quando ela se virou para pegar algo da mesa de cabeceira, meus ouvidos começaram a zumbir e minha braguilha a forçar em meu pau inchado.

Em uma exibição espetacular de habilidades de observação, eu disse:

— Seu cabelo é comprido. — Ele atingia seu cóccix.

Como se eu a tivesse deixado constrangida sobre isso, ela o segurou, atraindo meu olhar para sua coluna totalmente exposta.

O zumbido em meus ouvidos ficou mais forte, e meu pau, mais grosso. Eu ia estourar uma artéria ou a braguilha se continuasse olhando boquiaberto para o vestido sem costas que tinha um decote tão baixo que vi as covinhas na base de sua coluna, bem como uma lantejoula em forma de coração segurando duas tiras pretas.

Me.

Depene.

Aquilo era o fio-dental dela?

— Você não vai se trocar? — Ela acenou com a cabeça para o meu jeans preto e camiseta preta enquanto calçava um par de sapatos brilhantes de salto agulha.

Eu esperava que Galina trouxesse de volta um casaco sem forma até o tornozelo junto com aquela máscara.

— Adam?

— O quê? — resmunguei, sentindo cada célula do meu corpo e terminação nervosa em alerta máximo.

Naya cruzou os braços.

— Sei que você odeia esse plano, mas não desconte em mim, sim?

O plano atualmente estava em segundo lugar na lista de coisas que eu odiava, sendo o número um como Naya estava linda. Afastei o olhar para longe de seu vestido curtinho e o foquei nos jardins iluminados além de sua janela. Meu corpo estava formigando, se contorcendo, minhas asas se desdobrando para aparecerem e se esticarem.

Eu precisava de ar, de preferência não repleto de seu cheiro doce, e distância antes que minhas asas saltassem e me ridicularizassem mais uma vez.

Me afastei do batente da porta, quando algo brilhou do lado de fora. Em vez de sair do quarto, fui para a frente, procurando na escuridão por uma explosão. Ou fogos de artifício. Ou…

Um suspiro baixo fez meu olhar se desviar do vidro reluzente.

Minhas pupilas e veias se dilataram com a visão de Naya brilhando da ponta das asas às unhas. Quando o influxo de sangue atingiu meu coração, ele também estufou.

Suas asas se materializaram e, embora ela as tivesse enrolado em volta dos ombros, elas não ajudavam em nada para esconder seu esplendor.

Ela levantou as mãos e as girou na frente de seus olhos arregalados, e minha admiração se transformou em confusão. Ela engoliu em seco e baixou o rosto, fazendo com que seus fios dourados como trigo caíssem em cascata para a

frente.

Desejei que ela levantasse o rosto e empurrasse o cabelo para trás. Que mostrasse sua atração por mim com orgulho. Hipócrita da minha parte, considerando que eu fiquei tão envergonhado de abrir as asas para ela, que fechei a porta na sua cara.

— Uau… isso é… — Ela limpou a garganta. Olhou para mim através de cílios tão grossos e longos que encobriram seu olhar brilhante. — Uma sensação estranha.

Levou um momento para sua voz chegar ao meu cérebro e depois outro para registrar.

— Espere… esta é a primeira vez que você queima em chamas por alguém? — Mantive a voz baixa para que o resto da equipe não ficasse a par de nossa conversa, embora eu duvidasse que eles pudessem ouvir alguma coisa sobre a música que pulsava na sala de estar.

Naya mordiscou os lábios vermelhos e assentiu. Minha mente ficou em branco, focando no ponto de contato entre seus dentes brancos e a carne presa. Eu iria direto para Abaddon por todas as maneiras que a imaginava usando aquela boca no meu corpo.

Tirei a sacanagem da cabeça, e depois do resto do corpo.

— Você está me dizendo que nunca queimou em chamas por *Jarod*? — Seu nome tinha um gosto ruim e contaminou o momento. Também apagou o brilho atormentador de sua pele.

Masoquista, era isso que eu era.

Eu queria falar sobre o ex dela tanto quanto eu queria ver Junior colocar seu olhar desprezível em Naya esta noite.

Ela finalmente levantou a cabeça, os dedos delicados lutando para empurrar seus cabelos dourados, e me fixou com seu olhar sem fundo.

— Por que você está tão obcecado com o Jarod?

— Por que eu estou… — Soltei um som entre um bufo e uma gargalhada, mesmo que eu estivesse tudo menos divertido. — Ah… talvez porque você não parou de chamar por ele na Inglaterra, depois mentiu sobre não conhecê-lo. O que honestamente me faz pensar por que você está queimando *por mim*.

Ela balançou a cabeça.

— Você realmente quer saber quem é Jarod?

— Não. — Fiz uma careta quando o ishim arrancou uma das penas. Detectores de mentira estúpidos.

Ela observou a queda da minha pena antes de erguer o olhar de volta para o

meu.

— É um cara com quem eu sonho. Um cara com quem sonhei a vida inteira. Uma invenção da minha imaginação que parece tão real, que perco penas quando afirmo não conhecê-lo. — Seu peito arfava, seu pulso batendo descontroladamente em seu pescoço.

De todas as desculpas que ela poderia ter inventado…

— Posso notar que você não acredita em mim.

Me recusei a verificar se havia uma pena caída no tapete, porque não importaria.

— Não estou interessado em ser um substituto para outra pessoa. Real ou não.

Seus olhos se fecharam e suas narinas se dilataram.

— Que bom, porque não estou interessada em namorar você.

— Porque você está esperando por seu amante de fantasia

— Sim. É por isso — ela sussurrou, assim que uma porta bateu em algum lugar da suíte.

— Encontrei a perfeita… — Uma máscara preta rendada balançou dos dedos de Galina. — Qual o motivo do impasse e da perda de penas?

Naya pegou o adereço com um agradecimento murmurado e o colocou.

— A festa está a todo vapor lá fora. Devemos ir. — Galina olhou para as duas penas pretas espalhadas pelo tapete – uma brilhante, uma opaca – antes de erguer uma sobrancelha para mim. Não ofereci uma explicação e nem Naya.

— Vamos — murmurei em tom rouco.

Galina olhou para minha roupa com desagrado.

— Você nem está vestido.

— Estarei em um minuto. — Joguei o fone de ouvido para Naya e, embora tivesse dado zero aviso, ela pegou. Bons reflexos. — Sabe como isso funciona?

— O Boone me ensinou. — Depois de encaixá-lo no ouvido, ela ajustou a máscara até que seus olhos estivessem perfeitamente alinhados com as aberturas em forma de amêndoa.

Esqueça Abaddon. Minha alma seria incinerada muito antes de chegar à nossa versão do Inferno se o pai dela pudesse ver um único dos meus pensamentos indecentes, a maioria dos quais mostrava Naya, com asas e pernas abertas, usando apenas a máscara, o fio-dental e o batom.

Tome o bendito controle.

Respire.

Galina bateu palma na frente do meu rosto.

Recuei a cabeça.

— Que depena é essa, Galina?

— Pare de encarar a Naya e vista seu terno. — Um sorrisinho curvou seus lábios, como se ela pudesse ver a safadeza ao redor da minha mente.

Ela provavelmente podia. Como Noah, Galina estava começando a me conhecer muito bem.

Brincando com a aba do boné, resmunguei e voltei para a sala de estar, mas não antes de ver um rubor nas bochechas e orelhas de Naya.

quarenta e três



naya

— VOCÊ ESTÁ SE DESTACANDO — sussurrei para Adam de onde ele e eu estávamos na sombra de uma palmeira alta, perto de onde os garçons montaram seu QG.

Embora ele tenha adicionado um paletó à sua roupa toda preta, ele manteve os tênis brancos e boné.

— Diz a garota vestindo um guardanapo de lantejoulas e uma máscara digna de um baile de máscaras. — Ele mal olhou na minha direção desde que saímos da suíte, mas insistiu em ficar ao meu lado enquanto Noah e Galina vagavam pela multidão.

Não que eu quisesse sua atenção. Eu ainda estava tentando superar o fato de que eu tinha queimado em chamas por ele. Anjos, que humilhante.

A voz de Galina explodiu contra meu tímpano.

— O Robbie está se preparando para fazer um discurso. Acho que seria o momento perfeito para tornar sua presença conhecida, Naya.

Toquei no fone de ouvido duas vezes para que minha voz fosse registrada.

— Certo. — Em seguida, toquei novamente para cortar a transmissão.

Os braços de Adam estavam cruzados tão apertados na frente do peito que fiquei esperando ouvir as costuras do seu paletó rasgarem.

— Estou muito tentado a escrever uma mensagem de sangue para Susan em um guardanapo de coquetel — murmurei. — Do tipo: *eu sei o que você fez*.

Ele me olhou de soslaio.

— Deixe-me adivinhar. Você acha que é uma ideia horrível? — Em voz baixa, acrescentei: — Como todas as minhas ideias.

— Eu não odeio *todas* as suas ideias.

— Ah, vamos lá.— Revirei os olhos. — Cite uma que você não achou estúpida.

— Você só parece gostar de se colocar em perigo, isso é tudo.

— Sempre fugindo das minhas perguntas…

— Na verdade, acho que escrever um bilhete para Susan é uma ótima ideia. — Ele se inclinou para me encarar. — Se você fizer isso, eu vou entregá-lo.

Desta vez, fui eu quem o olhou de lado.

— Mas de preferência não com sangue. — Seu tom conciliatório foi uma mudança boa comparado com o quanto ele havia sido conciso desde que

aparecera na porta do meu quarto e fizera uma careta com a minha aparência.

Estava convencida de que Galina era a reencarnação de Pigmaleão, porque ela me fez sentir tão bonita. E então ele veio e esmagou a figura de barro macio que ela havia feito antes que tivesse qualquer chance de secar. Agora, eu me sentia malvestida e enfeitada demais, e tudo que eu queria era limpar a maquiagem e jogar meu vestido em uma lixeira.

Adam interceptou um garçom que carregava um prato de pastéis de nata do tamanho de uma mordida. Enquanto ele perguntava se poderia pegar uma caneta emprestada e roubar um guardanapo da pilha na mão do homem, olhei para o doce rosa, meu estômago roncando. Eu estava tão ansiosa quando o serviço de quarto entregou o jantar mais cedo que não consegui engolir mais do que um pedaço do queijo quente.

E sim, eu ainda estava nervosa, mas como ninguém apontou uma arma na minha direção ou um holofote no meu rosto, minha ansiedade diminuiu. Não que alguém precisasse de apetite para consumir sobremesas.

Logo antes que o garçom pudesse recuar para pegar a caneta, Adam pegou a bandeja.

— Vou segurar isso para você.

O homem se assustou, mas depois se virou, recuando por onde veio.

Adam empurrou o prato na minha direção.

— Coma.

Pisquei para ele, depois para a bandeja, que supus que ele ergueu para ajudar o garçom.

— Talvez eu não esteja com fome.

— Seu estômago está mais barulhento que a banda.

Será que ele realmente ouviu o barulho por cima da versão instrumental da mais nova música de Adele?

Incapaz de resistir, peguei um bolinho de creme e coloquei na boca, que derreteu em uma poça deliciosa. *Ah, anjos*… Isso era…

— Incrível — eu disse em voz alta. — Você deveria experimentá-los.

— Eu odeio coisas doces.

— Isso não me surpreende.

Ele grunhiu enquanto eu roubava outro.

Devo ter gemido, porque ele balançou a cabeça, como se ter prazer em coisas doces fosse totalmente absurdo.

— Noah precisa experimentá-los.

— Eu ia sugerir que você guardasse alguns, mas você está sem bolsos. —

Ele deu ao meu vestido um olhar desdenhoso.

— O que meu pobre vestido fez para você? — perguntei, pegando dois últimos doces.

Seus olhos brilhavam como esmeraldas lapidadas em um rosto impecavelmente inexpressivo. Porque infelizmente eu não estava imune ao seu olhar inescrutável, um rubor tomou conta das minhas bochechas.

Desviei minha atenção dele e para um grupo jovial de Garotas Circles. Uma risada ofegante familiar me fez apertar os olhos, e então eu apertei os olhos com mais força, porque… aquilo…?

Emmy estava usando a *minha* jaqueta?

Uma das garotas do grupo que ela apelidou de Vadias Circle se colocou entre nós, reduzindo minha visão. Me inclinei para o lado para ver além da socialite alta, cujo nome eu havia esquecido, estremecendo quando uma mão roçou a pele nua das minhas costas.

— Sua caneta.— Adam a brandiu entre nossos corpos.

Eu estava tão concentrada na jaqueta azul-petróleo que Emmy estava vestindo que não vi o garçom retornando.

Peguei a caneta e o guardanapo oferecido.

— Você realmente fez um ótimo trabalho reformando a Emmy.

Ele se encolheu. Se estava curioso para saber por que eu tinha falado isso, não perguntou. Homem sábio.

Apertei o guardanapo contra a palma da mão e rabisquei:

Quero minhas pérolas de volta.

A garota do pântano

Se isso não causasse arrepios na consciência de Susan, eu não sabia o que faria.

— Você vai entregar por conta própria ou vamos pedir a um garçom para fazer isso?

— Eu vou levar. — Enquanto ele o enfiava no bolso da jaqueta, ele inclinou o queixo para baixo, tentando chamar minha atenção, mas não encontrei seus olhos.

Talvez fosse injusto descontar minha raiva nele, mas a jaqueta que Emmy usava significava muito para mim.

— Qual é o problema?

Trinquei os dentes quando a Garota Circle alta como supermodelo, se mexeu, e a luz das lanternas penduradas nos galhos das árvores sobre suas cabeças salpicou o bordado prateado.

Adam segurou meu queixo e inclinou meu rosto, forçando meus olhos para os dele.

— Qual é o…

— Sua ex roubou minha jaqueta — resmunguei, torcendo a cabeça para me livrar de seus dedos.

Ele suspirou.

— Vou recuperá-la.

— É? E como exatamente você está planejando fazer isso? Você vai se aproximar e dar um tapinha no ombro dela?

— Vou pedir para a Galina pegar, certo? — Ele apertou os lábios. — Ou vou comprar uma substituta para você.

— Você não pode comprá-la. — A parte de trás dos meus olhos ardeu. — A Mimi mandou fazer especialmente para minha mãe, que a confiou… — Fechei os olhos para bloquear as lágrimas.

Uma palma quente e áspera deslizou pela minha espinha.

— Me desculpe, Pluma. — Sua respiração aqueceu a pele não coberta por filigrana negra.

Inspirei profundamente, esmagando meu ressentimento, porque isso não era culpa de Adam.

— Não se desculpe. Eu não deveria… não deveria ter brigado com você. — Olhei para cima e meus cílios roçaram as bordas da máscara. — É só… essa jaqueta significa muito para mim.

— Vou recuperá-la. — Sua voz era tão rouca e sombria quanto a barba que revestia sua mandíbula. — E você está certa sobre eu ter feito um trabalho muito ruim. Eu nem entendo por que o ishim me concedeu penas por Emmy. — Ele apertou os lábios, achatando sua plenitude. — Eu estava tão concentrado em pegar Dunmore que não investi o trabalho ou o esforço que deveria.

— Concentrado demais em pegar Dunmore ou a Emmy?

Seus dedos endureceram, e suas pupilas apertaram.

— Todos nós temos um passado, Naya. — Ele removeu a mão e girou, mas não foi embora.

Aplausos altos ressoaram ao nosso redor, e então a voz de Noah perfurou meu tímpano.

— Robbie está com o microfone.

Em outras palavras, *hora do show*.

quarenta e quatro



adam

FATO ANGÉLICO #897:

Asas escuras não são sujas, mas a mente de quem as carrega pode ser.

NAYA LEVANTOU a mão para a fita de sua máscara e a puxou.

Eu estava refletindo sobre as escolhas desonestas do meu passado, mas no segundo em que o material escorregou do rosto de Naya, meu foco total caiu no anjo parado diante de mim.

— Como você apontou tão bem mais cedo, não tenho bolsos. Então segure-a para mim? — Ela balançou a máscara entre nós.

— Por que você a está removendo?

— Para que Robbie e Pablo possam ter uma visão clara do meu rosto. Vou colocá-la de volta assim que os dois me virem, e partimos. — Suas sobrancelhas escuras – vinte tons mais escuros que seu cabelo dourado claro, mas dez tons mais claros que seus olhos – se inclinaram. — Discutimos isso no elevador. Você não estava ouvindo?

Eu estava muito concentrado na lantejoula em forma de coração piscando para mim da base de sua espinha para ouvir o plano da máscara. Apenas pensar nisso inundou minhas veias com luxúria.

— Adam? — Ela sacudiu a máscara.

Eu peguei.

— Me conte seu grande plano.

— Vou dar a volta no perímetro da multidão até chamar a atenção de Robbie e Pablo. Assim que os dois derem uma boa olhada no meu rosto, Galina e Noah vão distraí-los, e eu vou desaparecer na multidão.

Naya não poderia desaparecer mesmo que tentasse. Especialmente não usando o que estava no seu corpo e lábios.

Empurrei a máscara de volta em suas mãos.

— Coloque-a novamente.

— Mas… mas eu quero que eles me reconheçam — ela gaguejou.

— Eles vão.

— Meu cabelo está diferente, e…

— Confie em mim. Você ainda é a mesma, mas com o cabelo liso.

Seus olhos se arregalaram em choque, e me ocorreu que ela honestamente pensou que Galina a tinha transformado em outra mulher.

— Por favor — acrescentei com rispidez, caso fosse por isso que ela ainda não tinha recuperado sua máscara.

Seus dedos estremeceram e esbarraram nos meus quando ela a pegou.

— Pessoal, vocês perderam o Noah… — Galina atravessou a fila de convidados, que estavam todos de costas para nós, muito fascinados por Robbie se pavoneando pelo palco improvisado. — O que você está fazendo? — ela perguntou a Naya, que estava recolocando a máscara.

— Adam acha que eu deveria continuar com ela.

— Eles vão reconhecê-la perfeitamente — resmunguei.

Galina franziu a testa, mas felizmente não bateu de frente comigo. Ainda bem, porque eu não estava com vontade de debater os méritos da minha decisão.

— Ei, Gee. — Peguei o guardanapo. — Se certifique de que isso pare nas mãos de Susan Dunmore. — Eu não tinha certeza por que concordei em entregá-lo, já que eu não planejava deixar Naya fora da minha vista por um segundo bendito por um anjo.

Galina assentiu, colocando um dedo em seu ouvido.

— Eles estão prontos. Você está no lugar, Noah? — Sua voz ressoou contra meus dois tímpanos.

— Sim. Apenas me diga quando.

Toquei duas vezes no fone de ouvido.

— *Eu* vou dar o sinal. Boone, o que você vê?

— A maioria dos guardas está reunida em torno de Pablo e do palco, mas quatro estão de pé ao longo do perímetro, bloqueando os caminhos. Sua aposta mais segura será passar pelo mato à sua direita.

— Entendi. Naya e eu iremos para lá assim que ela terminar.

— Vou para a caixa de fusíveis. Vejo vocês no esconderijo, amores. — Galina saiu correndo com as botas que usava com o vestido amarelo.

Olhei para os sapatos de Naya e resmunguei:

— Por que você não usou tênis?

— Porque tênis não são muito elegantes. Além disso, posso correr bem de salto.

— Pessoal, ele está quase terminando de falar — Noah sussurrou. — O que vocês estão esperando?

Naya retrocedeu, então se virou e contornou o arco apertado de convidados, mantendo alguns metros de espaço entre ela e eles.

Baixei a aba do meu boné, peguei um copo de algo da bandeja de um garçom que passava e me movi paralelamente a Naya, perto o suficiente para alcançá-la em um piscar de olhos, mas longe o suficiente para que os Triplos que ela estava tentando assustar não me vissem e percebessem que estávamos trabalhando juntos.

Eu queria… não, eu *precisava* ficar sob o radar deles para poder me mover livremente pelo hotel e esta cidade, porque perseguir monstros em plena luz do dia era muito mais fácil do que persegui-los das sombras.

Olhei ao meu redor para mapear o paradeiro da equipe de segurança do príncipe, meu olhar se prendendo no hotel que brilhava como um farol na noite.

Pensar que mais da metade dos habitantes desta cidade não podiam pagar eletricidade. Agora não era hora de falar sobre desigualdades humanas e monarquias injustas, mas anjos, como isso me irritava.

Minha ofensa se desvaneceu para um ruído branco quando Boone grunhiu:

— À sua esquerda, Adam. Um dos guardas está te observando. Tire o boné. Você parecerá menos suspeito.

Meus dedos pousaram na aba, mas então uma voz familiar machucou meus tímpanos, e eu abaixei a mão. Sim. O boné ficava. Se Emmy parasse de comer Junior com os olhos, que estava no palco, olhando para seu amigo, ela me reconheceria em um piscar de olhos.

Ela se inclinou para sua nova amiga. Embora eu não tenha ouvido tudo o que ela disse, percebi a menção das palavras “Príncipe” e “preservativo”. Provavelmente os mesmos que ela ofereceu a Naya na Inglaterra antes de aconselhar a filha do arcanjo a carregar o bebê de Junior.

Quando li a transcrição das pérolas, tive vontade de socar alguma coisa. Mesmo agora. Fechei com força a mão que não segurava uma taça de vinho, me afastei da garota do meu passado e me aproximei da do meu presente.

Naya parou de andar e seus ombros se endireitaram.

Eu não tinha percebido o quão quieto tinha ficado até que ouvi Boone dizer:

— O Robbie viu você, Naya.

Não só viu, como parou de falar.

Em câmera lenta, ou possivelmente minha mente desacelerou tudo, Junior virou-se para olhar o que tinha feito seu amigo sardento ficar tão pálido quanto a camisa de botão espreitando por entre as lapelas de veludo de seu smoking escuro.

quarenta e cinco



naya

ADAM ESTAVA CERTO. Robbie me reconheceu através da máscara, e o choque que se seguiu franziu suas sobrancelhas e apertou sua boca.

Pablo também me viu, mas sua sobrancelha permaneceu curvada por muito mais tempo. Talvez porque seu ponto de vista não fosse tão ideal quanto a visão panorâmica de Robbie.

Cheguei para o lado, passando atrás de um grupo de homens altos usando ternos sob medida enquanto Robbie tentava encobrir sua falha com uma história cômica de seus dias de internato.

— Agora! — A voz de Adam soou através do meu fone de ouvido.

Ao lado do palco, uma mesa cheia de bebidas tombou, causando um grande alvoroço. Susan gritou, algo sobre uma mancha de vinho em seu vestido Chanel bouclé. Foi Noah que bateu na mesa alta coberta pela toalha?

Minha respiração ficou presa, porque Pablo tinha visto meu companheiro shorhim na mansão, na noite em que ele derramou água no meu colo. Eu esperava que Galina houvesse provocado o surto de Susan, mas ela não estava lidando com as luzes?

Embora tentada a olhar por cima do ombro para o palco, mantive o olhar nas sombras periféricas, desviando repetidamente para o homem alto e forte que prometeu ficar ao meu lado.

Adam não estava em nenhum lugar *emplumado*.

Meu coração começou a bater mais rápido, enchendo minha língua com o gosto de metal.

Os guardas o pegaram? Ele correu de volta para o hotel e me deixou?

Raciocinei com meu cérebro em pânico que eu sabia para onde ir. Não precisava dele.

Girei, prestes a correr para o bosque de plantas tropicais, quando uma briga abafada fez meus passos vacilarem. Apertei os olhos, distinguindo dois corpos, os dois vestidos de preto. Um na vertical; um tombando.

Meu estômago gelou, até que notei o boné e os tênis brancos no homem ainda de pé. Depois de derrubar o guarda, Adam apontou com a cabeça em direção à nossa rota de saída.

Corri para a frente e cheguei à palmeira, atrás da qual Adam e eu havíamos

ficado mais cedo, quando um homem entrou em meu caminho. Meu coração deu um pulo, mas se acomodou ao ver o traje dele: terno e camisa branca de colarinho aberto.

Só um convidado, Naya.

Tentei evitá-lo quando ele perguntou em um inglês ruim:

— Você é uma Garota Circle?

Porcaria.

— Hum…

Adam parou e, embora seu rosto estivesse imerso na escuridão, o brilho irritado em seus olhos era inconfundível.

— Sim. — Voltei a me concentrar no meu interlocutor e sorri, para que ele não ficasse desconfiado e estalasse os dedos para chamar um guarda.

— Eu gosto de *tu máscara*. — Ele passou os dedos pelo rosto para indicar que estava se referindo à minha máscara e não à maquiagem. — Muito… como vocês dizem? Intrigante.

Através da multidão, notei Pablo falando com dois guardas. Como se meu olhar pinicasse sua bochecha, ele começou a se virar. Peguei o braço do homem e o girei, assim seu corpo bloqueou a visão do meu.

O homem sorriu, aparentemente não desencorajado pelo meu movimento estranho. Na verdade, ele parecia… entretido?

— Posso oferecer um copo de… — O homem de terno chiou, e então seus olhos começaram a se fechar e ele se inclinou para trás, direto nos braços de Adam.

— Não, não pode — Adam murmurou, apoiando o corpo caído do homem contra a base da palmeira. — Terminou de flertar, Pluma?

Pisquei para longe do homem incapacitado.

— Eu não estava…

As luzes se apagaram. Todas. Galina devia ter puxado os fios.

Uma mão agarrou a minha. Adam havia me tocado tantas vezes que reconheci o arranhão de seus calos e a largura de seus dedos.

— Segure firme.

Ah, eu segurei. Com tanta força, que provavelmente cortei a circulação para o resto do corpo dele.

Adam nos guiou pela escuridão sem lua, seus passos nunca vacilando.

Folhas farfalharam, depois roçaram em minhas bochechas, braços, pernas e costas enquanto nos espremíamos no matagal. Quando os galhos se fecharam atrás de mim, nos selando em um monte de escuridão verde, ele parou.

Os guardas estavam enlouquecidos no caminho que deveríamos tomar, gritando uns para os outros, enquanto lanternas de celulares iluminavam o cimento.

Quando a luz deles passou pelo nosso covil, Adam se virou e pressionou o dedo indicador nos lábios. *Uau… sério?* Ele achou que eu ia escolher exatamente aquele momento para ter uma conversa completa com ele?

O feixe de luz se afastou. Quando ninguém nos atacou, soltei a respiração que meus pulmões estavam prendendo desde que as luzes se apagaram. Embora bem escondidos, estávamos presos, sem ter para onde ir até que os guardas voltassem para a festa.

— Boone? — Senti o murmúrio de Adam mais do que ouvi.

Engoli em seco, depois engoli de novo, porque meu coração começou a subir para garganta.

— Mantenham suas posições. — A voz de Boone saltou contra o meu crânio. — Muitos guardas em seu setor.

— Esperando. — Adam passou o polegar em meus dedos em arcos lentos. — Você não é claustrofóbica, é, Pluma?

Balancei a cabeça enquanto os gritos continuavam ecoando ao nosso redor. De repente, a pressão de seus dedos desapareceu, e eu respirei fundo e em pânico.

— Meu paletó. Coloque-o.

— Não estou com frio — sussurrei.

— Não, mas está brilhando como uma bola de discoteca. — Ele guiou meus braços através do forro de seda, me prendendo em seu calor corporal e cheiro irritantemente delicioso.

Cada inalada agitava meu sangue. Por que ele tinha que cheirar tão bem?

— Tem certeza de que você não está com frio? — As pontas dos seus dedos roçaram minha clavícula enquanto ele ajustava as lapelas, lançando mais de sua fragrância de dar água na boca na minha direção. — Sua pele está toda arrepiada.

Aposto que estava. Entre a adrenalina e a proximidade de seu corpo e seu cheiro…

— Não precisa ter medo. — As unhas de Adam bateram na lateral da minha coxa, arrepiando um pouco mais minha pele. — Vai ficar tudo bem — ele murmurou tão perto do meu lóbulo que meu corpo estremeceu. — Eu te prometo, Pluma. Tudo bem.

Outro tremor agitou meu corpo.

E então…
Argh.
De. Novo. Não.

quarenta e seis



naya

MINHA pele se iluminou na escuridão.

Não, não, não, não, não.

Agora realmente *não era um bom momento para arder em chamas.*

Agora era um momento epicamente *terrível*.

Implorei ao meu corpo para parar de se iluminar. Mas ele ouviu? Não.

Um canto da boca de Adam se curvou.

— Acho que você não está com frio *ou* com medo — ele murmurou.

— Cale a boca — sussurrei, movendo o olhar para o seu pomo de Adão.

Uma risada silenciosa sacudiu seu peito.

— Não é engraçado. — Empurrei minha máscara para cima porque estava arranhando meu rosto brilhante.

Conversas altas zumbiam atrás de nós enquanto os organizadores da festa incentivavam os convidados a se acomodarem. Embora alguns gritinhos ecoassem no ar, eles eram, com frequência, seguidos por gargalhadas. Aparentemente, as pessoas estavam gostando do apagão.

— Duas vezes agora — Adam respirou contra minha testa.

— Duas vezes? — Levantei os olhos de volta para os dele, meu brilho teimoso destacando suas vívidas írises.

Ele empurrou para o lado uma mecha do meu cabelo, passando as unhas pela minha pele aquecida, e se inclinou para murmurar sua resposta:

— Que você ardeu em chamas por mim.

Excelente. Ele estava contando.

Umedeci os lábios.

— É apenas fisiológico. — Aproximei a boca do ouvido dele para ter certeza de que ninguém nos ouviria falar, embora eu duvidasse que nossas vozes se sobressaíssem ao burburinho. — Não significa nada.

— Não? — Seus dedos se enroscaram no meu cabelo, e meu corpo desleal reagiu ao seu toque lento com outro arrepio. — Quando eu…

— Eles estão trabalhando nas luzes. Estimo que vocês ainda têm cinco minutos de escuridão. — A voz de Galina ecoou. — Estou voltando para o esconderijo. Noah? Posição?

A voz de Noah ecoou no fone de ouvido um segundo depois:

— Estou na entrada de funcionários. Acabei de passar pelas portas.

Mesmo que eu quisesse perguntar a Adam: *"Quando você o quê?"*, mantive meus lábios selados.

— Pronta para correr, Faísca?

Olhei para ele.

— Faísca? Mesmo? — Meu corpo *finalmente* parou de cintilar, mas o dano em suas retinas e no meu ego estava feito.

O pluma irritante sorriu. Ele puxou a manga comprida de seu paletó para pegar minha mão, sua palma quente e sólida em torno de meus dedos gelados.

Ele começou a se virar para mostrar o caminho quando a voz afetada de Susan invadiu nosso esconderijo frondoso.

— Ela ligou para alguém naquela noite, Rob. Alguém que sabe o que fizemos. Alguém que deve estar aqui.

— Mantenha sua voz baixa, mãe.

— Mantenha minha voz baixa? Não foi você quem recebeu um bilhete ameaçador.

— Pelo amor de Deus, *fique quieta*!

Arregalei os olhos porque os dois Dunmore estavam a centímetros de distância. Se eles direcionassem a luz do telefone para as folhas que pareciam enceradas, perceberiam meu contorno. O medo fez meus dentes baterem novamente.

Adam segurou minha cintura por baixo do paletó que ele me emprestou e me puxou contra sua frente, provavelmente para acalmar meu tremor antes que eu sacudisse os galhos e nos entregasse.

— Pessoal, vocês precisam se mexer. O chefe de segurança de Pablo acabou de transmitir por rádio a descrição de Naya para o resto da equipe e deu a ordem para que todos os portões do parque e as entradas do hotel fossem lacradas. — A voz de Boone batia no ritmo dos meus dentes. — Quatro estão chegando à sua direita. Vá para esquerda.

— Um dos guardas de Pablo irá escoltá-la até a suíte, mãe. Fique lá até que eu conserte a situação que você e o Henry arruinaram.

— Não ouse me culpar! Não fui eu que saí mais cedo. Fui eu que entrei naquela porcaria de avião com aquelas malditas garotas.

O braço que Adam tinha enrolado em volta da minha cintura se afastou quando ele se virou, mas a mão que segurava a minha apertou. Ele se virou e, embora seus passos fossem silenciosos, seu corpo dobrou os galhos, que se fecharam ao meu redor. Felizmente, os gritos dos Dunmore absorveram os

rangidos sussurrantes e o murmúrio da nossa fuga.

Dei um passo cauteloso, com cuidado para equilibrar meu peso nas pontas dos pés para que meus saltos finos não afundassem no solo escuro. Quando levantei o braço para afastar um galho balançando contra o meu rosto, paralisei. Algo se moveu contra meu braço.

Algo com olhos pequenos e vidrados e um corpo reptiliano enrolado. Apertei os dedos de Adam quando um grito subiu pela minha garganta.

Ele se virou, com certeza esperando os Dunmore.

A cobra sibilou.

Adam moveu a mão depressa e agarrou a cobra. Simplesmente a agarrou.

— Você ouviu isso? — Susan perguntou.

Um holofote iluminou as folhas.

— Rob, há pessoas… — Antes que ela pudesse terminar a frase, Adam atirou a cobra em sua direção. Deve ter pousado nela ou perto, porque ela gritou.

Ele puxou meu braço e saímos do ninho da serpente, minha máscara se prendendo em um galho e escorregando da minha cabeça.

Eu era imortal. *Imortal!* Nem mesmo cobras venenosas poderiam me prejudicar. Raciocinei que tinha enlouquecido, porque a criatura me pegara de surpresa.

Quando meus saltos atingiram o caminho de cimento, a corrida ficou mais fácil, mas também mais barulhenta.

— *¡Por ahí! ¡Por ahí! — Por ali!* Feixes estreitos iluminavam o caminho e manchavam as sombras ao nosso redor, e então as botas martelaram.

Parecia que uma debandada de feras com cascos estava descendo sobre nós.

Adam resmungou baixinho, então quase deslocou meu ombro ao fazer uma curva fechada à direita, nos tirando do caminho. Meu salto ficou preso, e eu cambaleei para frente, meu pé escorregando. Graças ao aperto de morte de Adam, fiquei de pé.

— Meu sapato — murmurei enquanto os gritos e passos aumentavam de volume.

Os dedos de Adam esmagaram os meus.

— Deixe.

— Eles vão encontrá-lo — sussurrei.

Ele não deve ter se importado, porque nos impulsionou para a frente, direto para outro matagal.

Minha pele se arrepiou, meu sapato há muito esquecido.

— Tire o outro.

Olhei para a única coisa entre minha pele e a miríade de criaturas rastejando ao redor do solo fértil. Como eu não podia voltar aos pulinhos para o hotel, tirei o salto alto que me restou logo antes de sairmos do bosque tropical.

Minhas asas brotaram. Como eu gostaria de poder batê-las e voar.

Se ao menos Dov estivesse aqui.

Ou qualquer ascendido.

Se apenas…

As luzes do poste brilharam e inundaram o parque com tanto brilho que parecia que o sol havia derrubado as estrelas no céu.

Lâmpadas iluminavam a folhagem lustrosa e as fileiras de veículos parados no estacionamento, que se estendia na base da colina curta, mas íngreme, no cume da qual Adam e eu estávamos.

Elas também contornavam com halos os guardas parados na entrada de funcionários, artilharia pesada amarrada em seus peitos, olhares semicerrados em nós.

— Porra — Adam sussurrou. Ou ele disse *pula*?

quarenta e sete



adam

FATO ANGÉLICO #7:
Anjos, assim como sereias, podem levá-lo para o mal caminho.

ME VIREI e coloquei a mão na parte de trás da cabeça de Naya, pronto para me jogar de lado, quando o grito de batalha de Noah rasgou meu tímpano. Olhei para baixo a tempo de ver Galina e ele atacarem os guardas. Em segundos, eles incapacitaram os dois.

— Se apressem, vocês dois — Noah grunhiu quando agarrou o guarda inconsciente pelos tornozelos e o arrastou pelas portas de vidro deslizantes, logo atrás de Galina e seu guarda.

Minha alma levou vários segundos para se soltar da minha espinha. Soltei os dedos do cabelo de Naya e tirei sua mão da manga do meu paletó.

Naya tremia tanto, suas asas brilhavam furiosamente em suas costas. Sua pele estava tão branca quanto meus tênis, e seus olhos tão redondos quanto o réptil que eu joguei em Mama Dunmore. Eu esperava que a coisa tivesse se enrolado em sua garganta.

Se perdi uma pena por desejar-lhe mal, não senti, tenso como estava.

Com a adrenalina correndo, me virei para a colina gramada e pulei para frente, puxando Naya de volta ao movimento. A grama estava tão quebradiça e malcuidada que derrapamos.

Quando Naya soltou um gemido baixo, enfiei meus tênis no terreno acidentado e me virei, sentindo os pulmões funcionando com força, o coração batendo mais forte. Minhas mãos estavam fechadas, meu cotovelo dobrado, meus músculos tensos. Eu estava preparado para atacar e socar, mas não havia ninguém ao lado dela. Ninguém a havia tocado.

Ela pulou, tentando remover algo da sola de seu pé descalço.

— Pisei em alguma coisa — ela sussurrou.

Minha respiração subiu pelo pescoço rígido. *Super depenado*.

Subi um degrau para puxá-la em meus braços e carregá-la pelo resto do caminho, quando gritos estouraram logo antes da curva da estrada de cimento. Olhei para as portas de vidro em que Noah e Galina haviam passado, olhei para o caminho. Não conseguiríamos.

— Suas asas — sussurrei,

— O que tem elas?

Segurei a parte de trás de sua cabeça e a empurrei para o chão. Seus olhos se arregalaram quando descemos, e suas asas… elas felizmente desapareceram. No segundo em que nossos corpos bateram no chão, coloquei o meu sobre o dela e levantei sua perna. Com sorte, os homens de Pablo ainda estavam procurando uma garota sozinha em um vestido brilhante, não um casal se pegando.

— Adam — ela ofegou, com os olhos brilhando de forma tão descontrolada quanto as lantejoulas em seu vestido. — O que você está…

— Siga a deixa. — Coloquei meu boné em cima de sua cabeça e enquadrei seu rosto entre meus antebraços para esconder o resto de seu cabelo loiro.

Ela entrou no jogo rapidamente, enganchando o pé em volta da minha coxa. Ela ainda deu um passo adiante, pressionando a boca contra a base do meu pescoço tenso. A sensação quente e úmida de seus lábios conduziu o sangue para longe do meu cérebro.

Porcaria de Abaddon. Eu precisava dele na minha cabeça. Não no meu pau.

Os guardas irromperam no caminho, seus gritos morrendo ao nos ver. Eles olharam para onde estávamos deitados como animais no cio, com as armas apontadas para nossas cabeças.

Quando eles se aproximaram, murmurei, alto o suficiente para eles ouvirem:

— *Fisgones.* — Antes de latir. — *Váyanse de aquí*! — *Vão embora!*

Eles paralisaram, claramente não esperando ser chamados de voyeurs imundos em sua língua nativa. Me certifiquei de que nem um centímetro do rosto de Naya estivesse visível enquanto olhava com raiva para nossa plateia de quatro pessoas.

Um deles olhou para o hotel. Meus pulmões paralisaram. Galina ou Noah tinham saído?

— Antonio e Carlos. Eles não deveriam estar guardando a entrada sul?

— Vocês se importam? — rosnei para eles, enquanto as mãos de Naya tremiam em direção à base da minha espinha.

Um dos homens acendeu uma lanterna e iluminou meus olhos.

— De pé!

Ela deu um nó na minha camiseta preta, como se estivesse com medo de que eu realmente cumprisse as ordens do cretino.

Um dos walkie-talkies ecoou:

— Vigésimo andar. A garota acabou de sair do elevador.

Levi devia ter plantado a gravação que fizemos dela mais cedo entrando em um quarto que pagamos em dinheiro para ter à mão para o fim de semana.

— Isto é propriedade privada. — O guarda, que me pediu para me levantar, tentou enfiar o feixe de luz sobre o rosto de Naya, mas eu a mantive totalmente camuflada. — Vá comer sua namorada em outro lugar.

— Sim, sim. — Fiz uma saudação com dois dedos, me certificando de que o do meio ficasse mais proeminente.

Ele grunhiu, finalmente se virando para longe. No segundo em que suas botas bateram no estacionamento, murmurei:

— Noah, Galina, os guardas estão entrando pela entrada dos funcionários. Fiquem fora de vista.

— Entendido.

— Boone, havia quatro guardas. Todos estão pegando o elevador?

— Eles chamaram um.

— Me avise quando o pegarem. Galina, Noah, posições?

— Colocamos os guardas nos vestiários do spa. Nós íamos pegar o elevador de lá. A menos que você queira que voltemos…

— Não, subam.

— Os guardas estão no elevador — Boone anunciou.

— Mais algum vindo em nossa direção?

— Não.

— Certo. Estamos indo. — Bati no fone de ouvido, soltei uma enorme respiração e apoiei a testa na curva do pescoço de Naya.

— Foi por pouco — ela murmurou.

— Demais. — Inspirei profundamente, em uma tentativa de acalmar meu coração, mas sua pele doce apenas estimulou o ritmo errático.

Afastei a cabeça do seu pescoço, com a intenção de tirar o resto de mim dela, mas eu parei com a visão de seus lábios trêmulos e olhos úmidos.

— Ei. — Tirei uma mecha de cabelo de sua bochecha. — Eles foram embora. Estamos a salvo.

Seu nariz franziu e uma lágrima escorreu.

— Por que eu pensei que isso seria uma boa ideia?

Passei o polegar pela sua têmpora.

— Porque o Dov apoiou.

Seus cílios grudados encostaram em suas bochechas pálidas.

— Eu deveria ter te ouvido.

Suspirei.

— Pelo menos, consegui jogar uma cobra em outra cobra. Que justiça poética.

Embora suas pálpebras não tivessem subido, um canto de sua boca em forma de arco se curvou.

E pensar que estava no meu pescoço minutos atrás.

Tão macia. Tão vermelha. Tão carnuda. Tão úmida.

Entre a memória de seu contorno e a descarga de adrenalina deixando meu corpo, meu sangue ficou pegajoso e quente, e meu pau… inchou, empurrando o interior de sua coxa.

Ela abriu os olhos. Os prendeu aos meus.

De pé. Levante-se, seu desprezível. Você provavelmente está assustando a pobre garota.

Pressionei as palmas das mãos no gramado malconservado, conseguindo elevar meu torso, mas seus braços e perna ainda estavam enrolados na minha metade inferior. Ela provavelmente nem sabia que estava me segurando.

Ou sabia?

— Naya, nós deveríamos… — Comecei a apontar a cabeça em direção ao hotel quando ela revirou os lábios, e querubins sagrados, a visão cortou o pouco poder cerebral que eu tinha.

Minhas asas se abriram. Tentei controlá-las, mas sem sucesso. Minhas penas se esticaram para fora, alongando e endurecendo como a fera em minhas calças.

Ela suspirou enquanto deslizava a perna de cima de mim, a pressão suave de seu calcanhar queimando um caminho pela minha coxa inflexível, o sopro suave de sua respiração queimando outro caminho pelo meu rosto.

Quando não me afastei dela, suas sobrancelhas se curvaram.

— Adam? Você está bem?

Meus membros não responderam, como se uma betoneira tivesse despejado sua carga sobre meu corpo.

— Adam? — Ela mexeu os quadris, o que afiou minhas penas em lâminas. Aposto que elas empalariam qualquer um que tentasse se aproximar, com sangue de anjo ou não.

— Um minuto. Me dê um minuto. — Fiz uma careta como se estivesse com cãibra, para que seus olhos não se desviassem para a treliça de penas nas minhas costas que estavam desesperadas para chamar sua atenção. E pensar que eu impliquei com ela quando ela ardeu em chamas para mim. Eu era um idiota por completo.

— Por quê? — Sua respiração se espalhou pela minha boca e, embora eu estivesse rígido como uma tábua, um arrepio me percorreu.

— Me empurre.

Ela apertou a boca carmesim.

— Se você está tentando testar minha força, agora realmente não…

— Sem teste. Eu só… não consigo me mexer.

— Por quê?

— Por quê? — *Ela estava brincando*? Umedeci meus lábios. — Você não pode ver minhas asas depenadas?

Suas mãos saltaram das minhas costas.

Meu ego foi atingido, porque, evidentemente, ela não viu.

— Elas podem ser mais ralas do que você está acostumada, mas não são tão ralas assim, porra.

O ishim espetou os ossos das minhas asas, arrancando uma pena, e embora sua perda me irritasse, a dor resultante afrouxou a teia de cartilagem que as mantinha eretas.

— Eles arrombaram a porta do quarto 221. — Boone sibilou dentro do meu ouvido. — Levi está plantando outro vídeo da Naya. Onde vocês estão, pessoal?

Nunca fiquei tão feliz que ele não estivesse de olho em nós e por eu ter tido a iniciativa de desligar minha parte da transmissão.

Fiquei de joelhos e depois de pé, vencendo minhas asinhas. Claro, eu não queria que Naya visse minhas expontâneas asas abertas, mas o fato de ela não ter visto esmagou meu ego.

Toquei meu fone de ouvido.

— Estamos indo. — Mantive os olhos em uma moita de grama seca em vez de nas pernas saindo da bainha levantada de seu vestido.

Naya deu um tapinha no solo seco ao redor de onde estava sentada.

— O que você está fazendo?

— Perdi meu fone de ouvido.

— Não importa. Vamos lá. — Me virei e fui para o estacionamento, mas parei quando ela respirou fundo.

Embora estivesse de pé, ela oscilou. Eu estava prestes a perguntar o que havia de errado quando me lembrei dela dizendo que pisara em alguma coisa. Aparentemente, não havia saído.

Como tínhamos perdido tempo suficiente aqui, e só por causa disso, voltei a subir a colina e a peguei. Ela se acomodou com um suspiro suave, mas sem luta. Depois de passar através das portas de vidro deslizantes, fui para a direita, para o

hall de elevadores de serviço e apertei com o cotovelo no botão de subir.

— Você pode me colocar no chão. — Sua voz estava tão eriçada quanto a pele sob minhas palmas.

Coloquei, mas só depois de entrar no elevador.

— Estamos no elevador, subindo.

Me encostei na parede oposta a Naya e tirei meu fone de ouvido.

— Você… você está bravo comigo?

Esfreguei a ponta do meu tênis para soltar um pedaço de terra grudado nele.

— Você está, não é?— Uma pausa. — É porque eu toquei nas suas asas?

Subimos na velocidade de um caracol narcoléptico. *Príncipe mão de vaca depenado*. Não podia nem dar a sua equipe máquinas dignas das do saguão.

O elevador deu um solavanco e então parou de subir completamente. O que…

Eu estava prestes a pegar o fone de ouvido do bolso e colocá-lo de volta quando notei a palma da mão de Naya encostada no botão de parada de emergência.

— Desculpe, tá bom? Suas penas são pretas, e entre o boné de beisebol e o fato de que era noite… — Ela mordeu os lábios. — Eu sinto muito.

Sal em minhas feridas.

— Não estou bravo porque você tocou minhas asas, Naya.

— Então por que você está bravo?

— Você pode simplesmente deixar pra lá?

— Não. Não posso *deixar pra lá*. Não terminamos esta missão. O que significa que vamos trabalhar juntos por pelo menos mais um ou dois dias, então explique o que eu fiz — ela fechou a boca, depois a abriu novamente — para que eu não faça isso de novo…

Esfreguei a parte de trás da minha cabeça, mexendo com o cabelo emaranhado de tanto tempo espremido sob um boné. Quase desejei que os capangas do Príncipe disparassem pelo teto do elevador e se atirassem para dentro, para que eu pudesse interromper essa agonizante conversa de alma para alma.

— Você percebe que não estamos seguros até chegarmos à suíte?

Seus olhos se estreitaram.

— Você está sendo evasivo.

— Estou afirmando um fato. Toda a frota de Junior está te caçando.

— Fale e eu aperto o botão.

Grunhi baixo.

— Estou aborrecido com minhas deficiências, certo? Agora aperte…

— Quais? Você tem muitas.

Ela era de verdade? Baixei a mão e cruzei os braços.

— Seus pais nunca te ensinaram que era rude chutar um homem quando ele estava caído?

— D-desculpe. — O início de seu sorriso desmoronou. — Eu estava só… só te provocando.

Seu pedido de desculpas gaguejado me obrigou a me explicar, só os anjos sabiam por quê.

— Olha, eu nunca tive problemas com minhas asas, mas aparentemente, você conseguiu me fazer ter. Mas vou superar isso.

— Problemas? — O espaço entre suas sobrancelhas enrugou. — Você tem menos penas do que eu, mas suas asas parecem mais cheias que as minhas. Que estão quase completas, caso você tenha esquecido. Se alguém deve ter um complexo, sou eu.

Eu não tinha me esquecido do quanto ela estava perto de deixar este mundo.

— Abri as asas para você, Naya. Duas vezes. Abri as asas para você duas vezes, e você nem percebeu.

Seus dedos rolaram ao redor do corrimão de metal aparafusado na parede do elevador em suas costas.

— Quando?

— Na Inglaterra. Naquela pousada.

— Não conta se eu estava inconsciente.

Soltei uma bufada fraca.

— Você estava muito consciente.

— Então por que não me lembro?

— Provavelmente porque fiquei tão chocado, que fechei a porta do banheiro na sua cara.

Ela ficou quieta por um momento.

— E a segunda vez foi… quando você me pediu para te empurrar?

Olhei para os nós dos dedos que saíam das mangas do meu paletó.

— Sim.

Outro instante de silêncio.

— Dois a dois.

Meu olhar foi até o dela.

— Dois a dois, o quê?

— Ardi em chamas por você duas vezes, você abriu as asas para mim duas

vezes. Achei que você estivesse contando.

Ah. O lembrete de que ela estava atraída por mim, mesmo que ela não estivesse atraída pelas minhas asinhas, soprou o ar de volta para o meu ego.

— Me desculpe, não entendi o que você estava fazendo esta noite. Isso nunca aconteceu comigo antes, então eu não… você sabe?

— Não tenho certeza, na verdade.

Seu olhar caiu para meu pomo de adão.

— Nossa pele emite luz; vocês, rapazes, suas asas apenas se abrem. Nossa forma de demonstração pública de afeto é impossível de não notar; a sua é sutil. E já que foi a primeira vez que alguém abriu as asas para mim… bem a segunda…

— Espere. — Ergui as sobrancelhas em surpresa. — Você está dizendo que ninguém nunca abriu as asas para você?

Suas bochechas ficaram rosadas.

— Como isso é possível?

O rosa ficou vermelho.

— Pais superprotetores. Um pai arcanjo. — Ela deu de ombros. — Ou talvez não tenha nada a ver com Apa, e tudo a ver com o fato de eu não ser — ela desviou o olhar — muito *capaz de atrair as asas de alguém*.

— Eu lhe asseguro, Pluma, você é capaz *demais*.

O que eu podia ver de suas írises negras através de seus cílios abaixados brilhava com tanta incerteza que suavizava meu humor endurecido. Ela honestamente acreditava que não era atraente? Ela não tinha perdido uma pena, então eu estava supondo que não era falsa modéstia.

Antes que eu pudesse debater os méritos do que estava prestes a fazer, me afastei da parede e me joguei em seu espaço. Ela inclinou o pescoço para trás e vi os olhos cintilarem apesar das sombras lançadas pelo meu boné.

Levantei a mão para o lado de seu rosto. Envolvi os dedos de leve ao redor de seu pescoço, enfiando-os através da massa de seda dourada em sua nuca. Apoiei o polegar na borda de sua mandíbula que estremecia com sua pulsação, como se erguendo seu rosto, eu erguesse seu coração em suas bochechas.

Devagar, de forma hesitante, acariciei o osso proeminente e sua respiração acelerou.

— Seu pai é um homem aterrorizante. O que, eu garanto, é a *única* razão pela qual ninguém nunca abriu as asas para você.

— Ele te aterroriza?

— Não o suficiente. — Inclinei a cabeça e me inclinei para ela, pairando

minha boca sobre a dela, mas não indo mais longe. Eu estava dando a ela tempo para virar a cabeça e me empurrar para longe.

Ela irrompeu em pontinhos de luz, como se sua pele fosse pavimentada com diamantes. Ela passou a língua sobre seus lábios trêmulos, umedeceu o vermelho, o fez brilhar mais forte.

Meus pulmões, veias, garganta… tudo em mim estava tão tenso que meu timbre caiu uma oitava completa.

— Esse cintilar significa ir em frente?

Ela soltou uma respiração suave e divertida que curvou os cantos de sua boca açucarada.

Eu queria que ela pintasse aquela boca de carmesim todos os dias.

Não. Queria mordê-la e deixá-la vermelha sem artifícios.

Queria acariciar minha língua contra a dela e tocar cada canto escuro e brilhante de sua boca, então passar para outros cantos escuros e fendas brilhantes.

Santo Abaddon, eu estava bem e verdadeiramente *depenado*.

Eu não seguiria em frente e coletaria mil penas.

Eu estava indo direto para a prisão de almas por toda a indecência acumulada nas fendas do meu cérebro.

Suas mãos subiram ao meu peito. Bom. Ela ia me empurrar. Suas mãos subiram mais, engancharam nos meus ombros.

— Sim, Adam. — Ela ficou na ponta dos pés, preenchendo a lacuna entre nossos corpos, e falou o final de sua resposta contra minha língua dolorida. — Cintilar significa vá em frente.

quarenta e oito



naya

ADAM e eu nos separamos com um pulo quando o elevador ganhou vida.

Suas duas mãos estavam no meu corpo, então ele não apertou o botão de emergência. O que significava… o que significava que alguém o havia ativado remotamente. Quem nos receberia? Os guardas de Pablo? O gerente do hotel? Robbie Dunmore?

Adam me soltou e se virou em direção à porta. Seu corpo pareceu se expandir, a linha de seus ombros se alongou, sua caixa torácica se alargou, sua coluna se esticou.

— Fique atrás de mim.

Quando o elevador chegou, meu coração emitiu um som estridente.

As portas se abriram.

Penas.

Eu vi penas. Rosa com ponta em ouro.

Meus pulmões pararam de ter espasmos.

— Depenar, Noah — Adam resmungou. — Você nos assustou pra caramba.

— *Eu* assustei? — Noah estava com os braços dobrados sobre a cabeça, os cotovelos se tocando, uma pequena pilha rosa fofa a seus pés. Ele passou as palmas das mãos pelo rosto, que brilhava como madeira laqueada. — Ah, que interessante. Nós pensamos que eles tinham pegado vocês, vocês… vocês… — Ele agitou uma mão ao redor como se tentasse persuadir a palavra certa do ar. — O que aconteceu com seus fones de ouvido?

— Perdi o meu — eu disse, contornando Adam. Bem, mancando.

As narinas de Noah pulsaram.

— E *você*? Também perdeu o seu?

A covinha de Adam apareceu em sua bochecha.

— O meu estava coçando meu tímpano.

— Coçando o tímpano… — Noah revirou os olhos com tanta força que inclinou a cabeça para trás. — Coçando a porcaria do…

— Pare de resmungar como um louco, No.

Noah endireitou a cabeça e olhou para seu amigo.

— Ah, ei. É o nosso andar, Pluma. — Adam estendeu a mão. Olhei para ela, olhei para ele. Estava me oferecendo apoio por causa da minha lesão ou

queria segurar minha mão porque nos beijamos? Ele baixou as sobrancelhas. — Você me molesta no elevador, mas agora se opõe a segurar minha mão?

Minhas bochechas queimaram.

— Eu não… molestei você. — Lancei um olhar na direção de Noah.

O verity de asas rosadas parou de falar consigo mesmo.

Eu torci meus lábios.

— E, a propósito, sinto muito por termos causado tanto estresse a você, Noah.

— Uh-hum. — Ele não pareceu aceitar minhas desculpas.

— Eu estava certa, ou certa? — A voz de Galina soou pelo corredor. Ela estava encostada na porta aberta da suíte.

Noah grunhiu em resposta, então se virou e seguiu pelo corredor em direção a ela, as asas tremendo.

Ela acenou para a câmera.

— Está desligada.

A mão de Adam estava de volta ao seu lado, enrolada em si mesma.

— Você pode andar?

Peguei sua mão e a puxei em volta da minha cintura.

— Eu não me importaria de ter uma ajudinha. — Seu braço demorou a relaxar, mas uma vez que relaxou, ele o passou ao meu redor. Me inclinei para ele enquanto mancava em direção a Galina.

Ela franziu a testa para o meu pé.

— O que aconteceu?

— Pisei em alguma coisa. Mas não tenho certeza do quê.

Quando a porta da suíte se fechou atrás de nós, o ar vibrou com uma expiração coletiva. Até eu suspirei.

Adam me levou até o sofá. Acho que nunca foi tão bom me sentar. Posso até ter gemido quando minhas coxas encontraram a almofada macia.

Adam se agachou e segurou meu pé.

— Parece que você pisou em um cacto. Gee, você tem uma pinça?

— Sim. Volto logo.

— Cola branca funciona melhor. — Boone destampou uma cerveja, que Noah roubou de suas mãos. — Você tem que deixar secar ao ar, mas tira todas essas coisas irritantes de uma só vez.

— Pegue.

— Eu não tenho. Posso comprar amanhã.

Como nossos corpos rejeitavam objetos estranhos, os espinhos

provavelmente já teriam caído.

A carranca que Adam lançou na direção de Boone foi formidável.

— Não sugira soluções que você não pode executar.

Boone parecia indiferente com a explosão de Adam, muito ocupado olhando entre nós, provavelmente se perguntando o que atrasou nossa chegada. Ou talvez, ele sabia e estava se perguntando se era uma coisa de uma vez ou uma coisa de muitas vezes.

Ou talvez, eu estivesse projetando meus próprios pensamentos.

O anjo com quem fiquei estava longe de ser angelical, conhecido em todas as associações como o *pegador de pecadoras*. Sim, até eu tinha ouvido falar do apelido dele. Mais gentil e nobre do que eu tinha dado a ele quando nos conhecemos, mas eu não era a primeira e não tinha a ilusão de que seria a última.

Adam se endireitou.

— A Naya e eu pedimos desculpas por termos ficado às escuras. Obrigado por nos darem cobertura.

Todos eles assentiram. Exceto Noah, que estava muito ocupado bebendo sua cerveja.

Adam foi até a geladeira e pegou uma garrafa de água. Ele bebeu metade no caminho de volta para mim, antes de me oferecer a metade restante.

Galina saiu do nosso quarto compartilhado com uma pequena toalha e a ferramenta que daria um alívio rápido à minha pobre sola e calcanhar. Estendi a mão para pegá-la, mas ela se sentou aos meus pés, estendeu a toalha sobre o colo e pegou meu pé sujo de terra.

— Galina, você não precisa…

— Silêncio. Estou nervosa desde que o elevador parou no vigésimo nono andar. Uma tarefa sem sentido é exatamente o que eu preciso. — Ela começou a desenterrar as agulhas, mas parou para arquear uma sobrancelha na direção de Adam e depois na minha. — Assim… isso é algo com o qual devemos nos acostumar?

Com sorte, o boné de beisebol na minha cabeça camuflou meu rubor.

— Hum…

Adam se sentou no braço do sofá ao meu lado.

— Acostume-se.

Galina sorriu.

Levi franziu a testa.

— Com o que precisamos nos acostumar?

— A Naya estar por perto — Noah respondeu de forma vaga.

O olhar que Levi deu a Adam foi choque e consternação em partes iguais.

— Você a tornou parte da equipe?

— Não, idiota. — Galina sorriu. — Eles se pegaram.

Levi piscou, e eu me perguntei se ele teria preferido que Adam tivesse me introduzido no time.

Embora eu não quisesse criar uma barreira entre eles, também não queria que Levi criasse uma barreira entre Adam e eu. Eu tinha certeza de que o tempo ou um dos futuros pecadores de Adam conseguiria isso de qualquer maneira. Isso não era eu sendo pessimista, meramente realista.

— Qual é o nosso próximo passo? — Noah foi até a janela que dava para o amplo parque, a tensão em seu corpo se refletindo no vidro escuro.

— Você quer dizer, agora que metade da Venezuela está procurando pela Naya? — Boone destampou uma cerveja. — Nós provavelmente deveríamos sair do hotel e entrar nas associações.

Suspirei, porque Boone tinha razão. Estávamos comprometidos. Ou pelo menos, eu estava, mas por estar aqui, eu os estava comprometendo. Mantive meu olhar no vaso transbordando de lírios stargazer no meio da mesa de centro, remexendo a borla dourada na almofada atrás das minhas costas.

— Não é uma boa ideia, Boone. Estaríamos cercados por ophanim, e não podemos tê-los colocando suas asas em nossos negócios. — Adam balançou o pé que enganchou no joelho oposto. — Qual é o status na recuperação do código QR, Levi?

— Estaria pronto, se não tivesse precisado parar de trabalhar nele para causar interferência.

— Ei… a Naya brincar de fantasma foi ideia sua, Levi. — Galina tirou uma agulha de cacto tão longa quanto a de um porco-espinho, e minha nossa, isso não foi gostoso… — Então aceite parte da culpa como um garoto crescido.

Um rubor cobriu suas bochechas.

— Eles deveriam apenas se perguntar se ela estava viva, não terem certeza de que estava.

Cerrei os dentes enquanto Galina puxava outra agulha enorme. Por que eu não poderia ter pisado em um cacto de tamanho normal? Torci a pobre borla e respirei através do desconforto.

— O que está feito está feito. — Adam tirou minha mão da almofada e a apertou. — De quanto tempo você ainda precisa antes que possamos tentar ligar para a empresa de telecomunicações?

— Meia-hora.

— Pablo pediu a seus homens que trouxessem Naya até ele ilesa. — A respiração de Noah embaçou o vidro. — Ouvi no walkie-talkie do cara que eu derrubei. O príncipe ameaçou matar qualquer um que tocasse em um fio de seus cabelos.

— Não — Adam grunhiu, e eu não tinha certeza pelo que ele estava dizendo não.

Apertando o gargalo da garrafa de cerveja entre os dedos médio e indicador, Noah se virou.

— Não estou sugerindo que ela vá para a cobertura do Junior para discutir seus associados malvados.

Os dedos de Adam ficaram tensos ao redor dos meus.

— Então o que você está sugerindo?

— Estou sugerindo que ela ligue para ele para explicar o que o Robbie fez e pedir que ele refreie seus cães de caça. Prefiro não me sentir um alvo fácil.

— O Pablo não vai conseguir rastrear de onde vem o sinal do meu celular?

Boone se sentou ao lado de seu irmão no bar.

— Não com o transmissor que emite sinais de interferência que eu trouxe comigo.

— Pessoal — Levi apertou os olhos para a tela. — A Susan está ativa.

Boone leu por cima do ombro do irmão mais novo:

— *Jay, decidimos encurtar nossa viagem. Robbie e eu voaremos para casa esta noite.*

Então Robbie estava fugindo… Que previsível.

— *O que você quer dizer com o Henry te mandou para Los Angeles? Para fazer o quê?* — Boone transcrevia em tempo real. Longos segundos se passaram. — *Ele e suas prostitutas. Bem, mudança de planos. Volte aqui imediatamente.*

— Quanto tempo um avião leva para voar de Los Angeles para Caracas? — perguntei.

Boone desviou o olhar da tela.

— Cerca de sete horas e meia, dependendo dos ventos e da aeronave.

— Nove. — Levi gesticulou para a tela. — Ela acabou de ligar para Henry para gritar com ele e mencionou que as próximas nove horas seriam as mais longas de sua vida.

— O quanto será bom ter menos dois Triplos para enfrentar? — Galina brincou.

Adam havia mencionado que os Dunmore eram intocáveis na Inglaterra. Eu não queria que mãe e filho escapassem do que fizeram, o que significava que eu

tinha nove horas para encontrar uma maneira de mantê-los em Caracas.

— Eu gostaria de ligar para o Pablo agora.

Adam soltou minha mão e se levantou.

— Primeiro, o código QR.

Meu protesto se transformou em um silvo quando outra agulha grande se soltou. Como eu não *vi* esse cacto?

— Me mostre o que você tem, Levi. Talvez tenhamos o suficiente para tentar.

Os bytes de áudio *deepfake* eram assustadores. Levi digitava, e a voz melíflua de Pablo saía do alto-falante de seu tablet. Adam apontou algumas palavras que soaram muito robóticas, e Levi as esculpiu até que o líder da equipe ficou satisfeito com o resultado.

Galina passou um dedo sobre minha pele suja e sangrando para verificar se havia saliências.

— Prontinho. — Ela sorriu enquanto embrulhava a toalha e se levantava.

— Obrigada.

— Por favor. Tenho certeza de que você teria feito o mesmo por mim.

Eu faria, porque Galina tinha sido gentil comigo desde o início. Ela nunca substituiria Raven, mas era como uma amiga.

— Boone, verifique se o Junior ativou os SIMs — Adam ordenou.

Boone pegou seu telefone e clicou para abrir uma página de busca. Após cerca de um minuto de rolagem, ele respondeu:

— Não.

— Eu me pergunto o que ele está esperando — Galina comentou enquanto voltava do banheiro, enxugando as mãos em seu vestido preto de babados. — O aniversário do pai dele é daqui a dois dias. Você acha que ele está tendo dúvidas?

A alma de Pablo poderia estar confusa?

— Ele é um Triplo — Adam disse, como se Triplos fossem incapazes de mudar de ideia.

Respirei fundo.

— E se ele não for mais? — Quando ninguém disse nada, acrescentei: — Devemos verificar. No caso… — umedeci os lábios — no caso de sua pontuação ter caído.

Adam estalou os dedos.

— Se não tivermos sucesso, vamos verificar, mas até lá, ninguém sai da suíte. Entendido?

Todos assentiram.

Enquanto Levi dava os retoques finais em suas linhas de código, eu olhava para a cidade governada por um tirano, para a cúpula dourada ao longe que brilhava como um sol artificial. Enquanto alisava meu cabelo, Galina explicou que era parte do palácio e tinha o nome da ex-rainha, o que me levou a perguntar sobre ela, mas Calliope ligou para Galina naquele momento, e minha pergunta se perdeu sob uma conversa prolixa sobre a assassina em série de Chicago.

— O que aconteceu com a mãe do Pablo? Ela ainda está viva? — O silêncio que se seguiu à minha pergunta foi tão considerável que afastei meu olhar do palácio para verificar se Dov havia entrado e levado todos embora.

Boone balançou a cabeça.

— Ela morreu em um incêndio. Seu filho tentou salvá-la, mas ele era apenas uma criança. Tem queimaduras de terceiro grau nas mãos.

Suspirei.

— Não fique com pena dele. — Adam tensionou a mandíbula. — Junior não merece sua pena.

— Ele perdeu a mãe, Adam.

— Muitas pessoas perdem suas mães. Nem todos se transformam em monstros.

Ele estava certo. No fundo, eu sabia disso, mas ainda me doía.

— O incêndio foi acidental?

— Não. Um dos rivais políticos do rei o instigou. — Noah massageou a nuca. — Muitas pessoas dizem que foi isso que tornou o velho implacável, mas ele já era um doente antes da morte de sua esposa. Costumava chefiar o exército do ex-presidente. Sua especialidade era a tortura.

As palavras anteriores de Dov ressoaram em mim: *o rei se banha no sangue de seus inimigos.*

Adam apertou os olhos para mim.

— Já passou pela sua cabeça que o Junior planejava te explodir?

— Não. — Da mesma forma que a mão de Pablo no meu seio não tinha saído da minha cabeça. Tirei o boné e o coloquei no sofá, depois tirei o paletó de Adam. — Mas se o Pablo correu pelo fogo para salvar a mãe, então talvez ele tenha um pingo de humanidade dentro de si. E se ele tiver, então talvez devêssemos explorá-la.— Me levantei e manquei em direção ao meu quarto. — Devemos verificar sua pontuação antes de descartar sua alma como irrecuperável.

Nenhuma fumaça escapou das narinas de Adam, mas ele parecia estar passando por um colapso completo.

— A próxima coisa que você vai sugerir é se vincular a ele. — A nitidez de seu tom deixou todos, menos eu, boquiabertos. — Você pode imaginar? Você iria deixar este mundo abandonado pelos anjos em pouco tempo.

Em vez de entrar no joguinho dele, eu disse:

— Já lhe disse, Adam, não estou com pressa de ascender.

O pescoço de Adam estava tão tenso que eu podia contar cada tendão e veia.

Galina apoiou a mão no braço dele.

— Vamos acabar com o plano dele, assim Naya não vai precisar interagir com ele.

Apertei os lábios quando uma dura verdade se instalou.

— Nós podemos acabar com o plano dele o quanto quisermos, mas ele vai tramar outra coisa se não socorrermos sua alma.

— Nosso objetivo é salvar as Garotas Circle, Naya. Parece que você se esqueceu disso.

Não gostei que Adam tivesse usado meu nome verdadeiro. Que irônico, considerando que houve um tempo em que eu não gostava de nenhum dos apelidos dele.

— Eu não esqueci.

— Tem certeza? Você está agindo muito mais como uma pluma do que como shorhim agora.

Eu precisava me afastar. Nossos temperamentos estavam muito frágeis, nossos nervos muito tensos.

Quando cheguei à soleira do meu quarto, ele acrescentou:

— Quanto a planos futuros, não haverá nenhum, já que homens mortos não podem tramar.

Nossos olhos se encontraram. E pensar que há uma hora estávamos nos beijando. Eu duvidava que haveria mais disso em nosso futuro.

— É melhor verificar a pontuação antes de você se livrar dele — eu o aconselhei, antes de mancar para fora de vista e bater a porta.

Meu peito doía tanto quanto meu pé, como se também tivesse sido picado por agulhas de cacto. Fechei os olhos e me encostei na porta. A escuridão atrás das minhas pálpebras se iluminou com um pátio de paralelepípedos, uma estátua com asas quebradas, um garotinho com o rosto virado para cima. Minha raiva por Adam foi substituída por uma tristeza escancarada por essa criança.

Abri os olhos. Lentamente, o quarto escuro com suas camas queen-size almofadadas voltou ao foco, e ainda assim a alucinação continuou a me

assombrar e me machucar.

Sonhei com aquele pátio e aquela estátua, mas em todos os meus sonhos, um homem estava no lugar daquele menino.

Um homem chamado Jarod.

Meu subconsciente estava tentando me lembrar que Adam e eu não fomos feitos um para o outro? Que eu precisava encontrar Jarod?

quarenta e nove



adam

FATO ANGÉLICO #200:
Nuvens são massas enganosas, sólidas na aparência, mas intangíveis na consistência.

O DESEJO de Naya de salvar a alma de Junior me incomodava, e o fato de que isso me incomodava irritava meus nervos já em frangalhos.

— Devemos ligar para a empresa de telecomunicações? — A voz de Levi tirou minha atenção da porta trancada.

Tentei falar, mas minha boca não estava se movendo. Balancei a cabeça. Eu queria encerrar este caso, acabar com Junior e Robbie, e sair da Venezuela com minha equipe.

Se Naya insistisse em reformar o Triplo, eu garantiria que seu pai descobrisse. Se alguém podia manter a garota longe de um homem que matava por esporte, era o arcanjo que a adorava.

Levi clicou em seu tablet e um tom de discagem soou pela suíte como a torre de um relógio marcando a última hora de alguém.

Então a linha estalou, e uma voz clara e feminina soou no ar tenso.

— Esta chamada será gravada para garantia de qualidade. Por favor, indique seu nome completo e data de nascimento após o bipe.

— Pablo Rivas-Perez, nascido em quatro de dezembro de 2011.

— Nosso sistema automatizado requer uma identificação por voz. Por favor, diga SIM para prosseguir.

Levi apertou enter na palavra *sim*.

— Por favor, repita comigo: *o mundo é um lugar maravilhoso*.

Eu bufei. *Maravilhoso,* tá bom. Tornado ainda mais por seus clientes.

Levi rapidamente digitou a frase, depois pressionou enter, e as palavras com sotaque britânico e espanhol misturado de Junior soaram.

Um pequeno som de notificação tocou.

— Sua voz foi autenticada, Sr. Perez. Fique na linha enquanto conectamos você a um de nossos representantes.

Noah deu um soco no ar.

A linha foi transferida, e então a voz de um homem soou pelo alto-falante

do tablet.

— Como posso ajudá-lo hoje, Señor Perez?

Levi deu a resposta:

— Estou ligando para ativar os eSIMs na minha conta.

Remexi meus pés calçados com tênis quando o atendente respondeu:

— Maravilhoso. Vamos providenciar isso. — *Clique. Clique. Clique*. — Pode me confirmar sua senha?

— Senha? — Noah murmurou.

Claro que o idiota havia protegido a conta… eu teria feito o mesmo.

Levi olhou na minha direção. Os outros também o fizeram.

Senti meu interior estremecer. Que senha Junior poderia ter escolhido? Tentei pensar como ele. Senhor de Caracas? Rei do mundo? *Dios*, para se adequar ao seu complexo de Deus? E em que língua depenada?

— Qual era o nome da mãe dele? — Noah murmurou, embora o cara na linha não pudesse nos ouvir. Tudo o que ele podia ouvir eram as palavras que Levi digitava.

Boone esfregou o queixo.

— Azucena.

Noah arqueou uma sobrancelha.

— Devemos tentar isso?

Levi digitou, mas não pressionou enter, esperando minha aprovação.

O que aconteceria se errássemos? A empresa de telecomunicações sinalizaria a irregularidade para Junior? A tela de Levi se encheria de um vírus que apagaria todos os dados que coletamos?

O clique rápido do teclado soou pelo alto-falante do tablet.

— Você precisa de mais um momento para recuperar sua senha, Sr. Perez?

— Devemos pedir-lhe uma dica? — Boone olhou para mim.

Todos estavam me encarando. Ah, como eu queria que Dov estivesse aqui, porque o peso dessa responsabilidade era sufocante.

Mudei o peso de um tênis para o outro.

— Isso vai levantar uma bandeira vermelha instantânea. — Nosso atraso no atendimento já era problemático. — Finja que você recebeu outra ligação para explicar a espera.

Levi falou:

— Lamento. Recebi outra ligação.

— Sem problemas, Sr. Perez. Estou aqui para ajudar o *senhor*, então me avise assim que tiver a senha.

Levi balançou um joelho, olhando de Noah para mim, para Galina e para seu irmão.

— O que acham de *Fundação Circle*? — Boone sugeriu.

Levi paralisou antes de passar os dedos pelo teclado digital para digitar. Ele olhou para cima, esperando meu sinal verde.

Decidi descobrir a senha mais lógica usando o processo de eliminação. Robbie Dunmore havia criado a conta de Pablo. Azucena Perez morreu no verão antes de Pablo ser enviado para o internato na Inglaterra. Mesmo que ele certamente tivesse ouvido falar dela, Robbie nunca a conheceu. O nome dela não poderia ter sido *sua* primeira escolha. Para não mencionar que parecia muito fácil de descobrir, e apesar de todos os meus desejos de que os dois triplos fossem idiotas, eles infelizmente não eram.

Endureci a coluna.

— Tente *Fundação Circle*.

— Em que idioma? — Levi murmurou.

— Ele está falando inglês e a empresa é britânica, então vamos com isso.

Levi pressionou enter, e nosso Pablo *deepfake* articulou as palavras.

O silêncio se seguiu, do tipo que era tão carregado que rastejava sobre a pela e afundava nos ossos.

Até que…

— Obrigado, Sr. Perez. A senha está correta. — *Clique, clique, clique*. — Vou gerar o código QR imediatamente e colocá-lo dentro do seu painel seguro. A menos que você prefira por e-mail?

— Nada de e-mail. — As palavras saíram rápido de mim, antes que Levi as fizesse sair rápido de seu tablet.

— Foi o que eu imaginei. — *Clique, clique*. — Posso ajudá-lo com mais alguma coisa hoje?

— Não. Isso é tudo. Obrigado.

— Tenha um lindo dia, Sr. Perez. E, por favor, não hesite em ligar de volta se precisar de ajuda com qualquer outra coisa.

Depois de outro *obrigado*, Levi desligou.

Ficou tão quieto que podíamos ouvir o gorgolejo de canos na parede, o ranger da banqueta de Boone, o peito de Noah se erguer, a respiração acelerada de Galina.

— Não acredito que acertamos… — Noah murmurou, enquanto todos continuamos a nos olhar boquiabertos como trutas que colidiram enquanto nadavam. E então seu rosto se abriu em um sorriso enorme, e ele gritou.

Boone e Galina bateram palmas.

Senti um alívio, mas não completamente. *Muito fácil*. Tinha sido muito fácil. Eu não gostava de nada fácil.

— Verifique o painel dele. — Eu não me alegraria até que o labirinto de pixels pretos aparecesse.

Levi abriu uma das janelas na tela e fez sua mágica na área de login. Um segundo depois, estávamos dentro e lá, na tela, estava o código QR mais bonito que eu já tinha visto.

A emoção me atingiu ao ver aquelas pequenas linhas quebradas. Nós tínhamos conseguido, *depenados*!

— E agora? — Noah perguntou quando Levi desceu de seu poleiro e, trêmulo, abriu a porta do frigobar para pegar uma garrafa de chá gelado.

— Agora ativamos os cartões SIM e os excluímos. — Finalmente, meus ombros relaxaram e meu nível de estresse despencou junto com eles.

Meu olhar foi para a porta do quarto de Naya. Eu estava ansioso para bater e gritar nosso sucesso. Mas ela mudaria de ideia sobre reformar Junior?

Voltei a me concentrar no tablet brilhante de Levi e no código geométrico.

— Quanto tempo vai demorar daqui para frente?

— Deve ser rápido. — Ele apontou seu telefone para o código até que a câmera o capturou.

As palavras *Ativando eSIMS* se materializaram, junto com um pulsar.

O rápido infelizmente não era instantâneo.

— Me avise quando terminar. — Segui até a porta do quarto de Naya e bati.

Nenhuma resposta.

— Vou falar com ela — Galina ofereceu.

— Não. — Minha resposta foi um pouco abrupta, mas Naya e eu tínhamos muitos problemas não resolvidos. — Você pode enviar uma mensagem para o Dov para descobrir a pontuação de Junior? — Olhei por cima do ombro para ela. — Por favor?

Ela suspirou diante do meu pretexto para dispensá-la, o que não era inteiramente um pretexto. Eu precisava da informação. Embora eu duvidasse que a alma do cara tivesse se tornado mais brilhante, se algo desse errado, e eu tivesse que recorrer a acabar com ele, eu queria ter certeza de que minhas asas não sofreriam.

Estava prestes a bater novamente quando o orgulho levou a melhor sobre mim. Tentei a maçaneta, que cedeu sob a palma da minha mão. Imaginei que se Naya quisesse me manter fora, ela teria se trancado.

Além disso, eu *tinha* batido.

Sem olhar para os outros, entrei no quarto mal iluminado e fechei a porta silenciosamente. O chuveiro estava funcionando, e isso desencadeou a memória de outro banho, um onde o sangue de Naya me cobrira.

Meu estômago se apertou e eu fechei os dedos.

Esqueça reformar Junior… eu nem mesmo permitiria que ela ligasse para ele.

Especialmente agora que frustramos seu grande plano.

cinquenta



naya

— FUNCIONOU. — A voz de Adam me assustou tanto que quase deixei cair a toalha que ainda estava segurando em volta do meu corpo.

— O que funcionou? — Não me incomodei em perguntar por que ele estava sentado ao pé da minha cama, com os ombros virados para a frente, as mãos esmagando suas rótulas. Eu suspeitei que ele me procuraria.

— Conseguimos o código QR da empresa de telecomunicações. — Adam desviou o olhar do tapete azul-marinho. — Levi está ativando os SIMs enquanto conversamos.

Meus dedos paralisaram na parte de trás do grampo que estava prendendo meu cabelo.

— Então… então…?

— Então, nós vencemos.

Devo ter apertado o clipe porque meu cabelo caiu sobre meus ombros molhados do banho.

— Isso é…

— Uma notícia sensacional? Eu não poderia concordar mais com você. — Sua boca se curvou nos cantos, exibindo sua covinha. — Nosso trabalho aqui está terminado. Assim que Levi excluir os cartões SIM, vamos embora.

— Sem as meninas?

— Elas não podem explodir.

— Eles têm explosivos no corpo. Eles não vão sair sozinhos.

— Vamos vazar a informação para a imprensa britânica. O rei vai executar o filho por traição e salvará as meninas, porque essa será a coisa diplomática a fazer.

Tentei não vacilar com o quanto Adam soava impassível com a ideia de um pai assassinar o próprio filho.

— E quanto a Robbie e a mãe dele?

Adam esfregou as palmas das mãos para cima e para baixo nas coxas. Para cima e para baixo.

— Tinha um monte de esqueletos no pântano dos Dunmore. Vamos retirar alguns e identificar os restos mortais, depois localizar suas famílias e deixá-los vingar seus mortos.

Gelo. Meu sangue virou gelo. Embora o plano de Adam fosse sólido, eu não queria pensar sobre o pântano e os cadáveres que ele continha.

— Acabou o jogo para todos eles, Naya. Nós vamos embora esta noite. — Adam bateu palmas e se levantou, como se nossa discussão tivesse acabado. — *Todo mundo* vai.

— Você descobriu a pontuação do Pablo?

— A Galina está descobrindo. — Sua boca achatou.

— Se ele não é mais um Triplo, Adam, então eu me oponho à sua decisão de informar ao pai dele.

— Se ele não for mais um Triplo, sua alma será coletada e, em algumas décadas, ele terá uma segunda chance de ser um humano melhor.

— Você está falando em deixar alguém perecer porque é mais conveniente do que salvá-lo. — Fui até a cômoda e peguei uma regata e jeans, simples e funcionais. Todas as minhas roupas divertidas ainda estavam na mansão Dunmore. A menos que Emmy tivesse levado mais do que apenas minha jaqueta. Quase desejei que ela tivesse porque queria a coleção de camisetas de Ama de volta. E meus sapatos. Anjos, eu tinha sapatos tão bonitos.

— Seu coração te deixa cega.

Minhas vértebras endureceram. Eu me virei para encará-lo, apertando a pequena pilha de roupas no meu peito.

— Meu coração me faz procurar o que você não quer ver.

— Você realmente acha que alguém que matou centenas de humanos tem consciência? Vamos, Naya. Cresça.

Eu recuei. Por que ele estava falando comigo como se eu fosse uma criança indisciplinada?

— Se você não tem incentivos ou dicas para mim sobre como ajudar um Triplo, por favor, saia. — Olhei para o par de tênis com as rosas neles. Depois de agradecer a Galina por eles mais cedo, descobri que ela não havia escolhido, que foi Adam quem comprou. Eu queria agradecê-lo, mas perdi a vontade. Da mesma forma que não sentia mais vontade de usá-los.

Senti mãos pousarem em meus ombros nus. Eu estava tão ocupada fervilhando, que assumi que Adam tinha atendido minha ordem. Mas eu deveria saber que meu companheiro de asa negra não obedecia a ninguém.

— Desculpe, tudo bem? — Seu corpo ofuscou o meu.

— Bem, também sinto muito. — Quando suas sobrancelhas se curvaram em confusão, acrescentei: — Sinto muito por você ter dito aquilo porque me faz arrepender de ter dado meu primeiro beijo em alguém que pensa tão mal de

mim.

Ele assobiou.

— Eu não penso. Não diga isso.

— Com *isso*, você quer dizer o que estou pensando? Meio irônico você pedir isso a mim quando não tem escrúpulos em compartilhar cada um de seus pensamentos.

— Pluma…

— Não. Não me chame assim. — Me afastei de suas mãos, me inclinando tanto para trás na cômoda, que a madeira bateu em minha espinha. — E não me toque.

Suas pupilas se dilataram como se minha rejeição tivesse machucado suas próprias írises. Tentei me afastar, mas seus braços desceram de cada lado de mim, me prendendo.

— Pare. Por favor.

— Parar o que exatamente?

— De me afastar.

Inclinei o pescoço para trás.

— Você estava esperando um abraço depois do seu pedido de desculpas meia-boca? Talvez você esteja acostumado com isso, mas eu tenho autoestima suficiente para saber que mereço alguém que não ache que sou uma criança impetuosa sem perspicácia.

Seus olhos se fecharam, apertaram, enrugando os cantos externos. Com o que parecia ser uma força hercúlea, ele afastou seu corpo da cômoda.

— Eu não penso em você assim. Só estou preocupado, porcaria. Sei que você é imortal, mas… — Ele umedeceu os lábios. — Mas você sangra. Você sangrou em cima de mim. Ainda posso sentir o cheiro. — Seus olhos se abriram. — Se aquele homem te machucar…

— Eu vou ter merecido, e encontrarei meu caminho para uma associação e deixarei os ophanim lidarem com meus ferimentos.

— Ninguém merece ser ferido. Mas isso não vem ao caso, porque se ele te machucar, eu vou matá-lo, se a pontuação dele for noventa ou cem. — Os olhos de Adam estavam desfocados, como se ele estivesse imaginando acabar com a vida de Pablo. — E vou me certificar de que seja uma morte demorada.

A penugem macia roçou minha canela, dissolvendo o quarto e o garoto pairando sobre mim.

De repente, eu estava sentada, minha mão – não a minha…. a de Adam – na coxa nua de alguma garota. O ciúme aumentou e me engoliu tão rápido que não

consegui me concentrar no que ele estava dizendo a ela.

Eu queria sair dessa memória.

Fora daquele clube escuro e longe desta humana que ele claramente reformou pela sedução.

Quando finalmente voltei à realidade, meu paladar ardeu com aborrecimento e tristeza. Consegui engolir ambos. O que não consegui abafar foi o tremor do meu corpo.

Me afastei de Adam e larguei minhas roupas na cama. As bainhas ficaram borradas, se misturando aos lençóis brancos.

Era uma memória antiga, mas me senti muito traída. Sem razão, já que Adam não era meu na época, e não era meu agora. E quanto mais eu pensava sobre isso, mais eu percebia que nós nunca deveríamos ficar juntos. Nós éramos muito inflamáveis. Uma faísca, e pegaríamos fogo, e incêndios sempre incineram tudo o que tocam. Especialmente fogo celestial. Acabaríamos nos destruindo: asas, corpos e almas.

O cheiro de carne carbonizada e cinzas de penas subiu pelo meu nariz e revirou meu estômago. Meus ombros doíam. Essa agonia fantasma era uma premonição? Segurei os lados do meu rosto, tentando desligar minha imaginação descontrolada.

— Naya, baby, o que há de errado? — Adam segurou minha cintura, me virou. Seus olhos eram tão verdes. Tão brilhantes.

Como o seu cheiro.

Verde, brilhante, com um toque de doçura.

Eu respirei fundo dele, precisando repelir o fedor de penas carbonizadas.

— Qual missão minha você viu?

Suas palavras me jogaram de volta no abismo do ciúme do qual eu tinha acabado de sair.

— Isso importa? Você não seduz todos as suas pecadoras?

Seu aperto afrouxou.

— Nem todas. — Ele surpreendentemente não perdeu uma pena, o que significava que devia ser verdade.

Embora, bastasse uma pecadora para tornar verdade…

— Você está brava. — Não era uma pergunta.

— Eu não estou brava, Adam; Estou cautelosa.

— Com o quê?

— Com o fato de ser uma das tantas mulheres a cair pelo seu charme.

— Eu tenho que competir com Jarod.

Uma respiração irritada saiu do canto da minha boca, soprando para trás uma mecha de cabelo renegado.

— Ele é um homem imaginário. Todas aquelas mulheres…. elas existem.

— Existiam.

— Todas elas morreram de desgosto? — Toquei o nó na toalha, me certificando de que estava segura.

Ele curvou a boca para o lado, fazendo aquela covinha horrivelmente sedutora dele aparecer.

— O que eu quis dizer foi que elas existiram antes de você. E é aí que elas vão ficar. No passado.

— E suas próximas pecadoras? — Meu estômago revirou com a memória da garota cuja coxa ele acariciou.

Ele suspirou, e suas mãos subiram para minhas bochechas, pousando suavemente.

— Vou confessar algo que espero que faça você mudar de ideia sobre nós. Jura não tirar sarro de mim?

A curiosidade arruinou minha determinação de apontar que não havia *nós*.

— Jure.

Soltei um suspiro.

— Certo. Juro.

— Muito bem. Aqui vai. — Ele inspirou e expirou algumas vezes, como se estivesse se preparando para um mergulho no penhasco. — O Noah acha que você é minha alma gêmea.

Meus cílios subiram tanto que pensei que chegariam a linha do meu cabelo. De todas as coisas que ele poderia ter confessado, eu não esperava *isso*.

— Resmunguei quando ele disse isso, mas não estou mais resmungando, porque você me faz sentir… — Os lábios de Adam se fecharam, abriram, e então sua testa franziu. — Você me faz sentir muito.

Com sua confissão, meus dedos voltaram para os meus lados, tremendo como meu pulso, porque ele também me fazia sentir muito. *Demais*. Era como se minha alma ganhasse vida quando ele estava perto. Como se ele me eletrificasse. Imaginava que, de certa forma, ele fazia isso. Afinal, eu tinha queimado em chamas para ele três vezes em um dia.

O sulco em sua testa ficou mais pronunciado à medida que meu silêncio se arrastava, mas admitir que sentia o mesmo parecia perigoso. Como entregar a alguém uma arma carregada com a qual ele poderia me matar a qualquer momento. Sim, ele me entregou uma arma, mas Adam era um mestre em

sedução. É o que ele fazia para viver. Além de proteger humanos selecionados.

— Estou fascinado por você, Naya. — Ele baixou a testa para a minha. — Desde que nos conhecemos, tudo o que vejo é você. Tudo que penso é em você. E isso está me deixando louco, porque não sei como fazer isso parar.

Meu peito apertou.

— Por que você quer fazer isso parar?

— Porque mesmo que você não esteja com pressa de ascender, você está a sessenta penas de Elysium.

Uma corda de emoção se enrolou em volta da minha garganta, em volta do meu peito, com tanta força, que eu mal conseguia respirar.

Ele roçou o nariz minha bochecha, e fechei os olhos.

— Você sente alguma coisa por mim? Além de cautela e aborrecimento? — Havia um fio em seu tom, uma tensão que expunha suas inseguranças.

Foi isso que acabou derrubando minhas defesas e paredes. Não suas palavras bonitas ou sua admissão angustiada de que eu podia ser sua alma gêmea.

Sua vulnerabilidade.

— Eu queimei em chamas por você, Adam. E não apenas uma vez.

Ele endireitou a cabeça e seu olhar encontrou o meu.

— Como você pode se perguntar sobre meus sentimentos quando eu os mostro na pele?

Embora eu não tenha pedido ao meu corpo para provar o meu argumento, ele devia ter sentido que Adam precisava de mais convencimento, porque a estreita escuridão entre nós começou a brilhar com a luz da minha alma.

cinquenta e um



naya

ENQUANTO MEU CORPO continuava a serenar o dele com luz bruxuleante, sua declaração anterior girou na minha cabeça.

Almas gêmeas…

Mesmo que os ophanim afirmassem que era uma invenção humana, Ama insistia que as almas tinham companheiros, mais de um na verdade, e sempre fez sentido para mim porque explicava por que às vezes sentíamos tanto por um completo estranho.

Mesmo que Adam nem sempre tivesse inspirado amor, ele sempre inspirava emoção.

Muita emoção.

Ele inclinou minha cabeça para cima, em seguida, pegou uma mecha de cabelo que estava presa em meus cílios e colocou-a de leve atrás da minha orelha.

— Você está me cegando, Pluma.

Suas palavras sussurradas aceleraram meu coração, me transportaram para fora deste quarto de hotel escuro e para um templo de mármore e ouro, onde ecoaram novamente em meu rosto com a voz de outro homem, em outro idioma.

Pisquei para afastar o esplendor abundante e a voz de Jarod, e voltei para o meu quarto e para o garoto com os olhos de joias. Tentando acalmar meu coração acelerado e esconder meu pensamento vacilante, resmunguei:

— Vou comprar uns óculos escuros para você pela manhã.

Adam sorriu.

— E escurecer a visão de você brilhando para mim? Não me importo com a queimadura de terceiro grau nas minhas córneas. — Ele roçou meus lábios com a ponta áspera do polegar, entreabrindo-os, umedecendo apenas a ponta do dedo antes de deslizá-lo sobre minha boca.

Foi apenas minha boca que ele tocou, mas eu podia sentir dedos invisíveis acariciando outra abertura, uma que se aqueceu e umedeceu quando ele passou o dedo de volta na minha bochecha.

— Estou começando a me perguntar se você foi feita para mim. — Seu murmúrio encheu meu estômago com pardais, e meu sangue com sua ária. — Porque não há nada em você que eu não ache cativante.

Eram apenas palavras bonitas, mas Elysium, como eram doces contra a minha pele.

Ele segurou meu queixo e inclinou a cabeça, substituindo o arranhão persistente de seus calos pela maciez de sua boca. O contato fez a luz que passava pela minha pele afundar em meus poros e crepitar em meu sangue.

Lá se foi cortar isso pela raíz…

Adam tinha falado sobre fascínio, mas se alguém estava fascinada, era eu, a garota cuja pele brilhava como glitter com um mero movimento de sua respiração.

Em vez de resistir, em vez de afastá-lo, levei as mãos até seu pescoço e puxei sua cabeça para mais perto. Provei seus batimentos cardíacos e avidamente os fiz meus antes de ceder alguns próprios. Ele lambeu minha língua enquanto imprimia a forma de seu corpo contra o meu, se marcando em minha carne ardente.

Estou começando a me perguntar se você foi feita para mim.

Suas palavras reverberaram contra o grande músculo escarlate em meu peito, inchando-o de forma tão vertiginosa, que temi que minhas costelas perecessem como minha vontade de ficar longe de um galanteador tão grande.

Adam desceu uma de suas mãos pela curva do meu pescoço até a ponta do meu ombro, então passou os dedos ásperos ao longo da pele nua do meu braço. Todos os lugares que ele tocava queimavam, o fogo se espalhava, incendiando todos os lugares que ele ainda não havia tocado. Eu era como um inferno crescente, um cosmos reluzente. Eu era energia e calor.

A fricção entre nossos corpos desfez o nó precário que segurava minha toalha, e ela escorregou. Interrompi nosso beijo com um suspiro raso, estendendo a mão para o pedaço de algodão, mas ele deslizou pelos meus dedos estendidos e caiu aos meus pés.

O ar frio redistribuiu o calor no meu corpo, enviando a maior parte para dentro das minhas bochechas. Coloquei um braço em volta do meu peito enquanto Adam ofegava, com respirações irregulares. Embora eu não tivesse vergonha da minha forma nua, minhas asas brotaram e se enrolaram ao meu redor.

— Não! — Adam ergueu as mãos para bloquear minha tela felpuda. — Não se esconda de mim.

Paralisei com a sensação e pressão dele em uma parte do meu corpo que ninguém jamais havia tocado. Com os olhos nos meus, ele persuadiu a extensão preta brilhante a se abrir de volta, e então ainda mais gentilmente, ele abaixou

meu braço dos meus seios.

Sua garganta subiu e desceu dez vezes antes de seu olhar finalmente descer pela ponta do meu queixo em direção aos meus mamilos rosados e intumescidos. Em seguida, mais abaixo, para o meu estômago tenso, ainda um pouco amarelado. Os olhos não eram mãos e, no entanto, eu podia senti-los passando sobre cada curva e músculo tonificado, antes de se estabelecer no emaranhado de cachos loiros na junção das minhas coxas.

O pomo de Adão dele se moveu de forma brusca em sua garganta quando suas írises em chamas finalmente retornaram ao meu rosto.

— Entendo por que seu pai escondeu você de mim. — Suas asas se desenrolaram e se esticaram. *Totalmente*. — Ele sabia que você se tornaria minha obsessão.

Meu pai tinha me escondido de todos os homens, e eu dificilmente inspirava obsessão em nenhum outro, mas peguei a declaração de Adam e a guardei junto de todas as outras frases doces que ele me falou esta noite.

Seus dedos roçaram em minhas penas, e um arrepio percorreu a fina teia. Quando ele alcançou o cume mais baixo, suas mãos pararam, junto com minha respiração.

— Posso?

Sentindo meus pulmões prendendo o ar que inspirei, assenti e ele traçou o V invertido das minhas asas, com seu olhar de volta no meu. Exalei e respirei fundo enquanto ele prosseguia com sua exploração, o peso de seu olhar e dedos despertando novamente o brilho que havia desaparecido quando minha toalha me abandonou.

— Não posso acreditar que *você*, de todas as pessoas, acredita em almas gêmeas — murmurei.

— Confie em mim — seus dedos atingiram um ponto que fez minhas costas arquearem e minha respiração falhar. — Eu também não posso. — Seus dedos pentearam minhas penas, uma carícia tão dolorosamente lenta que arrancou um gemido de meus lábios. — Mas não tenho nenhuma outra explicação para o quanto sou depenadamente atraído por você. — Ele baixou a boca para a curva do meu pescoço e sugou a pele macia.

Inclinei a cabeça para trás para lhe dar melhor acesso e agarrei seus ombros.

— Eu nunca toquei em minhas asas. Bem… *lá*.

Ele soprou ar quente contra minha pele úmida.

— Não me diga que é porque você acha o local difícil de alcançar.

Eu sorri. Supunha que era um pouco, mas não era por isso.

Arrepios subiam e desciam pela minha espinha com cada movimento lânguido.

— Não. Nunca me toquei, porque não queria perder o controle e me tornar escrava dos caprichos do meu corpo.

Ele afastou a cabeça do meu pescoço para me olhar.

— Então presumo que você também nunca se tocou — uma de suas mãos se afastou da minha asa, e eu senti sua ausência como uma pena caída, mas então ela deslizou entre minhas coxas e desenhou uma linha lenta em minha umidade — aqui?

Um gemido ofegante escapou dos meus lábios.

— De forma desajeitada, e sem muito sucesso.

A ponta áspera de seu polegar circulou meu feixe tenso de nervos, e eu ofeguei, sentindo minha visão começando a se dissolver ao longo das bordas.

— Ah, anjos. Adam. O que você está fazendo?

— Conhecendo você — ele murmurou, retornando sua boca ao meu pescoço antes de arrastá-la para baixo.

Apertei seus ombros, provavelmente deixando marcas de todos os meus dez dedos.

Quando ele tocou meu mamilo, o calor queimou através do meu núcleo, e seu nome queimou meus lábios.

Eu não tinha certeza de quanto tempo eu queimei de felicidade, mas me ocorreu que eu queria que ele queimasse comigo. Tirei as mãos de seus ombros e as arrastei sobre o contorno de suas longas e grossas penas.

Um grunhido baixo se formou em sua garganta, tensionou o ar entre nós, e suas mãos ficaram desajeitadas. Ele afastou a boca dos meus seios e semicerrou os olhos nos meus.

Não tirei as mãos, mas fiz uma pausa.

— Quer que eu pare?

— *Nunca* — ele quase rosnou, a veia ao longo de sua têmpora se tornando tão intumescida que se destacava sob a mecha escura de seu cabelo.

Baixei as mãos, acariciando cada pena da cor de um corvo da ponta à base. Quando comecei a ascensão em direção ao seu V invertido, seu olhar se tornou feroz, depois suavizou, depois ardeu novamente, como se estivesse oscilando entre agonia pura e o êxtase completo.

Mesmo que fosse um show espetacular assistir suas emoções oscilantes, eu me inclinei para prová-lo novamente. Passei os lábios sobre a barba áspera que cobria sua mandíbula até a suavidade aveludada de seu lóbulo. Capturei-o entre

os dentes, mordiscando de leve, antes de soltá-lo e traçar uma linha de beijos em direção a sua boca.

Seus lábios eram duros como couro curtido e não amoleciam. Eu não tinha certeza se alguma parte do corpo de Adam era capaz de amolecer.

— Naya… Pluma… Baby.

Não acelerei meu toque em suas asas da mesma forma que não parei de dar beijos em seu rosto, marcando-o como ele me marcou. Eu queria prolongar essa tortura suave até que seu coração batesse fora do ritmo.

Esta não seria a primeira vez que ele gozaria, mas seria a primeira vez que ele gozaria *comigo*, e eu queria que ele se lembrasse disso. Queria que se tornasse sua única memória. Que meus dedos substituíssem todos os outros que haviam viajado pelos vales e colinas de sua pele polida.

— Você já esteve com um anjo?

Ele resmungou. Zumbiu.

— Não! — Sua resposta foi tanto um grito quanto um sussurro.

— Então os dedos de mais ninguém nunca estiveram onde os meus estão agora?

Ele soltou outro gemido gutural, quase dolorido.

— Não. Primeira. Ah, *depena*. — Ele ofegou. — *Santa… Pluma*. — Mais palavras fluíam em intervalos, mas não faziam muito sentido. E então ele parou de falar, e seu corpo ficou imóvel de uma forma alarmante.

Quase parei de mover minhas mãos, mas um olhar para suas pálpebras fechadas e boca aberta estimulou a dança lenta dos meus dedos, e eu toquei Adam até que um estremecimento sacudiu seu corpo rígido e outro sacudiu suas asas, e um ponto de calor floresceu em seu jeans, umedecendo minha barriga que pulsava.

Desci os dedos uma última vez antes de deixá-los cair.

Ele me encarou, e encarou. E eu não sabia dizer se ele estava feliz, bravo, em choque.

Enquanto o silêncio forjado perdurava, me lembrei de como estava nua e puxei o cabelo sobre os ombros, penteando as mechas com os dedos até ficarem planas sobre meus seios.

— Isso foi… bom?

— Bom? — Ele levou a mão ao meu rosto. — Você acabou de me arruinar para a humanidade, Pluma.

Eu queria me deleitar com o elogio, mas não pude deixar de me perguntar: *e para os anjos?*

Seus olhos vagaram sobre os meus, caçando em suas profundezas por uma reação. Ele estava esperando que eu sorrisse de um jeito presunçoso porque eu era dotada da habilidade de ver e tocar as asas que nos tornavam diferentes? Centenas de milhares de sobrenaturais tinham essa habilidade. Todos os quatro plumas do lado de fora desta porta poderiam fazer o que acabei de fazer. Não era nenhuma feito, apenas DNA.

— Eu deveria me vestir. — Eu me virei e desviei dele para pegar a calcinha. Depois de puxá-la pelas minhas pernas, vesti a regata, então meu jeans. Ao fechá-los, olhei por cima do ombro.

Adam estava me observando com as duas sobrancelhas franzidas, como se tentasse resolver um quebra-cabeça.

— Por que você se afastou?

— Para me vestir. — Balancei a cabeça para suas calças. — Quer que eu pegue uma muda de roupa para você?

— O que eu quero é que você não me afaste. Você acha que eu estava mentindo quando lhe disse que você me arruinou para os humanos? Porque…

— Eu sei que você não estava mentindo. — Olhei para o tapete onde uma pena preta teria caído se fosse mentira. Apenas a minha de mais cedo estremeceu no tapete ao lado da mesa de cabeceira.

— Então o que em Abbadon eu fiz agora?

— É besteira, Adam. — Quanto mais eu pensava nisso, mais eu percebia o quanto era estúpido.

— Nada que te deixa com raiva ou triste é besteira. — Ele deu um passo hesitante em minha direção, colocou a mão de forma também hesitante em volta do meu quadril. Sua postura e aperto se firmaram quando não recuei. — Por favor, diga.

Baixei o olhar para o esmalte rosa lascado nas unhas dos pés e lamentei minhas inseguranças.

— Eu apenas assumi que *eu* tinha arruinado você, não minha habilidade de tocar suas asas. — Olhei de volta para ele, descobrindo que seus olhos tinham se tornado veludo em vez de vitrais. — E não apenas para humanos. — Umedeci os lábios e murmurei: — Eu avisei que era bobagem.

— Eu nunca tive interesse em nossa espécie até você. Quanto aos humanos, você me arruinou para eles na noite em que apareceu naquela calçada e se meteu na minha vida.

— Eu não me meti…

— Se meteu.

Franzi o nariz.

— Isso soa horrível.

— Soa como uma mulher que sabe o que quer.

Eu sabia o que queria. Era o meu coração que estava tendo problemas.

— Se alguém deveria estar se sentindo inseguro no momento, essa pessoa deveria ser eu. Digo que acho que você é minha alma gêmea e não recebo nada em troca. Bem, além de uma virilha espetacularmente molhada.— A covinha apareceu em sua bochecha, mas desapareceu quase com a mesma rapidez. — Você… você *não* acredita em almas gêmeas? É isso?

— Eu acredito.

Hesitante, ele perguntou:

— Você acredita que eu poderia ser a sua?

A visão do homem francês com os olhos escuros assombrosos passou pela minha mente.

— A Ama diz que temos muitas.

Suas pupilas pareciam se aguçar.

— Muitas?

— Almas gêmeas se referem a amigos também.

Embora sua mão ainda estivesse no meu quadril, seu aperto tinha afrouxado consideravelmente.

— Então, eu poderia ser uma de suas *muitas* almas gêmeas?

— Sim, mas…

Sua mão se afastou do meu corpo.

— Você realmente sabe como fazer um homem se sentir especial.

— Não foi isso… Adam… — Estendi a mão para ele, mas desta vez, foi ele quem se afastou.

— Fico feliz em saber que temos muitas. A imortalidade é muito tempo para permanecer fiel a apenas uma pessoa.

Meus dedos se fecharam no ar, embora parecesse que eles se fecharam no meu coração.

— Espere.

Ele não esperou. Ele escancarou a porta e saiu antes que eu pudesse acrescentar que não achava que todas as conexões de almas fossem iguais, que algumas funcionavam em frequências diferentes. O vínculo que unia meus pais era evidentemente diferente daquele que me unia a eles.

Uma porta se fechou e a pancada ressoou sob minhas costelas.

cinquenta e dois



naya

UMA HORA depois da birra de Adam, eu estava sentada no bar do hotel, tomando um copo de água com gás, esperando por Pablo. Liguei para ele, em parte porque Galina descobriu por Dov que a pontuação do Príncipe caiu abaixo do limite de cem, e em parte porque os outros – excluindo Adam, que havia sumido – ficaram nervosos com o código QR que eles baixaram. Ainda não havia ativado os SIMs, o que, segundo Levi, não era normal.

Noah foi contra eu me encontrar com Pablo, mas o príncipe, que não ficou surpreso ao ouvir minha voz, insistiu em falar cara a cara ou não falar.

— É um estratagema — Noah tinha sibilado.

— Ele não pode me matar.

— E se ele colocar a bomba em você de novo? — Galina balançava a perna.

— Vai sair. Novamente.

Os irmãos holandeses ficaram calados; um concentrado em sua tela, o outro em seus pensamentos.

Noah pulou do sofá e começou a andar de um lado para o outro no mármore cor de chocolate.

— Vamos remover os dispositivos de seus abdomens hoje à noite.

— Como? Não somos cirurgiões. — Eu já estava encaixando meus pés nos sapatos, a sola doendo da minha colisão com o cacto. — Se cortarmos um vaso sanguíneo, elas irão sangrar e essas garotas não são triplos.

Em outras palavras, perderíamos nossas asas.

Liguei de volta para Pablo. Ele sugeriu sua suíte. Meu pai incutiu em mim um instinto de sobrevivência suficiente para insistir em nos encontrarmos em um lugar público. O bar do hotel parecia uma boa opção, já que a equipe poderia me monitorar das câmeras de vigilância que Boone tinha colocado ao redor da sala.

— Se você acha que ele é uma causa perdida, Naya — Galina me acompanhou até a porta da suíte — brinque com o lóbulo da sua orelha e diga que está sentindo o jet lag, e vamos implementar o Plano R.

O Plano R era telefonar para o rei e avisá-lo sobre a farsa de seu filho.

O Plano R salvaria as meninas, mas condenaria o Príncipe.

Meu olhar se desviou para a porta fechada de Adam, mas apenas meu olhar.

O resto de mim saiu da suíte, passou pela pilha de penas cor-de-rosa brilhantes de Noah, entrou no elevador e atravessou o saguão.

Verifiquei a hora. Treze minutos atrasado.

Pablo estava esperando que seu atraso me deixasse impaciente ou ele ainda estava vindo do jardim?

Ouvindo as duas mulheres sentadas à mesa ao lado da minha discutirem o status de solteiro do príncipe, passei a ponta do dedo indicador sobre a pétala curva do lírio stargazer arrumado de forma tão orgulhosa e bonita em um vaso turquesa fino e feito à mão.

— Ouvi dizer que todas aquelas garotas britânicas foram trazidas para que ele pudesse escolher uma noiva — uma das mulheres fofocou.

— Elas são um pouco jovens, não?

— A Azucena tinha dezoito anos quando se casou com o rei Pablo.

Azucena… Lírio. A mãe de Pablo. Explicava o nome do hotel e por que essas flores estavam espalhadas por todas as superfícies. Embora eu não tivesse me esquecido das mãos errantes de Pablo ou seu estratagema para usar inocentes como armas, meu coração mole chorou de empatia pela violência com que sua mãe havia sido arrancada dele.

Um tumulto soou do lado de fora do bar. Um segundo depois, quatro guarda-costas passaram pela porta dupla, fazendo com que os trinta ou mais humanos amontoados ao redor das mesas de mogno e do bar de vidro retro iluminado se endireitassem.

— ¡*Fuera*! — eles gritaram. — ¡*Ahora*! — *Fora! Agora*!

As mulheres saltaram de seus assentos, junto com o resto dos clientes. Nunca vi pessoas se dispersarem tão rápido antes. Uma vez que o lugar estava vazio de todos, exceto eu e o jovem barman de rabo de cavalo, que me serviu água, três dos guardas observaram a sala em busca de retardatários ou dispositivos explosivos, enquanto o quarto me fez levantar para me revistar.

Um sinal de alerta soou dos outros guardas quando me sentei de volta no meu assento acolchoado, que era tão largo quanto um pequeno trono e esculpido da mesma forma extravagante.

Enquanto o homem enorme, que havia acabado de me revistar, falava no dispositivo preto em seu pulso que parecia um relógio de alta tecnologia, meu olhar se desviou para a prateleira iluminada de garrafas de álcool, em direção a uma das câmeras de vigilância. Adam estava me observando da suíte? Ele havia saído de seu quarto?

Passos ressoaram no mármore do lado de fora e então Pablo apareceu na

porta. Acompanhado por mais dois guardas, ele se aproximou e puxou a poltrona de veludo roxo na frente da minha. Depois que ele se sentou, seus guardas se acomodaram no bar.

Pablo examinou meu rosto, como se percorresse minhas feições em sua memória para ter certeza de que combinavam com a garota que ele conheceu na Inglaterra.

— Você parece diferente.

Seu olhar se demorou no chupão que Adam havia deixado na minha clavícula e que, infelizmente, só notei quando prendi o cabelo em um rabo de cavalo no elevador espelhado. Mas eu duvidava que Pablo estivesse se referindo ao meu pescoço. Suspeitei que ele estivesse se referindo ao meu temperamento.

Girei o copo de água lentamente, deixando um anel molhado na madeira.

— Quase morrer faz isso com uma pessoa.

Percebi o leve curvar para baixo de sua boca. Eu esperava que fosse simpatia.

— O que a traz a Caracas, *mi sol*?

O apelido parecia irônico, considerando que ele e Robbie tinham apagado meu espírito ensolarado e me transformado em um raio de breu, tornado ainda mais negro pelo meu mais novo mal-entendido com Adam.

Eu estava prestes a dizer a ele para não me chamar por nada além do meu nome, mas me controlei. Eu estava aqui para convencê-lo a não explodir inocentes.

— Você — eu finalmente disse.

Sua postura pareceu mudar, endurecer; as mãos enluvadas nos apoios de braço, pararam.

— Você veio até aqui por mim?

— Sim.

— Fico lisonjeado.

— Bajulação não era minha intenção.

— Qual era?

Passei o dedo sobre uma gota de água e a arrastei pelo tampo liso da mesa.

— Ouvi dizer que minha amiga Natasha faleceu no voo.

Ele me observou como se estivesse tentando descobrir o quanto eu sabia.

— As drogas são um passatempo infeliz.

— São, mas não eram um dela. — Eu não a conhecia bem, mas bem o suficiente. Me inclinei para frente como se fosse contar um pequeno segredo a ele. — Seu irmão mais velho morreu de overdose de drogas há seis anos, e ela

nunca o perdoou por isso.

A única pupila de Pablo encolheu, tornando sua íris clara ainda mais luminosa.

— Você está insinuando que houve artimanha na morte dela?

— Não estou insinuando, Señor Perez; Estou dizendo. Caso você não estivesse ciente. Espero que não estivesse. Espero que apenas os Dunmore sejam os monstros nesta história. — Desviei o olhar sobre a órbita coberta pelo pedaço de couro. — Os Dunmore *e* seu pai.

Uma veia agitou a pele recém-barbeada de sua mandíbula.

— Como você sobreviveu?

— Você quer dizer como eu não me afoguei no pântano onde a Susan e seu filho mais velho me jogaram?

Suas narinas se dilataram quando o relato das atividades noturnas dos Dunmore se estabeleceu.

— A Susan e o Henry fizeram o *quê*?

— Eles tentaram me afogar. Por ordem de Robbie. Eles amarraram meus pulsos e tornozelos em blocos de concreto e me jogaram dentro daquele pântano pelo qual passamos a meio galope. Felizmente, a corda que prendia meus pulsos se soltou e meu corpo emergiu.

Ele se inclinou para frente, e a pesada estrutura de madeira de sua cadeira rangeu. Ele deixou cair os antebraços sobre a mesa, seu terno azul-marinho fino amassando nos cotovelos, revelando um centímetro extra de punhos brancos brilhantes perfurados com rubis facetados que pareciam gotas de sangue fresco.

— Por si só?

Me esquivei de sua pergunta, favorecendo seu ego.

— Você me parece um homem que aprecia a justiça. — Meu olhar passou pelas abotoaduras e em suas luvas de couro preto. — Não foi por isso que você dizimou a família do general que roubou sua mãe de você?

O silêncio caiu como chuva, tamborilando no ar entre nós.

— Quero justiça para Natasha. Para o irmão de Emmeline Rogers. Para mim.

— Você está me pedindo para matar pessoas para você, *mi sol*?

— Não. Estou lhe pedindo para evitar que Robbie e sua mãe voem para fora de seu país amanhã de manhã. Estou pedindo que você os julgue por seus crimes e os tranque na prisão.

Ao contrário de Adam, eu não queria que morressem, porque morrer era o caminho mais fácil. Eles nem teriam que enfrentar Abaddon. Suas almas

simplesmente deixariam de existir. Especialmente agora que o atentado de Susan contra minha vida deu a ela uma pontuação de triplo.

— Você se importou o suficiente para matar o homem que achou que tinha acabado com minha vida usando suas habilidades médicas ruins. Seu próprio primo. Você não vai fazer nada a respeito daquele que tentou me eliminar de vez?

Pablo não moveu um único músculo, mas seu olho se contraiu, e essa contração fez o guarda-costas parado perto de nós remexer no paletó, provavelmente em busca de uma arma. Os que estavam sentados empurraram suas cadeiras para trás para se levantar. Pablo ergueu uma mão para acalmá-los.

— É pedir muito que você os coloque na cadeia para que eles não possam prejudicar outra pessoa?

— Não, mas infelizmente não posso fazer isso.

— Porque eles sabem demais?

— Aparentemente, eles não são os únicos que sabem demais. — Ele se recostou na cadeira, cruzando as pernas como se estivéssemos tendo a conversa mais descontraída de todas. — O que está me impedindo de colocar uma bala na *sua* cabeça?

Meu pulso não saltou porque se ele me quisesse morta, teria dado a seus guardas a ordem de atirar.

— Eu teria dito sua consciência, mas você está em guerra com ela. E você ficará em guerra com ela enquanto houver vidas inocentes em jogo. Entendo que você queira que seu pai desapareça, mas não o tire do caminho da forma covarde. Não acabe com ele da forma de Robbie. — Eu estava jogando verde, mas minha percepção repentina pareceu correta. — Estou enganada que usar as Garotas Circle como armas foi ideia dele?

Pablo não confirmou nem negou, mas seu pomo de Adão subiu e desceu em rápida sucessão.

— Além disso, acabar com a minha vida não vai resolver o seu problema. Não estou trabalhando sozinha, e todos em minha equipe sabem o que você está planejando fazer. Se você atirar em mim, eles informarão ao seu pai sobre o *golpe*. — Pronunciei a palavra, esperando que eu não tivesse usado meu trunfo muito cedo.

Ele olhou para o meu telefone, que estava apoiado sobre a mesa.

Toquei a tela para mostrar a ele que ninguém estava na outra linha.

— Não há ninguém ao telefone e não estou gravando essa conversa. Não preciso de uma confissão, não quando o dispositivo que você colocou em mim

está em minha posse. — A tela do meu telefone ficou escura de novo, quase tão escura quanto o humor de Pablo. — Estou aqui, Pablo, porque acredito que você não é o monstro em que sua criação o transformou. — Baixei a mão sobre a mesa. — Acredito que ainda há alguma bondade em seu coração, mas para que ela brilhe, você precisa deixar suas aspirações políticas de lado ou encontrar outra maneira de remover seu pai.

Pablo bufou.

— Reis não podem sofrer impeachment. A única maneira de removê-los do poder é matá-los.

— Matá-lo vai te fazer feliz? Governar este país é realmente o que você quer?

— Sim.

Desejei que ele tivesse hesitado porque domar o desejo de vingança de alguém era mais fácil do que forçá-lo a se afastar de um sonho.

— Então não comece seu reinado no poder executando mulheres inocentes. Comece colocando aquelas cobras que você chama de amigos atrás das grades e reunindo um grupo de amigos verdadeiros. Verdadeiros apoiadores.

Ele franziu a boca, relaxou, enrugou, enquanto as engrenagens giravam em sua cabeça.

— Você não gostaria que sua mãe ficasse orgulhosa?

— Minha mãe não está mais aqui. — Embora longe de ser terna, sua voz havia perdido um pouco da firmeza.

— Você é uma pessoa espiritual, não é? — A expressão favorita de Ama era: *vá com tudo ou vá para casa*. Eu escolhi ir com tudo, mas se isso não funcionasse, então eu iria para casa. — Você acredita em vida após a morte?

Seu olhar foi para seus guarda-costas, para o barman enxugando a testa atrás do bar, antes de voltar para mim.

— Onde você quer chegar?

— E se eu lhe disser que se você continuar com seu ataque, sua alma irá perecer por toda a eternidade? Que você não vai se reunir com sua mãe? — Meu tom falhou quando o ishim me puniu por revelar um dos segredos bem guardados de nosso povo.

— Terei toda a minha vida para expiar meus pecados.

— Sua vida inteira não será longa o suficiente — eu disse, olhando para a minha pena, que brilhava como diamantes derramados nas tábuas de ébano manchadas.

— Por quê? Você está planejando acabar com ela?

— Se eu te quisesse morto, você já estaria.

Ele riu.

— Você é realmente algo, *mi sol*.

— Algo que poderia fazer você mudar? — *Vamos, Pablo. Me prove que ainda tem consciência.*

Ele ficou sério, sua expressão ficando tão sombria que senti que o estava perdendo.

— Um homem só pode falhar tantas vezes antes que isso o tire de seu orgulho. Eu não vou falhar novamente. — Depois de um instante, ele acrescentou: — Não vai faltar nada para suas famílias

— Nada? O dinheiro não conserta corações partidos.

— Meu pai esfaqueou meu olho na última vez que tentei tirá-lo do poder.

Olhei para o que ele tinha deixado.

— Então você acha justo que quarenta e nove meninas paguem por sua mutilação com suas vidas

— O que são cinquenta vidas em comparação com todas as que mudarei quando estiver no poder? — Sempre tentando justificar sua intenção.

Minha esperança de que a alma deste Triplo ainda pudesse ser recuperada murchou.

— Essas meninas têm famílias e amigos. Elas têm perspectivas e sonhos. Suas vidas *importam*. Talvez não para você, mas para aquelas que as amam, elas são importantes. — Levantei a mão para fazer sinal ao garçom para pedir a conta. — Acho que eu estava errada sobre você.

Eu podia ouvir Adam dizer: *Eu avisei*. Isto é, se meu companheiro pluma de asas negras se dignasse a falar comigo novamente.

O barman de rabo de cavalo se apressou com uma pastinha de couro, tremendo enquanto entregava a conta.

Pablo a pegou antes que eu pudesse e a jogou de volta para o cara como se fosse um osso e ele um cachorro.

— Cobre em meu quarto.

Assentindo, o barman deu um pulo para trás, tropeçando em seus próprios pés e batendo na mesa ao nosso lado. O impacto derrubou o vaso turquesa. Ele rapidamente o endireitou antes de limpar a água com a ponta de seu avental.

— Diga-me, Naya, para quem você trabalha? — A voz de Pablo era enganosamente sedosa. — Não consigo imaginar que seja uma agência governamental, porque as agências governamentais não treinam seus agentes para sentir. Eles os treinam para matar, e você nem está armada.

Minhas asas se materializaram nas minhas costas.

— Você tem razão. Não fui treinada para matar. Fui treinada para salvar.

Ele sorriu. De verdade. Sorriu.

— Um verdadeiro anjo da guarda.

— Um verdadeiro anjo da guarda que está com jetlag e terminou de falar.— Joguei meu rabo de cavalo por cima do ombro e toquei a orelha, ativando o Plano R.

cinquenta e três



adam

FATO ANGÉLICO #15:
Nunca deixe os sonhos guiarem seus voos.

AS BATIDAS hesitantes na porta se tornaram brutais.

— Adam! Vamos, cara, me deixe entrar. — Noah parecia desesperado.

Eu estava muito chapado – física e emocionalmente – para sair do meu poleiro e deixá-lo entrar. Por que em Abaddon eu tinha o escutado e a sua boca grande? Mais importante, porém, por que eu tinha falado todo aquele esterco sobre almas gêmeas para Naya?

Porque ela desnudou seu corpo, e me senti compelido a desnudar minha alma para equilibrar as coisas?

Bebi a última cerveja que peguei do frigobar do nosso quarto, depois joguei a garrafa em cima da mistura de outras. Não quebrou, provavelmente porque caiu em uma das minhas penas caídas, mas ainda tilintava de forma satisfatória enquanto rolava em direção à base do parapeito de pedra e se acomodava em meio à mistura de recipientes de vidro e penas pretas.

A batida recomeçou.

Virei meu olhar para a porta que tranquei. Naya veio se desculpar?

— Adam, vamos. Abra, cara.

É. Não Naya. A garota provavelmente estava a caminho de reformar o grande príncipe mau. Talvez ela até *o* chamasse de sua alma gêmea. *Ah.* Seria tão típico de Naya ter um Triplo como alma gêmea.

Olhei para a cidade envolta em noite e estiquei o polegar e o indicador, fechei um dos olhos, depois belisquei uma estrela e imaginei espremer a luz dela. E então me visualizei fazendo isso com todas as estrelas, até que o céu crepuscular parasse de brilhar como as asas de Naya.

— Vou arrombar a porta se você não abrir, porcaria! — Noah gritou.

Eu sorri.

— Espero que você não machuque muitas de suas belas penas de verity.

A batida parou.

— Fico feliz em saber que você está vivo.

— Não posso morrer, lembra? — Olhei para o parque lá embaixo. Imaginei

a queda do meu corpo. Meus dedos se separando da pedra. O ar cortando meu rosto. A gravidade sugando meu peso.

Tudo em mim iria se quebrar. Exceto meu coração e ego, mas os dois já estavam bem feridos, como minhas asas. Quantas penas eu perdi desde que conheci a filha do seraphim?

Mais do que ela merecia.

Deveria ter mantido distância da garota de Asher. O homem estava certo em nos manter separados. Ele devia saber que sua filha iria ferrar com a minha cabeça.

Levantei a mão, pensando que tinha uma garrafa presa lá, mas tudo que eu segurava era um punhado de ar escuro e estrelas zombando.

— *Hola, guapo*. — *Olá, bonitão*.

Olhei para o lado. Encontrei duas mulheres encostadas no parapeito da porta ao lado. Não, três. Pela aparência delas, eram trigêmeas. Eu pisquei. *Espere, espere, espere.* Havia apenas uma.

— Você tem frigobar?

— Por que você não vem e verifica?

Eu me levantei, equilibrando os pés como um equilibrista.

— ¡*Cuidado! — Cuidado*!

Levantei meus braços e minhas asas para me equilibrar e cambaleei até a mulher, parando na beirada da varanda. Olhei para o vazio escuro que a separava dela, odiei como ele brilhava como o firmamento estrelado acima. Por que toda coisa depenada tinha que brilhar?

Afastei o pensamento do corpo em chamas de Naya, dobrei os joelhos e pulei.

Pousei. Ou pensei que sim.

O mundo deslocou abaixo de mim.

Eu tropecei.

A mulher gritou.

cinquenta e quatro



naya

O SEGURANÇA POSICIONADO MAIS PERTO de Pablo se inclinou e murmurou algo tão perto de seu lóbulo que não consegui ouvir as palavras rápidas em espanhol. Os homens do rei estavam vindo? Era essa a notícia que ele estava dando?

Pablo assentiu.

Quando o segurança recuou, retornando ao seu posto original, enfiei minhas asas em minha espinha e comecei a me levantar.

— Sente-se, *mi sol*.

Não me sentei.

— Eu disse, *sente-se*.

Seus seguranças se aproximaram.

Meu peito se encheu de batidas selvagens. Adam estava certo. Não havia como mudar este homem.

— Você parece agitada, *mi sol*.

— Meramente decepcionada. Achei que você fosse um homem melhor. — Embora eu não estivesse mais no clima para seu apelido ou sua companhia, afastei minhas asas com magia e me sentei. Como fui forçada a esperar o rei invadir o hotel, decidi fazer o melhor possível. — Por que você esconde suas mãos? Sua pele queimada o lembra muito sua mãe?

Sua mandíbula se tornou tensa.

— Cicatrizes fazem um homem parecer fraco.

Coloquei um braço sobre as costas da minha cadeira e cruzei as pernas para mostrar minha total falta de medo.

— Engraçado. Eu, pessoalmente, acho que as cicatrizes fazem um homem parecer invencível.

Ele estudou meu rosto, minha postura relaxada, procurando a verdade de minhas palavras ou se perguntando por que eu não estava tremendo.

— Minha ex me preferia com luvas.

Eu balancei meu rabo de cavalo.

— E você se importava com a preferência dela?

— Você me considera um homem sem coração, *mi sol*, mas posso ser tremendamente atencioso.

Eu soltei meu cabelo.

— Acho isso difícil de acreditar, considerando sua recusa em salvar as Garotas Circle.

Seu olho afunilou na inclinação do meu pescoço manchado pelo beijo de outro homem.

— Eu ia te salvar.

Deduzi isso da diminuição em sua pontuação de pecador.

— Ainda bem que meu pai me ensinou a me salvar.

— É isso que você está fazendo no presente momento? Se salvando? Porque se você fosse minha filha, eu teria dito que convidar o diabo para um encontro era uma maneira infalível de se matar.

— Isso não é um encontro; é uma reunião. — Me inclinei para oferecer a ele uma visão desobstruída da minha completa confiança. — Da qual vou embora.

— Você é tão imperturbável em seu otimismo, *Señorita* Tremblay.

— Moreau não Tremblay.

— *Hum*. — Seus dedos se curvaram na palma da mão, esticando o couro. — Peço desculpas, mas não concordo. Você vê, eu lamentei sua morte. Até o Robbie me informar que eu estava de luto por um fantasma. Naya Moreau não existe, mas uma garota que compartilha seu DNA chamada Valentine Tremblay sim. Não por muito tempo, no entanto. Ela morreu minutos após seu nascimento. Liguei para sua mãe para dizer a ela como estava profundamente pesaroso pela morte de sua filha.

Então ele sabia qual Céline Tremblay me deu à luz… quase pedi a informação, mas mordi a língua. Ele usaria isso como influência, e influência era poder. Além disso, se ele descobriu a identidade dela, eu também poderia.

— Queria lhe enviar flores e um cheque. Ela perguntou se isso era alguma piada de mau gosto porque a Valentine *dela* está morta há dezoito anos. — Seu rosto estava tão perto que o leve aroma de hortelã-pimenta e gim permeou o ar entre nós. — E, no entanto, aqui está você. O que me leva a pensar se você é parte gato.

Eu sorri.

— Eu lhe asseguro, *Señor* Perez, não sou nenhum gato.

— Então como é que você ainda está viva? — Suas palavras bateram na ponta do meu nariz, mas ainda assim, não vacilei.

— Eu te disse, a corda estava solta.

— E quando você tinha dois minutos de vida? A corda também estava solta?

— Você teria que perguntar ao homem que me criou e, confie em mim quando digo isso, você *não* quer conhecê-lo. De acordo com a maioria, ele é bastante aterrorizante.

— Minha referência para aterrorizante com certeza não é a mesma que a sua.

Mesmo que eu mantivesse meu olhar no dele, escutei os sons além das portas fechadas. O rei não levou a sério nosso aviso ou os homens do príncipe estavam travando uma batalha com os dele do lado de fora dos muros do hotel? Eu não tinha certeza de quanto tempo mais poderia manter o homem entretido e meu corpo livre de balas.

Se eles não aparecessem no minuto seguinte, eu teria que lutar para sair do bar. Não impossível, mas perigoso, porque se eu acidentalmente causasse a morte de qualquer um desses homens, corria o risco de perder minhas penas. A opção mais segura seria permitir que eles atirassem em mim e escapar de qualquer túmulo em que escondessem meu corpo, esperando que não fosse muito profundo ou difícil de sair.

Vamos lá, pessoal.

Me salvem.

Assim que eu estava me acomodando para esperar, as portas se abriram.

Alívio afastou o desconforto que percorria minha espinha.

Até que ouvi um gemido suave.

Até que peguei o flash de lágrimas em um par de olhos azuis brilhantes.

cinquenta e cinco



naya

— ACHEI que você ia se livrar dos ratos, não trazê-los para mim. — Pablo franziu a testa para Emmy, cujas bochechas inchavam com a respiração ofegante e brilhavam com as lágrimas.

Robbie enrijeceu o antebraço que prendia em volta do pescoço dela enquanto dava um passo à frente.

— Os outros estão todos mortos. Só sobrou esta aqui.

Meu coração quase parou. *Os outros? Que outros? As Garotas Circle? Eles tinham detonado seus corpos?*

— Ela afirma que não faz parte do grupinho da loira. — Robbie semicerrou seus olhos castanhos em mim.

Grupinho? Ele quis dizer…

— E daí? — Pablo disparou. — Você queria a confirmação de quem ela era antes de acabar com sua vida?

Emmy choramingou, com as mãos em volta dos antebraços de Robbie, os nós dos dedos brancos.

— Eu não sei de nada. Eu não sei. Juro. Eu não sei.

Pisquei, passando pelo barman trêmulo que estava com as costas contra as fileiras de garrafas iluminadas, direto na lente de vigilância de Boone. Se ao menos fosse um espelho de duas faces.

— Achei que poderíamos usá-la para interrogar a garota — Robbie explicou. — Descubra onde ela escondeu seu *dispositivo*. Procuramos na suíte e não estava lá.

A suíte…

Meus ouvidos começaram a zumbir.

Eles emboscaram minha equipe.

Isso é o que eles queriam dizer com meu *grupinho*.

— Como? — sussurrei, as notícias ressoando na minha cabeça como um gongo, as vibrações ganhando volume e poder, elevando meus níveis de adrenalina. Eles conseguiram filmagens deles no auditório ou nos jardins? Foi assim que souberam?

Engoli em seco, sentindo o gosto metálico do meu crescente horror. Eu deveria ter ouvido Adam e me mantido fora dos holofotes. Como eu poderia ter

pensado, mesmo por um instante, que eu poderia ser mais esperta que Triplos?

— Como o que, *mi sol*? Como encontramos seus associados? Você deu à empresa de telecomunicações a senha errada.

Minha boca ficou seca.

— No segundo em que você baixou o código QR, o próprio gerente me ligou para me informar que alguém havia invadido minha conta e me ofereceu suas coordenadas em uma bandeja de prata. Demorou um pouco para encontrar o quarto certo, já que a localização é o hotel.

Não, não, não. Isso não poderia estar acontecendo.

Todos na equipe eram treinados e astutos. Vi Galina treinar com Noah e Boone naquela tarde. Eu tinha visto Adam em ação. Tinha lutado com ele. Eles eram incríveis… Muito mais habilidoso do que eu. Eles deviam ter sido pegos de surpresa ou não lutaram por medo de matar alguém e perder suas asas.

Eu me forcei a encontrar o lado positivo. Ainda tínhamos dois dias para sabotar o golpe de Pablo. No segundo em que meus amigos acordassem, no segundo em que seus corpos se livrassem das balas, eles ligariam para o rei. Talvez até envolvessem nosso povo. No mínimo, Dov. Engoli o nó na garganta e juntei meus dedos para que eles parassem de exibir meu choque.

— Não tenho nada a ver com o plano da Naya. Eu nem a conheço. Não de verdade. — Emmy balançou a cabeça, olhos azuis fosforescentes de todo o seu choro. — Eu aluguei um quarto para ela. Isso é tudo. Isso é…

— *¡Por Dios, cállate, mujer*! — Pablo rugiu.

Emmy se acalmou por um segundo inteiro antes de um grande soluço sair dela.

A dor por ela ter sido pega no fogo cruzado amoleceu meu coração. Mesmo que ela não se importasse com o que aconteceria comigo, eu me importava com o que aconteceria com ela.

— Ela está falando a verdade. Ela não tem nada a ver com isso. Da mesma forma que o garoto que você mandou matar, Robbie, não teve nada a ver com isso.

Os olhos inchados de Emmy se arregalaram.

— Eles mataram o Adam?

Engraçado como sua cabeça tinha ido direto para ele.

— Não. Eles mataram o Grayson — falei em tom gentil, embora a raiva estrangulasse minhas entranhas.

Seu queixo caiu tanto quanto um queixo poderia cair quando apoiado por um antebraço.

— O quê? O Gray está… — Seu lábio inferior tremeu. — Gray está morto? Ah, Deus, como? Quando? E por que minha mãe não ligou e… Ah, Deus, ah Deus, ah, Deus. — Mais lágrimas caíram. Ranho, também.

Querendo garantir que ela não tivesse o mesmo destino de Grayson, cataloguei todos os objetos próximos. Os vasos nas mesas, o copo de água na minha frente. Os dois serviriam como mísseis letais ou lâminas improvisadas. Meu olhar pousou no meu telefone, e a visão dele firmou meu coração.

Eu estaria em um mundo de problemas se ligasse para meu pai, mas Emmy estaria segura. O pobre barman tentando se misturar com as prateleiras de bebidas estaria seguro. Mantendo meu olhar fixo na minha antiga senhoria, segurei o aparelho fino, a tela fria sob minha pele úmida.

Programei o número de Apa como meu contato de emergência. Um toque longo no botão liga/desliga do meu telefone e o botão vermelho para ligar para ele apareceria.

Eu o pressionei.

A dor explodiu em minha mão, e soltei um ofego.

— *¿Qué demonios?* — *Que diabos?* O olhar de Pablo se desviou para minha carne dilacerada.

O guarda-costas, parado ao lado da nossa mesa, baixou a arma.

— A garota estava tentando ligar para alguém, *su Alteza*.

Sangue saía da minha carne perfurada, escorria entre meus dedos, e pingava sobre a mesa. Tirei a mão do telefone quebrado e a enrolei em mim, envolvendo-a contra meu peito com a outra mão.

Pablo explodiu com o guarda.

— *Eu* dou a ordem para atirar! — Ele enfiou a mão no bolso do paletó e sacou sua própria arma, que ergueu, apontou para o guarda e disparou.

O homem gaguejou, olhando boquiaberto para o chefe, então para baixo para o sangue colando sua camisa preta em seu peitoral. E então… e então ele caiu.

Emmy gritou.

— Tragam-me uma toalha! — Pablo rugiu.

Dois de seus seguranças correram em direção ao bar, enquanto eu apenas piscava entre o cadáver e o príncipe, tentando entender por que ele puniu o homem por me incapacitar. O inimigo não era *eu*?

— Por que foi que você atirou nele, Pablo? — Robbie deu voz à minha pergunta.

Os olhos do príncipe se fixaram em mim enquanto ele colocava a arma de

volta no paletó.

— Tenho planos para ela.

O medo momentaneamente entorpeceu minha dor física.

— Além disso, se alguém vai machucá-la, sou eu.

Uma respiração passou pelos meus lábios. Me machucar? Que tipo de tortura ele estava planejando?

O guarda mais próximo do bar voltou com um guardanapo de pano cuidadosamente dobrado.

Pablo o pegou, empurrou a cadeira para trás, contornou a mesinha e se agachou. Ele afastou minha mão da minha blusa e embrulhou a ferida, prendendo o guardanapo com um nó firme.

— Sinto muito, *mi sol*.

Que tipo de jogo mental demente era esse? Não era um que eu queria jogar, isso era certo. Ele passou um dedo enluvado ao longo da minha bochecha, depois pelo meu pescoço. Quando seus dedos alcançaram o chupão, ele fez uma pausa, então o pressionou. Não estremeci, mas minha garganta se moveu.

Uma das primeiras lições que nossa ophanim de autodefesa nos transmitiu foi que a imortalidade não nos protegeria de tudo, que havia destinos piores do que a morte e precisávamos nos preparar para eles. E ela me *preparou* para eles, mas anjos, como eu esperava nunca ter que defender meu corpo das más intenções de uma pessoa.

De repente, desejei que a pontuação de Pablo não tivesse caído. Se ele ainda fosse um Triplo, eu teria quebrado o copo e cortado sua carótida. Se o ishim me puniu pelo pensamento, não senti. Não sentia nada sobre o ardor irradiando pelo meu pulso e a onda de adrenalina inundando meu corpo.

— *Su Alteza*, o que devemos fazer com o corpo de Franco? — o segurança, que trouxe o guardanapo, perguntou.

— Guarde-o na suíte com os outros quatro — Robbie sugeriu. — Será mais fácil de limpar.

— Não. — Pablo olhou para sua guarda derrubada. — Leve-o de volta para sua casa para que sua família possa lhe dar um enterro adequado. E envie a eles a soma usual.

Ele tinha uma soma habitual? *Ah, Pablo… sua alma está condenada.*

O segurança agarrou as mãos de seu colega caído e o arrastou pela sala, passando em volta das mesas ainda cobertas de copos de coquetel meio vazios e tigelas de nozes de prata martelada.

Fechei os olhos e respirei pela boca, sentindo meu estômago revirar com o

fedor acobreado de sangue. Anjos, eu ia vomitar.

Os novos gritos de angústia de Emmy fizeram meus olhos se abrirem.

— Eu não quero morrer. Por favor, não.

— Não depende de mim, Srta. Rogers. — A voz nasalada de Robbie rolou pelo espaço escuro. — *Isso* é com a sua inquilina. Se ela der a localização do que precisamos, eu a libertarei.

— Naya, por favor! Por favor, diga a eles! Eu farei qualquer coisa. Por favor.

Meu coração doeu com sua ingenuidade. Ela realmente achava que sua liberdade dependia de qualquer confissão minha?

Me virei para Pablo.

— Há um dispositivo dentro dela? — Permaneci propositalmente vaga porque se eu falasse a palavra bomba, ela não só enlouqueceria, mas nenhum homem a deixaria sair desta sala com seus órgãos vitais intactos.

— Não. — Embora Pablo fosse um monte de coisas, ele não me parecia mentiroso.

Minha língua disparou sobre meus lábios ressecados novamente.

— Coloque-a em um avião comercial de volta a Londres, *viva*, e eu lhe direi o que quer saber.

Emmy murmurou um *obrigada*.

Pablo sorriu com gentileza, passou os dedos pela curva do meu pescoço e se levantou.

— Você tem um coração tão bondoso, *mi sol*. Outra mulher teria exigido sua própria liberdade.

Porque outra mulher ficaria preocupada que ela nunca se libertasse. Eu tinha muitas preocupações, mas essa não era uma delas.

— Ah, e eu gostaria do meu casaco de volta. — Fiz um gesto para a jaqueta azul-petróleo que Emmy ainda estava usando.

— D-Desculpe. Eu não sei como…

Levantei a mão para silenciar seu pedido de desculpas. Sua cleptomania era a menor das minhas preocupações atuais.

Pablo estendeu a mão enluvada para mim.

— Feito e feito.

— Você ficou louco? — Robbie apertou a garganta de Emmy. — Ela vai nos dedurar no minuto em que aterrissar.

— Eu não vou. Juro. Não vou. — Ela continuou agarrando seu braço.

Pablo gritou com um de seus seguranças para aliviar Robbie de sua carga e

pegar minha jaqueta, então apontou a cabeça em direção à mão estendida.

— Venha.

— Onde? — Minha pele se arrepiou com a ideia de ir a qualquer lugar com esse homem. Por mais tolerante que ele estivesse provando, contanto que ele não mudasse sua posição sobre as Garotas Circle, eu não podia confiar nele.

— Para onde… para minha residência. Temos muito o que discutir.

— Não vou arriscar minha reputação, minha vida… — a saliva voou da boca de Robbie enquanto ele recuava em direção à parede, empurrando Emmy junto — por causa de uma prostituta que te enfeitiçou.

A pele de Emmy ficou roxa, como as cadeiras, como as asas de Ama. *Oh, Ama, como eu me meti em tal confusão?*

Eu queria que o exército do rei atacasse aqui. Queria que a justiça fosse feita, mesmo que fosse infligida por homens mais injustos. Mas o exército não viria, porque eles nos encurralaram antes que pudéssemos fazer isso com eles.

A irritação aqueceu meu sangue e diminuiu a dor da minha mão.

— Eu não sou uma prostituta, nem uma bruxa, Sr. Dunmore. — Eu disse isso em tom baixo, embora eu quisesse gritar para o mundo ouvir. Queria que minha voz ecoasse nos salões da associação e subisse até Elysium, para que os anjos intercedessem e punissem esses humanos vis que colocaram balas em meus amigos.

Algo registrou quando finalmente segurei a mão de Pablo e fiquei de pé sobre as pernas bambas. Robbie havia mencionado *outros quatro*.

Isso significava…

Alguém havia escapado!

— Vou com você, mas quero passar na minha suíte primeiro.

Pablo ergueu a sobrancelha.

— Posso fazer com que suas roupas…

— Quero o encerramento ou nunca serei capaz de superar o fato de que meus amigos se foram.

— É um truque, Pablo! Ela provavelmente tem uma arma escondida lá em cima e…

Pablo inclinou a cabeça para o lado.

— Eu nunca soube o quão profundamente você me subestimava, meu amigo.

— Você é cego quando se trata dela — Robbie gritou. — Você atirou em seu próprio guarda-costas. Você atirou nele quando tudo o que ele estava fazendo era seu trabalho!

A boca de Pablo se contraiu.

— ¡*La chica… sacala! — A garota… peguem-na!*

Dois de seus homens foram até Robbie, que sacou uma pistola de seu smoking de veludo e apontou para mim.

— Guarde a arma, Robbie — Pablo falou bem calmo.

Mas ele não me empurrou para trás. Por que iria? Por todo o seu desejo de brincar comigo, ele nunca se sacrificaria por outra pessoa. Afinal, sua vida valia muito mais do que a de qualquer um

— Baixe. A. Arma. — As palavras cortadas de Pablo ecoaram pelo ar como balas.

Lágrimas saíram dos olhos de Emmy e escorreram pelas laterais de seu nariz. Suas mãos ainda estavam no braço de Robbie, ainda com os nós dos dedos brancos. Eu estava orgulhosa dela por lutar.

— Eu arrisquei minha vida por você, porra! — Robbie gritou. — Me recuso a me sentar e assistir você agir como um idiota.

Os dedos de Pablo apertaram os meus e, embora ele não estivesse apertando minha mão crivada de balas, minha palma começou a doer.

— Eu vou me comprometer. — Ele desviou o cano na têmpora de Emmy. — Não vou atirar na sua puta, mas essa não vai sair daqui.

— NÃO! — Soltei a mão de Pablo e enfiei a minha mão embaixo de sua jaqueta. No segundo em que meus dedos se fecharam em torno de sua arma, eu a puxei e a nivelei na cabeça de Robbie, firmando a mão que balançava com a latejante. — Deixe-a ir. Ou… ou eu atiro em você. — Embora minha atenção estivesse em Dunmore, vi os segurança de Pablo levantando as armas em minha direção.

Robbie riu.

— Olha isso, Pablo. Ela está com a sua arma.

A quietude de Pablo pressionou minha pele.

— Se eu não quisesse que ela estivesse, ela não estaria segurando.

Mesmo que meu aperto estivesse trêmulo, minha confiança não estava, e embora eu não tivesse dúvidas de que ele teria lutado, eu estaria segurando sua arma, quer ele quisesse ou não. Levantei a mão um mero centímetro e engatilhei. A arandela de vidro acima da cabeça de Robbie estourou. Cacos caíram sobre ele e Emmy como um punhado de purpurina.

O britânico estremeceu, a boca não mais esticada em um sorriso presunçoso.

— O próximo vai ser entre seus olhos se você não deixar a Emmy sair, Sr.

Dunmore.

O fato de Pablo nem tentar me desarmar me disse que ele estava de acordo com a morte do amigo.

— Melhor deixá-la ir, Robbie. — Seu tom era doce, *divertido*.

Anjos, eles eram todos muito doentes.

— Cale a boca — Robbie para Emmy, que parecia prestes a quebrar como a arandela. — Tem certeza de que foi seu olho que seu pai tirou e não suas bolas, Pablo?

Uau. Eu não achei que Robbie Dunmore fosse um idiota suicida. Mas também não achei que era um terrorista. Eu era mulher o suficiente para admitir quando estava errada, e cara, como estava errada.

Pablo arrancou a arma das minhas mãos, o retorcido frio de sua boca desestabilizou meu aperto e fez meus batimentos cardíacos dispararem, fazendo-os cair ainda mais erraticamente.

Ele levantou a arma.

Meus joelhos amoleceram. Me preparei para me agachar e derrubar suas pernas, certa de que ele finalmente se cansou de mim, quando ele girou e apontou a arma para Robbie.

Ele apertou o gatilho ao mesmo tempo que Robbie.

Dois tiros foram disparados.

Dois corpos caíram com um baque.

cinquenta e seis



naya

EU SUSPIREI. Ou talvez eu tenha gritado. Ou talvez eu não tenha emitido um único som. Mas por dentro, chorei tão alto quanto Emmy antes de Robbie silenciá-la.

Minha pecadora estava morta.

Morta.

Eu tinha visto humanos morrerem, mas nunca assim. Não com tanta violência.

O terror que iluminou seus olhos, arredondando sua boca e descolorindo seu rosto.

Os tiros ecoaram novamente entre minhas têmporas.

Bum, bum. Bum, bum. Bum, bum. Bum, bum.

Eles se multiplicaram e se intensificaram, combinando com a batida do meu pulso.

O odor dos cadáveres atingiu meu nariz e eu engasguei. Assim que me virei, o vômito saiu da minha boca e pousou no lírio inocente.

Meus olhos ardiam com o cheiro, impulsionando lágrimas angustiadas pelo meu rosto que escorriam do meu queixo para as pétalas rosa e brancas. O ar se agitou quando Pablo gritou ordens que seus seguranças obedeceram.

Eu queria que Robbie fosse embora, e ele foi.

Robbie se foi. Irreal. Tudo o que aconteceu comigo desde que coloquei os pés na mansão Dunmore parecia irreal.

— Sinto muito pela sua amiga, *mi sol*. — Pablo tinha acabado com a vida de seu amigo com tanta desenvoltura, eu duvidava que ele se importasse um pingo com Emmy.

Ainda debruçada sobre a mesa, com as palmas das mãos apertando a madeira, pisquei para afastar as lágrimas e inclinei o rosto para o lado para olhar para o pecador. Como ele não era um pluma, nenhuma pena confirmava ou negava a forma de sua consciência.

Eu me afastei da mesa, minha palma rasgada doendo com o esforço, e levei o guardanapo molhado até minha boca, sujando-o um pouco mais.

Pablo observou minha boca, provavelmente avermelhada de sangue.

— Um monstro a menos. Falta um.

Ele estava falando sobre si mesmo?

Umedeci os lábios. Com certeza, o leve gosto de cobre permaneceu sobre a queima de minha repulsa.

Um segurança se aproximou de nós e estendeu um pedaço de tecido enrolado. Sua boca se abriu, mas minha mente não conseguia se prender a nada do que ele estava dizendo.

Eu falhei com Emmy.

Falhei, e ela estava morta.

Meu coração se apertou por esses pais que tinham acabado de enterrar um filho e agora precisariam cavar a terra para abrir espaço para uma filha. Se ao menos eu pudesse dizer a eles que as almas de seus filhos continuavam a existir, que eles retornariam, de alguma outra forma e sem memórias, mas que não haviam desaparecido completamente.

Pablo empurrou outro guardanapo em minhas mãos, um molhado desta vez. Meus dedos tremeram enquanto o levavam à minha boca e acariciavam minha pele.

A única coisa que me impediu de gritar foi a compreensão de que um malakim viria para colher sua alma. Eu precisava estar lá quando ele chegasse, para poder enviar uma mensagem para Dov. Ou ao meu pai.

Ah, como ele ficaria furioso. Mas eu aceitaria sua fúria se viesse com sua ajuda, porque de jeito nenhum eu deixaria mais uma alma inocente subir antes do tempo.

— *Su Alteza*, a garota tem pulso. — Um dos homens de Pablo estava agachado diante do corpo dela, com os nós dos dedos na borda de sua garganta. — O que você gostaria que fizéssemos?

Respirei fundo, e então minhas pernas estavam me carregando para os dois corpos que os guardas tinham rolado um ao lado do outro e deitados paralelos. Caí de joelhos ao lado do segurança e substituí seus dedos pelos meus, doloridos para sentir o tum-tum mudo.

Havia muito sangue. Ele endurecia seu cabelo castanho e cobria metade de seu rosto. Como ela poderia ainda estar viva?

De alguma forma, seu pulso vibrou contra meus dedos.

Mesmo que não houvesse luz suficiente nesta sala para criar sombras, uma caiu sobre mim. Olhei para cima para encontrar o olho do príncipe percorrendo o comprimento do corpo da minha amiga antes de pular para o de Robbie.

— O que você gostaria que eu fizesse? Que a tire de seu sofrimento ou a mande para o hospital?

Tirá-la de seu sofrimento? Ele realmente tinha sugerido atirar nela?

— O hospital, Pablo.

— Suas chances…

— Suas chances são melhores do que qualquer outra que ela teria com uma segunda bala.

Ele assentiu e telefonemas foram feitos. As portas do bar do hotel foram finalmente abertas, deixando entrar uma lufada de ar.

Fiquei com Emmy, cujos olhos se abriram, lacrimejantes e azuis, mas vívidos.

— Lute, Emmy. E não ouse parar. Grayson gostaria que você vivesse. — Depois de um instante, acrescentei: — O Adam também.

Seus lábios tremeram, mas não emitiram nenhum som.

Uma maca foi trazida e a transferiram para ela.

Quando a levaram para fora, eu me levantei da poça viscosa de seu sangue.

— O que vai acontecer com a mãe do Robbie?

— Hum. — Pablo segurou meu braço e, embora eu preferisse que ele não me tocasse, deixei porque preferia não acabar em um saco de cadáveres.

— O que você acha que ela vai fazer quando descobrir que matei seu filho favorito?

— Te machucar.

— E o que você acha que me machucaria mais?

— Divulgar seu plano.

Pablo deu um tapinha no meu braço.

— Garota esperta. — E então ele se virou para um de seus guarda-costas, falou o nome de Susan, seguido de uma única palavra: — *Mátala.* — *Mate-a.*

Meus braços se arrepiaram com a calma com que ele pediu sua morte. Quantas pessoas esse homem matou ou mandou matar? Ele sabia ou havia perdido a conta há muito tempo?

— Ela roubou meus brincos de pérola — murmurei. — Seu segurança poderia trazê-los de volta para mim?

O olhar de Pablo focou em meus lóbulos antes de descer para o hematoma no meu pescoço.

— Aqueles que seu amante comprou para você, *correcto*?

— Não. Um amigo.

— O mesmo amigo que beijou seu pescoço?

— Não.

— Você é uma mulher de tanto mistério, *mi sol*. — Depois de um instante,

ele apontou a cabeça para outro de seus homens e disse-lhe para recuperar as pérolas de Susan Dunmore.

Tentei acalmar o salto aliviado do meu pulso me concentrando no corpo de Robbie, que estava sendo fechado em um saco de cadáver, seu cabelo laranja e testa coberta de sangue, os últimos pontos de cor a desaparecer antes que ele se tornasse uma mancha opaca na brilhante madeira cor de ébano.

— *Tu mano.* — *Sua mão*. Pablo acenou com a cabeça para minha mão embrulhada em guardanapo enquanto me levava para o bar e me ajudava a me sentar em um banquinho.

Uma mulher uniformizada – Uma socorrista? A médica de plantão do hotel? – colocou um kit de primeiros socorros em cima do balcão, depois desembrulhou o guardanapo. Ela esguichou tanto álcool que meus olhos lacrimejaram, então pegou uma seringa. Afastei a mão, pingando sangue no vidro iluminado.

— Então não dói quando costuro a mão. — Ela falava em um inglês falho, supondo que eu não fosse daqui.

— *No quiero puntos* — eu disse. *Eu não quero pontos*.

Sua surpresa com a minha fluência rodeou seus olhos brevemente, antes que ela se lançasse em todas as razões pelas quais uma ferida como a minha precisava ser suturada. Balancei a cabeça. O fio estranho só daria mais trabalho ao meu sistema imunológico e aumentaria meu tempo de cura em vez de reduzi-lo.

Ela olhou para Pablo, que segurou meu olhar. Balancei a cabeça um pouco mais, meu rabo de cavalo escorregando de um lado para o outro sobre meus ombros. Ele suspirou e a instruiu a usar pontos falsos e enfaixar com firmeza. Com um bufo, ela obedeceu.

Uma vez que minha mão parecia uma bola de futebol, Pablo me acompanhou para fora do bar, enrolando minha mão boa em bíceps e prendendo-a lá com a palma enluvada como se fôssemos um casal voltando para casa depois de um encontro. Se minhas pernas não parecessem algodão doce, eu teria puxado a mão para longe.

O saguão havia sido esvaziado de funcionários e hóspedes, mas estava cheio de homens armados. Todos olharam para o chefe e para a garota com o jeans encharcado de sangue e a regata suja.

Na frente dos elevadores, ele perguntou:

— Tem certeza de que quer visitar sua suíte?

Assenti.

— Muito bem. — Ele apertou o botão apropriado.

Eu tinha esperança de que ele parasse em qualquer outro andar, mesmo que fosse uma cruel reviravolta do destino se ele tivesse atirado em mortais inocentes, em vez de na minha equipe imortal.

Vários de seus guardas entraram no amplo elevador e nos seguiram pelo corredor acarpetado, pisando nas penas rosadas de Noah. Um cartão foi aproximado da fechadura. *Clique*.

O primeiro corpo que vi foi o de Galina, deitado de costas ao lado da porta, um buraco de bala escorrendo sangue entre seus olhos vidrados.

Pressionei a mão enfaixada no meu estômago e a mantive lá enquanto olhava Levi, curvado sobre o bar, o rosto livre de sangue, mas a camiseta azul enorme encharcada. Boone estava deitado de bruços ao lado do banco de seu irmão, com sangue escorrendo de seu nariz e têmpora e pingando no mármore marrom. Noah estava encolhido contra a porta de seu quarto, as pernas estendidas à sua frente, os olhos fechados como se ele tivesse adormecido com a cabeça inclinada em um ângulo estranho, camisa social branca saturada de sangue.

Quando o massacre se imprimiu em minhas pálpebras, meus olhos arderam novamente.

Eles não estão mortos. Não de verdade. Repeti isso para mim mesma em silêncio, mas com firmeza.

Larguei o braço de Pablo e cambaleei até Noah, enxugando os olhos com os nós dos dedos, depois espiei em seu quarto em busca de outro corpo. As camas estavam feitas e sem cadáveres.

Minha esperança de que eu não era a única andando por aí se firmou, aliviando um pouco da minha dor. Eu ficaria feliz que qualquer um deles tivesse escapado, mas sabendo que era Adam…

— Aquele era seu amante? — Pablo estava de pé sobre Noah, o queixo inclinado de forma desdenhosa para seu pescoço.

— Não.

— Qual, então?

Me virei e me arrastei para o meu quarto.

— Eu lhe fiz uma pergunta, *Señorita* Moreau. — A voz afiada de Pablo me fez parar na porta do meu quarto.

Olhei ao redor da suíte escurecida por homens e mulheres pistoleiros. Principalmente homens.

— Eu não estava envolvida com nenhum deles.

— Então quem?

Eu ainda não tinha certeza de quais eram seus planos para mim, mas o brilho feroz em seus olhos me disse que ele estava preparado para uma caçada.

— Um garoto que mal conheço. — Com sorte, ele assumiria que era um hóspede do hotel ou alguém na Inglaterra. — Estou aqui com você agora. Essa é a única coisa que deveria importar.

Passei pela soleira para pegar minha bolsa do armário. Dois seguranças me seguiram. Um ficou parado na entrada enquanto o outro me seguia como um cachorro enquanto eu jogava braçadas de roupas dentro da bolsa.

No banheiro, me demorei ao lado do espelho, abrindo e fechando o batom escarlate, debatendo se deveria pintar uma mensagem para Adam para que ele soubesse onde me encontrar. Um olhar para minha sombra empunhando uma arma, e eu joguei o batom na necessaire.

Mesmo que um segurança não estivesse de olho em mim, eu não poderia deixar um bilhete. Preferia que Pablo continuasse pensando que acabou com toda a minha equipe do que ficar à procura de um membro perdido.

cinquenta e sete



adam

FATO ANGÉLICO #743:
Anjos não são imunes ao álcool. Ou a estupidez.

MEU CÉREBRO CHACOALHOU, ressoando com uma voz muito alta, muito estridente e completamente desconhecida.

Mas o que em Abaddon?

Abri os olhos e gemi quando o teto branco brilhante queimou minhas córneas. Comecei a fechá-los e rolar quando um rosto rebocado oscilou até entrar em foco sobre o meu rosto.

Que depena!

Meu coração saltou na garganta, e depois pareceu subir mais, até o cérebro, que começou a latejar. Embora debilitante, a dor combinada com uma boa dose de adrenalina clareou minha visão na hora.

Pisquei, e as feições da pessoa se aguçaram: uma mulher com um rosto quadrado e enrugado e lábios pintados do mesmo rosa das asas de Noah.

Enquanto ela murmurava uma série de orações, seu hálito mentolado gelou meu nariz e seu perfume cítrico exagerado embrulhou meu estômago.

— *Gracias a Dios.* — *Graças a Deus*. — Achei que nunca seria capaz de despertá-lo.

Eu estava esparramado em um tapete ao lado de uma cama que se parecia muito com a minha, mas onde deveria haver uma porta na minha frente, havia apenas gesso cinza. Inclinei o queixo e levantei a cabeça, levantando meu estômago por sua vez. Alívio por minhas calças estarem abotoadas me atingiu ao mesmo tempo que uma onda de náusea. Empurrei a mulher para o lado, me sentei, depois tropecei na sacada e esvaziei o conteúdo do meu estômago na pedra.

Minutos que pareceram uma hora depois, apoiei os dedos no corrimão e me endireitei. O sol cegou meus olhos lacrimejantes enquanto a mulher atrás de mim sibilava seu desgosto pela minha grosseria.

Depois de várias respirações firmes, eu me virei e olhei para ela através do brilho matinal no vidro.

— Como eu cheguei aqui?

A mulher fez uma pausa no meio do sermão, os olhos castanhos ficando quadrados como se combinassem com o formato de seu rosto.

— Você pulou da porcaria da sacada, foi assim. — Ela acenou com a cabeça para balaustrada de pedra a um corpo de distância.

O orgulho por eu ter conseguido atravessar abafou a maioria dos outros pensamentos em meu cérebro. Mas então me lembrei do motivo pelo qual pulei. Para conseguir mais bebida para reparar meu ego ferido. Reparar provavelmente não era a palavra correta. Afogar.

Sim… *afogar*.

Eu estava em uma missão para sufocar minha irritação. E eu a sufoquei mesmo. Mas, assim como o corpo imortal de Naya, estava ressurgindo; junto com uma boa dose de aborrecimento e um toque de humilhação.

Embora a janela do meu quarto ainda estivesse aberta, eu não tinha mais vontade de transformar meus ossos em confete, então me virei, agradeci à mulher por me deixar cair em seu tapete, o que finalmente fechou sua boca e saí do quarto.

Bati na porta da suíte. Quando ninguém abriu, enfiei as mãos nos bolsos do meu jeans. Vazios. Maldito seja Abaddon.

Resmungando para mim mesmo, fui para o elevador, mas o pensamento de falar com a recepção para substituir minha chave embaralhou meus pés de volta para minha vizinha de rosto quadrado. Eu toquei a campainha.

Ela abriu, sua boca formando um eloquente:

— ¿Qué? — O quê?

— Esqueci minha chave.

Ela franziu a testa quando passei por ela, subi no parapeito e pulei. Meu alívio ao aterrissar se transformou em um grunhido quando meu pé esquerdo atingiu uma garrafa e eu caí de bunda.

Em vez de bater no piso, bati em um banco de escola em um ginásio gigantesco. Ao meu lado, Starla, uma líder de torcida com quem tive um caso quando tinha quinze anos, um ano antes de conhecer Dov, começou a rir e depois me empurrou com seus pompons amarelos feitos de papel alumínio.

— Você é tão paquerador, Adam.

Eu me ouvi responder algo bobo que a fez rir um pouco mais. A garota parecia um duende fofo, mas tinha destruído, sozinha, a reputação da maioria de seus colegas do segundo ano.

Tão rapidamente quanto ela apareceu, desapareceu, e eu estava de volta ao terraço com o cóccix e o cérebro latejando. Venci a tentação de me deitar e

esperar a ressaca passar tomando banho de sol. Eu tinha coisas para fazer e uma equipe para ver. Eu me levantei, evitando o edredom de penas pretas que cobria um amontoado de garrafas de vidro vazias. Não era à toa que minhas entranhas pareciam lixo compactado.

Erguendo um braço para me equilibrar, cambaleei sobre a soleira e abri as portas de vidro.

Todo o ar deixou meus pulmões com a visão diante de mim: meu melhor amigo, caído, ensanguentado, sem vida.

Em minhas fantasias mais horríveis, *nunca* imaginei meu time sendo pego em fogo cruzado real. Cambaleei em direção a Noah, pressionei meus dedos em seu pescoço inclinado. Mesmo que sua pele fosse de gelo, o menor indício de pulso tocou meus dedos.

Meu cérebro parou de se contorcer como um peixe fora d'água e todos os meus sentidos se aguçaram. Voltei silenciosamente para o terraço, peguei a maior garrafa pelo gargalo e fui na ponta dos pés até a sala de estar.

Meu pulso congelou com o mau-cheiro de sangue e então meu corpo seguiu o exemplo ao ver mais três amigos silenciados.

Com o coração explodindo, corri até Galina, com pensamentos vingativos piscando na minha cabeça como os letreiros de neon em clubes de stripper. Talvez porque minhas deliberações não fossem direcionadas a nenhuma pessoa em particular, o ishim não me repreendeu. Não que eu daria uma pena voadora se tivesse.

A ira cobriu minha língua enquanto eu me movia mais na suíte, me preparando para a visão de Naya com uma auréola de sangue. Com o estômago tão duro quanto meus punhos, adentrei no quarto, minha visão avermelhada passando ao redor do espaço escuro.

Nada de Naya.

Corri em direção ao banheiro, acendi as luzes e espiei cada centímetro quadrado de azulejos de mármore, meu coração batendo tão forte que fez minha camiseta vibrar.

Onde em Abaddon ela estava?

Refiz meus passos e abri as portas do armário, não encontrei nada além de cabideiros meio vazios e cabides balançando. Fui até a janela e quase arranquei as cortinas do varão. As portas de vidro estavam trancadas, a varanda vazia.

Eu estava prestes a voltar para a suíte e verificar o banheiro de hóspedes quando meu olhar pousou na primeira gaveta da cômoda. Entreaberta e vazia.

Voltei para o armário e puxei uma pilha de camisetas – todas de Galina. A

jaqueta de couro no cabide também era de Galina. Onde estavam as roupas de Naya? Onde estava a bolsa com a qual ela chegara? Procurei debaixo da cama, em cada porcaria de gaveta.

Nenhuma bendita coisa de anjo.

Ela tinha feito as malas e deixado Caracas depois que a abandonei?

Caralho de Abaddon.

Uma pena caiu. Antes mesmo que tivesse assentado no tapete, eu estava de volta na sala, verificando cada canto e recuo pelo culpado. Quando não encontrei ninguém à espreita com uma pistola, tranquei a porta da suíte e coloquei a garrafa que ainda carregava no balcão. A culpa roeu minhas entranhas enquanto eu olhava ao redor da sala.

Como eles nos encontraram? E por que Naya não estava entre os corpos crivados de balas?

Ela tinha ido ao encontro de Pablo!

A memória de Noah me implorando para falar com ela fez meus molares se transformarem em tocos. Meu orgulho havia atrapalhado. Orgulho *depenado*.

Junior a ameaçou, e ela divulgou o paradeiro da equipe para se salvar?

Não soava como Naya, mas as pessoas se comportavam de forma imprevisível sob coação. Sem mencionar que ela sabia que todos voltariam dos mortos. Eu não queria pensar assim, mas a alternativa, que tínhamos sido desleixados e dado a eles a nossa localização, me irritou ainda mais. Eu era mesquinho o suficiente para preferir pensar que ela era o elo fraco em vez de mim, mas quem eu estava iludindo?

Eu bebi meu peso em fluidos entorpecentes.

Eu falhei com eles.

Mesmo que ela tivesse divulgado nosso paradeiro, eu não estava lá para proteger a equipe. Não tinha ninguém para culpar além de mim mesmo.

Alimentado por culpa e raiva, comecei a trabalhar sentindo seus corpos em busca de buracos de saída e, quando não consegui localizar nenhum, procurei ferramentas para desenterrar as balas enquanto apertava meus lábios para evitar vomitar em cima deles.

Assim que terminei de pescar os invólucros de metal, coloquei meus amigos nas camas das garotas, enxuguei o excesso de sangue de seus corpos com toalhas molhadas para poupá-los da visão sangrenta, depois tomei um banho.

E então, vestido todo de preto como o próprio diabo, fui caçar.

cinquenta e oito



naya

— QUER AJUDA COM O FECHO? — a vendedora perguntou através da cortina que me mantinha escondida de Pablo e dos guarda-costas que ele trouxe para ter certeza de que eu não fugiria.

Ou tentaria algo engraçado, como roubar sua arma e atirar entre seus olhos.

Depois de um café da manhã tardio no terraço, durante o qual belisquei a comida, nervosa demais para ingerir qualquer coisa, ele explicou os termos do nosso acordo, e eu finalmente entendi por que ele me poupou e como ele planejava me machucar.

Até então, eu me considerava a marionetista, mas me enredei tanto na teia desse homem que praticamente entreguei a ele as cordas para me fazer dançar como ele quisesse. Com o cérebro zumbindo de todas as maneiras que o acordo que eu tinha fechado com o príncipe poderia dar errado, eu o segui em seu elevador privado até o saguão e entrei em um dos quatro SUVs idênticos parados na garagem.

Enquanto as Garotas Circle aproveitavam um dia de SPA para mantê-las distraídas de seu organizador de expedição notavelmente ausente, fui arrastada para a butique mais reluzente da avenida mais chique da capital para comprar um vestido que *distrairia o rei enquanto eu o assassinava.*

As estipulações de Pablo: que meu vestido fosse azul royal, já que essa era a cor favorita de seu pai, e que fosse transparente, para que o homem não se preocupasse com armas escondidas.

— É um vestido complicado. Deixe-me ajudá-la.

Quando a cortina começou a se abrir, movi os dedos da minha mão boa e agarrei a cortina de veludo para impedir a mulher de entrar.

— Não!

Eu não tinha problemas com muitas coisas, mas provadores me faziam suar frio. Eu os evitava como uma praga e só me permiti ser levada até um hoje porque a alternativa, experimentar vestidos de grife na frente de Pablo e seus guardas, fez meus nervos, já em frangalhos, fulminarem.

Quando a pressão foi liberada na divisória que nos separava, eu soltei, mas não tirei os olhos das dobras pesadas de tecido. Depois de passar a cabeça pela parte de cima, prendi a parte de baixo do biquíni, então puxei o zíper fino que ia

de um centímetro abaixo da minha virilha até um centímetro acima do meu umbigo, mal cobrindo o que restava do meu hematoma.

Ainda segurando a cortina fechada, olhei para mim mesma para ter certeza de que meus seios não estavam saindo dos triângulos alongados que os apertavam contra minha caixa torácica, então arrumei meu cabelo ainda liso para cobertura extra.

Entre o top quase inexistente e a saia de tule plissada e transparente, eu me senti ainda mais nua do que no vestido da noite passada. Graças a Elysium eu estava muito preocupada com o que eu tinha concordado em fazer para me importar com o que estaria vestindo para fazê-lo.

Na verdade, se eu tivesse que ficar na frente de toda a Venezuela de calcinha fio dental e adesivos para mamilos para salvar as Garotas Circle, eu o faria.

Empurrei o tecido, com cuidado para manter a mão machucada enrolada no meu peito, para que não roçasse em nada no caminho. Embora não estivesse mais envolta em uma luva de boxe de gaze, minha palma queimava como se tivesse sido espetada por um atiçador de fogo.

Caminhei até o centro do boudoir em tons de âmbar.

— Este serve, *Señor* Perez?

Sua mandíbula endureceu quando eu o chamei pelo sobrenome, e era exatamente por isso que eu estava fazendo isso. Não estava mais com medo das consequências desde que concordei em ser sua arma. Eu agora era oficialmente muito necessária para ser eliminada.

Olhei para ele através do espelho de seis painéis, e ele olhou de volta. Não para o meu rosto. Ele estava olhando para o vestido que Eve teria escolhido para mim em um piscar de olhos se tivesse vindo fazer compras conosco. Pensar em Eve me fez pensar em minha mãe. Sem telefone, eu me sentia longe de casa, mas achei que era melhor assim, porque isso me salvava de enganar meus pais.

Um pouco mais de um dia até que eu estivesse em casa. Até que a cortina se fechasse neste pesadelo de missão.

Enquanto o tecido azul coloria minha pele branca, ponderei se teria coragem de assumir outra missão que me levasse a agir como um deus implacável em vez de uma pluma petrificada. Balancei a cabeça para afastar a linha de pensamento corrosiva antes que pudesse tirar minha força de vontade para salvar mais almas.

Concentre-se nisso, Naya. Em todos esses corações e vidas que você está prestes a salvar. Além disso, o rei é um homem terrível.

Para me convencer de que não eliminaria uma alma com potencial de redenção, pedi a Pablo que me mostrasse uma prova visual dos crimes de seu pai, o que ele havia feito na hora e a exaustão. Os artigos que vasculhei em seu tablet haviam coalhado os poucos pedaços de *arepitas dulces* que consegui engolir.

Pablo me rodeou como um predador.

— Vou querer seus lábios pintados de vermelho como ontem à noite.

Eu estava prestes a fazer uma piada sobre não estar ciente de que o cianeto vinha em tons tão brilhantes, mas não mencionei seu plano de assassinato por beijo. A ideia de passar veneno nos meus lábios e depois beijar um homem com idade suficiente para ser meu pai ameaçava revirar o conteúdo do meu estômago.

Embora Pablo tivesse prometido me fornecer um antídoto assim que o coração de seu pai parasse, eu não me importava com isso, sendo imortal. Tudo o que me importava era que ele cumprisse sua parte do acordo, que era excluir os SIMs virtuais e depois operar novamente todas as garotas naquela mesma noite, assim que voltassem da festa.

Enquanto ele ia dar uma olhada na vitrine de sapatos com a vendedora, minha mente vagou para meus amigos. Pablo havia prometido deixar seus corpos na suíte e isolá-los para os funcionários do hotel, para que eu pudesse buscá-los no momento em que seu pai fosse declarado morto.

Eu estava rezando secretamente para que Adam os encontrasse, mesmo que ele ainda não tivesse me encontrado.

Com o ronco de uma motocicleta, meu olhar se desviou para a fachada de vidro além dos manequins trajando vestidos que valiam mais do que o salário anual do venezuelano médio.

Eu não esperava que Adam estivesse sobre a moto que roncava. E ele não estava. O homem tinha o braço todo tatuado e tinta não pegava em nossa pele, da mesma forma que não pegava no nosso cabelo.

Sem mencionar que Adam não era tão forte e musculoso quanto o homem; ele era mais alto, com músculos mais esguios. Muito parecido com o cara carrancudo do outro lado da avenida, que estava puxando um boné preto sobre os olhos. Os pelos finos da minha nuca se arrepiaram, e eu pisquei, esperando que fosse um truque da minha mente desesperada, mas não era.

O homem parado do outro lado da rua larga não era outro senão aquele que ocupava minha mente. Levei a mão às orelhas, batendo nas pérolas que havia colocado de volta depois que os guardas de Pablo as recuperaram do corpo frio e morto de Susan, e eu as desinfetara.

Foi assim que Adam me encontrou?

Dedos enluvados estalaram na frente do meu rosto, tirando minha atenção do meu companheiro pluma.

— Naya, seu tamanho de sapato?

— Hum. — Peguei uma mecha de cabelo e a enrolei para que meus dedos não tremessem. — Trinta e seis.

Quando ele transmitiu meu tamanho para a vendedora, espiei por ele, pelos manequins na vitrine, pela fila de guarda-costas, pelo tráfego carregado.

Adam se foi.

cinquenta e nove



adam

FATO ANGÉLICO #901:
Para fazer coisas certas, você precisa fazer muitas coisas erradas.

SENTI MUITAS EMOÇÕES durante minha breve vida, mas nunca um desgosto tão ofuscante. Pelo menos, não por um companheiro pluma.

Naya era uma traidora.

Eu temi isso quando ouvi os guardas de Junior discutindo a obsessão loira de seu chefe, a garota que ele chamava de sua luz do sol e que ele havia mudado para sua suíte. Eu até os peguei apostando se uma proposta de casamento estava em andamento, porque, aparentemente, o príncipe não levava uma mulher para casa desde a ex-modelo britânica, que acabou se juntando com seu pai no segundo em que o rei se interessou por ela. O caso deles durou todo um mês, depois do qual ela correu de volta para o filho.

A garota nunca mais foi vista, e embora alguns presumissem que Junior a havia mandado embora com uma mesada, eu sabia – pelo seu perfil na associação – que ela estava morta.

Ver Naya naquela loja, sendo embelezada por um Triplo, foi como um murro no coração. Pablo era tão vil quanto seu pai. Por que ela não podia abrir seus olhos de anjos malditos e ver sua alma pútrida? Que prova, além do que uma pontuação de três dígitos, ela precisava para entender a maldade de uma pessoa?

Enquanto caminhava pelas calçadas de Caracas em direção à associação, peguei meu telefone e digitei uma mensagem para Dov que dizia: SOS o mais rápido possível.

Acrescentei que estava a caminho da sala de classificação da associação masculina.

Em vez de queimar meu excesso de raiva, fiquei progressivamente mais irritado a cada quilômetro e mais determinado a levar meu time para casa e deixar Naya para lidar com Junior e as Garotas Circle sozinha. Nessa altura, eu não via como poderíamos salvá-las de qualquer maneira, não sem acesso a esse número de telefone, que eu não tinha dúvida de que Pablo havia ativado e colocado em vários dispositivos para remover qualquer chance de seu golpe

fracassar.

Escancarei a porta da associação e contornei o átrio e sua fonte, sem olhar para meus companheiros pluma ou reconhecer os ophanim. As portas de vidro curvo da sala redonda de classificação mal tiveram tempo de se abrir antes de eu entrar e bater com a palma da mão em um painel de vidro.

No segundo que o holo-classificador me identificou, rastreei o nome de Junior. Sua pontuação: 100.

Lá se foi sua queda de pontuação.

Tracei o nome de Robbie em seguida, franzindo o cenho quando seu perfil apareceu com um grande carimbo holográfico vermelho que dizia: **FALECIDO**.

De jeito nenhum. Robbie morreu? Por que não ouvi os guarda-costas discutindo isso? Os caras do turno do dia não tinham sido atualizados pelo turno da noite?

Por vontade própria, meus dedos traçaram o nome: *Susan Dunmore*. Pressenti que haveria um carimbo em sua imagem de perfil holográfico. E lá estava.

Naya sabia? *Ela* os havia matado?

Tracei o nome dela em seguida, meu paladar e língua latejando com meu pulso caótico, minha pele pegajosa com medo de que ela aparecesse com zero penas em seu nome, mesmo que Dov tivesse jurado que acabar com Triplos não custaria nada.

Não soltei o ar até que sua pontuação se materializou – **941**.

Por toda a minha decepção com ela, eu nunca desejaria que suas asas fossem prejudicadas. E então, como eu era masoquista, verifiquei minha pontuação. O encolhimento substancial fez meu maxilar espasmar.

Meus aplausos soaram, extraindo minha atenção do número decadente. Eu meio que esperava que fossem meus pais, ligando para descobrir por que eu estava perdendo penas, sua exasperação alimentada tanto por um desânimo intenso quanto por uma preocupação aguda. Enquanto preparava uma desculpa plausível e um plano para confortá-los, tirei o telefone da calça cargo preta e desliguei o holo-classificador.

DOV: *Estou aqui.*

EU: *No hotel?*

DOV: *Não. Do outro lado da rua da associação*.

EU: *Já vou sair.*

Com os ombros tensos como cordame de aço, me levantei do banco, passei pelo átrio e sua fonte e abri as portas da associação com o ombro.

Notável como sempre em seu uniforme cinza de ishim, Dov estava encostado na fachada de uma loja de vinhos.

Atravessei a rua, contornando a multidão de carros buzinando e o fluxo de bicicletas.

— Vamos caminhar e conversar.

Nos quinze quarteirões que levamos para chegar ao hotel, contei-lhe tudo o que havia acontecido.

— Você entende por que eu não posso levá-los para uma associação, certo? — ele perguntou, quando a torre de vidro e pedra tremeluziu diante de nós, refletindo a mancha de neon do pôr do sol.

— Entendo. — Ao mesmo tempo, meu olhar se ergueu para a janela do quadragésimo oitavo andar e meu estômago afundou. Eu realmente pulara entre duas varandas? Eu havia perdido minha maldita cabeça de anjo. — Apenas cure-os com seu fogo e…

— Não.

Meu pescoço se endireitou quando me virei para olhar nosso parceiro silencioso.

— Por que não?

— Porque estou comprometido. Desde que cruzei com Naya, a ophanim intrometida que a carregou pelo canal está farejando, ansiosa para descobrir algo para relatar a Asher.

Fechei os olhos por um segundo, desejando, não pela primeira vez, que ela não tivesse encontrado Noah.

— Eu deveria ter encontrado uma maneira de mantê-la fora disso.

— O que está feito está feito. — Nosso contato celestial suspirou. — Estou feliz que Susan e Robert Dunmore tenham sido eliminados, mas, Adam, esta missão será a última da equipe se você falhar em socorrer as Garotas Circle.

Meu pulso parou quando as palavras de Dov se dispersaram pelo meu cérebro.

— Por quê?

— Porque se você falhar, vai provar que estamos errados. Isso provará que plumas não estão prontos para serem shorhim.

Eu me virei para ele.

— Já salvamos centenas de vidas!

— Quieto.

Fechei os punhos, sem vontade de ser mandado calar a boca por um ascendido.

Seu olhar foi para um grupo de transeuntes que estavam olhando para mim de forma engraçada. Como nem um único encarou Dov, presumi que ele tivesse usado poeira para se esconder.

— Você acha que Elysium se importa com estatísticas? Nosso mundo tem uma política de uma tentativa. Para tudo. Você ataca agora, e isso é tudo que eles verão. Todas as nossas outras missões serão desprezadas.

Engoli em seco.

— Mais da metade da equipe não está operacional e a festa de aniversário é amanhã à noite.

— A Naya ainda está em jogo. — Seus olhos subiram para a cobertura como se soubesse onde ela estava.

— A Naya é uma traidora ou covarde — murmurei.

— Tem certeza?

— Ela estava fazendo compras com o Príncipe Encantado hoje!

— Por que você está tirando uma conclusão precipitada de que ela o traiu? Talvez ela tenha um plano.

Sim. Seduzir o Triplo para pegar o número de telefone. Meu pulso soou em meus tímpanos enquanto eu a imaginava na cama com Junior. Eu ia estrangular o desprezível até a morte com seu tapa-olho *depenado*.

— Acho que essa é, infelizmente, sua última opção.

Eu não tinha percebido que tinha falado meu pensamento homicida em voz alta, mas devo ter. A menos que tenha sido o esvoaçar da penugem preta em volta das minhas pernas que alertou Dov para a direção obscura da minha mente.

— Você precisa falar com a Naya. Ela pode estar melhor posicionada que você para dar o golpe final.

Os nós dos meus dedos ficaram brancos, puxando as crostas que os salpicavam, mas sem as machucar.

— Como você sugere que eu faça isso, considerando que ela foi morar com Pablo, e sua residência é mais vigiada que o palácio?

Dov sorriu e estendeu as palmas das mãos.

sessenta



naya

PENDUREI o saco com o vestido e enfiei os sapatos embaixo dele no closet do quarto em que Pablo me colocou na noite anterior. Era ridiculamente grande, quase tão grande quanto a suíte inteira em que meus amigos estavam convalescendo.

Embora eu estivesse tentada a ir vê-los depois da minha tarde de compras, Pablo me prendeu com quatro guarda-costas – ele realmente temia a mim ou que algo acontecesse comigo – enquanto ele ia tomar chá com seu pai para falar sobre sua nova namorada e colocar nosso plano em ação.

Antes de deixarmos a privacidade de sua cobertura, ele explicou por que tinha certeza de que seu pai aceitaria um beijo de uma completa estranha. Não só o rei tinha uma queda por loiras, mas também tinha uma queda pelas namoradas de seu filho, o que incutiu partes iguais de desprezo e nojo dentro de mim, enquanto firmava minha decisão de acabar com a vida do monstro.

Nada impedia que Pablo se tornasse como seu pai no futuro, mas outro shorhim lidaria com isso, porque eu ascenderia muito antes de qualquer filho que ele viesse a ter fosse grande o suficiente para namorar.

Quando fechei a porta do armário, minhas asas saíram da minha espinha e soltei um gritinho que foi instantaneamente abafado por uma grande palma.

— Shh.

Com o coração na garganta, tirei a mão de Adam da minha boca e sibilei:

— Como você chegou aqui?

Adam apontou com a cabeça para o céu que escurecia além das portas da varanda.

— Você escalou a parede do hotel?

— Não. O Dov me deu uma carona.

Uma batida na porta do quarto me assustou novamente, mas desta vez, eu não gritei.

— *¿Señorita Moreau, todo bien*? — *Srta. Moreau, está tudo bem?* uma das minhas babás perguntou.

— ¡*Sí, gracias*! — Ainda bem que havia trancado a porta. Não que eu achasse que uma tranca manteria qualquer um deles fora se realmente quisessem entrar.

Arrastei Adam para o banheiro, para que pudesse colocar outra porta entre nós e eles.

— O Dov ainda está lá fora?

— Não.

— Como você vai descer?

— Com tanta pressa para se livrar de mim, herdeira? — Seu tom era tão sombrio quanto as sombras agrupadas sob a aba de seu boné.

— Não é por isso que estou perguntando. — Balancei a cabeça. — Eu estava perguntando porque o que você acha que vai acontecer se o Pablo te encontrar aqui?

— Me diga você. Ele é *seu* namorado.

Eu me afastei da crueldade em seu tom.

— Não meu verdadeiro. É apenas uma farsa para fazer com que o pai dele se interesse por mim.

As sobrancelhas de Adam se juntaram sobre seus olhos.

— O Junior sabe que é uma encenação?

— Claro que sabe. Foi ideia dele. Caramba, Adam. — Coloquei uma mecha de cabelo atrás da orelha e empurrei meu lóbulo. — Eu tirei essas pérolas de um cadáver para que você pudesse ficar atualizado. Até indiquei para você na loja. Elas não estão mais transmitindo?

Um nervo pulsou em sua mandíbula.

Ele tinha deixado passar completamente o fato de que estavam em meus lóbulos! Como ele tinha me localizado então?

Antes que eu pudesse perguntar, ele disse:

— Estive um pouco ocupado tirando balas dos amigos que você abandonou.

Respirei fundo.

— *Eu* abandonei? Onde você estava ontem à noite quando fomos hackeados pela empresa de telecomunicações depois que *vocês* deram a senha errada? — Eu cutuquei seu peito com minha mão boa. — Onde você estava quando a equipe foi emboscada, hein? — Cutuquei seu peito novamente, empurrando ele para trás até a enorme pia de porcelana.

Ele agarrou meus dedos e os puxou para longe de seu peito, com a boca apertada e as pupilas como meros pontos.

— Sim. Tudo bem. Entendo. Eu falhei com todos. Não há necessidade de esfregar isso na minha cara.

Minhas narinas se dilataram.

— Você quer saber o plano, ou você só veio aqui para reclamar da minha

falta de espírito de equipe?

Seu pomo de Adão subiu e desceu duas vezes antes de ele finalmente separar os lábios.

— Me conte o plano.

Então eu disse a ele tudo o que ele havia perdido e tudo o que ainda estava por vir, o que o levou a gritar:

— Você depenou a cabeça? O Rei pode ser vil, mas é do Junior que precisamos nos livrar!

— Fale baixo. — Fui até a banheira e girei a maçaneta dourada da torneira, depois voltei para Adam. — A pontuação de Pablo caiu, então não é exatamente como se pudéssemos eliminá-lo.

— Sua pontuação não caiu.

Minha mandíbula suavizou.

— Mas a Galina disse… Ontem…

— Acho que matar seu próprio guarda e melhor amigo o colocou de volta onde começou. Ou talvez seja por organizar a morte de sua nova namorada, já que, como exatamente você acha que uma garota de verdade sobreviveria ao envenenamento por cianeto, hein?

Meu pulso saltou, batendo contra a contusão desbotada de seu beijo.

— Você percebe que ele pensa que você vai morrer também, certo? Dois inimigos. Um beijo.

— Ele me disse que me daria um antídoto.

Adam bufou.

— Sim. Chama-se tiro.

Minhas penas se eriçaram nas minhas costas.

— Sua pontuação diminuiu, o que significa que ele é capaz de atos de bondade. Mas isso não vem ao caso. Eu não me importo se ele me matar, contanto que ele salve as meninas.

— Você acha mesmo que ele cumprirá sua parte no acordo e excluirá esses SIMs?

— Ele estará no salão de baile conosco, então sim, acho que ele cumprirá sua parte no acordo. Ser explodido realmente prejudicaria seu golpe — resmunguei isso, irritada com a condescendência de Adam. — Você pode não amar este novo plano e, se tiver um melhor, sou toda ouvidos, mas não consegui pensar em nada melhor.

— Que tal roubar o telefone dele? Afinal, você *está* morando com ele. Você pode afaná-lo depois que ele te colocar na cama hoje à noite.

Olhei para ele porque ele estava sendo incrivelmente mesquinho sobre a minha condição de moradia forçada. Ele achava que eu estava gostando dessa situação?

— Ele terceirizou a ligação, então conseguir o número não vai nos ajudar muito. Acho que posso dormir profundamente ao lado dele. A. Noite. Toda.

Os olhos de Adam ardiam no tom mais nítido de verde.

— Achei que fosse uma farsa! Ele está fazendo você dormir com ele?

— Tem que fazer parecer real para seus guardas. — Afastando minhas asas com magia, girei para verificar a temperatura da água do banho.

Embora eu não tivesse planejado tomar banho, agora que estava cheia, eu ficaria de molho. Deixei os dedos sob a torneira, sibilando com o quanto a água estava quente. Enquanto eu ajustava a temperatura, Adam agarrou meu pulso e me girou de volta.

— Me diga que você está brincando? — Adam empalideceu, sua tez escura rivalizando com a minha perolada.

Certo, isso foi um exagero, mas ele definitivamente ficou um ou dois tons mais claro.

— Claro que estou brincando.— Tentei afastá-lo, mas suas duas mãos estavam em mim agora, segurando meus quadris. — O que há de errado com você? — Pressionei a palma ilesa em seu peito para criar um pouco de espaço e senti os batimentos frenéticos de seu coração sob sua camiseta preta.

— Sério? — Havia um tom maníaco em sua voz. — Eu bebi a porcaria do meu peso em álcool para cuidar do meu ego ferido, depois dormi para curar a ressaca no quarto de uma estranha, e você está se perguntando por que estou reagindo do jeito que estou à notícia de que você está dormindo no apartamento de outro homem?

Minha mente ficou presa na parte do meio, e meu coração se soltou e caiu no meu estômago apertado.

— Uau. Você não perde um minuto.

— Fazendo o quê? — Sua cabeça recuou um centímetro. Mas não o resto do seu corpo.

Isso seria desejar demais.

— Me solte.

— Não antes de você me dizer o que você quis dizer com eu *não perder um minuto*?

Olhei para o lado, odiando tudo sobre essa conversa. As luminárias douradas ficaram um pouco embaçadas. Eu pisquei. Eu não ia derramar uma

única lágrima por esse garoto inconstante que pulava na cama de outra pessoa antes mesmo de seus lábios secarem do meu beijo.

— Não somos um casal. Você faz suas coisas; vou fazer as minhas. Agora me solte antes que eu te dê uma joelhada, porque isso certamente atrapalharia sua próxima ficada casual no hotel.

Silêncio.

Então… Uma risada gutural soou no banheiro branco e dourado cheio de vapor.

Eu levantei meu olhar abrasador para o dele, me perguntando como ele poderia rir. Ele achava meu ciúme divertido?

— Eu desmaiei no tapete da mulher a caminho do frigobar dela.

Então ele não teve tempo de transar com ela? Ainda não vi como isso era melhor.

Ele ficou sério, mas seus olhos continuavam brilhando sob o boné de beisebol.

— Não fui procurar outro corpo quente, Naya. Só mais álcool, porque você acabou com meu maldito coração ontem à noite — ele acrescentou, pouco acima de um sussurro.

Observei sua expressão antes de olhar o chão, procurando nas lajes de mármore por uma perturbação no padrão raiado, porque eu não conseguia imaginar nada do que ele acabou de dizer sendo verdade.

Não encontrei penas.

Voltei meu olhar para o dele com cautela.

— Posso não ser seu para sempre, mas espero que possa ser por agora. — Ele segurou meu quadril com uma mão, movendo a outra para o meu rosto para inclinar meu queixo para cima.

Balancei minha cabeça, não porque eu estava dizendo não, mas porque sua personalidade Jekyll e Hyde estava me dando uma confusão emocional. Quando os cantos de sua boca se curvaram, eu disse:

— Você não me deixou terminar o que eu estava dizendo ontem à noite. Você foi embora. — Joguei uma mão no ar. Infelizmente, foi a minha ruim, e o movimento brusco fez a ferida latejar. — Se ao menos você tivesse me ouvido.

Seu olhar endureceu.

— Estou ouvindo.

— Talvez eu não sinta mais vontade de falar sobre isso. — Eu não era de fazer beicinho, mas eu tive uma noite e um dia ruim, e outro de cada para *não* esperar pela frente.

— Fale. — Diante da minha carranca, ele acrescentou um plácido: — Por favor.

— Podemos fazer isso amanhã? Depois de…

— Eu não vou sair até que você me diga.

Suspirei.

— Tudo bem. Mas depois disso, ligue para Dov, porque estou operando com sono zero e nervos à flor da pele.

Ele abaixou a cabeça, o que eu tomei como um aceno.

— De acordo com Ama, temos muitas almas gêmeas…

— Eu ouvi isso alto e claro — ele murmurou.

— Pare de interromper, e talvez você ouça o fim desse pensamento.

Seus lábios se fecharam.

— Todas essas almas gêmeas, elas não significam o mesmo para nós. A maneira como Ama me vê e a maneira como ela vê o Apa são evidentemente muito diferentes. A maneira como seus pais se amam e como eles amam você… não é o mesmo amor. — Umedeci os lábios, tentando compor melhor meus pensamentos porque ele ainda estava franzindo a testa. — O que estou tentando dizer é que nossas almas se conectam de maneiras diferentes. E… — engoli —, embora Ama mude de assunto cada vez que eu a encurralo com perguntas específicas, acho que entre todas essas *almas*, há uma com quem nos conectamos em um nível mais profundo. Quero dizer, de que outra forma você explica que alguns anjos ficam juntos por séculos?

Quando a luz marcou suas írises, presumi que minha pele havia se iluminado, mas uma olhada em meus braços mostrou que minha pele não estava brilhando. Imaginei que fosse minha explicação e, em última análise, minha crença em um companheiro supremo que havia limpado as sombras que obscureciam seus olhos.

— Sinto muito, Pluma.

— Por ir embora? Por assumir que eu era uma meretriz? Pior… uma traidora? Por ter passado a noite na cama de outra pessoa?

— Tapete, não cama.

Revirei os olhos.

— E sim, por todos os itens acima. Sinto muito por falhar com a equipe e pensar em me afastar de você para sempre. — Seus olhos abaixaram para o meu pescoço. Para a pequena marca com a qual ele me marcou.

— De certa forma, você não estar lá foi uma bênção dos anjos, porque se tivesse levado um tiro também… — Minha voz falhou. — Se eles tivessem

pegado você também, então eu estaria sozinha agora. Sozinha amanhã. — Minhas pálpebras afastaram o ardor de meus olhos. — Eu estou assustada. Estou com muito medo.

Sua mão saiu do meu quadril, pegou seu boné e o jogou para o lado, e então ele espalmou minha bochecha e pressionou a testa contra a minha.

— Eu estou bem aqui. E estarei lá amanhã. Você não está sozinha, baby. Estou bem aqui.

Ele beijou minha boca para provar que estava, então beijou as lágrimas que escorriam pelo meu rosto enquanto meu coração estremecia com força.

De alívio e angústia.

De gratidão e amor.

A velocidade e a força com que me apaixonei por um completo estranho cimentou a afirmação romântica de Adam de que poderíamos ser almas gêmeas. Que outra explicação havia para o quanto eu me sentia profundamente conectada a esse menino? Com que rapidez eu o perdoei?

— Eu gostaria que você pudesse ficar aqui comigo até amanhã — murmurei.

— Eu posso e vou.

Eu me inclinei para trás, soltando meu rosto do seu.

— O Pablo vai voltar.

— E daí? Vocês são aliados, não amantes.

— E se ele bater e sugerir jantar?

— Você vai dizer a ele para ir embora. Ou melhor ainda, eu vou fazer isso.

— Adam, eu preciso de você *vivo*.

— Não posso morrer.

Esfreguei a umidade das minhas bochechas.

— Você sabe o que eu quero dizer.

— Seu trabalho para ele começa e termina amanhã, Pluma. Esta noite, você é minha. Só minha. — Seus polegares arquearam abaixo da linha dos meus cílios.

— E quanto aos outros? E se eles acordarem?

— Deixei um bilhete para eles ficarem onde estão, e Dov prometeu deixar novos celulares, para que eles liguem quando acordarem.

Meu olhar caiu para minha mão enfaixada.

— Eles atiraram no meu telefone. Quando atiraram na minha mão.

Os olhos de Adam escureceram enquanto ele examinava o curativo.

— Aquele segurança tem sorte de já estar morto ou eu teria me certificado

de perfurar todas as suas extremidades antes de separar sua coluna do resto do corpo.

Gemi, mas não Adam, nem mesmo quando uma pena se soltou de suas asas invisíveis e pousou…

— Caramba! — Eu me virei, meus tênis rangendo no mármore molhado, e corri em direção à banheira do tamanho de uma jacuzzi, que tinha conseguido transbordar.

— Espero que esteja quente.

Hum, o que… quando abri o ralo, olhei por cima do ombro para Adam que estava tirando a camiseta.

Santos anjos…

Meu pulso zumbiu contra meus tímpanos enquanto eu absorvia a visão de seu peito nu.

Pele lisa entalhada com músculos duros como tijolos que se afinavam em quadris estreitos. Peitorais curvados com mamilos escuros, pelos do peito espalhados uniformemente, afunilando-se pelo abdômen antes de descer entre a estrutura esculpida de sua cintura. Antebraços esguios engrossando em bíceps com veias e ombros arredondados.

Ele se aproximou, cobriu minha mão com a dele e girou o ralo para me impedir de esvaziar a banheira.

— Eu estava sendo muito ousado em supor que poderíamos compartilhar o banho? — Ele puxou minha mão da torneira dourada arredondada, me ajudando a endireitar. — Especialmente porque já compartilhamos um banho…

Eu torci meu nariz com a memória porque aquele banho tinha sido tudo menos romântico.

— Desculpe. — Ele esfregou o lado de seu pescoço. — Provavelmente não deveria ter te lembrado disso.

Meus dentes afundaram em meu lábio inferior enquanto eu avaliava a razoabilidade de tomar banho com este homem quando outro estava prestes a bater na minha porta.

Completamente irracional.

Sem falar que tomar banho implicava nudez total.

As mãos de Adam caíram para o botão de sua calça, e minha mente ficou em branco, apagando meus pensamentos e, aparentemente, o resto da minha sensatez, considerando que voltei para o quarto e destranquei a porta.

Para o primeiro segurança que estava lá, eu disse:

— Vou me deitar cedo. Como não tenho telefone, por favor, informe a Sua

Alteza Real que o verei de manhã e não antes.

O guarda franziu a testa ligeiramente, mas assentiu.

— *Buenas noches, señora.* — *Boa noite, senhora.*

Tranquei a porta, fechei as cortinas com um toque no interruptor e voltei para o pluma de pé na porta do banheiro, com testa franzida, provavelmente presumindo que eu tinha fugido.

Ao contrário de algumas pessoas, esse não era o meu *modus operandi*. Quando tirei a camisa, sua testa se alisou e um sorriso satisfeito fez covinhas aparecerem em sua bochecha.

sessenta e um



adam

FATO ANGÉLICO #2:
A verdadeira beleza está na alma.

EU NÃO A MERECIA.

Mas eu a rejeitei quando ela se desembrulhou para mim?

Nem morto.

Eu ia pegar o que estava sendo oferecido antes que o anjo saísse de seu torpor magnânimo e se perguntasse por que, nos mundos, ela estava dando uma segunda chance a um furico indigno como eu.

Naya de repente parou de avançar, parou de abrir seu jeans. Fechei os olhos, me preparando para uma mudança de ideia. Eu merecia.

— Você acha que há câmeras de vigilância aqui?

Abri os olhos e minha confiança voltou a crescer. Eu teria dito como o resto de mim, mas o resto de mim não tinha abaixado. Dei uma olhada superficial no closet, ciente de que procurar câmeras seria inútil, já que a maioria era do tamanho de joaninhas.

Mesmo que esta não fosse a nossa única noite, eu não a passaria me preocupando com uma audiência.

— Deixe-o assistir. — Cheguei perto dela, empurrando-a para trás em uma parede de gavetas, e substituí seus dedos imóveis pelos meus. Abri o zíper da calça jeans e a empurrei pelas pernas que eu queria em volta do meu pescoço durante a maior parte da noite.

Ela mencionou a falta de sono. Eu esperava que ela não estivesse muito impaciente para dormir.

— Adam… — Um coral profundo manchava suas bochechas.

— Sim, Pluma? — Eu caí de joelhos.

Quando enganchei os polegares no cós de outra calcinha fio-dental preta e bonita, ela inalou bruscamente e agarrou meus ombros com as duas mãos, mas apenas uma me segurou. A outra, a enfaixada, pairava leve como uma pena. Virei o pescoço e beijei seus dedos trêmulos, então inclinei a cabeça para trás e encarei seus olhos enquanto eu puxava para baixo o pequeno pedaço de renda.

Sua respiração ofegou, rasa e rápida, que fez meu sangue bater mais forte

contra minha pele tensa. Eu mal podia esperar para ouvi-la exalar cada vez mais irregular quando eu abri suas coxas e provoquei a doçura de sua pele com a minha língua.

— O que você está fazendo? — ela murmurou.

— Contemplando minha próxima refeição. — Anjos, ela cheirava doce.

Seu rubor se espalhou pela delicada base de sua garganta e pela clavícula.

Rindo de sua inocência de olhos arregalados, levantei seu tornozelo para livrá-la de suas calças e calcinha, então repeti com a outra perna, até que ela ficou diante de mim apenas de sutiã de renda preto e brincos de pérola.

Porcaria. Os brincos. Ah, bem. Eu editaria a transcrição antes que os outros acordassem. E se eu não conseguisse, pelo menos daria a eles um pouco de inspiração para sua próxima ficada. Ou munição para usar contra mim até o fim dos dias. Não me importava muito, na verdade.

Tudo o que me importava era fazer com que o anjo diante de mim relaxasse com meu toque e confiasse em mim com seu corpo. Com o coração também, mas eu estava supondo que isso levaria mais do que alguns orgasmos.

Naya olhou para mim em silêncio, a garganta se movendo devagar. Ela estava nervosa. Eu podia sentir sua tensão enquanto eu girava minhas mãos de volta para suas panturrilhas tensas e coxas tonificadas. Seus músculos contraíram sob minhas palmas ásperas, e arrepios percorreram sua pele lisa.

Mesmo que o ápice de suas coxas me chamasse, mantive os olhos fixos nos dela, esperando que seu olhar crepuscular se suavizasse, que seus cílios se abaixassem, que sua mandíbula parasse de tremer. Acariciei a moldura de cachos loiros triangulares tão claros quanto o rabo de cavalo caído sobre um de seus seios.

Estendi a mão e o tirei do mamilo rosa coberto de renda, desejando poder alcançar o elástico que prendia seus longos cabelos loiros. Eu queria soltá-lo, ver seu cabelo descer por sua espinha como cera derretida, passar as mãos por ele para criar o caos onde ela colocou ordem. Apesar de todas as minhas queixas, fiquei extasiado com a selvageria que contrastava com sua disposição serena.

Curvei os polegares para baixo em seu osso púbico e abri suas pernas.

— Tão linda — sussurrei, enquanto afastava suas pernas.

Pouco antes que eu pudesse traçar seus lábios pálidos com a ponta da língua, sua pele ficou brilhante, e a visão…

Eu não tinha dúvidas de que Elysium empalideceria em comparação.

Naya não era bonita; ela era magnífica.

E minha.

Esta noite.

Amanhã e pelo resto de sua vida dada pelo anjo, porque eu afastaria qualquer um que ousasse se prostrar a seus pés.

Minha.

Conduzindo seu perfume tão fundo que permeou minha alma, eu finalmente cruzei o pequeno espaço entre nós com um beijo suave.

Tão doce. E tão apertada que tive que abrir sua intimidade com o polegar para que eu pudesse achatar minha língua contra ela e reverenciá-la adequadamente. Enquanto o calor dela molhava meu palato, gemi, lamentando não ter baixado minhas calças antes de me ajoelhar, porque meu zíper se tornou irritante.

Eu nunca gozei de fazer sexo oral em uma mulher, mas quando gemidos ofegantes saíram de sua boca, meu pau inchou… e inchou.

Depena.

Coloquei uma de suas pernas sobre meu ombro e abri minha calça antes que eu pudesse arruinar outro par, depois empurrei para baixo junto com a cueca e me toquei. Embora eu quisesse apenas liberar minha ereção, eu me acariciei algumas vezes, mas soltei rápido, porque mais algumas, e eu chegaria ao clímax antes dela.

Com o prazer subindo pela minha espinha, eu a acariciei com a língua, mergulhando mais fundo, mapeando cada pedaço de seu centro brilhante. Ela ofegou meu nome. Puxou meu cabelo. Pressionou minha cabeça contra si como se estivesse preocupada que eu quisesse estar em qualquer outro lugar.

Sorri enquanto continuava meu ataque, meus olhos brilhando com sua luz.

Duas reviradas da minha língua, e ela gritou. Envolvi os braços ao redor dela e segurei sua bunda enquanto ela estremecia. Quando ela tentou se esquivar, fechei meus braços com mais força, prendendo-a para que ela não me privasse de uma única gota de sua essência.

Eu queria tudo.

Queria estar cheio dela e mergulhado em seu cheiro de luz do sol até ficar encharcado até os ossos. Até a alma.

sessenta e dois



naya

Ah, Abaddon, eu finalmente entendi por que os humanos passavam a maior parte de suas vidas pensando em sexo. Era mágico. Uma comunhão entre o coração e o corpo. Pensar que Adam só tinha me penetrado com a língua. O que restaria de mim uma vez que ele me penetrasse com aquela parte bonita e um pouco assustadora dele que deixava um rastro de umidade no interior da minha perna enquanto ele se levantava?

— Como isso não nos custa penas? É tão…

— Extraordinário? — Ele umedeceu os lábios curvados.

Eu me agarrei a uma das maçanetas da gaveta enquanto meu corpo estremecia com tanta força que suspeitei que se sua língua corresse sobre sua boca brilhante mais uma vez, eu chegaria ao clímax com a visão.

— Sórdido — resmunguei.

Depois de tirar os sapatos, calças e cuecas, ele deslizou as palmas das mãos pelos lados do meu corpo tão delicadamente quanto um oleiro moldando um vaso.

— E, no entanto, com aprovação celestial.

Quando uma trilha de arrepios desceu sobre minha pele, a culpa se espalhou por mim. Buscar prazer quando nossos amigos estavam se recuperando era indecente e errado.

— O que estamos fazendo?

— Conhecendo um ao outro. — Sua ponta roxa e inchada cutucou meu abdômen enquanto suas mãos davam a volta em minha caixa torácica para abrir meu sutiã.

Tentei acalmar minha respiração já que estava falhando em acalmar meu coração.

O sutiã soltou meus seios, mas Adam não o deslizou pelos meus braços, simplesmente o deixou pairar como uma lixa sobre meus mamilos endurecidos, raspando os bicos sensíveis.

Suas mãos retornaram aos meus quadris, e ele deu um passo para trás, removendo o peso de si mesmo do hematoma amarelado no meu abdômen.

— Mas podemos parar a qualquer momento.

— O problema é que eu não quero parar — murmurei.

— Por que isso é um problema?

— Porque nossos amigos foram baleados e estamos dentro da casa de um estranho. Porque eu não mereço sentir nada além de culpa agora. — Estremeci. — Conspirei para matar um homem, Adam.

Seus olhos ficaram duros. Seu aperto também.

— Só que você não vai.

— Que outra escolha temos? Não podemos deixar essas garotas morrerem.

— Elas não vão morrer.

— Se eu não matar o pai, o filho vai…

— Elas. Não. Vão. Morrer — ele repetiu em uma voz que era tão suave como veludo, mas áspera como estilhaços. Diante da minha carranca, ele deslizou uma de suas mãos para a base do meu pescoço e envolveu seus dedos ao redor dele, seu toque imitando sua voz. — Sente a minha mão?— Ele não aplicou quase nenhuma pressão, e ainda assim, quando forçou meu pescoço para trás, o conduto entre minha boca e meus pulmões pareceu se romper.

— Sinto. — Não tentei arrancar seu pulso, porque sabia que me estrangular não era o objetivo de sua pequena demonstração. Na verdade, eu ainda não tinha certeza do que era.

— Posso quebrar um pescoço mais rápido do que você pode piscar — ele sussurrou em meu ouvido, fazendo meu coração martelar um trilhão de batidas.

— Você nunca matou um homem, então como você pode saber disso?

— Porque eu treinei, Naya. Treinei em imortais. A primeira vez que tentei o movimento no meu ophanim de artes marciais, não tive a intenção de romper suas vértebras, mas o fiz. Levou vários dias para ele se recuperar. Dias durante os quais, para grande preocupação de meus pais, não me senti culpado, orgulhoso demais de como foi natural. Você pode imaginar? — Seu polegar acariciou a borda da minha mandíbula erguida, o arranhão áspero de seus calos arrastando calor pelo meu rosto… e também mais abaixo. — Sentindo orgulho por uma realização tão pouco angelical.

Ele liberou a pressão, e eu me engasguei, mas não tanto pelo súbito influxo de ar, mas pela sensação de sua palma deslizando pelo meu peito, alcançando meu sutiã. Ele o empurrou e uma alça caiu sobre meu ombro e desceu pelo meu braço. Em seu caminho para soltar a outra, sua palma roçou meu seio exposto novamente.

— Até chegarmos a Caracas e Dov nos contar sobre os Triplos, sempre tive o cuidado de não tocar em monstros, preocupado em matar um inadvertidamente e isso me custar tudo. — Ele me livrou do sutiã e da respiração. — Mas agora —

seu punho fechou sobre a renda preta como se fosse o pescoço de um Triplo —, agora estou louco para matá-los.

Minhas narinas se dilataram com sua confissão. Desejar infligir dor e morte era um sentimento perigoso. Ia contra tudo o que nos ensinaram. Mas enquanto eu procurava em seu olhar pela escuridão que tingia os olhos de todos os Triplos que conheci, percebi que o que Adam ansiava não era assassinato; era justiça.

— Amanhã, *eu* vou acabar com a vida do Rei vil. — Ele finalmente jogou de lado meu sutiã. — Não você. Eu. E não porque não acredite que você seja capaz disso, mas porque quero poupar você e sua doce consciência. Além disso — ele baixou o rosto para o meu, deslizou sua língua habilidosa sobre a minha boca, da mesma forma que ele a deslizou em outra parte minha —, esses lábios são meus agora, e os anjos ajudem qualquer homem que os contemple.

Um calor inebriante dispersou através de mim com que era essencialmente uma ameaça. Quem eu era?

— Entendido?— Ele arrastou beijos do canto da minha boca ao meu ouvido.

— Que minha boca é sua? Sim. O que não entendo é como você planeja se aproximar de um homem que tem mais segurança do que o presidente dos Estados Unidos e o rei da Inglaterra juntos.

— Como entrei neste quarto sem ser detectado?

Minha garganta se apertou. *Dov…*

— E se ele se recusar a se envolver?

Adam se endireitou, removendo a boca quente da minha pele que já esfriava.

— Ele não pode. — Sua sede de sangue se transformou em melancolia. — Ele disse que esta seria nossa última missão se falhássemos, então é de seu interesse que isso não aconteça. — Ele passou a mão pelo cabelo, puxando para trás as brilhantes ondas marrons. — Tudo que preciso é que ele me cubra de pó. Que me faça invisível aos olhos humanos. Não é um pedido tão grande.

— Você realmente acha que ele vai concordar?

Sem perder tempo, Adam se agachou para recuperar o telefone de suas calças descartadas, então discou, colocando a chamada no viva-voz.

Surpreendentemente, Dov atendeu no segundo toque.

— Pronto para aquela carona para baixo?

— Você estava certo. A Naya tinha um plano, mas pensei em um melhor.

Enquanto ele explicava sua estratégia, mordisquei o lábio inferior enquanto observava o saco de roupas fofo com o vestido que comprei para embalar um

homem com uma falsa sensação de segurança. A mera visão fez minhas palmas suarem, porque, apesar de todo o meu desejo de salvar vidas e eliminar almas malignas, eu não estava ansiosa para acabar com a vida de um estranho.

— Não sei, Adam — Dov falou. — O plano da Naya soa melhor para mim.

Não é meu plano, eu queria gritar. *É do Pablo*.

Adam, que estava andando de um lado para o outro em frente ao armário, parou.

— Sem mencionar, pelo que eu entendo, o príncipe não vai hesitar em detonar as meninas se ela de repente recuar e não aparecer.

— Eu estarei lá. — Minha voz estava totalmente sem tom. — Vou até passar o cianeto se precisar. — O show continuaria.

— E enquanto todos estiverem distraídos, e em seus assentos, você vai me borrifar com um pouco dessa sua poeira cósmica, para que eu possa andar pelo palácio.

— Há uma falha fatal em seu plano.— Dov fez uma pausa, como se quisesse criar antecipação. Tudo o que conseguiu foi aumentar meu aborrecimento. — Pescoços não se quebram sozinhos.

Adam olhou para a tela do telefone como se pudesse ver Dov através dela.

— Certo Então vou parar o coração dele. Vou fazer com que pareça natural, tá bom?

A linha ficou tão silenciosa que me perguntei se Dov havia desligado, mas então ele soltou um suspiro que saiu do fone e penetrou no closet como a umidade da banheira transbordante.

— Tudo bem. Faremos do seu jeito, mas posso perder os ossos das minhas asas por usar magia para ajudar e instigar um assassino, Adam. Se você disser uma palavra do meu envolvimento para os outros, para *qualquer um*, eu o levarei comigo. Você também, Naya. Entendido?

Sua ameaça ressoou dentro da minha medula e fez meu pescoço doer de tanto que eu estava tensa. Os ishim nunca inspiraram amor, apenas respeito. Ao nos ameaçar, ele estava exibindo um lado de si mesmo que me arrepiou e aboliu minha admiração. Não só a criação da equipe disfarçada foi ideia *dele*, mas também o lado homicida dessa missão.

O aviso de Mira ressoou em meu crânio. Eu queria arrancar o telefone das mãos de Adam. Queria dizer a Dov para sair de nossas vidas. Além de cobrir os custos e trazer Adam para mim esta noite, o que ele fez para nos ajudar?

Não foi ele quem me resgatou do pântano.

Não foi ele quem cuidou de mim enquanto meu corpo ejetava veneno.

Não foi ele que criou dispositivos inteligentes ou alterou imagens de câmeras.

A única razão pela qual mantive a boca fechada foi a possibilidade de ele ter ajudado a equipe mais do que apenas financeiramente no passado.

No segundo em que Adam desligou, eu disse:

— Não confio nele.

Adam jogou seu telefone em suas calças e suspirou quando deu um passo de volta em minha direção.

— Contanto que você confie em mim. — Seus braços envolveram minha cintura.

— Em você, eu confio.

— Então confie que tenho tudo sob controle. — Ele me levantou do chão, o que disparou o ar dos meus pulmões para a minha boca e fez minhas pernas enrolarem em torno de seus quadris estreitos. — Mesmo com medo de manchar seu bom nome e perder sua posição, seu coração está no lugar certo.

— Tem certeza?

— Era ele quem queria salvar os humanos.

— No entanto, ele manda outros para fazer o trabalho sujo.

— Podemos parar de falar sobre Dov?

— Ele nos *ameaçou*, Adam!

Os cantos de sua boca se ergueram.

— Por que você está sorrindo?

— Eu não esperava garras tão afiadas em um corpo tão suave.

Revirei os olhos.

— Eu não sou suave.

— Pluma — ele pairou sua boca sobre a minha para que eu pudesse sentir a forma de cada palavra —, você tem o coração mais gentil e a alma mais perdoadora.

Balancei a cabeça, porque meu coração nem sempre foi gentil, e eu guardava rancor. Eu ainda estava irritada com Raven por ter retornado à Terra sem me dizer.

— Meu oposto perfeito — acrescentou.

— Minhas asas são pretas como as suas.

— Elas brilham. Luz, conheça a escuridão. — Ele deu um aperto leve na minha bunda que levou minha frente macia a sua rígida. — Suavidade, conheça a dureza.

Tirei uma mecha de cabelo de seus olhos.

— Você acredita em almas gêmeas. Um homem severo e duro não faria isso.

— Eu acredito em *uma* alma gêmea. Ainda não estou convencido da existência de várias — ele sussurrou antes de preencher o espaço entre nossas bocas.

O que começou como doce se tornou tórrido, e quando ele deslizou seu comprimento endurecido entre seu estômago e meu centro, eu instintivamente movi meus quadris.

Sua boca se afastou da minha.

— Cuidado. Estou a dez segundos de gozar em cima de você e prefiro gozar dentro de você.

Fiquei parada, com as bochechas coradas e o peito em chamas.

— Mas posso esperar. Temos toda a nossa vida para…

— Você tem camisinha?

Suas írises se acenderam com surpresa. Ou era antecipação?

— Eu… hum. Não. — Seu pomo de Adão deslizou para cima e para baixo. — Mas eu tomo pílula anticoncepcional masculina há alguns anos. Eu nunca – não sem camisinha. Era só… você sabe…? — Seus antebraços estavam tensos debaixo de mim, os músculos tão densos que cavaram em minhas nádegas. — Para proteção adicional.

Optei por não me demorar na parte de alguns anos, porque alguns anos significavam muitos parceiros e, embora soubesse que ele não era virgem, ainda preferia não imaginá-lo com mais ninguém.

— É cem por cento eficaz?

— Noventa e nove ponto alguma coisa.

Noventa e nove ponto alguma coisa parecia seguro.

— Tudo bem.

Ele paralisou.

— Tudo bem?

Em vez de explicar com o que eu estava concordando, levantei meu corpo um pouco mais alto para que ele se encaixasse entre nós. Quando senti sua ponta inchada roçar minha entrada, me abaixei. Posso ter baixado um pouco rápido, porque a queimadura e o estiramento eram… *Uau*. Minha respiração ficou entrecortada, como meu hímen e possivelmente outros tecidos internos.

Não me atrevi a me mexer.

Adam, aparentemente, também não se atreveu, claramente tão chocado quanto eu com a rapidez com que acabei com o resto da minha inocência.

— Você está bem? — ele finalmente perguntou.

Murmurei, porque com toda a honestidade, eu não tinha certeza de que estava. Eu não tinha nenhuma referência, mas suspeitava que Adam era generosamente bem dotado, já que sua ponta estava cutucando meu estômago.

Quando ele reajustou seu aperto no meu traseiro, se movendo dentro de mim, eu sibilei.

— Posso ter ido um pouco rápido — finalmente admiti, ainda tentando me recuperar.

Ele piscou; com a testa franzida como se estivesse com dor. Talvez estivesse.

— É desconfortável para você também?

Uma risada escapou de sua boca, o que foi lamentável para minhas partes femininas, porque fez a adaga alojada dentro de mim estremecer e me cortar um pouco mais. Quando me encolhi, ele ficou sério e afastou uma mecha de cabelo da minha testa suada.

— Não, Pluma — ele apoiou seus antebraços um pouco mais alto, me elevando, o que diminuiu a tensão —, parece que acabei de encontrar meu caminho para casa.

Pensar que esse homem não se considerava doce.

Ele se virou, se ajoelhou e, com o maior cuidado, me depositou no tapete macio, ainda enterrado profundamente.

— Que tal irmos um pouco mais devagar, no entanto?

— Isso soa sábio.

Seus olhos, geralmente o mais duro tom de esmeralda, ficaram suaves como musgo enquanto passavam pelo meu rosto. Me apoiando entre seus antebraços, ele moveu os quadris, e meu núcleo se contraiu. Ele ficou parado, inclinou a boca sobre a minha e enfiou a língua dentro. Eu me agarrei a esse ponto de contato, e quando moveu os quadris novamente, eu não fiquei tensa, e me senti… *melhor*.

Levantei minha mão boa para suas costas, senti os planos dos músculos se moverem sob meus dedos, suas vértebras subindo e descendo com a graça medida de um gato selvagem. Movi a mão para baixo, para os músculos firmes de sua bunda.

Quando apertei a nádega para capturar o magnífico poder que o esculpia, ele gemeu.

— Seu corpo — ele murmurou, peito e testa ficando escorregadios de suor. — Parece… como o sol e a luz das estrelas. — Suas asas apareceram e se

desdobraram sobre nós como um dossel de cetim preto, estendendo-se até as pontas.

Tracei seu contorno em direção ao V sensível, provocando palavras que soavam como gotas de chuva trovejantes e relâmpagos incandescentes contra minha pele corada.

Adam parou de se mover e se apoiou em mim. Seus olhos semicerrados travaram nos meus, e em uma voz tão profunda que parecia sair de sua alma, ele murmurou algo que soou como:

— Feita para mim.

Levantei a mão envolta em gaze para afastar uma mecha de cabelo molhada de suor que tinha ficado presa em seus longos cílios.

— O que você disse?

Ele flexionou as nádegas, me penetrando profundamente, e eu ofeguei. Nós nos tornamos tão úmidos que sua ereção se moveu dentro de meu corpo, preenchendo todo o espaço vazio dentro de mim até o ponto em que agora era sua ausência que doía.

— Eu disse que seu corpo foi feito para o meu. Que *você* foi feita para *mim*.

Meu peito se apertou com emoção, e eu puxei seu rosto até o meu, seus lábios nos meus. Enquanto suas palavras penetravam em meu coração, seus movimentos se aceleravam, se aprofundavam, e era meu núcleo que apertava.

Respirei profundamente, e seu cheiro, tão fresco, tão verde… me transportou para a associação. Para a árvore sempre repleta de figos maduros, que sempre dispersaram meus batimentos cardíacos.

Um roçar de seus lábios, e fui levada para longe de meu lar celestial e voltei para este novo feito de almíscar, sal e penas, para este destemido pilar de homem, que roubou meu fôlego com um mero olhar e meus batimentos cardíacos com um toque simples.

Passei a palma da mão sobre a extensão sólida de sua asa, antes de devolvê-la às penas que envolviam sua coluna.

Adam machucou meus lábios com seu beijo, machucou meu osso púbico com o ritmo punitivo de seus quadris, mas me agarrei a ele, enquanto meus dedos tocavam alternadamente sobre o recuo de suas asas e a curva de sua coluna.

Calor explodiu sob minhas veias, se espalhando… espalhando.

Tirei a boca da sua para poder respirar fundo, mas o ar parecia misturado com fogo.

— Adam, estou… *Ah.* — Minha espinha se arqueou no chão quando um

cometa disparou para a junção de nossos corpos e detonou, me jogando em um oceano de estrelas.

Ele passou a mão por baixo do meu joelho e puxou minha perna para cima, e, *oh*… Outra investida, e as estrelas brilharam, explodiram e espalharam sua poeira luminosa pela teia de músculos, ossos e sangue que mal me mantinham unida.

Adam grunhiu enquanto eu flutuava. E então ele engoliu em uma respiração estrangulada, e seu corpo estremeceu sobre minha forma flutuante, calor líquido marcando minhas paredes úmidas.

— Naya — ele murmurou — Pluma. — Ele deixou cair o rosto na curva do meu pescoço e gemeu longa e profundamente, como um homem despertando de anos de sono.

Passei a palma da mão contra a pele ardente na parte inferior de suas costas, e eu poderia jurar que estava batendo com o mesmo pulso frenético de seu peito.

— Acho que você está certo. Acho que não somos uma coincidência.

Ele virou o rosto para o meu, com uma sobrancelha baixa.

— Você e eu, Adam. Não somos uma coincidência.

Eu conhecia seu cheiro antes de conhecê-lo. Isso tinha que ser magia, destino ou *algo assim*.

Ele penteou meu cabelo com os dedos, levantando a sobrancelha junto com seus lábios avermelhados.

— Finalmente aceitando minha teoria sobre almas gêmeas, hein?

Era por isso que eu conhecia o cheiro dele? Poderíamos reconhecer nossa alma gêmea pela fragrância de sua pele? Ou esse cheiro era mais profundo do que a nossa carne? Era sua alma que cheirava a tempestades e frutas maduras?

Ah, as perguntas que eu teria para minha mãe quando essa missão terminasse…

sessenta e três



naya

— EU QUASE ME ESQUECI. — Pablo vasculhou o paletó do smoking enquanto o SUV percorria as ruas que haviam sido interditadas para facilitar o trânsito até o palácio. — Eu trouxe isso para você ontem à noite. — Ele jogou uma pequena caixa de veludo no meu colo, sobre a mão enterrada nas dobras do tule azul. — Use-o no dedo anelar.

Minhas costelas se apertaram com o alcance de nossa farsa.

— Estamos noivos agora? — Soltei a mão da saia bufante para abrir a caixa. Um diamante com lapidação almofada tão grande quanto minha unha do polegar brilhava dentro.

— Estamos. Tinha que fazer parecer mais… crível. — Ele estudou meus lábios carmesins, antes de seus olhos abaixarem para o chupão que já havia desbotado para o tom mais pálido de azul.

Felizmente, Adam não deixou mais vestígios de sua visita, e embora ele tivesse pegado uma carona com Dov muito antes do retorno de Pablo, eu ainda temia que meu anfitrião indelicado descobrisse que eu tinha recebido um convidado no meu quarto.

Por quê? Porque, mesmo que ele não me quisesse para si, apenas quisesse me usar, a arrogância tornava os homens imprudentes.

Pablo estendeu a mão por cima do meu braço, pegou o anel da caixa e o enfiou no meu dedo com tanta força que senti o eco de sua brutalidade em minha mão machucada. Sufoquei o suspiro atrás de dentes travados.

Em breve.

Vai acabar em breve.

Dei uma olhada superficial na enorme pedra, depois voltei o olhar para a rua enfeitada com guirlandas tão azuis quanto a bandeira venezuelana, tão azuis quanto meu vestido.

— Teve uma noite agradável? — Pablo perguntou.

Minha pele ficou fria, mas da mesma forma que segurei meu suspiro, eu impedi o arrepio.

— Dormi bem. Obrigada. — Como dormi mesmo, não perdi penas. — Você dormiu?

— Não finja se importar.

Olhei para longe da rua e para o olho azul focado em meus cachos brilhantes. Embora eu não tivesse a intenção de molhar o cabelo ontem à noite, tomar banho com Adam havia destruído minha tentativa de mantê-lo seco.

Felizmente, porém, Pablo mandou um cabeleireiro no meu quarto para me embelezar, e o homem conseguiu domar meus cabelos rebeldes. Apesar dos meus protestos para manter o rosto sem maquiagem, com exceção de rímel e batom, ele pintou minhas pálpebras com uma mistura de sombra azul prateado que acabou adicionando profundidade às minhas írises insondáveis.

O olhar de Pablo voltou para a rua.

— Você vai cantar *parabéns* durante o coquetel.

Seu humor acelerou meu pulso.

— Achei que iria cantar quando todos se sentassem para jantar.

— Os planos mudaram. Adapte-se.

Endireitei os ombros, não apreciando ser tratada dessa forma. Eu estava fazendo um favor *a ele*. O mínimo que ele podia fazer era me mostrar algum respeito.

— São seus nervos que estão deixando você tão rude?

— Com o que eu deveria estar nervoso? Mesmo que você falhe esta noite, eu vou conseguir.

— Então por que está me tratando mal?

Ele puxou os punhos brancos que brilhavam com aqueles rubis que pareciam frascos de sangue.

— Perdoe-me, mas eu não sabia que prostitutas mereciam ser tratadas com respeito.

Meus dedos amassaram o tule, o diamante desaparecendo sob os raios azuis.

— Do que você acabou de me chamar?

Seu olho brilhou quando ele tirou o telefone do bolso interno de seu smoking de seda azul-marinho.

— Me conte… — Sua voz era um pouco mais alta do que o barulho de seu dedo enluvado na tela preta. — Qual dos meus seguranças te ajudou a contrabandear o garoto com quem você trepou — ele virou o telefone para que eu pudesse ver as imagens de vídeo passando pela tela dele — no meu tapete… no meu banheiro… na minha cama?

Metal líquido submergiu minha língua. Se eu já tivesse aplicado o cianeto, teria me preocupado que tivesse rompido minha pele e estivesse me envenenando.

— Nenhum deles.

— Você espera que eu acredite que o Homem-Aranha ganhou vida? Quero dizer, ele é forte e tudo mais, mas o hotel é mais bem protegido.

O ar deslizando pela minha garganta fez pouco para aliviar a cãibra em meu pulmão.

— Em algumas horas, estarei fora de sua vida. Por que você se importa com quem eu transo?

— Não são os homens com quem você trepa que eu me importo. São os que me sacaneiam. — Ele se inclinou, pegou minha mão com os anéis das profundezas do tule e apertou minha palma entre o polegar e o indicador. — Me dê um nome, ou vou atirar em *todos* os que estavam de plantão na noite passada.

Quando o sangue manchou no curativo cor de carne, puxei minha mão, sentindo as lágrimas de horror e dor inchando minhas pálpebras.

— Eu te disse, nenhum deles te traiu. Basta verificar as câmeras dentro de sua casa, já que aparentemente você as tem em *todos* os lugares.

De repente, me perguntei se ele tinha mais do que imagens. Eu estava supondo que não, ou ele teria perguntado que tipo de tecnologia possuíamos para nos tornarmos invisíveis e teria perguntado sobre Dov.

Arranquei a mão da dele.

— Apenas lembre-se, *mi sol*, que se você ou seu namorado tentarem me machucar, suas amiguinhas irão… — Ele murmurou a palavra CABUM, balançando os dedos para imitar uma explosão.

Mantive a mão levantada para estancar o fluxo sanguíneo.

— Eu não esqueci.

— Ah, e não leve isso para o lado pessoal, mas dei uma ordem de morte para o seu namorado, caso ele apareça na festa.

Como a pontuação desse homem caiu? Galina tinha lido mal a mensagem de Dov?

Quando o palácio apareceu diante de nós, cúpula dourada polida pelo sol poente, decidi que uma vez que os dispositivos estivessem fora das meninas, eu voltaria para Pablo e poria fim ao seu reinado de terror antes mesmo que ele pudesse começar.

Como eu iria gostar de ver a vida escapar de seus olhos… Uma pena flutuou de minhas asas invisíveis para o tapete cinza escuro entre nossos assentos.

Embora as pérolas pesassem muito no lóbulo da minha orelha, não pude deixar de levantar a mão ilesa para ter certeza de que estavam mesmo lá. Quando

senti a curva suave, soltei uma respiração superficial que quase não me aliviou.

— Então, em que momento do coquetel eu vou cantar? — *Adam, por favor, verifique a transcrição.*

Quando o SUV passou por portões dourados ridiculamente altos, Pablo reajustou a gravata borboleta azul.

— Depois do meu brinde.

— Que será…?

— Quando eu pegar o microfone.

Pablo estava sendo propositalmente vago para me confundir ou porque não confiava em mim?

— Então, quando devo aplicar o batom?

— Eu cuido disso para você. Tudo o que você precisa fazer é cuidar do meu pai.

O carro parou em frente à estrutura abobadada que o rei havia construído depois de tomar o poder por meio de seu golpe militar.

— Não se mova — Pablo resmungou, pulando para fora do carro assim que os paparazzi levantaram as câmeras. Ele veio até a minha porta e a destravou, então estendeu a palma da mão, como um perfeito cavalheiro.

Pensar que uma vez eu tinha caído nessa lorota…

Dei a ele minha mão ilesa, com muito medo de que ele drenasse o sangue da outra, e saí com meu par de saltos dourados de quinze centímetros que colocavam meu rosto no mesmo nível do dele. Fiquei feliz com a altura adicionada. Eu não tinha vontade de olhar para cima, para um homem como Pablo.

Ele me puxou para si e, antes que eu pudesse reagir, me beijou. Flashes espocaram ao nosso redor enquanto a imprensa raivosa devorava a sessão de fotos. Meus lábios se entreabriram em um suspiro de surpresa, mas se firmaram imediatamente, proibindo a entrada de sua língua. Minhas asas saíram das minhas costas e se enrolaram em meus ombros e, embora não pudessem me proteger dos humanos, elas me lembravam que eu pertencia a uma raça melhor, onde os seres não planejavam esquemas vingativos para eliminar os outros.

Claro, Elysium estava cheio de lutas de poder, mas não de violência. Não de farsas. Nem sede de sangue.

Com a náusea me percorrendo, contei os segundos até a cortina fechar no show que eu deveria ter visto chegando – afinal, concordei em interpretar a falsa noiva de alguém. Eu esperava que Adam não estivesse a par do beijo. Não porque ele acreditasse que eu tinha alguma afeição pelo homem que me usava,

mas por causa do que ele disse. Muitos inocentes sofreriam se o príncipe caísse antes do rei.

A pressão da boca de Pablo finalmente diminuiu. Quando ele se endireitou e pegou meu braço, um sorriso pronto para a câmera já estava flexionando sua boca levemente avermelhada.

— Sorria, *mi sol*. O mundo está assistindo.

Eu sorri, não para o mundo ou para este homem; Sorri para esconder a crescente sede de retribuição que este homem havia conjurado em minha alma. Não consegui esconder isso do ishim, que roubou minhas asas mais uma vez. Embora minha espinha se encolhesse com o golpe, meu sorriso permaneceu intacto.

Depois de passarmos por detectores de metal e guardas que nos revistaram, Pablo pegou meu braço novamente. Tentei afastá-lo, mas ele simplesmente apertou mais forte.

— Te mataria agir com menos frieza?

Enquanto adentrávamos no espaço gigantesco abobadado iluminado por guirlandas de luz envoltas em orquídeas suspensas e lustres de cristal facetado que lembravam castelos franceses, murmurei:

— Não, mas pode matá-lo, Pablo. Meu namorado não gosta de compartilhar.

Ele sorriu.

— Seu namorado não pode entrar no palácio, mesmo escondido dentro de um cavalo de Tróia.

Ah, a ironia. Mesmo que Dov não fosse um cavalo de Tróia, sua magia serviria ao mesmo propósito.

— Você está certo disso? — respondi com doçura. — Ele entrou em sua residência sem ser detectado.

Os bíceps do príncipe viraram gesso. Quando seu olhar começou a girar sobre a maré de convidados vestidos com lantejoulas, veludos e sedas, eu me dei um tapinha nas costas por ter instilado medo em um monstro.

Meu orgulho rapidamente cedeu o controle para meus nervos, porém, quando avistei o tirano de cabelos grisalhos sentado no topo de um trono esculpido em ouro maciço, em um estrado cercado por uma frota de guardas armados.

Quando entramos na fila para cumprimentar o rei – aparentemente, o filho tinha que esperar sua vez – meu olhar percorreu a sala do trono. Se as pessoas deste país fossem abastadas, eu poderia ter admirado o tapete de mosaico

cintilante de ouro e azul, o brocado incrustado de pedra cobrindo as quatro paredes e o mar de mesas afundando sob candelabros de vidro e porcelanas pintadas à mão. Mas as favelas, que existiam na época do presidente, proliferaram sob o controle do rei.

Meu aborrecimento com a exibição espalhafatosa parou abruptamente quando Pablo se inclinou e sussurrou:

— Pensar que tudo isso poderia ter sido seu, *mi sol*.

Ele planejou se casar comigo? Por quê? Para me manter sob seu julgo?

— E eu que assumi que me matar seria mais seu estilo…

— Eu teria me casado com você primeiro. Um homem de família torna-se um rei mais respeitável.

— Duvido que as pessoas respeitariam um homem que se casou com — baixei a voz — a assassina do pai.

— Querida, ninguém jamais acreditaria que uma garota como você — seus olhos correram pela minha frente nua, me fazendo sentir ainda mais exposta — poderia premeditar um assassinato. O que faria de você a rainha perfeita. Inocente demais para identificar a inteligência e a escuridão que espreitam lá dentro. — Quando ele passou um dedo enluvado na minha bochecha, eu me afastei. Dei um espaço de um centímetro inteiro antes que ele apertasse seu braço ao redor do meu, prendendo-o ao seu lado. — Você e eu temos muito em comum.

— Você e eu não temos nada em comum.

— Nós dois queremos o melhor.

— Você só quer o que é melhor para *você*. Isso não está nem perto do que eu quero.

Como meu povo poderia aguentar ficar à margem? Como meu pai, um dos seres mais generosos e poderosos de Elysium, não estava fazendo campanha para restaurar a ordem no reino humano? O celestial era tão difícil de regimentar?

Embora eu tivesse prometido a Dov e Adam manter seu esforço em silêncio, este mundo precisava de muito mais guardiões do que seis míseras plumas e um ishim ansioso.

Logo antes de chegarmos aos degraus que levavam à plataforma elevada, vi as Garotas Circles agrupadas, com olhos arregalados e com vestimentas simples em meio à multidão enfeitada. Quando me viram, algumas delas acenaram; outras sussurraram. Elas notaram a ausência de Emmy? Robbie e Susan?

— Elas já sabem o que aconteceu com seus anfitriões?

— Não. — Pablo sorriu para elas, homem falsamente gracioso que era. — A maioria dessas garotas já está histérica o suficiente.

Fiquei quase surpresa por ele ter usado a palavra garotas em vez de sacos de carne, já que, claramente, isso é tudo que elas eram para ele. Recipientes para suas bombas.

— Elas são jovens e impressionáveis, Pablo, não histéricas.

Ele me puxou para cima um degrau.

— Quanto mais você se interessar por mim, mais intrigado ele ficará. Que é o que você quer e o que *elas* — ele projetou seu queixo liso com loção em direção às Garotas Circle — precisam.

— Eu concordei em fazer um show, mas não *desse* tipo.

— E você se considera altruísta? — Ele enfiou a mão em meu cabelo e agarrou meu crânio, virando minha cabeça até nossos narizes colidirem. — Seu falso senso de modéstia pode custar centenas… — Seu olho brilhou com uma promessa selvagem. — *Milhares* de vidas.— Antes que eu pudesse recuar, ele roubou outro beijo da minha boca dura.

Vidro se estilhaçou, seguido por um grito agudo. Eu girei, soltando os dedos segurando meu couro cabeludo. A poucos metros de distância, ao lado de uma mulher que tirava gotas de champanhe de seu amplo peito enquanto um garçom se desculpava enfaticamente por ter derrubado sua bandeja de bebidas sobre ela, estava Adam, com os olhos brilhando de fúria.

Virei a cabeça para o príncipe, esperando encontrar uma arma já levantada, mas a única coisa que Pablo ergueu foi uma sobrancelha e um sorriso entediado.

O que significava… o que significava que Adam estava encoberto aos olhos humanos.

Embora meu pulso trovejante batesse contra meu pescoço, saber que Adam estava aqui aliviou a inquietação que corria pelo meu estômago.

Olhei para onde ele estava, se inclinando para frente, com um pulso preso entre os dedos de um anjo com asas inteiramente douradas. Pelo movimento de músculos nos braços nus de Dov, imaginei que ele estivesse empregando toda a sua energia para evitar que Adam avançasse em nossa direção.

O ishim sussurrou algo no ouvido de Adam que deve ter sido eficaz, porque, embora suas narinas não parassem de se dilatar, ele firmou os pés no chão e, uma vez libertado, não atacou o príncipe.

— Nossa vez. — Pablo agarrou minha mão com a aliança e apertou com tanta força que um pequeno ganido escapou de meus lábios. — Certifique-se de mostrar seu anel.

— Meu anel está preso à minha mão sangrando. Você realmente acha que seu pai vai gostar de ver como seu filho machuca sua futura noiva?

— Meu pai ama bancar o herói e me fazer parecer um idiota — Pablo murmurou baixinho, logo antes de nós dois sermos revistados *outra vez*. Os guardas achavam que pegamos algumas facas das mesas de jantar no caminho?

Hum.… Não era má ideia.

Pouco antes de chegarmos a seu pai, Pablo passou o braço em volta da minha cintura e pressionou a boca no meu ouvido.

— Tudo o que faço, faço para beneficiar nosso objetivo.

Seu objetivo, Pablo.

Meu objetivo era salvar quarenta e oito almas.

sessenta e quatro



naya

O REI, que ainda não havia saído do trono por ninguém, levantou-se quando seu filho e eu nos aproximamos. Mesmo que ele não tivesse amor por sua carne e sangue, as aparências eram tudo.

— *Feliz cumpleaños, Padre*. — *Feliz aniversário, Pai*. O sorriso de Pablo era como uma cortina de fumaça.

Os dois homens se abraçaram como se existisse uma verdadeira afeição entre eles, como se o pai não tivesse retirado o olho do filho e o filho não estivesse tramando a execução lenta e dolorosa do pai.

Assim que se separaram, o rei voltou sua atenção para mim, e seus olhos, do mesmo azul gélido do filho, focaram em meu vestido, ou melhor, o corpo por baixo dele.

— Entendo por que meu filho sucumbiu a você depois de um olhar, *Señorita* Moreau. Você é magnifica. — Seu olhar encontrou meu anel. — Ouvi dizer que felicitações são necessárias.

Senti o olhar do príncipe na lateral do meu rosto, tão pesado quanto o cano de uma arma.

Levantei a mão para mostrar o diamante e a brutalidade do filho.

O Rei respirou fundo. Embora ele não usasse coroa, sua mão foi para o cabelo grisalho como se fosse empurrar uma para trás.

— O que aconteceu com sua mão, *querida*?

Deferi a Pablo a resposta.

— Minha noiva é uma beleza, mas totalmente desajeitada. Muito parecida com a *Mamá*. Você se lembra de quantos ferimentos ela sofreu quando tentava cozinhar nossas refeições?

A expressão de seu pai endureceu, e um leve brilho cobriu seus olhos, mas então ele piscou, e a emoção desapareceu, e seu foco total caiu pesadamente em mim, em vez de em qualquer memória que o Príncipe havia despertado.

Ele estalou os dedos, gritando ordens para conseguir bandagens limpas para sua *nuera*.

É. Eu não era e nunca seria sua nora.

— Mostre-me sua mão. — Ele estendeu a palma da mão e eu cedi com relutância. Enquanto desembrulhava o curativo, ele perguntou: — Você não

percebeu que ela estava sangrando, *hijo*? Quero dizer, você ainda tem um olho.

A mais leve contração fez um nervo ao lado do dito olho saltar.

— Eu estava muito ocupado observando seu rosto angelical e suas… — Ele me deu uma olhada lenta. — Curvas pecaminosas, para prestar muita atenção nas mãos dela.

Minha pele se arrepiou como se eu estivesse deitada em uma cama infestada de aranhas.

— Mesmo que essas mãos sejam maravilhosamente habilidosas. Quase tão habilidosas quanto essa boca muito vermelha.

Meu estômago se revoltou com suas implicações.

O rei balançou a cabeça.

— Desculpe meu filho. Confiei sua educação a internatos e percebi tarde demais o erro de minhas decisões.

O médico chegou e, embora o homem tenha tentado enfaixar minha mão, o rei insistiu em fazê-lo. Ele era tão gentil que, se eu não conhecesse sua pontuação de pecador e tivesse testemunhado todos os crimes que ele cometeu, poderia ter me enganado.

Ele prendeu a gaze.

— Como está?

— Muito melhor. Obrigada.

Ele sorriu para mim, e as rugas finas ao redor de sua boca e olhos enrugaram como no rosto de um pai preocupado.

Ele é um assassino, Naya. Ele tirou o olho do filho. Pare de ter pena de homens que não merecem.

Embora ele tenha soltado minha mão, sua atenção permaneceu no meu corpo.

— Seu cabelo é…

— Naturalmente claro e encaracolado? *Sí, Padre.* Exatamente como o da *Mamá*. — Ocorreu-me que Pablo se referia formalmente ao pai, mas não à mãe.

Se ao menos a mulher tivesse sobrevivido… como o relacionamento deles seria diferente. Como *eles* seriam diferentes.

Por um momento, me perguntei o que tinha acontecido com sua alma. Se chegou a Elysium ou tinha ido para Abaddon? A menos que ela também fosse Triplo. Eu duvidava, mas meu instinto provou ser um barômetro muito fraco nas últimas duas semanas.

A mão do rei estava de repente no meu cabelo, e eu pulei, efetivamente desalojando o toque indesejado.

— Você me lembra tanto a minha Azucena.

— Não é? — Pablo envolveu o braço em minha cintura. — Exceto que ela é *minha*. Por favor, não roube outra mulher da minha cama, pai, ou terei que parar de apresentá-lo a elas.

O rei não reagiu à provocação de seu filho, muito ocupado percorrendo meu corpo com seu olhar.

— Nós mantivemos seus convidados esperando o suficiente. — O braço de Pablo apertou quando ele me virou. Quando ele me puxou para descer outro lance de escadas, desta vez atrás do trono, ele sussurrou: — Sua estranha semelhança com minha mãe foi o que chamou minha atenção da primeira vez também.

Fiz uma careta, totalmente enojada com sua confissão. Não admirava que Pablo não estivesse bem da cabeça com todos os seus problemas parentais.

Ele ergueu o olho para o teto abobadado que era tão dourado por dentro quanto por fora.

— Que ela descanse com os anjos.

Enquanto ele olhava para cima, a tentação de revelar nossos segredos coçou minha língua. Tentei convencê-lo no passado com dicas, mas não com fatos. Talvez os fatos ainda pudessem influenciá-lo.

Talvez…

Ele me puxou para uma parada.

— Ele está olhando. Faça com que pareça real desta vez.

Antes que eu pudesse entender quem estava olhando e o que eu deveria fazer parecer real, Pablo apertou a boca sobre a minha. Quando ele beliscou minha bunda, eu recuei.

— Já chamei a atenção dele, então não se atreva a me tocar novamente.

— Eu assisti você ontem à noite. Assisti tudo. — Sua pupila encolheu a um ponto, e então seus braços envolveram minha cintura, me pressionando com tanta força em sua frente que cada um de seus botões de rubi se imprimiu no profundo V de pele entre meu top. — Conheci prostitutas com mais virtude, garotinha.

— Vá se foder.

Posso ter perdido uma pena pelo meu insulto, mas o insulto de Pablo lhe custou mais.

Custou-lhe a verdade sobre o nosso mundo.

sessenta e cinco



adam

FATO ANGÉLICO #666:
Evite fazer acordos com demônios mortais.

— ME. Deixa. Ir. Dov. — Minhas mãos coçavam para apertar o pescoço de Junior e arrancá-lo de seus ombros. Eu estava tão chateado que sabia que seria capaz disso.

— As pessoas estão olhando. — O ishim apertou meus bíceps.

— Achei que sua poeira tinha bloqueado nossas vozes.

— Não é a sua voz que estão ouvindo; é o seu corpo que estão sentindo. Você já bateu em dez pessoas. Mais uma, e eu vou fazer você voar, e você verá sua namorada como um ascendido.

Apertei os molares enquanto tentava me acalmar.

Ele suspirou, provavelmente ao ver outra das minhas penas.

— Não perca de vista o seu objetivo.

Meu objetivo era pintar a sala de vermelho com sangue. Primeiro do pai, mas o filho sangraria.

Ah… como ele iria sangrar.

Se eu perdi uma pena, não a senti por causa da minha raiva sufocante. Se ao menos eu tivesse fogo. Ou poeira. Eu queimaria o resto do corpo de Junior e roubaria Naya bem debaixo do nariz dele.

Quando sugeri que Dov fizesse exatamente isso – tanto a pira funerária quanto a parte de camuflar Naya – ele ameaçou remover a poeira dele e foi tão longe a ponto de me dizer para parar de fazer birra.

Se eu não precisasse permanecer invisível por causa de Naya, teria dito ao verity para pegar sua poeira e enfiá-la onde o sol de Elysium não brilhava.

— Em uma hora, isso vai acabar. Você e a Naya estarão terminados. Pelo amor de tudo que é angelical, contenha-se por mais uma hora.

Uma hora que pareceria um século.

— Devíamos ter esperado no hotel. — Dov suspirou. — Eu não deveria ter deixado você me convencer a trazê-lo mais cedo.

— Como você pode deixar os humanos assediarem nossa espécie, Ish? — Minha voz era um trovão. Minhas palavras, relâmpago. — Como você pode

deixá-la ser apalpada sem o consentimento dela? Como?

— Porque nossa espécie está equipada para lidar com criaturas tão básicas.

— Não está! Se o Noah e eu não tivéssemos tirado Naya daquele pântano, ela ainda estaria lá. — Talvez por ter ouvido meus gritos, Naya olhou na minha direção. Quando vislumbrei sua calma e força, firmei os pés e me acalmei… um pouco.

— Verdade, mas ela não teria morrido.

— Por mais cinco anos. E se ninguém a recolhesse até lá?

— É por isso que nosso mundo tem ophanim. Além disso, a Naya tem um pai que a ama. Uma mãe que, sem dúvida, deixaria de lado as consequências celestiais e sairia ilegalmente de uma associação para ajudar sua filha.

Celeste faria. Num piscar de olhos. Ela se sacrificaria por Naya. O pensamento de Celeste se tornar uma nephilim me arrepiou. De todos os ascendidos que conheci, ela era uma das minhas favoritas. Uma mulher raivosa com ossos das asas de aço.

Que perda seria para Elysium.

Asher iria lutar contra isso. Eu não tinha dúvidas disso. O que certamente lhe daria o mesmo destino de sua amada – crescentes queimados e uma alma prometida à extinção.

Com seus dois pais fora de Elysium, Naya seguiria.

Meu estômago embrulhou.

Se Naya perdesse sua imortalidade…

Se ela deixasse de existir…

A sala do trono se desvaneceu, e fui impelido para um terraço de pedra açoitado pela chuva.

Eu teria atribuído a visão a uma das minhas penas fujonas colidindo com um pedaço de pele, mas não era uma memória, porque essa garota sem rosto estava nela, e estava sendo carregada para o céu por Seraph Asher de todas as pessoas.

Um piscar de olhos depois, a sala voltou ao foco total e ao som surround.

O que…

Esfreguei meu peito. A garota sem rosto era Naya? Minha ansiedade estava me levando a alucinar que Asher a tiraria de mim? Embora fosse esmagar meu coração, a dura verdade era que Naya estaria mais segura longe de gente como eu.

sessenta e seis



naya

CADA CHANCE QUE EU TINHA, eu olhava para Adam por cima do ombro de Pablo.

Meu companheiro de asas negras conseguiu se acalmar, embora as vibrações de seu mau humor ondulassem pela sala.

— O que você acha mais fascinante do que seu noivo, *mi sol*?

Desviei os olhos, mas não antes de Pablo seguir minha linha de visão.

— Ah — ele disse.

Meu coração disparou.

O que ele quis dizer com *ah*?

Ele poderia ver Adam?

Raciocinei que se ele pudesse, teria alertado um dos dois guarda-costas que teve permissão para trazer, e os dois estavam estacionados como gárgulas longe o suficiente para dar privacidade ao seu chefe, enquanto ele conversava com vários chefes de estado, mas perto o suficiente para intervir em caso de ataque.

— O revestimento da parede. É bem espetacular, não é? Um milhão de turmalinas foram costuradas à mão no brocado para compor os contornos dos lírios stargazer.

— Parece caro.

— Meu pai queria construir um mausoléu maior que o Taj Mahal para celebrar o amor de sua vida. E assim o fez.

Olhei para o mosaico sob meus saltos dourados, não tanto com horror quanto em choque.

— Sua mãe está enterrada aqui?

— Você não estava ciente? Este edifício *se chama* Cúpula de Azucena.

Levantei meu olhar de volta para o dele.

— Você esquece que eu não vim para o seu país como turista.

— Claro. Tolice a minha. — Ele estudou os pistilos alongados saindo de um dos lírios.

— Seu pai realmente amava sua mãe.

— A única pessoa que ele já amou. Bem, além de si mesmo.

Mantendo o olhar na parede estampada, retruquei com o que ele me disse mais cedo.

— Acho que vocês dois têm muito em comum.

— Ele e eu não temos *nada* em comum. Nada. — Ele teria perdido uma pena se fosse um pluma.

Em vez de desperdiçar meu fôlego para refutá-lo, eu disse:

— Esse é o último dos convidados. Hora do seu discurso.

— Coisinha observadora.

— Impaciente. — Olhei para ele, enquanto ele olhava de volta com o mesmo tanto de desprezo. — Você fez login na conta da sua operadora de telefonia?

— *No pones el carro delante de los bueyes, mi sol.*

Como não colocar a carroça na frente dos burros? Eu não confiava no homem com quem fiz um acordo.

— Prometi fazer isso na sua frente, e vou fazer. Da mesma forma que prometi a você o antídoto. — Ele deu um tapinha no bolso do peito como se quisesse provar que o frasco estava enfiado lá. — Mas você está certa. Está na hora. — Ele enfiou a mão dentro do paletó.

Não pude evitar dar um passo para trás, totalmente contraintuitivo, pois, se fosse uma arma e não um tubo de brilho labial, a proximidade teria sido a única maneira de desarmá-lo.

Ele me entregou o tubo.

— Depois que agradecer a todos por terem vindo e anunciar que minha noiva preparou uma música, aplique uma boa camada.

Meus dedos se fecharam com força ao redor do gloss, aliviados por ele não ter insistido em passar na minha boca.

— Para as Garotas Circle. — Ele ergueu sua taça de champanhe intocada em um brinde, mas não bebeu, depois girou, entregou a taça a um de seus guardas e voltou ao estrado onde uma mulher já o esperava com um microfone.

Quando sua mão enluvada se fechou ao redor dele, outra se fechou ao redor do meu quadril.

sessenta e sete



adam

FATO ANGÉLICO #948:
Não acredite em quem conta os segredos dos outros.

NO SEGUNDO EM que meu braço passou ao redor de sua cintura, parei de me sentir como se estivesse prestes a incendiar o reino humano. E então, uma vez que ela percebeu que era eu e se reclinou contra o meu peito, o resto da minha tensão acabou.

— Senti sua falta — murmurei em seus cachos, inalando seu perfume sedoso.

Só havia se passado um dia que a tive em meus braços, mas parecia uma vida inteira. A quem eu estava enganando mais cedo? Eu nunca deixaria seu pai levá-la para longe de mim. Só o pensamento era insuportável.

— Eu também. — Seu sussurro baixo chamou a atenção de uma mulher parada ao lado dela.

A mulher mais velha ergueu uma sobrancelha escurecida demais em nossa direção antes de voltar sua atenção para o palco improvisado onde Junior tinha acabado de começar seu pequeno discurso.

Espalmei as mãos na frente de Naya, uma em seu esterno, a outra em seu abdômen. Momentaneamente, desejei que minhas mãos estivessem visíveis, para que eu pudesse esconder toda a pele que Junior a fez exibir, mas se eu estivesse visível, não poderia tê-la abraçado, então me contentei com minha sorte.

— Já decidi o que fazer com ele. — Seu coração palpitava sob minhas palmas tão robusto quanto o meu contra sua coluna.

— O rei? — ela murmurou.

A senhora de cabelos brancos olhou novamente.

— Não, Júnior. Vou arrancar seus lábios antes de arrancar seu coração.

Se ela sibilou, o som foi absorvido pelas risadas da multidão, porque Junior aparentemente era um verdadeiro mestre de cerimônias.

Naya esticou o pescoço para olhar no meu rosto, provavelmente para verificar se eu estava brincando. Mas então ela me surpreendeu para Abaddon.

— Eu ajudo.

Procurei na escuridão aveludada de seus olhos a inocente pluma que veio

até mim para um trabalho. Aquela garota se foi e, embora eu me sentisse responsável por sua morte, também me senti orgulhoso de Naya por ter resistido a uma missão tão difícil e ficado mais feroz por isso.

Antes que eu pudesse me impedir, eliminei a distância entre nossas bocas.

— Vocês podem querer parar com isso — Dov resmungou. — As pessoas já estão olhando para Naya como se ela tivesse fugido do asilo local.

Quando Naya tirou sua boca da minha, eu suspirei.

— Me lembre, por que eu não posso simplesmente pegar a arma de alguém e atirar nos dois agora?

— Porque precisamos que ele exclua os SIMs. — Desta vez, a resposta de Naya foi abafada por um mar de palmas.

A senhora ao lado dela, no entanto, deve ter ouvido o murmúrio de Naya, porque ela se afastou. Ah, a ironia era que ela estava aplaudindo dois monstros, mas temia a loira inocente em meus braços.

Um holofote caiu sobre mim, congelando o sorriso em meus lábios e o ar em meus pulmões. Eu já tinha mapeado as saídas e estava prestes a puxar Naya para a mais próxima quando meu pulso latejante abriu caminho para a voz doce de Junior.

— Minha adorável noiva preparou uma música em sua homenagem, *Padre*. — Ele acenou para Naya, e ficou claro pelo sorriso em sua boca que ele não estava me vendo. — O palco é seu, meu sol.

Meu corpo inteiro tensionou, porque ela não era a porcaria angelical do seu sol.

— Deixe-a ir, Adam — Dov murmurou.

Naya tinha se transformado em gelo entre meus braços, mas então ela suspirou, e o gelo passou de seu corpo direto para o meu. Enquanto ela relaxou, teve o efeito oposto em mim.

— Adam… — Dov rosnou.

Fechei os olhos e abri os braços. Quando ela se afastou, senti como se uma camada da minha pele tivesse sido removida. Eu queria estender a mão e agarrar sua cintura, puxá-la de volta para mim. Segurá-la ali por toda a eternidade.

Engoli em seco enquanto suas asas negras se desenrolavam de sua espinha rígida, como velas de um navio pirata, sopradas pelo vento, alertando seu inimigo de um ataque.

Afastar-me dela na noite passada tinha sido doloroso.

Observá-la se afastar de mim agora… destruiu a porra da minha alma.

sessenta e oito



naya

ENQUANTO SUBIA NO PALCO, coloquei o brilho labial sob meu zíper fino, bem contra o nó endurecido do meu estômago.

— Preparada? — Pablo estendeu o microfone para mim.

Minha garganta estava dando espasmos muito fortes para falar, então assenti e peguei o microfone enquanto ele descia as escadas. E pensar que eu precisaria cantar logo. Anjos, como eu não estava com vontade de cantar. Felizmente, Pablo me pediu para preparar a versão de *Feliz Aniversário* de Marilyn Monroe, então não era desafiadora nem longa.

Apenas duas estrofes.

Enquanto o quarteto de cordas começava a tocar a melodia, e as notas giravam na cúpula e ricocheteavam ao longo das paredes de pedras preciosas, mantive o olhar em Adam, que se impulsionou pela multidão como um tubarão. Quando ele se aproximou do príncipe, ele parou e suas mãos se fecharam em punhos ao lado do corpo.

Dei o menor aceno de cabeça. *Lembre-se das meninas*.

Pablo deve ter pensado que eu estava tentando desistir do nosso acordo porque ele tirou o celular do bolso do smoking e o ergueu. Para qualquer outra pessoa, pareceria que ele estava prestes a imortalizar a performance de sua noiva, mas li seu gesto pela ameaça que era.

Dov deve ter sibilado alguma coisa para Adam, porque ele olhou por cima do ombro antes de se esgueirar ao redor do Triplo, dando uma cotovelada no braço que segurava o telefone. Pablo se assustou e o telefone quase escorregou de sua mão enluvada.

Meu coração parou quando ele olhou para Adam.

Começou novamente quando seu olhar deslizou sobre a multidão próxima, uma depressão se formando entre a sobrancelha e o tapa-olho. Ele devolveu o telefone ao bolso, assim que Adam alcançou a cerca apertada de guardas parados ao redor do estrado.

Devo ter perdido minha deixa, porque a multidão aplaudiu de forma encorajadora.

Com o coração batendo em minhas costelas, inspirei lentamente e me virei para o Rei descansando em seu trono, com um cotovelo apoiado no braço,

queixo em seu punho, olhar tão oleoso que untava minha pele.

— É assustador cantar diante de um rei.

Isso me rendeu algumas risadas e alguns incentivos mais joviais.

— Estou pronta. — Acenei com a cabeça em direção ao quarteto de cordas e acrescentei: — Acho.

Mais risadas e um largo sorriso do rei.

O quarteto de cordas voltou ao início. Desta vez, não perdi a deixa. O mais sussurrado *parabéns para você* saiu da minha boca, rodopiando pelo mausoléu, silenciando a multidão.

Mais um.

Na terceira repetição, substituí *Sr. Presidente* por "Sua Majestade".

Uma comoção nas escadas do estrado atraiu meu olhar para lá. Adam devia ter empurrado um guarda, porque dois estavam sibilando um para o outro. Enquanto eu cantava a quarta estrofe, Adam marchou em direção ao trono do rei Perez.

Embora Dov o tivesse avisado para não quebrar o pescoço do rei, o ishim lhe deu luz verde para sufocá-lo. As pessoas presumiriam que ele estava tendo um derrame ou que alguém havia batizado a dose de rum que ele serviu para seu filho e para si de uma garrafa lacrada após o discurso meloso do príncipe.

Faltava uma estrofe.

— *Obrigada, Majestade*. — Não interrompi o contato visual com o rei, embora todo o meu foco estivesse em Adam. — *Por todas as coisas que você fez; as batalhas que você ganhou.*

Mais dois passos e Adam estaria em posição.

— *A maneira como você trata seus estrangeiros; e os problemas do seu povo; nós…*

Um grito atravessou minha voz, fazendo a orquestra vacilar e os guardas do rei carregarem suas armas.

— Cuidado, Majestade! — alguém gritou, balançando o dedo indicador.

Adam congelou quando o holofote, que estava em mim, se moveu para ele.

sessenta e nove



naya

APERTEI os dedos com tanta força ao redor do microfone que os nós ficaram marmorizados. Embora eu quisesse procurar a câmara funerária da rainha pelo ishim de asas douradas, que havia acabado de nos decepcionar, não conseguia tirar o olhar dos ombros rígidos de Adam.

Suas mãos subiram, junto com um soluço.

— Só vim para dar uma olhada mais de perto na bela cantora — ele balbuciou, inclinando a cabeça e cambaleando em minha direção.

— *¡Mata al idiota*! — o príncipe gritou. *Mate o idiota!*

Adam balançou, tropeçou. Engoli em seco, certa de que ele tinha sido baleado, mas não havia sangue em sua camiseta escura.

Guardas invadiram o palco.

Quatro circundaram o rei.

Um caminhou em minha direção. Achei que ele fosse me algemar, mas ele apenas disse:

— Siga-me, minha senhora.

— Dov! — gritei, usando o microfone para amplificar minha voz antes que meu guarda o arrancasse da minha mão. — Espere. Espere. — Eu o empurrei de lado para manter Adam no meu campo de visão. — Cuide do seu rei. Estou bem.

Eu não estava bem.

Eu estava um desastre.

Embora Adam ainda estivesse fingindo estar embriagado, ele estava em desvantagem.

Onde em Abaddon você está, Dov?

Levantei meu olhar para a cúpula dourada, respirando fundo quando vi um pedaço dela caindo. Mas não era o teto caindo; era o verity puro. Dov voou na direção de Adam, espalhou poeira e o pescou para fora do círculo de guardas.

Seu desaparecimento causou um alvoroço maior.

A multidão esganiçada foi em direção à saída, uma onda de membros desarticulados e cores ondulantes.

— NAYA! — Adam lutou para se libertar de Dov, que o estava levando para fora do mausoléu.

Ah, Elysium, se ele se soltasse e caísse…

— PLUMA! — Sua raiva batia contra meu coração enquanto ele desaparecia na noite escura, gritando como um animal enlouquecido.

Quando minha atenção voltou para o poço de escuridão que me cercava, encontrei o olhar do príncipe.

Sua mandíbula flexionou.

Ele pegou o telefone.

Uma fração de segundo. Foi o tempo que levei para reagir. Soltando um pedido de desculpas ao guarda que só queria me ajudar, dei uma cotovelada na garganta dele para atordoá-lo e afanei sua arma. E então marchei através da multidão de homens armados que cercavam o monarca.

Ninguém notou a garota de azul até que ela estava diante do rei.

Ninguém notou a arma em suas mãos até que fosse tarde demais.

Mas todos notaram quando a bala ondulou o ar e cravou no peito de seu governante.

O deus mortal piscou para mim, um fio de sangue escorrendo de sua boca.

E então ele desmoronou.

O mundo parou por um segundo.

Dois.

Três.

E então todo o Abaddon se soltou.

Minha coluna arqueou enquanto raio após raio de fogo rasgava a pele das minhas costas. Eu esperava punição por assassinar um rei, mas rezei para que o novo intervisse. Quando eu aprenderia que orações eram inúteis. Afinal, Deus não existia e os anjos não ouviam.

Outra língua de fogo lambeu minha espinha, me fazendo cair de joelhos com um suspiro violento.

setenta



adam

FATO ANGÉLICO #496:
Paus e pedras não podem quebrar os ossos das nossas asas.

MEU PUNHO COLIDIU com a mandíbula de Dov com uma pancada satisfatória.

— Volte para trás, porra!

Dov cuspiu uma série de palavras distorcidas que soaram como:

— Nephilim que não presta para nada.

— Volte, Dov! — Empurrei o braço para trás, preparado para socá-lo na garganta desta vez, quando ele me soltou, me jogando direto em uma das árvores plantadas ao redor do mausoléu.

Gritando obscenidades para o ishim, caí nos galhos e comi tantas folhas depenadas que tive que parar de xingar o inútil amontoado de esterco felpudo. Eu me preparei para a queda final, mas não estava preparado para o impacto de estremecer esqueleto.

Gemendo, pisquei para os galhos iluminados pela lua, esperando meu cérebro alcançar meu corpo e pousar.

Gritos guturais vibravam no ar e uma debandada pulsava no chão, enchendo meus ossos com aço. Eu me levantei da grama e corri, mas meu passo era instável, e eu cambaleava como uma criança, ziguezagueando e balançando. Quando meu tênis enganchou em uma raiz, eu caí de cara.

Com o nariz jorrando sangue, eu fiquei de joelhos. A determinação de chegar até Naya me fez levantar e colocar um pé na frente do outro.

De que altura depenada o idiota alado me derrubou?

Achei ter ouvido Apa gritar meu nome.

Papa também.

Eu estava apostando *alto* se estava alucinando as vozes de meus pais.

O que eu não daria para que a miragem auditiva fosse real. Para que eles viessem.

Porque eu precisava deles, caralho.

A garota com quem eu falhei precisava deles.

Piscando a ardência dos meus olhos, dei outro passo, tropecei novamente. O mundo apareceu e sumiu de foco, um motim de cores e gritos.

Eu me inseri no pandemônio, empurrando contra a corrente, conseguindo, pela porcaria de algum milagre, alcançar o batente dourado da porta.

Agarrei uma dobradiça gigante e ergui meu corpo machucado entre o metal frio e a correnteza humana. Um homem esbarrou em mim, e eu cambaleei para o lado, batendo na parede, as pedras facetadas arranhando minhas bochechas.

— Pluma! — resmunguei, passando as palmas das mãos sobre os olhos para limpar minha testa de suor, sangue e galhos.

Ouvi meus pais novamente.

Se apenas depenados.…

Mas então…

Mas então ouvi o pai de Naya.

Inclinei a cabeça para trás, quase desmaiando com o movimento precipitado.

Elysium deve ter aberto suas comportas porque os anjos estavam por toda parte.

Meu olhar se fixou no de asas escuras mergulhando direto para mim, as pontas douradas das asas faiscando com a mesma fúria brilhando atrás das írises azuis claras.

Apa tinha vindo.

Elysium havia chegado.

Dov devia tê-los alertado.

Embora eu ainda odiasse o cara por ter me feito abandonar Naya, a gratidão por ele ter pedido reforços suplantou minha animosidade.

Braços me envolveram e me puxaram para um peito sólido e, embora eu não chorasse, minha cabeça caiu no ombro do meu pai.

— Eu errei, Apa. Errei feio.

— Shh. — Sua palma acariciou meu cabelo. — Shhh, meu menino. Está tudo bem.

— Não está… a Naya. — Eu o empurrei. — Eu tenho que ir…

Afastei meu olhar em direção ao estrado, e meu coração… não apenas pausou; ele parou de bater completamente.

setenta e um



naya

— NAYA!

Aquela voz. Eu conhecia aquela voz.

O rugido ensurdecedor de meu pai rasgou a escuridão que se agitou com poderosas batidas de asas.

Tentei olhar para cima, mas meu pescoço não se inclinava. Como segurava minha cabeça era um milagre. A dor irradiando pela minha coluna me fez ter certeza de que os seguranças tinham cravado balas em cada uma das minhas vértebras.

Tentei ficar de pé, mas só consegui cair ainda mais, depois tentei esfregar meus cílios molhados, mas quando levantei um braço, o outro cedeu e caí ao lado dos sapatos engraxados do rei.

Passos ressoaram enquanto os guardas se espalhavam, grunhindo e gritando. Um esbarrou em mim, me jogando de lado.

O mausoléu abobadado desapareceu.

Eu estava de volta a Berlim.

Em Phnom Pehn.

Em Tóquio.

Em Melbourne.

Em Paris.

Em Nashville.

Minhas missões passadas invadiram minha mente, um caleidoscópio vertiginoso de rostos e sons.

Eu estava morrendo? Era por isso que eu estava vendo minha vida inteira passar diante dos meus olhos? Porque um malakim estava extraindo minha alma para prepará-la para sua próxima vida?

Em um canto do meu cérebro, lembrei-me de que os anjos não têm *próximas vidas*, então não podia ser isso.

Além do mais, eu era imortal…

— Estrela. *Levsheh*.

Pisquei os olhos e os abri. Encontrei Apa pairando sobre mim, seu cabelo dourado caindo em cascata ao redor da moldura esculpida de seu rosto.

— Ah, Estrela.

— Eu não imaginei você. Você está realmente aqui… — murmurei.

Com gentileza, ele desenrolou meus dedos ao redor da arma, removeu a engenhoca assassina preta, depois, rosnando como um homem das cavernas, atirou-a tão longe que não ouvi o baque. Seus olhos turquesa voltaram para mim, tão brilhantes que pareciam vitrais.

Eu mordi o lábio. Sabia que ele ficaria desapontado, mas não a ponto de violência e lágrimas. Levei a mão mole em sua bochecha molhada.

— Apa, pode gritar comigo depois, mas primeiro você precisa encontrar Pablo. As Garotas Circle. Você precisa ter certeza de que ele apagou o… — Náusea percorreu meu estômago, fazendo minha boca fechar. — O…

— Pluma?

Virei a cabeça para a fonte do meu apelido resmungado, engolindo aliviada quando vi Adam. Ele estava bem. Bom, sangrando por toda parte, o cabelo espetado como o de Levi e pálido como um fantasma, mas ele estava de pé.

As lágrimas borraram as bordas da minha visão. Tentei afastá-las, mas a escuridão cintilante permaneceu, e percebi que era porque minhas asas se materializaram sob meu corpo quebrado.

— Pablo. Encontre Pablo — murmurei, rouca.

Adam nem acenou, nem falou. Ele apenas olhou sem parar, um olhar assombrado brilhando em seus lindos olhos esmeralda.

Um soluço gutural estalou como um trovão pela sala do trono. Um soluço que veio dos lábios do meu pai. Meu pai não chorava. Pelo menos, não na minha frente. E, no entanto, as lágrimas estavam escorrendo ao redor dos meus dedos e rolando pelo meu pulso.

Ele beijou meus dedos, então gentilmente colocou minha mão em cima do meu peito e saiu do estrado com um poderoso golpe de asas.

— Você! — ele grunhiu, pisando firme em direção a Adam. — Eu deveria saber que você estava por trás disso!

Tobias se lançou entre eles, empurrando meu pai para trás enquanto Gabriel passava um braço protetor em volta dos ombros de seu filho.

— Acalme-se, Asher.

— Não me diga para me acalmar, porra! Olha o que ele fez! Veja o que seu filho fez com a minha filha!

— Apa, pare. Não é culpa de Adam. — Tentei rolar para o lado, mas meu corpo não estava conseguindo.

— Eu nunca deveria ter trazido você de volta — ele rugiu. — Eu deveria ter deixado sua alma apodrecer…

Tobias deu um tapa em meu pai. Embora sua cabeça não tenha se movido, o ataque o calou.

— Pare com isso! Sei que você está sofrendo, mas pare com isso — Tobias sussurrou. — Você só vai causar dor aos nossos filhos.

— Não briguem — resmunguei. — Por favor. Estou bem. — Para provar isso, cerrei os dentes e virei para o lado, o esforço quase me deixando inconsciente. A cúpula dourada girou de um lado para o outro, me lembrando daqueles brinquedos humanos coloridos que Ama me comprou durante uma de suas últimas saídas no mundo humano.

Meu pai olhou por cima do ombro para mim, seu olhar tão úmido que fez uma dor florescer sob minhas costelas. Eu não queria desapontá-lo. Eu realmente não queria. Só esperava deixá-lo orgulhoso.

Por vários segundos silenciosos, ele me observou, como o resto dos anjos presentes, mas então seus grandes ombros caíram para frente e começaram a tremer com tanta dor que eu queria voltar no tempo, não apenas esta noite, mas as últimas semanas.

Se eu não tivesse esbarrado em Noah…

Se eu não tivesse me vinculado a Emmy…

Não.

Eu não gostaria de desconhecer Adam.

Nossos olhos se encontraram. Os dele estavam cheios de tanta dor e culpa que sorri através da dor que subia e descia pelas minhas costas.

Eu estava prestes a perguntar ao meu pai se ele poderia remover as balas, quando outro soluço saiu dele.

Tobias passou um braço em volta dos ombros curvados de seu amigo e o puxou para um abraço.

— Cinco anos, Asher — ele murmurou, sua voz percorrendo o mausoléu vazio. — Ela tem cinco anos.

Eu tinha. Embora meu pai provavelmente fosse me obrigar a completar minhas asas em cinco dias e grudar em mim como massa de biscoito crua.

Adam se separou de Gabriel e veio na minha direção.

— Não — Apa avisou, seu tom tão cheio de rancor que gelou minhas veias e prendeu os pés de Adam.

Meu pai disparou para longe de Tobias e voou de volta para o estrado. Tentei puxar as asas para dentro, afastar as penas com magia, mas meus ossos das asas latejavam como se também tivessem sido rasgados por balas.

Ah, bem. Com asinhas caídas então.

Com a testa franzida, ele pousou ao meu lado.

Me ocorreu que ele estava de pé na minha asa. Curiosamente, não doeu. Mas até aí, minhas costas estavam doendo tanto que eclipsava todo o resto.

Ele se agachou e me pegou.

Fiz uma careta quando seu braço tocou minha pele dolorida.

— Apa, você precisa… — Respirei através da dor. — Encontrar Pablo antes que ele… antes que ele detone suas bombas.

— O que eu preciso, Estrela, é te levar para casa.

Coloquei a mão em sua mandíbula dura como pedra.

— Se você não encontrá-lo, então tudo o que eu fiz terá sido em vão.

Nenhuma fumaça escapou do nariz do meu pai, mas anjos, como suas narinas se dilataram.

— Sobre o que ela está falando? Quem é Pablo?

— O filho do morto. — Adam acenou para o rei de cabelos grisalhos banhado em uma poça carmesim. — Ele chantageou a Naya para matar seu pai.

O coração de Apa pareceu parar.

— Leve-a para casa, Asher. Nós vamos encontrá-lo. — Tobias acenou com a cabeça para os anjos pairando na cúpula entre os candelabros ou parados ao redor, mantendo uma distância respeitável como se para não se intrometerem em nossa reunião familiar bastante catastrófica.

— Vou te ajudar. — Adam deu um passo em direção ao pai, embora seus olhos permanecessem fixos em mim.

— Chega de ajudar por um tempo, *vehnleh*. — A voz de Tobias não admitia discussão.

Adam flexionou o maxilar, provavelmente sabendo que não havia sentido em brigar com seu pai nesse assunto e voltou para o homem alto com asas amarelas e cabelos loiros que o criou e o amou como se fosse seu, como Ama havia me criado e me amado.

Ah, ela ia ficar tão chateada comigo.

— Quando o encontrar, venha e me encontre. — O timbre de meu pai vibrou com um tom assassino tão forte que temi que a alma de Pablo deixaria de existir esta noite.

— As Garotas Circle, Tobias. Adam, conte ao seu pai sobre as Garotas Circle para que ele possa reuni-las e tirar o que tem dentro delas.

Uma lágrima escorreu pela bochecha ensanguentada de Adam. Ele a limpou rápido, mas eu tinha visto.

Horror arrepiou minha pele.

— Elas explodiram? — Eu não tinha ouvido a explosão.

Seu pomo de Adão se moveu.

— Eu-eu-eu… — Seu corpo estremeceu violentamente. — Eu não… eu não sei — ele murmurou —, eu não sei.

Então por que ele estava chorando?

Gabriel falou baixinho em seu ouvido, o que só fez a cabeça de Adam cair e os ombros se curvarem, então ele agarrou os dois lados do rosto de seu filho e o ergueu para dar um beijo em sua testa antes de abraçá-lo.

Eu gostaria de poder dar um abraço nele também. Tirar sua tristeza e estresse.

Queria que ele olhasse para mim enquanto Apa decolava, mas o garoto a quem eu dei meu coração não me viu sair. Suspirando, descansei minha bochecha contra o torso trovejante de meu pai, meu olhar caindo para o estrado, para o rei sangrento e…

Tirei a cabeça do peito do meu pai.

— Apa, minhas… aquelas são minhas…?

O sangue foi drenado do meu corpo tão rápido que eu meio que esperava que ele saísse de mim e respingasse nas penas pretas brilhantes espalhadas ao lado do cadáver do rei.

Não poderia ser.

Provavelmente era apenas uma impressão. Ou uma ilusão. Ou… Umedeci os lábios, incitando minhas penas a se espalharem ao meu redor, mas por mais que tentasse, nenhuma escuridão aveludada me envolveu.

— Eu… perdi minhas asas?

Apa não olhou para mim.

Ele olhava para a frente, para a cidade cintilante que se desenrolava além dos portões do palácio.

Ele disse que estava me levando para casa.

A casa era a associação.

Eu ainda podia entrar em habitações celestiais?

— Apa, eu ainda tenho ossos das asas?

Seu cabelo dourado batia contra seu rosto, grudando nos rastros molhados de sal.

— Sim, *Kalkohav*. — Seus lábios se apertaram com força antes de se separarem em uma expiração irregular. — Sim, você ainda tem os ossos das asas.

— Mas eu perdi todas as minhas penas?

Embora sua cabeça não tenha se movido, a garganta o fez. Tomei isso como um sim.

— Ah, anjos. Ele não era um Triplo.

As sobrancelhas de meu pai estavam tão baixas que tingiram suas írises água-marinha de um azul escuro.

— Quem?

— O homem que eu matei.

— O homem que você matou era um Triplo.

— Então… então eu não entendo… o Dov disse que matar Triplos não tinha custo.

Meu pai parou de voar tão bruscamente que meu corpo balançou em seus braços, o que iluminou minha espinha com pequenos fogos.

— Dov?

— O verity puro com asas de ouro…

Meu pai ficou roxo.

— O que foi?

— O que — ele engoliu em seco — o que o Dov disse? — Ele parecia calmo, mas tremia como um vulcão prestes a entrar em erupção.

— Ele disse que poderíamos matar Triplos sem prejudicar nossas asas.

O tremor parou.

— Acho que não é verdade, já que… — Fiz uma careta.

Uma pessoa normal teria lamentado o fim de cinco anos de trabalho duro, mas eu estava chocada demais para me lamentar. Sem falar que estava preocupada com as Garotas Circle e com raiva de Dov, mas também de mim mesma por ter sido enganada tão facilmente.

Meu pai gritou algo em angélico para um erelim de manto branco pairando sob nós. Tudo o que entendi foi o nome grunhido: Dov.

— O que você vai fazer com ele?

— Não se preocupe, Estrela. — Ele rosnou de uma forma que me fez fazer exatamente isso.

— Não me trate assim, Apa. Acabei de perder minhas asas por causa daquele homem. Acho que mereço saber o que vai acontecer com ele.

Meu pai apertou a mandíbula. Ergueu os olhos para as estrelas.

— Vou erradicar essa mácula de nossos mundos.

setenta e dois



adam

FATO ANGÉLICO #861:
Pecar não é apenas um passatempo humano.

— COMO VOCÊ SABIA ONDE nos encontrar? — perguntei ao Papa quando pousamos na frente da associação de Caracas.

Ele não tinha falado uma palavra comigo durante o voo curto, bem, além do sim confirmando que Naya ainda tinha os ossos das asas, mas não acho que seu silêncio foi devido à raiva tanto quanto ao choque.

Anjos, aquela visão…

Naya ajoelhada na poça brilhante de suas penas.

Estava marcado em meus olhos. Arranhado em meu coração.

— Poderia ter sido você — ele murmurou, sua voz falhando. — Oh, *Adamleh*, poderia ter sido você.

Meus ossos pareciam estar se afiando sob minha pele, me rasgando por dentro.

— Gostaria que tivesse sido eu.

Os olhos de Papa, quase tão escuros quanto os de Naya, se arregalaram de horror.

— Deveria ter sido, Papa. — Respirei fundo. — Então, como você nos encontrou? O Dov te mandou?

— Dov?

— Você sabe, o verity puro? — Quando sua testa ficou franzida, continuei: — Dov, como o sabonete, mas sem o E.

— O amásio da Seraph Claire, Dov?

— O que é um amásio?

— É esse o Dov a quem você está se referindo? — Ele agarrou meus ombros com os dedos tão apertados que despertaram uma lesão que devo ter sofrido ao descer pela árvore. — O macho com asas douradas?

— Sim. — Fiz uma careta. — Não sabia que ele estava envolvido com a seraphim.

— Ah, Adam — ele sussurrou.

— *Ah*, o quê?

Meu pai apertou a ponte do nariz e fechou os olhos.

— Preciso ligar para Tobias. E Asher. — Ele pegou o celular e discou o segundo número de sua lista de favoritos: Apa.

Eu era o primeiro contato na lista dos dois. Muitas vezes brinquei que eles me colocaram no topo para ser mais fácil me dar bronca, mas a verdade é que meu nome estava lá em cima porque meus pais sempre me colocavam em primeiro lugar.

— Tobias, o Dov está por trás disso.

A rua estava tão silenciosa, o povo venezuelano provavelmente lamentando a morte de seu rei – ou comemorando em segredo – que ouvi a resposta de Apa:

— Eu sei. O Asher colocou pessoas procurando por ele.

Embora os dois permanecessem na linha, o silêncio deles se tornou algo tangível.

Quando Papa murmurou:

— Vou matar a Claire. — Meu queixo caiu.

— Espere, vocês acham que eles conspiraram para nos machucar?

O olhar escuro de papai se espalhou pelo meu rosto.

— Você encontrou o Príncipe, Tobias?

— Sim. — A voz de Apa era dura. — Só estou esperando o Asher chegar aqui.

Peguei o telefone dos dedos do meu pai.

— Ele excluiu os eSIMs?

— Ah… ele foi muito prestativo.

— Você reuniu todas as garotas e…

— Estamos no processo. Elas vão ficar bem. — Apa suspirou com força. — *Vehnleh*, vamos conversar quando eu chegar em casa. Pode colocar Gabriel de volta?

Eu tinha tantas outras perguntas, mas entendi que estava sendo dispensado. Antes de desconectar, porém, contei a ele sobre o resto da equipe.

— Como você acha que te encontramos? — Apa soltou outro suspiro. — Noah nos ligou. Ele estava preocupado que você e Naya estivessem em apuros.

Bem, pelo menos eu tinha *uma* resposta. Faltavam apenas algumas centenas.

— Ele deve estar na associação. Ele não queria voltar para Viena sem você.

— E os outros?

— Levi e Boone foram recolhidos por seus pais e levados para casa. Galina foi trazida para a associação feminina. Adam, você pode…

— Sim. Aqui. — Entreguei o telefone a Papa.

Ele acenou para a porta de madeira.

— Por que você não entra e encontra Noah? Vou entrar logo.

Havia algo que eles não estavam me contando.

Eu estava prestes a protestar, quando Papa disse:

— Vá.

Com relutância, abri a porta da associação. Embora Papa tivesse limpado meu rosto com seu fogo, eu ainda podia sentir manchas de sangue seco na parte inferior do meu queixo e ao longo do meu pescoço.

Havia quatro pessoas no átrio com fonte. Noah, seu pai, Malak Smith, sua mãe Malak Lyssa e o chefe ophanim da associação de Caracas. Quando meu amigo me viu, ele saltou de forma surpreendentemente ágil para alguém que sofreu vários ferimentos de bala no peito e deu um soco no meu ombro.

Sibilei porque ele definitivamente tinha atingido um hematoma.

— Ei… pra que isso? Você não está feliz em me ver?

Noah balançou a cabeça, as asas rosa tremendo também.

— Isso foi por me assustar até a alma, seu… seu idiota.

Eu sorri.

— Que bom que você está se divertindo porque eu não estou. Nem um pouco.

Isso só fez meus lábios ficarem mais largos. Naya havia mencionado que eu tinha sorte de ter um amigo como ele. Ela estava certa. Eu tinha muita sorte. Me ocorreu que, se realmente tivéssemos várias almas gêmeas, Noah devia ser uma das minhas. Ele simplesmente adoraria isso.

Quase soltei isso sem querer, mas ele simplesmente teve que estourar meus tímpanos.

— Você e Naya foram atrás do Rei? A porcaria do Rei? Você é louco?

Naya cercada por suas asas murchas brilhou em meus olhos, desaparecendo com meu bom humor.

— Louco, não. Enganado. — Engoli em seco, minha garganta ficando tão tensa quanto minha pele, quanto minha culpa. — Ela perdeu todas as penas.

— O quê? — Foi a mãe de Noah que gritou.

Olhei para a verity com asas de granada, com pontas afiadas prateando cada pena como pontas de flecha. — Dov mentiu para nós, Noah. Matar um Triplo tem penitência.

— Aquele *carvalho* furico de burro! — Noah grunhiu.

— Noah. — Seu pai verity de asas azuis e vestes douradas o repreendeu, ou

eu achei que ele o estava repreendendo até que ele colocou o braço em volta do ombro de Noah e acrescentou: — Aquele pedaço de escória de Elysium sem alma e com merda no lugar do cérebro.

Lyssa fez tsc.

— Isso é muito gentil, *aheevaleh*. — Ela caminhou até mim, seus olhos dourados brilhando como os de um gato em seu rosto moreno. — Acho que *Seraphim kaskaseem tobahat* combina melhor com o homem.

Smith sorriu.

— Dá para perceber que sua mãe realmente não gosta dele? — ele perguntou a Noah.

— O que significa *kaskaseem tobahat,* Ama?

Sua mãe sibilou, procurando no ar ao redor de suas pernas por uma pena solta. Eu estava supondo que era uma palavra – palavras – *muito* ruim.

Noah inclinou a cabeça para o lado.

— Então?

— Caspa no reto — ela admitiu. — Como é que isso não lhe custou uma pena?

— Porque nossos filhos não devem conhecer Angélico até que ascendam — o ophanim híbrido que comandava a associação disse com um suspiro. — Noah, Adam, espero que vocês dois não compartilhem essa brecha com seus colegas. Assim como as novas palavras coloridas que vocês acabaram de aprender. — Ele semicerrou os olhos na boca curvada de Lyssa.

— Adam, querido, você pode manter meu filho, e a si mesmo, longe de problemas de agora em diante?

Papa entrou neste momento, a porta chacoalhando quando ele a fechou atrás de si, nos isolando do mundo humano.

— Desculpe, Lyssa. — Fiz uma careta. — E eu juro, não vamos mais… — eu estava prestes a dizer *bancar o anjo da guarda,* mas eu não estava pronto para parar, então troquei isso por: — fazer qualquer coisa por trás de suas asas.

Ela espalmou minha bochecha e a apertou como costumava fazer quando nos visitava entre as colheitas de almas, me fazendo sentir como se tivesse oito anos em vez de dezoito.

— Ótimo. Agora, vamos.

Olhei para a porta que parecia uma cerca eletrificada. Eu não queria ir a Viena; Queria ir para a associação feminina. Queria ver Naya. E Galina, mas principalmente Naya.

Papa deve ter lido minha intenção, porque ele passou o braço em volta dos

meus ombros e me guiou pelo corredor de fontes em direção ao canal.

— Casa. Estamos indo para casa.

Devo ter me contraído ou talvez tenha sido o olhar de anseio que lancei por cima do ombro que fez Papa acrescentar:

— Você a verá em breve.

Ergui os olhos. Como ele sabia em quem eu estava pensando?

— Não é como se pudéssemos mais mantê-los separados — ele murmurou.

— Não mais?

— Agora não, Adam.

— Quando?

— Quando o Tobias chegar em casa e o Asher estiver pronto.

A sensação de que eles estavam escondendo algo monumental de nós disparou meu pulso. Sabendo que meu pai iria me calar se eu pressionasse para saber mais, mordi a língua, mas minha mente começou a zumbir.

setenta e três



naya

QUANDO APA ABRIU a porta da associação de Caracas, alguém tropeçou em nós.

Ama.

Ela devia ter acabado de se soltar de Mira e Eve, porque os braços delas estavam estendidos como se fossem laçar suas costas e as bochechas inchando como se tivesse precisado de tudo o que tinham para impedi-la de deixar a associação.

Peguei Apa e Mira trocando um olhar que falava mais que mil palavras, mas o rosto de Mira foi rapidamente bloqueado pelo de Ama.

Minha mãe estava chorando, o branco de seus olhos tão vermelho que suas írises pareciam laranja e suas sardas como bolinhas espalhadas por seu rosto pálido.

— Naya. Ah, Estrela. — Ela esmagou meu corpo entre seus braços finos e meu coração com seus soluços. — Ah… baby.

Eve apertou os lábios como se quisesse abafar um soluço, mas não chorou. Era provável que estivesse tentando se impedir de julgar meu período decididamente *não muito judicioso*, mas então seu lábio inferior tremeu e, embora ela o prendesse com os dentes de cima, percebi que também estava à beira de chorar.

Eu odiava ter causado tanta angústia a tantas pessoas.

— Você acha que pode ficar de pé, Estrela? — Apa perguntou. — Não é que eu não possa carregar você e sua mãe, mas estou preocupado que ela te sufoque.

Ama levantou a cabeça, lançou a meu pai um olhar sarcástico que foi rapidamente afastado por outro dilúvio de lágrimas. Apa colocou meus pés no chão e então levantou meu corpo com gentileza. Quando respirei fundo, seus braços se apertaram.

Antes que ele pudesse me tirar do chão, espalmei seu antebraço gigante.

— Estou bem.

Um exagero, mas tirou um pouco de preocupação de sua testa. Fiquei surpresa quando não perdi uma pena, porque estava *longe* de estar bem, até me lembrar que não tinha nada a perder.

O uivo agonizante de Ama acalmou os pardais cantantes.

— Quando nós… o telefonema… o holo-classificador… toda a sua pontuação… todas as suas lindas… todas elas.

Suspirei, estudando o gracioso voo dos pássaros iluminando o átrio com seus lindos cantos e penas de arco-íris. Como eu invejara sua plumagem colorida, especialmente depois que descobri que minhas penas eram pretas. Agora, eu daria qualquer coisa para ter todas as minhas penas pretas de volta.

— Sinto muito — murmurei pela décima vez naquela noite.

Ama estava tremendo tanto que quando ela agarrou minhas bochechas, fez meu rosto balançar.

Ela pressionou sua testa na minha.

— *Kalkohav*, por quê? Por que você… por quê?

— Porque o Dov disse à nossa filha que matar Triplos não prejudicaria suas asas.

— Dov? — Ama ofegou.

Ao mesmo tempo que Mira grunhiu:

— Eu sabia. Sabia que o ishim não estava fazendo nada de bom. Eu sabia.

Eve semicerrou os olhos castanhos.

— Dov, o babaca metido com quem minha mãe está trepando?

Uau. Uau. Uau.

— Dov está envolvido com Claire?

Eve zombou, balançando a cabeça com tanta força, que seu cabelo preto se espalhou ao redor do rosto oval.

— Eu. Vou. Matar. Ele. Aquele assassino… — E então ela grunhiu um monte de palavras em angélico. Ela detestava Dov porque ele ficou entre os pais dela ou por causa do que ele fez conosco?

Minha mãe tinha ficado assustadoramente quieta, mas seus olhos cintilavam com fúria.

— O que houve? — Olhei entre meus pais.

Minha resposta foi recebida com silêncio. Muito silêncio. Até Eve tinha parado de grunhir todas as palavras que conhecia em Angélico. Quando ela soltou uma respiração sibilante, percebi que algo estava sendo pensado pelos quatro ascendidos, algo que eu não estava a par.

— Alguém pode me dizer o que está acontecendo? — Revirei os ombros doloridos, que atiraram tanto fogo nas minhas costas que o átrio girou. Pisquei para afastar a tontura. Apesar de todo o meu desejo de me deitar e dormir para esquecer o dia, o desejo de entender o que em Abaddon estava acontecendo era mais urgente. — Por favor?

O telefone de Apa tocou.

— Sim, Tobias? Estou a caminho. — Ele colocou o telefone de volta no bolso da túnica. — Celeste, leve a Naya para casa. Te encontro lá assim que terminar.

Ama passou o braço ao redor da minha cintura, substituindo o do meu pai.

— Apa — chamei, parando-o na porta. — Vou reconquistar *todas* elas. Juro.

— Não só sei que vai, mas estarei lá a cada passo do caminho, Nayaleh.

Franzi o nariz.

— Em todas as missões?

— Cada. Uma. Das. Missões. Será como nos velhos tempos. — Ele me deu um sorriso glacial.

Mordi o lábio, não porque ter meu pai me espionando enquanto eu ajudava os pecadores era uma lembrança horrível *assim*, mas porque eu tinha um namorado agora.

Ou talvez eu não tivesse mais…

Talvez Adam estivesse muito enojado com os ossos de minhas asas para namorar comigo. Ou ele ouviria a ameaça do meu pai e ficaria longe. Ou…

— Apa, por que você disse ao Adam que não deveria tê-lo trazido de volta? Trazido ele de onde?

Meu pai apertou os lábios.

— Amsterdã.

— Amsterdã? O que aconteceu em Amsterdã?

Ele trocou um último olhar com minha mãe e saiu.

— O que aconteceu em Amsterdã, Ama?

O olhar dela se voltou para mim em um sobressalto.

— O quê?

— Muito bem, o que está acontecendo? Claramente não sei alguma coisa.

— Naya? — A voz de Galina fez meu olhar se voltar para a entrada em arco do átrio. Embora pálida como o quartzo sob seus pés, ela estava sorrindo. — Eu pensei ter te ouvido! Nós… hum… nós… nós…

— Apenas diga, Pluma. — Mira se virou, as asas vermelhas mais soltas contra sua coluna do que quando entramos. — Não é como se não tivéssemos conhecimento de que vocês estão causando estragos na Terra.

As feições de Galina se contorceram em desculpas, o que fez seus piercings refletirem a luz da pedra acesa pelo fogo.

— Desculpe?

Mira bufou.

— E então? Você conseguiu salvá-las? — Galina se afastou da porta e, embora suas costas estivessem curvadas e uma de suas mãos estivesse pousada na testa como se estivesse com enxaqueca, ela estava de pé e andando.

— Salvar quem? — Eve perguntou.

Aparentemente, elas sabiam que estávamos infringindo algumas leis, mas não sabiam por quê.

— Cinquenta garotas humanas. — Pensei em Natasha. Quase perguntei a Ama sobre ela, mas decidi abordar o assunto de subir um pedido de desculpas para ela mais tarde. — E eu não sei se conseguimos.

Galina parou na minha frente e, embora eu notasse seus dedos se contraindo, eles permaneceram presos à sua têmpora.

— O que você quer dizer com não sabe?

Um lampejo de seu corpo caído e ensanguentado cobriu sua forma viva e curada. Afastei a visão arrepiante.

— Ficou um pouco… caótico.

— Um pouco? — Eve zombou.

Suspirei.

— Muito. — Quando Galina franziu a testa, eu disse: — O Dov mentiu para nós.

As sobrancelhas de Galina se ergueram.

— Sobre o quê?

Provavelmente sobre tudo.

— Sobre o custo de assassinar Triplos.

— Não acredito. Por que ele faria isso? Você pode imaginar se um de nós tivesse…— Ela parou de falar, o olhar se movendo pelos rostos das três mulheres. — Adam perdeu as asas?

— Não. — Tentei fingir um sorriso para suavizar a notícia de que foram minhas asas que se foram.

Ah, anjos, minhas asas se foram…

Meus olhos começaram a arder. O rosto de Galina a borrar.

Ah, anjos, ah, anjos, ah, anjos.

Perdi minhas asas.

Respirei o ar trêmula, soltei o ar ainda mais trêmula, então levantei a mão ao peito e massageei o músculo dolorido, a imensidão do que eu tinha feito e tudo que eu tinha perdido finalmente me alcançando.

Mais de novecentas e quarenta penas se foram. *Se foram. Todas se foram*.

Meu coração deu um espasmo de desespero e miséria.

Quando as lágrimas brotaram, a compreensão tomou o rosto de Galina.

— Ah, Naya… não.

Ama me puxou para seu abraço blindado, e eu apoiei minha bochecha em seu ombro ossudo.

Ela sussurrou palavras calmantes que fizeram pouco para me tirar do meu buraco de dor. Fechei os olhos, as lágrimas transbordando, encharcando seu suéter. Pensei no casaco dela, disse-lhe que o perdi. Disse a ela que também perdi todas as suas camisetas e muitos dos vestidos que Eve tinha me dado.

— Tudo substituível — Ama disse.

— Como minhas penas. — *Olhe para mim, sendo tão otimista*.

Ouvi Eve bufar. Ou talvez fosse Galina. Eu duvidava que fosse Mira. Mas ela era conhecida por usar sons quando as palavras lhe escapavam.

— Acabei de pensar em algo. — Ama me apertou. Seus olhos ainda estavam vermelhos como semáforos, mas ela havia perdido um pouco de sua palidez. — Você vai me destronar como *pluma que ganhou mais penas*. — Como sempre, usando o humor para colar nossas almas esfarrapadas.

— Ha. — Afastei a umidade grudada em meus cílios.

— Na verdade. Talvez, não. — A língua de Ama disparou para o lado de sua boca em pensamento. — Mira, quantas penas eu ganhei no total?

A garganta fina de Mira se moveu e seu nariz subiu apenas um centímetro.

— Decidi eliminar memórias irritantes para dar lugar a outras mais agradáveis.

Ama revirou os olhos.

— Você não é um disco rígido, Mira.

Eve sorriu.

— Duvido que a Mira saiba o que é um disco rígido. Ela não nasceu neste século.

Mira bufou.

— Quero que vocês saibam que, embora eu tenha uma idade madura, também sou uma mulher moderna.

O sorriso de Eve se fortaleceu enquanto ela caminhava em direção à matrona da associação, que a criou como criou Celeste e a mim, e enganchou seu braço, puxando-a para o corredor.

— Então o que é?

— É… algo que é rígido e…

Eve começou a rir, o que fez meu coração ficar um pouco mais leve.

— Uh-hum. Quer que eu explique?

Não ouvi a resposta de Mira, porque elas viraram a esquina, mas não tinha dúvidas de que a mulher orgulhosa recusaria, mudaria de assunto e depois pesquisaria na privacidade de seu escritório.

Quando voltei a me concentrar em Ama e Galina, ouvi o nome Dunmore e Pablo e percebi que minha amiga estava explicando o que nos levou a Caracas. Fiquei feliz, porque me salvou de falar sobre os humanos odiosos.

Assim que Galina ficou quieta, perguntei:

— O que você vai fazer agora?

Seus olhos foram para minha mãe, então de volta para mim.

— Chega de segredos, meninas.

Galina mordiscou o lábio inferior.

— Bem, eu preciso ir para Chicago.

Quando ela coçou o pescoço, Ama perguntou:

— O que há em Chicago?

Galina acabou contando para ela.

— Uh-hum.— Então ela continuou. — Querida, por que você não deixa um ascendido lidar com essa garota, Calliope?

— Porque os ascendidos não se importam em proteger os humanos, Ama.

Eu tinha certeza de que meu comentário me renderia uma reprovação, mas Ama me surpreendeu ao dizer:

— Está na hora de eles se importarem. Que tal isso: assim que seu pai terminar de queimar a alma do macarrão mole de sangue azul, vamos informá-lo sobre Calliope.

— Ela é uma Triplo, Ama. Apa odeia Triplos. Ele nunca vai apoiar seus assassinatos por vingança.

— Seu pai vai ser super a favor de assassinatos por vingança no futuro próximo. — Ela olhou para a água jorrando de uma das sete fontes.

— Começando com Ish Dov? — Galina perguntou.

Ama piscou para longe da água e assentiu.

— Começando com ele antes de subir pela cadeia de comando de Elysium.

Eu estava supondo que ela queria dizer Claire.

— Ama, por que Claire pediria a Dov para nos enganar?

Uma respiração. Duas. Esperei pelas palavras: *agora não*. Em vez disso, ela respondeu:

— Porque ela quer que você e o Adam falhem.

Eu estremeci, o que sacudiu meus pobres ossos das asas, mas… *quê*?

— Por quê?

— Porque… — Ama suspirou. — Seu pai gostaria de estar aqui. Não, não gostaria… ele precisa. Seu pai precisa estar aqui para esta conversa.

Os olhos de Galina se arregalaram.

— Tem a ver com a cor das nossas asas? — sussurrei.

Ama fechou os olhos, seu peito se erguendo com respirações tristes.

— Sim. Sim, tem a ver com a cor de suas asas, Estrela.

setenta e quatro



adam

FATO ANGÉLICO #199:
Coisas boas vem para anjos que esperam. Ou foi o que me disseram. Repetidamente.

PASSEI os próximos três dias descontando minha raiva e impaciência na academia da associação. Usei minhas luvas de luta, porque Papa não me deu escolha, e soquei aquele saco até fazer um buraco nele.

— Acho que acabei de ouvir seu pai. — Noah colocou os halteres de cinco quilos que ele estava levantando no rack. Ele odiava a academia, mas passou a maior parte dos últimos três dias enfurnado dentro de uma por mim, preenchendo meu silêncio sinistro com sua tagarelice efervescente.

Passei o antebraço pela testa suada.

— Provavelmente quer ter certeza de que coloquei as luvas.

— Eu quis dizer Tobias.

Isso chamou minha atenção. Eu não tinha visto nem ouvido falar de Apa desde a noite em que Naya perdeu todas as suas penas.

Cada vez que eu pensava nela, todo o meu corpo tremia. Com raiva. Com desejo. Com mágoa. Mas principalmente com desejo.

De vê-la.

De ouvi-la.

De tocá-la.

De beijá-la.

De abraçá-la.

Tentei negociar com vários ophanim para me levar pelo canal até sua associação de origem, mas nenhum aceitou. Papa fez questão de avisar a todos que eu não deveria deixar Viena. Em algum momento, pensei em entrar em contato com Levi para arranjar um passaporte falso para poder reservar um voo comercial, mas decidi não envolvê-lo em outro dos meus esquemas. Ele e Boone já estavam com problemas suficientes.

Tudo por minha causa.

Abrindo as tiras de velcro das minhas luvas de treino, saí do ginásio, parando em frente à entrada do refeitório.

Apa estava em casa e não voltou sozinho. Asher também estava lá.

O pai de Naya me olhou; eu o olhei de volta.

Eu ainda não tinha entendido o significado daqueles comentários que ele fez em Caracas. De que ele sabia que eu estava por trás do infortúnio de sua filha, e que ele não deveria ter me trazido de volta.

Mesmo que a entrada do refeitório fosse larga, me certifiquei de ficar bem no meio para que nem ele nem meu pai pudessem passar por mim.

Eu queria respostas.

E as queria agora.

— Como foi a caça ao Dov? — perguntei em tom seco.

Círculos roxos cercavam os olhos de ambos. Eu estava supondo que nenhum dos dois tinha dormido muito.

Apa suspirou.

— Bem-sucedida.

— Ele é uma pilha de cinzas douradas?

Asher soltou um bufo suave que não fez nada para suavizar as linhas em seu rosto.

— Não.

Levantei uma sobrancelha.

— Você o deixou viver?

Apa passou os dedos pelo cabelo escuro.

— O que o Asher quis dizer é que ele incinerou as cinzas de Dov em vez de executar meu plano, que era espalhá-las sobre uma fossa.

— Teria sido poético — Papa falou, se desviando de mim para chegar ao meu outro pai.

Enquanto eles se abraçavam, semicerrei o olhar em Asher.

— Pronto para explicar por que você me manteve longe de sua filha, Seraph?

Um músculo tensionou em sua mandíbula.

— Não.

— Não? — Enquadrei meus ombros e levantei meu queixo. — Você não está pronto para explicar suas razões para mim ou não está planejando me dizer?

As asas de Asher estavam eriçadas em suas costas largas.

— Você não acha que já a machucou o suficiente, Adam?

Sua resposta fez meus pais se afastarem, e Noah, que estava parado ao meu lado, soltou um silvo baixo.

Minha reação foi silenciosa e invisível a olho nu.

Minha reação foi meu coração se decompondo novamente.

— Eu quis dizer… antes. — Não havia mais desafio em minha voz, porque a culpa pesava demais em meus pulmões.

— Deixe-me ir para casa hoje à noite e ver minhas meninas. Amanhã, voltarei aqui e… — seus olhos caíram sobre meus pais, antes de voltar para mim — e explicarei tudo.

— Você vai voltar com a Naya?

Seus olhos escureceram como se eu tivesse sugerido casamento em vez de um encontro supervisionado.

Apa deu de ombros.

— Seria bom, Asher.

O seraphim não assentiu, mas também não rejeitou a sugestão.

Me afastei para deixá-lo passar e não desviei o olhar até que suas asas cobre-turquesa desapareceram no canal.

setenta e cinco



naya

EU NUNCA PENSEI que me identificaria com aqueles humanos que perderam membros, mas ainda estavam convencidos de que ainda os tinham, mas todas as manhãs, desde que cheguei em casa de Caracas, eu acordava com a nítida impressão de que minhas penas pretas brilhantes ainda estavam todas lá.

Minhas asas fantasmas.

A necessidade de voltar ao mundo e começar a ganhá-las de novo estava me consumindo, mas o que estava me consumindo mais era a necessidade de ver Adam. Nós nem conseguimos nos comunicar usando os telefones holo-classificadores e meu celular…

Eu pedi a Mira um novo. Ela me disse para perguntar ao meu pai, mas meu pai chegou tarde em casa ontem à noite, tão exausto que não tive coragem de incomodá-lo. E esta manhã, durante o café da manhã, quando eu estava prestes a perguntar, ele mencionou Viena e Adam, e meu celular escapou da minha cabeça.

— Pronta, Estrela?

Larguei o marcador rosa que estava usando para jogar jogo da velha com minha irmã e fiquei de pé, depois me inclinei e beijei sua testa franzida, antes de correr em direção aos meus pais, que pareciam estar indo para a batalha.

Ama estava de pé ao lado de meu pai, sua pequena mão aninhada na grande dele. Ela estendeu a mão para mim. Peguei sua mão livre e não a soltei até chegarmos à associação de Tobias.

Meus nervos estavam tão à flor da pele quanto meu estômago e os ossos das asas, mas meu coração estava explodindo de excitação. Além disso, um pouco de terror, mas principalmente excitação. Eu ainda não tinha certeza de que segredo eles estavam mantendo, mas não me importava. Quero dizer, quão ruim poderia ser?

Saí do canal antes mesmo que a fumaça brilhante tivesse dissipado, parando abruptamente ao ver o garoto andando pelo corredor. Ele olhou para cima, o corpo tão tenso, que imaginei que ele estava prendendo a respiração.

Antes que eu pudesse pensar no que poderia parecer para meus pais, corri e me joguei em seus braços.

E ele me pegou.

Enquanto estrangulava seu pescoço, ele mal aplicou qualquer pressão nas minhas costas, provavelmente preocupado em me machucar. A menos que estivesse com medo do meu pai. Podia ser isso.

— Você não está feliz em me ver? — sussurrei contra as mechas castanhas perfeitas de seu cabelo.

Eu o senti engolir. Uma. Duas vezes.

— Ah, Pluma… — Duas palavras carregadas.

Ele finalmente me abraçou com força e cortou o laço ao redor do meu coração.

— Estou me sentindo um pouco excluído — ouvi Noah brincar.

Adam grunhiu, mas até mesmo seu grunhido estava carregado de emoção. Depois que ele me colocou no chão, eu abracei o amigo, que repetidamente me defendeu.

— Você não está com muita dor? — ele perguntou.

— Não mais. — Sorri para apagar a marca de preocupação em sua testa, então me voltei para Adam, que passou o braço em volta da minha cintura e me colocou tão perto de seu lado que eu podia sentir seu coração batendo através das camadas de nossas roupas.

— Bela camiseta. — Ele acenou para a camisa roxa de pub que Galina havia deixado em meu quarto antes de sair para ver sua mãe, jurando que não voltaria para Chicago sozinha.

— Ora, obrigada. É a minha favorita.

Embora ele tenha engolido um pouco duro, ele também respirou um pouco melhor.

Ama sorriu ao nos ver. Apa resmungou. Tobias parecia meio alegre, embora exausto. Gabriel estava quieto e atencioso.

— Venham. Esvaziei o refeitório. — Tobias gesticulou em direção ao infame refeitório vienense, cujo teto levou Ama a pintar o de nossa associação. Eu tinha visto fotos do mural, mas nunca o real, e embora isso não fosse uma visita ao museu, eu estava animada para finalmente colocar os olhos em uma das muitas fontes de discórdia entre Mira e Tobias.

Noah mordeu o lábio enquanto seguíamos nossos pais.

— Eu provavelmente deveria… deixar vocês. Vou apenas andar por este belo corredor branco.

Adam acenou para o refeitório.

— Noah, você é da família.

Ele esfregou o lado de seu cabelo recém-cortado.

— Sim. Tudo bem. — Ele olhou para Gabriel, que estava esperando por nós, e deve ter lido algo em sua expressão porque recuou. — Vamos fazer o seguinte? Assim que qualquer grande revelação for revelada, é só me chamar, tudo bem? Estarei no nosso quarto.

Ele virou a esquina ao mesmo tempo em que Gabriel entrou no refeitório, deixando Adam e eu sozinhos.

Ele me virou para encará-lo.

— Aconteça o que acontecer lá, Naya, não vai mudar o que sinto por você.

Meu coração pulou algumas batidas conforme um sorriso tomava conta dos meus lábios.

— *O que* você sente por mim?

Seus olhos percorreram cada centímetro do meu rosto.

— Como se eu estivesse procurando por você minha vida inteira.

Fique quieto, meu coração.

Fiquei na ponta dos pés e o beijei. Não durou a metade do tempo que eu desejava. Mas eu queria beijá-lo até meu último suspiro, e como eu era imortal, isso teria feito nossos pais esperarem *muito* tempo, e sua paciência, especialmente a de Apa, estava esgotada.

Mesmo que tenha me matado afastar meus lábios dos de Adam, me apoiei de volta em meus pés.

— Eu adoro você, Adam sem sobrenome, rabugento na maior parte do tempo, romântico o resto do tempo. Meu primeiro. Meu último. Meu tudo.

— Você acabou de copiar uma música de Barry White?

— Ele a cantou muito bem.

— Aposto que você pode cantar melhor. — Ele entrelaçou os dedos nos meus e piscou. — Pelo menos tão bem quanto os pardais.

Apoiando a cabeça em seu ombro, cantarolei a música até o refeitório.

setenta e seis



adam

FATO ANGÉLICO #500:
Uma pluma é uma pluma é uma pluma.

— UAU. — Naya inclinou a cabeça para trás, com os olhos arregalados absorvendo o vasto mural que adornava a cúpula de vidro do refeitório.

Embora muitas vezes eu a admirasse quando criança, raramente olhava para cima hoje em dia, não dando o devido valor. Percebi que tinha muitas coisas para as quais eu não dava seu devido valor. Como ter pais amorosos. Poucos pais se interessavam pela educação dos filhos. Outra coisa que eu não dava valor era a existência de penas nos ossos das minhas asas.

Tracei as caóticas ondas loiras fluindo sem obstrução pela espinha de Naya. Se ao menos eu pudesse soltar minhas asas e enxertá-las nas costas dela.

Asher limpou a garganta, a impaciência esculpida em seu rosto.

Apertei a mão de Naya e acenei com a cabeça para a mesa em que nossos pais haviam se sentado.

— Belo teto, Tobias. — Naya sorriu para meu pai, envolvendo a mão não entrelaçada na minha em volta do meu braço, como se fosse adicionar um ponto extra de contato.

Vi o olhar semicerrado de Asher.

— Se certifique de contar a Mira tudo sobre isso. — Um sorriso apareceu nos cantos da boca de Apa como uma chama em cima de uma vela.

— Ah, eu vou. Embora, reconhecidamente, nosso teto seja melhor. — Naya piscou para a mãe.

— Naturalmente — Apa disse, seu sorriso se firmando.

Quando nos sentamos ao redor da mesa, a atmosfera mudou. Enrijeceu. Endureceu. Mesmo Asher, sempre tão equilibrado e controlado, se mexeu no assento que ele fazia parecer pequeno. Celeste estendeu a mão e agarrou uma de suas mãos. Quando os dedos dela se fecharam ao redor dos dele, todo o ar pareceu deixar seus pulmões.

— Nós somos parentes? — Naya perguntou, quase sem pausa entre cada palavra. — É por isso que nós dois temos asas negras e nascemos no mesmo dia?

Eu pisquei para ela, surpreso que ela ainda pensasse isso. Quando os

adultos trocaram olhares cautelosos, minhas palmas suaram e meu coração parou.

Não poderíamos ser parentes. Anjos, por favor, não. Se Naya fosse minha irmã…

— Não. — A resposta de Asher foi baixa, mas arremessou meu pavor para longe.

— Obrigada, Elysium. — Naya soltou um suspiro tão longo que parecia que ela expurgou meus pulmões junto com os dela.

— Não, Estrela, agradeça ao seu pai. — Celeste olhou para Asher, com a expressão repleta de tantas emoções, mas seu rosto era inescrutável.

Naya franziu a testa, enquanto eu continuava parado, esperando que tudo começasse a fazer sentido.

— Você quer que eu diga a eles, Asher? — Tobias perguntou.

O rosto do seraphim estava assombrado, seus olhos vidrados.

— Não. — Ele fechou as pálpebras, respirou fundo, então abriu os olhos e os prendeu em sua filha. — Eu estava esperando contar essa história apenas uma vez que você tivesse ascendido, mas… — Sua voz falhou. — Mas vocês se conheceram e… — Outra pausa. — Antes de começar, quero que você entenda que manter isso em segredo não foi para machucá-los, mas para protegê-los. Queríamos que vocês dois vivessem vidas normais e nunca se preocupassem…. sobre como vocês…

— Como nós? — perguntei, quando ninguém acrescentou ao discurso entrecortado de Asher, que tinha mais pausas do que palavras.

Apa se inclinou para frente, com as mãos cruzadas sobre a mesa à sua frente.

— Como vocês dois surgiram.

As sobrancelhas escuras de Naya se curvaram.

— Não somos filhos de casos extraconjugais?

— Não. Ou talvez. — Apa soltou um suspiro. — Não sabemos quem são seus pais.

— Nossos *pais*? — repeti. — Vocês estão dizendo que não são… vocês?

Os dedos de Naya ficaram tão frios que pareciam agarrar neve.

— Eu não entendo — ela murmurou. — Você não é… meu pai? — Sua voz falhou nessas duas últimas palavras.

— Sou, mas não biologicamente.

Encarei os olhos azuis claros de Apa, as linhas esculpidas do rosto que passei a vida inteira procurando por semelhanças com o meu. Eu havia

inventado muitas.

— O que aconteceu? Os anjos que nos fizeram não nos queriam?

— Os pais biológicos de seus corpos são humanos. Os pais biológicos de suas almas são — o olhar de Asher se voltou para mim — eram anjos.

— Você não está fazendo sentido, Apa — Naya sussurrou. — Você nos faz soar como peças de carros que foram montadas.

— De certa forma, você tem razão, *levsheh*. Eu… — Asher passou a mão pelo rosto. Inspirou. Expirou aquela respiração. — Eu fiz você. Vocês dois. Eu… fui eu quem colocou suas almas angelicais em dois novos corpos.

Naya ofegou.

— Você nos reencarnou?

— O que havia de errado com nossos velhos corpos? Eles estavam desatualizados? — Excelente. Agora, eu estava fazendo piadas. Simplesmente ótimo.

Celeste sorriu, mas depois afastou o sorriso dos lábios.

— Seus corpos originais morreram.

— Mas os anjos são imortais. — A testa de Naya estava marcada pela confusão.

— Anjos alados são imortais. — O comentário que Dov tinha feito para mim antes de me jogar na árvore ressoou contra as paredes latejantes do meu crânio, finalmente fazendo sentido. — Devemos ter sido nephilim.

Os lábios de Naya se entreabriram um pouco, depois um pouco mais.

Enquanto eu podia compreender como eu poderia ter sido um anjo caído, a alma de Naya era tão gentil e leve…

— Não conseguimos ascender? — ela perguntou. — É por isso que vocês dois são tão duros comigo sobre ascender?

— Não, mas há uma razão pela qual sua ascensão… *ambas* as ascensões são de grande magnitude. — Asher olhou entre Naya e eu. — Eu vou chegar a isso em um minuto.

— Você conseguiu, Naya. — Os olhos cor de uísque de Celeste brilharam com umidade. — Mas então você pediu… — seu olhar se ergueu para Asher — você pediu ao Asher para queimar suas asas porque você queria retornar à Terra.

Sua confissão arregalou as pupilas de Naya até que seus olhos se tornaram piscinas gêmeas de céu sem estrelas.

— Eu…? Por quê?

— Por ele. — Asher acenou para mim. — Você me fez queimar suas asas para retornar a Adam.

Ela virou a cabeça em minha direção. Covarde que eu era, não conseguia olhar nos olhos dela.

— Eu já era um nephilim. É por isso que ela desistiu de sua imortalidade, não é?

Asher assentiu.

Ganhar penas não era fácil, mas tínhamos dez anos. A menos que eu tivesse sido o maior retardado nascido de Elysium, então eu não entendia como havia falhado.

— Como eu perdi minhas asas?

— Você nunca as teve — Asher falou.

Desta vez, franzi o cenho.

— Pensei que eu era um anjo caído?

Asher arrastou a ponta do dedo sobre um veio na mesa de quartzo.

— Você nasceu de um anjo caído.

— Anjos caídos podem ter bebês? — O tom de Naya estava uma oitava acima do normal.

— Geralmente não, mas suspeito que Mikaela – a mãe biológica da alma de Adam – estava grávida antes de abrir mão de suas asas para permanecer com seu marido mortal, e de alguma forma conseguiu manter o bebê. — Um rufar de silêncio agitou o ar. — De qualquer forma, ele nunca foi trazido para uma associação, então os ossos de suas asas nunca se desenvolveram, mas ele tinha sangue de anjo, então ele foi rotulado de nephilim.

Senti os olhos arregalados de Naya deslizando sobre meu perfil duro. Eu ainda não conseguia olhar para ela, a vergonha de tê-la feito cair da graça celestial queimando um buraco em minhas entranhas.

— O nome dele… em sua primeira vida, seu nome era Jarod?

Congelei, por fora e por dentro.

— Sim — Celeste afirmou.

— Uau… bem, pelo menos um mistério foi resolvido. — Naya puxou minha mão, mas eu ainda não olhei para ela.

— Você também se lembra do nome original de Naya, Adam? — Celeste estava me encarando.

Todos estavam me encarando. Eu finalmente descongelei e me mexi no meu lugar. E então eu puxei minha mão da de Naya, cruzei os braços e me inclinei para trás, coluna e ombros tão rígidos quanto a cadeira sob minha bunda nephilim.

— Não.

setenta e sete



naya

ADAM AFASTOU sua mão da minha. Quando toquei sua coxa, ele se mexeu de modo que meus dedos caíram. Pela minha vida, eu não entendia por que ele estava agindo tão distante. Porque ele não conseguia se lembrar de mim enquanto eu nunca o esqueci?

— O nome dela era Leigh, embora ela costumasse pronunciá-lo Lay, não Lee — Ama disse. — Ela era minha melhor amiga. E a de Eve também.

Meu olhar focou em minha mãe no ritmo do meu coração. Espere, *o quê?*

Ama engoliu em seco.

— Você era quatro anos mais velha que eu e como uma irmã. Quando Asher aceitou queimar suas asas e te mandar de volta para a Terra, eu tinha quinze anos. Eu estava tão brava com você por ter decidido desistir delas. Tão brava. — Um sorriso triste curvou seus lábios. — De qualquer forma, o dia seguinte a sua volta… Você correu para encontrar Jarod. Para dizer a ele que estava de volta. — Ama olhou para Adam. — Você comandava a máfia parisiense, um trabalho que herdou de seu tio. Foi ele quem criou você, assim como uma mulher chamada Muriel Moreau. Você costumava chamá-la de Mimi. Ela era como uma mãe para você.

Esse nome ou o apelido pareceu espetar as pupilas de Adam, espalhando o preto sobre o verde.

— Eu pensei… achei que esse era o nome da *sua* mãe adotiva, Ama?

— Tornou-se minha, porque, acredite ou não, depois que Adam foi morto e você decidiu… — Ela estremeceu. — Bem, Mimi e eu nos encontramos, e ela acabou me criando. — Ama abriu os dedos, estudando todos os anéis que brilhavam ali. — Ela está em Elysium, esperando por vocês dois. Você e ela, Naya, são as razões pelas quais completei minhas asas. Bem, inicialmente. Aí eu fui e me apaixonei por seu pai, e bem, o resto é história.

— Uma complicada — eu murmurei, tentando desenhar linhas e conectar pontos. — Então, você mencionou que nos colocou dentro de novos corpos. Você — umedeci os lábios, o nome Valentine Tremblay ecoando contra as paredes do meu crânio — roubou-os e apagou suas almas?

— Não — Ama disse. — As crianças nasceram mortas.

Bem, isso explicava o choque da minha mãe biológica com o telefonema de

Pablo.

— Seu pai colocou suas almas dentro dessas duas crianças e carregou vocês para… casa.

Meu pai, que não era meu pai, mas meu criador, pigarreou.

— No começo, hesitei em contrabandear suas almas para Elysium, mas temi que um dos Sete descobrisse sua existência e solicitasse sua remoção. — Seus olhos adquiriram um brilho distante, como se ele tivesse viajado no tempo. — Eu poderia ter colocado vocês em úteros mortais, mas não queria que nenhum de vocês fosse criado fora das associações, nem queria ter que roubá-los dos pais mortais. — Ele acenou para Adam. — Eu te dei para Tobias, Adam, porque ele era a única pessoa em quem eu confiava. E fiquei com você, Naya, porque… porque… — Ele esfregou o queixo, seus dedos agarrando a barba de uma semana sem fazer.

— Porque você se sentiu culpado por queimar minhas asas?

— Foi um pouco disso. Inicialmente. — Seu rosto suavizou com um sorriso. — Mas também havia muito egoísmo. Você tinha – *tem* – uma alma tão linda, *motasheh*.

Ele não me chamava de bonequinha há anos e isso fez meu coração bater um pouco mais forte do que já estava batendo.

As mãos de Adam se curvaram ao redor de seus bíceps, os nós dos dedos brancos contra sua pele escura.

— Como a Naya se lembra do meu nome, mas eu não me lembro do dela?

— Pela mesma razão que alguns humanos se lembram de pessoas ou experiências de vidas passadas. A limpeza da alma é um processo delicado. Se limpar muito completamente, pode acabar causando mais mal do que bem. — Foi Gabriel quem explicou isso. Ele não tinha falado até então, então ouvir sua voz era chocante.

— Por que você tirou nossas memórias, Apa?

Meu pai piscou para mim. Ele ficou surpreso com minha pergunta?

— Apa? — ele resmungou.

Estendi a mão sobre a mesa, com a palma para cima. Ele pegou minha mão sem hesitar.

— Você me fez. Talvez não com seu sangue, mas com seu coração. Você e Ama serão meus pais para sempre, mesmo que eu tenha outros pais lá fora. Ou…

— Na verdade, você encontrou os pais de sua alma algumas vezes — Ama disse.

— Mesmo?

Ama tamborilou as pontas dos dedos contra a mesa.

— Eles pediram para conhecê-la quando souberam de você.

— Mas eu pensei… mas eu pensei que ninguém sabia sobre nós?

— Dov sabia o que éramos. — A voz de Adam era tão sombria que me arrepiou a pele.

— Todo ascendido sabe. — Tobias suspirou. — Quando vocês dois tinham quatro anos, Claire começou a bisbilhotar, porque ela e Asher nunca se entendiam, e ela estava procurando uma razão para expulsá-lo do Conselho. Quando ela descobriu que ele e eu tínhamos filhos nascidos no mesmo dia, isso despertou sua curiosidade.

— Ela conseguiu descobrir nosso segredo. — A mandíbula de Apa se aprumou, tornando-se tão angulada que ele parecia mais estátua do que humano. — E ela informou os moradores de Elysium.

— Ela pediu suas expulsões. — As cavidades das bochechas de Gabriel se aprofundaram como se ele estivesse sugando ar mais rápido do que expelindo.

Eu fiz uma careta.

— Nossas expulsões?

— Das associações. — Ama girou um de seus numerosos anéis. — Ela não queria que vocês fossem criados por anjos.

— Mas então… — O rosto de Claire se materializou entre nós como uma imagem holográfica. Ela nunca tinha me mostrado muita afeição, mas também nunca tinha mostrado a sua filha ou neta, então não me senti segregada. — Você está dizendo que ela queria nos impedir de desenvolver os ossos das asas?

— O Conselho colocou em votação. Já que vocês dois estão sentados aqui hoje, podem imaginar o que a maioria decidiu. — Apa sorriu, mas não chegou em seus olhos. Porque a votação não foi unânime? — No entanto, nenhuma alma nephilim pode ser coletada até sua ascensão — acrescentou. — *Ambas* as suas ascensões. Essa é uma das razões pelas quais tenho sido tão duro com você, Naya. Tão impaciente.

— Não que eu tenha pensado em desistir, Apa, mas agora tenho ainda mais motivos para ascender. *Nós* — eu me virei para Adam, que ainda não olhava para mim — temos ainda mais motivos para ter sucesso. Certo, Adam?

Depois de quase um minuto inteiro, ele deu um aceno. O que, nos mundos, estava acontecendo com ele? Ele não poderia estar bravo com meu pai pelo que ele fez?

— Adam? — Tobias inclinou a cabeça. — O que é, *vehnleh*?

Adam encarou seu pai com olhos tão duros que fizeram meu coração doer

por Tobias. Claramente, ele não estava aceitando essa notícia tão bem quanto eu.

— Por que me trazer de volta se eu era uma pessoa tão horrível?

Ama balançou a cabeça.

— Você não era horrível, Adam.

— Eu era o líder da porcaria da máfia. Eu fiz Naya… ou Leigh, ou qualquer que fosse o nome dela… desistir de sua depenada imortalidade. Então, o que eu quero entender é por que em Abaddon você decidiu que era uma boa ideia me dar uma segunda chance. Para que eu pudesse arrastá-la para baixo de novo? Porque, aparentemente, foi o que fiz.

— Adam — sibilei. — Minhas penas perdidas não são culpa sua!

Ele me olhou de soslaio, e eu tomei isso como uma pequena vitória.

— A culpa é minha. De Dov. De Claire. Mas certamente não é sua.

Ele bufou um grunhido.

— Isso não é o que o seu pai pensa, Pluma.

As covinhas de Ama apareceram em suas bochechas.

— Você a chamou de Pluma. — Não era tanto uma pergunta, mas um insight ofegante.

— Sim. Por quê?

— O Jarod costumava chamar a Leigh assim.

— Ah! Então você se lembra de mim! — Isso me rendeu outro olhar de soslaio, um pouquinho mais suave desta vez.

Embora seus braços permanecessem cruzados, ele se endireitou na cadeira.

— Então? Por que você me trouxe de volta, Seraph? Você nunca gostou muito de mim. Você ainda não gosta muito de mim.

— Isso não é verdade — Tobias se intrometeu.

— Ah, vamos, Apa. — Adam revirou os olhos enquanto seu pai abria mais os dele.

E então ele piscou com força. Imaginei que, como meu pai, ele estava preocupado que Adam não o considerasse mais como tal, o que me pareceu irônico, considerando que esses dois homens arriscaram suas asas e corações por nós. Estes *três* homens e *uma* mulher.

— O Asher só gosta de agir como um grande e velho bruto — Tobias disse, franzindo o cenho —, mas ele é um molenga total.

— Molenga *total* — Ama e eu dissemos ao mesmo tempo, o que nos fez trocar um sorriso conspiratório.

Pensar que minha melhor amiga se tornou minha mãe… Reconhecidamente um pouco estranho, mas no grande esquema das coisas, ser

uma nephilim reencarnada ganhava.

— Eu trouxe você de volta porque roubei sua primeira chance de conseguir suas asas e queria corrigir meu erro.

A resposta do meu pai fez o sorriso sumir do meu rosto.

— Eu conheci você, Adam… bem, Jarod. Conheci o Jarod quando ele tinha oito anos. Eu era um ishim naquela época. Fui eu que encontrei você carregando uma faca ensanguentada nas mãos. A faca que parou o coração de sua mãe. O matricídio é um crime terrível, mas matar um anjo… bem, nosso mundo não perdoa isso. Eu classifiquei você como um triplo permanente naquele dia, mesmo que você não devesse estar no sistema de pecadores mortais já que você tinha sangue de anjo.

— Foi assim que a Leigh te encontrou. Ela decidiu te reformar. — Ama olhou para meu pai, cujos olhos não se desviaram dos de Adam.

— Quando ela percebeu que você foi julgado injustamente… — Os olhos de Apa ficaram úmidos. — Como você me odiou, *levsheh*.

Fiquei feliz por não me lembrar disso.

Ele respirou fundo, trêmulo.

— Você exigiu que eu levasse o caso de Jarod para os Sete e mudasse sua classificação permanente para uma não permanente, para que você pudesse reformá-lo. Então a alma dele teria a chance de se redimir.

— E você conseguiu?

— Eventualmente, sim. Mas isso não mudou o fato de que ele era um nephilim, e as almas nephilim não podem entrar em nosso mundo. É por isso que quando você ascendeu e descobriu que Jarod nunca se juntaria a você, me pediu para tirar suas asas prateadas.

Adam se mexeu novamente em sua cadeira.

— Eu tinha asas prateadas?

— Prateadas puras. E cabelo cor de pêssego, que você abominava — Ama disse com um sorriso melancólico. — Achamos que é por isso que suas asas brilham. Por causa de sua herança verity.

Tobias umedeceu os lábios.

— Nós não sabíamos que vocês teriam asas negras, mas quando Naya recebeu suas primeiras penas, nós nos preparamos para que você também tivesse, Adam. Lamentamos ter mentido para vocês, crianças, mas estávamos apenas tentando protegê-los.

Dei um sorriso a Tobias já que Adam estava chafurdando em auto aversão demais para mostrar sua gratidão.

— Você deveria ter me deixado apodrecer em paz, Seraph.

Seus pais ficaram mais pálidos do que o quartzo.

— Não diga isso! — protestei.

— Você perdeu suas asas. Duas vezes. Você as perdeu duas vezes!

— Eu escolhi ter minhas asas queimadas na primeira vez. Palavra-chave, *eu*, Adam. Não você. Eu. Quanto à segunda vez que você está se referindo, bem, isso não aconteceu. Perdi minhas *penas*, não os ossos das asas. E sabe de uma coisa? Não só vou recuperá-las, mas vou completá-las antes de você. — Levantei meu queixo, desafiando-o a me contradizer.

— Isso é um desafio?

Sem baixar o queixo, eu disse:

— Talvez.

A covinha, que estava ausente da bochecha de Adam, voltou. A visão fez meu coração bater tão rápido que temi que minha pele fosse explodir em brilho, o que seria todo tipo de vergonha na frente de nossos pais.

Por favor, não se ilumine. Por favor…

Me iluminei.

Porcaria, porcaria, porcaria.

Afundei na minha cadeira.

— Então, hum… quem são os pais da minha alma?

Ama sorriu. Tobias e Gabriel também. O único que não se divertiu com minha exibição pública de brilho foi meu pai. Nada divertido.

Adam finalmente descruzou os braços e segurou minha mão debaixo da mesa, e mesmo que não apagasse minha chama, aliviou meus nervos.

— Sofia e Rafael.

Lembrei-me deles… a bela verity com cabelos dourados e olhos verdes e seu marido, um verity puro com asas prateadas e cabelos cor de cobre. Eles nos visitaram algumas vezes ao longo da minha vida. Eles eram legais, mas distantes. Mas a maioria dos anjos eram assim, mas especialmente verities, já que passavam menos tempo com plumas.

Exceto os dois sentados à nossa mesa.

Apesar de todas as tentativas de meu pai de parecer distante, seu coração era meloso quando se tratava daqueles que amava. E bem, Tobias *era* meloso. Não apenas seu coração, mas todo ele.

Enquanto eu apertava a mão de Adam, me ocorreu que eu tinha morrido para estar com ele. Não era à toa que eu me apaixonei por ele tão rapidamente desta vez também. O garoto vivia dentro de mim. Dentro da minha alma.

O que me fez pensar…

— Somos almas gêmeas?

Meu pai engasgou com a saliva e começou a gaguejar.

— Almas gêmeas? — ele ofegou enquanto Tobias estendeu a mão e lhe deu um tapa nas costas.

— Apa, não finja que isso é uma invenção humana. Ama me disse que elas existiam.

— Celeste! — meu pai sibilou.

— Ah, por favor. — Minha mãe revirou os olhos. — De todos os segredos que nossa espécie guarda, esse é o mais bobo. Especialmente porque nossos filhos passam muito tempo se perguntando sobre isso. Honestamente, podemos dizer a verdade a eles. — Apa e Gabriel olharam para minha mãe como se ela tivesse acabado de desembrulhar o presente de outra pessoa. — Plumas são completamente capazes de se concentrar em suas asas *e* corações. Você me apoia, Tobias?

Tobias passou os dedos pelos cabelos escuros.

— Eu *ouvi* meus plumas discutirem isso longamente. O que não quer dizer que eles devam saber… de *tudo*. — Ele deu um olhar aguçado a minha mãe.

Olhei entre Ama, que estava contendo o sorriso com os dentes e Tobias, que estava passando a mão pelo cabelo mais algumas vezes.

— Bem, agora, vocês *têm* que nos dizer.

— De jeito nenhum — Apa falou.

— Você não quer que eu me concentre em minhas asas, Apa? — Felizmente, meu brilho havia desaparecido.

— Há! — Um sorriso irrompeu nos lábios de Ama, o que lhe rendeu um olhar carrancudo de Apa, que rendeu a *ele* outra revirada dramática de olhos.

— Você está me chantageando, *levsheh*? — ele perguntou lentamente.

— Estou. Quero dizer, agora é a hora, certo? Não é como se eu pudesse perder nenhuma pena por extorquir informações.

— E você alegou que ela era a doce? — Tobias fingiu estremecer. — Ela é implacável.

— A influência da Celeste.

Ama sorriu com orgulho, em seguida, estendeu a mão nas costas de Apa, e Tobias deu um tapa nela.

Adam apertou meus dedos.

— Quantos anos vocês têm? — ele perguntou, certificando-se de soar totalmente entediado.

— O quanto são *jovens* — Gabriel corrigiu com um sorriso tranquilo e uma piscadela.

Adam balançou a cabeça, mas sorriu de volta para seu pai. Eu queria engarrafar aquele sorriso e borrifá-lo sempre que seu temperamento o dominasse.

Apa recostou-se na cadeira e cruzou os braços, mas em vez de parecer rígido, ele finalmente parecia à vontade.

— Te digo uma coisa, Nayaleh, quando você chegar a quinhentas penas, eu mesmo te conto.

— Cem.

— Quatrocentas.

— Cem.

— Trezentas.

— Duzentas, e essa é minha oferta final. — Estendi a mão que não estava apertada na de Adam. — Negócio fechado?

Apa semicerrou os olhos na minha mão e, embora tenha demorado, ele se inclinou e a apertou.

— Eu vou te cobrar isso.

— Estou ciente, *levsheh*.

Três pardais mergulharam no refeitório e desenharam um oito sobre nossas cabeças, derramando suas belas árias, encantando esse estranho momento. Enquanto admirávamos o pequeno show deles, Tobias se levantou e foi buscar um bolo para nós. O *melhor* bolo do mundo feito com chocolate e geleia de damasco.

Posso ter roubado a fatia que ele colocou na frente de seu filho.

— Então, você assou a alma de Dov? — Adam perguntou abruptamente, mas achei que era necessário discutirmos o ishim traidor agora que terminamos de discutir nossa origem. — O que você está planejando fazer sobre Seraph Claire?

setenta e oito



naya

MEU PAI OLHOU para os pardais mergulhando ainda enchendo o refeitório com sua linda canção.

— A chave do canal de Claire foi retirada, assim como seu título.

— Por que ela queria que falhássemos, Apa? — perguntei.

— Porque se vocês dois conseguirem…

— *Assim* que vocês dois ascenderem — Tobias corrigiu meu pai.

A garganta do meu pai se moveu quando ele engoliu em seco. Supus que ele ficaria preocupado até que minhas penas selassem nos ossos das minhas asas.

— *Assim* que vocês dois ascenderem, a lei sobre salvar almas nephilims será ratificada, e ela se opõe firmemente a isso.

— Eve não sabia, certo, Ama? — Eu me senti como uma traidora por perguntar, mas melhor traidora do que tola.

Minha mãe balançou a cabeça.

— Não, Estrela, ela não sabia.

Baixei o garfo.

— Você vai expulsar Claire de Elysium?

— Não até que você ascenda. — Diante da minha carranca, Apa acrescentou: — Quero ficar de olho nela.

— Achei que você estava planejando ficar de olho em mim.

Meu pai apoiou os cotovelos em cada lado de sua fatia intocada de bolo e entrelaçou os dedos. E então ele sorriu.

— Eu quis dizer um olho metafórico em Claire. Confiei seus *cuidados* — pelo som de sua voz, eu entendi que ele queria dizer tortura — a meus colegas, para que você, pequena, tenha minha total e exclusiva atenção.

Um sorriso apareceu em meus lábios.

— Maravilha.

Tobias puxou o prato de Apa até ele e Gabriel.

— Você também pode conhecer seu futuro genro.

— Tobias. — Meu pai enunciou cada letra no nome de seu amigo, enquanto minha mãe inclinou a cabeça para trás e riu, o que fez Tobias rir também.

Ao passo que eu me tornei um poço de nervos superaquecido, Adam permaneceu notavelmente calmo. Ele até sorriu.

— Você está feliz com isso? — sibilei para ele.

— Estou feliz que alguém vai garantir que você vá ganhar suas penas, já que obviamente não sou uma boa influência.

— Não diga isso.

Seu sorriso suavizou.

— Mas é verdade. — Ele apertou minha mão. — Antes de todos nos dispersarmos, Seraph, eu gostaria de discutir o que fizemos e por que fizemos isso.

Era melhor ele estar falando sobre shorhim, porque eu não ia discutir minha vida privada com nossos pais.

— Estávamos mal orientados, mas protegendo os humanos… tocamos tantas vidas. Salvamos tantos inocentes.

Meu pai parecia ficar mais ereto na cadeira.

— Tudo o que vocês fizeram foi alterar as linhas do tempo.

Os lábios de Adam se apertaram.

— Não foi tudo o que fizemos. Paramos homens maus, Apa! Nós desenraizamos o mal. Da mesma forma que você acabou de queimar a alma de Dov e… — Ele não tinha matado Claire ainda, mas pôs fim ao seu reinado de terror.

Pensar que uma vez acreditei que anjos eram superiores aos humanos…

— *Levsheh*, não estou depreciando o que vocês, crianças, fizeram. Eu acho… bem, acho que poderia ter sido melhor pensado — ele olhou para o espaço sobre meus ombros onde minhas penas pretas costumavam estar, onde elas estariam novamente em breve —, mas seus corações estavam no lugar certo. E embora eu sempre encoraje você a ajudar alguém em necessidade, até que você ganhe suas asas, não quero que se desvie. Quando você ascender, quando *ambos* ascenderem, colocarei uma facção shorhim em votação. Isso parece justo?

Parecia.

— E quanto a…? — Os olhos de Ama se encheram daquele fogo que ela tinha muito antes de receber o fogo angelical de verdade.

— Eu não vou gostar disso, não é?

— É uma ideia fantástica. — Ela sorria tão animada quanto Lyla toda vez que via Nitznootz, e meu coração vibrou de ciúmes, porque minha irmã era a carne, o sangue e a alma de Celeste e Asher, e eu não.

Minha carne e meu sangue pertenciam a dois mortais que nunca conheci, e minha alma a dois ascendidos que *havia* conhecido, mas por quem eu não sentia

muita coisa. O que, pensando bem, era estranho. Minha alma não deveria tê-los reconhecido?

Talvez Leigh não tivesse amado seus pais como eu… como eu amava os meus.

Meu ciúme afundou ao perceber que Celeste e Asher eram os únicos que sempre estiveram ao meu lado. Que beijaram minhas lágrimas e perseguiram os monstros debaixo do meu berço. Que seguraram minha mão, brincaram comigo e leram histórias. Foram eles que me amaram incondicionalmente. Em todos os aspectos que importavam, eles eram meus pais.

Voltei a me concentrar no que Ama estava dizendo, com covinhas aparecendo em suas bochechas.

— Já está na hora de alterarmos o sistema de pontuação.

— Celeste…

Ela pressionou o dedo nos lábios de Apa.

— Sem falar até eu terminar. O sistema é arcaico. Você mesmo disse.

Os olhos de Apa se arregalaram como se ela o estivesse sufocando com aquele único dedo.

— E honestamente, querido, isso não é um grande pedido — ela continuou. — Acho que vocês Sete.. Seis… precisam corrigir o sistema de pontuação para que, mesmo quando nossas crianças se vincularem a pecadores, possam ganhar penas por pequenos atos de bondade, e em vez de apenas uma pena, como ganham quando não estão vinculados a ninguém, eles deveriam ganhar tipo, dez.

— Dez? — Apa parecia balançar para trás em sua cadeira. — Por que não cinquenta já que você está sugerindo?

— Claro. — Ama continuou sorrindo, mesmo sabendo que meu pai havia jogado o número de forma irônica.

— Sabe, Asher, eu concordo com a Celeste. — Tobias assentiu com entusiasmo. — Acho que cinquenta pode ser um pouco demais, mas dez parece razoável.

— É claro que você concorda com a Celeste. Vocês dois estão sempre conspirando contra mim.

— Não contra você, *aheevaleh*. — Ama apertou sua bochecha. — *Por* você.

Meu pai emitiu um grunhido que não era muito angelical.

— A maioria dos pecadores que os plumas reformam não vale dez penas.

— Certo, tudo bem. Cinco, então. — Ama fez um grande show de conceder.

Olhei para Adam, encontrei sua covinha pressionada profundamente.

Quando ele me pegou olhando para ele, passou o polegar sobre meus dedos e se inclinou.

— Eles são muito divertidos quando estão juntos, não são?

— São mesmo. — Apoiei a cabeça no ombro de Adam e olhei com adoração para os adultos que estavam brigando como crianças em idade escolar. — A eternidade com eles será muito divertida.

Adam sorriu e beijou minha têmpora, marcando a curva de sua boca em mais uma parte do meu corpo.

— A eternidade com você, Pluma.

— Qual é a próxima? Abolir a regra sobre palavrões que custam penas? — Apa jogou uma grande mão no ar.

Passei meu braço em volta da cintura de Adam e suspirei em total felicidade.

— Alguma chance de você fazer isso acontecer? — Ama perguntou ao meu pai, que ficou um pouco mais vermelho.

— Seria conveniente para o nosso filho. — O olhar de Gabriel em Adam era tão leve quanto uma carícia.

Isso fez a atenção do meu pai voltar para nós. Ele não sorriu, apenas suspirou em resignação. Ele teve dezoito anos para se preparar para o meu encontro com Adam, mas aparentemente, dezoito anos não foram tempo suficiente.

Eu murmurei *Ni aheeva ta*, o que fez seu temperamento murchar como um suflê, cujo vapor doce se enrolou em torno de nós, inexplicavelmente transportando um nome em minha mente – *Mimi*.

Ama havia mencionado que Muriel Moreau era uma confeiteira apaixonada. Ela tinha feito suflês para mim na minha vida passada?

— Vou ver o que posso fazer — meu pai finalmente disse.

Adam puxou sua cadeira para trás e me ajudou a me levantar.

— Voltaremos em breve.

— Aonde vocês estão indo? — Apa perguntou.

— Vou levar a Naya para dar uma volta pela associação — Adam gritou.

— Melhor não ser uma volta pelo quarto dele. — Ouvi Apa resmungar, o que elevou minha temperatura interna para uns sufocantes trezentos graus mais ou menos. — Você tem quinze minutos, *Kalkohav*, ou eu…

— Aqui. Coma um bolo. — Pouco antes de virar o corredor, peguei Tobias enchendo a boca de meu pai com um pedaço de *shachertorte*. — Dê uma folga

aos nossos pobres filhos.

Ama riu enquanto Apa tentava formar palavras com a boca melada de geleia e chocolate. Tobias piscou enquanto Gabriel balançava a cabeça para as travessuras de seu marido.

— Eu amo seus pais — falei enquanto corríamos pelos corredores brancos da casa de infância de Adam.

— Talvez eles sejam suas almas gêmeas também. — Seu tom era tão brilhante quanto o céu acima de nós.

Sorri quando viramos uma esquina, e ele me girou, de modo que minhas costas estavam apoiada no quartzo.

— Contanto que você me ame mais.

— Eu morri por você, Adam.

Ele levou minha mão à boca.

— Não, você morreu por Jarod. — Ele deu um beijo em meus dedos, então virou minha mão e, contra minha palma, ele sussurrou: — Você vai viver por mim.

setenta e nove



naya

DEPOIS QUE SAÍMOS de Viena e que deixamos Ama em Nova York, meu pai me encaminhou para a sala de classificação, mas segurei a mão dele e pedi mais uma viagem antes de ir trabalhar, e ele me atendeu a contragosto.

Foi assim que acabei na associação que mudou minha vida para sempre.

— Para onde vamos, Estrela? Para o seu pardieiro para pegar sua mala?

Minha mala infelizmente estava na mansão Dunmore, no fundo do pântano deles, ou naquele armário que eles disponibilizavam para os hóspedes.

— Eu não vim buscar minhas roupas.

— Então por que você voltou aqui?

Estendi os braços quando alcançamos o pavimento salpicado de chuva além da porta azul centáurea.

— Para visitar uma amiga.

Ele franziu o cenho.

— Qual delas? Você tem muitas agora.

— Isso é humor que eu detecto, Apa*?*

Ele sorriu, e isso corrigiu alguns dos sulcos que se formaram em sua testa desde que ele me encontrou na Venezuela.

— Então, para onde, Estrela?

— O hospital.

Suas sobrancelhas sobressaltaram, claramente não esperando que *esse* fosse meu destino.

— Qual deles? Existem muitos.

Dei a ele o nome do hospital para o qual Emmy foi levada de avião ontem, depois que seus pais foram buscá-la no hospital de Caracas. Pablo não tinha feito muitas coisas certas em sua curta vida, mas pelo menos, manteve essa promessa para mim.

— Como você sabia onde ela estaria? — Apa perguntou, quando pousamos em frente à imponente estrutura moderna.

— Eu verifiquei o holo-classificador. Indicou este hospital. Imagino que ela ficará aqui por um tempo se está aparecendo como sua residência.

Meu pai não tirou a poeira enquanto atravessávamos os corredores movimentados, passando por leitos de hospital barulhentos e enfermeiras

correndo para o quarto 303.

— Você quer que eu fique fora de vista?

— Depende de você, Apa. Estou visível?

Ele assentiu.

Bati na porta antes de abri-la.

Emmy virou a cabeça envolta em gaze. Quando seus olhos pousaram nos meus, seus cílios tremularam.

— Naya? — Sua voz era tão fraca quanto o céu além da janela solitária de seu pequeno quarto privado. — Você está viva?

— Estou.

Olhei por cima do ombro para ver se Apa me seguiria, mas ele balançou a cabeça.

Voltei a atenção para a garota que parecia ter entrado em um ringue com dois lutadores de peso pesado.

— Como você está se sentindo?

— Como se eu tivesse levado um tiro na cabeça. — Sua voz falhou, e seus lábios se apertaram. — O que aconteceu, Naya? O que aconteceu conosco?

Me aproximei da sua cama.

— Ficamos presas entre dois homens que valorizavam suas vidas sobre as nossas.

— O que estou perguntando é… o que estou perguntando é por que isso aconteceu com a *gente*? Com o Grayson? Como ninguém viu o que estava acontecendo? Como é que ninguém tentou detê-los?

Tentamos detê-los e, de certa forma, conseguimos. Mesmo que Emmy não visse nossa missão como um sucesso, mesmo que eu também não devesse, considerando tudo o que perdi, cumprimos o que fomos fazer na Venezuela: paramos um ato de terrorismo e salvamos as Garotas Circle.

Exceto Natasha…

A mão de Emmy tremeu, farfalhando o lençol envolvendo seu corpo. Eu a segurei e apertei.

— Sinto muito pelo Grayson. — Eu queria dizer que ele estava em um lugar melhor, mas não o fiz, porque dizer a ela que ele estava em um lugar melhor não o traria de volta.

— Se eu nunca tivesse recebido aquele e-mail. — Uma lágrima deslizou por sua bochecha.

Verdade. Foi assim que ela se envolveu com as Garotas Circle, por um convite anônimo. Claire ou Dov deviam ter enviado para ela para atrair Adam.

Ou foi para me atrair? Isso importava?

O que estava feito estava feito, e mesmo tendo vencido o primeiro round, eles perderam o último. Meus ossos das asas podiam estar nus, mas eu ainda tinha uma alma e um corpo, ao contrário de Dov, e amor e apoio aos montes, ao contrário de Claire.

— Sinto muito. Por dizer a eles que não te conhecia e por roubar sua jaqueta. — Mais lágrimas escorreram.

— Você está perdoada, Emmy. — Apertei a mão dela. — Mas eu gostaria que você me fizesse uma promessa.

— Qualquer coisa.

— Viva sua vida de uma maneira que deixaria o Grayson orgulhoso, certo?

Ela fungou.

— Todo esse choro está fazendo meu cérebro doer.

— Então chega de lágrimas. — Me inclinei sobre ela e beijei sua bochecha salgada. — Só sorrisos a partir de agora.

— Isso faz meu rosto doer.

Eu sorri. Sempre tão dramática.

— Como estão seus pais?

— Estão muito bravos — ela soltou um soluço — e tristes pra caralho.

Com o tempo, sua raiva diminuiria e a dor também. Os humanos eram fortes assim, mais fortes do que eu tinha sido na minha vida anterior.

Coloquei sua mão de volta em seu abdômen.

— Você precisa de um lugar para ficar? Porque não aluguei o apartamento. Em caso…

— Vou fazer algumas viagens.

— Posso te ligar?

— Não tenho mais telefone. — Mas mesmo se eu tivesse um, não a teria encorajado a ligar. Não tanto porque eu tinha ciúmes de seu relacionamento passado com Adam, mas porque eu não estava procurando por uma amiga humana. Mentir era muito cansativo. Caminhei até a porta. — Torne o mundo um lugar melhor. E mais bonito. Você é tão talentosa em decoração de interiores. Não desperdice isso.

Ela secou as lágrimas de seu rosto enquanto eu saía de seu quarto e saía de sua vida.

Apa devia ter acabado de terminar uma ligação, porque enfiou o telefone no bolso de trás da calça de camurça.

— Como ela está?

— Com dor, mas viva.

— Graças a você, *Kalkohav*. Seu anjo da guarda. — Seu tom era leve, mas não provocador.

— Anjos. Plural. Não só eu. E talvez. Ou talvez tenha sido apenas sorte. — Olhei por cima do ombro para a garota que voltara a olhar para o céu.

— Me dê um segundo. — Ele deu um passo em direção a ela e colocou a palma da mão em sua cabeça.

Como ela não gritou quando as chamas lamberam a gaze, imaginei que Apa se manteve escondido.

Quando ele terminou, se voltou para mim.

— Eles vão chamar sua cura de milagre.

— Tocada por um anjo — murmurei quando Emmy estendeu a mão e tocou sua testa, um franzido aparecendo entre suas sobrancelhas. — Gostaria que você pudesse fazer mais milagres acontecerem.

O braço do meu pai envolveu meus ombros, mas tão repentinamente quanto pousou, foi afastado.

— O que foi?

Ele olhou para minhas costas. Em choque e depois em total alegria.

— Minha maravilhosa e querida filha.

Ergui os cílios enquanto eu inclinava o braço para alcançar minha coluna.

— Elas voltaram?

Os olhos de Apa brilharam como se ele estivesse prestes a chorar.

— Voltaram.

— Ainda são pretas?

Ele soltou uma bufada suave.

— Você estava esperando que crescessem em alguma outra cor? O que você queria quando era criança?

— Asas de arco-íris. E não, não gostaria que elas fossem de outra cor além do jeito que eram. Do jeito que você me fez.

Eu não tinha vergonha da minha história. Talvez devesse ter. Afinal, eu tinha sido uma nephilim, a ovelha desgarrada da nossa raça. Ainda era, imaginava. Mas eu escolhi ver minhas asas, não como prova de ter caído, mas como prova de ter me elevado.

Depois de acariciar as penas que cresceram, as fiz desaparecer e passei o braço do meu pai em volta dos meus ombros. Enquanto refazíamos nossos passos até a saída do hospital, perguntei:

— Me diga uma coisa, quando você decidiu me criar como sua filha, você

imaginou que me amaria?

Sua respiração pesada agitou uma mecha do meu cabelo.

— Imaginei te proteger e atender as suas necessidades, mas não previ como você envolveria minha alma em seu dedo mindinho.

— Então nos *tornamos* almas gêmeas… — comentei.

Embora ele não tenha interrompido o passo, senti sua cabeça balançar de um lado para o outro.

Tentei novamente.

— Como você tinha tanta certeza de que eu reconheceria Adam?

— *Motasheh*, o que foi que negociamos? Trezentas penas?

— Duzentas. Mas boa tentativa.

— Sua também.

Eu sorri para ele e, eventualmente, ele retribuiu meu sorriso e o usou de uma associação para outra. Quando desembarcamos em Nova York, nosso primeiro destino foi a sala de classificação.

Sentei-me na frente de um holo-classificador e pressionei a palma contra o painel de vidro.

— Com quem vou me vincular.

Ele olhou para minha mão quase um minuto inteiro antes de falar um nome que prendeu o ar em meus pulmões.

— Calliope Underwood? — Eu repeti, toda ofegante, me perguntando se era uma coincidência.

— Ouvi dizer que ela precisa de alguém para socorrer sua alma.

Meu coração parou. Bateu. Parou.

— De onde você ouviu isso?

— Outra amiga sua.

— Que enigmático. — Antes que ele pudesse mudar de ideia, tracei o nome dela no vidro, e a garota que Galina me contou tudo a respeito se materializou em 3D diante de mim. Pressionei minha palma contra o vidro, entrelaçando nossos destinos. — Acho que você sabe o que ela fez?

— Estou a par de tudo

— E você está realmente bem comigo ajudando uma Triplo?

— Nem todos os Triplos merecem suas pontuações. Agora, vá para o seu quarto. Sua mãe deixou algo para você.

Arqueei uma sobrancelha.

— Roupas novas?

— Vai. — Ele me deu um empurrãozinho. — Vou esperar por você na ala

infantil.

Eu me virei, andando para trás.

— Devo fazer uma mala?

— Uma muda de roupa e seus produtos de higiene pessoal. Você não vai sair das associações desta vez, então viajar para o seu armário será fácil.

Quando abri a porta do quarto, um suspiro saiu dos meus lábios. Lá, andando de um lado para o outro no piso de quartzo, cabelos brancos enrolados em um coque alto com uma fita rosa, estava a garota que eu sempre considerei como uma irmã.

— Raven?

— Ah, meus anjos, Naya! — Ela saltou em minha direção e jogou os braços em volta do meu corpo rígido. — Senti tanto sua falta.

— É? — Meu tom era tão rígido quanto minha postura. — Tanto que você não me ligou quando desceu para conhecer Nitznootz?

Ela me empurrou para longe, seus olhos, a cor das ondas congeladas.

— Não consegui ligar para você.

— Por quê? Você perdeu meu número?

— Não. — Ela enxugou as lágrimas de suas bochechas pálidas. — Você sabe como eu sou com segredos.

— Você os odeia.

— Odeio mesmo.

— Ainda não entendo o que isso tem a ver com você quebrar sua promessa. Você nem ligou.

— Querida, eu estava com muito medo de revelar o segredo dos seus pais.

— É por isso que você não me procurou?

— Quando eu soube o que você era, Naya… — Ela apertou os lábios.

— Você ficou com nojo?

— Não. Nunca. Fiquei chocada, isso é certo. Mas nunca com nojo. — Ela entrelaçou os dedos nos meus, e isso me lembrou tanto do dia em que suas penas azuis claras se prenderam aos ossos de suas asas que meu coração deu um baque triste.

Eu perdi minha melhor amiga naquele dia. Minha irmã mais velha. Minha ajudante. Minha confidente.

— No minuto em que peguei minha chave, desci, pronta para te ligar, mas então encontrei Lyla, e isso me lembrou muito a idade que você tinha quando nos tornamos amigas, e eu… engasguei. Eu tinha tanta certeza de que faria ou diria algo que arruinaria tudo que corri de volta. — Seus lábios se apertaram,

tentando formar um sorriso que não durou nem um segundo. — Me desculpe por ser tão covarde.

Fechei meus dedos ao redor dos dela.

— Você não é covarde. Eu provavelmente teria feito o mesmo.

Ela fungou, seu olhar molhado disparando para meus ombros.

— Ouviu falar sobre a morte da minha penugem? — Imaginei que não houvesse um anjo na Terra, em Elysium ou em Abaddon que não tivesse ouvido falar do fracasso épico da filha do arcanjo.

— Eu sempre odiei aquela mulher, mas agora… que os anjos me ajudem quando eu receber meu fogo angelical.

Eu não queria discutir Claire. Queria discutir Raven, Elysium e todos os nossos meses separadas.

— Não tenho muito tempo. Apa está esperando por mim. Ele me mandou fazer as malas e pegar algo que Ama…

— Ele se referia a mim. Sua mãe foi me buscar.

Meus olhos desviaram do quarto que eu estava procurando por uma pilha de roupas novas, ou possivelmente, um telefone celular.

— Ele sabe que você está aqui?

— Sabe. Ele me disse que eu não poderia te manter aqui por muito tempo, mas mencionou que você ficaria dentro das associações. Então, festa do pijama amanhã à noite em Chicago?

— Sim. Com certeza! — Eu a sufoquei com um abraço, e ela me sufocou de volta.

Enquanto eu fazia as malas, ela me regalou com histórias sobre a terra dos anjos, e eu contei a ela tudo sobre Adam e a missão de anjo da guarda.

Tínhamos chegado apenas à ponta do iceberg quando chegamos à ala infantil, mas teríamos amanhã, e todos os dias depois disso. Depois de um abraço longo, mas sem lágrimas, Raven sentou-se com Lyla e Nitznootz, enquanto Apa e eu partimos para minha próxima missão.

Chegamos em Chicago assim que um amanhecer coral infundiu o céu azul claro. Estendi os braços para uma carona, mas Apa inclinou a cabeça para o lado.

— Permiti que outra pessoa te levasse para o seu destino, mas estarei voando bem acima de você, Estrela.

Virei minha cabeça em direção à rua, encontrando Adam encostado na motocicleta estacionada. Apesar da minha pele não se iluminar, meu coração se iluminou totalmente.

— Adam está reformando o avô de Calliope, então ele está indo para o mesmo lugar que você.

— Você está nos deixando… você está… — gritei e enganchei meus braços em volta do pescoço do meu pai para puxá-lo para um abraço. — *Obrigada, obrigada, obrigada.* — Dei um beijo em suas bochechas, então o soltei e saltitei em direção a Adam.

Mas aí pensei que saltitar era um pouco infantil, então eu rebolei.

A covinha de Adam cresceu enquanto eu me aproximava dele. Pouco antes de alcançá-lo, fiz minhas penas aparecerem e girei.

Quando girei de volta, sua covinha tinha desaparecido, e seus olhos brilhavam como os novos crescimentos nas minhas costas.

— Já?

— Temos uma aposta em andamento. — Pisquei para ele, o que fez seus lábios se abrirem em uma risada. — A propósito, eu dirijo.

— É mesmo? — Ele se afastou do quadro preto da moto e, embora olhasse por cima do meu ombro para nossa plateia, ele inclinou a cabeça sobre a minha e roubou um beijo. Mas será que era roubar quando todos os meus beijos pertenciam a ele? — Estou muito orgulhoso de você, Pluma.

Mesmo que eu não tivesse ido ver Emmy para ganho pessoal, eu estava muito orgulhosa de mim também. Nove penas. Raven as havia contado.

— Então, como você conseguiu nos atribuir ao avô e à neta?

— Levantei alguns argumentos convincentes, insistindo no ganho fácil de cem penas.

— Fácil, é?

— Calliope tem uma boa alma.

— Pensando bem, por que não voo com vocês dois? Vai nos poupar tempo. — Apa pairava a um andar de altura, as grandes asas com pontas cor de cobre brilhando como as argolas na orelha de Galina.

— Não sabia que você estava contando as horas, Apa.

— Você tem mil penas para ganhar, garotinha.

— Novecentos e noventa e uma. E cinco anos inteiros à minha frente.

— Eu imploro a você, Estrela, pelo bem do meu coração, não banque a Celeste.

Eu ri.

— Prometo que não vou esperar até o último minuto.

Embora Apa não tenha rido, seus olhos brilhavam como suas asas, porque sua súplica o havia convenientemente lembrado de que cinco anos era tempo

suficiente para ter sucesso.

Se Claire tivesse esperado…

Não. Não pense nisso.

— Pronto para salvar algumas almas, Adam?

— Quando você estiver, Pluma.

Passei a perna sobre a estrutura quente e segurei o guidão enquanto ele subia atrás de mim. Quando seus braços enlaçaram meu torso e as palmas de suas mãos se apoiaram em minhas costelas, provocando pequenas pulsações em todos os lugares, perguntei:

— Então, como isso funciona?

— Você tem que girar…

Eu me afastei do meio-fio com um cantar de pneus.

Adam afastou cabelo para trazer sua boca ao meu ouvido.

— Devagar.

Eu aliviei meu aperto, e a moto balançou até parar.

— Não tanto. — Havia um toque de humor em seu tom. — Estou começando a pensar que você tem apenas duas velocidades: rápido e pare.

Minha garganta e mandíbula esquentaram, já que, conhecendo-o, ele estava se referindo à nossa primeira vez.

— Desde quando você dirige motocicletas, *Kalkohav*? — Apa gritou, a voz demonstrando nervosismo.

Embora estivéssemos parados no meio da rua, estiquei a cabeça para dizer:

— Desde agora.

— Elysium me dê forças — eu o ouvi murmurar.

— Que tal tentarmos de novo? — Adam cobriu minhas mãos com as dele e controlou a moto, que ronronou e disparou suavemente pela pista.

Mãos, respirações e batimentos cardíacos entrelaçados, corpos tão próximos que eram quase um, Adam e eu partimos em nossa viagem para a redenção.

oitenta

quatro anos depois



adam

FATO ANGÉLICO #100:
Ter asas não torna ninguém nobre, simplesmente faz alguém voar.

ELA ABOTOOU uma jaqueta leve sobre um uniforme hospitalar azul-marinho que se esticou em torno de seu abdômen. Medo, fadiga e pavor aprofundaram as linhas ao redor de seus olhos verdes cansados e lábios franzidos. Seu chefe queria colocá-la em licença-maternidade, mas pelas fofocas do bebedouro que ouvi na enfermaria pediátrica, Aicha Bennani recusou.

Esta era sua primeira gravidez desde que me teve, o bebê cujo cordão umbilical estava enrolado com muita força e por muito tempo em volta do pescoço.

Foi a primeira vez que a curiosidade me levou para perto de Aicha, mesmo não sendo minha primeira viagem a Paris. Depois que Naya ganhou suas quinhentas penas, ela e eu decidimos fazer uma pausa muito necessária. Embora tivéssemos discutido destinos tropicais, escolhemos um que era tudo menos isso – Paris.

Eu tinha reservado um hotel chique que tinha consumido o valor de um ano inteiro da minha mesada, mas caramba se não valeu cada centavo. Deu-nos a privacidade que tão raramente tínhamos e um santuário para onde retornar depois de andar por ruas cobertas de neve, acrescentando nossas pegadas às que Jarod e Leigh haviam deixado para trás vinte e dois anos antes. Até hoje, o conhecimento de que eu tinha sido outro homem, ainda mais um chefe da máfia, era chocante. Obviamente, era melhor descobrir que eu era algum funcionário social de colete amarelo, mas ainda assim… líder da depenada máfia.

Após a grande revelação de nossos pais, pesquisei sobre Jarod Adler. Tinha até encontrado uma foto dele e Leigh na ópera. Aparentemente, a única deles juntos. Eu observei os dois estranhos, com o olhar preso aos brincos de esmeralda nos lóbulos do anjo de cabelos cor de pêssego. A consciência de que eles significavam algo para mim era esmagadora, mas mais ainda, era a ciência de que eu não conseguia lembrar o quê.

Eu não estava com raiva de Asher por limpar minha alma da minha vida passada. Entendia que ele não teve escolha, mas às vezes, eu desejava poder

localizar um fragmento do homem que fui e da mulher que amei.

Naya me pegou olhando para a foto da ópera, e seu olhar, como o meu, ficou preso nos brincos.

— *Você me deu isso*. — Ela se lembrava muito e eu, muito pouco. Quando ela esfregou o peito, a memória aparentemente causando tristeza, eu a puxei para o meu colo e coloquei meus braços ao redor de sua cintura para lembrá-la de que existíamos.

Durante essa mesma viagem, visitamos minha antiga casa na *Place des Vosges*, uma residência que era conhecida como a Corte do Demônio, mas que foi convertida por Mimi em um refúgio para crianças carentes.

De mãos dadas, Naya e eu ficamos na frente das portas carmesim. Quando ela sugeriu bater, segurei sua mão e a apertei, sem estar pronto para vagar pelo teatro do meu passado e descer pelas alas escuras onde derramei sangue e tive o meu derramado por sua vez. Mas uma adolescente saiu neste momento, e eu vislumbrei uma estátua coberta de neve no coração de um pátio de paralelepípedos.

Minha respiração cortou meus pulmões, e minha pele se arrepiou. Puxei Naya para longe e segui um caminho longe daquela mulher de pedra. Embora Naya tenha tentado arrancar palavras de mim durante nossa caminhada de uma hora de volta ao hotel, eu não consegui falar. Mal conseguia respirar.

Passamos o resto da viagem enrolados entre lençóis de seda ou provando iguarias de padarias parisienses. No final de nossa peregrinação, Boone, Levi, Galina e Noah pararam para nos ver. Nós seis nos encontrávamos com frequência, então a visita deles não foi uma surpresa. O que tinha sido, porém, foi a notícia da ascensão iminente de Galina.

Com os olhos marejados, nós a abraçamos, fazendo-a jurar que voltaria assim que conseguisse a chave do canal.

Um ano depois, Noah e Boone se juntaram a Galina na terra dos anjos.

Embora perder Galina tenha sido difícil, dizer adeus a Noah tinha rasgado meu coração *depenado*.

E agora, um ano depois, era quase a nossa vez.

— *Ton sac! Balances ton sac*! — *Sua bolsa! Entregue sua bolsa!* Uma vespa vermelha parou ao lado de Aicha, que havia tomado seu assento habitual sob o ponto do ônibus que a levava para seu apartamento de dois quartos em um *arrondissement* vizinho. — Eu disse, me dê a porra da sua bolsa!

O puxão nos ombros de Aicha me fez saltar da moto que estacionei na escuridão.

Quando o garoto com máscara de esqui brandiu uma faca e pulou, eu atravessei a estrada. O motorista me viu pelos olhos de sua própria máscara e gritou para o amigo se apressar, mas eu já estava em cima dele.

Chutei a moto, fazendo o furico cair. Com a raiva atingindo minhas têmporas, fui em cima de seu amigo, que se virou e veio até mim com a faca de carne. Agarrei seu pulso e torci com tanta força que seus ossos racharam em vários lugares.

Ele gritou.

A faca caiu.

Chutei-a para longe enquanto punhos golpearam meus rins, tirando o ar dos meus pulmões.

— *Kaskaseem tobahat* — grunhi, apertando a garganta do idiota que chorava, girei, depois peguei um punhado da camisa Vuitton falsa de Muhammad Ali e bati as cabeças de um contra o outro com tanta força que eles gritaram. Antes que o sangue jorrando de seus narizes pudesse sujar meus tênis novinhos em folha, empurrei os dois para o chão.

— Eu c-chamei a p-polícia. — Aicha apoiou uma mão protetora em seu abdômen enquanto a outra tremia com tanta força ao redor do telefone que seu cotovelo balançava para cima e para baixo. — *Merci.*

Ela era alta, mais alta do que eu imaginava pela distância que mantive. No entanto, eu era bem mais alto do que ela. Naya costumava brincar que eu só pararia de crescer quando minhas asas estivessem completas. Acho que veríamos uma vez que minha alma-metade ganhasse as trinta e duas penas restantes… eu estava esperando por ela antes de ganhar as minhas três que faltavam.

Aicha não piscou uma vez desde que me virei para ela. Eu também não tinha.

— Nós…? Nós nos conhecemos? — Uma ruga amassava o espaço sobre um nariz que tinha a mesma topografia irregular que a minha. E eu que pensei que tinha conseguido o nódulo de muitas lutas.

— Não. — Meus aplausos soaram, mas não enfiei a mão no bolso, hipnotizado pela estranha que ocupava meus pensamentos com frequência desde que vi seu rosto em nossa TV em Chicago.

— Quem é você? — Seus olhos, do mesmo verde frondoso que os meus, brilhavam na luz amarela que iluminava o ponto de ônibus.

— *Personne*. — *Ninguém.* Quando as sirenes da polícia soaram, minhas asas se abriram e dei um passo para trás.

Suas sobrancelhas escuras se curvaram. Arquearam. Franziram.

— Você pode ficar até a polícia chegar aqui, *personne*?

Se eu o fizesse, eles me questionariam.

— Vê aquela moto? — Movi o polegar em direção à minha moto. — Estarei lá e não sairei até que eles apareçam.

— A polícia vai se perguntar como eu derrubei aqueles garotos. O que eu digo a eles?

As sirenes soaram mais alto.

— Diga que algum transeunte a ajudou, mas não me aponte. — Quando me virei, um dos caras rastejou, ficando de quatro. Cravei meu pé em sua espinha, achatando-o contra o asfalto. Ele grunhiu como o porco humano que era e se acomodou ao lado de seu amigo silencioso e imóvel.

Sua expressão se distorceu tão de repente que me preocupei que tinha a ver com o bebê. Mas então ela murmurou:

— Chicago. — Seus dedos se espalharam mais amplamente por seu abdômen. — É por isso que você me parece familiar. Você é o garoto…

— Desculpe, mas eu não tenho ideia do que você está falando. — Se a mentira me custou uma pena, não senti. A única coisa que senti foram as batidas rápidas do meu coração e a brisa de outubro passando pelas minhas penas. — Se cuide, senhora.

Corri de volta para a moto, passei as pernas sobre o assento e apertei o guidão, assim que meu telefone tocou novamente. Não o ouvi sobre as sirenes de estourar os ouvidos, tanto quanto senti ele vibrar contra minha coxa.

Aicha ainda estava me observando, as luzes girando em cima dos carros da polícia pintando o branco de seus olhos e as mechas prateadas de seu cabelo preto de azul.

Dois policiais saíram, cortando minha visão da mulher que me presenteou com este corpo enquanto tudo que dei a ela foi mágoa e agora confusão. Antes que os policiais pudessem me localizar, liguei o motor e saí no escuro.

Quando, alguns minutos depois, meu telefone formigou em minha perna *outra vez*, desviei para o meio-fio e desliguei o motor. Meu coração, que estava batendo punitivamente desde que eu rompi a distância entre mim e Aicha, saiu do ritmo quando percebi que todas as três ligações tinham vindo de Apa.

Engolindo em seco, apertei o rediscar. A calçada encharcada pela noite desapareceu, e Naya apareceu, ajoelhada em suas penas brilhantes. Seu vestido era preto em vez de azul, suas lágrimas vermelhas em vez de transparentes, mas os ossos de suas asas estavam como antes: sem penas.

Pisquei a visão assombrosa. Não havia motivo para eu me preocupar. Ela

tinha sete meses restantes e apenas trinta e duas penas para ganhar. O pecador a quem ela se vinculou valia trinta e sete.

Ela completaria suas asas logo.

Ela ficaria bem.

No segundo em que Apa atendeu, minha voz soou rouca pela minha garganta.

— O que há de errado? É a Naya?

— Adam. — Meu pai parecia emocionado. — *Vehnleh*.

Sentindo as costelas doendo, eu gaguejei:

— O que aconteceu?

Anjos, por favor, que não seja Naya. Por favor, por favor, por favor…

— Estamos muito orgulhosos.

— Orgulhosos demais — a voz de Papa Gabriel ecoou sobre a de Apa.

Hum?

— De?

— Você! — meus pais disseram juntos.

Apertando a ponte do meu nariz, soltei uma exalação gigantesca.

— O que eu fiz que deixou vocês dois assim… entusiasmados?

— Você… — Apa começou, mas Papa o interrompeu com um alto — Terminou!

— Com o quê?

Papai riu.

— Suas asas, Adamleh.

Meu pescoço estalou com a rapidez com que meu olhar zuniu para as asas que adornavam a parte de trás da minha jaqueta de couro. Tentei afastá-las com magia, mas minhas penas cor de piche não desapareceram.

Caraaaaaalho.

Meeerda.

Nenhum pontada quente de dor.

Nenhuma pena caída.

Como? Eu não tinha me vinculado a ninguém. Eu estava esperando que Naya me alcançasse e…

Aicha!

Os capangas.

O decreto que Asher havia aprovado após o desastre na Venezuela: cinco penas para cada vida salva.

Apertei minhas têmporas e as massageei enquanto meus pais me

lembravam que eu tinha vinte e quatro horas para ascender, mas eles esperavam que eu voltasse em vinte, vinte e duas no máximo.

Eu não estava pronto, mas prometi que estaria lá, então desliguei e liguei para Naya.

Ela atendeu após o primeiro toque.

— Estou voltando para…

— Você terminou? — grunhi.

— O hotel. Com o quê?

— Com sua missão. Você terminou?

— Ainda não. Provavelmente vou precisar de mais uma semana ou… — Sua voz sumiu, então explodiu contra meu tímpano pulsante. — Por quê?

— Você pode terminar esta noite?

— Não, Adam. O que está acontecendo?

Agarrei a base do meu pescoço, sentindo meu pomo de Adão saltar sob minha palma.

— Caralho.

— Adam, você está me assustando. O que aconteceu?

— Completei minhas asas, porra.

Silêncio.

Uma buzina de carro soou do lado dela, então eu sabia que ela ainda estava lá.

— Caralho. Porra. Caralho. Eu sinto muito, Pluma.

— Você está tentando compensar todos os anos que você não teve permissão para xingar? — Sua voz era leve. Provocadora.

— Eu não quero te deixar — ofeguei.

Outro longo instante de silêncio se passou entre nós.

— Quanto tempo você tem antes… antes que precise ir?

Engoli.

— Acabou de acontecer.

Mais uma porcaria de silêncio angelical.

— Onde você está? — perguntei.

— Na Champs-Elysées. A duas quadras do hotel.

— Certo. Estarei aí em quinze minutos. — Desliguei e saí voando pelas ruas tranquilas da capital francesa. Nove minutos depois, depois de passar por todos os sinais vermelhos e quase ser atropelado por um caminhão de lixo, cheguei ao hotel, estacionei na frente, joguei as chaves para o manobrista, depois atravessei o saguão e subi para a suíte.

Naya estava de pé na sala, digitando algo em seu telefone. Quando a porta se fechou, ela se virou, usando um par de botas sete oitavos de salto alto. Meu luto ficou em segundo plano em relação a um monte de outras emoções enquanto eu olhava a camisa branca de seda que ela usava como vestido.

Caminhei até ela e espalmei a pele nua entre o topo de suas botas e a parte inferior de seu vestido, meus polegares parando no vinco sob sua bunda perfeita.

— Você usou *isso* para ir ao encontro do seu pecador?

Ela segurou meu pescoço com uma mão e a lapela do meu casaco com a outra.

— Você terminou — ela murmurou, com os olhos brilhando. — Eu não posso acreditar que você terminou.

— Não mude de assunto.

— Meu vestido não é assunto, Adam.

— Seu vestido é um assunto muito importante. Especialmente porque não estarei por perto para… — Minha garganta e meus olhos ardiam tanto que pensei que ia começar a chorar.

Ela esticou o pescoço, enviando sua cascata de mechas loiras pálidas caindo pelas costas e passando pelo cinto.

— Você me derrotou.

Engoli em seco várias vezes. Sabendo que se eu abrisse a boca, resmungaria minha dor, eu pressionei meus lábios contra os dela, então agarrei sua bunda e a levantei do chão.

Ela não tentou falar mais do que eu quando retribuiu o beijo, sua boca tão gentil e suave quanto os dedos que ela enrolou no meu cabelo para prender meu rosto ao seu.

Fui até a cama e a deitei, inclinando-me para que nossos lábios não se separassem.

Eu não estava pronto para passar um dia sem vê-la.

Sem prová-la.

Sem ouvi-la.

Lamentei os idiotas que atacaram Aicha. Que me forçaram a quebrar a promessa que fiz de esperar por ela. Eu esperava que me atacar com a faca suja e punhos mais sujos tivesse levado suas pontuações para cem.

Os dedos de Naya deslizaram de volta pelo meu pescoço, através da extensão de penas pretas soldadas às minhas costas e se estendendo tão rápido e longe que minha asa direita roçou o pesado brocado bordô emoldurando as portas francesas do nosso terraço privado.

Ela girou os dedos para a minha frente, abrindo caminho entre nossos corpos até chegar ao cós da minha calça. Depois de desabotoá-la, ela agarrou meu pau e puxou até que minha raiva e angústia foram substituídas por um desejo tão agudo que tudo dentro de mim se afunilou em um único ponto: ela.

Para sempre ela.

A outra metade da minha alma.

Noah estava errado sobre Naya e eu sermos almas gêmeas; nós éramos mais do que isso – almas metades – e foi por isso que Asher nos manteve separados, mesmo que ele só tivesse especulado. Não foi até que Naya e eu nos conhecemos em nossos novos corpos que ele descobriu. Afinal, não havia como separar almas metades, e no momento em que nossos caminhos colidiram, viver um sem o outro tornou-se inconcebível.

Enquanto eu devorava a boca de Naya, e ela me levava a um frenesi ofuscante, empurrei de lado o pedaço de seda e renda entre suas pernas e penetrei meus dedos até os nós dentro de seu calor.

Com meus lábios colado aos dela, eu murmurei, rouco:

— Não me faça esperar, Pluma. Você sabe o quanto eu odeio esperar.

Seus cílios caíram sobre seus olhos, protegendo-os de mim.

Deslizei meu polegar sobre seu clitóris e desenhei pequenos círculos.

— Olhe para mim, baby.

Em vez de levantar as pálpebras, ela as abaixou completamente.

— Naya, por favor.

Lágrimas deslizaram pelos cantos de seus olhos, riachos de cristal que desapareceram em seus cabelos pálidos.

— Pluma…

Sua espinha arqueou, e um gemido soluçado escapou de seus lábios entreabertos. Eu o beijei, beijei o próximo som também. Eu os estava guardando para todos os dias e noites em que andaria pelo Desfiladeiro do Julgamento, esperando que ela chegasse.

Se ao menos eles me permitissem voltar imediatamente, mas Asher havia explicado que as asas recém-formadas demoravam alguns meses para assentar, como argila.

Em um suspiro ofegante, Naya gozou sobre a minha mão, e eu gozei sobre aquele vestido que eu não queria que ela usasse novamente de qualquer maneira.

Eu beijei o sal de suas pálpebras e depois de suas têmporas.

— Vou mandar seu pai ficar com você.

Seus olhos se abriram.

— O quê? — ela resmungou.

— Quero você lá em cima comigo, e não vou esperar a porcaria de uma semana inteira.

Ela limpou a mão no vestido antes de levantá-la para o meu rosto para afastar os cachos escuros presos à minha testa.

— Não se preocupe. Por favor, não se preocupe. Eu…

— Seu pai vai adorar. Vai lembrá-lo dos velhos tempos.

Ela sorriu gentilmente.

— Se isso faz você se sentir melhor.

— Vai me fazer sentir melhor.

Seu sorriso salpicou luz em seus olhos escuros.

Anjos, eu ia sentir falta de olhar para eles.

Ela espalmou os dedos na parte de trás da minha cabeça e puxou meu rosto até o seu.

— Jure que não vai se preocupar.

Eu estava prestes a bufar, porque até ela se juntar a mim, eu me preocuparia, mas então lembrei que poderia mentir, então eu disse:

— Claro, Pluma. Não vou me preocupar. Nem. Pela. Porra. De. Um. Segundo. — Embora eu odiasse ter perdido o controle sobre minha ascensão, havia certas vantagens em ter minhas penas seladas aos meus ossos.

Ela balançou a cabeça.

— Mentiroso.

— Eu nunca poderia mentir para a minha alma metade.

Ela beliscou meu braço.

Olhei para a pele avermelhada e finalmente… *finalmente*, sorri.

— Todo o abuso que eu suporto em nome do amor.

Ela revirou os olhos.

— Eu me pergunto se você era engraçado assim em sua vida anterior.

— Provavelmente, não. Os chefes da máfia têm fama de serem idiotas impiedosos.

— Eu não teria amado um homem sem coração.

— Não, mademoiselle Moreau, você não teria amado um homem *sem alma*, e eu tinha uma alma. — Acariciando sua pele sensível com meus dedos machucados, puxei sua calcinha para baixo e me acomodei entre suas coxas. — Uma alma que já pertencia a você. — Separei seu calor escorregadio com meu pau inchado. — Que *sempre* pertencerá a você. — Estoquei e ela gemeu. — Você pode imaginar, Pluma? Presos juntos por toda a eternidade? — Saí e entrei

de volta.

Ela fechou os olhos.

— Que aterrorizante — ela murmurou, suas palavras roucas aquecendo meus lábios.

— Você quis dizer, *emocionante*, certo?

Mesmo que seus olhos permanecessem fechados, um sorriso curvou sua boca.

— Mal posso esperar.

— Eu também não posso. — Estoquei com tanta força em seu corpo que eu cortei minha própria respiração. — Então não me faça esperar.

Suas asas se materializaram sob seu corpo, sua pele se iluminou, e eu mergulhei, com a alma primeiro, em seu oceano estrelado de beleza.

oitenta e um

vinte e duas horas e cinquenta e quatro minutos depois



adam

FATO ANGÉLICO #999:
Almas, assim como corações, podem se partir.

— TEMOS QUE IR, Adamleh. — Os lábios de Apa estavam torcidos em uma expressão sombria que espelhava a do meu outro pai.

Apesar de toda a emoção, eles entendiam que eu estava deixando uma parte da minha alma para trás. Afinal, eles também eram almas metades.

Eu queria arrancar punhados de minhas penas. Até perguntei a Asher se ele poderia queimar uma quando ele veio buscar sua filha minutos atrás, arrancando-a dos meus braços. Lamentavelmente, nem mesmo os arcanjos possuíam esse tipo de magia.

Apa segurou ambos os lados do meu rosto, forçando meus olhos ardentes aos dele.

— O Asher vai cuidar dela. E ela estará com você novamente antes que perceba.

— Seis minutos — Papa murmurou por cima do meu ombro.

Fechei os olhos e apertei a bola de dor que ganhou tanto espaço na minha garganta que nem consegui sussurrar adeus para Naya. Havia apenas olhado para seus olhos vermelhos e brilhantes, para seu corpo trêmulo aninhado na curva do grande braço de seu pai.

Parei de resistir ao puxão de meus pais, finalmente deixando que eles me arrastassem para o canal. O feixe de luz de Elysium chamuscou minhas pálpebras já tenras.

Asher não deixaria nada acontecer com ela.

Ela ficaria bem.

Quando a visão dela ajoelhada entre suas penas apareceu em minha mente, abri os olhos e deixei de piscar por tantos minutos que quando a fumaça do canal se dissipou, eu fiquei cego.

Elysium era branco e brilhante.

Muito. Branco. Mesmo.

Como as associações, mas dez vezes mais. Até as almas sem asas flutuando no ar escuro eram esbranquiçadas e luminescentes. Bem, *alma*. Atualmente,

apenas uma estava presente. Uma mulher com batom vinho e uma série de linhas finas que pareceram se aprofundar ao me ver.

Ela aterrissou, levantando a mão em direção ao meu rosto, como se fosse acariciá-lo.

— *Mon Ange, comme tu es beau. — Meu anjo, como você é bonito.*

Meus ouvidos começaram a zumbir, e então eu respirei fundo e o ar ficou preso ao lado do meu caroço gigante de dor.

Essa voz rouca.

Aquele cheiro doce de limão.

— Mimi?

Sua palma pousou em meu rosto, me acariciou e a emoção envernizou suas írises azul-marinho.

— *Bienvenue, mon amour. — Bem-vindo, meu amor.*

Embora parecesse traidor experimentar qualquer coisa além de tristeza, não pude evitar o dilúvio de batimentos cardíacos contra minhas costelas quando me inclinei em seu toque e absorvi suas boas-vindas.

oitenta e dois



naya

OLHEI PARA MEU PAI, para o sorriso orgulhoso marcando os cantos de sua boca, para o brilho de emoção cintilando em seus olhos água-marinha.

— Pronta, minha querida filha?

Meu coração saltou, flutuou, tão leve quanto as mil penas que adornavam meus ossos das asas como enfeites pretos.

— Estou.

Eu mal dormi nos seis dias desde que Adam ascendeu, trabalhando incansavelmente para ajudar meu pecador a melhorar, não apenas rapidamente, mas de forma duradoura, e ainda assim me sentia animada e alerta.

Embora eu não tivesse dúvidas de que minha dieta composta exclusivamente de cafeína e bolo estivesse afetando minha disposição, foi a emoção de estar reunida com todos os meus entes queridos que fez meu sangue parecer efervescente.

Ama apertou o braço que ela entrelaçou no meu quando veio me buscar na sala de jogos onde passei minha última hora na Terra com Lyla. Embora houvesse lágrimas, havia muitas risadas e sorrisos. E abraços. Muitos abraços. Eu ainda podia sentir a marca do corpo leve da minha irmã contra o meu. Até ganhei um abraço da distante Arden, que prometeu manter minha irmã e Nitznootz entretidos durante meu período sabático em Elysium.

— Sua mão, *Kalkohav*. — Apa estendeu a palma da mão.

Mantendo um braço entrelaçado no de minha mãe, deslizei meus dedos sobre os dele e agarrei seu pulso. A fumaça cintilante se agitou e engrossou, e a luz de Elysium ficou tão brilhante que fiquei momentaneamente cega. Mas eu não queria fechar os olhos. Não queria perder um segundo da minha primeira vista. Ou, suponho, segunda…

Embora Adam sempre tivesse insistido que nosso primeiro beijo aconteceu naquele elevador na Venezuela, até hoje, a romântica que eu era considerava o roçar furtivo de nossos lábios na pousada inglesa o nosso primeiro. Ele insistiu que tinha sido um acidente, mas como ele perdeu uma pena alegando isso, eu estava perfeitamente ciente de que não havia nada de acidental em sua boca tocando a minha.

— Bem-vinda à terra dos anjos — Ama murmurou enquanto os vapores

cintilantes se dissipavam.

Claro, a primeira coisa que vi não foi a vasta trincheira de quartzo iluminado, ou o arco perolado brilhando como uma ferradura mágica. Foi um par de asas pretas como couro, tão tensas que mal saíam da jaqueta de couro que Adam usava na noite em que seus pais o levaram para longe de mim.

— É só aterrissar se suas asas estão com cãibras — Adam grunhiu para Noah, que pairava ao lado de uma mulher que assumi que era humana – *tinha sido* humana – já que nenhuma asa se projetava de suas costas, e ainda assim…

E, ainda assim, ela estava voando.

Neshamim. Alma. A palavra veio a mim enquanto eu a olhava, tentando compreender por que aquela mulher parecia familiar. Nossos caminhos se cruzaram na Terra?

Ela pousou na minha frente, um sorriso desenhando os lábios pintados de um vermelho profundo.

— *Enfin…* — *Finalmente…*

Ela estava esperando por mim?

Enquanto eu observava o espaço entre seus dentes, o azul marinho luminoso de suas írises, e o cabelo ruivo preso em um coque elaborado, eu ofeguei.

— Mimi?

Um brilho cintilou em seus olhos.

— Você se lembra de mim? — ela perguntou em francês.

O ar ao nosso redor parecia ficar mais doce, como se Muriel Moreau tivesse sido feita de açúcar. Lembrei-me de que a amava, que confiava nela e que ela me amava e confiava em mim.

— *Oui*.

Olhei por cima do ombro para Adam, que ainda não havia se virado. Ele tinha se lembrado dela? Antes que eu pudesse perguntar, Noah estava pousando ao meu lado, exalando um suspiro tão profundo que dispersou os fios restantes de fumaça do canal que envolviam o ar escuro ao meu redor.

Ele me pegou em um abraço gigante.

— Não que eu não tenha gostado de acampar no Desfiladeiro pela última semana, mas ainda bem que a dona das minhas asas negras favorita chegou.

Eu ri quando nos afastamos.

— Você não tem uma asa negra favorita, Noah.

— No momento, tenho. — Ele sorriu para mim. — Eu posso mudar de ideia amanhã.

Pensei ter ouvido Adam zombando, mas a voz de Apa sobressaía pela da minha alma metade.

— Já volto, Estrela. Não se mova. Celeste, Mimi, vamos? — Ele inclinou a cabeça em direção à cidade de quartzo prateada por estrelas e luar.

— Se é para buscar quem eu acho que é, então com certeza *emplumada*. — Ama saltou, Mimi ao seu lado.

Depois de me lançar mais um olhar terno, a estranha, que já me parecia como uma avó, foi atrás dos meus pais.

Eles mergulharam sob o Arco, e depois mais adiante, passando por uma cachoeira fumegante, uma das várias que caíam nas paredes iluminadas pelo fogo da capital. Eu não tinha certeza se era por causa do mural na cafeteria vienense ou por causa de lembranças da minha vida anterior, mas a visão não era fascinante. Era… familiar.

— Eles vão pegar a Claire — Noah explicou. — O que me lembra. Prometi aos outros que contaria a eles assim que você chegasse. Volto logo.

Ele saltou no ar, deixando-me sozinha com o anjo de asas negras, que finalmente se virou para mim.

— Seis dias, Naya — Adam finalmente disse entre os dentes cerrados. — Eu estive aqui esperando. Por. Seis. Dias.

Eu sorri.

— Não é minha culpa que você teve que bancar o herói e terminar suas asas primeiro. Já escolheu seu prêmio? Afinal, você ganhou a aposta.

Sua mandíbula flexionou como os tendões em seu pescoço.

— Sim, escolhi. Vou te manter só para mim pelo dobro do tempo que você me fez esperar.

Dei um passo ágil em direção a ele e entrelacei meus braços ao redor de sua cintura tensa.

— Você vai me sequestrar por doze dias inteiros?

— Treze.

Não pude evitar o sorriso que cortou meu rosto. Da mesma forma que eu não pude evitar a única lágrima que derramou, porque, anjos, como eu senti falta desse homem.

Ele limpou a trilha salgada antes de deslizar a mão para a parte de trás da minha cabeça, seus dedos pegando todos os nós que se formaram durante meu voo tempestuoso sobre Paris.

— Eu senti uma puta falta sua, Pluma.

— Ainda com os xingamentos, eu vejo.

A linha de aço de seus lábios finalmente afrouxou, e a covinha que eu adorava apareceu. Mesmo que eu estivesse usando saltos agulha de 13 centímetros, fiquei na ponta dos pés para alcançar sua boca, mas antes que nossos lábios pudessem se encontrar, o ar se agitou com vozes altas e batidas de asas poderosas, o que fez nossos pescoços se inclinarem para trás.

Uma nuvem de anjos tão densa quanto um enxame de gafanhotos estava se aproximando. Na primeira fila, estavam meus pais e a mulher que tentou desesperadamente me manter fora de Elysium.

Claire aterrissou, o cabelo preto emaranhado se acomodando como um laço ao redor de sua garganta branca como um fantasma. Ela juntou seus cachos escuros e os empurrou para trás do corpete engomado de sua túnica preta disforme.

Meus pais pousaram em seguida, ambos retraindo suas asas. Seis homens seguiram o exemplo. Reconheci o pai de Eve das festas de aniversário de Arden, às quais ele nunca deixou de comparecer, ao contrário de sua esposa… *ex*-esposa. Os outros, eu reconheci por causa das argolas em cima de suas cabeças – o Conselho dos Sete… agora, seis.

Eve pousou ao lado de Mimi um segundo depois. E então Noah, Raven, Galina e Boone caíram como gotas de chuva ao redor de Adam e eu. Em seguida, Raven se lançou em mim, me apertando em um abraço mesmo a atmosfera estando repleta de tensão, Galina e Boone optaram por sorrisos largos.

— Seu momento de acerto de contas finalmente chegou, Claire. — A voz do meu pai ressoou. — O Conselho a considerou culpada de todas as acusações – conspiração, malícia e engano.

Embora a expressão de Claire fosse suave e desprovida de emoção, seus olhos verdes flamejaram.

— Você não vai acelerar logo as coisas? — Ela semicerrou os olhos em mim. — Estou esperando há quatro anos.

Cruzei os braços na frente do peito, como se quisesse proteger minha alma dessa miserável rancorosa.

Adam envolveu a mão na minha cintura, enganchou meu quadril e me puxou para o seu lado.

— Nós nem recebemos um *obrigada por conseguirem, crianças*?

Os lábios de Claire se estreitaram.

— Por que eu agradeceria a abominações?

Inspirações de ar sibilaram sobre o silêncio que seguiu suas palavras cruéis.

— Porque nós somos seu ingresso de volta para uma associação. — Invejei

o quanto Adam soava calmo.

Ela bufou.

— Estou farta deste mundo.

— Você não quer ser — engoli em seco, porque embora eu tivesse anos para me acostumar com a ideia, não se tornou menos estranha — reencarnada?

— E deixar crescer penas pretas que mostram meu status de nephilim? Não. — Ela se virou para meu pai. — Asher, suponho que você vai oficiar?

— Você esperava que eu desse a outra pessoa o privilégio? — O tom de Apa era tão fervoroso que fiquei surpresa que as penas fúcsia de Claire não tivessem pegado fogo apenas por suas palavras.

Como se ela também sentisse o calor, Claire fez as asas desaparecerem.

— Peço que minha alma seja incinerada.

Porque ela temia que ninguém reencarnasse sua alma nephilim ou porque ela não poderia viver sem Dov? Ele tinha sido sua alma metade?

Os dedos de Adam agarraram meu quadril enquanto ele me forçava um passo para trás… dois, como se preocupado que a pira funerária de Claire fosse tão violenta que as chamas pulariam em nossas asas.

O canal se abriu então, e Tobias quase tropeçou em Mira quando ambos saíram depressa, seguidos por um Gabriel equilibrado.

— Perdemos? — Tobias ofegou, seus olhos circulando a assembleia antes de pousarem em Claire. — Acho que não. A barata alada ainda respira.

— Não por muito tempo, Tobias. — Claire sorriu, e foi tão arrepiante que fez meus braços apertarem ainda mais meu torso.

— *Lehatsamehot*! — Apa rugiu.

Os olhos de Claire se arregalaram quando suas asas voltaram à existência.

— Por que você…

Antes que ela pudesse terminar sua frase, Apa e o seraphim de pele negra lançaram fogo sobre suas penas brilhantes, provocando um grito do fundo da alma da ex-arcanjo.

— Você não esperava que fosse rápido e indolor, não é, Claire? — A voz de Apa soava tão quente quanto as chamas infernais mastigando as penas com pontas metálicas dela.

Gritando, Claire caiu de joelhos, antes de cair de cara no quartzo.

O fedor de penas queimadas fez meus olhos arderem e meus ombros e minha coluna doerem.

Quando choraminguei, Adam me girou em seu peito duro e pressionou sua boca contra minha testa. Engoli seu cheiro para limpar o de Claire e enterrei

minha cabeça em seu ombro até que os gritos e crepitações diminuíram.

— Sinto muito por agir de forma tão bárbara na sua frente, Estrela. — A voz do meu pai me fez afastar o rosto de Adam e espiar. — Eu não deveria ter submetido você a isso.

Umedeci os lábios, não querendo jogar mais culpa em seus ombros, explicando que era a memória da incineração das minhas próprias asas que me incomodava.

— Ela se foi?

— Sim.

— Para todo sempre?

— Para todo sempre.

Além do ombro tenso de Apa, vi Eve e seu pai, ambos com os olhos secos, como se não tivessem sido afetados pela morte de Claire. Como se estivessem aliviados por isso.

Enquanto meu olhar voltava para os dois homens mais importantes da minha vida, ele se prendeu em um rosto que eu não via há quatro anos – Grayson. Ele me lançou um sorriso tão largo que exibiu todos os seus dentes. Todos os seus dentes *retos*. Imaginei que ele os tivesse consertado quando entrou em Elysium. Da mesma forma que ele tinha suas feições esculpidas e salpicadas com rugas finas, como se para compensar sua oportunidade perdida de envelhecer na Terra.

O arcanjo negro, que ajudou Apa, bloqueou minha linha de visão.

— Bem-vinda, Naya. Sou Seraph Daniel, mas você pode me chamar de Daniel. — Ele estendeu a mão e eu a apertei.

— Eu ouvi tanto sobre você, Daniel. — O primeiro e principal aliado dos meus pais em sua causa. — Estou feliz por finalmente poder colocar um rosto em seu nome.

Seu aperto era tão doce quanto seu sorriso.

Os outros arcanjos vieram se apresentar em seguida, mas nenhum me instruiu a não usar seus títulos.

Depois que eles saíram, Adam murmurou em meu ouvido:

— Nossos treze dias juntos começam agora.

Arrepios ondularam sobre minha pele.

— Vamos ver como essas coisas são úteis? — Ele inclinou a cabeça para suas asas.

— Espere. — Eu me afastei para que eu pudesse olhá-lo nos olhos. — Você ainda não voou?

— Eu estava esperando por você.

— Você odeia esperar.

— Eu odeio muitas coisas, Pluma. — Ele pegou minhas mãos de onde elas descansavam frouxamente ao meu lado e entrelaçou nossos dedos, então as trouxe até seus lábios e as beijou. — Mas nenhuma delas se aplica a você.

— Blergh. — Galina fez um som de ânsia de vômito, o que lhe rendeu o dedo virado de Adam.

Noah e Boone saltaram para o céu e estenderam suas asas. E então Galina e Raven seguiram.

— Nossa vez. — Abaixei a cabeça e abri minhas asas.

Adam desdobrou as suas sem pressa, fazendo todos os anjos e almas em um raio de três metros se dispersarem, e então ele se inclinou. — Pronta para conquistar o céu, Pluma?

— Só você veria voar como uma guerra a ser vencida.

Ele pressionou seus lábios ainda curvados nos meus enquanto nossas almas, corações e corpos levantavam voo, e nossas penas se fundiam com o brilhante céu noturno.

epílogo

cinco meses depois



naya

— TODO MUNDO ESTÁ PRONTO E…

Afastei-me da janela com vista para o mar cintilante que quebrava sob um céu cobalto marcado de estrelas.

Meses se passaram desde minha ascensão, e ainda assim a visão do oceano transparente de Elysium e as brilhantes montanhas do Nirvana não perdeu seu esplendor encantador. Da mesma forma que o homem para quem me virei agora, aquele parado junto à porta de bronze de nossa casa no Hadashya, nunca deixou de me encantar.

Uma túnica de couro verde floresta com gola mandarim dourada e punhos combinando, esticada sobre os ombros largos, que pareciam ter se expandido desde que ascendemos, provavelmente por causa de todos aqueles jogos aéreos de Frisbee supremo que ele e Noah haviam inventado um mês depois de nossa chegada e que havia pegado como fogo de anjo em todo Elysium.

Cada cidade agora ostentava sua própria equipe, mas a da capital – *a nossa* – era, com as asas para baixo, a melhor. Embora eu não jogasse, Boone, Raven, Galina e Grayson se inscreveram, e muitos outros, anjos e almas. Eu nunca perdia um jogo, que eu assistia do alto das falésias do Desfiladeiro, sentada entre Ama e Mimi, consumindo doces do piquenique que Mimi preparava para cada jogo. Eve e seu parceiro erelim ioiô se juntavam a nós com mais frequência do que não.

Às vezes, depois de longas e cansativas reuniões do Conselho, Apa emergia do Shevaya e nos encontrava no Desfiladeiro. Duas vezes, ele e Tobias jogaram, o que atraiu uma multidão tão grande e ampla quanto a que se reuniu na noite em que Claire deixou de existir.

— Santo pai dos anjos — Adam murmurou, quando ele finalmente soltou a pesada porta, nos separando da movimentada rua.

Enquanto ele avançava em minha direção, suas asas se abriram. E se abriram. Ele tinha aberto as asas para mim milhares de vezes nos quatro anos que estávamos juntos, e ainda assim a visão de sua atração ainda fazia meu coração pular e minha pele explodir, como se meu sangue estivesse misturado com brilho líquido de estrelas.

Ele pegou a mão que descansava nas dobras do meu vestido esmeralda

escuro e me girou, seu olhar consumindo o painel de couro verde costurado entre minha gargantilha de ouro e o cinto combinando, e as faixas de seda fina que se espalhavam como videiras sobre minha sandália gladiadora na altura do joelho. Eve, que desenhou o vestido, até acrescentou uma corrente de flores costuradas à mão que desciam pela área entre minhas asas negras.

Quando nos realinhamos frente a frente, Adam passou a ponta de seu dedo indicador sobre o ouro que circundava meu pescoço, então o desceu pelo corpete, acompanhando minhas costelas. A ponta de seu dedo pulou pela superfície fria do cinto antes de separar as faixas verdes fluidas que se juntavam no meu umbigo.

Com o olhar acariciando minhas pernas nuas e ardentes, ele enganchou o dedo na parte de baixo do meu body e o abriu.

— Achei que todos estavam prontos. — Minha voz engrossou e ondulou como o *ayim* além da nossa janela enquanto seu dedo deslizava contra mim.

— Estão. — Ele cheirou a parte de baixo da minha mandíbula, inclinando minha cabeça para trás e deixando beijos inebriantes em minha pele.

— Então devemos — agarrei seus bíceps enquanto ele mergulhava, não um, mas dois dedos dentro do meu calor — ir.

— Se você quisesse que chegássemos na hora, não deveria ter usado um vestido como esse. — Sua boca cobriu a minha antes que eu pudesse protestar que meu vestido era inteiramente decoroso.

Um desperdício de fôlego de qualquer maneira. Adam considerava tudo o que eu usava uma tentação para beijar, lamber ou… Minha linha de pensamento descarrilou, enquanto seus dedos proficientes atormentavam e provocavam.

Ele penetrou minha boca mais fundo, primeiro com a língua e depois com o sussurro.

— *Naida neshahadzaleh. — Minha magnifica alma metade.*

Ele era o magnífico. Seus dedos eram…

Eu ofeguei quando a magia que ele provocou me envolveu por completo, e meu coração bateu tão alto e rápido que meu pulso estava certamente vibrando nas paredes de quartzo do Desfiladeiro. Eu cantarolava e vibrava, e embora meus pés estivessem firmemente plantados no chão, meu corpo parecia ter levantado voo. Seus beijos e carícias ficaram lânguidos enquanto ele me guiava de volta do orgasmo que me deu.

Uma vez que minha respiração se acalmou, ele afastou a boca e os dedos.

— *Agora*, podemos ir.

— Não. — A palavra saiu tão irregular que suas sobrancelhas se curvaram.

— Não é como se a cerimônia pudesse acontecer sem nós. — Estendi a mão ao redor de sua túnica de couro para passar meus dedos por seu V de penas.

Ele ficou perfeitamente parado por dois segundos, e então ele estava abrindo o zíper de suas calças e empurrando-as para baixo o máximo que suas botas pretas de cavalaria permitiam. Ele me pegou, empurrando tecidos e pele enquanto minhas pernas circulavam sua cintura.

Eu o dei as boas-vindas ao meu calor escorregadio, minhas mãos nunca interrompendo os movimentos. Ele estocou em mim, os olhos esmeralda alternadamente brilhando e apagando com luxúria. Meu abdômen pulsava, e eu não sabia dizer se era outro orgasmo crescendo ou minha alma tentando se aninhar contra a dele, mas a pulsação ficou violenta como suas estocadas.

Ele me prendeu na parede, movendo os quadris enquanto apertava minha bunda e murmurava palavras doces. Eu me despedacei outra vez, uma sensação deliciosamente abrupta, e então ele gozou, gemendo o apelido que ele me deu em outra vida antes de usá-lo novamente nesta.

Beijei seus lindos lábios mais uma vez antes que ele me colocasse de volta no chão.

— *Agora*, podemos ir.

Depois de nos limparmos e endireitarmos nossas roupas, saímos do Hadashya, em direção ao Arco Perolado, onde nossas famílias, amigos mais próximos e os Sete – a mãe de Noah, Lyssa, se juntou ao grupo coroado no mês passado após uma votação unânime – nos esperavam.

— Eles estão aqui! — Raven anunciou para o pequeno grupo de seres alados e sem asas quando Adam e eu passamos por uma colônia de pardais.

Apa parou de andar de um lado para o outro na colina que se estendia do Arco para o Lev e olhou para cima, os lábios vermelhos de frustração.

— O que é que fomos chamados a celebrar, filha?

Acenando com a cabeça para Mira, a quem eu tinha encarregado de buscar Ama, enlacei meu braço no dele e o levei colina acima em direção a Daniel.

Os sulcos na testa do meu pai se aprofundaram quando ele olhou entre seus companheiros seraphim e eu. E então suas narinas se dilataram, e seu olhar se voltou para Adam.

— Eu entendo que vocês, crianças, vivem vidas modernas, mas ele nem sequer pediu minha permissão. O mínimo que ele poderia ter feito era pedir minha permissão. Eu *talvez* tivesse dado — ele adicionou em um tom mal-humorado. — E onde em Abaddon está sua mãe?

Eu ri enquanto Adam, que estava entre seus pais, cruzava os braços e sorria.

— Farei questão de lembrá-lo quando ele se sentir pronto para fazer de mim uma mulher honesta, mas esta noite não é nossa. Essa noite é sua, Apa.

O olhar do meu pai se voltou para mim.

— Minha?

— Não é hora de você fazer de Ama uma mulher honesta? Quero dizer, vocês dois têm *filhas* juntos. Sem mencionar que suas almas estão ligadas por toda a eternidade. De que mais motivação você precisa?

Meu pai abriu a boca para falar, provavelmente para contrariar que a questão não era motivação, mas permissão. No final, nenhuma palavra saiu. Ele se virou para Daniel e abriu a boca novamente, mas outra vez nenhum som escapou.

Os outros cinco arcanjos pousaram ao lado de Daniel, que sorriu para meu pai.

— Sua filha é assustadoramente inteligente, Asher.

Ainda assim, meu pai não disse nada, mas seu olhar se voltou lentamente para mim.

— Se lembra de como lhe demos um mês para encontrar uma consorte e, ao não fazê-lo, você renegou sua chance de se casar até sua renúncia? — Seraph Gideon perguntou.

— Como eu poderia me esquecer?

O arcanjo loiro tocou a gola embelezada de seu macacão cranberry, cujo tom combinava perfeitamente com suas asas.

— Bem, Naya encontrou uma brecha em nossa lei de casamento celestial.

Virei a mão de Apa para colocar o anel que fiz para minha mãe em sua palma, uma réplica exata de uma de suas penas. Eu tinha feito uma pena de ametista para o dedo dele, que Mimi estava guardando no bolso da calça azul-marinho. — Eu sei que a Ama não se importa muito com costumes celestiais, mas sei que eles são importantes para você.

Apa olhou para a versão em miniatura de sua pena que se enrolava em si mesma, cintilando turquesa e cobre.

— Que brecha? — ele murmurou.

— Sua *neshahadza* não era maior de idade durante a janela de namoro que atribuímos a você — Daniel explicou.

O olhar de meu pai saltou sobre os rostos de seus irmãos.

— Sua alma metade tinha que ter dezoito anos ou ter ascendido para ser elegível.— Lyssa esteve presente durante minha apelação, que coincidiu com seu primeiro dia de trabalho. — Como Celeste tinha apenas quinze anos na época,

isso anula o mês que você recebeu.

Os olhos do meu pai estavam tão arregalados quanto os de Lyla agora. Como eu gostaria que ela tivesse vindo. Combinamos com Ama que realizaríamos uma segunda cerimônia na associação assim que eu pudesse retornar à Terra.

Apa fechou os dedos ao redor do anel.

— Eu não posso acreditar que você fez isso, Estrela.

Eu não sabia dizer se ele estava tocado ou irritado por eu não apenas ter agido pelas costas dele, mas também organizado a cerimônia, até as alianças de casamento. Sim, Ama estava meio que envolvida nisso… desde a semana passada.

Engoli em seco.

— Você não quer se casar com ela, Apa?

Tobias levantou a voz.

— Tenho certeza de que a Celeste não fará objeções por continuar vivendo em pecado.

Listras cor-de-rosa cortavam as maçãs do rosto de meu pai enquanto ele lançava um olhar mordaz na direção de Tobias. Seu amigo apenas sorriu, e embora ele e Adam não compartilhassem o DNA, eles certamente compartilhavam o mesmo sorriso torto.

— Você me conhece muito bem, Tobias. — A voz de Ama ecoou sobre a assembleia quando ela pousou ao meu lado em um vestido branco esvoaçante com flores brilhantes do Nirvana. As mesmas flores que Mimi havia trançado em uma coroa para ficar em cima dos cachos até a cintura de Ama, dando-lhe uma luz etérea. Ela beijou minha bochecha e murmurou: — Os anéis são geniais, Estrela. Devemos torná-los moda.

Corei com o elogio.

— Você quer se casar comigo, Celeste? — A pele de Apa ainda estava corada.

Ela deu de ombros.

— Por que não?

Eu sorri.

Apa, não.

— *Por quê. Não?* — Ele enunciou cada palavra. Cada letra de cada palavra.

Mimi apertou minha mão e me puxou de volta, brilhando de orgulho e alegria como se fosse seu próprio filho de pé sob o Arco Perolado, o que, de certa forma, era.

Ama estendeu a pena de ametista que poderia caber em dois de seus dedos.

— Podemos também amarrar nossas asas, *aheevaleh*. Todo mundo já está aqui e…

— Você sabia? — Apa gaguejou. — Vocês *todos* sabiam?

— Bem, estamos *todos* aqui, Asher. — Tobias fez um gesto com a mão para abranger a pequena multidão. — Então não é preciso dizer que sim, nós sabíamos.

Mira, que aterrissou ao lado de Tobias, soltou o que soou como uma gargalhada. Uma gargalhada? Mira? Até Tobias franziu a testa para ela, o que fez seus lábios se achatarem imediatamente.

— Surpresa? — Noah se aventurou, o que lhe rendeu um olhar idiota do meu pai. Acovardado, ele recuou, esmagando sem querer o pé de Galina, que reclamou sobre colocá-lo em uma dieta de alpiste.

— Ele late, mas não morde — Raven sussurrou para Noah, efetivamente acalmando-o. O que o acalmou ainda mais foi quando ela passou o braço pelo dele.

Aqueles dois estavam dançando um ao redor do outro por um tempo, sempre jogando no mesmo time no Frisbee aéreo e saindo depois que o resto de nós ia descansar em nossas camas. Boone estava convencido de que eles tinham ficado, mas Raven e eu contávamos tudo uma para a outra, então eu sabia que eles não tinham, ainda.

Afinal, qual era a pressa quando seus dias eram infinitos?

— Asher. — Ama segurou o pescoço de Apa para inclinar o rosto dele para baixo. — Você quer se casar comigo, seu homem grande e mal-humorado?

Os lábios do meu pai ficaram duros por tanto tempo que eu realmente temi que ele recusasse. Mas então um canto se curvou.

— Por que não?

Ama riu, então puxou a boca dele até a dela.

Daniel estalou a língua.

— Primeiro, os votos. Depois você pode fazer um santo de seu pecador.

Apa bufou, mas pegou a mão de minha mãe de seu pescoço e a apertou na dele antes de se virar em direção a Daniel.

Assobiei e dois pardais se aproximaram. Cantarolei uma melodia, que eles amplificaram, e então mais pardais chegaram e fortaleceram a melodia.

Depois que Daniel os abençoou, acrescentei palavras à harmonia do meu coro de asas de arco-íris. Letras que escrevi para o homem e a mulher com almas ferozes e corações mais ferozes, que moveram Elysium e a Terra, para dar a dois

anjos caídos uma segunda chance.

Quando minha música chegou ao fim e meus pais selaram a cerimônia com um beijo, Adam se aproximou de mim.

— Acha que devo pedir sua mão em casamento esta noite, Pluma? — Seu braço roçou as flores de seda que cobriam minha espinha. — Ele parece estar com um humor bastante jovial.

— Talvez devamos mantê-lo assim, *mon amour*. Pelo bem de Celeste. Tenho certeza de que ela preferiria que Asher se concentrasse nela esta noite, do que em você. — Mimi deu uma piscadela para Adam e um leve aperto em meus dedos antes de deslizar em direção aos recém-casados para parabenizá-los.

Uma bufada atravessou as pontas soltas de cabelo emoldurando meu rosto.

— Certo. Vou esperar.

— Olhe para você. Se tornando tão paciente.

Ele me olhou de soslaio, e eu sorri.

— Eu não disse que esperaria muito. — Adam estendeu a mão no meu abdômen, acariciando a alma pulsando por baixo.

— Tão ansioso para usar minha pena preta brilhante em torno de seu dedo?

— Ansioso para reivindicar você como minha.

— Eu já sou sua. — Eu me virei em seus braços para segurar sua mandíbula e atrair seus olhos esmeralda para os meus. — Sempre fui e sempre serei. Em toda vida, Adam.

Suas asas se desenrolaram de seus ossos para enrolar em torno das minhas.

— Que tal pararmos nesta, Pluma?

FIM.

newsletter



INSCREVA-SE AQUI PARA NOVIDADES E OFERTAS ESPECIAIS >> NEWSLETTER

agradecimentos

Em que aventura meus anjos me levaram! Quando escrevi PLUMA, há dois anos, nunca imaginei que minha releitura de *Romeu e Julieta* fosse evoluir da maneira que evoluiu. Que Jarod e Leigh teriam uma chance de serem felizes para sempre.

Mas aqui estamos.

Aqui estão *eles*.

Juntos e vivos.

Não vou esconder que ESTRELA foi um livro muito difícil de escrever, porque Adam e Naya não são Jarod e Leigh, e ainda assim, em muitos aspectos, são. Embora ligados ao passado, meus protagonistas eram personagens essencialmente novos. Por mais que eu quisesse que Adam se parecesse com Jarod e Naya se parecesse com Leigh, seria errado escrevê-los dessa forma, porque eles não tiveram a mesma educação e criação, e não tinham a mesma idade.

Tentei preservar o que você mais amou em meus amantes *starcrossed* e incorporar essas características em suas reencarnações. Só espero ter conseguido.

Como de costume em meus livros, há muitos subenredos e temas. Embora eu não vá falar sobre todos, minha assassina vingativa, Calliope, foi muito inspirada pela protagonista da série *Mindf *ck* de S.T. Abby. (ST Abby era um dos pseudônimos da autora CM Owens.) Embora eu não tenha conhecido Owens, e não vou, porque ela deixou este mundo muito cedo, suas histórias vivem em minha mente e coração, e eu não posso encorajá-los o suficiente para que a procurem e leiam seus livros. Não tenho dúvidas de que ela alcançou Elysium e está regalando os anjos com sua imaginação.

Agora, sobre o motivo pelo qual essa parte é chamada de agradecimento.

Vou começar agradecendo a você, meu leitor, pelo entusiasmo e apoio que demonstrou aos meus anjos. Se *Estrela* existe, é inteiramente graças a você e sua demonstração de amor por Leigh e Jarod.

À minha editora, Becky, e à revisora, Kate, obrigada por ficarem de olho no comportamento dos meus anjos e na gramática de sua criadora. Suas sugestões e

correções ajudaram a fazer minha prosa arder.

Para minha leitora beta, Maria Silk, obrigada por ler a versão inicial. Seu feedback foi inestimável e me ajudou a remodelar muitas cenas importantes.

A Rose Griot, obrigada por dar voz ao Adam. Sem o seu amor precoce por seus capítulos, ele não teria conseguido narrar esta história, e que pena que teria sido. Ele foi um personagem divertido de explorar e escrever.

A Erika, *thank you for all the love and attention you've shown me and my angels.*

Para minha família, meus anjos da vida real, obrigada por suportarem todos os altos e baixos que acompanharam a criação de *Estrela*. Peço desculpas pelas milhares de vezes que proclamei: "Estou quase terminando!" com tanto entusiasmo que comecei a acreditar que estava. Até que abri o arquivo na manhã seguinte e percebi que ainda tinha muito mais pela frente. Amo vocês mais do que todos os meus personagens e histórias, embora eu ame muito meus sobrenaturais.

E agora, para a próxima aventura. Aperte o cinto para ver alguns faes sexies e corvos metamorfos ainda mais sexies em House of Beating Wings.

AMOR SEMPRE,
OLIVIA

outros livros da autora

Série *Anjos de Elysium*
PLUMA
CELESTIAL
ESTRELA



Série *Crônicas do Quatrefoil*
SANGUE CRUEL
CORAÇÃO CORROMPIDO

sobre a autora

A autora bestseller do USA TODAY, Olivia Wildenstein, cresceu na cidade de Nova York e se formou em literatura na Brown University. Depois de projetar joias por alguns anos, Wildenstein trocou as ferramentas pela vida de escritora, o que fazia mais sentido, considerando seu diploma universitário.

Quando não está sentada em frente ao computador, ela está psicanalisando todos que encontra (Sim. Todos), espionando conversas para juntar material para seu próximo livro e tentando não esquecer um de seus filhos na escola.

Ela tem uma leve obsessão por romance, que pode ser a razão pela qual os escreve. É uma autora híbrida, com mais de doze histórias de amor Young Adult.



Table of Contents

TITLE PAGE
Adam and Naya
Contents
Sinopse
Hierarquia dos anjos
Glossário Angélico
Aviso
Dedication
Prólogo
Chapter 1
Chapter 2
Chapter 3
Chapter 4
Chapter 5
Chapter 6
Chapter 7
Chapter 8
Chapter 9
Chapter 10
Chapter 11
Chapter 12
Chapter 13
Chapter 14
Chapter 15
Chapter 16
Chapter 17
Chapter 18
Chapter 19
Chapter 20
Chapter 21
Chapter 22
Chapter 23
Chapter 24
Chapter 25

Chapter 26
Chapter 27
Chapter 28
Chapter 29
Chapter 30
Chapter 31
Chapter 32
Chapter 33
Chapter 34
Chapter 35
Chapter 36
Chapter 37
Chapter 38
Chapter 39
Chapter 40
Chapter 41
Chapter 42
Chapter 43
Chapter 44
Chapter 45
Chapter 46
Chapter 47
Chapter 48
Chapter 49
Chapter 50
Chapter 51
Chapter 52
Chapter 53
Chapter 54
Chapter 55
Chapter 56
Chapter 57
Chapter 58
Chapter 59
Chapter 60
Chapter 61
Chapter 62

Chapter 63
Chapter 64
Chapter 65
Chapter 66
Chapter 67
Chapter 68
Chapter 69
Chapter 70
Chapter 71
Chapter 72
Chapter 73
Chapter 74
Chapter 75
Chapter 76
Chapter 77
Chapter 78
Chapter 79
Chapter 80
Chapter 81
Chapter 82
Epílogo
NEWSLETTER
Agradecimentos
Outros livros da autora
Sobre a autora